

O Projeto Inventário dos Bens Culturais da Comunidade Assentamento São Francisco Oriunda do Parque Nacional Grande Sertão Veredas - MG, foi realizado no período de julho de 2006 a janeiro de 2007 em parceria entre o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN Departamento de Patrimônio Imaterial/DPI e a Fundação Pró-Natureza - FUNATURA



Comunidade São Francisco Formoso-MG



FUNATURA, Fundação Pró-Natureza
SCLN 107 • Bloco B • salas 207 e 209 • Brasília-DF • CEP 70.743-520
Telefone: (61) 3274-5449 e fax: (61) 3274-5324
www.funatura.org.br • funatura@funatura.org.br



Inventário dos Bens Culturais da Comunidade Assentamento São Francisco Oriunda do Parque Nacional Grande Sertão Veredas - MG



FASE
IDENTIFICAÇÃO

Assentamento São Francisco
Formoso-MG • 2006

***Deus vos salve a claridade
Deus vos salve a luz do dia
Deus vos salve a luz do sol
A luz que nos ilumina
O sol para sair pede licença ao senhor
Quando sai joga seus raios por cima do resplendor
Deus vos salve a luz do sol
Que é o mistério mais profundo
Quando sai joga seus raios
Nas quatro partes do mundo.
O sol tem seu relógio que nunca andou atrasado
Ele serve de sinal para um verbo encarnado
O clarão da lua cheia
É um sinal da primavera
O sol faz sua marcha
E por ninguém ele não espera***

(Cantório de agradecimento do pouso de folia, por Seu Otaciano)

**Projeto Inventário
dos Bens Culturais da
Comunidade São Francisco
Oriunda do Parque Nacional
Grande Sertão Veredas/MG**

**Comunidade São Francisco
Formoso-MG**



**Fase Identificação
2006**

REALIZAÇÃO

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN
Departamento de Patrimônio Imaterial - DPI

Presidente - Luis Fernando de Almeida
Diretora do Departamento de Patrimônio Imaterial – Márcia Genésia de Sant’Anna

EXECUÇÃO

Fundação Pró-Natureza – FUNATURA

Presidente – Henrique Brandão Cavalcanti

Superintendente Executivo – Cesar Victor do Espírito Santo

Presidente do Conselho de Curadores – Luis Van Beethoven B. de Abreu

EQUIPE TÉCNICA

Supervisão Geral - FUNATURA – Cesar Victor do Espírito Santo

Acompanhamento Técnico - IPHAN – Ana Julieta Teodoro Cleaver

Coordenação Executiva – Helena Oliveira

Pesquisa e Sistematização de Dados – Thaís Teixeira de Siqueira e Helena Oliveira

Fotografia – Lana Guimarães

Consultor em Música – Roberto Correa

Consultoras em Antropologia – Inês Zatz e Thaís Teixeira de Siqueira

Assistentes de Campo – Márcio Chaves, Ivanildo Rocha, Roselito “Gaúcho”, Arcanjo Daniel e Paulo Henrique

APOIO

Associação Rural Sertão Veredas

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos da comunidade do Assentamento São Francisco pela parceria na realização deste projeto e por compartilharem conosco um pouco de sua história e seus saberes.

Agradecimentos especiais:

Comunidade Cajueiro, Comunidade Grotão, Dona Rosário e família, Dona Arcanja, Dona Lídia, Dona Maria, Dona Lu, Galdino e Regina, Gumerindo, Seu Otaciano, Dona Nica, Seu Miguel, Seu Alberto, Dona Chica, Ivan, Idelino, Gaúcho, Seu Aneandro, Dona Júlia, Dona Ambrosina, Quinquinha, Ferro Véio, Dete, Dona Argemira, Marião, Nega, Odilon, Seu Tercílio, Zé Preto, Pela Porco, Dão Cheque, Manoel Tipóia, Aldelino, Hélio, Sr. Maximo e Dona Delfina, Fernando, Valdomiro e Maria José, Elias, Antônia Aparecida, D. Benedita, Coquinho, Seu Carmosino, Daniel Marcio Chaves, Wagner Chaves, Arcanjo Daniel e Paulo Henrique (Funatura).

Instituições:

IBAMA de Chapada Gaúcha/MG, Câmara de Vereadores de Formoso/MG, Prefeitura Municipal de Formoso/MG - Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria Municipal de Educação, Departamento de Ação Social -EMATER, Papel do Cerrado e Tríade Patrimônio e Turismo.

Introdução

O Assentamento São Francisco é composto por antigos moradores da área que foi transformada no Parque Nacional Grande Sertão Veredas, criado pelo Decreto 97.658 de 12/04/1989, e que culminou no deslocamento das pessoas que habitavam a área. As comunidades, que antes eram nomeadas por agrupamentos familiares, foram remanejadas para o Assentamento São Francisco, numa área de 5.616,75 hectares, abrigando uma média de 90 famílias e abrangendo as localidades São Francisco e Gentio, nomes das antigas fazendas ali existentes.

A aplicação do método Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC foi fruto de um convênio entre a Fundação Pró-Natureza - FUNATURA e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, no âmbito do Departamento de Patrimônio Imaterial/DPI e consistiu em duas fases: o Levantamento Preliminar e a Identificação. A fase do Levantamento Preliminar foi desenvolvida em 2005 e consistiu em pesquisas dos bens culturais, materiais e imateriais, dos modos de fazer e de viver, das expressões representativas da visão de mundo da comunidade. Nesta primeira fase, foram inventariados 50 bens culturais, envolvendo as celebrações, os formas de expressão, os ofícios e modos de fazer, os lugares e as edificações.

A Segunda parte da aplicação do INRC consistiu na fase de identificação, iniciada em julho de 2006. Para esta fase, a FUNATURA ainda em parceira com o IPHAN, direcionou o foco das pesquisas nas celebrações e na musicalidade. Esta escolha se deu por ser a musicalidade um dos bens culturais mais expressivos e que mobiliza todos os outros, abrangendo o universo de ritmos, sons e melodias presentes em seu dia-a-dia, associados especialmente às suas celebrações, trabalho e religiosidade.

Ao fazer uso do INRC é preciso deixar claro que não se pretende congelar o imaginário e tampouco dar uma visão definitiva da musicalidade e celebrações desta comunidade. A importância do inventário, para além de seu caráter de pesquisa e documentação, reside na constituição de um documento, que pode ser usado pela própria comunidade como um instrumento de defesa e luta por seus direitos.

O projeto foi acompanhado desde o início pela Gerência de Identificação do Departamento de Patrimônio Imaterial do IPHAN. Foram feitas várias reuniões com os técnicos deste departamento, após as quais chegou-se ao consenso de que o bem a ser inventariado nesta fase seria a Folia, no domínio das celebrações. Por meio das folias, chega-se também às formas de expressão, aos modos de fazer e aos lugares. Ao explorar a religiosidade e a musicalidade no Assentamento São Francisco, percebemos que não pode-se separar o universo das 'celebrações' ao das 'formas de expressão', pois é nas 'celebrações' da comunidade, nas folias e festas, que a musicalidade é exercida. Os cantorios, as curraleiras, os lundus, as rezas, a danças de terreiro são postas em prática nas festas e até mesmo os cantos do feitio da farinha estão relacionados às festas, pois a farinha e seus derivados são alimentos fundamentais para a realização das festas.

Esse passou a ser o foco do projeto, levando a um aprofundamento do referido bem, para onde se voltaram os olhares e percepções da equipe de pesquisa e das pessoas da comunidade que se integraram ao processo, permitindo-se mergulhar em suas formas de expressão musical, que se remetem aos cantorios de devoção, às brincadeiras de roda, aos cantos de trabalho e às rezas.

Tendo como objetivo o aprofundamento da pesquisa na comunidade São Francisco, Roberto Correa, que é músico e pesquisador de reconhecida capacidade profissional e talento, foi integrado à equipe do projeto. Ele ofereceu os recursos e habilidades necessárias para a gravação sonora de algumas músicas tradicionais e também as suas impressões sobre a musicalidade praticada no Assentamento.

Apesar do cuidado técnico, não há intenção comercial na gravação das músicas. Este registro pretende apenas demonstrar algumas músicas entoadas pelos participantes em suas festividades e devoções ou nas relações de trabalho. O que se vê no caso dos cantos de fazer farinha de mandioca que, em decorrência da mecanização do sistema de produção, já não são mais praticados. Porém, são constantemente lembrados com emoção pelos mais velhos.

Durante os seis meses de realização do projeto, a equipe realizou visitas de campo à comunidade São Francisco obtendo informações, por meio de entrevistas com alguns moradores. Estas propiciaram a geração desta publicação, contendo relatórios e dados de pesquisa. Também foi realizada a gravação sonora de dois CDs musicais, com 32 faixas, onde se pode apreciar curraleiras, lundus, cantigas de roda, cantos de fazer farinha e rezas, sendo estas categorias musicais próprias da região. Estes CDs e a própria publicação são partes integrantes do produto deste projeto.

Metodologia

A pesquisa consistiu na aplicação dos Questionários de Identificação nos domínios das Celebrações, Formas de Expressão, Ofícios e Lugares. Foram realizadas cinco viagens a campo:

- 1ª Viagem a campo – dias 09 a 10 de agosto
- 2ª Viagem a campo – 25 a 29 de agosto
- 3ª Viagem a campo – dias 14 a 17 de setembro
- 4ª Viagem a campo – dias 11 a 14 de outubro
- 5ª Viagem a campo – dias 09 a 13 de dezembro

Além das gravações sonoras, outras viagens de campo foram realizadas para o levantamento de dados e informações. Para isso, as pesquisadoras realizaram entrevistas com algumas pessoas relacionadas.

Para a aplicação dos questionários utilizou-se o gravador e a posterior transcrição literal das falas. Ao invés de aplicar apenas um questionário para cada bem cultural, como foi recomendado pelos técnicos do IPHAN, optou-se por aplicar vários questionários para cada bem. Esta escolha se deu com o objetivo de aprofundar mais os temas e buscar visões plurais sobre um mesmo bem cultural. Consequentemente, tem-se alguns questionários mais completos e aprofundados e outros menos extensos, que foram feitos com o fim de complementar os primeiros. Alguns questionários apresentam campos em branco, pois tratam de assuntos já explorados em outros questionários.

Durante a formatação do documento final, optou-se por incluir todos os questionários que foram aplicados durante a pesquisa. Tal decisão se deu pela importância das falas das pessoas da comunidade, e além do mais, considerou-se que

cada questionário é um documento, um arquivo que pode vir a ser consultado em sua forma original. No documento final constam ainda as fichas de 'sítio' e 'localidades', preenchidas e publicadas na fase do levantamento preliminar.

A opção pelo preenchimento de apenas uma Ficha de Identificação: 'Celebrações' foi fruto de reflexões e debates entre a equipe da FUNATURA e entre membros da Gerência de Identificação do DPI. Considerou-se que ao inventariar as folias, celebração mais marcante na comunidade, não poderíamos dissociá-la da musicalidade intrinsecamente relacionada às celebrações. Deste modo, ao invés do preenchimento de duas Fichas de Identificação: Celebrações e Formas de Expressão trabalhou-se de forma mais detalhada na Ficha de Identificação: Celebrações, na qual há espaço para a musicalidade presente nas folias. Ao optarmos pelo preenchimento de apenas uma ficha, levamos em consideração questões práticas e metodológicas, com o cuidado de não separar, no inventário, elementos que são complementares e interdependentes uns dos outros, como as celebrações e suas formas de expressão.

Seguindo as recomendações dos técnicos da Gerência de Identificação, foram feitas algumas alterações cruciais nos campos da ficha. Alguns campos foram renomeados e outros acrescentados, de forma a se encaixarem nos dados recolhidos. Nos Campos 8.3, 8.4, 8.5, 8.6, 8.7, 8.8, 8.9 e 8.10, onde havia "descrição", mudou-se para "denominação". No campo 8.3, onde havia "função" alterou-se para "descrição/função". Nos campos 8.5, 8.6, 8.7, 8.8, 8.9 e 8.10 onde havia "função" alterou-se para "descrição/significado". O campo 8.8 referente às Danças e foi organizado da seguinte forma: dividiu-se as danças em I – Brincadeiras de Folia; II- Danças de Terreiro ou Danças de Roda; III – Forró. Ainda neste campo 8.8, incluiu-se uma linha em cada tabela, denominada "Letra da Música", de modo tratar das composições referentes às danças no mesmo campo destas.

O campo 8.9 referente às Músicas e Orações foi organizado da seguinte forma: dividiu-se as músicas e orações em : I – Rezas; II – Cantorios de Folia; III – Cantos de Trabalhos; IV – Outros Cantos. Ainda neste campo, onde havia "quem provê" alterou-se para "quem executa".

Helena Oliveira
Coordenadora Executiva

Thaís Teixeira de Siqueira
Antropóloga/Pesquisadora

Brasília, janeiro de 2007

Tendo como objetivo o aprofundamento da pesquisa na comunidade São Francisco, Roberto Correa, que é músico e pesquisador de reconhecida capacidade profissional e talento, foi integrado à equipe do projeto. Ele ofereceu os recursos e habilidades necessárias para a gravação sonora de algumas músicas tradicionais e também as suas impressões sobre a musicalidade praticada no Assentamento.

Apesar do cuidado técnico, não há intenção comercial na gravação das músicas. Este registro pretende apenas demonstrar algumas músicas entoadas pelos participantes em suas festividades e devoções ou nas relações de trabalho. O que se vê no caso dos cantos de fazer farinha de mandioca que, em decorrência da mecanização do sistema de produção, já não são mais praticados. Porém, são constantemente lembrados com emoção pelos mais velhos.

Durante os seis meses de realização do projeto, a equipe realizou visitas de campo à comunidade São Francisco obtendo informações, por meio de entrevistas com alguns moradores. Estas propiciaram a geração desta publicação, contendo relatórios e dados de pesquisa. Também foi realizada a gravação sonora de dois CDs musicais, com 32 faixas, onde se pode apreciar curraleiras, lundus, cantigas de roda, cantos de fazer farinha e rezas, sendo estas categorias musicais próprias da região. Estes CDs e a própria publicação são partes integrantes do produto deste projeto.

Metodologia

A pesquisa consistiu na aplicação dos Questionários de Identificação nos domínios das Celebrações, Formas de Expressão, Ofícios e Lugares. Foram realizadas cinco viagens a campo:

- 1ª Viagem a campo – dias 09 a 10 de agosto
- 2ª Viagem a campo – 25 a 29 de agosto
- 3ª Viagem a campo – dias 14 a 17 de setembro
- 4ª Viagem a campo – dias 11 a 14 de outubro
- 5ª Viagem a campo – dias 09 a 13 de dezembro

Além das gravações sonoras, outras viagens de campo foram realizadas para o levantamento de dados e informações. Para isso, as pesquisadoras realizaram entrevistas com algumas pessoas relacionadas.

Para a aplicação dos questionários utilizou-se o gravador e a posterior transcrição literal das falas. Ao invés de aplicar apenas um questionário para cada bem cultural, como foi recomendado pelos técnicos do IPHAN, optou-se por aplicar vários questionários para cada bem. Esta escolha se deu com o objetivo de aprofundar mais os temas e buscar visões plurais sobre um mesmo bem cultural. Consequentemente, tem-se alguns questionários mais completos e aprofundados e outros menos extensos, que foram feitos com o fim de complementar os primeiros. Alguns questionários apresentam campos em branco, pois tratam de assuntos já explorados em outros questionários.

Durante a formatação do documento final, optou-se por incluir todos os questionários que foram aplicados durante a pesquisa. Tal decisão se deu pela importância das falas das pessoas da comunidade, e além do mais, considerou-se que

cada questionário é um documento, um arquivo que pode vir a ser consultado em sua forma original. No documento final constam ainda as fichas de 'sítio' e 'localidades', preenchidas e publicadas na fase do levantamento preliminar.

A opção pelo preenchimento de apenas uma Ficha de Identificação: 'Celebrações' foi fruto de reflexões e debates entre a equipe da FUNATURA e entre membros da Gerência de Identificação do DPI. Considerou-se que ao inventariar as folias, celebração mais marcante na comunidade, não poderíamos dissociá-la da musicalidade intrinsecamente relacionada às celebrações. Deste modo, ao invés do preenchimento de duas Fichas de Identificação: Celebrações e Formas de Expressão trabalhou-se de forma mais detalhada na Ficha de Identificação: Celebrações, na qual há espaço para a musicalidade presente nas folias. Ao optarmos pelo preenchimento de apenas uma ficha, levamos em consideração questões práticas e metodológicas, com o cuidado de não separar, no inventário, elementos que são complementares e interdependentes uns dos outros, como as celebrações e suas formas de expressão.

Seguindo as recomendações dos técnicos da Gerência de Identificação, foram feitas algumas alterações cruciais nos campos da ficha. Alguns campos foram renomeados e outros acrescentados, de forma a se encaixarem nos dados recolhidos. Nos Campos 8.3, 8.4, 8.5, 8.6, 8.7, 8.8, 8.9 e 8.10, onde havia "descrição", mudou-se para "denominação". No campo 8.3, onde havia "função" alterou-se para "descrição/função". Nos campos 8.5, 8.6, 8.7, 8.8, 8.9 e 8.10 onde havia "função" alterou-se para "descrição/significado". O campo 8.8 referente às Danças e foi organizado da seguinte forma: dividiu-se as danças em I – Brincadeiras de Folia; II- Danças de Terreiro ou Danças de Roda; III – Forró. Ainda neste campo 8.8, incluiu-se uma linha em cada tabela, denominada "Letra da Música", de modo tratar das composições referentes às danças no mesmo campo destas.

O campo 8.9 referente às Músicas e Orações foi organizado da seguinte forma: dividiu-se as músicas e orações em : I – Rezas; II – Cantorios de Folia; III – Cantos de Trabalhos; IV – Outros Cantos. Ainda neste campo, onde havia "quem provê" alterou-se para "quem executa".

Helena Oliveira
Coordenadora Executiva

Thaís Teixeira de Siqueira
Antropóloga/Pesquisadora

Brasília, janeiro de 2007

Contextualização de Formoso e do Assentamento São Francisco

Relações das Celebrações Comunitárias e Musicalidade

*Por Inês Gonzaga Zatz,
Mestre em Antropologia Social*

PROJETO
INVENTÁRIO DOS BENS CULTURAIS DA COMUNIDADE DO
ASSENTAMENTO SÃO FRANCISCO

Famílias oriundas do Parque Nacional Grande Sertão Veredas - MG
Fase Identificação: musicalidade

CONTEXTUALIZAÇÃO DE FORMOSO E DO ASSENTAMENTO

Relações das celebrações comunitárias e musicalidade

Consultora Inês Gonzaga Zatz
MSc. Antropologia Social

1 - OBJETIVOS E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

1.1 - OBJETIVOS

O objetivo geral do *Projeto Inventário Nacional das Referências Culturais da Comunidade do Assentamento São Francisco* é a “Identificação e estudo sobre a musicalidade tradicional do Assentamento São Francisco, como forma de expressão caracterizada como patrimônio imaterial, visando contribuir com a valorização e preservação das manifestações culturais dessa comunidade remanescente da área que foi decretada como Parque Nacional Grande Sertão Veredas, no Noroeste mineiro”.¹

Este relatório responde pelos objetivos específicos, relacionados com os trabalhos contratados da consultora Inês Gonzaga Zatz. Nos seus Termos de Referência determinava-se que: *a profissional fará a elaboração de relatório sobre a relação das celebrações comunitárias com a musicalidade da população do Assentamento São Francisco, a partir de informações e dados fornecidos pela equipe de pesquisa de campo, a ser anexado aos resultados finais do projeto **Inventário dos Bens Culturais da Comunidade do Assentamento São Francisco, oriunda do Parque Nacional Grande Sertão Veredas – MG.***

A coleta de dados pela equipe de pesquisadores da FUNATURA desenvolveu-se com foco na relação das celebrações comunitárias, no seu aspecto “musicalidade”, bem como nos acontecimentos festivos coletivos em localidades próximas, consideradas referências de celebrações para a população estudada. Os estudos foram realizados de forma a criar subsídios e indicativos para o processo de identificação e registro do aspecto histórico, espacial, social e cultural de celebrações/musicalidade das comunidades em pauta, tratadas como bens culturais de natureza imaterial.

¹ FUNATURA. *Projeto Inventário dos Bens Culturais do Assentamento São Francisco - fase Identificação*. Brasília, 2006.

O presente relatório de estudo tem, pois, como objeto, a situação das relações das celebrações comunitárias com a musicalidade da população do Assentamento São Francisco, no município de Formoso, Minas Gerais, a partir de informações dos dados contidos em *Fichas de Identificação* elaboradas pela equipe FUNATURA. O objetivo é apresentar uma das visões possíveis dos depoimentos contidos nas *Fichas de Identificação*, com outras abordagens complementares em conversas com famílias e entidades associativas do Assentamento (em trabalho de campo - dez.06).

A proposta deste relatório é também, a localização do Assentamento por critérios geográficos, hidrogeográficos, institucionais, e sócio-econômico. A abordagem antropológica e etnográfica recupera pontos históricos marcantes para a população e que revelam reflexos das mudanças impostas, àqueles moradores, pela necessidade de deixarem suas casas em área que se conformou em Parque Nacional, como Unidade de Conservação de Proteção Integral.²

1.2 - ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Para o conhecimento da comunidade do Assentamento São Francisco, e para cumprir com as especificações dos Termos de Referência, a antropóloga contratada trilhou caminhos distintos daqueles dos demais profissionais envolvidos neste estudo.

Para a elaboração deste relatório, buscou-se — junto à equipe da FUNATURA para este Projeto — tomar ciência de dados recolhidos em campo, fotos e filmes, que serviam de elementos básicos das informações contidas nas *fichas de identificação*. As participações desta consultora em reuniões na FUNATURA, com a equipe do Projeto, facilitaram o entendimento do método *Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC*, criado pelo IPHAN, adotado pela FUNATURA neste Projeto.³

Com o avanço dos trabalhos em campo, pelos outros profissionais da equipe FUNATURA, incluindo o artista e pesquisador Roberto Correa, um segundo momento marcante se identificou nos estudos que resultaram no presente relatório. Foi, então, que se deu o segundo contato com a realidade daquelas famílias: pelas audições das músicas gravadas em diferentes ocasiões, no Assentamento.

Uma terceira fase dos trabalhos de consultoria realizou-se concomitante com os momentos metodológicos anteriormente apresentados. Consistiu-se em sistemática pesquisa em documentos, na rede web e em livros, sobre o município, a região e o sertão. Tais informações organizadas alicerçaram alguns conhecimentos consistentes sobre a realidade geográfica e sócio-econômica que caracterizam o município de

² Unidade de Conservação (UC) “é o espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção” (Lei 9.985/2000, que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza-SNUC). As UC’s têm pelo menos duas categorias que determinam a gestão: (1) Unidades de Proteção Integral (é o caso do PNGSV); (2) Unidade de Uso Sustentável. No primeiro caso, se permite apenas o uso indireto dos recursos naturais, o que significa que não é admitido moradores em sua área.

³ Vide item 2.5 deste relatório sobre convênio da FUNATURA e IPHAN e o método para a realização deste Projeto.

Formoso, suas relações na região e no Estado, bem como o conjunto das famílias que estão vivendo no Projeto de Assentamento São Francisco.

Finalmente, a pesquisa se complementou em trabalho de campo, no Assentamento e em instituições públicas municipais (entre os dias 10 e 14 de dezembro de 2006). Aprimoraram-se entendimentos sobre as relações (de passado, de presente, de parentesco, de espaço social, de economia, de política) e sobre valores sócio-culturais ali circulantes. Para tanto, estreitaram-se contatos com famílias, nas casas delas; foram feitas anotações de observações diretas; realizaram-se visitas e entrevistas com integrantes ativos de celebrações (acontecia o Giro da Folia de Santa Luzia), e com lideranças locais. Na cidade, foram coletadas informações na Câmara de Vereadores, nas Secretarias de Saúde, Educação, Bem Estar Social e na EMATER.

Não se teve a pretensão de fazer fotos de qualidade, com técnicas. Foram 265 fotos que serviram de elementos para provocar descontração e diversão dos entrevistados que se viam (no visor da máquina digital) retratados, só, ou com a família, ou com amigos; foram fotos para registrar detalhes e arquiteturas de casas, as tradicionais e as do padrão INCRA; fotografias de águas armazenadas, sendo colhidas, sendo usadas; equipamentos sociais e caseiros; cenas de Giro de Folia, de brincadeiras e de danças de Curraleiras; monumentos e paisagens de veredas, árvores e da cidade de Formoso; e figuras humanas.

Todas as conversas e entrevistas foram informais, mas com critérios e temas planejados, para orientar a condução dos contatos de pesquisa. Tais planejamentos eram cuidadosamente elaborados, mas não eram explicitamente seguidos, muito menos na ordem projetada. Significa dizer que, embora fossem entrevistas abertas, informais, tinham controle de temas e respeitava-se a sequência que o depoente encaminhava, conforme o entusiasmo maior por um tema que por outros. Muitas vezes, se revelavam com muita ênfase e importância, questões das relações culturais e sociais que não se mostravam, até então, tão significativos.

As entrevistas e conversas não foram gravadas, mas anotadas enquanto se realizavam, em frente aos depoentes. Vez por outra, em caso de dúvidas de entendimento, fazia-se a leitura das anotações para o entrevistado, para proceder correções ou complementações.

Um dos valores etnográficos que se apresentou como fundamental na vida da comunidade é a relação de *parentesco*. Esta relação insinuava (seria necessário aprofundar estudos nesta direção) estruturas hierárquicas de caráter econômico e de celebrações culturais; indicavam lideranças políticas, institucionais e de prestígio social pela capacidade destes de manter seguidores ou opositores. Com clareza, as relações de parentesco colocadas identificavam os que eram *da comunidade, com parentes tradicionais*, em oposição aos *estranhos*, de fora, sem vínculos diretos de linha de parentesco, mas simplesmente presentes por alianças matrimoniais.

As relações de parentesco não foram estudadas como poderiam (requer tempo e é objeto de pesquisa), mas serão mencionadas sempre que apontem características das personalidades do grupo do Assentamento São Francisco, no seu tema de *celebrações e musicalidade* desta comunidade de sertanejos.

2 - ANTECEDENTES

2.1 - VEREDEIROS E O PARQUE NACIONAL GRANDE SERTÃO VEREDAS

A população do Assentamento São Francisco e onde se encontra também as glebas da originária Fazenda Gentio teve sua história construída “nos chapadões, brejos e veredas no curso alto médio do rio São Francisco, quase na divisa de Minas Gerais com Bahia e Goiás” (FUNATURA, Costa, nov.2005: 25). Trata-se de um grupo de famílias, de moradias dispersas, mas com vínculos de parentesco, compadrio e vizinhança que asseguram o sentimento de pertencimento a uma mesma comunidade, e o compartilhamento de espaço comum para rituais religiosos, festejos, tramas e trocas que marcam a senso de territorialidade.

Tal espaço de vida daquela população estava inserido, majoritariamente, no vale do Rio Carinhanha. Desde 1989, sua localização ficou — sem que tenha havido deslocamentos — no interior dos limites do Parque Nacional Grande Sertão Veredas - PNGSV, criado pelo Decreto 97.658 de 12/04/1989.

O Parque Grande Sertão Veredas abrange áreas no Noroeste de Minas Gerais e parte de território da Bahia (nos municípios de Formoso e Chapada Gaúcha em Minas Gerais e no município de Cocos na Bahia). O espaço inicial do Parque era de quase 84.000ha, onde se depara com belezas paisagísticas ímpares, *veredas*, *cerrados*, *carrasco*, com rica variedade de fauna e flora, muitas delas sendo espécies ameaçadas de extinção.

A FUNATURA, criada em julho de 1986, com sua equipe e parcerias de profissionais conservacionistas se envolveu, desde então, com a idéia da criação de um parque no Cerrado e realizou, ao longo de mais de 2 anos, estudos para apreender a realidade e alicerçar justificativas da criação do Parque.⁴

A criação do Parque retrata um marco no processo de ação preservacionistas na sociedade brasileira, que tem representações nas instituições governamentais federais e estaduais e na sociedade civil organizada em ONGs ambientais. Buscavam mudar os rumos de degradação célere em regiões onde o desmatamento passava a ser sistemático e sustentado por tecnologias e sistemas de transportes que asseguravam o fornecimento de carvão para as indústrias siderúrgicas da região central de Minas Gerais. Desde a década de 60, o Norte de Minas e depois o Noroeste (em 70), passavam por degradação nas chapadas, veredas, vazantes de cursos de água.

Anos depois da criação do PNGSV, já tendo avançados os estudos e Plano de Manejo do Parque, definiu-se a necessidade premente da transferência das famílias moradoras na área para outras localidades. Desde o início da demarcação, das pesquisas, de levantamentos da fauna e flora e dos contatos com as famílias, inaugurou-se também nova realidade para aqueles moradores, que passam a manter direta e estreita relação com instituição pública federal representada pelo IBAMA, o IEF da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Estado de Minas Gerais - SEMAD e a FUNATURA, uma ONG de defesa da conservação do Cerrado brasileiro.

⁴ Relatório Final - **Inventário**. FUNATURA, 2005; p. 50.

A FUNATURA firmou diferentes parcerias com instituições públicas federais e estaduais e entidades privadas nacionais e internacionais, além de convênios com o IBAMA. Inicialmente, os trabalhos visavam à implantação do Parque, estudos e elaboração de Plano de Manejo. Em 1995, um segundo convênio com o IBAMA foi firmado, desta vez para selar a parceria de co-gestão, tendo a FUNATURA no Termo de Cooperação Técnica. No processo de consolidação do Parque, encontra-se o Plano de Desenvolvimento do Assentamento São Francisco. Tal plano foi desenhado com a participação de moradores do Parque e seus representantes, com apoio objetivo de equipes das Universidades de Brasília (DF) e de Viçosa (MG), IBAMA e, depois, Ministério de Política Fundiária e INCRA, para o processo de assentamento das famílias que moravam no Parque.

No PNGSV, enquanto uma Unidade de Conservação de Proteção Integral, não se admite a permanência de moradores na área. A FUNATURA identificou, em cadastro, 90 famílias habitando no Parque, em áreas de posses / propriedades de diferentes dimensões, a maioria das quais caracteristicamente de pequenos produtores familiares. Registrou-se a presença de 38 posseiros, 27 proprietários, 15 concessionários, 10 famílias de trabalhadores em fazendas ou empregados do IBAMA, como guardas-parque. Dentre os menores imóveis próprios, sete mediam menos de 40ha; nove imóveis tinham entre 40 e 100ha; sete famílias viviam em áreas suas de mais de 100ha e menos de 500ha e, finalmente, quatro famílias de *fazendeiros* defendiam imóveis de mais de 500ha. Havia, ainda, 15 Concessões de terras de menos de 40ha.⁵

Naquela ocasião, entre outubro de 1997 e maio de 1998, a equipe FUNATURA indagou às famílias sobre sua opinião relacionada com o futuro, quando teriam que deixar a área do Parque. Naquelas circunstâncias, 66% das famílias (59) aceitariam ser reassentadas em áreas semelhantes daquelas onde moravam; 22% (20 famílias) preferiam sair e ser indenizadas; 12% das famílias (11) não tinham opinião formada.

Para o processo de transferência das famílias, foram contatados, pela FUNATURA e IBAMA, o Ministério de Política Fundiária e o INCRA para avaliarem suas inserções nos trabalhos de identificação de áreas que seriam usadas para o assentamento das famílias moradoras do PNGSV. O INCRA se envolveu em todo processo de mudanças e inaugurou experiência de trabalho de consolidação de um Parque Nacional, enquanto Unidade de Conservação ambiental no Cerrado brasileiro.

2.2 - DADOS DA PAISAGEM E DO PERFIL DOS MORADORES DO PARQUE

“Nóis tudo foi criado na roça. O serviço que nós aprendeu a fazer foi esse (...) o de roça” ; “Eu só vivi na roça purim! Fui criado na roça, parece que morro na roça. Nasci na roça, fui criado na roça, morro na roça, vou ser enterrado na roça.” (2006)⁶

⁵ Os trabalhos de identificação e cadastramento das 90 famílias moradoras na área do PNGSV geraram o relatório: FUNATURA - Programa Grande Sertão Veredas. *Levantamento Sócio-Econômico das Comunidades Localizadas no Parque Nacional Grande Sertão Veredas*. Out/97 a maio/98. BSB, jun/98. As informações objetivas do próximo item (2.2 - *Alguns dados da paisagem e do perfil dos moradores do Parque*), quando aborda bens materiais, equipamento domésticos, casas de moradias, os meios de vida, cozinha e saneamento básico são dados pinçados deste documento de junho de 1998, da FUNATURA.

⁶ Essa e algumas outras falas usadas neste item foram registradas em 2006, no Assent. S. Francisco pelas técnicas Helena Oliveira e Thaís Teixeira, nos trabalhos de campo do Projeto *Inventário dos Bens Culturais do Assentamento São Francisco - MG - Fase Registro “Musicalidade”*, do qual o presente

O que mais identifica o perfil dos moradores das diversas paisagens do Parque é o fato de serem sertanejos, trabalhadores rurais, com costumes e meios de sobrevivência estabelecidos na relação com a terra, com recursos da natureza, coleta e produção de subsistência. Outras fontes de renda se firmam em algumas famílias, por aposentadorias de idosos, trabalhos oriundos de venda de artesanatos (esteiras de palha de Buriti e vassouras, principalmente) e de venda de força de trabalho para atividades de cuidados com criação ou com fases da produção agrícola. A lenha, a palha do Buriti e, eventualmente, madeira e alguma caça, eram apanhadas para consumo ou para negócios ocasionais, como fonte de renda.

A grande maioria das famílias que viviam dentro do perímetro do Parque desejava, se fosse inevitável ter que deixar a área, continuar em algum lugar próximo, na mesma região, onde pudessem permanecer *sertanejos*, com seus costumes da “roça”. De seus comentários sobre uma nova área, mostravam desejos de terra para cultivar, água boa, perto da moradia, para a garantia dos criatórios, plantas e remédios (coleta e horta medicinal). Eram poucos os porcos e galinhas, mas substanciais para a manutenção da vida. Galinhas soltas, todos tinham. Tinham também casas que não eram perto de outras, quase nunca. Era costume.

Na área do Parque foram nomeadas e reconhecidas pelo menos 18 localidades, distintas pelas características do relevo e da água, conhecidos por todos pelos nomes (inspirados na natureza, relevos, plantas, fatos de memória), e que se referiam aos lugares de moradas: Salto, Chapadinha, Limoeiro, Matinho, Passaginha, Mato Grande, Matinho, Pau Grande, Barbatimão, Capim Puba, Mandú, Vereda M^a Antônia, Três Irmãos, Galho do Pedro, Tomé Inácio, Rio Preto, Santa Rita, Fazenda Carinhanha.

Naquelas paragens, o território era, quase todo, do Município de Formoso, mas uma faixa estreita, acima do Córrego Santa Rita, pertencia à Januária. As distâncias das casas e comunidades com relação à sede do Município de Formoso variavam de 60 a 130km. Em alguns pontos, os moradores estavam mais próximos da sede de Chapada Gaúcha, chegando a distâncias de 8 a 80km desta cidade. Januária ficava mais longe, com acesso mais difícil, entre 170 a 210km das moradias situadas na área do Parque.

Quando foi criado, em 1989, a dimensão do Parque era de 84.000ha, com 150km de diâmetro. As famílias se espalhavam por ela. As casas ou aglomerado pequeno de moradias eram bem distantes uma das outras, precisando até de um dia de viagem para participar de uma festa, de um Giro de Folia em casas de parentes e amigos. Trabalhavam em fazendas, como boiadeiros e vaqueiros, ou em atividades sazonais da agricultura e, eventualmente, nas culturas da Chapada Gaúcha.

Da terra e da plantas, predomina no Parque a vegetação de cerrado, de veredas, de campo-cerrado e de carrasco (paisagem de transição entre o cerrado e a caatinga). Os moradores eram coletores de frutos, frutas, ervas, cascas e raízes usadas para fins medicinais ou temperos, condimentos. Caçavam para consumo.

relatório é parte resultante. Não serão citados nomes de depoentes junto às suas falas, para garantir a privacidade e serão identificados pela data: 2006. Os relatos citados são discursos representativos da realidade da comunidade, assim considerados depois de análise técnica do conjunto das entrevistas. Os relatos anotados por essa consultora, em campo, serão datados: dez.06.

O clima no Parque é Tropical do Brasil Central, quente e semi-úmido, com quatro a cinco meses secos, chuvas entre 1.250 e 1.500mm anuais. A temperatura média anual é de 20°C. Nestas circunstâncias os moradores faziam plantios de produtos para consumo e poucos excedentes para venda. Muitos tinham alguma cabeça de gado que, sem cercas, pastavam livremente capins naturais.

Para falar do Homem da roça, sertanejo, veredeiro, chapadeiro, barranqueiro, vazanteiros do Norte-noroeste de Minas, do vale do Rio São Francisco, nos referimos às famílias que convivem com a água nascente, corrente, viajante, de cachoeira e, também, com a seca de sol escaldante nas areias quase nuas, desérticas, áridas e “maninas” (não dá filhos), nada férteis. Mas são terras secas que sustentam bichos, flores e gente. Explodem de verdes pequenos nas chuvas de época. Água ali, nos areais, não empoçam. Sovertem-se.

Água e Terra aparecem — na obra clássica de João Guimarães Rosas - *Grande Sertão Veredas* — como uma unidade em tensão. São os elementos mais representativos do Sertão. Assim como água-terra, também *chuva-campo*, *corpo-alma* e *sagrado-profano* são faces de uma mesma moeda. Cada par é uma unidade.

Ainda contrastantes fatores da cultura do sertanejo, aparecem no livro de Guimarães Rosa: o *fogo-água*. Em algumas passagens de sua obra, os personagens falam de relâmpago, como sendo o **fogo** celeste (fator presente em várias culturas) e que anuncia chuva, **água**. Relâmpago é “cólera divina”, tempestade, dilúvio. Chuva é a fertilidade, a salvação mandada por Deus. É a unidade **morte/vida**. “*As chuvas já estavam esquecidas, e o miolo mal do sertão residia ali, era um sol em vazios*”. (Guimarães Rosa, 1985; p.46). Ele fala, nesta passagem, da secura do deserto, ensolarado, em areal sem muita vegetação, o que é ruim e morte.⁷

Mas tudo é diferente nas veredas úmidas, molhadas e nas matas de cerrado, ciliares, fortes, em rios bonitos de águas claras, transparentes. É, com certeza, por isso que, na pesquisa de dados sócio-econômicos (FUNATURA, 1998) os entrevistados disseram, quase todos, que uma das coisas que mais gostavam de fazer para se divertir era “festar” e “tomar banho de rio”. Dançar, divertir, brincar na água, cantar. Tudo é bom para o sertanejo!

As famílias moravam perto de águas. Os principais rios eram: o Carinhonha (na divisa com o Estado da Bahia) e seus tributários, sendo o Rio Preto o mais importante destes. O Riacho Santa Rita, que cai no Rio Preto, era também uma referência social e espacial para os moradores da região.

O acesso à água não era de tanta dificuldade. Havia na natureza. Em geral estavam perto. Buscavam a água para uso em casa, para beber e, necessariamente cozinhar. Na pesquisa (FUNATURA, 1998) 63% dos entrevistados disseram que filtravam a água de beber; 2%, ferviam; 35% cuidavam da água de consumo por meios diferentes. Em

⁷ Estas abordagens estão nos escritos de: João Batista Santiago Sobrinho. **Imagens da Água no Romance Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa**. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2003. Santiago Sobrinho, comenta essa unidade, mais precisamente no capítulo 4 **Águas do Nunca Mais**, p.96 - item 4.3. *Como quando a chuva entre-onde-os-campos*.

nenhuma das casas utilizava-se de cloro para purificar a água de consumo. Para o banho, 84 das famílias iam para algum córrego; 2 tinham chuveiro em casa; e 4 usavam outras alternativas. Para lavar roupa ou louças/vasilhas, 1 casa de Rio Preto tinha torneira; de 82 outras moradas as pessoas saíam para os córregos para lavar; e 7 famílias lavavam de outros modos.

Para as necessidades fisiológicas, 82 famílias, das 90, utilizavam o mato ou algum canto da natureza, ou perto de água. Apenas 8 tinham privadas rústicas e fossas em casa. O lixo de 55 casas era jogado no mato; o de 25 moradias, era enterrado; e 10 famílias disseram que queimavam o lixo.

É interessante ressaltar que, das 90 famílias cadastradas em 1997/98 pela FUNATURA, 67 (74%) delas moravam na região há mais de 30 anos. Algumas há mais de 70. Quanto à origem, 42 (47%) das 90 famílias vieram de alguma localidade do município de Januária; 28, de Formoso; 5, de Arinos, 5, de São Francisco (1 destas, de Serra das Araras que era, então, distrito deste município). As outras 10 famílias eram: 3 de outros 3 municípios mineiros (Paracatu, Coração de Jesus, Rio Claro); 1 de Damianópolis (Goiás); 1 de Soledade (Rio Grande do Sul); 3 de Cocos (Bahia); e 2 de origem não declarada.

As casas eram semelhantes, com média de 70,05m² e 6 cômodos. No entanto, bem mais da metade das 90 famílias vivia em casas que não passavam de 50m². Quanto à arquitetura, é tradição do lugar: 4 paredes, telhado de quatro águas. Os telhados das 90 casas eram: 73 deles, “rebuçadas” de palha de Buriti; 08 eram de telhas de barro; 04 de telhas eternit; 03 de amianto; 01 de telha e eternit e 01 de barro cru. Os pisos das residências apresentavam: 73 deles, de chão batido; 13 de cimento; e os 04 restantes, cada um, com cerâmica, ladrilho, cimento/terra, cimento e terra. As paredes de cada casa eram levantadas com: 35 de adobe; 33 de taipa; 09 de pau de buriti; 06 de tijolo; e as 05 casas restantes tinham paredes de adobe/palha, adobe/taipa, tijolo-madeira, palha-adobe-buriti.

Energia elétrica, não havia na região do Parque. Dos 90 moradores, 2 famílias usavam lampião de gás; 85 iluminavam com lamparinas; e 3 utilizavam outros meios para a luz. O dia-a-dia era em torno de fogão a lenha para 84 famílias e as outras 6 tinham, além do fogão de lenha, a opção de usar fogão à gás.

No depoimento, abaixo transcrito, ilustra aspectos do que significou sair do Parque para uma vida diferente no Assentamento São Francisco.

“Antes as casas eram mais de palha, agora tem mais de alvenaria. Mas de palha não é porque o pessoal queria, mas era porque a condição é aquela. Era o jeito de fazer, dos recursos natural que tinha. Ela é boa, mas de cinco em cinco anos tem que trocar o telhado. Até pra deslocar de um lugar pro outro, muda também as condução, que antes andava a cavalo. De primeiro nois morava no Parque, o pessoal ia pra Januária à cavalo, de carro de boi. Gastava doze dias de viagem. Nois ia pra Arinos fazer compra e ia à cavalo. Não tinha carro. Mas pra Arinos era dois ou três dias. o primeiro carro que eu vi, eu tinha dez anos. Fiquei até com medo dele. Hoje já mudou! Hoje, de cavalo, ninguém guenta mais andar. O pessoal só anda de carro. Quem tem um cavalo, anda aqui pertinho, três quilômetros, dois quilômetros.” (da ficha

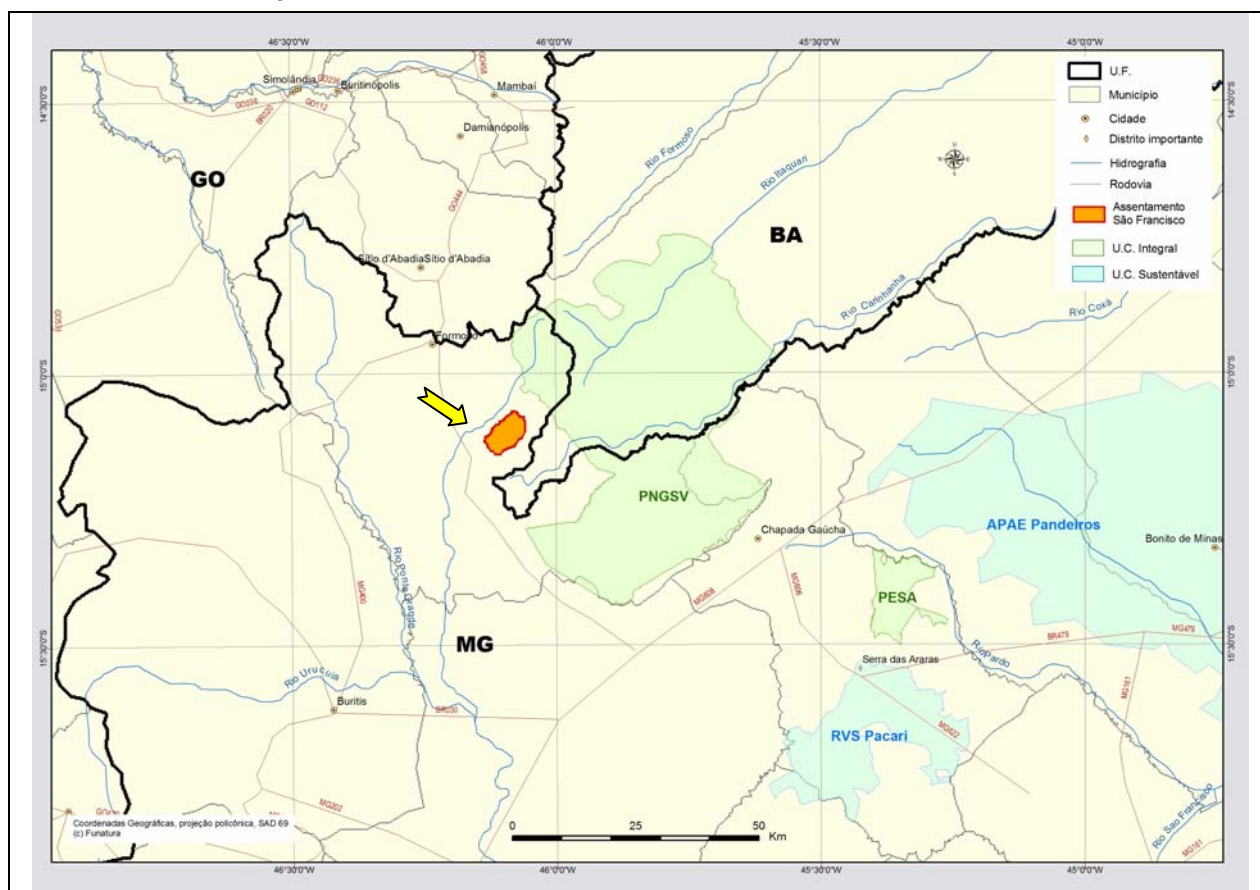
do Questionário de Inventário nº 40 - Formas de Expressão, entrevista 12/10/2004 - depoente nascido em 1961)

O depoimento acima é ilustrativo para marcar também a passagem deste item do capítulo do relatório — *Alguns dados da paisagem e do perfil dos moradores do Parque*, para o outro item (2.3 - *Transferência dos moradores do Parque*), que fala de mudanças.

2.3 - TRANSFERÊNCIA DOS MORADORES DO PARQUE ⁸

A transferência das famílias tendo sido decidida, passou por um processo de escolha de outra localidade para a instalação da comunidade. A FUNATURA identificou áreas fisicamente semelhantes àquelas onde moravam as famílias no interior do Parque. Com a participação dos moradores, realizaram-se várias reuniões comunitárias e discussões sobre critérios de escolhas de outros espaços para as mudanças.

MAPA 01 - localização do Assentamento da Fazenda São Francisco e da Fazenda Gentio



Fonte: cedido pela FUNATURA em dezembro de 2006.

⁸ Na segunda parte do documento Relatório Final **Inventário** do Projeto “Aplicação do INRC da População do Assentamento São Francisco Oriunda do PNGSV-MG” há um histórico detalhado da *Transferência dos veredeiros*, p. 58. Naquele item está descrito também, o trabalho de levantamento sócio-econômico realizado pela FUNATURA, em 1997 e 1998, quando foram cadastradas 90 famílias (p. 59). As informações do presente item estão alicerçadas em dados do citado Relatório Final (2005). As demais Informações, oriundas de pesquisa de campo (de 10 a 14 de dez. de 2006, em áreas do Assentamento São Francisco e na cidade de Formoso), estão aqui identificadas como: *dez.2006*.

Por meio de seus representantes, foram realizadas visitas em cerca de 10 fazendas identificadas com características bem próximas às das áreas do Parque, também no município de Formoso, onde a maioria das famílias mantinha maior vínculo político, social e econômico. Foram definidas como apropriadas para desapropriação, as fazendas São Francisco (com 1.994ha) e Gentio (com 3.470ha). Eram áreas contíguas, situadas a 35km da sede municipal e a 25km do limite noroeste do Parque.

Para calcular o valor das fazendas, foi considerado o praticado no mercado, da terra nua e das benfeitorias. Por solicitação da Superintendência do INCRA, em 2.000, os candidatos ao assentamento se manifestaram, oficialmente e por documentos, se concordavam com as condições de compra das fazendas, com o valor estipulado e os critérios de divisão dos lotes. Os futuros moradores teriam 20 anos para pagar o seu lote, com 3 anos de carência e correção monetária calculada pela variação do IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas, FGV.⁹

As terras da menor fazenda (São Francisco) eram de melhor qualidade e mais apropriada para agricultura. As de parte da Fazenda Gentio, pelas suas características, apresentavam uma vocação maior para a pecuária. Parte dela tangencia a fronteira com o Estado da Bahia. As divisões e dimensões dos lotes obedeceriam às peculiaridades do relevo, da localização, qualidade da terra e formas de exploração: agricultura ou pecuária.

Pelas observações de campo e depoimento do técnico da EMATER (dez.2006), pode-se afirmar que a maioria das 90 famílias tem algum gado. Quase todas as 85 famílias que já estão com empréstimos bancários pelo PRONAF, incluíram em seus projetos produtivos a compra de gado, com vacas leiteiras. O interesse da maior parte das famílias é, prioritariamente, receber assistência técnica e informações sobre trato pecuário, de gado vacum.

Os estudos do INCRA chegaram à definição de dimensão média dos lotes (25ha) que era semelhante aos que as famílias de posseiros trabalhavam no Parque. Conforme depoimentos em campo (dez.2006), no primeiro caso, os lotes variam de 19 a 26 ha e depois do Córrego Gentio, as glebas eram de 50 a 80ha, dependendo da qualidade e situação da terra (se já foi beneficiada no passado e se só necessita ser retrabalhada). Todos os lotes têm acesso, ou estão próximos, à água. É tradição o plantio para subsistência (arroz e feijão), o milho para quitutes, para os animais e galinhas, a mandioca destinada ao fabrico da farinha e derivados.

Em ambas as ex-fazendas, (ver Mapa 02) correm águas em veredas, em córregos (Gentio e São Francisco), e estão ligadas à estrada que vai à Formoso, Chapada Gaúcha, Arinos e, enfim, aos municípios da região e à Brasília. O caminho de terra até a cidade de Formoso é de 35km. Informações e observações de dez.2006 mostram que há dois anos (final de 2004-05), no máximo, foram refeitas as principais vias dentro do Assentamento, cobertas de cascalho, com bom estado de tráfego de automóvel, mesmo no período das chuvas. Nos “corredores” (caminhos secundários e terciários que levam aos lotes) os tráfegos são menores, as vias mais estreitas e mais precárias, mas com boas condições de circulação.

⁹ Tais determinações estavam previstas na Medida Provisória nº 2.027 de 04 de maio de 2000. Em junho de 2001 o INCRA obteve a posse das fazendas. (FUNATURA. **Inventário**, 2005)

No Parque, as dificuldades de vias de acesso eram grandes, o isolamento era maior e os caminhos quase que só carroçaveis. Consideram, os entrevistados (dez.06), que em termos de conforto e de estreitamento de relações (tanto dentro do Assentamento quanto na proximidade com outras cidades) agora está bem melhor. No Parque havia mais festas, mais alegrias e brincadeiras nos encontros, ainda que morassem bem mais distantes uns dos outros. “*Sobre o movimentar a vida lá era bom! Conforto era mais difícil*”, conforme a fala de um depoente (dez.06) que resume diferenças de relações sociais e conforto pelo acesso a serviços e à comunicação.

Sobretudo quanto ao transporte e deslocamentos, as dificuldades eram muito grandes no Parque: um ônibus diário ligava Formoso à Januária, e vice-versa, passando pela estrada que ficava a 3km do Parque. Para alguns, a distância era de até 30km, o único meio de pegar um ônibus. Às vezes, era possível arranjar um lugar em caminhão. Outras vezes era mesmo no lombo do animal (cavalo ou burro) ou com carro de boi.

“Depois da mudança do Parque pra cá, pra mim, numas partes ficou até melhor, porque lá é um deserto e aqui é dentro da *população*, misturado. Se alguém precisar ir em qualquer lugar, caçar um recurso, qualquer coisa que necessitar na cidade, tá aqui perto. E lá tinha cavalo, andava à cavalo duas, três léguas. Andava até dez léguas pra conseguir uma lata de óleo, descendo serra e subindo serra, umas cinco horas de viagem. Hoje facilitou. Até pra Folia girar, facilitou” (*Questionário de Inventário / Q20 - Celebrações*; entrevista em 25/08/2006; depoente é Folião, Guia, nascido em 1936).

Para deslocamentos está bem melhor o conforto. Atualmente, para ir à Formoso a partir do Assentamento, em cada 2 dias tem ônibus que intercalam o destino: um dia, sai de Formoso para a Chapada Gaúcha; no outro é no sentido contrário. Na quarta-feira, sábado e domingo não há ônibus para qualquer destino. Em 2001, a passagem desta condução era de R\$2,50 e, agora, em dezembro de 2006, está custando R\$5,90, uma viagem de única direção. (dados de campo, dez./06)

Nas vésperas de mudanças, instalado o processo de definição de nova área para os moradores do Parque, e com as atividades do INCRA na região, o Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR) de Formoso sentiu-se levado a defender seus filiados Sem-Terra, para se candidatarem a um espaço nas fazendas identificadas. Estavam bem organizados, o que facilitou a ocupação das fazendas desapropriadas. Acamparam naquelas antigas propriedades São Francisco e Gentio. Os posseiros moradores da área do Parque, que não tinham sua entidade associativa que os representassem, se organizaram e também acamparam nas fazendas desapropriadas, ocupando construções ali existentes. Vários destes sem-terra do Sindicato tinham origens semelhantes aos dos moradores do Parque. Vieram da bacia do Carinhanha, em busca de vida melhor. Não se adaptavam à vida na cidade de Formoso.

Foi preciso que o INCRA, em Brasília, determinasse o direito prioritário dos posseiros moradores do Parque para fins de ocupação daquele Projeto de Reforma Agrária. Os lotes da fazenda São Francisco seriam destinados apenas aos moradores do PNGSV. Quanto à Fazenda Gentio, a prioridade para ocupação seria também dos moradores do Parque que optassem pela pecuária, em áreas maiores. Os lotes restantes poderiam

ser, então, para as famílias indicadas pelo Sindicato. Finalmente, foram 80 famílias oriundas do Parque e 10 que vieram com apoio do STR de Formoso.¹⁰

Esta disputa por espaços estimulou as famílias do Parque a se organizarem em associação, para defesa de seus direitos. Na verdade era uma exigência do INCRA que fossem representados por uma associação criada por eles. Tiveram apoio e assistência da FUNATURA para tal iniciativa. Em março de 2002, integraram-se para a criação da Associação Rural Sertão Veredas¹¹. Aqueles que não esboçavam qualquer entusiasmo com o fato da mudança, se apressaram a decidir também pela transferência para a nova área definida pelo INCRA.

Em dezembro de 2001, a primeira família saiu do PNGSV para ocupar seu lote no Assentamento. As demais famílias vieram de janeiro a dezembro de 2002. Outros só se mudaram em 2003 e os últimos em 2004. Entre junho e dezembro de 2002, equipes da Universidade de Viçosa, em convênio com o INCRA e apoio do Ministério do Meio Ambiente, IBAMA e da FUNATURA, elaboraram, com a participação dos moradores do Assentamento, o Plano de Desenvolvimento do Assentamento - PDA. Este tipo de plano é previsto pela legislação referente ao processo de Reforma Agrária.

Equipes da Universidade de Brasília, UnB fizeram trabalhos de assistência técnica aos produtores, elaborando projetos para suas glebas, visando ao financiamento do PRONAF, a que tinham direito. Meses depois do desligamento da UnB deste Projeto, a EMATER firmou convênio com o INCRA, em final de 2005, para assistência específica ao Assentamento São Francisco. Atualmente, 85 famílias já estão com a garantia do financiamento PRONAF-A (um pouco mais de R\$16.000,00) para investimentos nos lotes (comprar gado, fazer cerca, melhoria de infra-estrutura produtiva, etc).¹²

¹⁰ A partir de 1997 até 2006, foram criados seis assentamentos no município de Formoso, para sem-terras ou recém-chegados na cidade de famílias que não se adaptaram à vida urbana. O Primeiro foi o Capão do Mel e o mais recente (São Cristóvão) está em processo de implantação. No total, 420 famílias foram beneficiadas com a criação destes seis assentamentos. O de São Francisco guarda característica peculiar por ser ambigualmente um assentamento do INCRA, de Reforma Agrária, mas que são famílias transferidas de um Parque Nacional onde marcavam presença há bem mais de 100 anos.

¹¹ Sobre a criação e funcionamento de Associações na área do Assentamento, o tema será abordado no item 3.5 - *Situação sócio-econômica do Município Formoso*.

¹² Ver no item 3.5 *Situação sócio-econômica do Município Formoso* mais detalhes sobre financiamento do PRONAF, apoio EMATER para os serviços de ATER.

MAPA 02 - Projeto do Assentamento São Francisco (Formoso-MG)



FONTE: esta planta do Projeto de Assentamento São Francisco foi cedido, para esse relatório, pela FUNATURA, em dezembro de 2006. Sua origem é de um Projeto técnico de Sistema de Abastecimento de Água potável, desenhado em 2002, pela empresa *Carbonell Planejamento Rural Ltda.*, cujo RT é o Engenheiro Agrônomo Jorge Fernando M. Carbonell. O projeto é assinado pelo eng. Renato Tempesta, CREA-MG 3516/70

Obs.1: As informações técnicas do mapa esquemático (Mapa 02) não estão nítidas na cópia cedida. Trata-se de um Projeto de Sistema de Distribuição de Água, para as famílias do PA. *São Francisco*, de acordo com o título do quadro de legendas que informa:

Adutora de água: linha azul forte

Reserva Legal: verde mais escuro

Área de Preservação Permanente, APP: verde mais claro (seguindo locais de matas ciliares de rios, córregos, veredas).

Estrada: linhas marron claro

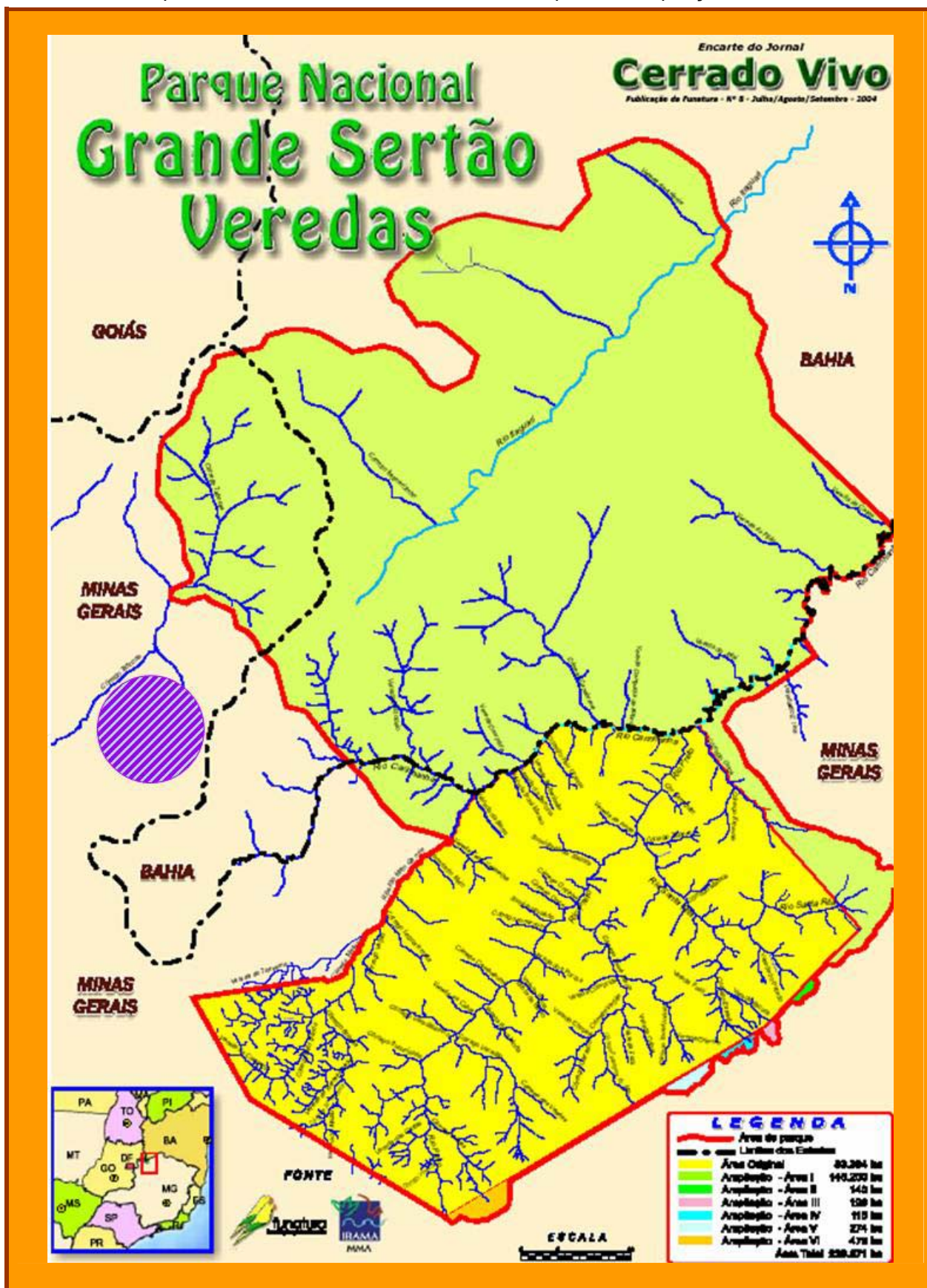
Marco de parcelas: pontos em círculos (todos os lotes têm acesso a cursos de água, mas em alguns só corre água no período de chuva).

Obs.2: o ponto de captação do Projeto é no Córrego Tabocas. A Caixa d'água 01 encontra-se na antiga sede da Fazenda São Francisco, atualmente área comunitária. A Caixa d'água 02, existente e desativada, está na periferia da sede da antiga Fazenda Gentio, de uso comunitário, com patrimônios preservados, inclusive uma roda d'água que está em funcionamento, no córrego Gentio. Ela enche permanentemente dois tambores, no chão, de 200 litros cada. Se não parar a roda e não houver consumo a água transborda e se perde no solo. O córrego Gentio encontra adiante águas da Vereda Comprida e vai desaguar no Rio Tabocas, fora do Assentamento.

2.4 - AMPLIAÇÃO DA ÁREA DO PARQUE

Em 21 de maio de 2004, o Governo Federal reconheceu, oficialmente, a necessidade e importância da ampliação da área do PNGSV. Um dos maiores benefícios da ampliação foi a preservação de grande área ameaçada pelo avanço da agricultura de produtos para mercado e agroindústrias, que não mostravam preocupação com impactos ambientais, nestas áreas de grande sensibilidade a ações antrópicas.

MAPA 03 - Parque Nacional Grande Sertão Veredas, depois da ampliação em 2004



FONTE: Mapa cedido pela FUNATURA, em dezembro de 2006. A localização aproximada do Assentamento São Francisco (em roxo) é complemento da autora deste relatório. O Córrego Taboca nasce e corre no Município de Formoso. As principais nascentes do Taboca estão preservadas na área de ampliação do Parque.

A área do Parque passa de pouco menos de 84.000ha para um espaço de preservação de 231.000ha. A ampliação engloba 120.000ha do município de Cocos (BA) e mais 30.000 de áreas no Estado de Minas Gerais, de territórios dos municípios de Formoso e de Chapada Gaúcha. Algumas famílias de *veredeiros* são moradores desta nova área do Parque, mas ainda não foi elaborado plano de remanejamento destas famílias. Predominam fazendas de grandes extensões e improdutivas. A nova área o PNGSV abrange territórios de terras pouco férteis, mas com nascentes importantes, formadoras de tributários do rio São Francisco.

Observa-se no MAPA 03, (próxima anterior) que a maior área de ampliação englobou o Estado da Bahia, no município de Cocos. Ali se encontram veredas e nascentes contribuintes do Rio Carinhonha (faz divisa dos dois Estados), também importantes, embora menos numerosos que a malha hídrica desta bacia em território mineiro. Os novos limites do Parque demarcaram ainda outra área do município de Formoso, resguardando nascentes do Córrego Taboca, em cuja parte de sua margem esquerda tangenciam glebas do Assentamento São Francisco.

Com a criação e ampliação da área do PNGSV, assegurou-se também melhor estrutura para evitar a degradação pela permanente ameaça de carvoarias clandestinas que continuavam se multiplicando na região Noroeste de Minas, sem que as instituições do Estado tivessem condições efetivas de fiscalizar toda a região e de coibir tais modelos de produção de carvão e de agricultura, que não se atêm para princípios da sustentabilidade. A ampliação do Parque assegura a conservação de potenciais hídricos e representa a maior área contígua de Parque Nacional do Cerrado.

O desejo de ampliação do Parque mobilizou o IBAMA e FUNATURA, desde o ano 2002, com estudos que justificassem o crescimento da área. Manifestos de meia centena de entidades, nacionais e internacionais, assim como redes de ONGs que atuam em prol de criação de unidades de conservação e pela preservação do Cerrado, se fizeram *ouvir* em assinaturas para o Governo Federal.

2.5 – ESTUDOS E LEVANTAMENTO DE DADOS - MÉTODO INRC DO IPHAN

As famílias que estão no Assentamento São Francisco e esforçam, continuamente, para superar e minimizar os desconfortos e desafios que lhes foram impostos pelo processo de mudanças das relações da sociedade daquele grupo, que dura bem perto de uma década, desde os contatos, mobilização, definição da transferência, escolha da nova área de moradia, mudanças e instalação no Assentamento São Francisco. O resgate de valores culturais pode ser um modo estratégico de a comunidade **reconstruir** sua identidade.

As famílias transferidas possuem, em suas histórias de vida, saberes e modos de viver e de fazer, construídos em relações centenárias no universo social, econômico e cultural do Sertão, dos “povos do cerrado”. Sua forma de vida, seus hábitos, crenças e costumes rituais e de produção são afeitos a uma categoria de grupo social do Sertão, reconhecidos como *veredeiros* (moradores de veredas) e *chapadeiros* (que sabem se manter em universos de chapadas, nos cerrados) ¹³

¹³ Recomenda-se que se consulte, na primeira parte do documento da FUNATURA, *Relatório Final Inventário* (novembro, 2005), a trajetória histórica da origem da cultura centenária dos “povos do cerrado” — o nome genérico dos que vivem no sertão da bacia do Rio São Francisco — que

A FUNATURA, em parceria com o IPHAN/DPI ¹⁴, realizou, em 2005, a pesquisa para levantamento preliminar dos bens culturais, materiais e imateriais, dos modos de fazer e de viver, das expressões representativas de visão de mundo da comunidade do Assentamento São Francisco.

A equipe de pesquisadores da FUNATURA foi capacitada para adoção do método *Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC* na implementação do *Projeto de Inventário de Bens Culturais da População do Assentamento São Francisco, Oriunda do PNGSV – Levantamento Preliminar*. O método *INRC* — criado em longo processo de experiências e adotado na forma atual, em 1999 pelo IPHAN — nasceu de experiências e de posturas diante da cultura da sociedade brasileira, institucionalizadas desde a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, SPHAN, na década de 30. O processo de pesquisa e análise realizado pela FUNATURA teve o apoio e acompanhamento de técnicos do IPHAN/DPI.

O Método *INRC* foi desenvolvido e divulgado sobretudo pela equipe do Departamento de Patrimônio Imaterial de identificação do IPHAN. O *INRC* é um instrumento de trabalho de identificação e documentação de bens culturais, materiais ou imateriais, cujos significados são atribuídos pelos moradores (coletividade) do sítio pesquisado. Em outras palavras, a pesquisa tem por princípio o enfoque antropológico, ou seja, tanto o olhar, quanto os valores e os significados dos elementos da cultura e da sociedade estudadas são aprendidos a partir do ponto de vista da população que os criou e defende, e não pela interpretação isolada dos pesquisadores.

O *INRC* “tem por objetivo identificar, documentar e registrar sistematicamente os *bens culturais expressivos da diversidade cultural brasileira*.” “(...) deve fundamentar-se nas categorias de bens culturais destacadas pelo Grupo de Trabalho do Patrimônio Imaterial (GTPI) (...) que são as seguintes: (1) saberes e modos de fazer, enraizados no cotidiano das comunidades; (2) celebrações, festas e folguedos que marcam espiritualmente a vivência do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e da vida cotidiana; (3) linguagens musicais, iconográficas e performáticas; (4) espaços em que se produzem as práticas culturais.” ¹⁵

A identificação de *referências culturais* diz respeito a um processo de pesquisa, documentação, análise, interpretação e entendimento dos significados e implicações dos bens e práticas inventariados, mas é a partir do ponto de vista dos atores e do grupo da comunidade. Estes trabalhos de inventário de referências culturais têm, como objeto, os bens valorados pelos atores e que guardam sua dinâmica própria. É a coletividade em ação que incute e defende valores e significados nos bens de referência cultural, e é para eles que se propõe retornar, também, os resultados das pesquisas. Estes passam a servir ainda de instrumentos de reflexão sobre si mesmos.

compartilham valores e fazeres próprios de seus modos de sobrevivência social e econômica. São as comunidades dos *veredeiros*, *chapadeiros*, *geraizeiros*, *caatingueiros*, *vazanteiros* e os *barranqueiros*, que são categorias sociais que identificam os que habitam, respectivamente, as veredas, as chapadas, os gerais, as caatingas, as vazantes e os que moram nas barrancas do Rio São Francisco. A comunidade do Assentamento de Formoso, oriunda do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, tinha todas as características de povos *veredeiros*.

¹⁴ Convênio FUNATURA/IPHAN nº 020/2004.

¹⁵ IPHAN. **Inventário Nacional de Referências Culturais**. Manual de aplicação. INRC 2000. (in *Introdução*, p. 23)

A aplicação do método *INRC* para estudos sócio-culturais das famílias do Assentamento São Francisco veio com o caráter de inventariar traços fortes da identidade do grupo que vivia na área do PNGSV. Os elementos inventariados, analisados e registrados são bens da identidade daquele grupo. Estes bens identificados são valores culturais de importância magna para a comunidade, sem dúvida e principalmente, mas também para a região do entorno, para o espaço da região ampla e para a Nação brasileira. Uma vez de conhecimento de domínio público pelo processo de pesquisa, inventário e registro, o bem cultural passa por nova revalorização — para a comunidade que o possui e pratica — no processo comparativo e agregado a outros bens nacionais.

A primeira fase dos levantamentos — Fase de Inventários — resultou em relatórios e fichas de registro com descrição de saberes e fazeres da tradição e de espaços valorados pelos habitantes. Foram cerca de 50 bens culturais inventariados, assim agrupados (citados em: FUNATURA, *Relatório Final Inventário*, novembro, 2005 - fichas em anexo, p. 1 e 2):

- ☞ 7 celebrações: Folia de Reis; Festa de São João de Bela Lorena; Festa de São João de Cajueiro; Festas de casamento; Festa do Divino de Formoso; Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas, em Chapada Gaúcha; Festa de Santo Antônio de Serra das Araras.
- ☞ 5 edificações
- ☞ 6 formas de expressão
- ☞ 10 lugares
- ☞ 22 ofícios e modos de fazer.

Observa-se que, dos 10 lugares inventariados -- apontados pelos moradores como paisagens interessantes de significado cultural – pelo menos 8 (oito) deles são locais que têm a presença citada de água, tais como rios, córregos e veredas.

Dentre os ofícios, estão procedimentos relacionados com produções econômicas: produção de alimentos e de peças artesanais. Dentre estas, estão os usos diversos da palmeira Buriti, com destaque para a manufatura de artesanatos, de peças de utensílios domésticos e pessoais, de instrumentos musicais, móveis, alimentos, adornos, feitos da palha, da madeira e do fruto.

2.6 - A MUSICALIDADE - JUSTIFICATIVAS E HIPÓTESES

A **musicalidade** destacou-se, na primeira fase do Projeto — *Inventário* —, como um predicado, presente em ocasiões de trabalho ou **celebrações** coletivas, religiosas ou mundanas, acompanhadas por tocadores, cantadores e compositores das famílias locais. A equipe FUNATURA / IPHAN do projeto, juntamente com a comunidade, optou pela escolha da musicalidade como objeto de estudo para a fase de *Identificação*, pela abrangência dessa atividade junto aos aspectos culturais como as celebrações e a religiosidade. O intuito objetivo desta fase foi, então, o de documentar manifestações sobre o bem cultural “musicalidade” daquele grupo social.

Com referência aos valores que fazem da musicalidade um bem daquela comunidade, deve-se considerar que:

- A musicalidade é um patrimônio do grupo. Manifesta-se em diferentes ocasiões de encontros das famílias da localidade e principalmente em manifestações da cultura sertaneja, em festas regionais, rezas, celebrações, cantorias, romarias, encontros de cancioneros. São formas de expressão valoradas pelas famílias do Assentamento e seu estudo e registro técnico certamente contribuem para a preservação da identidade sertaneja.
- A musicalidade e participação em celebrações respondem por um dos aspectos de forças da coletividade que legitima a resistência cultural dessa comunidade.
- A recuperação e valorização (pelas pesquisas e intervenções da FUNATURA em convênio com o IPHAN) da musicalidade e do gosto por celebrações, onde se canta e dança, é uma interferência externa que provoca e estimula o resgate destes bens culturais.
- Acredita-se que, desde o processo de mobilização das famílias para levantar e conhecer o patrimônio de bens da musicalidade, possa ser uma oportunidade de facilitação e estreitamento das relações dos moradores. Embora conhecidos, até ligados por laços de parentesco e compadrio, de vizinhanças e de alianças por casamentos, as estratégias de relações são recentes neste espaço (assentamento) e estão sendo reconsideradas por forças de mudanças.
- A musicalidade e celebrações que estão sob estudo, inventário e registro não significa que, necessariamente, fossem elementos culturais que estivessem vivos no cotidiano dos ex-moradores do Parque. A implementação do Projeto foi buscar, no âmago dos integrantes da população, o gosto pelo canto e música, às vezes adormecido ou quase moribundo no esquecimento das famílias.
- Registra-se que depois do início do Projeto de pesquisa de inventário e registro dos bens culturais da população do Assentamento São Francisco a comunidade realizou, pela primeira vez depois da mudança do Parque, um Giro de Folia do Divino (junho 2006) e o Giro da Folia de Santa Luzia, em dezembro deste ano. Para cada uma destas festas foi confeccionada a bandeira correspondente, pintada por uma das moradoras, e agora patrimônio da comunidade de festeiros.
- Esse projeto atua também como resgate de bens que não estavam aparentes, mas apenas mergulhados em memórias de antigos companheiros de trabalho, de festas, de parentes que se fizeram “distantes”, ainda que na proximidade do espaço, seja do Parque, seja do Assentamento. As mudanças ocorrem nas pessoas e não simplesmente nos espaços e estilos de vida.
- Este sistema de pesquisa, identificação, registro e resgate de valores favorecem as famílias que se reconheçam nos bens que a comunidade guarda em si. Os resultados dos registros tornar-se-ão elementos disponibilizados para a população em seu processo contínuo de construção ou fortalecimento da identidade.
- Depois de ordenados, registrados e formalizados (por descrições, por gravações e fotografias) os bens são retornados à comunidade. Passam a constituir-se em um conjunto de bens da cultura, pensados e resguardados de forma consciente. Tornam-se instrumentos de valor e de troca, que contêm traços da identidade daquele grupo de pessoas.

3 - CONTEXTUALIZAÇÃO DO ASSENTAMENTO

O capítulo foi concebido com o intuito de recuperar, em registro, certas características da situação da sociedade, com objetivo final de facilitar o desenho do perfil de identidades culturais da população moradora no Assentamento São Francisco, no município mineiro de Formoso.

O capítulo foi construído com informações referentes à identificação física e institucional do município de Formoso. Os dados foram coletados quase que exclusivamente por meio de pesquisas de informações secundárias, em documentos e rede *web*. São informações para a contextualização geográfica, demográfica, política, climática, hidrográfica, social e econômica daquele município e de localidades, quando possível e disponível.

3.1- LOCALIZAÇÃO DO SERTÃO, FORMOSO E ASSENTAMENTO

Neste espaço do Relatório o objetivo é a localização geográfica do Assentamento. Intenta-se uma localização de “matéria”, “nomeável” como poderia ter dito João Guimarães Rosa, no sentido destes termos que ele usou para desenhar a geografia em sua obra prima Grande Sertão: Veredas. A obra emprestou o nome ao Parque, justo onde moravam as famílias que se encontram em terras das antigas fazendas de São Francisco e de Gentio.

No entanto, localizar o Sertão, exatamente em um município, o de Formoso, seria uma meta sem sentido para o autor Guimarães Rosa, uma vez que sua visão de Sertão era ampla, uma unidade sempre em movimento, mutante.

O autor colocou, no falar de seus personagens, que o “*Sertão está em toda parte*”, uma expressão que projeta a imensidão da paisagem. Lá é onde os opostos se encontram e se confundem: o mal e o bem, o frio e o quente, o fogo e a água, o sol e a lua, o seco e a vereda, o deserto e a fertilidade, o sagrado e o profano.

O narrador personagem (Riobaldo) do livro, apresentando idéias do Sertão, fala de situações intrínsecas da região: “*este mundo é muito misturado*” (Rosa, 1985a, p.207). Riobaldo se refere ao sertão como sendo “*um mar de territórios*” (Santiago Sobrinho, 2003; p.118). Marca o Sertão como uma unidade, cuja característica é justamente a diversidade geográfica, de relevo, de presença hídrica, de vida e morte. São veredas, chapadas, bichos e criatórios (cavalos e bois) e pessoas que desenvolveram ali uma *alma* (cultura, visão de mundo) e um modo de vida e de pensar próprio das comunidades que se relacionam no amplo território da margem esquerda do Rio São Francisco, no Norte-Noroeste de Minas Gerais, Sudoeste da Bahia.

Mas, friamente, neste relatório, invocam-se dados do IBGE para identificar esse território politicamente delimitado em linhas de um município: o de Formoso, em Minas Gerais, onde está o Assentamento. Mais precisamente, o que é peculiar e singular é que o lugar do qual falamos, este município, está na região conhecida como a **Trijunção**: é geograficamente o ponto de encontro de três Estados — Minas Gerais,

Goiás e Bahia — e de três regiões brasileiras — a Sudeste, a Centro Oeste e a Nordeste. Esta situação física pode ser apreciada no Mapa 04, no item 3.3.

O Assentamento fica a 35km da sede municipal que dista 592,5km da capital do Estado, Belo Horizonte. A cidade de Formoso está em um Planalto, na parte conhecida como Chapadão Central, a 839m acima do nível do mar. O município foi instalado em 1962, e o povoado nasceu de fazendas de duas famílias, em função da instalação de um centro de encontros de devoção a Nossa Senhora de Abadia (junho), bastante prestigiada por populações nos territórios de Goiás e Tocantins, principalmente¹⁶. Em uma das praças centrais (existem várias na cidade de Formoso) foi erguida a imagem de Nossa Senhora da Abadia, que enfeita o meio da pequenina praça.

3.2. - CARACTERIZAÇÃO DA PAISAGEM ¹⁷

Tanto a área do Parque, quanto a do município de Formoso, a paisagem é característica da do Planalto conhecido como Chapadão Central, um divisor natural das águas das Bacias dos rios São Francisco e Tocantins. As águas de perto da sede municipal e do Assentamento São Francisco correm para o rio Piratinga que é um dos afluentes importantes da margem esquerda do Rio Urucuia, tributário do Rio São Francisco. Na área do Parque ocorrem nascentes que formam os principais rios que ali serpenteiam: o Rio Preto e o Santa Rita, seu afluente. Estes dois rios caem no Rio Carinhanha, que também tem a foz no Rio São Francisco. (Ver item 3.4 deste relatório, para localização do Parque e do município de Formoso, pelo critério hidrogeográfico).

Os topos do Planalto são relativamente planos. A altitude varia entre 600 e 1.200m. O solo é constituído, em grande parte, de sedimentos aluvionares, de tipo arenoso, que preenchem as calhas dos rios e se estendem às suas planícies de inundação. Ocorre também a formação Urucuia, caracterizada por depósitos fluviométricos, de coloração quase sempre avermelhada.

A vegetação é dominada pela savana, ou cerrado, e Carrasco (com características de transição entre cerrado e caatinga), mata de galeria nas margens dos rios. A vegetação do Cerrado tem porte reduzido (em torno de 3m). Pode-se encontrar o Jatobá *Hymenaea stigonocarpa*; o Pacari *Lafoensia pacari*, o Pequi *Caryocar brasiliense*; a Favela *Dimorphandra mollis*; a Palmeira do côco-cabeçudo *Butia capitata*; a Cagaita *Eugenia dysenterica*; e Peroba-do-campo *Tabebuia ochracea*, dentre outras. Já na

¹⁶ Na Microrregião (ver tema no próximo item deste relatório) onde se encontra Formoso, são nove municípios: 4 foram criados em 1962; 4 tornaram-se municípios em 1997; e apenas um deles, Unaí, foi criado em 1943. Em outras Microrregiões vizinhas, do Norte de Minas o mesmo fenômeno de divisão de áreas de grandes municípios, para o surgimento de novos, ocorreu depois da década de 60, com clara nova ocupação econômica de produção capitalista e com maior interferência de instituições públicas que marcam presença na gestão da sociedade da região, inclusive com serviços e instalação de bens públicos. A criação de Parques Nacionais e Estaduais de preservação ambiental, como o PNGSV, nestas regiões e especificamente no município de Formoso, reflete estas mudanças nas relações tradicionais das sociedades do Sertão e dos *veredeiros*, particularmente.

¹⁷ Alguns dos dados utilizados neste sub-item foram retirados do site do IBGE - Diretoria de Geociências, Departamento de Geografia - **Unidades de Conservação Federais - Parque Nacional Grande Sertão Veredas**. Na FUNATURA, junto ao engenheiro Cesar Victor do Espírito Santo, foram acrescentadas outras informações sobre flora e fauna do Parque. Embora sejam dados que caracterizam o Parque, a área do Assentamento e arredores, em Formoso, guarda características semelhantes.

mata de galeria e nas veredas florescem o Buriti *Mauritia vinifera* e Buritianas *Mauritia armata*, principalmente. No cenário do Parque vivem aves como a Ema *Rhea americana*; a Arara Canindé *Ara ararauna*; a Arara-vermelha *Ara chloroptera*; o Mutum *Crax fasciolata*; o Gavião-de-penacho *Harpyhalyetus coronatus*; o Papagaio-curraleiro *Amazona xanthops*; o Tuiuiu *Jabiru mycteria*; os passarinhos Curió *Oryzoborus angolensis* e o Canário-da-terra *Sicalis flaveola*.

Há as espécies que estão na lista de mamíferos ameaçados de extinção, a exemplo do Lobo-guará *Chrysocyon brachyurus*; o Tatu-canastra *Priodontes maximus*; o Tamanduá-bandeira *Myrmecophaga tridactyla*; o Cervo-do-pantanal ou Suçuapara *Blastoceros dichotomus*; o Veado-campeiro *Ozotocerus bezoarticus*; o Suçuara *Puma concolor*. Há também grande variedade de répteis tais como as cobras Jararacuçu *Bothrops moojens*; a Cascavel *Crotalus durissus*; a Sucuri *Eunectes murinus*; a Jibóia *Boa constrictor*; e os lagartos Iguana *Iguana iguana*; o Calango *Tropidurus oreadicus*; e o Jacaré-corôa *Paleosichus palpebrosus*. Dentre alguns dos anfíbios pode-se citar a Rã *Leptodactylus mystacinus*; o Sapo-cururu *Bufo paracnemis* e a Perereca *Hyla albopunctata*.

3.3 - LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E SITUAÇÃO DEMOGRÁFICA

Formoso é município mineiro situado na região da “Trijunção” (ver item 3.1 e Mapa 04). A região Sudeste é constituída dos Estados de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo e congrega uma população estimada em 74.447.456 habitantes (GEVEP/ESPOP e IBGE - 2002) em uma área de 924.511,29 km², correspondendo, respectivamente, a 42,63 % da população do país (174.632.960 hab) e 10,86% da área do território brasileiro (de 8.514.876,599 km²). Minas Gerais, tem a área maior que a soma dos demais Estados da Região Sudeste, ocupando 63,44% da Região. A população mineira, no entanto, participa com 24,6 % dos habitantes da Região Sudeste. (IBGE, 2002)

MAPA 04 - Localização do Município de Formoso no Estado de Minas Gerais



FONTE: IBGE - SIDRA

Para a administração e planejamento, o Estado de Minas agrupou seus 853 municípios em 10 **Macrorregiões** (ver Mapa 05), compostas de 66 **Microrregiões**. O Município de Formoso encontra-se na Macrorregião *Noroeste de Minas*.

MAPA 05 – Divisões Administrativas de Minas Gerais - Macrorregiões

Os 853 municípios mineiros foram agrupados nas seguintes unidades regionais para fins de administração e de planejamento de MG:

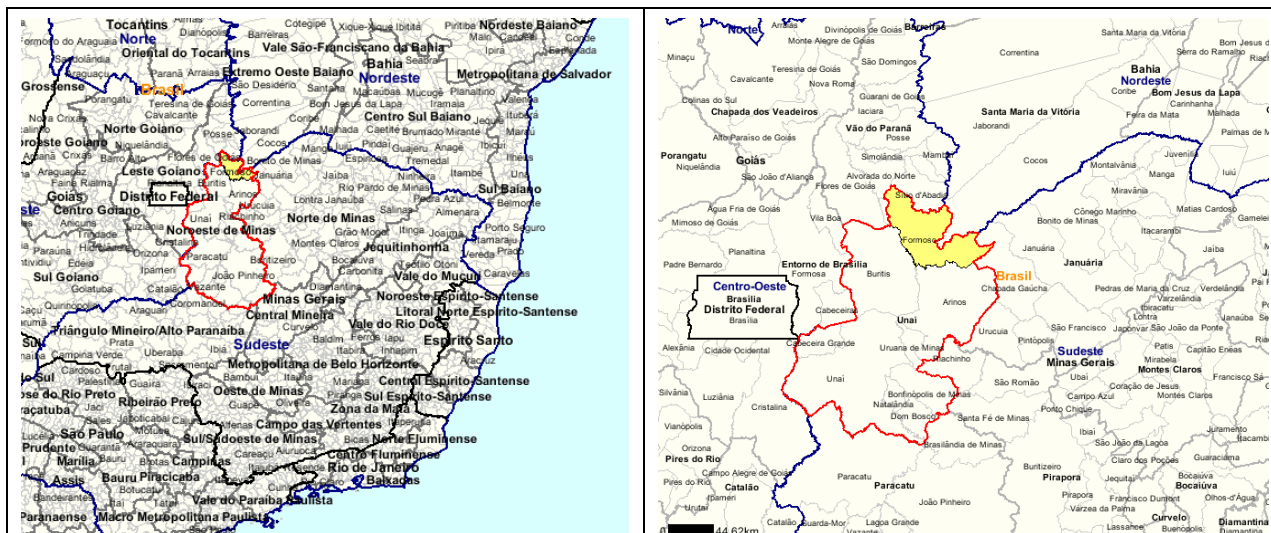
1. Central
2. Mata
3. Sul de Minas
4. Centro-Oeste de Minas
5. Alto Paranaíba
6. Triângulo
7. **Noroeste de Minas**
8. Norte de Minas
9. Jequitinhonha / Mucuri
10. Rio Doce.



Fonte: Portal de Minas → <http://www.mg.gov.br/portalmg>

Pelos critérios de **regionalização do IBGE**, Minas Gerais está recortado em **12 Mesorregiões** de referência e, também, em **66 Microrregiões**. Ainda que a divisão Administrativa do Estado em 10 Macrorregiões seja diferente da regionalização do IBGE em 12 Mesorregiões, os critérios de ambos coincidem ao nível territorial de Microrregiões (ver Mapa 06, critério IBGE).

MAPAS 06 - Formoso na Mesorregião e na Microrregião - IBGE



Mesorregião Noroeste de Minas (está composta de 19 municípios) distribuídos em 2 microrregiões: Paracatu e Unaí. A área total desta Mesorregião é de **62.555,1 km²** e a densidade populacional é de **5,36 hab/km²**. A área de Minas é de 586.552,4 km² e a densidade demográfica é 30,46 hab/km².

A área do território brasileiro é 8.514.204,9 km² e a densidade de população é de 19,92 hab/km².

Microrregião Unaí - com 9 municípios: Arinos, Bonfinópolis de Minas, Buritis, Cabeceira Grande, Dom Bosco, Formoso, Natalândia, Unaí, Uruana de Minas. Tem área de **27.557,6 km²** e densidade de **5,01 hab/km²**. Formoso tem área de 3.819,8 km² e densidade de 1,71 hab/km², correspondendo à metade da de Arinos que é a 8ª menor. A maior densidade é a de Unaí: 8,2 hab/km².

FONTE: IBGE - SIDRA; IBGE - Censo Demográfico Tabela 1301

Adverte-se para o fato de a localização de Formoso estar nesta Mesorregião Noroeste de Minas, de 19 municípios, divididos em dois conjuntos de Microrregião (Paracatu e Unaí), não significa que suas relações estão estreitadas neste universo. O cenário mais semelhante, em termos de processo histórico de ocupação do espaço, o meio-ambiente e de fatores culturais, estão também nos municípios vizinhos, situados na Mesorregião Norte de Minas (com 89 municípios), na **Microrregião de Januária**, onde se encontram 16 municípios.

Alguns destes municípios estão mais ligados, histórica e culturalmente, com a população oriunda da área do Parque Grande Sertão Veredas, hoje residente no Assentamento São Francisco. Seriam eles os municípios de Januária e São Francisco (que cederam território para a criação de Chapada Gaúcha), Pintópolis, Bonito de Minas, Urucuia, dentre outros que margeiam o lado esquerdo do Rio São Francisco, cheio de barrancas e também veredas que já se despontam, adentrando o Sertão a partir daquela margem.

Formoso tem a menor densidade demográfica da Microrregião, qual seja, a densidade do município é de 1,71 hab/km², a da Microrregião é de 5,01 hab/km²; a de Minas Geras é de 30,46 hab/km²; o país tem 19,92 hab/km².

A população rural de Formoso foi maior em 1991, mas menor em 1996 e 2000 (Tabela 01), mas mostrando-se bastante próxima do equilíbrio, nestes anos. Observa-se a diminuição populacional objetiva pelo censo publicado em 2000, antes da efetivação do Assentamento São Francisco. Evidencia-se a tendência de migração para a sede municipal, crescimento da população urbana, semelhante a do Estado e a do país, mas constata-se diminuição dos habitantes de 2000 com relação a 1991.

TABELA 01 - Demografia, situação do domicílio e índice da população residente (1991-2000)

Brasil, Estado, Mesorregião, Microrregião e Município	Situação do domicílio	População residente (habitante)			Pop. residente (%)		
		1991	1996	2000	1991	1996	2000
Brasil	Total	146.825.475	157.070.163	169.799.170	100,00	100,00	100,00
	Urbana	110.990.990	123.076.831	137.953.959	75,59	78,36	81,25
	Rural	35.834.485	33.993.332	31.845.211	24,41	21,64	18,75
Minas Gerais	Total	15.743.152	16.672.613	17.891.494	100,00	100,00	100,00
	Urbana	11.786.893	13.073.852	14.671.828	74,87	78,42	82,00
	Rural	3.956.259	3.598.761	3.219.666	25,13	21,58	18,00
MESORREGIÃO E MICRORREGIÃO							
Noroeste de Minas - MG	Total	305.285	314.179	334.509	100,00	100,00	100,00
	Urbana	186.637	219.702	249.739	61,14	69,93	74,66
	Rural	118.648	94.477	84.770	38,86	30,07	25,34
Unaí - MG	Total	126.817	130.547	137.634	100,00	100,00	100,00
	Urbana	70.117	83.568	97.874	55,29	64,01	71,11
	Rural	56.700	46.979	39.760	44,71	35,99	28,89
MUNICÍPIO							
Formoso	Total	2.996	3.099	2.963	100,00	100,00	100,00
	Urbana	1.344	1.622	1.724	44,86	52,34	58,18
	Rural	1.652	1.477	1.239	55,14	47,66	41,82

Fonte: IBGE - Censo Demográfico - Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA - Tabela 202 - População residente por sexo e situação.

Nota: ano 1996: dados da Contagem da População; ano de 2000: Dados do Universo

3.4 - LOCALIZAÇÃO PELO CRITÉRIO HIDROGEOGRÁFICO

Os rios ajudam a delimitar o sertão que os rodeiam, os encantam e os enfeitam com verdes e majestosos buritis, tamanduás, onças e lagartos de tamanhos diversos, bonitos. Sem saber das águas nada sabemos dos rios, das chuvas e dos desertos, das veredas do sertão. O sertão seco contém as veredas, água. Um contém o outro, se opõem e se complementam, se confundem no viver do homem do cerrado, se faz um no Sertão do Noroeste mineiro.

Sem conhecer o homem que busca e bule na água, não situamos a cosmologia e o mundo dele no sertão. Nada se sabe, sem conhecer as águas, sobre o cerrado, o carrasco e a caatinga que, secos, esturricados, bebem da chuva e da água que entra na terra. As veredas, não! Minam água. São de águas vivas, vida e oásis do sertanejo, como o poeta escritor Guimarães Rosa desenhou no *Grande Sertão: Veredas* (publicado em 1956). Os rios são conseqüências das veredas daquela geografia do norte/noroeste de Minas Gerais. Eles enchem o São Francisco.

As águas de rios, riachos, riachinhos e veredas são de forte representação na vida do veredeiro, com celebrações mundanas e religiosas, reverências e brincadeiras... cantorias, músicas, danças, folias de Santos Reis e do Divino. Rezam pelas águas, com elas, pelas bênçãos e pela vida de todo dia. Para o sertanejo, o sagrado se manifesta na natureza e está estreitamente confundido com o profano.

As águas dão referências geográficas dos lugares. Assim, imaginar o espaço do Assentamento São Francisco, deve-se falar e desenhar o sistema hídrico que os integra e os separa, diversifica e marca identidades. São os rios Tabocas, São Francisco, Gentio, Córrego Cofocó. Alimentam-se das águas de veredas, tais como: D'Antas, Veredinha, a Vereda do Arroz, a do Barro, do Monjolo, a Comprida, a Bonita.

No período de chuvas, ao contrário, as águas são muitas, por toda parte, com *corguinhos* ficando importantes, rios correndo rápido, muito, subindo e saindo da caixa, pelo menos por algumas horas. As estradas e caminhos principais se enchem de lama e os atoleiros são evitados com a cobertura de cascalho que se teve o cuidado de espalhar. Perto dos buritis, nas veredas, fica encharcado. As águas correm, buscando córregos, valetas, grotas, rios. Ali se atola.

O veredeiro é úmido, pensa em água no sertão desértico. Adora o Buriti. Faz com ele muitas coisas, na casa e na roça. Do fruto fazem doces, geléia, licores. Os documentos e as conversas, onde há relatos sobre a escolha de lugares que fossem adequados para implementar a mudança dos que moravam em áreas do PNGSV, estão repletos de citações de água, veredas, rios e buritis. Em Formoso, ao descreverem os lugares, sempre falam de água e veredas. É importante. São referências.

Guimarães Rosa, em carta a Edoardo Bizzarri (italiano, tradutor da obra) descreve sua visão de veredas:

Mas, por entre as chapadas, separando-as (ou, às vezes, mesmo no alto, em depressões no meio das chapadas) há as veredas. São vales de chão argiloso ou turfo-argiloso, onde aflora a água absorvida. Nas veredas há sempre o buriti. De longe a gente avista os buritis, e já sabe: lá se encontra

água. A vereda é um oásis. Em relação às chapadas, elas são, as veredas, de belo verde-claro, aprazível, macio. O capim é verdinho-claro, bom. As veredas são férteis. Cheias de animais, de pássaros. [...] Há veredas grandes e pequenas, compridas ou largas. Veredas com uma lagoa; com um brejo ou pântano; com pântanos de onde se formam e vão escoando e crescendo as nascentes dos rios; com brejo grande, sujo, emaranhado de matagal (marimbu); com córrego, ribeirão ou riacho. [...] Nas veredas há às vezes grandes matas, comuns. Mas, o centro, o íntimo vivinho e colorido da vereda, é sempre ornado de buritis, buritiranas, sassafrás e pindaíbas, à beira da água. As veredas são sempre belas. (citado em Santiago Sobrinho¹⁸, p. 24, referente à carta de Guimarães Rosa, 1981 p. 22-23)

Os *veredeiros* possuem estilo de vida alicerçada em um sistema de saber, de fazer, de sonhar e de se ligar ao sobrenatural (*religião*). Com isso, podem se entender, se vincular, pela dimensão de sua cultura, com outros veredeiros distantes, até desconhecidos, por serem as veredas uma preciosidade *comum a todos*. (Santiago Sobrinho, 2003; p.35).

Deduzimos, pois, que os que cantam e dançam em Formoso, no Assentamento, encantam outras gentes de Veredas, se fazem entender, emendar. Tanto faz encantar e se entender com os povos do Carinhanha, quanto dos rios e riachos que correm para o Urucuia. É a mesma coisa. “Se imitam”, como explicou um entrevistado de 75 anos, ex-morador do Parque (desde 1940), agora do Assentamento.

No Chapadão, muitos dos cursos de água “cortam” (quase secam, a água não corre) no período da seca (“verão”). Em Formoso, nas proximidades do Assentamento, os basicamente perenes são: o rio Taboca e a Vereda D’Antas. Na estação chuvosa, as águas correm, *viam* ou ficam, empoçadas, em alguns pontos do território, onde se encontram as 90 famílias. No período da seca, são nas “cacimbas” (poças ou umidade concentrada em leitos de córrego e em veredas quase secas) onde as famílias recorrem para levar água para casa.

A área do Parque Nacional GSV, mesmo quando em 1989, no primeiro momento, tinha área um pouco menor que 84.000ha, guardava em seu corpo nascentes da bacia hidrográfica do Carinhanha. Com a ampliação da área do Parque, em 2004, para 230.000ha (mais 120.000ha do município de Cocos-BA e mais 30.000 de áreas de Minas Gerais, em territórios dos municípios de Formoso e de Chapada Gaúcha) ampliaram-se as águas de nascentes e incluíram outras na Bahia, que também correm para o São Francisco, sem passar por Minas Gerais (ver mapa 03 - PNGSV ampliado).

O PNGSV favorece a preservação de importante área, que é natural divisor de águas de rios caudalosos da Bacia do Rio São Francisco. Em outras chapadas e planaltos das proximidades, outrora com mesmas características de cerrado e veredas do Parque, está tomadas por monoculturas (soja ou capim para semente) e já não existem a diversidade de águas, vegetação e fauna.

¹⁸ João Batista Santiago Sobrinho. **Imagens da Água no Romance Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa**. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2003

A mudança das comunidades dos rios e veredas da área do Parque para a área da bacia do Rio Taboca significa outra mudança: a da bacia do rio Carinhonha para a Bacia do rio Urucuia. Isto faz diferenças que são notadas em pelo menos dois aspectos exemplares: um deles, percebidos em discursos dos moradores do Assentamento, quando falam, de modo comparativo, sobre convívios com as águas, no Parque e no Assentamento; o outro aspecto, de menor visibilidade e sensibilidade, é institucional, relacionado com o sistema de gerenciamento dos recursos hídricos do Estado de Minas Gerais.

3.4.1 - Convívios com águas diferentes

Nas entrevistas nas casas, junto a marido e mulher, sogra, filhos, quando se abordava o assunto de água, perguntadas as diferenças, virava um pandemônio de falas. Todos queriam, ao mesmo tempo, falar das águas do Parque e das águas de agora, no Assentamento. No Parque, ninguém precisava de cisternas para ter água. Eram superficiais e perto de casa. Lá no Parque, falavam saudosos e rápido: “lá não tinha poluição”; “era água boa”; “...era melhor”; “limpinha”; “muita”; “sadia”; “fria”; “mais limpa”; “perto”; “lá era fartura”.

Contrapondo a água que tinham no Parque com a situação da localidade atual, descrevem: “aqui, é água véia, amarela”; “cheia de cisco”; “barrenta”; “nas águas, é só barro, não presta pra beber [refere-se ao córrego Gentio]”; “é feia”; “na vereda [do Arroz] tem micróbio”; “[na seca] só no Taboca tem água”; “nos outros lugares [sem ser no Taboca] é aguinha fraca, pouquinho”; “secam, só ficam poças”; “no Taboca, na seca, a água é clarinha, é a melhor de todas”.

A água, e o acesso à água para consumo e usos em casa, além da qualidade perdida, tanto na seca quanto *nas águas* (período de chuva), a quantidade falida marcam uma grande perda, um dos aspectos mais negativos da transferência. Não reclamam e nem comentam nada quanto ao acesso à água para animais e gado.

As dificuldades relacionadas com a água se colocam para o consumo e usos domésticos. Pessoas entrevistadas em suas casas asseguraram que, atualmente, existem no Assentamento cerca de 20 a 30 famílias que construíram suas cisternas (poço). As águas das cisternas são todas consideradas pelos moradores como de boa qualidade. Mas as águas de rios/córregos/veredas, quando limpas, continuam sendo mais apreciadas e confiáveis, conforme critérios dos depoentes (dez.2006), pois são águas *que correm*, que se movimentam.

Quem não tem sua cisterna, quem não tem dinheiro (valor médio é de 30 a R\$50,00 para perfuração) para fazer uma, comprar manilhas, ou para manter uma bomba, no rio ou na cisterna, sofrem para buscar água, tanto no período da seca, quanto *das águas*. Na seca, quase todos os córregos secam. Águas de cacimbas são péssimas. Na chuva, há abundância perto de casa, mas as águas ficam barrentas e com sujeiras que vêm juntas. As caminhadas são penosas em trilhas de lama.

A maior parte das famílias busca água carregando baldes nos ombros. É usual os homens irem buscar, por ser serviço muito pesado. Não levam na cabeça. Este é um costume de mulheres. Alguns têm carrinho de mão para colocarem tambores e balde e fazerem uma só viagem diária. No período de chuva, o trabalho alivia com a coleta

improvisada de água de chuva que escorrem de telhados (agora de telha ou de amianto e eternit). São águas recolhidas em baldes, bacias, latas, reservatórios pequenos. As casas, na chuva, estão cercadas de vasilhames, até com panelas. São águas muito apreciadas. Não há moradas com sistema convencional de coleta de água nos telhados, com calhas e canos que levam a chuva até a um reservatório fixo no chão (modelo tipo o do programa *Um Milhão de Cisternas*, que se expande no semi-árido brasileiro).

Os que têm maiores dificuldades para garantir a água em casa preferem não utilizar o espaço da casa destinado a ser banheiro, conforme padrão de construção do INCRA. Neste caso, todas as necessidades fisiológicas das famílias são satisfeitas “no mato”, como, aliás, faziam quando moravam no Parque. Os que têm cisterna no terreiro, carregam baldes para descarga no vaso sanitário. Banho é “de cuia”, “de lata” ou “de bacia”. No período de chuva, a água coletada dos telhados facilita um banho em casa. No Assentamento, uma única família fez ligação de água para seu sistema sanitário e para a pia na cozinha, a partir de bomba na cisterna, caixa d’água alta e fossa.

Um dos depoentes (dez.06) assegurou que têm aparecido crianças com manchas na pele, coceiras, diagnosticadas pelo médico de Arinos como sendo decorrente de contato com água suja. A secretária de Saúde e a Agente de Saúde do Assentamento desconhecem tal ocorrência e acreditam que a qualidade da água disponível no assentamento, embora barrenta, não tem poluição de esgotos ou produtos químicos.

3.4.2 - Mudanças de águas no âmbito institucional

Em Minas Gerais, a responsabilidade pela gestão dos recursos hídricos está no âmbito da **Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável - SEMAD**. Tem os seguintes órgãos subordinados e entidades vinculadas:

- Conselho Estadual de Política Ambiental - (subordinado)
- Conselho Estadual de Recursos Hídricos - CERH-MG (subordinado)
- Fundação Estadual do Meio Ambiente - FEMA - (vinculado)
- Instituto Estadual de Florestas - IEF - (vinculado)
- Instituto Mineiro de Gestão das Águas - IGAM - (vinculado)

Em 20/06/1994 a Lei Estadual nº 11.504 “Dispõe sobre a Política Estadual de Recursos Hídricos e dá outras providências”. O IGAM, por força de atribuições legais, é o órgão gestor dos Recursos Hídricos no Estado e cabe-lhe o papel de implementar a Política Estadual de Recursos Hídricos.

As UPGRHs são unidades físico-territoriais, identificadas nas bacias hidrográficas do Estado, com identidade regional caracterizada por aspectos físicos, sócio-culturais, econômicos e políticos. São 35 UPGRH-MG em nove bacias hidrográficas federais no território de Minas.

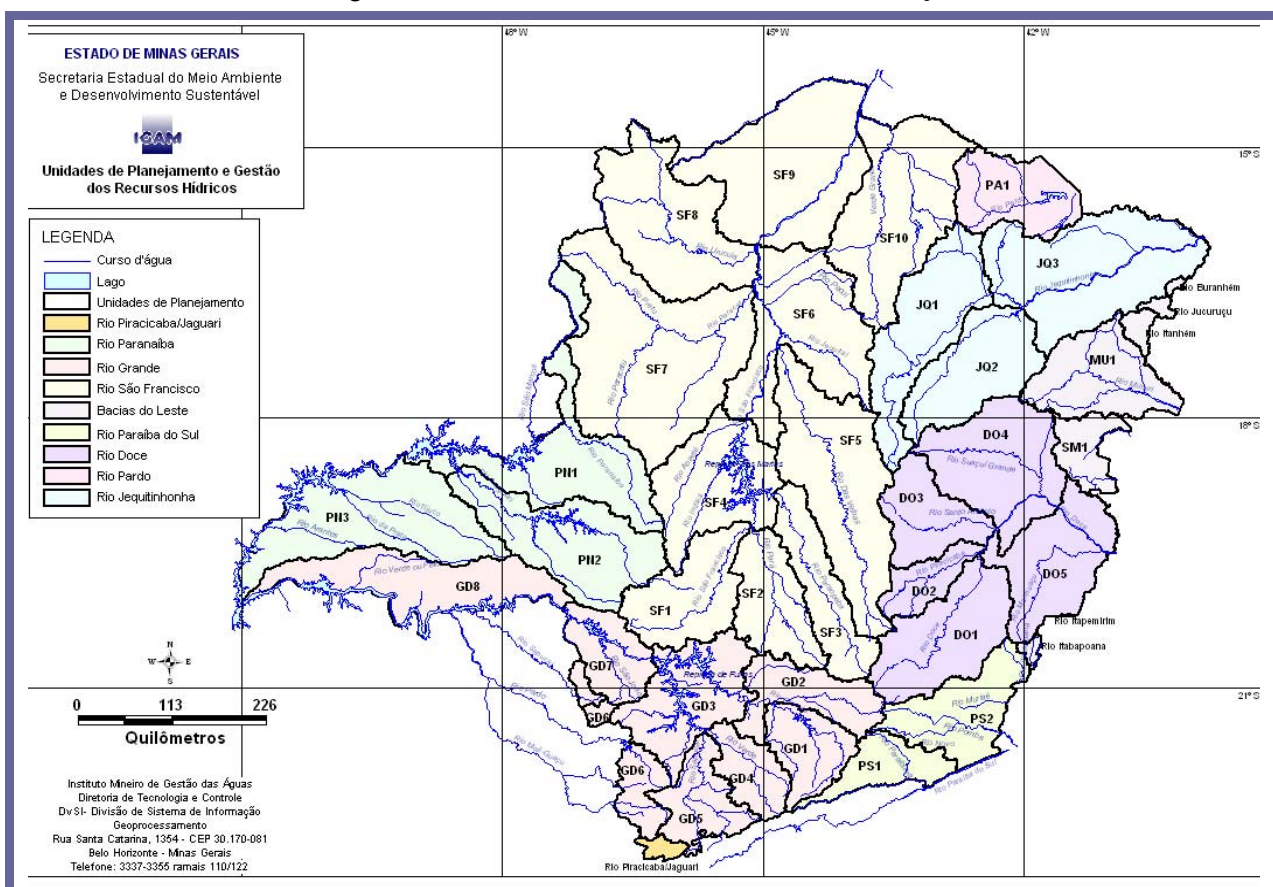
O mapa 07 de Minas Gerais está com suas Bacias Hidrográficas demarcadas e as suas subdivisões, em sub-bacias principais identificadas como Unidades de Planejamento e Gestão dos Recursos Hídricos. A Bacia do Rio São Francisco (SF), por exemplo, tem 10 UPGRH (no Norte-Noroeste de Minas, estão cinco destas UPGRH),

reconhecidas pelas letras da Bacia (SF) e o número da Unidade.¹⁹ Na porção mineira da Bacia do rio São Francisco a população é de 7.538.610 hab. (fonte: IGAM. *Qualidade das Águas Superficiais no Estado de Minas Gerais em 2002*).

O Município de Formoso está localizado na Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco, em áreas de drenagem de duas importantes sub-bacias deste rio, quais sejam: Bacia do Rio Carinhonha (SF9) e Bacia do Rio Urucuia (SF8). O Projeto do Assentamento São Francisco está no SF8 e a área do PNGSV, onde moravam as famílias que foram transferidas, localiza-se no SF9.

Apesar de contíguas no Noroeste do Estado, as duas áreas de gestão apresentam diferenças significativas entre elas. São outras águas que correm em seus territórios, indo para outras direções, encontrando dois diferentes tributários do São Francisco, margem esquerda:

MAPA 07 - Bacias Hidrográficas de Minas e suas Unidades de Planejamento e Gestão



Fonte: IGAM, 2003

¹⁹ Para melhor localização do município de Formoso, comparar os mapas 08 e 09

No Mapa acima (Mapa 07), em cada unidade de gestão estão representados os traçados do principal rio da unidade, sem os limites políticos dos municípios. Na UPGRH do SF8 estão os rios Urucuia e seu afluente da margem esquerda, o Piratinga. Na SF9, o que se vê é o rio São Francisco, recebendo o Carinhanha que faz a divisa com o Estado da Bahia. Outros importantes rios que descem diretamente para o São Francisco como o Pardo o Pandeiros não foram representados, bem como qualquer dos afluentes mineiros do Carinhanha.

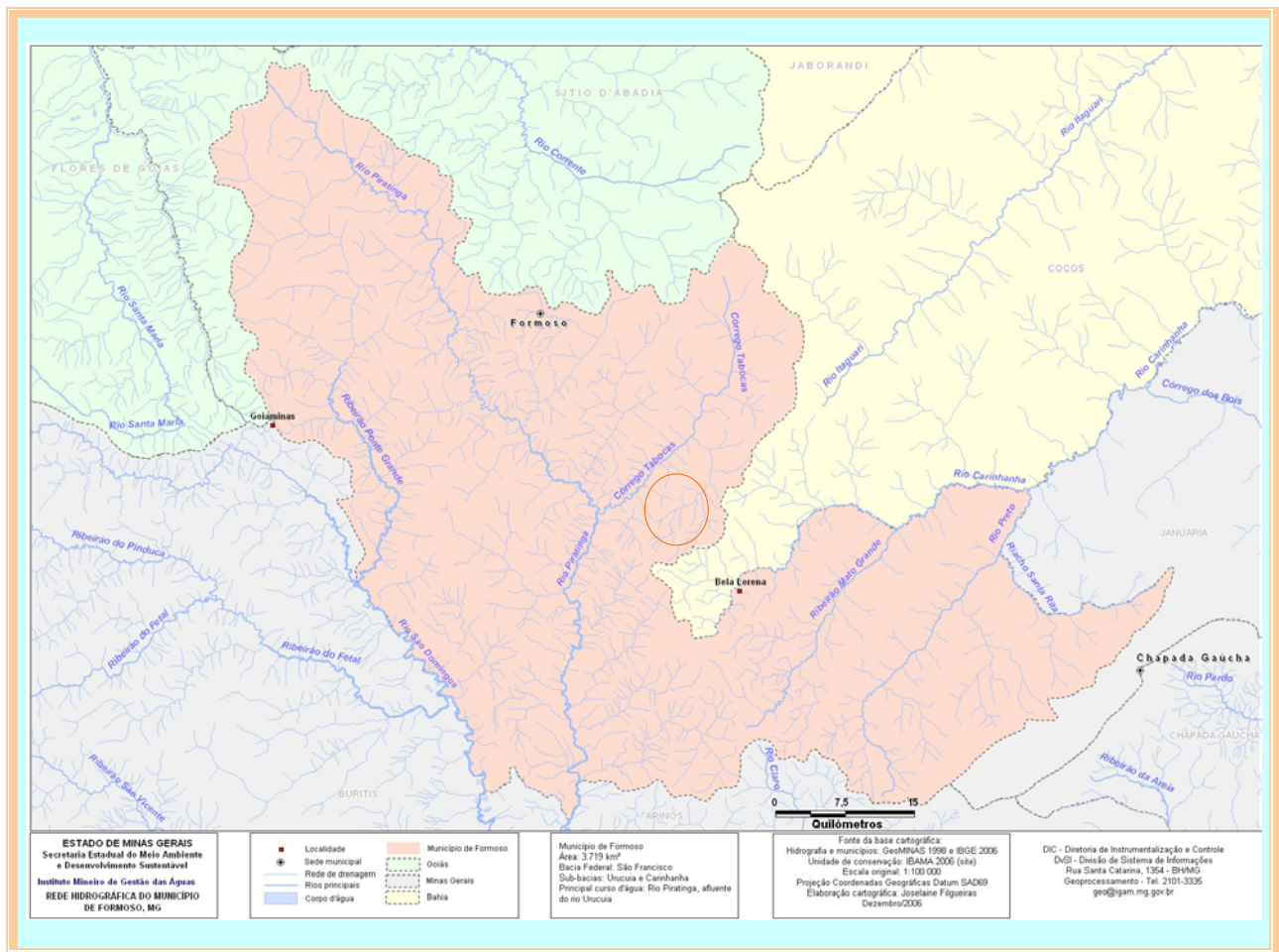
QUADRO 01 - Formoso em duas Unidades de Gestão de Recursos Hídricos de Minas Gerais

Localização (ver mapa 07)	A SF8 – abrange a área de drenagem da Bacia do Rio Urucuia e rios menores da margem esquerda do São Francisco (SF)	A SF9 – área limite da jusante do Urucuia, na confluência do SF, até a montante do rio Carinhanha. Parte de bacias da margem direita do SF.
Área de drenagem	25.136 km ²	31.259 km ²
Municípios com sede na área de drenagem	08	17
População total	79.704 hab	235.010 habitantes
População urbana	46.754 hab	119.783 habitantes
População rural	32.950 hab	115.227 habitantes

FONTE: IGAM. *Qualidade das Águas Superficiais no Estado de Minas Gerais em 2002*

Para melhor compreensão da malha hídrica da região e do município de Formoso, o mais conveniente é a observação comparativa dos mapas 07, 08 e 09: (1) as UPGRH, com atenção voltada para a SF8 e SF9; (2) a hidrografia do município de Formoso, com os rios São Domingos e o Piratinga que são tributários do Urucuia, e com áreas que se prestam para diversas nascentes de rios contribuintes do Carinhanha, entre os estados da Bahia e Minas Gerais; (3) a bacia do rio Urucuia (que atravessa as cidades de Buritis, Arinos e Urucuia) e que vai verter no São Francisco, fazendo a divisa entre os municípios de Pintópolis e São Romão.

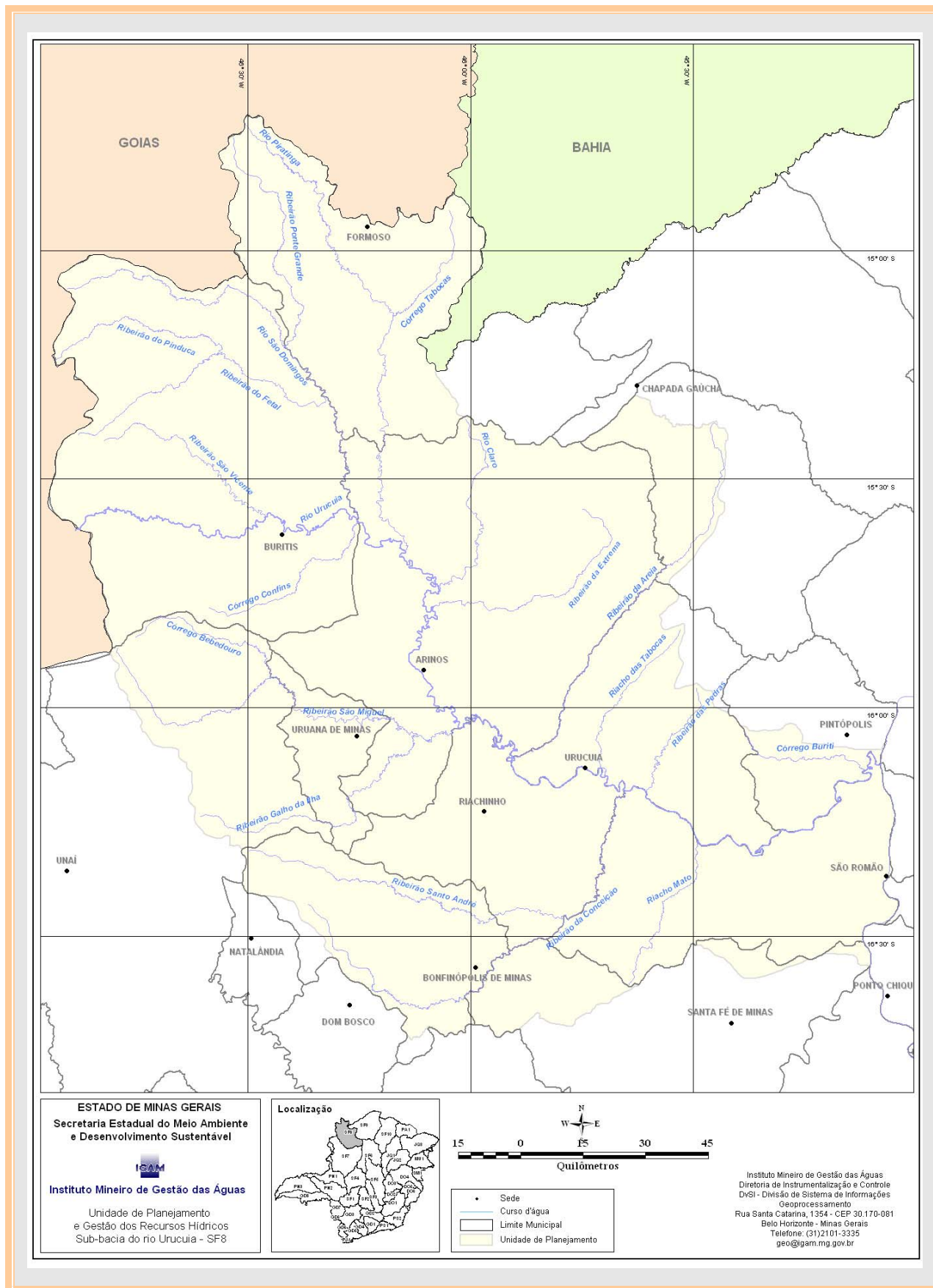
O MAPA 08 - Representação do Município Formoso e seus recursos hídricos superficiais



FONTE: Instituto Mineiro de Gestão das Águas, IGAM; Diretoria de Instrumentalização e Controle, DIC/ Divisão de Sistema de Informações, DvSI. Dez. 2006.

No município de Formoso os principais rios - o São Domingos, o Piratinga, o Ribeirão Ponte Grande, Córrego Taboca; Ribeirão Mato Grande, Rio Preto, Córrego Santa Rita e o Rio Carinhonha - oferecem paisagens também de muitas veredas, com quilômetros de extensão, atrativas, propícias para o lazer e muito apreciados pela população local. Dentre as diversas cascatas e cachoeiras existentes, destaca-se a do Ribeirão Pontes. (<http://www.formoso.mg.probrasil.com.br/>)

MAPA 09 – Bacia Hidrográfica do Rio Urucuia



FONTE: Instituto Mineiro de Gestão das Águas, IGAM; Diretoria de Instrumentalização e Controle, DIC/ Divisão de Sistema de Informações, DvSI. Dez. 2006.

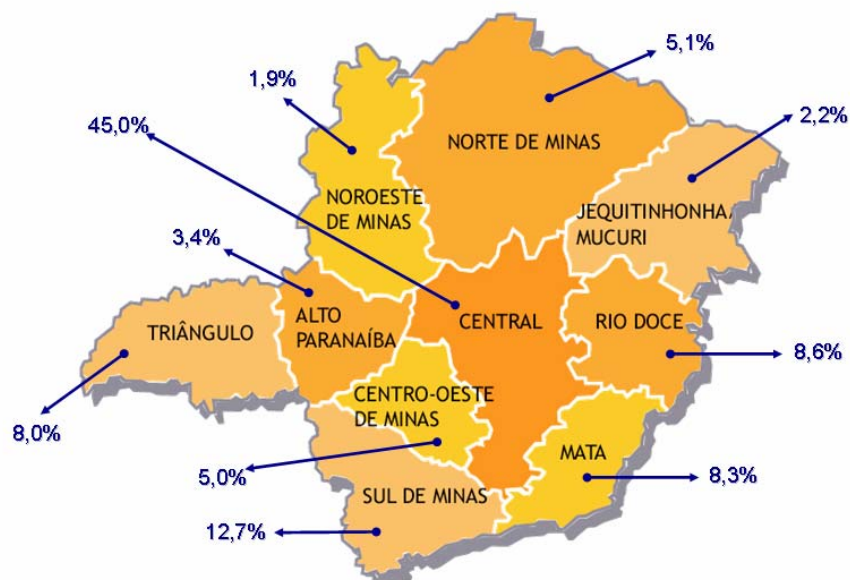
3.5 - SITUAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA DO MUNICÍPIO FORMOSO

3.5.1 - Economia, renda, educação e nível de desenvolvimento humano

Seguindo os critérios administrativos do Estado de Minas Gerais, no mapa abaixo pode-se observar a participação do *Produto Interno Bruto* - PIB²⁰ é um índice de crescimento econômico, baseado na grandeza 100 (% do total), a partir da soma de todos os bens e serviços produzidos no Estado durante o ano).

No Mapa 10, abaixo, aprecia-se a representação de cada unidade administrativa no PIB de 2003 do Estado de Minas. Observa-se que a Macrorregião Noroeste de Minas tem a mais baixa taxa do PIB do Estado de Minas. Nesta Macrorregião (constituída das Microrregiões de Paracatu e Unai) está o município de Formoso, cujas taxas (renda, IDHM, analfabetismo e mortalidade infantil) são de piores resultados dentre os municípios da Microrregião UNAI, que, por sua vez, apresenta condições médias piores nos setores econômicos, de saúde e, sobretudo de educação, que a Microrregião de Paracatu. Os dados de ambas foram analisados para essa comparação, e a fonte foi do *Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2003*.

MAPA 10 - Regiões Administrativas e suas participações no PIB de Minas Gerais



Fonte: Minas Gerais-Governo do Estado **Estrutura do PIB** | Por Região / Wilson Brumer - Secretário de Estado de Desenvolvimento Econômico. *Estratégia para o Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais*. (5º slide) set.2004.

Segundo a classificação do PNUD, o município está entre as regiões consideradas de médio desenvolvimento humano (taxas de IDH entre 0,5 e 0,8). Em relação aos outros municípios do Brasil (5.507 municípios), Formoso, em 2000, mostra melhora real nos seus índices, permanecendo em situação intermediária.

²⁰ O *Produto Interno Bruto* - PIB é um índice de crescimento econômico, baseado na grandeza 100 (% do total), a partir da soma de todos os bens e serviços produzidos naquele Estado durante o ano. Segundo dados do IBGE (2.000), o Município de Formoso tem, no setor *Agropecuário, extração vegetal e pesca* a maior atividade econômica produtiva e o maior contingente de população ocupada (981 pessoas), seguido de *serviços* (com 611), somando 331 pessoas nos 2 setores: de *indústria e comércio*.

Com referência aos outros municípios do Estado de Minas Gerais (853 municípios), Formoso tem situação desinteressante: ocupa a 566ª posição, sendo que 66,1% estão em situação melhor e 33,9% estão em situação pior ou igual. Torna-se significativo se comparar a situação do IDHM de Formoso, de 1991 e de 2000, com os outros oito municípios da Microrregião: todos estão com posição mais confortável, nas duas datas, alguns com ótima classificação (Unai é o 21º de Minas e o 345º do Brasil em 2000).

QUADRO 01 - Dados gerais de situações sócio-econômicas de Formoso-MG

MUNICÍPIO DE FORMOSO				
Itens sócio-econômicos	identificação	1991	2000	Observações relacionadas com os 9 municípios da Microrregião Unai
Porcentagem da Renda Apropriada por Extratos da População	20% mais pobres	3,1	0,1	A renda per capita média cresceu 50,06%. A desigualdade entre pobres e ricos cresceu, confirmado pelo Índice de GINI, este sendo o 2ª maior na Microrregião. Quanto mais se aproxima da unidade (!), maior é a desigualdade
	60% mais pobres	19,8	11,3	
	20% mais ricos	63,9	75,3	
% de Pobres (ganho > de ½ Salário Mínimo)	Referência: SM = R\$150,00 em agosto de 2000	66,5	60,1	
Renda Per Capita Média		100,6	151,0	
Índice de GINI (mede desigualdades)	Da distribuição de renda e de oportunidades	0,56	0,71	
Índice de Desenvolvimento Humano Municipal IDH	Educação	0,571	0,758	Em 1991 e 2000, Formoso estava com a mais baixa taxa de IDHM, a maior percentagem de analfabetos; a mais baixa taxa de alfabetização; a 2ª maior taxa de mortalidade infantil em 1991, e a maior em 2000. Os alfabetizados com menos de 4 anos de estudo são considerados (UNESCO, 1978) como <i>analfabetos funcionais</i> ²¹
	Longevidade	0,659	0,716	
	Renda	0,543	0,610	
IDHM	(Índice)	0,591	0,695	
IDHM (MG. 853 munic.)	Classif.MG	625	566	
IDHM (BR. 5.507 munic.)	Classif. nacional	3259	3081	
Percentual de pessoas de 15 anos ou mais	analfabetas	42,09	27,84	
Percentual de pessoas de 25 anos ou mais	analfabetas	48,88	37,38	
Percentual de pessoas de 25 anos ou mais	com menos de 4 anos de estudo	73,33	59,99	
Taxa de alfabetização	alfabetizadas	57,91	72,16	
Taxa de Mortalidade até um ano de idade	em 1.000 nascidos vivos	39,85	35,2	

Fontes: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2003; IPEA/FJP/PNUD atualizado pelos dados do Censo IBGE de 2000 - IDH-M – 2000.

²¹ “O termo analfabetismo funcional tem sido utilizado para designar a incapacidade de pessoas utilizarem a leitura e a escrita, além de realizar cálculos básicos, em atividades da vida diária que requerem tais habilidades”. (...) “A ampla utilização do termo analfabetismo funcional deveu-se à UNESCO, que o empregou na definição de alfabetização adotada em 1978 visando padronizar estatísticas e influenciar políticas educativas”.

<http://www.cedes.unicamp.br/pesquisa/artigos/HADDAD/cap01.html> (item 1.6)

“De acordo com o levantamento, 38% dos brasileiros podem ser considerados analfabetos funcionais. (...) Desses, 8% são absolutamente analfabetos, e 30% têm um nível de habilidade muito baixo.” (...) “Uma das principais constatações da pesquisa é que o nível de analfabetismo funcional fica abaixo de 40% somente quando os anos de estudo passam de oito --nível fundamental completo. No estrato de um a três anos de estudo, o percentual dos que não têm condições básicas de alfabetização atinge 83%. O domínio pleno da leitura e da escrita só ultrapassa os 50% entre os que já completaram ao menos o nível médio (11 anos ou mais de estudo).” (09/09/2003. *Analfabetismo funcional atinge 38% em pesquisa da Folha de S.Paulo* - <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educação>)

Para se ter uma referência, em termos comparativos, da situação da educação dos dados de Formoso, constata-se que a taxa de analfabetismo, no ano 2000 (IBGE) no Brasil era de 27,8% e a de Minas Gerais, menos da metade, ou seja, 12,0%. A percentagem de analfabetos de *15 anos ou mais* no Brasil, na zona urbana era de 10,2% e na zona rural, 29,8%. Também em 2000 (IBGE), Minas Gerais apresentava taxas menores que as do país, de analfabetos de *15 anos ou mais*, quer seja, 9,5% nos centros urbanos e 24,0% no setor rural.

As famílias que foram contatadas para entrevistas, em dezembro de 2006, apontam como diferença da vida no Parque e no Assentamento, a facilidade maior que tinham de arranjar trabalhos sazonais nas fazendas e na Chapada Gaúcha, com a liberdade de ficar longe de suas terras, sempre que surgissem oportunidades de ganhos. Alguns reclamaram, e dizem não entender, das exigências do INCRA de não poderem ter emprego fora do Assentamento. Não acham justo que, no Assentamento, existam exceções para os Guarda Parques que são contratados, trabalham fora.

Em compensação, a proximidade de Formoso favorece negócios e compras no comércio. Quando há excedentes de produção, frutas, ovos, galinhas conseguem vender um pouco na “rua” (cidade) ou mesmo dentro do Assentamento, para vizinhos interessados. É mais fácil encontrar os outros. De tão próximas as moradias (comparadas com as grandes distâncias umas das outras na área do Parque) um depoente explicou: “aqui é quase um *comércio!*” (aglomerado urbano); e completa a noção de proximidade: “se tem alguma necessidade, é mais fácil chamar”.

Há diferenças na produção e nas atividades para gerar renda. No Parque, era costume usar as veredas para plantar, sobretudo arroz e feijão. O gado pastava livremente. Agora, nas veredas, “ninguém pode mais mexer”. Hoje não se pode fazer nada em um espaço de 50m ao redor de uma vereda, “do brejo, até chegar *no duro*”. Faz parte da reserva ecológica comum. Em cada lote, há ainda a reserva do lote: lá pode entrar o gado, mas não pode plantar. Agora cercar a gleba tem que fazer parte do planejamento da agropecuária, sobretudo para evitar que o gado se dirija às veredas e áreas de uso comum de preservação do Assentamento, o que é proibido. O projeto de investimentos para obter o empréstimo pelo PRONAF-A prevê recursos para o cercamento da gleba. Continua, com menos produção, o artesanato para venda. O que se mais faz é esteira. Vassoura, agora, só um morador (no Projeto de *levantamento preliminar* foram identificados dois produtores de vassoura, mas na pesquisa em dez.06 os entrevistados, um deles o produtor de vassouras, não souberam dizer um segundo nome de fabricante de vassouras no Assentamento).

No Parque, tiravam “vinho” do Buriti e o pé morria. Usavam a palha, o fruto e os *braços*, estes para fazer porta, cama, estrutura para sofá de esteira. No Assentamento, estão explorando, para fonte de renda, palhas de “coqueiro cabeçudo” ou “coquinho azedo”. Cortam e fazem feixes de cerca de 30 palhas e cada feixe é vendido por R\$1,00. O comprador vem de caminhão para levar a mercadoria para uma fábrica de vassouras em Taberaí (GO). De acordo com os entrevistados (dez.06), “a melhor palha que tem é desta região aqui”. E nas reservas e em áreas do Assentamento “tem é muita!”. Usam o coquinho para fazer suco e para retirar a castanha. O pequi, abundante na área, é só para uso em casa, sem beneficiamentos.

3.5.2 - Assistência Técnica e Extensão Rural, ATER

Atualmente os produtores do Assentamento usufruem de assistência técnica para planejamento e trabalhos de produção agrícola e pecuária e para obtenção de crédito do PRONAF. A EMATER firmou convênio com INCRA para responder pela ATER, desde final de 2005. Antes disto vinham recebendo atenção e assistência de grupos da UnB (Universidade de Brasília) que se propuseram a elaborar projetos de instalação e produção nas glebas visando ao financiamento do PRONAF, via Banco do Brasil. Quando a EMATER iniciou sua participação, já a UNB estava ausente, mas 35 famílias já estavam com seus projetos prontos.

Pela EMATER, com os trabalhos do Técnico Agrícola contratado para este Assentamento, outras 45 famílias estão com projeto e acesso ao PRONAF-A (até R\$16.500,00) destinado a investimentos nas glebas. O empréstimo PRONAF-A/C é direito para quem já empregou o anterior e será para custeio, com valor de até R\$3.000,00. Já foram ministrados cursos, em reuniões por intermédio de reuniões de associações. Foram cursos de cultura do milho, horticultura, defensivos orgânicos. Nos empréstimos do PRONAF-A está previsto coleta de solo para análise (em Paracatu) e depois os produtores aprendem a aplicar produtos para a correção, antes e durante as culturas. A solicitação dos produtores é para cursos voltados para a pecuária, relacionados com cuidados com carrapatos, alimentação e vacinação.

O Técnico da EMATER não prevê visitas em cada gleba. Há alguns produtores que nunca foram visitados. Na opinião da EMATER, os encontros com as famílias se dão no meio de semana, nas sedes do Assentamento, principalmente na de São Francisco. Para o Técnico, há dificuldades de entendimentos para reuniões devido à divisão dos moradores com a existência de duas associações que se colocam em oposição.

Não há projeto de contratação de assistência técnica para apoiar o acompanhamento dos projetos em execução, ainda que se mostre muito necessário, mesmo porque a grande maioria dos produtores nunca trabalhou com tecnologias mais modernas, nem com empréstimos e nem com plantios mais amplos, muito menos no sistema de agricultura no cerrado sem os recursos hídricos. Os produtores estão proibidos de *fazer roças* utilizando espaços e técnicas de manejo da água em veredas, como era costume de atuarem no Parque.

A EMATER e os produtores não têm projetos para comercialização. Técnicos da EMATER constataram a demanda reprimida da cidade por frutas e verduras e a falta de iniciativas de produtores de plantar para mercado, ou para vender sistematicamente pequenos excedentes ou produção de ovos e galinha na cidade. A produtividade dos plantios e criatórios é muito baixa, devido ao emprego de técnicas de cultivos e de tratamentos culturais das tradições antigas e de eficiência contestada, bem como usos de implementos rústicos. O nível alto de analfabetismo e o receio por mais mudanças na vida e no saber, vêm dificultando prognósticos de mudanças nas formas de produção, a curto ou médio prazos, visando a um aumento de renda familiar.

Existe uma possibilidade de planejar produção de leite para o mercado, depois de instalação da energia elétrica no Assentamento e com a destreza maior dos produtores

para criar o gado leiteiro, que estão comprando com o PRONAF-A. Pensa-se em colocar tanques de resfriamento em lugares estratégicos na área.

O pouco que se pode observar e aprender pode-se afirmar que os serviços de ATER oferecidos aos produtores do Assentamento não se tratam, exatamente, de uma *assistência* ao trabalho ou à organização dos produtores e da produção. As famílias estão diante de uma nova experiência de produção, em terras diferentes. As práticas de trabalhos familiares, complementares e especializados por tradições culturais, não são levadas em consideração na atenção dada pela EMATER, que tem a missão principal de apoiar elaboração de projetos produtivos visando ao empréstimo bancário.

Também não parece haver um preparo ou disponibilidade de técnicos da EMATER, naquela região, para oferecer atividades de extensão rural para situações como a de um Assentamento de INCRA, que reúne famílias de cultura e vida tradicional, que vieram transferidos de um Parque Nacional, sem que tenha sido real a vontade de deixar a área. Ainda é preciso considerar o fato, dos mais característicos destas famílias, que é o de terem passado séculos — várias gerações — sem nunca terem sofrido influências ou contatos diretos com políticas públicas ou serviços diretos de governos, muito menos de nível federal. Sempre viveram em um universo bem isolados, de relações familiares e de técnicas de sobrevivência ligadas à natureza.

3.5.3 - O individualismo e as organizações associativas

O fato de serem individualistas em suas formas aparentes de vida, no cotidiano, não pode, nem deve, ser considerado um fator negativo. Ser *individualista* costuma ser um termo empregado, no meio intelectual e urbano, de forma pejorativa. Para o povo do Sertão e do cerrado daquelas localidades, é um estilo de vida, consolidado historicamente e ao longo de séculos. Não é à toa que distâncias entre as casas, vizinhos e parentes, não são somadas quando é tempo de se reunir para uma festa, um cantório, um enterro, uma Folia ou Giro de Folia, uma reza ou romaria, danças e brincadeiras. Por isso são tão unidos e comunicativos, pois são deslocamentos para festejos e celebrações que os costumam motivar. Não medem esforços para festejar, rezar coletivamente, caminhar juntos para um encontro tradicional, cavalgar dias e dias em Giros de Folia, brincar uma noite toda com danças variadas e negociar em feiras.

Com as interferências das políticas públicas diretamente na vida das famílias, as que moravam na área que se transformou em Parque Nacional (o PNGSV) em 1989, houve, em seguida, a decisão governamental de transferir os moradores para áreas fora do Parque. Depois, essas famílias tiveram que acenar sobre um futuro desconhecido: mudar coletivamente para outro local ou receber indenização e tomar outros rumos, por conta própria.

Em um outro momento, foram envolvidos com o processo de criação de uma entidade associativa — a Associação Rural Sertão Veredas, ARSEV — em março de 2002, que se tornou uma estratégia formal para facilitar os contatos com o INCRA e outros órgãos governamentais, e viabilizar os processos de mudanças para o Assentamento. Sem a organização formal em associação, as famílias não teriam nem mesmo possibilidades de conseguirem os empréstimos pelo PRONAF, nem de receberem sementes e implementos como incentivos agrícolas.

Não se pode dizer que a ARSEV se criou por iniciativa e interesse consciente dos moradores do Parque, nem que a organização tenha se formado por absoluta livre adesão. A manutenção da ARSEV deveria ser por meio de pagamento de mensalidades e prestação de serviços, mas há uma tímida participação dos integrantes quando se focaliza a preocupação na vida e estrutura funcional da entidade. A inadimplência é sempre maior que a metade dos associados, que não chega a 70 adeptos formalizados. O presidente não soube precisar o número de associados, que podem ser homem e mulher de uma mesma família, de todo o Assentamento. A sede da Associação é na sede da antiga Fazenda São Francisco.

Não há regras precisas para a administração do patrimônio comunitário que está sob a responsabilidade da ARSEV, quais sejam: 2 Casas de Farinha equipadas com motor à gasolina, uma na sede do São Francisco e outra na sede do Gentio; 1 roçadeira (sem trator) que está, há meses, emprestada com um fazendeiro vizinho, fora da área do Assentamento; uma bomba à diesel, estragada, que puxava água do córrego Gentio para reservação na sede; a roda d'água que está instalada naquele córrego, que foi recuperada por interesse de funcionários da CEMIG que se acomodaram na sede do Gentio, enquanto realizavam as obras de eletrificação da região. Informalmente, a regra para uso das Casas de Farinha é utilizar o espaço e equipamentos quando estiverem disponíveis e deixar tudo limpo. As despesas com a gasolina do motor ficam por conta do grupo que o utilizar.

Pode-se inferir que a organização é algo que tem existência externa a eles. Grande parte dos associados comparece nas reuniões mensais, pois é este o meio e a oportunidade de se tratar de assuntos de interesse comum, como empréstimos, assistência técnica, distribuição de sementes, de insumos que foram enviados, sem ônus, por instituições públicas. A entidade é representativa dos moradores do Assentamento porque órgãos e instituições governamentais, ou não-governamentais, assim a consideram.

Em maio de 2.005, outra Associação — Associação de Quilombos e Afrodescendentes do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, ASKAD — foi criada no Assentamento, com a adesão de muitas famílias que se opunham à política e práticas da ARSEV, ou simplesmente por simpatia aos membros e lideranças da nova organização. Alegam, alguns membros da nova organização, que a ARSEV é muito submissa às decisões externas e que não representa os anseios e os desconfortos com as mudanças, não percebidas pelas autoridades envolvidas.

A primeira associação não foi capaz, conforme depoimentos, de pressionar eficazmente o INCRA, IBAMA e FUNATURA para receberem as indenizações de benfeitorias, terras de família centenariamente ocupadas na área do Parque. Também não se conseguiu o cumprimento de promessas de se respeitar a arquitetura das casas tradicionais das famílias do Parque, mesmo que fossem de alvenaria, e tiveram que seguir as plantas impostas pelo padrão INCRA.

A maioria dos integrantes é proveniente de famílias que moram na área da antiga fazenda Gentio. Pelo estatuto da associação ASKAD, os adultos da casa podem ser sócios. Adolescentes com mais de 15 anos, “que sejam responsáveis” podem ser sócios. Há uma única sócia com esta idade, por enquanto.

A bandeira que identifica e que dá visibilidade à ASKAD é a busca de reconhecimentos oficiais daquelas famílias como sendo quilombolas. Neste caso, estarão, entre outros direitos assegurados por lei, isentos de pagamento do valor da terra para o INCRA. Procuram, por meio de pesquisas e estudos o resgate da origem das famílias e de seus costumes e tradições que vieram dos antepassados afrodescendentes.

Em 22 de julho de 2006, conseguiram reconhecimento da comunidade de São Francisco e Gentio como sendo quilombolas (publicação no Diário Oficial da União, p.20). Conforme explicação de depoentes, o reconhecimento não é devido à cor de pele, mas à origem da cultura e tradições da comunidade. Tal reconhecimento foi por apoio e ações da Fundação Cultural Palmares, e teve (dia 25/07/06) registro e certificação do processo de várias comunidades, dentre elas a dos moradores oriundos da área do Parque (registro nº 645, folha 155).

A resistência de algumas famílias e entidades a estas idéias e movimentos se confundem com resistência a posições políticas diferentes das defendidas e praticadas por grupos de famílias que não aderiram à nova associação. Não aceitam que seja ela representante dos moradores do Assentamento.²²

As instituições públicas e a FUNATURA continuam suas relações com os moradores por meio da ARSEV. Os financiamentos do Banco do Brasil para o PRONAF vêm por meio desta associação. A EMATER tenta envolver todos os moradores em suas reuniões e, para tanto, decidiu fazer sempre duas reuniões ou cursos semelhantes, na sede da “fazenda” São Francisco, e na sede do Gentio, em datas diferentes. O Técnico da EMATER. Sua opinião é a de que o Assentamento — relativamente pequeno e de famílias conhecidas, com vínculos fortes de parentesco — está sofrendo divisões e dificuldades por causa da existência das duas associações.

Três entrevistados e uma entrevistada (em lugares e dias diferentes) se queixaram dos embaraços e “brigas”, “desentendimentos” entre moradores, parentes, compadres, por causa das duas linhas de associações. Nas palavras de uma deles: “duas associações, isso criou *malquerença* entre as pessoas”. Estas situações, dizem, nunca existiram quando moravam no Parque. As tensões de encontros entre adeptos dos grupos diferentes só se amenizam nas festas, nos Giros de Folias e nas danças destas festas. Nestas ocasiões não conversam sobre associações e os fazeres das duas.

3.5.4 - Equipamentos sociais (1) - energia elétrica e saneamento

A **Energia Elétrica** nos Municípios mineiros está na responsabilidade da concessionária CEMIG. Em Formoso a expansão da eletrificação rural está sendo objeto do Programa Federal *Luzes para Todos*, do Ministério das Minas e Energias, em parceria com as Unidades Federativas e Prefeitura, implantado em Minas Gerais desde 2003. As famílias do Assentamento ainda não contam com esse serviço, mas está prevista a ligação de energia até o final de 2006 (promessa da CEMIG é ligação no dia 22 de dezembro).

²² Seria necessária a realização de uma pesquisa mais específica e cuidadosa para a compreensão dos espaços ocupados e das relações de idéias e sociais firmadas, evitadas ou confrontadas.

Em algumas residências, antenas parabólicas jazem em cantos da varanda ou de um cômodo, aguardando a realização de um sonho: a de ter uma televisão em casa. Nenhuma parabólica está ainda em posição no quintal e não foi visto nenhum aparelho de televisão. Talvez haja alguns guardados, ou esperam a chegada o Papai Noel. Algumas famílias planejam colocar bombas simples nas cisternas ou em algum ponto de captação de água em margem de rio ou córregos.

Não falam em outros equipamentos elétricos, mas se deslumbram com a possibilidade de iluminação com lâmpadas elétricas. Isto significa a liberdade de não depender de lamparinas e seus combustíveis, de velas, fósforos. Não sabem dizer como vai ser a medição e a conta de energia. Nas casas, já estão instaladas, pelo Programa, três pontos de luz com as lâmpadas. A orientação dos técnicos da empresa de energia é colocar um ponto de luz em um quarto, outro na sala e um no banheiro. Mesmo solicitando trocas, não colocam em cozinhas. Não se sabe explicar o porquê.

Os projetos de **saneamento básico** estão no documento de desenvolvimento sustentável do Assentamento. Há forte indício de que proximamente o projeto de abastecimento de água (ver Mapa 02) seja executado, pois em janeiro de 2007 está prevista a assinatura de convênio da FUNATURA e CODEVASF que se propõe a financiar as obras. Em uma das Associações do Assentamento, o presidente da entidade não tem conhecimento deste projeto e da disposição da CODEVASF de financiar sua implantação. Para ele, o Abastecimento de Água vai ser executado via Prefeitura, com recursos do INCRA.

Segundo informações da Agente de Saúde que desde julho de 2006 atua no Assentamento, fez todo levantamento das condições de saneamento das casas, e constatou que apenas uma família tem em casa um banheiro em funcionamento com ligação de água, chuveiro e descarga no vaso sanitário. O proprietário fez perfurar uma cisterna, instalou uma bomba à gasolina que manda água para uma caixa d'água e serve banheiro e cozinha. Na maioria das demais casas, construídas no padrão INCRA, com paredes de tijolos, existe o banheiro, as peças, mas não a água. Há famílias que utilizam o vaso sanitário para fazer xixi, mas não o cocô, e levam água no balde para servir de descarga. O resto é no "mato", na areia, na beira das águas, onde se vai tomar um banho. Banho em casa é de "cuia", ou de latinha, bacia ou balde.

Nas entrevistas na cidade (13/dez/06), na abordagem sobre obras de saneamento básico no município, alguns entrevistados estão cientes que dependem de verbas da FUNASA ou de outros órgãos federais. Os estaduais não dispõem de projetos que se mostrem viáveis para pequenos municípios. Não há previsão. Na cidade não há rede de esgoto e as instalações sanitárias são destinadas às fossas. O lençol freático é raso, sobretudo perto de veredas, como é o caso de partes da cidade de Formoso. Suspeita-se de contaminação de águas da lagoa na cidade, formada por um barramento de água de vereda. Não há rede de esgoto direcionada para ela, mas há indicadores de poluição por coliformes fecais. No Assentamento, as cisternas cavadas (reforçadas com manilhas para evitar desmoronamentos) dão água para uso, com certa fartura, a partir de 6m em alguns pontos, até 20m em outros.

3.5.5 - Equipamentos sociais (2) Educação

No município, a rede escolar é composta de escolas estaduais e municipais, somando cerca de 1.600 alunos, moradores da cidade e da zona rural. As escolas estão assim distribuídas no município:

- ✎ 2 escolas Estaduais – ambas na cidade. Uma delas recebe alunos de 1ª série do Ensino Fundamental até o último do ensino médio; a outra é só para alunos do ensino fundamental completo, ou seja, de 1ª à 8ª série. Existe uma extensão (“segundo endereço”) da escola Estadual, para ensino Médio, na comunidade da Coopertinga.²³
- ✎ 3 escolas Municipais, para ensino Fundamental, sendo:
 - ✎ 1 na sede municipal, com ensino Fundamental completo e escola infantil;
 - ✎ 1 no núcleo da Coopertinga;
 - ✎ 1 no distrito de Goiáminas
- ✎ 6 escolas Multi-seriada (uma única sala e um professor para atender alunos de jardim até 4ª série). Estão em núcleos rurais. Duas destas escolas estão no Assentamento São Francisco e Gentio, nas sedes.

Tanto a Secretária Municipal de Educação, quanto às famílias entrevistadas no Assentamento reconhecem que as escolas multi-seriadas não resultam em ensino de qualidade, nem apresentam eficiência. Nas escolas do Assentamento, “não ensinam nada” (depoimento de morador). Os professores não estão bem formados para a função e a soma dos alunos das duas escolas não ultrapassa 15 crianças. A maioria dos alunos são crianças da pré-escola ou 1ª e 2ª série. A considerada com melhor rendimento é a de Gentio, cujo professor foi o mais citado, e que atua com até 12 crianças. Há muita ausência e abandono dos matriculados. Não há energia elétrica nem banheiros.

No Assentamento, os pais preferem mandar os filhos para a cidade, pelo transporte escolar, mesmo as crianças pequenas de 6-7 anos. É de 35km, a distância de um trecho, o que significa 70km diários em estrada de terra. Para eles, os pais, só existe esta alternativa, se almejarem ver os filhos aprendendo na escola formal. Não têm condições financeiras de manter casa na cidade para apoiar os estudantes.

Muitos pais, de todo o município, procuram a Secretaria de Educação para solicitar mudanças no sistema de ensino com a instalação de escolas perto das moradias, para maior eficiência e tranquilidade das famílias. Alegam que as crianças poderiam garantir a assiduidade e perder menos tempo em viagens diária para a cidade, evitando inclusive o perigo permanente de acidentes, principalmente no período das chuvas.

²³ A Cooperativa Agropecuária da Região do Piratinga Ltda, COOPERTINGA encontra-se no vale do Rio Piratinga, no alto da Serra do Marimbondo, a 1.026m de altitude. Está a 36km da sede municipal (Formoso). Foi fundada em 10.01.1990, a partir do *Projeto Piratinga*, de 1988, com recursos do PROCEDER (Japão - Brasil). Congrega 58 sócios e 59 funcionários. Atua no comércio de cereais *in natura*, soja, milho, feijão, sorgo, insumos agrícolas, combustíveis e serviços de armazenagem e beneficiamento. (fonte: <http://www.coopertinga.com.br>).

Certamente apresentariam melhor rendimento escolar e menor desistência de adolescentes para continuar seus estudos.

Um destes adolescentes, entrevistado no Assentamento, afirmou que deixou o 2º ano do ensino médio por impossibilidade de acompanhar a turma e o curso, tal o cansaço à noite (chegam ao Assentamento muito tarde, até de madrugada quando o ônibus enguiça). Além do mais, precisa garantir um trabalho e é grande a perda de tempo, e até do dia, aguardando a condução para a escola que, não raro, não chega, principalmente quando chove e as estradas ficam mais intransitáveis para carros grandes. Não há projetos, na Prefeitura, para solucionar problemas do sistema de transporte, nem para atender as reivindicações dos pais e adolescentes de ter escolas mais perto de suas moradias.

A Secretária de Educação e os pais entrevistados reconhecem a precariedade e os transtornos para a educação, provocados pela situação do transporte escolar. Este só serve aos alunos moradores da área rural. A frota do sistema de transporte é -- proporcionalmente ao número total de alunos na rede escolar (1.600) do município -- bastante grande, composta de: ²⁴

-  6 ônibus da Prefeitura;
-  22 ônibus terceirizados;
-  3 vans.

Atualmente, apenas 3 destes carros para transporte escolar estão em boas condições. Os demais, são veículos velhos ou, simplesmente, acabados, por falta de manutenção e enfrentando diariamente estradas ruins.

Na região do Assentamento existem duas linhas de ônibus escolar: uma atende alunos da comunidade de Bela Lorena (a mais de 50 km da cidade) e a outra pega alunos da Comunidade de São Joaquim (nas nascentes do Córrego Taboca) e as dos Assentamentos de São Francisco e adjacências. São mais ou menos 300 crianças transportadas nestas linhas, diariamente. Para a sede da Coopertinga, são transportados, todos os dias, cerca de 400 alunos da zona rural. Para a escola de Goiáminas, chegam 120 estudantes que dependem do transporte escolar.

Durante os dois *dias úteis* da semana que coincidiram com trabalhos de campo no assentamento (11 e 12 de dezembro), os dois ônibus, que fazem a linha escolar na região, não trafegaram, ambos atolados na proximidade da entrada do Assentamento. As crianças esperavam, em vão, e sem informações, o seu ônibus passar. Por falta de um trator disponível na circunvizinhança, os motoristas tiveram que aguardar “socorro” providenciado da cidade. No meio da manhã do dia 12 começou o processo de tirar os dois veículos. As aulas, na cidade, não esperaram, certamente, a chegada dos atrasados da região de Bela Lorena e do Assentamento.

²⁴ Até a data de fechamento deste relatório, em 5 de janeiro de 2007, não foi possível receber informações solicitadas sobre custo mensal da Prefeitura com o sistema de transporte escolar. A Secretaria Municipal de Educação de Formoso não conhece estes valores. A gestão deste serviço fica na Secretaria Municipal de Administração. Durante toda a tarde do dia 13 de dezembro a Secretária de Educação solicitou, por telefone, as informações aos colegas do Setor de Transporte, mas não obteve resultados. Adiarão a resposta para horas depois e, enfim, para o outro dia. A Secretária prometeu enviar as informações para a pesquisadora, no dia seguinte, via e-mail, mas isso não aconteceu, mesmo tendo sido lembrada por mensagem eletrônica, dia 20 de dezembro.

3.5.6 - Equipamentos sociais (3) Saúde

Em Formoso, na área de saúde, são os seguintes os equipamentos sociais disponibilizados para a população:

- 1 Unidade Mista de Saúde (desde 1977), com 12 leitos de observação, atendimento de partos simples;
- Na UMS atuam 2 médicos (clínicos) permanentes; + 2 médicos intercalados em final de semana (clínico e cardiologista);
- 2 equipes de PSF (Programa de Saúde na Família):
 - 1 PSF é completa, com dentista e atende na UMS;
 - 1 PSF, sem o dentista, atende 5 comunidades – São Francisco-Gentio (desde outubro 2006), Piratinga, Lingüiça, Amescla/Palmital/Santa Inês (perto do limite de Buritis), Goiáminas (distrito de Formoso, no ponto limite com Goiás, e município de Buritis, única das comunidades que já está com energia elétrica) – quase uma vez por mês, com apoio de um carro para os deslocamentos.
- 1 laboratório para exames e análises simples de sangue, fezes, urina.
- 3 ambulâncias, 2 delas em estado precário: 2 na cidade e 1 no distrito Goiáminas.
- 1 Posto de Saúde em Goiáminas, onde o PSF atende à comunidade.
- No caso do Assentamento São Francisco, uma Agente de Saúde, moradora no local, atua na comunidade desde julho de 2006. Atende também 14 famílias na comunidade vizinha de São Joaquim. Fez ficha e levantamento das condições de vida, de saneamento e de saúde de todas as famílias.

A Gerência Regional de Saúde é na cidade de Unaí. Em casos de urgência, inclusive casos de partos de cesarianas, são encaminhados para Buritis ou Brasília, sobretudo no Hospital da cidade satélite de Sobradinho. A principal ocorrência de doenças é o *Mal de Chagas*, diagnosticado sobretudo entre a população com mais de 40 anos. No Assentamento São Francisco, apesar de ter moradias novas e com construções de alvenaria, no padrão INCRA, já aparecem casos de incidência do inseto *Barbeiro*, transmissor da Doença de Chagas. Observa-se que a maioria das famílias conserva uma casa tradicional de adobe, coberta com palhas de Buritis, onde há as maiores concentrações de *Barbeiros*.

As casas foram construídas, em caráter provisório enquanto edificava-se a de alvenaria, e outras foram levantadas após estarem prontas as do padrão INCRA, que têm dimensão pequena para acomodar uma cozinha mais ampla, externa ao local de dormitórios (conforme costumes e cultura), com fogão de lenha e local de dispensas de produtos cultivados. São mais frescas e arejadas que as de cobertura de telhas de amianto ou de cerâmica. A família prefere passar a maior parte do dia nas casas de adobe ou taipa. Algumas destas casas de adobe, ou barro embutido em taipa, estão sendo mantidas também para servir de depósitos.

A hipertensão, diabetes e diarreias nas crianças são também problemas de saúde muito comuns. As dificuldades das equipes de PSF e das Agentes de Saúde locais, sobretudo na zona rural, é fazer com que os hipertensos tomem os remédios de controle regularmente. A preferência é de tomar remédios quando sentem desconforto por agravamento da doença e, quando melhoram, voltam a tomar remédios caseiros. Para os demais males de saúde, o mais usual é o uso de remédios produzidos por

práticos que utilizam plantas do cerrado. Em São Francisco e Gentio não é diferente e não sentem falta de “remédios de farmácia”.

]

O alcoolismo é bastante presente no município e na comunidade de São Francisco e Gentio, desde quando moravam no Parque. Há mais homens, mas também mulheres que são alcoólatras.

Pelos dados do *Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil* (2003), no município de Formoso registrou-se um percentual de 0,1% de meninas entre 10 e 14 anos já com filhos. Em 1991, 16,9% das meninas de 15 a 17 anos eram mães e, em 2000, esta taxa desceu para 10,8%. A percentagem de crianças que crescem em famílias que têm, como renda mensal, menos de $\frac{1}{2}$ salário mínimo era de 77,9% em 1991, passando para 72,8% em 2.000.²⁵

Além do mais, a taxa municipal de mortalidade infantil até 1 ano de idade (por 1000 nascidos vivos) era de 39,9 (1991) e 35,2 (nos dados do ano 2000). Os resultados dos índices de mortalidade infantil, para o Brasil, Minas Gerais e Região Sudeste, no ano 2.000, eram, respectivamente de: 28,23‰; 22,20‰ e 19,10‰. O índice de mortalidade infantil da Região Nordeste era, em 2.000, de 44,90‰. Significa dizer que os índices de mortalidade infantil de Formoso estão mais próximos da realidade nordestina.

Tanto é importante no ponto de vista da produção de alimentos, da educação e da saúde a presença de **Programa Federal de Bolsa Família**. Cerca de 60 % das famílias do Assentamento recebe a Bolsa Família, cujo valor varia de R\$15,00 a R\$95,00 mensais por família. As diferenças ficam determinadas pela situação de necessidade que a família se encontra, pelos critérios do Programa, baseados no valor da renda per capita: se é de até R\$60,00 (recebe o valor máximo da BF), e se alcança até R\$120,00 per capita, a família tem o direito de receber o menor valor da BF. Entre estes pólos de valores de renda, varia o valor da Bolsa Família.

A Secretaria de Promoção Social (a ser oficialmente criada no Município, substituindo o Departamento de Ação Social vinculado diretamente à Prefeitura) é a responsável pela distribuição das 1895 bolsas destinadas ao Município. As entrevistadas nesta Secretaria não souberam informar, com precisão, o número de famílias que recebem Bolsa no Assentamento, mas afirmaram ser um pouco mais de 50%.

Mas o que oferece maior segurança às famílias e aos mais velhos são as aposentadorias. Rendem uma quantia fixa financeira, com a qual a família pode fazer seus planejamentos. Desde a década de 70, o panorama brasileiro, na zona rural, tem se modificado com os valores das aposentadorias e, socialmente, os velhos têm recebido mais atenção e carinho dos familiares. Foi um fator que contribuiu para a melhoria de vida de muitos sertanejos. Isso é constatado em diversos estudos sobre esta renda. Para as famílias que viviam no Parque, esta oportunidade de os velhos e deficientes inativos se aposentarem surgiu com o processo de cadastramento e mudanças. Antes de saírem, já 30 famílias tinham alcançado este direito de cidadania.

²⁵ Para se ter uma referência, o Salário Mínimo em dezembro de 2006 era de R\$350,00. O valor de uma mensalidade na Associação dos Produtores era de R\$2,00; uma galinha era vendida no Assentamento ou na cidade por R\$10,00 em média; uma dúzia de ovos, vende-se por R\$2,50 ou R\$3,00; um saco de farinha de 50kg é vendido por R\$60,00 ou R\$70,00 para vizinhos no Assentamento ou na *rua*, na feira da cidade; trabalhador “à *dia*” (uma diária) vale R\$15,00 para serviços no quintal ou na roça.

4 - PATRIMÔNIO IMATERIAL DA CULTURA

A construção deste relatório foi erguida com dados provenientes de leituras e análises das fichas de inventários na forma de *Questionários de Identificação* do Projeto Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do convênio da FUNATURA como o IPHAN. As fichas preenchidas por equipe da FUNATURA, seguindo metodologias do INRC, contêm informações resultantes de entrevistas junto a moradores do Assentamento São Francisco, relacionadas com *ofício e modo de fazer; celebrações; e formas de expressões*.

Um músico profissional realizou gravações das músicas e poesias cantadas pela comunidade. As letras das músicas são ricas em histórias, crenças valores e costumes. O registro fotográfico, por uma profissional, congela gestos, instrumentos, expressões, sorrisos, coisas e casas e deixa transparecer coloridos de alma e sentimentos deste grupo pesquisado.²⁶

Para traçar uma relação entre celebrações comunitárias e o senso da musicalidade deste grupo foram estudadas fichas, ouvidas músicas, apreciadas fotografias e, sobretudo, entrevistados personagens do Assentamento, visando subsidiar a identificação do patrimônio imaterial cultural da comunidade, do Projeto **Inventário dos Bens Culturais da Comunidade do Assentamento São Francisco Oriunda do Parque Nacional Grande Sertão Veredas – MG**.

A organização deste capítulo quebra limites rígidos desenhados por títulos e temas dos *questionários de identificação*, para apresentar a visão de uma unidade, representada por uma trança torneada com elementos de *ofícios e modo de fazer, celebrações, músicas e expressões culturais*.

4.1 - ANOTAÇÕES SOBRE CASAS DE FARINHA

O que se celebra nas Casas de Farinha? Fazendo farinha, a musicalidade do grupo aflora? O patrimônio cultural, imaterial, está na mandioca, plantada e buscada, no ralador dela descascada, no tipiti e prensa da massa, para chegar na farinha e no polvilho ou no beiju? Ou o patrimônio imaterial da cultura está em tudo que com estes produtos se usa para transformar em comidas e quitutes, e que se consome, em casa, no trabalho e nas festas? Vejamos!

4.1.1 - Casas de Farinha - Usinas

As duas casas de farinha comunitárias existentes no Assentamento foram construídas com ajuda de material doado pela FUNATURA, em 2004 e 2005. As edificações tiveram a participação dos moradores. Uma delas está no espaço da sede do Gentio e a outra na sede do São Francisco.

²⁶ A equipe FUNATURA que realizou esta etapa do **Projeto Inventário dos Bens Culturais da Comunidade do Assentamento São Francisco Oriunda do Parque Nacional Grande Sertão Veredas – MG** — com coleta sistemática de dados em campo, organização e elaboração dos Questionários de Identificação — esteve formada pelos pesquisadores e profissionais: Helena Oliveira, Thaís Teixeira, Lana Guimarães e Roberto Correa.

Informações de entrevistados afirmam não saber quem são os responsáveis pela gestão destes patrimônios comunitários nas sedes dos dois pontos do Assentamento. Alguns julgam que é responsabilidade da FUNATURA, outros que é a Associação Rural Sertão Veredas – ARSEV. Segundo informações da FUNATURA e da ARSEV, as duas Casas de Farinha estão, em princípio, sob a administração desta Associação.

Não há, no entanto, regulamentos escritos para o uso e gestão do bem comunitário. Todos os moradores do Assentamento podem utilizar o espaço para produção da farinha, conforme sua própria organização, tendo como regras gerais, de conhecimento de todos: (1) que o combustível para o motor à gasolina que toca a máquina de ralar, é despesa a ser rateada entre os participantes do grupo usuário; (2) que o grupo que utilizar o espaço e os equipamentos deve deixá-los limpos, como encontrou. Para o complexo da fabricação da farinha e derivados, são necessários dois dias de trabalho em equipe: um para preparar a mandioca, ralar e prensar; outro só para torrar a farinha e colher o polvilho. A combinação do dia para a atividade de um grupo é acertada entre os interessados.²⁷

Conforme afirmação do presidente da ARSEV, não há pagamentos à Associação pelo uso das Casas de Farinha. Um dos usuários desta Casa de Farinha entende que o pagamento da mensalidade da Associação, que é de R\$2,00, é a contribuição para a utilização daquele espaço e equipamentos. Como a farinha é produzida no período da seca, ele se apressa a pagar à entidade, adiantado, R\$10,00, correspondentes ao pagamento de 5 meses, para o uso mensal da Fabrica. Não há menção do pagamento das demais mensalidades da entidade.

Um dos entrevistados no Assentamento (dez. 2006) e o técnico da EMATER (dez. 2006) garantem que as duas casas comunitárias foram edificadas fora do padrão desejável de garantia de higiene, o que compromete a qualidade dos produtos, em termos de riscos de contaminação e de garantia de valor de venda da farinha e derivados. No entanto, as demais casas de farinha, da região e no Assentamento, seguem o mesmo padrão. Todas precisam de reformas e de adaptação para atender as exigências sanitárias. Em outras localidades na região Noroeste, produtores de farinha já seguem as exigências sanitárias do mercado, mesmo que não estejam presentes as modernidades da vida urbana, como a energia elétrica instalada e os sistemas de saneamento em funcionamento. A comunidade quilombola de Buraco (Chapada Gaúcha) segue estas novas orientações, desde 2003.

As precariedades higiênicas são devidas à concepção e materiais de construção utilizados, pois têm a cobertura de palha de Buriti (o ideal é de cobertura de telha) e não estão muradas (muro baixo) ao redor do prédio das atividades. Estes dois itens — a cobertura de telha e o muro — são considerados, pela vigilância sanitária, técnicos do CENAR e da SEBRAE, como imprescindíveis, para evitar contaminações por animais (ratos, aves, cachorros e gatos) e insetos que fazem seus ninhos, moradas ou esconderijos nas palhas dos telhados e circulam livremente pelo espaço da Casa de Farinha e seus equipamentos. Da cobertura com o buriti é grande a probabilidade de tombar, da palha, urinas e dejetos de ratos, baratas, ciscos, e outras sujeiras impróprias em produtos destinados ao consumo humano.

²⁷ Informações fornecidas pelo Presidente da Associação ARSEV, em 12 de dezembro de 2006.

Algumas famílias têm sua Casa de Farinha, ou a *usina*, em sua propriedade, para atividade da sua família, de amigos ou vizinhos que solicitam o espaço para fabricar sua farinha. Emprestam. Na casa de uma das famílias entrevistadas (dez. 2006) a *usina* é improvisada, em casa de palha, parede de adobe, em meio a depósitos. A tradicional roda tocada a 4 mãos, está presente. Em geral, as “fábricas” caseiras são menos sofisticadas que as novas, comunitárias. Uma família do Assentamento já tem as instalações protegidas com telhas. Alguns moradores entrevistados têm planos de construir ou melhorar suas instalações, mudar a palha do telhado por telhas, melhorar o conforto, adaptar motor com a chegada da energia, proximamente.

Não há grandes tradições de reunir muitas famílias para fazer a farinha. Como no Parque elas moravam distantes, criaram o hábito de fazer pouca farinha, mas repetindo o processo muitas vezes, em outros dias. Os membros da família dividem as funções.

O melhor período para a fabricação é o de clima seco. Não há cantorias tradicionais, sobretudo entre famílias de mais jovens, mas é uma oportunidade grande de celebrar as diferenças e as relações de família, de firmar modos de fazer, de realizar as divisões de funções, conforme sexo e faixa etária. É um costume da tradição, aceito e repetido.

Nas fichas resumo dos Questionários de Identificação do *ofício e modo de fazer* sobre o processo de fabricar a farinha de mandioca e seus derivados, deram depoimentos 3 mulheres e um homem. (Q60 - das entrevistas em agosto de 2006). Estiveram reunidos em uma Casa de Farinha particular, para participar da demonstração de um processo de fabricação de farinha, para criar situação e contexto para a gravação dos cantos que se realizam no esforço sincronizado de fazer girar a roda que toca o cilindro do ralador da mandioca.

Os cantos dos tocadores da roda não são mais cantados como antigamente. Nas *usinas* ou *oficinas* de farinha enquanto a roda girava pela força de 4 homens, cantavam, gente e engrenagens. Divertiam-se e marcavam o ritmo do trabalho. “Eles inventavam, iam cantando e relando a mandioca... eu era nova, era menina ainda...” (Q60 - agosto 2006, depoente nascida em 1938). A musicalidade, presente na fabricação da farinha, se perdeu mais ainda com a substituição da roda por motores que movimentam o ralador da mandioca. Porém, as melodias e as letras estão na memória dos mais velhos, principalmente, e estão na sintonia das vozes combinadas daqueles.

As gravações das músicas e cantos da roda da *usina* resultaram em parte do CD da musicalidade e da memória da comunidade, que faz parte material deste Projeto de Inventário dos Bens Culturais da Comunidade do Assentamento São Francisco, na fase *Inventários: musicalidade*.

4.1.2 - Processo de produção

Antes de existir o motor para ralar a mandioca (já descascada em fase anterior)²⁸, a função era garantida pela força humana. Uma correia que movia o ralador era movimentada em uma roda, tocada por quatro homens, em par, que a faziam girar ao puxarem os dois pares de manivela daquela roda. Um par (de manivelas e dos homens

²⁸ As cascas, ainda hoje, vão para o gado. Como é, e sempre foi, atividade em grupo de família, se combinava antes, sobre a destinação destas cascas, conforme a propriedade da mandioca, ou necessidade dos participantes.

que as puxavam) ficava lado a lado, separado pela roda, de frente ao outro par de companheiros, posicionados na mesma situação. Era função masculina.

Na tradição das famílias, na roda se cantava para passar o tempo, divertir e principalmente dar o ritmo ao movimento de “puxar a manivela”, que tinha que ser ação muito precisa, executada com atenção e integração. Ralar a mandioca, que era empurrada, no ralo em movimento, é uma atividade mais usualmente realizada pelas mulheres.

Aprendia-se e participava-se da produção desde muito criança, junto com os pais. A aprendizagem era pela observação e depois, pela “ajuda”, ou seja, executando tarefas, imitando os adultos. À medida que iam crescendo, meninas e meninos participavam, e ainda participam, do processo de fazer a farinha, desde o cultivo, a colheita ou a busca/transporte da mandioca. Depois, estavam presentes e agindo, sem muita precisão de tempo e de tarefas, na transformação da mandioca em farinha, polvilho, tapioca, crueira. Assim aprendiam também a ouvir e a cantar.

Pelos depoimentos e recorrência do tema, deve-se chamar a atenção para o fato de que só depois, quando a criança se integrava realmente no processo, com sua força de trabalho sistemática, como a dos adultos, é que ela se tornava efetivamente membro da sociedade, ou seja, **começa a vida**. O trabalho produtivo na Casa de Farinha é, pois, marca de inclusão na vida da comunidade: “eu comecei minha vida cedo” (aos 12 anos), como era costume na região. Quando tinha 12 anos, um entrevistado conta que “já puxava a roda (...) puxava de quatro, com pareia”. Era necessário ter força e concentração.

Portanto, desde cedo, as crianças já participavam de algumas fases da fabricação da farinha. Com até cerca de 10 a 12 anos de idade, o trabalho era considerado como “ajuda”, seja no plantio, nos tratos culturais, transporte, descascação. Mais antigamente (há duas gerações aproximadamente) as mandiocas eram buscadas na roça, com carro de boi, que tem a característica de passar por caminhos não existentes, avançar lentamente, transportar muita carga. Às vezes a mandioca era buscada longe, em outros municípios (em Goiás) ou cantos distantes do município de Januária. Agora se faz com carroça, puxada por animais, ou em bruacas carregadas por burros, em caminhos mais traçados, em compartimentos menores. As distâncias no assentamento são curtas. A mandioca está mais perto. Há muitas glebas ocupadas com mandiocal.

O plantio da mandioca se dá nos meses de chuva, “nas águas”, e demora 1 ano e meio para a colheita (na seca). A mandioca boa e a farinha de qualidade dependem de conhecimentos práticos, adquiridos culturalmente, por valores de referência compartilhados: o que é *bom* e o que é *ruim*. A mandioca, na colheita, deve estar “enxuta” (seca, sem chuva), que é um passo para garantir, como resultado, uma farinha “alvinha”, “doce”. Quando pega a mandioca mais molhada, fora de época da seca, a farinha fica “amarelada” e meio “azedada”, ruim. Dá para consumo, mas não serve para a venda. Ninguém compra. A boa, costuma ter compradores dos excedentes produzidos, tanto no próprio Assentamento, quanto na cidade. A farinha boa é um valor cultural.

As matérias primas para o fabrico da farinha são, não apenas a mandioca, mas também a água. Esta também é buscada. Não existe em torneiras! As águas que buscam para os trabalhos de transformação da mandioca em farinha não passam por

qualquer tratamento. Como já foi mencionado anteriormente (item 3.4.1), as águas disponíveis na área do Assentamento são menos volumosas, mais raras no período sem chuvas, de menos qualidade e, quase sempre, mais distantes das moradias. Por isso, cerca de 20 ou 30 famílias construíram poços para ter acesso a águas subterrâneas, consideradas por eles de boa qualidade.

A água que lava a mandioca e que escorre da massa prensada e apertada é tóxica. É tão tóxica que, conforme explica um produtor, quando ela escorre pela terra e alguma galinha ou pintinho tomar dela, morre na hora! Evitam a proximidade de qualquer animal das águas que escorrem da massa da mandioca. Sabe-se que a orientação técnica de produção de farinha é que este líquido deve ser destinado a um reservatório bem protegido que evite sua penetração no solo e contaminação do lençol freático.

No Assentamento e na região, não há qualquer tradição de dar atenção ao destino final da água que passou pela massa da mandioca ralada. No entanto, um dos produtores de farinha guarda a água da qual decantou o polvilho para vários usos: (1) endurecimento e impermeabilização de chão batido, em casa ou no quintal; (2) deixa guardado um tempo para fermentar e azedar e depois faz diferentes usos do produto: inseticida nas hortas e jardins; em casa quando aspergido no solo evita ajuntar insetos (mosca, pulga, piolho de galinha); acrescentado em água, dá banho em cachorros para matar pulga e repeli-las. Esta sabedoria não é de domínio da EMATER que atua na região, mas um conhecimento adquirido pela experiência tradicional, um valor cultural.

Para uma oferecer uma referência, um produtor de farinha em sua *usina* caseira gasta 125 litros de água para 4 carrinhos de mandioca o que resulta em 75kg de farinha e 20 litros de polvilho. Para os 20 litros de polvilho que foram decantados, recolhe e beneficia cerca de 50 litros de líquido tóxico da mandioca.

4.1.3 - Os alimentos

A farinha, fabricada com toda tradição regional e costumes de família, alimenta o sertanejo, adoça a vida, reaviva a musicalidade de um povo que não compreende refeições sem a mandioca virada farinha, quer seja pura, quer seja transformada em bolos, sopas, beiju, biscoitos com o polvilho, bolinhos e pão de queijo.

Comer farinha é uma tradição na alimentação diária. Um entrevistado descreve a mandioca e a farinha: "...a mandioca chama 'mãe', serve pra tudo. A gente tendo farinha em casa é bom demais. Se tiver farinha não precisa arroz, não. Come farinha com café, faz até uma sopa." (*Questionário de Identificação - ofício e modo de fazer*, Q60 - ago.2006. Entrevistado nasceu em 1935)

Uma senhora do Assentamento, que desde criança faz farinha, tem como opinião o valor da farinha: "A importância pra mim é que eu gosto mesmo de farinha. Não como sem farinha! E o polvilho serve pra fazer um beiju, um biscoito frito, um pão de queijo... a gente mora na roça, tem que aprender tudo da roça e trabalhar mesmo... é no sofrimento mesmo. [a farinha] é importante pra toda a comunidade." (*Questionário de Identificação - ofício e modo de fazer*, Q60 - ago.2006 - entrevistada nascida em 1945)

"A gente faz a farinha é pra comer!"; "Tem vez que vende um pouquinho, mas não acha quem compra não... ninguém quer comprar farinha. Uma vez eu vendi um saco

de farinha pra Valdomiro ali ó... mas ninguém vende não. É pra comer... dá ao povo... quem não tem a gente dá..." (Q60 - ago 2006, depoente nascido em 1935)

Em suma, a farinha e o polvilho são elementos que estão na base da alimentação. A venda de excedentes é rara: acontece com conhecidos. A farinha é produto de *dádiva*, ou seja, oferece-se como doação a quem não tem no momento, a quem é mais carente. Resulta, enquanto dádiva, no estreitamento e celebração de relações, atua na coesão social, na interação, e na construção de senso de comunidade.

O beiju tem o significado de um pão ou biscoito, quando servido às visitas para acompanhar o café. Os produtos derivados da mandioca são de apreço de todo sertanejo, da identidade do lugar. O ofício e modo de fazer a farinha e o polvilho, os bolos e biscoitos e do conhecimento de todos, desde criança, e mesmo dos que já não moram na região há anos. Voltam, em dadas ocasiões, para participar da feitura da farinha com a família. É uma festa! É uma celebração! Os subprodutos da mandioca, da farinha e do polvilho são servidos nas festas da comunidade e das famílias, em diversas formas de alimentos, produzidos nas cozinhas.

4.2 - ANOTAÇÕES SOBRE CELEBRAÇÕES

Neste relatório, privilegia-se as festas e as celebrações de cunho religioso e manifestações profanas, como espaço apropriado onde emerge, com mais ênfase e espontaneidade, a musicalidade, como valor cultural da comunidade do Assentamento São Francisco.

Neste Assentamento, as famílias conhecem e celebram, ou participam, das festas dos Santos Reis, de São Sebastião, de São João, de Nossa Senhora Aparecida, de Santa Luzia. Estas foram as festas citadas nas entrevistas, salientando-se a dos Santos Reis como a mais popular e prestigiadas pela comunidade.

Também os movimentos de romarias de santos são oportunidades de deslocamentos fora de seus territórios, celebrações sociais e sagradas, e as mais citadas e freqüentadas são, na ordem: a de Santo Antônio no Distrito de Serra das Araras (município de Chapada Gaúcha); a Romaria de Bom Jesus da Lapa, no município do mesmo nome, na Bahia; a romaria de Nossa Senhora da Abadia do Muquém, no município de Niquelândia, Goiás. Embora façam parte das relações das famílias do Assentamento, festas de romarias não são objeto do presente estudo.

4.2.1 - O homem, a natureza e o sagrado

No célebre livro de João Guimarães Rosas - **Grande Sertão: Veredas**, o personagem central agia e falava pela alma, sentimento, personalidade do sertanejo. Para o presente relatório, na abordagem sobre celebrações, é significativa a passagem

selecionada por Santiago Sobrinho: “Riobaldo interessa-se mais pelo movimento das coisas do que pelas coisas em si.” (P.46).²⁹

Ao longo da obra pode-se perceber que o movimento de um animal vale tanto quanto sua natureza animal. Na obra, encontram-se passagens onde os animais falam, os rios conversam com os sertanejos. Os céus dão sinal de chuva, os animais têm sentimentos. Nas danças que acontecem nas Festas de Santos no Assentamento, foliões e pessoas da comunidade se divertem nas *danças de terreiro* ou *brincadeiras de roda* (terreiro é onde se desenvolve, no cotidiano, os trabalhos com a criação — galinhas, porcos, patos) nas quais imitam o *tamanduá*, o *carneiro*, a *barata*, *Mergulhão*, *Cana Verde*, *Ariri*. Vale lembrar que os depoentes falam da dança e canto do *Ariri* (que é uma palmeira da região), mas no momento de cantar, o grupo diz, nos versos musicados: “oriri orirai...”.

Os movimentos das pessoas, da natureza e na natureza são frases para a leitura dos acontecimentos, do tempo, do clima, dos significados das manifestações humanas. São celebrações de acontecimentos, de santos, de divindades e, também de fazeres, de ser e de estar. Exemplos não faltam nos estudos privilegiados da musicalidade do povo do Assentamento São Francisco, como por exemplo, perceber os dizeres dos movimentos em uma Casa de Farinha, nas diferentes fases de uma Festa dos Santos Reis, da do Divino, na postura de um festeiro, de um folião; no comportamento de um Alferes, no que se bebe e no que se come nas diferentes ocasiões.

Fundamentalmente, e de fácil visibilidade, sempre se *está dizendo alguma coisa* nos movimento dos corpos, seja no cavalo de um Giro de Folia, à pé, na dança das brincadeiras, do forró, ou no momento do cantório (é reza, estruturada e cantada) de um Guia e Contra Guia de Foliões. O saber disciplinar o corpo para celebrar o coletivo, assim como celebrar sistemas comunitários, e saber ler seus significados é, também, um patrimônio imaterial de uma comunidade.

“O romance GSV é construído por um intrincado entrelaçamento entre as necessidades humanas e as necessidades da natureza, formando uma rede em que o sujeito e o objeto, homem e natureza, jamais se separam.” (Santiago Sobrinho, 2003; p.32). Sem dúvida alguma, a obra do mestre Guimarães Rosas coloca o ser humano, a natureza e o sagrado em um entrelaçado mais rico, de movimentos que se confundem, “jamais se separam”. Trata-se da sociedade, da natureza e do que é da Divindade.

Portanto, na vida do sertanejo, não há limites rígidos entre a sua existência (e de sua família e grupo social), com a vida da natureza (as plantas, terras, águas e animais), e com o mundo do sagrado, no alvoroço de santos e divindades em movimento. Em todos estes universos as relações se diferenciam pelas aparências, poderes e valores. Seja como for, tudo é movimento, tudo tem significado na linha do tempo, do espaço e das relações — entre gerações dos homens, entre estes e a natureza, entre esta e as divindades, entre todos, o tempo todo, particularmente nos rituais de celebração e nas trocas, que garantem o sistema de relações e de coesão, proximidade, vínculos, entre todos, igualmente.

²⁹ João Batista Santiago Sobrinho. **Imagens da Água no Romance Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa**. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2003.

Vejamos o que acontece no real, na visão dos moradores e festantes do Assentamento São Francisco. Muitas vezes, muitas, os relatos que envolvem passado e presente, começam pela expressão “*de primeiro...*” (quando as distâncias invocam, no máximo 2 ou 3 gerações), ou até invocando tempos históricos ou lendários, quando o relato começa por “*no princípio do mundo...*”. O que se quer marcar são as **mudanças**.

“De primeiro saía a divindade, não tinha uma que tinha essa cachaça solta que tem hoje, que hoje eles toca a folia a troco só do álcool e isso é de acerto” (Q20 - *Celebrações, ago.2006 - entrevistado nascido em 1936*)

“(...) E as festas também é a crença, que o pessoal de primeiro fazia promessa pra Santo Reis, pra alguma coisa... aí ia fazendo as festas. Não faz a festa só porque quer fazer a festa. Tinha promessa. Agora o pessoal mudou: muitos! Mudou de religião, tem muitos evangélicos, aí vai perdendo um pouquinho. Às vezes, o pouco que fica, fica meio excluído no meio dos outros, aí vai perdendo. Mesmo os que não são evangélicos, já perdem a ponta da meada de fazer alguma coisa, porque precisa de gente pra ajudar, aí desarticulou.” (Questionário de Inventário Q40 - *Formas de Expressão, entrevista out.2004 - depoente nascido em 1961*)

De primeiro, a gente fazia festa que dependia de divindade. Quando era baile, era baile; quando era reza, era reza! Não se usava o forró e hoje eles tão misturando as bolas, ta misturando uma coisa com outra. So que eu não gosto. Ainda tô no sistema velho. Festa que eu sou Folião de Guia, de primeiro eu não aceitava dançar nem!... hoje é o seguinte: ninguém tá dando jeito no povo. Na hora que eu saio, eles faz, depois que eu entrego meu encargo. Que eu chego, rezo e entrego a minha obrigação secreta aí eles faz o que quiser.” (Questionário de Identificação - Q20 - *Celebrações, ago.2006 - entrevistado nascido em 1936*)

“É meio complicado porque, na mesma hora que tá rezando — que o cantório é como se fosse uma reza — já tá falando de outra coisa, de cachaça, de mulher. Mas mulher também é bom, né?” (Questionário de Inventário Q40 - *Formas de Expressão, entrevista out.2004, depoente de 1961*)

Pelos exemplos de depoimentos verificam-se mudanças marcantes estão relacionadas aos procedimentos, e à faixa etária dos participantes. Os mais velhos entendem e os jovens (ou os *de fora, forasteiros*) que vão só se divertir, não respeitam uma festa *que é de Santo, da divindade*.

Faziam festa para uma divindade (Santos Reis, Nossa Senhora Aparecida, Santa Luzia, São Sebastião) para pagar promessa. Desde o início, desde a iniciativa de se fazer a festa e o Giro de Foliões, a intenção é se vincular com a divindade, comunicar-se com os Santos. Não é festa sem razão, e nem festa de chegar só para divertir. Tem reza, promessa, compromissos, seriedade, respeito. É para por ordem em alguma coisa que não deu certo no reino dos homens, como doença, negócio ruim, acidentes, perigo de morte de um jovem. A divindade é poderosa, se agradada.

“Eu prometi à Nossa Senhora Aparecida, porque eu tive um conflito. Eu capotei o carro uma vez (...)” (Questionário de Identificação - *Celebrações / Q20 - entrevista em ago.2006, depoente nascido em 1962*)

“A gente quer incentivar aquelas pessoas, às vezes ela tá com algum problema de saúde, tá preocupada e aí a gente senta pra rezar, pro modo ajudar as pessoas. Porque Deus é um bom pai, Deus e o Santo é um bom pai. Aí é dessa maneira que nós trabaia aqui, sabe. Mode que o santo é um pai muito verdadeiro, muito poderoso.” (*Questionário de Identificação - Celebrações* / Q20 - entrevista em ago.06, depoente nascido em 1962)

“(…) fé nos santos e em Deus” (Q20 - ago.06, Guia de Folia, nascido em 1916)

“Eu já fiz voto e já fui feliz. Por acaso a gente tá num certos embaraços aí e pega com ele, tem aquela fé e a gente é válido. Eu fiz voto pros Santos Reis, que é um santo que eu saio com ele.” (*Questionário de Identificação - Celebrações* / Q20 - entrevista em ago.06, depoente nascido em 1962)

“Já fiz promessa uma vez e rezei duas veiz de Reis. Pedi Santo Reis pra me ajudar eu que eu precisava de uma coisa. Ai ele me ajudou e eu paguei. Fui imperador dois anos. O imperador faz a promessa e põe os folião pra cantar.” (*Questionário de Identificação - Formas de Expressão* / Q40 - entrevista em set.2006; depoente nascido em 1947).

Ter problemas no curso da vida: *certos embaraços / ter conflitos* leva quem sofre a fazer a promessa para interromper ou recuperar o sentido da vida, o caminho certo desenhado pelo destino. A relação é eficaz se “tem fé”, se acredita. É um acordo: um pede, o outro atende e então se cumpre a promessa, para agradar o Santo. Alguns fazem porque gostam, porque *têm boa vontade para agradar* as divindades. Outros tomam a iniciativa porque *acha a festa bonita*.

Ser imperador é ser humano, um ser da sociedade, parte dela, chefe poderoso da sociedade. No momento da promessa ou de assumir o império, fica em evidência por ser um homenageante do Santo, representando uma posição privilegiada da sociedade. O imperador personaliza a sociedade, profana. Demonstra necessitar da força e benção divina. Naquele momento da Festa, representa a sociedade. Tem necessidades, força e também fraquezas. Precisa ser “ajudado” pela comunidade dos homens e do divino. Os demais membros devotos daquele santo da Festa, se apresentam com doações que são entregues ao imperador. Mas estão ofertando, por meio dele, ao Santo. O senhor máximo da festa “é o padroeiro (...) o Santo”.

Há a troca: o imperador oferece a festa, a comunhão com a mesa farta e os convivas vão apoiar a ação humana na sua iniciativa de vínculo com a divindade. Os convivas do imperador são partes do banquete e dos votos com os santos. Contribuem com dádivas e com a presença na Festa, para que esta seja “boa”, eficaz para o imperador e para seu império (sociedade) e para o Santo e o poder supra-humano, do sagrado. Completam o cenário das condições de execução da Festa ou rito.

Os foliões são os intermediários, os mensageiros, que fazem acontecer o ritual ³⁰ do encontro do homem social, personificado na figura do imperador (com suas fraquezas e

³⁰ S.J. Tambiah, no seu texto *A Performative Approach to Ritual* (mimeo, 1981) destaca duas dimensões da ação ritual: a externo pragmática e a interno semântica. O ritual tem a função não apenas de comunicar “dizer alguma coisa”, mas também, enquanto um ato, o ritual age e atua sobre a sociedade, com o poder de modificá-la, pelo convencimento, ou seja, o ritual faz alguma coisa, mas também sofre

virtudes, com sua esposa, filhos e companheiros — na sociedade estruturada) com a divindade (o Santo homenageado, rogado, que está integrado na estrutura da sociedade divina, para mandar as bênçãos e graças de Deus — Pai, Filho, Espírito Santo). Conflitos na sociedade e no sagrado estão: tanto externalizados em males terrenos, sociais (fora do esperado), tais como doenças, acidentes, fraquezas; quanto nas ações do Satanás, que perturbam as mentes, os *juízos*, os comportamentos desejados. São forças sobre-humanas que representam o mau encaminhamento da vida, pelo poder de interferência nos destinos. São ritos de purificação e de expiação.

“Comida a pessoa dá o que tem e o que pode. De primeiro tinha uma carne de caça, tinha e podia. Hoje é regulado o negócio. Eles dava muito é frango e dá até hoje. Galinha já imagina que chegá o mês de janeiro, morre mesmo, que os folião come mesmo! Folião é igual guará pra comer galinha.” (Questionário de Identificação - Celebrações - Q20 - entrevista em ago.06, depoente de 1936, há mais de 40 anos é Guia de diversas Folias)

“Na festa o que é que eu faço: eu reuno frango, porco, leitoa assada, a mulher prepara polvilho pra fazer biscoito, eu mato duas vacas pra fazer carne assada, cozida, fazer da maneira que as pessoas fique grata e satisfeita”. (ex-imperador fala da festa que fez acontecer para Nossa Senhora Aparecida - ele é nascido em 1962) (grifos meus).

O festeiro que quer agradar ao santo, tem que agradar a comunidade. Ele tem que mostrar sacrifício e este deve ser reconhecido pelo grupo. O promesseiro e sua família têm que dar o máximo de si, de suas posses e de sua casa. Se ele não for bem aceito, não for homem correto, não terá ajuda, apoio, convivas e a festa não têm jeito de se realizar. É uma inteiração estreita do festeiro e sua comunidade com o universo das divindades.

4.2.2 - Nos tempos que passam, nos lugares que mudam

Muda também o modo de fazer o Giro: antes, no Parque e nos outros municípios da região, tradicionalmente, era sempre à cavalo. Mas, recentemente, os Giros são em comunidades onde as famílias moram mais próximas, ou são feitas nos bairros das cidades, em povoados. Pode-se fazer à pé.

“(…) De primeiro, o pessoal vinha lá do Parque até Formoso à Cavalo. Só na Folia que ainda Gira à Cavalo, onde for longe, onde for perto. Tem região

ação dos atores sociais. Alguns símbolos, valores morais, atos de significância podem ser mais ou menos evidenciados, seguindo a dinâmica de mudanças da sociedade. Existem, em determinados momentos da vida da comunidade, valores e relações que se querem minimizar, enfraquecer e outras que se mostram necessárias serem *celebradas*, valoradas. O ritual é um ato comunicativo e performativo, uma linguagem da coletividade que expressa uma idéia e sentimentos comuns de fé, por exemplo. Uma Festa de Folia, este modelo de ritual, tem ação integradora da sociedade onde ocorre, fortalece a estrutura e relações e apropria-se de fatores que estão influenciando como transformadores do ritmo e processo da comunidade. Por isso, as Festas e Folias de um lugar, são diferentes de outras, embora mantenham a mesma estrutura ritual, sempre formalizada, previsível, repetitiva, encantadora (*mágica*) e com sentido para os atores sociais. Utilizam em todas as Festas, nos diferentes municípios ou comunidades, os mesmos elementos, instrumentos, materiais, adornos rituais, Divisas, mas que são diferentes entre eles e entre estes e os de outros lugares. Marcam identidades e personalidades.

que ainda gira à pé. Mas, aqui, inda usa cavalo” (*Questionário de Inventário Q40 - Formas de Expressão*, entrevista out.2004 - depoente nascido em 1961)

Julgam, porém, que sempre à cavalo é mais imponente. No dia-a-dia não é comum ter tantos cavalos juntos, como em um Giro, chegando em fila de dois, ordenadamente. O Giro de Folia é diferente de uma cavalgada ou de viagem de vários sertanejos juntos. No Giro, à cavalo, na chegada na casa do pouso ou na casa do Imperador, cumpre-se o ritual de “chegada”, fazendo as evoluções, que são os foliões/cavaleiros dominando o animal, para honrar o Santo e celebrar a sociedade. É um dos momentos mais apreciados pelos participantes.

“O significado é porque é uma chegada do santo na casa do imperador. É bonito fazer um coração e aquele coração faz parte do amor, da união das pessoas.” (depoimento de um morador que foi imperador - grifo meu)

“Os foliões entram aqui dentro da casa fazendo a *venda* com a bandeira, o alferes. O alferes faz o *cruzeiro* com a bandeira, aqui. É a mesma coisa de você fazer o sinal da cruz quando você deitar. Faz o sinal da cruz com a bandeira três vezes.” (Q20 - *Celebrações* - entrevista em ago.06, depoente nascido em 1962)

Rezas, ladainhas, cantorios (rezas cantadas), excelências (vínculos com o sagrado) se opõem à *brincadeira* (profano). As brincadeiras na curraleira e lundus são, ainda, partes do rito da Folia, é ainda dança para o Santo. É uma representação entre os santos e os homens, movimentos humanos onde se mistura quem é folião (pagador de promessa) e o público brincante, também homenageantes, dançando e cantando na festa da divindade.

“Eu recebi os folião aqui e aí quando os folião entregou a Folia, depois de tudo nós fizemo um forrozinho aqui na frente da casa. Mas lá na frente do Santo eu não quero forró, mas aqui é uma mania nossa. O padroeiro mesmo é o Santo, mas nós somos imperador, nós temos aquele respeito. Aí depois que os folião acabou o compromisso deles, eu fui lá busquei uma sanfona, fizemo o forró, o pessoal brincou aqui, baile.” (Folia N. Sra. Aparecida, seu Alberto)

[Na Folia] “Só canta quatro, dois canta e dois responde. Os outros acompanham e às vezes cantam outra coisa. Às vezes não canta o cantorio dos Reis, mas já canta o lundu, canta a curraleira. Todos que tá ali sabe alguma coisa. Nas casas que vai passando também, tem muita gente que gosta, que acompanha e que ajuda também, todo mundo entra dentro. Ele não é folião mas tá ajudando ali.”

As performances dos Foliões são conhecidas, estruturadas. O *Coração* feito pelos foliões à cavalo, é o amor. A *chegada* é a visita do Santo. O Alferes leva a bandeira e faz o *Cruzeiro* e a *Venda*³¹, abençoa a casa e a família. É troca da sociedade (pouso

³¹ “Venda” é uma expressão oral, dita e gravada na comunidade do Assentamento São Francisco, neste projeto de pesquisa da FUNATURA. Pelas experiências e estudos do músico Roberto Correa da equipe deste Projeto, “venda” é o mesmo que *vênia* - que significa reverência, uma saudação feita com a

da Folia e os donativos da festa) com o sagrado (o santo, rezas, bênçãos em movimento, encenação com significados reconhecidos por todos). Celebra-se o vínculo da sociedade com o divino. Os foliões fazem a celebração, a comunidade legítima com a participação. Se a comunidade ficar satisfeita com a festa, se for uma *festa boa*, os Santos estarão homenageados, aceitam as oferendas e sacrifícios.

Ainda que não tenha havido mudanças substanciais com a saída do Parque para o Assentamento, são sensíveis diferenças de aspectos, de práticas e de posturas do modo de fazer, da religiosidade e do respeito ao que é procedimento do sagrado (dos santos, das divindades) e o que é da natureza dos homens. Para os depoentes, com o tempo, está-se perdendo o equilíbrio entre o homem e o que é divino, determinando um processo de degradação da sociedade, de descontrole e falta de domínio. Há um desconforto do encontro da identidade da zona rural (família, unidade, respeito, religião, festa, brincadeira, som de instrumentos tocados) e os valores que marcam a cidade (modernidade, juventude, bando, bagunça, indivíduo, som alto, elétrico, sem músicos, desrespeito ao que é antigo, ao grupo de família e à tradição/história).

“Quando a gente mudou de lá pra cá, isso a gente vem continuando de lá. Até o ponto que chegou aqui continuou do mesmo jeito. A primeira [Festa e Folia de Reis] aqui foi em 2003.”

“Aqui no assentamento mesmo tem muito pouco tempo de festa, porque aqui as festas que a gente tem aqui é só as festas de Santo Reis mesmo, na época de janeiro. Só que lá no Parque tinha mais festas, tinha de São Sebastião, que era dia 20 de janeiro e Nossa Senhora Aparecida, que era dia 12 de outubro. Aqui no assentamento, por enquanto, teve só festas de Santo Reis e uma do Divino, que teve esse ano.” (*Questionário de Identificação - Formas de Expressão* - Q20 - entrevista em out.2004, depoente nascido em 1961)

“A mudança do Parque não alterou muita coisa não, porque o pessoal que fazia as festas de São Sebastião lá no Parque é porque morreu e não fez mais. Ele chamava Sebastião, era o imperador, e morreu e não fez mais. E Nossa Senhora Aparecida, também, sempre tinha um lá que fazia, que era o Waldemar e o Antônio de João Messias, e às vezes ainda faz até hoje também. Agora na região aqui mesmo é de Santo Reis, sempre tem. Quando não é aqui no Assentamento, é próximo do Parque aqui no entorno. Todo ano tem, uma ou duas festas.” (*Questionário de Identificação - Formas de Expressão* - Q20 - entrevista em out.2004, depoente nascido em 1961)

“O que mudou é que agora ficou mais perto, as casas ficaram mais próximas, aí facilita, mas só que o pessoal tá fazendo menos festa. Lá era mais longe e o pessoal fazia mais festa. Isso acontece com o correr do tempo mesmo. O pessoal mais velho parece que tinha mais tradição de fazer mais reza, festa, reisado, santo. Os pessoal mais jovens não liga muito com isso não. Às vezes, vai na festa e nem participa direito, vai pra fazer baderna. A festa já mudou, não só por causa de termos mudado aqui pro Assentamento. Qualquer lugar aqui da região mudou muito. Você vai numa festa aí, eu mesmo fui numa festa aqui antes do Assentamento, aqui

bandeira do Santo, em movimentos bem marcados, largos e visíveis à distância. Outras variações encontradas por Roberto em depoimentos de vários Foliões em outras comunidades: *veina*, *vena*.

próximo, na região de São Joaquim. Não vi nenhum folião cantar nenhuma vez: só gente com som de carro. Cabou! Parecia uma festa da cidade. Então mudou, o povo mesmo, não sei o que foi que eles viu que mudou assim. Na região ali de Ribeirão de Areia, Vargem Bonita, o pessoal lá ainda tem aquela cultura antiga, ainda. Eles fazem uma festa dessa de Santo Reis não tem forró, é dança, outro tipo de dança até manhecê o dia: curraleira, lundu, roda de terreiro. O pessoal nem pede pra ligar o som, porque lá nem usa. Aqui o pessoal faz uma festinha e uma já liga um som de um carro ali, o pessoal começa a dançar e aí cabou: já muda o rumo da festa. Às vezes o cara quer ouvir uma curraleira, um lundu e não ouve. Só ouve no Giro da Folia. Mas quando chega no dia da festa, já acaba tudo.” (*Questionário de Inventário Q40*, de out.2004 - *Formas de Expressão*, de Folião, nascido em 61)

“A Folia de Reis só girava de noite e não se fazia de dia. No cantório mesmo fala:

‘— *Os três Reis andavam no mundo*

Correndo sua freguesia

De dia tava parado

De noite eles dirigia’

Agora, não. Agora é comum de dia. De primeiro, se chegasse numa casa cedo, eles pousava e naquela casa eles ficava o dia todinho ali. Quando chegava de noite, ia sair, a noite toda. Mas hoje, os trem mudou demais, moça! Igual eu tô te falando que as brincadeira era outra, não era essas brincadeira de forró.” (Q20 - *Celebrações* - entrevista ago.06, nascido em 1936)

Em conversas informais em dezembro de 2006, no Assentamento, durante um pouso de Folia da Festa de Santa Luzia, os convidados que aguardavam a chegada da Folia iam falando de diferenças: na Folia de Santa Luzia, *protetora das vistas, dos olhos*, a Folia só gira de dia, com a luz do dia. Não andam à cavalo. Foliões caminham à pé, porque assim é a tradição. Diferente, muito, da Folia dos Santos Reis que deveria girar apenas à noite, como fizeram os Reis Magos, para não serem vistos. Seguiam a estrela guia que os levariam ao Menino Jesus.

4.2.3 - A Bandeira, o retrato e o Santo

As duas últimas Festas de Santo com giro de Folia que aconteceram no Assentamento São Francisco foram a Festa do Divino e a Festa de Santa Luzia. Aconteceram pela primeira vez depois da saída do Parque. A de Nossa Senhora de Aparecida, que se realizou em 2005, não se repetiu em 2006 como era esperado. As bandeiras do Divino e a de Santa Luzia tiveram os *retratos* pintados pela mesma pessoa do Assentamento. É uma senhora que fez curso de pintura, mulher de Folião, filha de Guia de Folia, produtora, mãe de família. Ambas as bandeiras ficam guardadas na casa dela, aguardando uma próxima festa do Santo. Ela é citada frequentemente, nas entrevistas, pela habilidade de fazer *retratos*.

Fotos de Bandeiras das Festas do Divino e da Festa de Santa Luzia



Dona Dete mostra a Bandeira do Divino que pintou para a Festa deste ano. Faz as pinturas dos *retratos* dos Santos. O quadro de Santa Luzia (centro), de sua casa, serviu de modelo para a Bandeira da Folia, carregada (à direita) pelo Alferes Reinaldo, na chegada em um pouso do Giro da Folia.

Um ex-imperador fala da Bandeira de Nossa Senhora Aparecida, pintada, que ele encomendou para cumprir a promessa para a Santa:

“Porque tem pessoas que vem e faz aquele conhecimento, aquela semelhança dela. Pessoalmente eu não conheço, nunca vi a Nossa Senhora Aparecida, mas a gente vê assim, com certeza é ela.” (Q20 - ago.2006, promesseiro nascido em 1962)

“E aí eu pedi essa santa aqui e ela me acudiu. Tem pessoas que fala: “isso é só um pano!”, mas não isso aqui na verdade é só a semelhança dela, ela mesma tá lá em cima, lá no céu. Aí eu pedi pra ela e Deus me abençoou, que eu fui recuperando, minha mulher cuidou muito de mim, me ajudou. Aí eu vim pr’aqui, adquiri um lote aqui e aí comecei a pagar”. (*Questionário de Identificação - Celebrações /Q20 - ago.06, depoente nascido em 1962*)

O sentido de *semelhança* é a representação do Santo, não um simples desenho. A imagem no pano, o *retrato*, é um ícone, o Santo da Festa.

Cada Bandeira tem a cor que representa o Santo que está no *retrato*. Elas são retangulares: a de cor azul claro é com a imagem de Nossa Senhora Aparecida; a do Divino é vermelha; a de São João Batista é amarela; a dos Santos Reis é branca; a de Santa Luzia tem fundo branco, e o *retrato*, colorido, é cópia de um quadro. Na tradição da região, os retratos devem ser sempre pintados à mão, por artistas que se especializam nesta arte. Cada cor representa um Santo.

Representar o santo em questão, torna-se a presença física do santo em todo o ritual:

“Porque essa imagem aqui ela sai bonitinha, isso nós trata, é a mesma coisa de nós tá vendo a santa.” (*Questionário de Identificação - Celebrações / Q20 - entrevista em ago.06, depoente nascido em 1962*)

O alferes é “companheiro” no Giro da Folia, responsável pela bandeira, por levá-la no trajeto, guardá-la e fazê-la respeitar. É um cargo de maior importância no Giro.

O Alferes é escolhido pelo Guia e quase nunca é um jovem, pois tem que ter experiência e conhecimento de suas funções, respeito ao Santo e à Bandeira e as

responsabilidades do cargo. Em dezembro, para a Festa de Santa Luzia, foi escolhido um Alferes que tinha 19 anos, porque não tinha um experiente que pudesse. Ele é filho do Guia, irmão do festeiro. A justificativa é que se não começar, não aprende nunca.

“O alferes é pra carregar o mastro, receber as ofertas.” (Q20 - entrevista em out.06, Guia de Folia nascido em 1928)

“O alferes é o comandante que manda até no Guia. O alferes, o que precisar fazer com o retrato ele é o responso. Ele que traça o giro”. (Q20 - entrevista em ago.06, depoente de 1936, Guia de diversas Folias)

É o Alferes que faz o *Cruzeiro* e *Venda*. A *Venda* é o movimento de saudação que se faz com a bandeira, em forma de cruz (*cruzeiro*) e aceno, com volteios criativos. Chamam de “condão” o pau da bandeira. O responsável pelas performances, pelos momentos e lugares, e para levar a bandeira e o *retrato* é o Alferes.

4.2.4 - Estrutura das festas dos santos e relatos de imperadores

Além do Alferes, outros personagens de qualquer Festa de Santo estruturada no Giro de Folia são responsáveis pelo êxito e eficácia da Festa. A estrutura das Festas de Santo é a mesma, em diversos pontos da ampla região do Noroeste de Minas e Goiás. Esta semelhança é reconhecida pelas famílias estudadas, nesta descrição da entrega da Folia ao imperador:

“A festa de São João é igual à festa do Divino. Levanta o mastro de madeira, às seis horas da tarde, depois que a Folia chega. A Folia chega, canta o Reis na *lapinha* e aí tem que fazer o *cantorio*, porque levanta o mastro fazendo o *cantorio*. Aí vai jantar. Depois da janta reza na *lapinha*, aí vem a entrega da Folia. Depois se quiser dançar um baile, dança. Tem lundu, curraleira e forró. No outro dia cedo derruba o mastro, e aí vai todo mundo embora pra casa.”

Em suma, uma estrutura da entrega da Folia, que é a culminância da Festa, representa a celebração do Santo no *arremate*, o dia do encerramento e da festa do Império (imperador e a família). Tem a seguinte sequência:

- 1 Folia chega do Giro
- 2 Canta os Reis na *lapinha* do Imperador
- 3 Levanta o mastro às seis horas, fazendo *cantorio* (reza cantada) específico
- 4 Intervalo para jantar em casa
- 5 À noite: tem a reza cantada (*cantorio*) na *lapinha*, e entrega da Folia (entrega da Bandeira)
- 6 Danças: baile (forró) e danças (Lundu, Curraleira ... e cantos de terreiro) - “é *brincar: aí a noite é de festa*”.
- 7 Na manhã seguinte: derrubada do Mastro (olha para que lado parou a Bandeira que é o rumo da Folia no próximo ano)

A Festa dos Três Reis / Festa dos Santos Reis / Festa dos Reis - é a mais tradicional entre os moradores do Assentamento e na região. Ocorre desde os últimos dias de dezembro, com a saída dos Foliões para o Giro da Folia e termina dia 6 de janeiro, na entrega da Bandeira e de Folia ao Imperador, o dia do *arremate*, quando acontece a festa maior, com a presença de todos da

comunidade. Conforme informações dos entrevistados, a festa começa um mês antes, pelo imperador, fazendo coleta nas fazendas, para fazer a festa: ovos, galinhas, café, carne, farinha, queijo, porco. Ganha (oferta ou “esmola”) ou tem que comprar. Para o imperador, a Festa tem dois momentos com alimentos e festejos: na saída da Folia e, uma semana depois, ou 15 dias, a chegada, dia 6 de janeiro para o “arremate” ou encerramento.

Os cantos, rezas, danças e brincadeiras são levados no Giro da Folia. Os Foliões percorrem caminhos pela comunidade, sem nunca cruzar um caminho já percorrido, sempre indo por um lado e voltando pelo outro, como fizeram os Três Reis magos para visitar o Menino Jesus que nasceu. No percurso, desenhado para cada Giro de Folia, param nos pousos (previamente marcados), convidam as pessoas para a grande festa do imperador, recebem donativos para a festa, levam alegria, músicas no espírito religioso, danças e toques de músicas profanas. É um acontecimento esperado, estruturado, com rezas e, sobretudo, cantórios (também reza, mas cantada) tradicionais, do conhecimento das famílias da região.

Pouso de Folia das festas de santos são as casas ou fazendas onde os Foliões param para pousar, passar a noite, comer, rezar, sair no dia seguinte depois do almoço. Na organização do Giro da Folia, já se combina os pousos com os moradores ou fazendeiros que querem, ou aceitam dar o pouso. Em geral e o ideal é quando o “interesse nasce dos donos da casa.”

Na **Festa e Folia de São João** algumas especificidades vão fazer diferença e marcar uma festa da outra. Não só as comidas são características e tradicionais nesta festa de meio do ano, mas também muitas rezas e ladainha (em São João do Cajueiro), danças e brincadeiras. Há, por exemplo, palavreados próprios na ação de soltar fogueira.

Os principais personagens de Festas de Santos e Giros de Folia são descritas com frases selecionadas em Questionários de Identidade da aplicação, pela FUNATURA, do método *INRC* do IPHAN.

Noiteiro - em folias de São João e do Divino → “(...) o *noiteiro* é aquele que dá um café, dá uma janta, um almoço, dá um lanche, uma merenda.”

Imperador → “o imperador é responsável pelo último dia da festa (...)”; “A principal função é fazer a festa do arremate. Ele trata o império real, vai daqui, vai d’acolá, mas despeja lá” (no arremate, ou seja, o último dia da Festa).

Imperador da Folia de Reis

(1) “cansa, é festa de muito labor. Porque a festa de Reis é festa do dia que começa a Folia até o dia que arremata. Uns faz umas coisa, outros faz outras e é festa direto. A Folia sai girando e a gente [imperador e família] fica cuidando cá pra esperar a chegada dela.”

(2) “O pessoal geralmente é imperador por **promessa**, eu não, foi por boa vontade, porque eu **achava a festa bonita**. Aí eu comecei um ano pra experimentar, pra ver se dava certo, aí **achei bom** e as coisas pra mim foi fácil, botei pra quebrar na festa. Mas tinha a reza, eu rezava, a reza era no último dia.”

Imperador da Folia de Nossa Senhora da Aparecida - no seu relato o que foi imperador explica que quem organiza e prepara a festa é o imperador. O

depoente mora no Assentamento. Fez promessa para se recuperar de um acidente de carro, para poder ter saúde para trabalhar e criar os filhos. Cumpriu a promessa com rezas, festa e folia em 2005. Queria continuar sempre, todo ano, por gosto da mulher, pelo prazer de ter a ajuda da comunidade, amigas e vizinhas. É uma despesa pesada, muitos gastos, que, segundo o informante, vale a pena e se tivesse mais dinheiro, gastaria mais e sempre.

Como já foi comentado no item anterior, o promesseiro se oferece para ser o imperador. É o que “vai rezar” naquele ano, é o que cria as condições para que ocorra a *reza* para o Santo. O imperador tem que contar com a ajuda dos outros, com recursos para fazer uma **festa boa**, o que garante a participação da comunidade, para ser eficaz. A Festa é organizada pelo imperador, mas é um evento coletivo e comunitário, desde o início, desde a decisão ou definição do festeiro.

4.2.5 - Giro de Folia e Foliões

O imperador escolhe o seu Guia da Folia, que escolhe o **Contra-guia** e reúne os *companheiros*, os foliões, que devem ser, idealmente, 12 (mas pode ser 10, 8, sempre em número par). O **Capitão da Folia** é o **Guia do Imperador** (é o escolhido por ele, o imperador, ou sua família).

Enfim, a Folia contratada será a responsável pelo *cumprimento do voto*. Os foliões formam um grupo, uma unidade com sentido e significado para a sociedade. Estão unidos pela integração de princípios, no tempo, no fazer, no cantar, no espaço, nos objetivos. A Folia não é a Festa, mas uma unidade que se impõe como o eixo orientador dos rituais e relações que fazem o acontecimento da Festa, do início (decisão e identificação do imperador), seguindo da preparação e organização, a Saída da Folia, o Giro, os Pousos e a Chegada, para o *arremate*, ou encerramento solene seguido de festejos (brincadeiras, danças de terreiro, baile ou forró).

O Guia é um o Folião e com os demais formam um grupo (unidade) de conhecedores e praticantes daquele evento, há centenas de anos. Na verdade, desde tempos imemoriais. O saber do Guia é especializado, é quase *mágico* (pelas origens secretas dos ensinamentos, os dizeres e estruturas das *tabelas* ou seja, dos dizeres das rezas, com linguagens sofisticadas e antigas, sacralizadas e cantadas). Um bom Guia, de renome, é um privilegiado por nascimento, distinguido pela vontade divina, diferente dos demais homens da sociedade.

A Folia CELEBRA a festa. Os Foliões são os *celebrantes* da Festa, os *pagadores da promessa* ou os rezadores, perfazendo um grupo, ou uma entidade única. Eles garantem a realização do ritual, porque têm o conhecimento, o dom, o saber cantar e agir e estão com o Guia que sabe comandar, guiar uma Folia. Cada folião tem sua função e responsabilidade, como músico ou cantador e dançador. Têm que saber, precisam se integrar, como *companheiros*.

Cumprir promessa exige sacrifícios do imperador, do Guia e dos foliões para satisfação da comunidade das pessoas e dos santos. É coletivo, grupo. O Sucesso não depende do indivíduo ou de uma família do festeiro. É comunitária, diferente de um casamento, de uma festa de aniversário, de uma comemoração política, que é coletiva mas é particular.

“Porque a festa de Reis **quem cumpre a promessa é os folião**, por que os folião é quem sacrificissa no mundo, é moiando, é enfrentando o rio cheio. Lá tinha muito rio, muita água, Tinha vez que entrava num córrego, tinha todo mundo que desarriá, pra caçá uma pinguela pra passar a cela. Lá é assim.” (*Questionário de identificação - Celebrações/Q20*, entrevista em out.06, depoente é Folião, nascido em 1928)

“Lá do Divino, nós fazia lá no município de Arinos. Só servia eu, lá em Arinos tem tanto folião, mas só eu porque compreendo a divindade. Tem uns que compreende a de Reis, mas a do Divino não compreende. É eu e Jeromim, lá do Buritis.” (*Questionário de Identificação - Celebrações Q20* - ago.06, depoente nascido em 1936, é Guia de renome)

[Foliões representam] “como foi no princípio do mundo. Porque antes do nascimento de Cristo não tinha folia, não tinha nada, depois que nasceu Cristo, que os Três Reis andou. Mas os Três Reis não levou viola, não levou caixa, não levou nada. Mas aí pros folião chegá e fazê a mesma coisa, quando é no tempo aí os folião vai girar, fazendo a mesma caminhada que os Três Reis fez pra visitar Jesus. (...) Agora nós todos faz a mesma festa, fazendo como quem faça de conta que é no tempo de Cristo, que os Três Reis foi visitar. E aí, daí pra cá, foi que começou as Festas de Reis. Não tem ouro, incenso e mirra, mas **tem viola, pandeiro e caixa e é isso que os folião leva**. E na hora de entregar a folia, entrega a folia e entrega a mesma coisa, entrega pandeiro caixa e viola. Primeiro canta a imperadera ou imperador e o alferes entrega o mastro, agora os folião canta entregando pandeiro, caixa e viola. E naquela hora entrega ao imperador tudo e aí agora tá desarvorado.” (*Questionário de Identificação - Celebrações - Q20* - entrevista em ago.06, depoente de 1936, há mais de 40 anos é Guia de diversas Falias)

“(...) O folião sai fazendo a caminhada, como os três Reis fez. (...) com aquela caminhada que eles faz tem que ter muito respeito. Sai a Folia cumprindo aquele voto, faça de conta que é como os Três Reis saiu no Oriente, que eles foram escondido, de Satanás, que Satanás tava perseguindo. E eles foram por uma estrada e voltaram por outra. Os folião sai fazendo a mesma caminhada dos Três Reis.” (*Questionário de identificação - Celebrações - Q20*, entrevista em out.06, depoente é Folião, nascido em out.1928)

É um discurso recorrente o de advertir de que — para fazer parte de um Giro de Folia, ser um folião — primeiro não pode ser quem gosta de beber cachaça, porque “a folia de Reis é de muito respeito”. Tem que ter responsabilidade e ter alguns dons, tais como saber tocar e dançar. Tem que ter musicalidade na alma.

“Sempre é doze folião. Se sair mais do que isso é vagabundagem. Porque ali pra brincá, na hora que um cansa tem que ter os outros pra ajudar.” (*Quest. de Inventário - Formas de Expressão Q40*, out.2004, Folião nascido em 1961)

“Tem que saber tocar a curraleira, saber tocar viola. Porque uns faz uma coisa outros faz outra.” (*Questionário de identificação - Celebrações - Q20*, entrevista em out.06, depoente é Guia e Folião, nascido em out.1928)

“Aquilo ali é um cargo que a gente pega ali, que é um cargo com respeito. (...). Se ele pega aquela divindade ele tem que respeitar”. (...) “Eu giro como guia pelos poderes de Deus primeiramente, a Mãe Santíssima, Jesus Cristo e os Três Reis do Oriente, o Divino Espírito Santo e qualquer santo que tiver folia. É comigo mesmo, eu nasci pra isso.” (*Questionário de Identificação - Celebrações* - Q20 - entrevista em ago.06, depoente de 1936)

...ainda sobre os Foliões e Guias de Folia

Além do poder de Deus, da Mãe Santíssima, de Jesus, dos Três Reis do Oriente, do Divino Espírito Santo e de todos os santos que têm Festa e Folia, o folião, para ser Guia, precisa ter conhecimentos e formação que são de domínio de poucos, raros, de um grupo de iniciados que guardam o “segredo”, conseguido com meios nada claros, misteriosos, meio *mágicos*. Detém o vocabulário e a língua dos Santos, incompreensíveis e inacessíveis para leigos, mas aceitas pelo que representam e significam para os Santos e para o ritual (Festa). É o encantamento, a magia das palavras e do ato de dizê-las cantando. As rezas em latim são orgulhos de quem sabe, um valor de respeito, reconhecimento do poder de comunicação do orador com os santos, as divindades. É linguagem “estranha”, difícil de aprender e compreender, própria de rezas dos antigos sacerdotes, “desde tempos imemoriais”.

A transmissão do saber do ser Guia é restrita, por linha de parentesco, ou que tenha afinidade. O Guia é pessoa distinta, por ser excepcional, reconhecido como tal pela sociedade e na região. Outra fonte de aprendizagem é por meio de especialistas mestres. A comunicação destes mestres, de saber e de experiências também renomados, é feita para neófitos iniciados, que já tem o dom divino “nasceu pra isso”, e a capacidade de aprender, um dom da natureza humana. Ambos os dons são pré-determinação (por Deus e pela sociedade) para ser Folião e Guia de Falias. É um *celebrante* nato, como nas diferentes instituições religiosas, que tem os celebrantes que se formaram porque têm a *vocação*, e se formam pelo estudo do *sagrado* para se tornarem “pastores”, “padres”, guias, enfim.

Assim conta um Guia de Folia, do Assentamento São Francisco, morador de Formoso, sobre seu percurso na sociedade para se formar e se tornar um Folião de prestígio, pelo seu poder de saber:

“Peguei pelo Livro do Oriente. Os mestres pegou, e aí passou pra mim. O que eu sei, as *tabelas* [orações, movimentos rituais] que eu sei, vêm do Livro do Oriente. Justamente porque não tem outros livros sobre Folia de Reis, a não ser o Livro do Oriente. Quem dizer que tem, eu digo que é mentira, que não tem. Esse Livro tá difícil, se é que ainda existe ele, mas é difícil. Quem me passou foi os mestres que eu aprendi, um foi meu avô Epifânio, que era o folião mais (...) que tinha nesse mundo. Lá na região de Januária era ele, e eu aprendi com ele. Os outros, aprendi com outros mestres. Só que eles aprenderam pelo livro e passaram pra mim a cópia. Tinha vez que eu lia só três vezes e colocava debaixo do travesseiro, já amanhecia sabendo, mas é a força. Porque eu nasci pra isso.”

“(…) Foi mais ou menos em 1950 por diante já começava a cantar assim pra ajudar os Guias, e depois eu fui decorando, decorando, e hoje eu sou mestre de qualquer um fí de Deus daqui da região.”

“Eu não faço nada a não ser por força da obra divina, pela obra da natureza. Porque eu nasci no mato, embaixo de um pé de jatobá carreira. O dom meu, foi Deus quem me deu. Só mesmo assim o ofício de Nossa Senhora, Virgem Imaculada Conceição, eu aprendi no livro, sabe. A ladainha de Nossa Senhora eu aprendi no livro, os Reis, tudo pelo livro, da santa escritura. Eu não canto nada fora da escritura. É por isso que o povo gosta. E os outros cantam inventado, e aí não vale, né?”

(...)“O guia puxa a viola e a divindade, e o contra-guia responde mais os outros [foliões].” (*Questionário de Identificação - Celebrações - Q20* - entrevista em ago.06, depoente de 1936)

“Guia é pra cantar na frente dos outros. Porque o guia é quem sabe e os outros vão respondendo, o que ele fala. O que ele fala os outros vão respondendo também.” (*Q20*, entrevista em out.06, depoente é Guia e Folião, nascido em out.1928)

O Guia é um Folião. Mas tem a responsabilidade de formar o grupo de Folia, escolher, organizar, arrumar um Alferes que saiba carregar a bandeira, “levar o condãozinho” e fazer as performances do ritual - *cruzeiro e venda*, por exemplo. O Alferes tem que ter responsabilidade e experiência, não pode, portanto, ser muito jovem. Mas no Giro da Folia de Santa Luzia, o alferes era um jovem de 19 anos, mas filho do Guia, irmão do imperador. Estava aprendendo a função.

Os guias fazem a intermediação, entre o Homem/sociedade e a entidade sagrada/mundo das divindades — pela representação de ambos — em cerimônias ritualizadas que eles sabem conduzir e executar. Os Contra-guias ajudam o guia a organizar a Folia e canta com ele, repetindo os versos em tom diferente. Um guia de uma Folia pode atuar como contra-guia em outra Folia. Um Folião, na função de Guia, sabe todos os rituais, as rezas, os cantorios e tem habilidade para “jogar versos” (ou versos *tirados*) e cantar as orações do ritual da promessa ou dos pedidos e agradecimentos do imperador / dono do pouso / noiteiro.

Os principais elementos rituais dos foliões são os Instrumentos musicais (caixa, viola e pandeiro) e as *divisas* (toalhas brancas que colocam ao redor do pescoço, caídas na frente). Além disto, têm que ter o dom para atuar: ter voz para cantar, pernas para dançar, mãos e ouvidos bons para tocar, pelo menos um dos instrumentos.

O folião **nasce** com vocação, **aprende** e **faz** bem: “Se ocê tem invocação com uma coisa ocê aprende fácil. Agora, se ocê não tiver invocação, ocê quebra a cabeça. Pode prestar atenção nisso: cada um nasce com uma invocação, um por umas coisas, outros por outras. Vê os outros fazendo e pela invocação sua, ocê vai aprendendo, aos poucos.” (*Q20* - entrevista em out.06, depoente nascido em 1928). (realces meus)

A Divisa é uma espécie de toalha ou estola de pano branco que os foliões usam em torno do pescoço, sinalizando que estão em Folia e em Giro, que estão atuando. *Divide* (distingue) o folião de outros participantes quaisquer. Cada folião pode ter a sua *divisa*, mas é entregue (pelo imperador ou suas esposa) no dia da Saída da Folia. A *divisa* do Guia é sempre mais trabalhada, bordada, enfeitada. O mais experiente Guia, o mais citado nas entrevistas, fala sobre este elemento ritual:

“Na divisa do guia tem uma cruz e o alferes usa um top na toalha, que é uma fita, faz um lacinho bonito assim de uma fita da cor do céu, pode ser da cor do *retrato*, mas se não tiver pode ser de qualquer cor. Se for do divino é vermelha, se for dos Três Rei é cor do céu. A divisa do folião pode ter o nome dele bordado, se quiser.” (*Questionário de Identificação - Celebrações - Q20* - entrevista em ago.06, depoente nascido em 1936)

Na entrega a bandeira “aí sai a imperadeira, sai de folião em folião, correndo o giro, tira a atalha de um, bota no braço, até que toma tudo. Aí tomou, coloca lá no altar. Aí agora o **voto tá cumprido**” (Q20 - entrevista em out.06, depoente nascido em 1928). (destaques meus)

4.3 - CONTEXTUALIZAÇÃO DAS CELEBRAÇÕES

As celebrações de Festas de Santos com Giro de Folia acontecem em espaços bem específicos, tradicionais, previsíveis, portanto. Nesta região do Assentamento, sem muitas variações, os rituais das festas acontecem, entre o largo da fachada da casa, para as evoluções à cavalo e os primeiros *cruzeiro* e *venda* da Bandeira. É quando se realiza, nesta parte pública, a Saída e Chegada da Folia. Na sala/salão da casa, é onde se arrumada a *Lapinha* (altar), na frente da qual se faz o *cantorio* e depois as *brincadeiras*. No terreiro, fica para os cantos de danças específicas, onde as mulheres são maioria. Na rua, na porta da casa, fica o rancho (nem todas as festas têm), construído na ocasião para abrigar os dançadores de forró.

4.3.1 - A sala da casa

Na **casa** tem a Lapinha. É um altar de família, montado com a imagem do santo da folia e outros santos. É decorado com flores de papel crepom para a festa ou é permanente na casa. Fica na parte mais nobre da casa, na sala. Tradicionalmente, o Imperador e toda família que “dá pouso” para Giro da Folia, ou que recebe a Folia em casa, de passagem, tem pronta sua Lapinha, para os cantorios, para acomodar a bandeira com o *retrato* do Santo. Fica assim, até a saída dos Foliões, com outras cantorias “de despedida e de agradecimento”.

“Toda imagem que você tiver dentro da casa assim pode colocar junto lá. Mas normalmente mesmo a imagem certa é a que tá no retrato da bandeira.”

“Aí vem as vizinhas, prepara a casa e ajuda a limpar. Enfeita, faz a *lapinha* e coloca as imagens que tem ali, as imagens de Santa Luzia, Nossa Senhora Aparecida tá lá. Nós fizemos a *lapinha*, eu fiz bem feitinha com quadrozinho, enfeitemos com aqueles arcos lá da vereda. Uma coisa mais linda do mundo.” (Alberto, 34)

O Cantorio é uma oração cantada, de foliões, pagando promessa (de encomenda), referindo-se a um voto, devoção. É canto para saudar, pedir e agradecer. Pede a Deus que abençoe e aumente a criação e a fazenda, por exemplo, do morador que deu pouso, para o imperador. Pede saúde, fala e cita nome de cada filho do dono da casa, agradece. O Folião “joga versos” citando os nomes dos familiares, os feitos e traços da

personalidade do imperador ou dono do pouso e depois vêm as rezas que são da tradição, conhecidos, e que não são inventados na hora. Primeiro apresenta o promesseiro e depois fala da promessa, agradecimentos e pedidos de bênçãos.

No cantório aberto, de improviso, o Guia vai “tirando versos” (inventando, criando) para descrever o cumprimento da promessa do imperador, as cenas que percebe, o ambiente, as relações de importância para a família. É como se falasse com o Santo. Descreve para o Santo o contexto, a história, os merecimentos, os desejos e pedidos, os agradecimentos de graças e pede bênçãos. É o momento solene e final da relação com o sagrado. Sela o cumprimento com as falas cantadas da oração. No cantório, o grupo de foliões toca e canta, a postura é de seriedade e não há movimentos de corpo. Ficam parados.

Tem cantório na Alvorada (saída da Folia), na chegada em um pouso, na Lapinha, na mesa, na saída do pouso, na bênção de um morador que solicita e dá uma prenda (boa) para o Santo, para a festa. Tem o cantório da Chegada, do mastro e da Entrega da Folia para o Imperador.

“Faço o cantório de qualquer tipo que a pessoa precisar. Se for pra fazer o do morador, eu faço o do morador. Se chegar um viajante e pedir: ‘Eu quero um cantório de Reis!’, eu faço. Quer dizer, fiz a do dono da casa e já faço a do viajante, pede eu pra fazer que às vezes ele não tá na casa. Se um fazer uma promessa pros Três Reis e mandar fazer um cantório, ele de joelhos, isso aí já é um cantório diferente, eu faço também. E aí quando passar isso daí, aí nós vai fazer os lundu, as curraleira e as catira se precisar.” (Q20 - entrevista em ago.06, depoente nascido em 1936)

Nas brincadeiras toca-se e dança-se a Curraleira e o Lundu (tem sapateado). São próprias de festas de foliões. São cantigas em movimento. Diferente do Cantório, estas cantigas são dançadas, acompanhadas com os mesmos instrumentos musicais dos Cantórios dos Foliões, do Giro de Folia: o pandeiro, a viola e a caixa.

São muitos os cantos, antigos e novos. O movimento é grande, ritmado e *trançado*, entre os participantes, em fila dupla, uma em frente da outra. Nas brincadeiras se “joga versos” e os movimentos de roda, giros e caminhadas das filas, uma com a outra, é estruturado, previsível e conhecido. O sorriso nos rostos é uma marca. É pra brincadeiras. Dança de *quadra*, ou oito, doze, sempre de par. As mulheres que sabem e querem, entram e dançam a curraleira e os lundus.

“A curraleira pode abordar vários temas, santos, amor, brigas, qualquer acontecimento pode virar curraleira”

“O lundu não precisa dançar de par não, aí pode misturar. Mistura um com o outro assim e para onde der certo.” (Q20 - entrevista em ago.06, depoente nascido em 1936)

Guaiana ou catira - dança de par (pelo menos seis pares), com viola e palma, bate os pés (sapateado ritmado) e troca de lugares com os pares, são versos novos ou antigos. Quase ninguém do Assentamento sabe dançar a catira, a não ser os mais velhos. Mas na tradição das famílias, a curraleira é mais dançada e parece com a Catira, mas é mais simples. Dançadas no “salão”, dentro de casa, na sala.

“Só não pode dançar forró em festa de Reis. **A festa de Reis é uma festa de brincadeira**, que dança lundu, é guaiana, é curraleira. As dança de folião é essa, folião não pode dançar **forró não**.” (Q20 - entrevista em out.06, Guia de Folia nascido em 1928) (destaques meus).

4.3.2 - O terreiro da casa

No terreiro, acontecem as danças de Roda - “dança de terreiro”, “canto de terreiro”. No **terreiro**, as danças são orientadas por motivações diversas, com nomes que sugerem a natureza: Cana Verde, Tamanduá, Carneiro, Marujo, Mergulhão, Ariri, Mulatão, Peru e Flor da ingazeira. As mudanças de passos, ritmos e estrutura, com homens e mulheres, com letras que inspiram os movimentos e danças, cujos passos e movimentos são conhecidos de todos, ou inventadas na hora e ensinadas. São danças coletivas. Podem variar de nome e de letra, pois as pessoas podem “tirar” (inventar) e ensinar para outras, e dançar. As mulheres mais velhas “tiravam” mais.

4.3.3 - O fora de casa

Na **rua**, em frente à casa do festeiro ou do Imperador, **fora**, armam o **baile** com Forró, com tocador de sanfona, música de “som”.

“Forró, não! Não é de Deus! Forró não é respeitado. Só tem escândalo... é o maior caminho da perdição”. Outro: “Forró é só confusão, briga. Não tem futuro.” Outro retruca, apreciador de forró: “no forró, diz alguma coisa... quem sabe agiliza um namoro!” (dez.06)

Festa que é religiosa, no caso de Santo Reis ou outro santo, aí não tinha forró. O pessoal usava forró só em festa de casamento e de aniversário, aí já não dançava curraleira, essas coisas.” “Casamento é forró, na base da sanfona.” (dez.06)

Forró não é novidade, mas não é da tradição desta parte do sertão, em Minas Gerais. São tocados com sanfona ou por meio de gravações em equipamentos eletrônicos. Onde não existe a eletricidade e a festa está com as *brincadeiras*, se alguém chega com o carro, abre a porta e põe a música de forró para tocar, acaba com as curraleiras e lundus. Não é dança de dentro de casa, mas *de fora*, da porta para fora. Quando o forró está programado em uma festa, o dono da casa costuma construir um rancho na frente da casa para acontecer o forró.

4.3.4 - Celebrações do privado e do comunitário

Depoentes fazem entender que existem dois momentos culturais de celebração bem distintos na vida da comunidade: um pode ser identificado como *privado*, uma comemoração de um evento ou data de uma família, que marca uma passagem no tempo ou no status da vida social. São, por exemplo, um casamento, aniversário, bodas, batizado, etc. Neste caso, as despesas são inteiramente por conta do anfitrião que faz os convites. A comemoração é coletiva, mas não é comunitária. A festa é privada. É bem aceita a música de forró nestes eventos. O indivíduo é o homenageado.

Ele está na sociedade, A *festa boa* tem homens e mulheres, grupos de jovens, músicas modernas, som elétrico ou músicas que se ouve em rádio, popular. É costume acontece estas festas privadas em tendas, em clube, em pátios, *longe de casa* . No caso do Assentamento isto não acontece, pois é zona rural e não há salões, galpões ou clubes. Mas, nas Festas de Santos, as danças *modernas* estão fora de casa, na *rua* ,³² em espaço improvisado, um rancho em frete da casa, construído para isso.

Um outro tipo de celebração, coletivo e comunitário, são as festas de caráter religioso, de tradição centenária, que tem seus momentos profanos e os “dos santos, de Deus”. A célula é a família. O encanto e o *indizível* destas Festas ficam por conta do caráter de unidade estabelecida pela tensão entre os contrários: o céu e a terra; a reza e as brincadeiras; alma e o corpo; o Giro das Folias e as danças de dentro de casa; os cantorios rigidamente repetidos, contidos (corpo) e sérios, versus as músicas *tiradas* quase de improviso, lúdicas e sensuais, dançadas, com sorrisos de prazer. Misturam-se velhos, jovens, homens, mulheres e crianças. O ambiente é a casa, a sala e o terreiro. Tem identidade de família. O homenageado é o Santo, que está acima do homem/sociedade, no céu, no universo do sagrado. O homem apenas executa.

Nas festas comunitárias, nas Festas de Santos, as regras, as músicas, os ritmos e danças, a ocupação de espaços, a forma de participação e de procedimentos são conhecimentos de domínio público. São ditados e celebrados em cada ritual (festa, Giro de Folia, Pouso de Folia, Império) pela tradição e não estão sujeitos a modificações estruturais pela ação do indivíduo ou de um grupo qualquer. A Festa “é boa” se segue os passos esperados, com participação da comunidade, com fartura e simpatia do império. Tem que ser bonita, para ser boa. Os critérios de beleza e de perfeição ficam por conta de julgamentos de patrimônios imateriais, de valor cultural e de relações tradicionais.

A música tocada, os movimentos das danças, a imaginação que inventa palavras e versos, quase que brotam nas cordas da viola, couro da caixa e no tilintar do pandeiro, são celebrações de encontros dos santos, da natureza e dos homens. Não dá para falar de musicalidade destas comunidades do Noroeste de Minas Gerais sem pensar em festas, nas rodas das *usinas* de farinha, nos rodopios das brincadeiras dos terreiros, animados de sorrisos. Não tem nome. O que tem na musicalidade é lembrança e é gente existindo, movimentando a natureza e as divindades.

Só quem pode dizer mesmo sobre a musicalidade e celebrações destas gentes é João Guimarães Rosas, que tanto soube lê-los pela alma. Dizia o escritor, em uma entrevista a Günter Lorenz, “ *Os paradoxos existem para que ainda se possa exprimir algo para o qual não existem palavras* ”. (Rosa, 1994, p. 32) (in Santiago Sobrinho, 2003; p.79)³³

³² No Sertão de Minas e no Nordeste do Brasil, é costume usar o termo *rua* para se referir à cidade, a um povoado que tem arruamento. “Vou pra rua” significa que a pessoa está indo para a cidade, para o “centro da cidade” se já mora em uma zona urbana, mas na periferia.

³³ João Batista Santiago Sobrinho. **Imagens da Água no Romance Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa**. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2003.

Documentação Sonora da Musicalidade do Assentamento São Francisco e Arredores

*Por Roberto Corrêa,
Músico e pesquisador*

Documentação Sonora da Musicalidade do Assentamento São Francisco e Arredores

*Por Roberto Corrêa**

Para a documentação sonora das manifestações musicais do Assentamento São Francisco (que abrange as fazendas São Francisco e Gentio) e Arredores, realizamos duas viagens de gravação em campo. Adotamos a casa de Dona Nica, perto da sede do Assentamento São Francisco, como nosso ponto centralizador. Nos dias 01 e 02 de Setembro de 2006, as gravações foram feitas na casa de farinha de Seu Aneandro e na sede do Assentamento São Francisco. Nos dias 12 e 13 de outubro de 2006, na sede do Gentio, na casa de Dona Rosário no Grotão, e na casa de Dona Arcanja no Carinhonha, localidades situadas nos arredores do Assentamento.

Foi realizada uma prévia identificação de membros da comunidade que atuaram ou que ainda atuam na prática musical das celebrações e de pessoas que preservam na memória músicas e práticas musicais de tempos passados. Essas pessoas foram convidadas a participar do levantamento e gravação das músicas e compareceram nas datas e locais definidos ou nos receberam em suas casas.

Gravamos grande diversidade de expressões musicais, tanto devocionais como lúdicas. Algumas ainda fazendo parte do cotidiano da comunidade, outras, presentes apenas na memória de alguns membros da comunidade.

A Musicalidade do Assentamento São Francisco está identificada com os fazeres musicais comuns à região do Brasil Central, como Folias, Catiras, Lundus e Rezas. No entanto, talvez pela localização geográfica do Parque Grande Sertão Veredas – na trijunção entre Minas gerais, Goiás e Bahia – encontramos fragmentos musicais de manifestações típicas da região Nordeste brasileira como o Coco e a Embolada. Algumas manifestações como as Folias, as Rezas e brincadeiras como o Lundu e a Curradeira estão ainda no cotidiano das pessoas. Outras expressões como as Danças de Roda, a Guaiana, os Cocos e as Inselengas já estão praticamente em desuso.

A instrumentação utilizada é a característica da região central brasileira: viola, violão, caixa e pandeiro. A sanfona apareceu, quando da nossa visita, em um baile na sede do Assentamento, todavia não foi utilizada nas manifestações que registramos, pois espontaneamente os membros da comunidade não a incluíram na execução para a documentação de suas práticas musicais ancestrais. O texto cantado esteve presente em todos os registros sonoros e eram quase sempre entoados em duetos, em intervalos de terças. Este intervalo marca a música cantada popular e tradicional do Brasil Central, sua noção é intuitiva, parecendo estar arraigada na alma de seu povo. A sensação do intervalo é mantida mesmo quando as vozes estão em oitavas diferentes, como é o caso do dueto entre a voz masculina e a voz feminina. Neste caso, os duetos, na verdade, resultam em intervalos de sextas ou décimas, mas preservam a sensação dos intervalos de terça.

Classificamos o conteúdo musical documentado da seguinte forma:

Cantórios de Devoção – Cantório de Folia de Reis, Cantório da Folia do Divino, Agradecimento de Mesa, Cântico de Louvor, Inselenças, Cântico da Paixão e Rezas.

Brincadeiras de Folia – Curraleiras, Guaiana e Lundus.

Canto de Trabalho – Canto de “Roda de Farinha”

Danças de Roda

Outros Cantos – Romance, Coco Travado, Desafio de Embolador e Enumeração.

Alguns membros do Assentamento foram fundamentais para nossa documentação sonora pelo fato de estarem atuantes dentro da comunidade e também por guardarem na memória a música que ouviam quando crianças nas celebrações e contextos sociais que já não mais existem. Os cantadores ou músicos que se apresentaram com destaque, e que identificamos como fundamentais para a prática, repasse e continuidade da Musicalidade do Assentamento são: Otaciano Francisco das Neves (Seu Tasso); Antônio Lopes Batista (Ferro Velho); Ivalino Paulo Ferreira da Silva (Idelino); Glinercino Pereira Saraiva (Gugu); Minervina Francisca das Neves (Dona Nica); José Pereira da Silva (Pela Porco) e Tercílio Costa Barbosa. Também participaram das gravações: Joaquim Barbosa das Neves (Quinquinha), Odilon Pereira Goes e Arcanja Barbosa dos Santos.

O registro sonoro é apresentado em dois CDs e constitui parte fundamental da documentação da Musicalidade do Assentamento. Além da melodia e do ritmo, a documentação em áudio abrange os sotaques, as formas de se entoarem as vozes, a sonoridade dos instrumentos, os timbres, a liberdade dos tempos, e outros elementos musicais que não são possíveis de serem transcritos para a pauta musical, mas que, no seu conjunto, definem a sonoridade típica das manifestações. Todos estes elementos são constituintes da Musicalidade, do fazer musical da comunidade. Partindo deste princípio, fundamentamos nosso trabalho na qualidade máxima de captação das músicas, respeitando a espontaneidade dos tocadores (interpretação) e a hierarquia musical de cada música (diferenciando os planos musicais de acordo com sua importância na expressão musical).

O material selecionado para os dois CDs identifica a riqueza e a diversidade musical do Assentamento São Francisco e Arredores. Os CDs apresentados não compõem a totalidade dos registros executados, mas sim uma seleção representativa da Musicalidade do Assentamento. As músicas e cantos gravados estão apresentados nos CDs na íntegra, não houve cortes em uma mesma execução.

Segue abaixo a relação das músicas apresentadas em cada um dos CDs. Relacionamos os membros da comunidade que participaram de cada música com sua voz e/ou instrumento (indicado).

CD I

1 – Canto de “Roda de Farinha” (tradicional)

Otaciano Francisco das Neves; Antonio Lopes Batista; Joaquim Barbosa das Neves e Ivalino Paulo Ferreira da Silva

2 – Cantório da Folia do Divino (tradicional)

Otaciano Francisco das Neves (viola); Antonio Lopes Batista (viola); Ivalino Paulo Ferreira da Silva (violão); Glinercino Pereira Saraiva; Joaquim Barbosa das Neves (caixa) e Odilon Pereira Goes (pandeiro)

3 – Curraleira “Folia do Divino” (anônimo)

Otaciano Francisco das Neves (viola); Antonio Lopes Batista (viola); Ivalino Paulo Ferreira da Silva (violão); Glinercino Pereira Saraiva; Joaquim Barbosa das Neves (caixa) e Odilon Pereira Goes (pandeiro)

4 – Danças de Roda (tradicional)

Tercílio Costa Barbosa (caixa); Otaciano Francisco das Neves (viola); Dona Nica e Glinercino Pereira Saraiva

5 – Curraleira “Grande Sertão Veredas” (Gugu e Idelino)

Otaciano Francisco das Neves (viola); Antonio Lopes Batista (viola); Ivalino Paulo Ferreira da Silva (violão); Glinercino Pereira Saraiva; Joaquim Barbosa das Neves (caixa) e Odilon Pereira Góes (pandeiro)

6 – Coco Travado “Ô mais é mesmo” (tradicional)

Otaciano Francisco das Neves (viola) e Glinercino Pereira Saraiva

7 – O ovo da galinha (Gugu)

Glinercino Pereira Saraiva.

8 – Curraleira “Boiadeiro” (anônimo)

Otaciano Francisco das Neves (viola); Antonio Lopes Batista (viola); Ivalino Paulo Ferreira da Silva (violão); Glinercino Pereira Saraiva; Joaquim Barbosa das Neves (caixa) e Odilon Pereira Goes (pandeiro)

9 – Lundu “Não posso te levar” (tradicional)

Otaciano Francisco das Neves (viola); Antonio Lopes Batista (viola); Ivalino Paulo Ferreira da Silva (violão); Glinercino Pereira Saraiva; Joaquim Barbosa das Neves (caixa) e Odilon Pereira Goes (pandeiro)

10 – Curraleira “Pescaria” (anônimo)

Otaciano Francisco das Neves (viola); Antonio Lopes Batista (viola); Ivalino Paulo Ferreira da Silva (violão); Glinercino Pereira Saraiva; Joaquim Barbosa das Neves (caixa) e Odilon Pereira Góes (pandeiro)

11 – Jogo do bicho (anônimo)

Otaciano Francisco das Neves (viola) e Glinercino Pereira Saraiva

12 – Lundu “O pé da rédea quebrou” (tradicional)

Tercílio Costa Barbosa (caixa); Otaciano Francisco das Neves (viola); Glinercino Pereira Saraiva e Ivalino Paulo Ferreira da Silva

13 – Inselença “Senhor da boa hora” (tradicional)

Arcanja Barbosa dos Santos e Glinercino Pereira Saraiva

14 – Cântico da Paixão “Lá no céu tem uma rosa” (tradicional)

Arcanja Barbosa dos Santos; Glinercino Pereira Saraiva e Otaciano Francisco das Neves

15 – Reza “Bendita de Deus” (tradicional)

Comunidade do Grotão

16 – Reza “Adeus minha lapinha” (tradicional)

Comunidade do Grotão

CD II

1- Canto de “Roda de Farinha” (tradicional)

Minervina Francisca das Neves e Aneandro Pereira dos Santos

2 – Cantorio da Folia de Reis (tradicional)

Otaciano Francisco das Neves (viola); Antonio Lopes Batista (viola); Ivalino Paulo Ferreira da Silva (violão); Glinercino Pereira Saraiva; Joaquim Barbosa das Neves (caixa) e Odilon Pereira Góes (pandeiro)

3 – Curraleira “Folia de Reis” (tradicional)

Minervina Francisca das Neves e Otaciano Francisco das Neves

4 – Danças de Roda (tradicional)

Arcanja Barbosa dos Santos e Glinercino Pereira Saraiva

5 – Curraleira “Mulher ciumenta” (Pela Porco)

José Pereira da Silva (violão) e Ivalino Paulo Ferreira da Silva (caixa)

6 – Coco Travado “Agora que eu vou dizer” (tradicional)

Otaciano Francisco das Neves (viola)

7 – Romance da onça (tradicional)

Otaciano Francisco das Neves (viola) e Glinercino Pereira Saraiva

8 – Curraleira “Festa em janeiro” (anônimo)

José Pereira da Silva (violão); Ivalino Paulo Ferreira da Silva (viola); Odilon Pereira Goes (pandeiro); Otaciano Francisco das Neves (caixa) e Glinercino Pereira Saraiva

9 – Lundu “Lagartixa” (tradicional)

Otaciano Francisco das Neves (viola); Glinercino Pereira Saraiva; José Pereira da Silva (violão); José Pereira dos Santos (pandeiro) e Tercílio Costa Barbosa (caixa)

10 – Curraleira “N. Sra Aparecida” (anônimo)

José Pereira da Silva (violão); Ivalino Paulo Ferreira da Silva (viola); Odilon Pereira Goes (pandeiro); Otaciano Francisco das Neves (caixa) e Glinercino Pereira Saraiva.

11 – Desafio de Embolador (tradicional)

José Pereira da Silva (caixa); Glinercino Pereira Saraiva e Ivalino Paulo Ferreira da Silva (viola)

12 – Lundu “Não chora não Maria” (tradicional)

Otaciano Francisco das Neves (viola); Glinercino Pereira Saraiva; José Pereira da Silva (violão); Odilon Pereira Goes (pandeiro) e Ivalino Paulo Ferreira da Silva (caixa)

13 – Guaiana “Moda e Recortado” (tradicional)

José Pereira da Silva e Glinercino Pereira Saraiva.

14 – Agradecimento de Mesa (tradicional)

José Pereira da Silva; Glinercino Pereira Saraiva; Ivalino Paulo Ferreira da Silva; Odilon Pereira Goes; Otaciano Francisco das Neves (viola); Antonio Geraldo Barbosa; Galdino dos Santos e Glinercino Pereira Saraiva

15 – Inselença “São Gregório” (tradicional)

Arcanja Barbosa dos Santos e Glinercino Pereira Saraiva

16 – Derrama meu Senhor (D. R.)

José Pereira da Silva; Glinercino Pereira Saraiva; Ivalino Paulo Ferreira da Silva; Odilon Pereira Goes; Otaciano Francisco das Neves; Antonio Geraldo Barbosa; Galdino dos Santos e Glinercino Pereira Saraiva

AS EXPRESSÕES MUSICAIS

Apresentamos abaixo as expressões musicais registradas. Transcrevemos as letras das músicas, a partir de nosso entendimento, e do

que foi possível verificar junto aos cantadores (que por vezes, mesmo ouvindo o registro, não conseguiram nos transmitir o conteúdo de texto do canto). Algumas letras foram omitidas pela dificuldade de sua transcrição, agravada pelo fato de, em alguns casos, o ajudante entoar a segunda voz sem conhecer direito o texto cantado pelo *puxador*.

CANTORIOS DE DEVOÇÃO

Cantorio de Folia de Reis: O Cantorio da Divindade dos Três Reis Magos segue o modo mais usual de se cantar Folias no noroeste de Minas Gerais e no estado de Goiás. O guia *puxa* o cantorio, acompanhado de seu ajudante, em dueto. Eles cantam os dois primeiros versos de uma quadra de sete sílabas e, em seguida, o contraguia e seu ajudante, também em dueto, *respondem*, cantando os mesmos versos. No Brasil Central, tradicionalmente, as Folias de Reis giram à noite. No entendimento dos foliões a estrela-guia aparecia ao escurecer, conduzindo os Magos, durante as noites, ao encontro do Menino-Deus. Na gravação o grupo cantou o Nascimento. A instrumentação utilizada foi viola, violão, caixa e pandeiro.

Faixa 2 do CD II

Seja o Pai e seja o Filho / Seja o Espírito Santo / Seja os Três Reis do Oriente /
Deus criou pra o nosso encanto
Boa noite já foi dada / Na lapinha de Belém / Vamos adorar o filho da Virgem /
Que Nossa Senhora tem
No vinte e cinco de dezembro / O campo abriu de flor / E as doze horas da
noite / Nasceu nosso salvador
E os passarinhos do deserto / Correram todos pra ver / A grandeza da Santa
lapinha / Onde Jesus veio nascer
Desde o dia que Jesus nasceu / O mundo deu um sinal / O menino Jesus foi
nascido / Entre noite de natal
Nós todos deseja saber / Como a Virgem deu luz / Ela teve um filho
primogênito / Pôs o nome de Jesus
Foi da parte do Oriente / Que os Três Reis foi visitar / Aguiado pela estrela /
Para vós encaminhar
Pai , o Filho e o Espírito Santo / Por aqui nós encerremos / Com o nome das
três palavras / O nosso corpo benzemos

Cantorio da Folia do Divino: Os *Ternos* giram durante o dia. No entendimento dos foliões o Divino é a luz, por isso a tradição do giro no claro do dia. O Cantorio do Divino registrado no Assentamento seguiu o mesmo padrão de vozes empregado no Cantorio de Reis e a instrumentação manteve-se a mesma.

Faixa 2 do CD I

O sinal da Santa Cruz / É princípio de oração / É o sinal que Deus deixou / Pra
fazer de nós cristão
O Pai Eterno é o primeiro / Jesus Cristo é o segundo / Espírito Santo é o
terceiro / Quem criou a luz no mundo

Quem criou a luz no mundo / Foi com o Divino Espírito Santo / Iluminou o céu e a terra / E quebrou qualquer encanto
Pai Eterno foi quem criou / Todo encanto e beleza / Criou céu e mar e terra / Por obra da natureza
O retrato do Divino / Colorido de vermelho / Onde está a Pombinha branca / Que do céu à terra veio
Pai e o Filho, Espírito Santo / Nas horas de Deus amém / Dê louvor ao Pai Eterno / Viva todos que estão presentes

Agradecimento de Mesa: Atividade que faz parte do ritual das Folias. É cantada, antes ou depois das refeições, nos pousos. Os foliões cantam parados ou girando ao redor da mesa. Alguns guias de folias usam também as denominações "Bendito de Mesa" e "Saudação de Mesa".

Faixa 14 do CD II

Pai, Filho, Espírito Santo / É o começo da doutrina / Escrita por Jesus Cristo / Que a Santa Igreja ensina
Bendito louvado seja / É o Santíssimo Sacramento / Nosso Senhor Jesus Cristo / Quem nos dá o alimento
O alimento que vós deu / Nasceu do reino da Glória / Vamos agradecer a mesa / Como agradece a esmola
Essa mesa representa / A santa Ceia de Jesus / E depois da Santa Ceia / Ele voltou pra bela cruz
Na cidade de Belém / Foi ornada a Santa Ceia / Tinha pão e tinha vinho / E era carne de ovelha
Repartiu o pão e o vinho / E os Apóstolos alimentou / E depois que alimentaram / Pra o deserto viajou
Reuniu os doze Apóstolos / Para não andar sozinho / Fez a pedra virar pão / Fez a água virar vinho
Deus lhe pague o bom almoço / Que vós deu a seus irmãos / Deve ser bem recebida / Na mesa da comunhão
Deus lhe pague o bom almoço / Que deu com muita alegria / Deve ter seu nome escrito / Dentro das Santa Profecia
Deus te paga o alimento / Que compôs a bela mesa / Quando for no outro mundo / É sua clara luz acesa
Bendito louvado seja / É um Santo consolador / Bendito louvado seja / É um Santo consolador
Consolai as nossas almas / Quando desse mundo eu for / Lá do céu desceu um anjo / Com seu livrinho na mão
Nesse livro evem contando / Viva a nossa união / Viva nossa união / Com prazer e alegria / E viva o dono da casa / Com sua nobre família / Os anjos cantam no céu / Cantam na terra também / Já rezemo e oferecemo / Jesus cristo diz amém

Cântico de Louvor: "Derrama oh Senhor" pertence ao repertório popular atual relacionado à Igreja Católica no Brasil e vem sendo incorporada em diversas celebrações tradicionais.

Faixa 16 do CD II

Dona da casa será abençoada / Porque o Senhor vai derramar o seu amor
Derrama meu senhor / Derrama meu Senhor / Derrama sobre nós o seu amor
O alimento vai ser abençoado / Porque o Senhor vai derramar o seu amor
Derrama meu Senhor...
Essa casa será abençoada / Porque o Senhor vai derramar o seu amor
Derrama meu Senhor...

Inselenças: Cantos para encaminhamento das almas. Este tipo de canto foi cultivado nas comunidades isoladas, onde a ausência de padres era suprida pelos rituais da religiosidade popular, por ocasião dos sepultamentos. O número de repetições (uma inselença, duas inselenças) varia de uma região para outra. Na região do Parque Grande Sertão Veredas, de acordo com Glinercino (Gugu), a Inselença se cantava oito vezes. Outras regiões brasileiras adotam a expressão "Recomenda", "Encomenda de Almas", ou ainda "Excelença" ou "Excelência", para o mesmo fim.

Faixa 13 do CD I

Cadê os carregador / Que a alma já vai se embora / Chegou duas mil vigia /
Senhor da boa hora
Cadê os carregador / Que a alma já vai se embora / Chegou três mil vigia /
Senhor da boa hora

Faixa 15 do CD II

Seis Inselença / De Senhor São Gregório / Despede desse mundo / Que a alma
vai se embora
A alma vai se embora / Com bem dor no coração / Adeus o povo todo / E pois
adeus seus irmão
Sete Inselença / De Senhor São Gregório / Despede desse mundo / Que a
alma vai se embora
A alma vai se embora / Com bem dor no coração / Adeus o povo todo / E pois
adeus seus irmão

Cântico da Paixão: De acordo com Seu Tasso, era entoado na Semana Santa por ocasião do "Beijamento" dos pés de Cristo.

Faixa 14 do CD I

Lá no céu tem uma rosa / Dentro dela resplendor / É feliz e é ditoso / Quem
beijar os pés do Senhor
Lá no céu tem duas rosas / Dentro dela resplendor / É feliz e é ditoso / Quem
beijar os pés do Senhor
Lá no céu já tem três rosas / Dentro dela resplendor / É feliz e é ditoso / Quem
beijar os pés do Senhor
Lá no céu tem quatro rosas / Dentro dela resplendor / É feliz e é ditoso / Quem
beijar os pés do Senhor
Lá no céu tem cinco rosas / Dentro dela resplendor / É feliz e é ditoso / Quem
beijar os pés do Senhor
Lá no céu já tem seis rosas / Dentro dela resplendor / É feliz e é ditoso / Quem
beijar os pés do Senhor

Lá no céu tem sete rosas / Dentro dela o resplendor / É feliz e é ditoso/ Já beijaram e arrematou

Rezas: As Rezas acontecem no decorrer das funções devocionais ou mesmo isoladamente, obedecendo ao calendário de santos ou em pagamento de promessas. Em geral, nas Rezas, uma pessoa *puxa* o canto, geralmente com um ajudante, em dueto, e as demais pessoas *respondem* em várias vozes. Documentamos uma Reza na comunidade do Grotão da qual selecionamos dois momentos: “Bendita de Deus” e “Adeus minha lapinha”. Nesta ocasião foram cantados também trechos de ladainha em latim.

Faixa 16 do CD I

Adeus minha lapinha / Enfeitada de flor / Adeus minha lapinha / Enfeitada de flor
Até pra o ano / Se vivo nós for / Até pra o ano / Se vivo nós for
Adeus minha lapinha / Senhor São José / Adeus minha lapinha / Senhor São José
Até pra o ano / Se Deus quiser / Até pra o ano / Se Deus quiser

BRINCADEIRAS DE FOLIA

São danças que fazem parte da Divindade.

Curraleira: É uma dança típica do Brasil Central e encontrada na região do Parque Grande Sertão Veredas com muito vigor. É dançada por um número par de pessoas, geralmente oito, os tocadores inclusive. Assemelha-se à dança designada por “Quatro”. As músicas são pequenas, as letras geralmente descrevem alguma situação passada com pessoas da comunidade. O cantador auxiliado de ajudante canta, ou *tira*, sua própria curraleira ou relembra curraleiras antigas, aprendidas com seus pais e avós.

Faixa 5 do CD I

Me ajuda companheiro / Que eu também lhe ajudarei / Adeus Mato Grande / Adeus meu Gerais
Agora que eu despedi / Por aqui não volto mais / Embora que eu moro longe / Alguma coisa eu falei / Adeus Mato Grande / Adeus Minas Gerais / No dia que eu despedi / Por aqui não volto mais
Esse parque do governo / Ninguém sabe o que que faz / O povo do IBAMA / Ta tentando nós demais / Adeus Mato Grande / Adeus Minas Gerais / No dia que eu for embora / Nunca mais não volto mais / Vamos dar mais uma volta / Que a viola mandou dar / Adeus Mato Grande / Adeus meu Gerais / Agora que eu despedi / Por aqui não volto mais / Depois de a volta dada / Viola mandou parar

Faixa 3 do CD II

Companheiro me ajuda / Que eu também lhe ajudarei / Embora que eu moro longe / Alguma coisa eu falei
Meu Aferes da bandeira / Pega o Mastro e vai embora
Pega o Mastro e vai embora / Despede dos morador / Vamos terminar o giro / Na casa do Imperador Meu alferes da bandeira / Pega o Mastro e vai embora

Vamos dar mais uma volta / Na cravia da viola / Meu alferes da bandeira /
Derramai com nossa hora

Faixa 5 do CD II

Companheiro amigo meu / Me ajuda eu cantar / Quem tem mulher ciumenta /
O homem não pode adular
Me dói o céu da boca / E os dentinho do queixá / Quem tem mulher ciumenta /
O homem não pode adular
Rodei, rodei, rodei / Rodei, tornei rodar / Quem tem mulher ciumenta / O
homem não pode adular
Eu dei ela a minha camisa / Ela não soube engomar / Eu dei ela a minha
camisa / Ela não soube engomar
Dei ela a minha gravata / Ela não soube amarrar / Quem tem mulher ciumenta
/ O homem não pode adular
Vou jogar mais um verso / Que esse povo me pediu / Quem tem mulher / O
homem não pode adular
Pra eles não dizer / Que os folião não lhe serviu / Quem tem mulher ciumenta
/ O homem não pode adular

Faixa 8 do CD II

Companheiro amigo meu, me ajuda eu cantar / Eu fui convidado / Pra uma
festa de Janeiro
Me dói o céu da boca / E o dentinho do queixá / Eu fui convidado / Pra uma
festa de Janeiro
Reuní meus instrumentos / Viola, caixa e pandeiro / Reuní meus instrumentos
/ Viola, caixa e pandeiro
Pra girar uma folia / Somos doze companheiro / E eu fui convidado / Pra uma
festa de Janeiro
Vou jogar mais um verso / Que esse povo me pediu / Eu fui convidado / Pra
uma festa de Janeiro
Pra eles não dizer / Que os folião não serviu / Eu fui convidado / Pra uma festa
de Janeiro

Faixa 10 do CD II

Com licença Dona Arcanja / Essa vai no seu louvor
Brasil é terra boa / Nossa terra querida / É a nossa Padroeira / Senhora
Aparecida
A sola de seu sapato / Correu água e nasceu flor
Brasil é terra boa / É nossa terra querida / É da nossa Padroeira / Senhora
Aparecida
Ela nasceu em São Paulo / Lá no rio Paranaíba / Apareceu em São Paulo / Lá
no rio Paranaíba
Nossa padroeira / Que protege a nossa vida
Vamos dar mais uma volta / Na cravia da viola
Vamos dizer mais um verso / Que esse senhor me pediu
Meu Brasil é terra boa ...
Pra ele não dizer / Que o folião não lhe serviu

Meu Brasil é terra boa ...

Guaiana: A Guaiana ou Guaiano é similar ao Catira. É uma função formada por dois cantadores e por vários pares de dançadores que sapateiam e batem palmas. No decorrer da função acontecem dois momentos de cantoria: A Moda-de-Viola e o Recortado. A Moda-de-Viola é uma narrativa cantada. Depois de uma ou duas estrofes da Moda o violeiro repica a viola para acontecer a dança. O Recortado acontece logo em seguida, ao final da Moda. Os seus versos são jocosos, aleatórios ou no assunto da Moda que foi cantada. Na Guaiana que registramos foi cantado a Moda-de-Viola e o Recortado, porém a dança não foi executada.

Faixa 13 do CD II

Moda-de-Viola:

Alembro e tenho saudade / Daqueles tempos de trás / No tempo que eu fui tropeiro / Na fazenda do Seu Brás / Tocando dúzia de boi / Ai, ai, ai, daquele tempo de gozo / Que passa e não volta mais

Ando com minha burrada / Foi na beira de um rio / Pra atravessar pro outro lado / Precisou de afrouxar a cilha / A burrada está formada / Siu, Siu, Siu / Com o peso de oito arroba / A burrada está vazia

Ando com meus animais / Sem o auxílio de ninguém / Topando umas com outras / Parecia um grande ... / Vem, vem, vem / A moça ficou dizendo / Evem, meu amor evem

Levantei um dia cedo / Antes do dia clarear / Sai na porta da rua / Fui chamar meus animais / Eu chamava de voz alta / Tió, tió, tió / Chegaram de um a um / Na porteira do curral

Recortado:

Lampião andou no mundo / Deixou muito o que contar / Pegando rapaz solteiro / E os velhinho pra capar

Os véio respondeu / Com bem dor no coração / Eu não sinto a dor da morte / Igual a dor da capação

Ôi, ai roxa morena / Venha despedir de mim / Quem vai se embora sou eu / E minha sorte é mesmo assim / Minha sorte é mesmo assim / Deixa eu cumprir a minha sorte / Vai saindo Estrela D`alva / E adeus Estrela do Norte

No ano que eu casei / Eu comprei muita fartura / Comprei um pé de mandioca / Um quarto de rapadura / Um quilo de arroz / E comprei uma moranga madura

Eu perguntei a mulher / Que se eu podia namorar / Ela foi me arrespondeu / Moça bonita não faz mal Não quero que você namore é moça feia / Quando elas olhar pro câ / Câ fecha a cara e murcha a orelha

Lundu: É uma dança de caráter lúdico e ao mesmo tempo provocativo. Também pode ser *tirada* pelos cantadores, assim como a curraleira. Em alguns lugares várias pessoas entram na roda a dançar, cada um à sua maneira. Em outros, a dança apresenta um caráter de desafio: a pessoa entra na roda e desafia seu repertório de meneios e peripécias finalizando a dança com uma vênica, um gesto ou mesmo uma umbigada, em alguém da roda intimando-o a dançar no centro da roda. No Assentamento, na explicação de Idelino: "Também tem vários tipos de lundu. Tem o lundu sapateado que dois canta e

dois responde e naquele intervalo eles sapateiam de um ou de dois. E tem aquele que toca e enche de gente dançando, esse pode ser quantos quiserem. Mas o sapateado tem número, é de dois em dois. Um dança e aí faz o sinal pro outro e ele vai, faz uma roda e ele dança no meio da roda. Aí ele faz o sinal pro outro e ele vai, que é pra ver quem dança melhor”.

Faixa 9 do CD I

Companheiro me ajuda / Que eu também te ajudarei / Não chora não Maria /
Que eu não posso te levar
Embora que eu moro longe / Alguma coisa eu falei / Não chora não Maria /
Que eu não posso te levar
Minha despesa já acabou / Dinheiro não tenho pra comprar / A viagem é muito
longe / Tenho pressa pra chegar
Não chora não Maria / Eu não posso te levar
O dinheiro já acabou / Despesa não posso comprar / Não chora não Maria /
Que eu não posso te levar
O dia que eu não te vejo / Você começa a chorar / Não chora não Maria / Que
eu não posso te levar
Olha a cara do ladrão preguiçoso / Tá comendo, tá dizendo que tá gostoso /
Uma pinga temperada vale mais / Temperada com açúcar e ananás / Amanhã
eu vou-me embora / Pra divisa de Goiás, ai, ai, ai, ai
Quero beber, meu bem / Quero rolar / Cachaça é boa, meu bem / É com
guaraná, ai, ai / Aqui mesmo eu bebo, meu bem / Aqui mesmo eu caio, ai, ai /
Aqui mesmo eu rolo, meu bem / Não dou trabaio, ai, ai
Vamos dizer mais um verso / Que esse senhor me pediu / Não chora não Maria
/ Eu não posso te levar
É pra ele não dizer / Folião não me serviu / Não chora não Maria / Que eu não
posso te levar
Meu irmão, meu irmão, meu irmão, meu irmão
A espingarda furada / Não mata baleia / Mulher ciumenta / Tem a cara feia /
Namorar moça na terra alheia
Amanhã eu vou embora oi, a, ai, ai / Essa roxa eu levo ela

Faixa 12 do CD I

Vamos, vamos minha gente / Uma noite não é nada
Segura Otaciano / Que o pé da rédea quebrou
Se eu não dormir agora / Dormirei de madrugada
Não chora Otaciano / Que o pé da rédea quebrou
Na beira do Mandu / Sua mula refugou / Chegando na Tiririca / A correia da
espora quebrou
Segura Otaciano / Que o pé da rédea quebrou
A viola não tem culpa / Nem também o tocador
Segura Otaciano / Que o pé da rédea quebrou
Meu irmão, meu irmão, meu irmão, meu irmão
Espingarda furada / Não mata baleia / Mulher ciumenta / Tem a cara feia /
Namorei moça na terra alheia, ai, ai, ai
Quero beber, oi, ai / Quero rolar / Cachaça é boa, toda vida / É com guaraná,
ai, ai, ai

Quem foi essa que dançou / Que dançou tão bonitinho / Segura Otaciano / Que o pé da rédea quebrou
Dançando do meu gosto / Dança mais um bocadinho / Segura Otaciano / Que o pé da rédea quebrou
Lá na beira do Mandú / A correia da espora quebrou / Chegando na Tiririca / A sela desarrochou
Segura Otaciano / O pé da rédea quebrou
A viola não tem culpa / Nem também o tocador / Segura Otaciano / Que o pé da rédea quebrou
Ô diá eu vou me embora é agora / Hoje aqui eu não posso ficar, ô diá
Atirei numa cotia / No passar de uma cancela / Quem tirou o couro da cotia / Foi uma moça donzela / Fiz um par de botina / ... / Inda sobrou sola pra cela
Amanha eu vou me embora / Essa roxa eu levo ela, oi ai ai ai

Faixa 9 do CD II

Eu vinha de São Paulo / Encontrei a lagartixa / Tirei o chapéu da cabeça / Pra dar benção a essa bicha
Ô bicha Ô bicha / Ô que bicha da cara fechada / Eu quero saber da senhora / Se é solteira ou se é casada
Eu não sou solteira não / Sou casada sim senhor / Com a idade de catorze anos / Meu pai e minha mãe me casou / Casou com um calango feio / Na beira da Queimadinha / Foi mil e quinhentos adobe Quarta e meia de farinha / Minha gente venha ver / Como é que o calango envinha
Companheiro da minha alma / Corda do meu coração / Mete a faca no meu peito / Tira o ... e lava as mão

Faixa 12 do CD II

Companheiro me ajuda / Que eu também te ajudarei / Não chora não Maria / Que eu não posso te levar
Embora que eu moro longe / Alguma coisa eu falei / Não chora não Maria / Eu não posso te levar
A viagem é muito longa / Tenho pressa pra chegar / A despesa já acabou / Dinheiro não tem pra comprar
Não chora não Maria / Eu não posso te levar / Vou embora pra São Paulo / Eu venho vem te buscar / Não chora não Maria / Eu não posso te levar
Olha a cara do ladrão preguiçoso / Tá comendo tá dizendo tá gostoso / Uma pinga temperada vale mais / Temperada com açúcar e ananás / Amanhã eu vou-me embora / Pra divisa de Goiás, ai ai ai
Vamos acabar com esse samba / Que agora comecemos / Não chora não Maria / Que eu não posso te levar
E a dona dessa casa / Já está se aborrecendo / Não chora não Maria / Não posso te levar
Minha viagem é muito longe / Tenho pressa de chegar / Meu dinheiro já acabou / Dinheiro não tem pra comprar
Não chora não Maria / Eu não posso te levar / O dia que eu não lhe vejo / Meu alívio é só chorar
Não chora não Maria / Não posso te levar

Eu vou beber, Arcanja / Quero rolar, ai, ai / Cachaça é boa, Arcanja / Com guaraná, ai, ai

CANTO DE TRABALHO

Os cantos de trabalho ocorrem no decorrer da lida coletiva. Nas atividades onde as pessoas se reúnem para execução de um serviço.

Canto de “Roda de Farinha”: Gravamos estes cantos na casa de farinha de Seu Aneandro.

Faixa 1 do CD I

Companheiro me ajuda / Não me deixa eu cantar só / Pois sozinho eu canto bom / Com você canto melhor
Bolandeira dessa roda / Foi feita de pequizeiro / Foi feita por mão de homem / E custou mile cruzeiro
Eu to vendo a buniteza / Nessa linda tarimbinha / A mandioca virou massa / A massa virou farinha
Companheiro me ajuda / Eu também te ajudarei / Embora que eu moro longe / Alguma coisa eu falei

Faixa 1 do CD II

Eu cantando mais Neandro, oêê / Todo mundo já conhece, ô roda, oêê / As águas do mar sobe, oêê / As pedras do morro desce, ê roda, oêê
Dois de cima e dois de baixo, oêê / A roda correu no meio, ô roda, oêê / Cê de lá dá um suspiro, oêê / Eu de cá suspiro e meio, ô roda, oêê
Vou tocar minha carruagem, oêê / Com dezoito boi barroso, ô roda, oêê / Onde tinha o boi de guia, oêê / É briante mais brioso, ô roda, oêê
Cevadeira de mandioca, oêê / Merece comer galinha, ô roda, oêê / A carne na boca dela, oêê / Os osso na boca minha, ô roda, oêê
Hoje tamo trabalhando, êêê / Nessa linda tarimbinha, ê roda, oêê / A mandioca virou massa, oêê / A massa vira farinha, ê roda, oêê

DANÇAS DE RODA

As Danças de Roda, também chamadas Brincadeiras de Roda e Danças de Terreiro, aconteciam durante os festejos. Na sede do Gentio as pessoas da comunidade se reuniram e dançaram para documentarmos as danças. Para compor uma faixa do CD I (faixa 4) realizamos a junção dos cantos de várias danças: Meu limão, meu limoeiro; Tamanduá; Oriri, orirai (Ariri); Cana verde; Peru; e Carneiro. Na casa de Dona Arcanja, gravamos Gugu e Dona Arcanja relembrando cantos de danças de roda (CD II, faixa 4): Bananeira; Mulatão; e Mergulhão.

Faixa 4 do CD I

1) Fui em cima fui em baixo / Trouxe doce de limão / Uma moça na garupa / E uma veia no cambão
Meu limão meu limoeiro / Meu pé de jacarandá / Uma vez pra querer bem / Outra vez pra te amar

Quem me dera eu dera agora / Quem me dera eu dera ainda / Quem me dera dar um beijo / Naquela boca tão linda

Menina cê joga verso / Deixa de muita vergonha / Que aqui não é comércio / Aqui é mata medonha

2) Ê doce doce de lelê ê tamanduá / Ê doce doce de lelá ê tamanduá / Segura caixa caixeiro / A viola desafinou ê tamanduá /

A viola não tem culpa ê tamanduá / E nem também o tocador ê tamanduá / Oi doce doce de lelê ê tamanduá / Ê doce doce de lelá ê tamanduá

Vamo, vamo minha gente ê tamanduá / Não me deixa eu cantar só ê tamanduá / Eu sozinho canto bom ê tamanduá / E mais vocês canto melhor ê tamanduá

3) Vamo, vamo minha gente oriri orirai / Que uma noite não é nada oriri orirai / Se nós não dormir agora oriri orirai / Dormirei de madrugada oriri mais orirai / Me ajuda companheiro oriri orirai / Sua palavra valeu oriri orirai / Uma pedra deu na outra oriri orirai / Seu coração deu no meu oriri mais orirai

Eu não jogo verso feio oriri orirai / Nem também verso inventado oriri orirai / Eu jogo verso bonito oriri orirai / Que meu bem tem me ensinado oriri mais orirai

... oriri orirai / Sete palmo pelo chão oriri orirai / Que trago fora da vista oriri orirai / Fora do sentido não oriri orirai

4) Olê lê na cana verde / Olé lê verde caninha / Eu não vou na sua casa / Pra você não vir na minha

Eu não vou na sua casa / Pra você não vir na minha / Sua boca é muito grande / Quer comer minhas galinhas

Eu plantei minha cana verde / Com dois palmos de fundura / Quando foi no outro dia / Já tinha cana madura

Oiaiá caninha verde / Oieiê verde caninha / Vou plantar minha verde cana / No braço da moreninha

5) Peru, peru, peru / Peru da bananeira / Peru bebeu cachaça / Farreou a noite inteira

Vosmecê senhor Tercilio / Quê que tem que ocê não canta / Ocê comeu toicinho aqui / Que deu ranço na garganta

Vamo ver senhor Tercilio / Esse verso é pra você / Se não saiu de seu gosto / Eu desmancho e torno a fazer

Falou bom meu companheiro / Sua palavra valeu / Uma pedra deu na outra / Seu coração deu no meu

6) Iaiá carneiro deu / Iaiá carneiro dá / Quem quisé carneiro manso / Manda vaqueiro amansar

... eu vou me embora / Nessa noite eu levo ela / Na garupa do meu macho / Na meia lua da serra

Quem me dera eu der agora / Quem me dera eu dera ainda / Quem me dera eu dar um beijo / Naquela cara mais linda

Segura a caixa caixeiro / Viola desafinou / Que a viola não tem culpa / Nem também o tocador

Faixa 4 do CD II

1) Cai, cai bananeira cai / Cai, cai bananeira é flor / Cai, cai bananeira cai / Nos braços de meu amor

Quem quiser falar de mim / Fala bem que a fama corra / Deixar de amar não deixo / Quem tiver paixão que morra
Pássaro preto tá cantando / Na copa do buriti / Paciência pássaro preto / Que eu vou embora daqui
2) Ê mulatão / Ê mulata/ Ê mulatão / Ê mulata
3) Meu amor não é esse / Nem aquele que evem / Meu amor está de branco / Não mistura com ninguém
Onde passa o marguião Ô zão zão zão
Passa, passa devagar Ô zão zão zão
No tempo que eu namorava / Nunca namorei ninguém / Namorei noventa e oito / Com você interava cem

OUTROS CANTOS

Romance: É um poema cantado, de origem medieval, que chegou ao nosso país já no início da colonização e que, pela oralidade, foi sendo repassado e recriado pelo nosso povo. São épicos de guerreiros e mesmo de animais. O Seu Tasso nos canta as peripécias de uma onça. Os versos são fragmentados, mesmo assim, nos contam uma interessante história.

Faixa 7 do CD II

Eu vim contar um causo / Que aconteceu na Bahia / A onça da terra nova / Agora mudou pra ilha
A onça da terra nova / Que agora mudou pra ilha / Acabando com a fazenda / Do gado do seu Elias
Elias pegou na pena / Fez uma grande escrivanina / Escreveu pro Xavier / E que agora essa onça morria / Essa onça respondeu / É isso mesmo é que eu queria / Que eu só pegava de noite / E agora eu pego de dia
Sexta feira da paixão / Me deu uma fome de morte / Eu fui lá pra Carnicinha / Fui arroer os meus ossos / Eu fora de mal engano / Roendo meus osso assentada / Chegou um amigo cachorro / Da sombrancelha demudada
Amigo cachorro da sombrancelha demudada / Quando vejo você por aqui / Já me cuido que é novidade / O cachorro respondeu / Amiga onça / Não é novidade nenhuma / É a bezerra do meu senhor / Que você rasgou com sua unha
Amigo cachorro você pode prestar atenção / Se foi peste ou se foi cobra / De que morreu não sei não Amiga onça / Eu mesmo sou testemunha / Que ela tinha o couro fino / E tá todo rasgado de unha
Do chão eu pulei no pau / E o cachorro me acuou / Eu enxerguei tanta gente / Todos eram caçador / Pegamos o rastro da onça / Fomos alcançar na campina / Toda arma negou fogo / Só pegou uma carabina
Fui saindo atirada / Pro rumo do pé do morro / Eu tando dentro de minha lapa / Não escapa nem um cachorro / O povo de João Teixeira / É o povo de Arenguinha / Foi falar com Xavier / Que eu peguei uma bezerrinha
No tempo de eu menina / Que eu não sabia pegar / Em quatrocentas fazendas / Eu deixei uma boa renda / Só ficou um marruá

Coco Travado: O Coco é uma dança típica do nordeste brasileiro, geralmente acompanhada com palmas ou instrumento de percussão. O cantador tira o verso e os participantes respondem cantando o refrão. Na gravação realizada na casa de Dona Arcanja foram apresentados Cocos guardados na memória

dos cantadores ali presentes, acompanhados com viola ou com viola e caixa. O Seu Tasso referiu-se a este tipo de Coco como Coco Travado.

Faixa 6 do CD I

Ô mais é mesmo / E agora que eu to contando / Sobrenome graduado / E eu me chamo Otaciano / Num tem lelê num tem nada / Sobrenome graduado / E agora que eu to contando / Eu me chamo Otaciano / Mato no mês de janeiro / Vou comer no fim do ano

É verdade vou comer no fim do ano / Bonito eu vou lhe dizer / Bonito eu vou lhe contar / Daqui pra lá eu não vou / Pode vir de lá pra cá / Carro não anda sem boi / Me diga como é que foi / Nem eu canto sem tomar

Ô mais é mesmo / Nem eu canto sem tomar / Eu hoje pisando a roda / Como roda de fiar /

Pra você largar da moda / Eu vou desandar essa roda / Você vai me desculpar / É a roda de fiar /

Eu sou como a dor de dente / Quando dá pra latejar

É verdade, bonito eu vou lhe contar / Daqui pra lá eu não vou / Pode vir de lá pra cá / Vamos cantar esse coco / E é de indo está que é Zé coco / E agora vamos parar

Mas é mesmo agora vamos parar / Só vou dizer mais um verso / Pra você me desculpar / Se quer ver quem eu sou / Pode vir de lá pra cá / Nem doutor é cirurgião / Nem cirurgião é doutor /

Pode vir de lá pra cá / Se quiser ver quem eu sou / Quero tirar na lambada / Cê diz que me dava e eu dou

Faixa 6 do CD II

Ô mais é mesmo / E agora que eu tô dizendo / Até hoje eu me alembro / Do tempo em que eu fui pequeno / Cantei mais Zé Cabeceira / Fui discípulo de Roseno / Quem dá saúde ni homem / É cachaça, sol e sereno / Nunca escapou um doente / Dos que eu tratei com veneno

Ô mais é mesmo / É agora que eu vou dizer / Turro de onça não faz / Cachorro mestre correr / Jesus Cristo dá esmola / Quem atenta é o Satanás / Cachorro mestre correr / Turro de onça não faz / Carinho de moça donzela / É a morte de todo rapaz

Desafio de Embolador

Faixa 11 do CD II

Ô me leve embolador / No Sertão do Ceará / Outra vez embolador / No Sertão do Ceará

Pedro Paulino / E Zuru Floriano/ Nessa lei republicana / Ninguém ... dar

Ô você mesmo / Quem quebrou minha gamela / E eu quero o dinheiro dela / Não mandei você quebrar

Ô meu amigo / Pra você eu vou falar / Eu nunca te agravei / Pra você me agravar

Ô você vigia se é assim / Escuta que eu vou lhe falar / Meia dúzia de você / Eu carrego no calcanhar

Se nasceu mas não criou / Se criou não teve fim / Tirando as falta que tem / Jogando em cima de mim
Em cima daquela serra / Tem um pezinho de jatobá / No buraco do seu dente / Tem morada de um gambá
Ô meu amigo / Pra você eu vou falar / Eu montei na sua cacunda / Você morreu de apanhar
Ô nego preto / Da cabeça de escapole / Foi pra rua puxa fole/ Pro ferreiro trabalhar
Ô meu amigo / Mas se eu falo eu não tô vendo / Que aqui tem uma catinga / E é você que tá fedendo
Ô você mesmo / Escuta o que eu vou falar / Você canta é revoltando / E eu canto sem revoltar
A moça envem / Você tá de olho nela / Engoliu uma mula crua / E num viu passar na goela
Ô Gumercino / Escuta que eu vou falar / Já cantemo até agora / E agora nós vai parar

Enumeração

Faixa 7 do CD I

Eu tenho uma galinha / Que botava treze ovo / Tiú deu lá no ninho / Comeu um e ficou doze
Os doze que ficou / Vou mandar cobrir de bronze / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou onze
Os onze que ficou / Vou trocar pelo um mi`reis / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou dez /
Os dez que ficou / Vou trocar num automóvel / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou nove
Os nove que ficou / Vou mandar fazer um biscoito / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou oito
Os oito que ficou / Vou trocar em um chevete / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou sete
Os sete que ficou / Vou vender p'rum japonês / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou seis
Os seis que ficou / Vou trocar num par de brinco / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou cinco
Os cinco que ficou / Vou trocar por um sapato / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou quatro
Os quatro que ficou / Vou vender outra vez / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou três
Os três que ficou / Vou trocar por um arroz / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou dois
Os dois que ficou / Vou trocar em um buzum / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou um
O um que ficou / É pura bobagem minha / Tiú deu lá no ninho / Comeu o ovo e a galinha

Faixa 11 do CD I

Primeiro é homem que é um bicho comportado / Pela mulher vive preso,
encorrentado
Joguei no dado pra sair enumerado / Eu sai número um é uma avestruz mais
declarado
Dois é águia com o bico revirado / Três é burro que do homem foi mansado
Quatro é borboleta tem o pêlo cetinado / E cinco é o cachorro pelo homem é
dominado
Seis é a cabra que com leite apreciado / Sete é carneiro com tua lã alvejada
Oito é o camelo tem o lombo encalombado / E nove é a cobra que é um bicho
maldiçoado
Dez é o coelho que é um bichinho escovado / Onze é cavalo que é do homem
andar montado
Doze é o elefante tem sua presa virada / Treze é o galo de terreiro é coroadado
Quatorze é gato que do rato é respeitado / Quinze é o jacaré que no lago foi
criado
Dezesseis é o leão que é o chefe do reinado / Dezesete é macaco que é um
bicho encapetado
Dezoito é porco engorda se for tratado / Dezenove é o pavão com sua cor
demudado
Vinte é o peru que é um bicho safocado / E vinte e um é touro que não gosta
de encarnado
Vinte e dois é o tigre tem o lombo patacado / Vinte e três é o urso que do
mato é respeitado
Vinte e quatro é o veado que do mato é o mais calado / E vinte e cinco é vaca
` tá o jogo determinado

A N E X O I

Mapa do Giro de Folia de Reis
no Assentamento
São Francisco e fotos de Folia do
Divino Espírito Santo,
Folia de Santa Luzia e reza
de Nsa. Sra. Aparecida

A man in a white shirt is holding a red banner. The banner features a white dove with its wings spread, perched on a yellow and orange striped base. Above the dove, the text "FOLIA DO DIVINO ESPÍRITO" is written in a semi-circle. Below the dove, the text "A FOLIA DO FÉ. 2016" is written. The banner is decorated with vertical ribbons in green, purple, and silver.



Este mapa foi
Desenhado pela família de
Seu Alberto e Dona Chica,
moradores do Assentamento
São Francisco

As fotos complementares
São de Folias do Divino Espírito
Santo, Folias de Santa Luzia e
Rezas de Nsa. Sra. Aparecida

PROJETO
INVENTÁRIO DOS BENS CULTURAIS DA
COMUNIDADE DO ASSENTAMENTO SÃO FRANCISCO
Famílias oriundas do Parque Nacional Grande Sertão Veredas - MG
Fase Identificação: musicalidade

2006

A N E X O II

IMAGENS



Instrumento tradicional: Caixa



"Pela Porco" e
Seu Aneandro -
Viola e pandeiro



Pandeiro e Caixa



Idelino e Seu Otaciano - Sanfona e Violão



Seu Tercilio tocando caixa



O violão



Seu Otaciano e sua viola



Danças de roda



Forró na sede do Assentamento



Danças de roda



Curraleira na casa de Dona Arcanja



Curraleira na casa de Dona Arcanja



Preparando para danças de roda



Dona Arcanja



Seu Tercilio



Joaquim "Quinquinha"



Seu Otaciano e "Ferro Vêio"



"Pela Porco"



A roda, a caixa e o violão



Comunidade São Francisco e equipe do projeto



Bandeira do Divino Espírito Santo



Folia de Santa Luzia



Folia de Santa Luzia



Reza de Nsa. Sra. Aparecida na comunidade Grotão



Cantório de Santa Luzia



Lapinha (Altar) na casa de Seu Alberto



Reza de Nsa. Sra. Aparecida na comunidade Grotão



Chegada da Folia de Santa Luzia na casa de Seu Alberto



A N E X O III

Fichas do
Inventário Nacional de
Referências Culturais
INRC

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO SÍTIO	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	01	06	F10	01
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

DENOMINAÇÃO DO SÍTIO		ASSENTAMENTO SÃO FRANCISCO
OUTRAS DENOMINAÇÕES		PA São Francisco e Gentio
ESTADO		Minas Gerais
MUNICÍPIO		Formoso/MG
DISTRITO OU SUBDISTRITO		
LOCALIDADES INVENTARIADAS	NO SÍTIO	São Francisco e Gentio
	NO ENTORNO	Formoso, Chapada Gaúcha, Serra das Araras, Parque Nacional Grande Sertão Veredas.

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS E CD EM ANEXO DO LEVANTAMENTO PRELIMINAR 2005**

De EDIF_GENTIO1 à EDIF_GENTIO9
De LUGAR_VEREDA1 a LUGAR_VEREDA9
LUGAR_BARRAGEM
De LUGAR_LAGOA1 à LUGAR_LAGOA2
De LUG_CÓRREGOTABOCAS1 à LUG_CÓRREGOTABOCAS2

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS DO LEVANTAMENTO PRELIMINAR 2005.**

SÍNTESE
No levantamento preliminar realizado no ano de 2005 foram inventariados 50 bens de acordo com indicações dos moradores do Assentamento São Francisco. Esses bens foram caracterizados e quantificados da seguinte forma: 07 celebrações, 05 edificações, 06 formas de expressão, 10 lugares e 22 ofícios e modos de fazer.
1.Celebrações: 07
1.1 Folia de Reis
1.2 Festa de São João – Bela Lorena
1.3 Festa de São João – Cajueiro

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO				MG	01	01	06	F10	01
-------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

1.4 Festas de Casamento

1.5 Festa do Divino – Formoso

1.6 Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas – Chapada Gaúcha

1.7 Festa de Santo Antônio - Serra das Araras

2. Edificações: 05

2.1 Casa Sede São Francisco

2.2 Ranchos Comunitários

2.3 Casa Sede do Gentio

2.4 Casas Provisórias ou “Ranchos”

2.5 Casa de Farinha

3. Formas de Expressão: 06

3.1 Cantos de Trabalho

3.2 Tocadores

3.3 Lundu

3.4 Catira

3.5 Curraleira

3.6 Tatu-Sobe-Pau

4. Lugares: 10

4.1 Veredas

4.2 Rio Carinhonha

4.3 Rio Quebraquinau

4.4 Rio Piratinga

4.5 Liso da Campina

4.6 Barragem do São Francisco

4.7 Mato Grande

4.8 Córrego Taboca

4.9 Córrego Gentio

4.10 Sítio do Meio

5. Ofícios e Modos de Fazer: 22

5.1 Esteira de palha de buriti

5.2 Vassoura de Palha de Coco Cabeçudo

5.3 Peneira de Taboca

5.4 Casa Veredeira ou “Rancho”

5.5 Tapete de retalho de pano

5.6 Móveis de buriti

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO					MG	01	01	06	F10	01
-------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

5.7 Pilão

5.8 Artesanato em barro

5.9 Chapéu de seda de buriti

5.10 Rede de Seda de Buriti

5.11 Farinha de mandioca

5.12 Doce de Buriti

5.13 Paçoca

5.14 Fogão à lenha

5.15 Cama de bater arroz

5.16 Carro de boi

5.17 Remédios naturais

5.18 Artefatos de couro

5.19 Temperos

5.20 Agricultura de Vereda

5.21 Curadores

5.22 Parteira

Foram identificadas, ainda, 05 localidades relacionadas ao sítio em questão, sendo uma interna e as outras quatro externas. São elas:

1. Localidade interna:

1.1 Fazenda São Francisco e Gentio (sítio inventariado). Conferir MG-01-01-05-F10-01

2. Localidades externas:

2.1 Serra das Araras - Conferir MG-01-01-05-F11-01

2.2 Parque Nacional Grande Sertão Veredas - Conferir MG-01-02-05-F11-01

2.3 Formoso - Conferir MG-01-03-05-F11-01

2.4 Chapada Gaúcha - Conferir MG-01-04-05-F11-01

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	MG	01	01	06	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

4. DESCRIÇÃO DO SÍTIO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA DO LEVANTAMENTO PRELIMINAR 2005.

4.1. LOCALIZAÇÃO

O Assentamento São Francisco foi estabelecido a partir da junção de duas fazendas: São Francisco e Gentio, estando situado no município de Formoso, Minas Gerais, ocupando uma área de 5.616,7540 hectares e abrigando aproximadamente 90 famílias, oriundas, na maioria, da região do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, criado em 1989.

DISTÂNCIAS:

Formoso: 35 km

Chapada Gaúcha: 90 km

Serra das Araras: 110 km

Parque Nacional Grande Sertão Veredas: 40 km

PILAR GEODÉSICO 01: COORDENADAS – 382724.00 L e 8327500.53 N

PILAR GEODÉSICO 02: COORDENADAS – 382903.37 L e 8327627.28 N

DATUM: SAD – 69, MC – 45° WGr

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

A vegetação predominante na comunidade São Francisco é típica da região de Cerrado, incluindo formações campestres como vegetação gramínea, lenhosa baixa alternada com pequenas árvores isoladas, matas de galeria florestais ao longo dos rios. O potencial arbóreo é elevado, apresentando plantas de porte atrofiado, com troncos retorcidos e altura média de 6 a 8 metros.

Muitas veredas compõem o cenário de rara beleza, contrastando com o solo arenoso branco. Dentre as várias espécies do Cerrado, destacam-se o Pequi, Vinhático, Jatobá, Pau d'óleo, Canela de Ema, Pau Doce, Aroeira, Jacarandá, Barbatimão, Sucupira-Branca, Sucupira-Preta, Copaíba, Pau-Terra, Pau-Terrinha, Cagaita, Tingui, Assa-Peixe, Tucaneiro, Marmelo, Sambaíba, Calindra, Miroró, Muta, Ipê Amarelo, Azeiteiro Roxo, Tarumã, Murici, Buriti, Mama-Cadela, Pimenta de Macaco, Orquídeas, Caju, Côco Indaiá, Côco Cabeçudo, Favela, Lobeira, Araticum, Umbu do Cerrado entre outros. Há incidência de muitas plantas medicinais.

Os animais silvestres existentes no Assentamento e citados pelos moradores são a Paca, Jacu, Jaó (tipo de perdiz), Anta, Suçupara, Capivara, Lobo Guará, Rapozinha-do-Campo, Coati, Tatu-Galinha, Tatu-Peba, Tatu-Rabo-de-Couro, Suçuarana, Catitu, Tamanduá-Mirim, Ema, Sapo rajadinho, Veado Campeiro, Siriema, Inhambu, Tucano, Arara Canindé, Papagaio, Maracanã, Pássaro Preto, Jandaia, Gaviões, Raposas e cobras, especialmente a Caninana, a Coral-Falsa, a Coral-Verdadeira, a Jibóia, a Salamanta, a Jararaca, a Quatro-Presas, a Jararacussu e a Cascavel.

Há muitos cursos d'água no Assentamento, porém, a maioria seca ou fica empoçada durante uma parte do ano. O Rio Taboca e a Vereda D'Antas são os que apresentam maior volume e perenidade. Os rios, córregos e veredas constituem marcos na paisagem que determinam a distribuição das famílias na área.

De uma forma geral, a área do Assentamento encontra-se preservada, apesar de alguns processos erosivos e compactação de solo em algumas veredas, devido à pastagem de gado.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	MG	01	01	06	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

4.3. MARCOS EDIFICADOS

A localização inicial das famílias na área compreendida pelas fazendas São Francisco e Gentio foi definida provisoriamente pelos próprios moradores, que escolheram para si áreas semelhantes àquelas em que viviam anteriormente, no Parque, preferencialmente localizadas próximas às veredas, facilitando o acesso à água e em terras de cultura.

Nas duas fazendas, os novos moradores contaram com a existência de algumas edificações já existentes, que passaram a servir para uso comum, geralmente utilizadas para reuniões comunitárias e como suporte para o alojamento de técnicos especialistas que participaram da elaboração do Plano de Desenvolvimento do Assentamento São Francisco, realizado a partir de uma parceria entre a Universidade de Brasília – UNB, a Universidade Federal de Viçosa – UFV, o INCRA e a FUNATURA.

Tipos de benfeitorias pré-existentes:

1. Fazenda São Francisco: Casa Sede incluindo Escola, Churrasqueira, Casa de Funcionário e Armazém, Galpões.
2. Fazenda Gentio: Casa Sede incluindo Escritório, Casa de Funcionário, Duas casas anexas geminadas, Depósito, Casa de Força

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA DO LEVANTAMENTO PRELIMINAR 2005.

5.1. RESUMO

O entendimento da trajetória humana da área só tem plena compreensão se inserida no contexto regional mais amplo de que a referida comunidade parte. O geógrafo Assiz Ab'Saber (1987) argumenta que a ocupação humana do território brasileiro se deu por penetração no interior do continente a partir dos rios Tocantins e Parnaíba e em seguida pelo rio São Francisco. Estudos realizados sobre a ocupação do sertão mineiro informam que por volta de 12.000 anos as cavernas do Peruáçu passaram a ser ocupadas pelos homens de Itaparica e de Lagoa Santa que deixaram nas paredes de calcário do vale suas inscrições.

Quando da chegada da colonização portuguesa para se fixar na média região sãofranciscana por meio das bandeiras paulistas que desde 1612 percorriam a área, povoavam a região diversas sociedades indígenas falantes do Tronco Lingüístico Macro-Gê e diversos quilombos de escravos fugidos. Nos anos 1660 uma bandeira anônima se fixa na região e dá início ao processo de ocupação regional e de fundação da sociedade pastoril norte mineira. Essa bandeira era capitaneada por Mathias Cardoso de Almeida que devido a sua atuação na escravização de índios e perseguição a quilombolas teve papel importante na história brasileira para a consolidação da ocupação do interior do país.

Os membros da bandeira, que se transformaram em criadores de gado que abasteciam a zona canavieira até fins do século XVII e posteriormente a zona mineradora a partir de inícios do século XVIII, posicionaram-se em diversos pontos do território regional a partir das margens do rio São Francisco. Com a consolidação da criação de gado, a sociedade pastoril ampliou a ocupação do território. As vinculações da região ao sistema produtivo nacional, em diversos momentos da história, propiciaram a complexificação e ampliação dessa mesma sociedade, como, por exemplo, fornecendo algodão para a Inglaterra quando da Guerra de Secessão nos Estados Unidos e, posteriormente, contribuindo para o boom da borracha ao disponibilizar látex de mangaba em fins do século XIX e início do século XX.

Durante a vigência do sistema escravista brasileiro, devido a fuga de homens e mulheres, foram formadas muitas comunidades, os quilombos. Nesse período, os lugares escolhidos para formação dessas comunidades negras eram aqueles que propiciassem dificuldades para sua localização e para penetração na área da comunidade ou, ainda, lugares que não eram disputados pela sociedade colonial e por povos indígenas. Invisibilizados devido à estratégia assumida conscientemente, muitos homens e mulheres formaram os quilombos e nas proximidades da comunidade do Assentamento o Vão do Buraco e Buraquinhos foram propícios para a fixação de comunidades negras.

O início da ocupação da área do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, conforme informações de membros da comunidade, ocorreu há mais de 200 anos, como pode testemunhar o pequeno povoado de Cajueiro localizado na área de expansão do Parque, pelo Decreto de 2004, que marca os primórdios da ocupação sertaneja desta área específica. Entretanto, a grande maioria dos seus moradores migrou de Vargem Bonita, nas proximidades da cidade de

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	MG	01	01	06	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Januária em meados do século XX. Desde a primeira década desse século a sociedade regional passa por um período de turbulências sociais devido ao início de processos de divisões de terras que provocaram revoltas em muitas famílias que foram forçadas a transferir sua vida para outros lugares devido a não terem acompanhado essas divisões. Dessas revoltas surgiram personagens históricos conhecidos e ainda hoje lembrados, como Antônio Dó que em 1913 se revoltou com a perda das terras de sua família para um fazendeiro que solicitara a um agrimensor a divisão da terra.

Importante salientar que a grande maioria das terras norte mineiras não foi cadastrada quando da vigência da Lei da Terra de 1.850 que reordenou o sistema agrário brasileiro. Entretanto, após a instauração da República e com as terras devolutas que pertenciam à união, passaram a se vincular aos estados. Em Minas Gerais processou-se a essas divisões de terra, sem, contudo, resolver definitivamente a titulação das mesmas que permanecem pertencendo ao estado.

No caso da maioria dos membros da comunidade do Assentamento São Francisco e Gentio, devido ao não acompanhamento da divisão requerida em 1940, parte da família proprietária da Vargem Bonita, teve que migrar para outras áreas, porque tiveram suas terras ocupadas por outras pessoas. Mas outros fluxos de migração ocorreram ao longo do século XX para essa mesma região.

Por ser uma região de solos ainda pouco explorados, esses migrantes formaram um aglomerado de posseiros, trabalhadores rurais que cultivam a terra sem, contudo, possuírem a titulação da terra, mesmo possuindo documentação por terem comprado partes de fazendas antigas. Essas migrações propiciaram a formação de um povoado, em meados do mesmo século, localizado entre as fazendas Mato Grande e Larga, área que posteriormente viria a ser o Parque Nacional Grande Sertão Veredas.

A população que se fixou nesta área foi identificada por Donald Pierson como *veredeiros* em seu estudo para a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco, o Homem do Vale do São Francisco realizado nos anos 1950. Ao longo de sua trajetória, a população dos veredeiros estabeleceu um sistema produtivo que articulava três apropriações diferenciadas do espaço ocupado, tendo no manejo das veredas o eixo crucial do sistema, pois delas dependia a reprodução física e social dessa mesma população. Articulava-se à agricultura veredeira, como segunda dinâmica de apropriação territorial, a criação de gado solto nas chapadas, denominada regionalmente como “larga”, e, por fim, o extrativismo nas chapadas com sua vegetação de cerrado como a terceira dinâmica de apropriação. Cada família produzia, basicamente, todo o necessário para a sua reprodução, entretanto, necessitava recorrer à aquisição de poucos produtos, principalmente sal, nas cidades de Januária e São Romão. Essa população, apesar das distâncias entre uma localidade e outra se constituiu como uma comunidade ampla articulada por relações de parentesco e de compadrio mantendo entre todos os seus membros relações sociais que contribuíam para a reprodução social de cada família. A qualquer novo morador vindo para a área, com o passar do tempo, era incorporado por compadrio ou por casamento na rede de relações mais ampla. Essa estratégia possibilita a inclusão social dos “estrangeiros” que adentraram o sertão. Essa característica permanece atual na comunidade do Assentamento São Francisco e Gentio em que a totalidade de seus membros constitui em uma “coligação de famílias”, em que todos se relacionam por parentesco ou compadrio.

As saídas dessa população veredeira para fora de seu território, também, ocorriam devido a romarias, nas Serra das Araras e em Bom Jesus da Lapa. As viagens eram feitas a cavalo, no lombo dos jegues, em carros de boi e em barcos a vapor quando das romarias a Bom Jesus da Lapa. O primeiro automóvel percorreu a área da comunidade, apenas, na década de 1970. Com a vinda de gaúchos para as chapadas nas proximidades de Serra das Araras e a transferência da população para a área do Assentamento, os vínculos dos moradores deste Sítio ampliaram-se para a cidade de Chapada Gaúcha e para a cidade de Formoso.

O Parque Nacional Grande Sertão Veredas foi criado pelo Decreto Lei 97.658 de 12 de abril de 1989, incluindo, entre outras, toda a área ocupada por esses posseiros, pela significativa relevância e importância ambiental, representada pela biodiversidade existente na região, típica do bioma Cerrado. A criação do Parque tinha por objetivo a proteção dessa área, ameaçada pela ocupação desordenada, o avanço da agricultura, pelos desmatamentos criminosos, pela construção de estradas e pela proliferação de carvoarias clandestinas. Em maio de 2004 foi decretada a ampliação do Parque, passando para 231 mil hectares de área.

A partir da criação do Parque, passou-se à necessidade de pensar uma estratégia de remoção das 90 famílias que moravam naquela área. A Fundação Pró-Natureza - FUNATURA apresentou aos moradores a proposta de fazer um levantamento de fazendas que tivessem terras compatíveis com as do Parque para que o INCRA pudesse realizar a compra e reassentar as famílias. Com esse objetivo, os moradores do Parque organizaram uma equipe de 25 pessoas que analisaram várias fazendas, selecionando quatro e escolhendo, entre elas, as fazendas Gentio e São Francisco. Em 1999 essas fazendas foram desapropriadas pelo INCRA e iniciado o processo de reassentamento das famílias.

A área total do Assentamento São Francisco é de 5.616,7540 hectares. O processo de parcelamento da área foi conduzido por uma equipe de técnicos especializados, em parceria com os assentados, através do Plano de Desenvolvimento do Assentamento São Francisco – PDA, dando início ao projeto de demarcação territorial, que foi

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	MG	01	01	06	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

concluído e executado após os antigos moradores do Parque considerarem que suas necessidades estavam sendo atendidas e em conformidade com o cumprimento da legislação ambiental, as condições de sustentabilidade do Assentamento e os interesses das famílias. Após o parcelamento e organização territorial, as famílias assentadas passaram a reestruturar suas vidas, organizando suas moradias, sua produção de alimentos e suas ações sociais e coletivas.

5.2. CRONOLOGIA

DATA	EVENTO
Século XVIII	Início da ocupação da área
1821	O Biólogo Francês Auguste de Saint-Hilaire percorre a região
1913	Antônio Dó surge como um bandoleiro e percorre a região fugindo da Polícia Militar
1940	Migração de diversas famílias de Vargem Bonita para a área da Fazenda Mato Grande e Larga.
12 de abril de 1989	Criação do Parque Nacional Grande Sertão Veredas
1999	Desapropriação das fazendas Gentio e São Francisco
2000	Titulação do Assentamento São Francisco
21 de maio de 2004	Decreto de ampliação do Parque Nacional Grande Sertão Veredas

6. PERFIL SOCIOECONÔMICO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA DO LEVANTAMENTO PRELIMINAR 2005.

6.1. POPULAÇÃO

No Assentamento São Francisco vivem 85 famílias com aproximadamente 340 pessoas.

6.2. QUALIDADE DE VIDA

A partir da execução do Plano de Desenvolvimento do Assentamento São Francisco – PDA, a comunidade, em parceria com outros atores sociais, pôde estudar quais as necessidades prioritárias para a melhoria e manutenção da qualidade de vida da população. Entre essas prioridades, destacam-se o abastecimento de água, moradia, assistência médica, transporte e educação.

Água – Existe uma barragem para captação de água na Vereda da Barragem, próximo à Sede São Francisco. Essa captação abastece poucas casas. Os moradores geralmente utilizam a água das veredas e rios, sendo que muitos não possuem um sistema de captação de água residencial, tendo que buscar água manualmente para o abastecimento das casas. É comum encontrar mulheres e crianças lavando roupas e banhando-se nos rios, o que também representa um costume. Existe um projeto de abastecimento de água para as casas do Assentamento feito pelo PDA, ainda não implantado.

Habitação – Quando estavam na região do Parque (Fazenda Mato Grande), a forma de habitação mais comum eram as casas “veredeiras”, ou “ranchos”, como a comunidade costuma dizer. No Assentamento, são construídas casas de alvenaria, financiadas a partir de crédito concedido pelo INCRA. Essas casas são consideradas mais confortáveis que os “ranchos”, pelos assentados. Possuem, geralmente, de 2 a 3 quartos e obedecem o mesmo padrão arquitetônico, com paredes de tijolos furados e telhas de amianto. Apesar disso, as casas provisórias ou “ranchos” são conservadas e utilizadas muitas vezes como cozinha, por serem mais arejadas, devido ao uso de adobe, barro e palha.

Saúde - Não há posto de saúde no local, por isso os assentados são atendidos no posto de Formoso, quando necessário. As doenças mais comuns são as gripes, verminoses e pressão alta. A região é rica em plantas medicinais e muitas pessoas fazem uso freqüente. O conhecimento fitoterápico das plantas é um bem cultural da comunidade,

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	MG	01	01	06	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

sendo disseminado entre seus membros, mas havendo “especialistas”, comumente conhecidos como “remedeiros”.

Transporte - Para o transporte das pessoas que estudam em Formoso, foi cedido um ônibus da Prefeitura Municipal, que atende aos estudantes do Assentamento. Existe uma linha comercial de ônibus, que faz o trajeto Formoso/Chapada Gaúcha, passando pelo Assentamento, que facilita a locomoção das pessoas tanto na ida para Formoso quanto para as cidades vizinhas.

Alimentação - A maioria das famílias faz plantações de arroz, feijão, milho e mandioca, o que garante a subsistência básica. Alguns possuem gado leiteiro e fabricam produtos derivados do leite e da mandioca, como queijo, farinha e polvilho, para consumo próprio. Produtos industrializados como óleo, açúcar e sal são adquiridos nas cidades próximas, principalmente em Formoso.

Energia Elétrica e Telefonia – Ainda não foram instalados. A iluminação é feita com o uso de lampiões e velas, com exceção da casa de D. Nica, onde a FUNATURA instalou placas de energia solar. D. Nica recebe e hospeda técnicos de projetos e visitantes da comunidade, através de acordo com a instituição. Também na Sede do Gentio existem placas de energia solar que iluminam o galpão central.

Associação Rural Sertão Veredas – A Associação foi criada em?? e é constituída por um presidente, vice-presidente e diretor comercial, com a função de intermediar negociações sobre recursos e benefícios para o Assentamento e defender interesses dos associados.

6.3. TRABALHO E RENDA FAMILIAR

O sistema de produção do Assentamento São Francisco, assim como as formas de exploração de seus recursos produtivos, terra e força de trabalho, refletem experiências anteriores dos assentados. Os saberes e modos de fazer e viver constituídos durante sua permanência na fazenda Mato Grande, onde viviam a maioria dessas pessoas e onde hoje está localizado o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, são importantes para o desenvolvimento e adaptação da comunidade no novo espaço, ainda que utilizem apenas áreas de chapada para a implantação de um novo sistema produtivo que requer manejo distinto daquele até então vivenciado.

No Assentamento São Francisco a divisão de trabalho das famílias é feita com a diferenciação de papéis entre homens e mulheres. Geralmente, os homens são responsáveis pela realização de negócios, pelo manejo do gado, pelo cultivo da terra. As mulheres participam dessas atividades apenas nos períodos de colheita e plantio e cuidam das atividades domésticas e o cuidado dos filhos, além da criação de pequenos animais domésticos, como porcos e galinhas. A produção de complemento de renda familiar, geralmente, é uma atividade feminina, cabendo às mulheres a produção de diversos produtos, principalmente artesanais. Na produção do artesanato as mulheres demonstram grande habilidade na utilização do buriti para a produção artesanal de esteiras, camas, cordas, portas, janelas, bancos e outros utensílios, para uso próprio ou para venda.

A criação de gado também é uma atividade que movimenta a economia familiar e funciona como uma poupança para as famílias. O ritmo de produção aproxima-se da condição camponesa, caracterizada pela produção para consumo familiar e troca e pelo conjunto de valores tradicionais associados a sua cultura.

A comunidade tem desenvolvido parcerias com a FUNATURA em projetos que tem como ações o extrativismo sustentável, com a coleta e comercialização de espécies de plantas do Cerrado, especialmente a favela (*dimorphandra mollis*), que contém princípio ativo usado para a fabricação de medicamentos e cosméticos. Através desse projeto, foi firmado um convênio com um laboratório farmacêutico, de forma a viabilizar a comercialização da planta. Tais projetos agregam valor à manutenção do “Cerrado em pé” e demonstram o potencial de sustentabilidade da região. Da mesma forma, outras iniciativas são vistas com bons olhos pelos moradores, como a produção artesanal de vassouras feitas com palha do côco cabeçudo, abundante no Assentamento e entorno, faltando, para isso, a organização e sistematização da produção, o que pode ser apoiado pela Associação Rural Sertão Veredas.

6.4. EDUCAÇÃO

No Assentamento há duas escolas multisseriadas de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental e duas turmas de alfabetização de adultos, localizadas nas sedes da Fazenda São Francisco e do Gentio e que pertencem à rede municipal de ensino de Formoso, contando com quatro professores que residem no próprio Assentamento.

Os pais, estudantes e professores dizem que o sistema multisseriado não é muito eficiente, pois a reunião de diversas séries numa única sala atrapalha o desenvolvimento dos estudos dos alunos e é muito cansativo para os professores, apesar de representar as possibilidades atuais. Os alunos que querem continuar os estudos além da 4ª série, precisam

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	MG	01	01	06	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

frequentar as escolas em Formoso, utilizando o ônibus escolar oferecido pela prefeitura ou passando a residir no município durante a semana.

7. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS MAPAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS DO LEVANTAMENTO

PRELIMINAR 2005

1. Mapa da Região do Parque Nacional Grande Sertão Veredas incluindo o sítio inventariado e as localidades referentes; Imagem digitalizada, formato JPEG; CD-R referente aos mapas; autor/fonte: FUNATURA
2. Mapa do Assentamento São Francisco com visualização dos lotes; Imagem digitalizada, formato Word; CD-R referente aos mapas; autor/fonte: FUNATURA

8. LEGISLAÇÃO

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO E PLANEJAMENTO AMBIENTAL E PATRIMONIAL

- Criação do Parque Nacional Grande Sertão Veredas - Decreto Lei 97.658, de 12 de abril de 1989
- Escolha das fazendas Gentio e São Francisco para criação do Assentamento – 1999
- Desapropriação das fazendas Gentio e São Francisco para criação do Assentamento – 2001
- Mapeamento preliminar do Assentamento São Francisco – 2001
- Parcelamento da área do Assentamento São Francisco – 2001
- Transferência dos moradores do PARNA GSV para o Assentamento São Francisco – 2001
- Elaboração do Plano de Desenvolvimento do Assentamento São Francisco – PDA - Novembro de 2002
- Plano de gerenciamento de resíduos sólidos – 2002
- Plano de Desenvolvimento Sustentável do Entorno do PARNA Grande Sertão Veredas – PDS – 2002 a 2005
- Ampliação do Parque Nacional Grande Sertão Veredas - Decreto de 21 de maio de 2004
- Levantamento dos bens culturais dos moradores do Assentamento São Francisco – fevereiro a setembro de 2005

9. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

9.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

Os antigos moradores da área que hoje compreende o Parque Nacional Grande Sertão Veredas enfrentam o desafio da readaptação a uma nova realidade, ao cumprirem as determinações da lei que rege a preservação de unidades de conservação, sendo transferidos e reassentados no Assentamento São Francisco.

Algumas dessas pessoas viveram praticamente toda a vida na área da fazenda Mato Grande, antes e após a transformação em Parque, trazendo consigo um expressivo patrimônio humano rico em tradições culturais que remontam o seu cotidiano e as suas relações com o meio ambiente, modos de fazer e viver, saberes ancestrais aprendidos e praticados em seu dia-a-dia e na história de vida sertaneja.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas e do próprio desconforto da mudança, os moradores do Assentamento São Francisco demonstram a força e a coragem necessárias para a manutenção de suas tradições, que permanecem vivas em suas formas de expressão, celebrações, ofícios e modos de fazer. O fato de continuarem a desenvolver esses aspectos reafirma a importância de seus valores culturais para a manutenção da vida.

As possibilidades de desenvolvimento sustentável são grandes para o Assentamento, especialmente pelas riquezas naturais existentes e que podem ser exploradas de forma organizada e produtiva, a partir de um manejo sistematizado,

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	MG	01	01	06	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

que permitirá maior autonomia por parte dos assentados.

O principal problema que vem sendo enfrentado pelos membros da comunidade do Assentamento ocorre devido ao cumprimento das leis ambientais brasileiras. Em sua tradição produtiva articulavam três dinâmicas no espaço das veredas e das chapadas para a agricultura, a criação de gado e para o extrativismo e estão sendo levados a constituírem um sistema produtivo, apenas, nas chapadas, já que as veredas são áreas de proteção permanente. Dessa forma passam de veredeiros a chapadeiros se considerarmos as populações tradicionais do vale do São Francisco como descritas por Donald Pierson.

A falta de conhecimento do manejo da chapada para a agricultura vinculada à utilização de motomecanização e adubação química pode colocar em risco todo o sistema produtivo e o meio-ambiente, principalmente as veredas que poderão ser assoreadas devido ao carreamento da terra cultivada para os seus leitos, conforme relatório apresentado por agrônomo-ambientalista que estudou o sistema produtivo da comunidade. Através do Plano de Desenvolvimento Sustentável - PDS a FUNATURA tem incentivado a produção de agricultura orgânica, com um sistema mais sustentável, no sentido de combater a degradação das áreas de proteção. Projetos implantados: plantio orgânico de arroz, feijão, soja e mandioca.

9.2. RECOMENDAÇÕES

1. Inscrever a comunidade do Assentamento São Francisco e Gentio, por ser tradicionalmente reconhecida como os veredeiros, enquanto patrimônio nacional;
2. Desenvolver ações de afirmação e reafirmação da identidade veredeira, como forma de propiciar a conservação e preservação da cultura e do conhecimento da biodiversidade de que os membros da comunidade do Assentamento São Francisco e Gentio são portadores;
3. Propiciar a inserção dos membros da comunidade nas articulações das populações tradicionais da região Médio São Francisco como forma de possibilitar o seu empoderamento para que seus membros possam resistir às ações que têm levado à perda do conhecimento da biodiversidade acumulada secularmente pelos veredeiros;
4. Viabilizar a restauração da antiga sede da Fazenda São Francisco devido ao seu valor histórico;
5. Fomentar e orientar atividades econômicas sistematizadas voltadas para o uso sustentável dos recursos naturais como a produção de vassouras feitas com a palha do coco cabeçudo e a produção agrícola e pecuária.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	MG	01	01	06	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

10. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: PARA LISTA DOS DOCUMENTOS LOCALIZADOS, CONSULTAR O **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA DO LEVANTAMENTO PRELIMINAR 2005**.

FORMULÁRIOS	
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE LOCALIDADES	MG-01-01-05-F11-01 MG-01-02-05-F11-01 MG-01-03-05-F11-01 MG-01-04-05-F11-01
ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA	MG-01-05-01-F1-A1
ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG-01-05-01-F1-A2
ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	MG-01-05-01-F1-A3
ANEXO 4: CONTATOS	MG-01-05-01-F1-A4
ANEXO 5: MAPAS	MG-01-05-01-F1-A5
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	

11. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	HELENA OLIVEIRA E JOÃO BATISTA DE ALMEIDA COSTA	
ASSISTENTE DE CAMPO	ALEXANDRE JORGE PÁDUA	
REGISTRO VISUAL	LANA GUIMARÃES	
SUPERVISOR	CÉSAR VICTOR DO ESPÍRITO SANTO – FUNATURA JOÃO BATISTA DE ALMEIDA COSTA	
REDATOR	HELENA OLIVEIRA E JOÃO BATISTA DE ALMEIDA COSTA	DATA 05/09/05
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	TRÍADE PATRIMÔNIO E TURISMO	

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LOCALIDADE			CÓDIGO DA FICHA					
			MG	01	02	06	F11	02
			UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO	Assentamento São Francisco
LOCALIDADE	Formoso - MG
MUNICÍPIO / UF	Formoso/MG

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS DO LEVANTAMENTO PRELIMINAR 2005**.

LOCALID_FORMOSO1_AS LOCALID_FORMOSO2_AS LOCALID_FORMOSO3_AS LOCALID_FORMOSO4_AS LOCALID_LAGO_FORMOSO
--

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS DO LEVANTAMENTO PRELIMINAR 2005**.

SÍNTESE O município de Formoso é repleto de manifestações culturais e festas tradicionais e merece atenção especial pela sua importância na vida social, cultural e econômica da população do Assentamento São Francisco. Com suas danças, músicas, artesanato, festejos tradicionais e lendas, Formoso mobiliza as comunidades São Francisco e Gentio não só no cotidiano das relações sociais e comerciais, mas atraem os moradores que participam das diversas celebrações e formas de expressão. A Festa do Divino Espírito Santo é uma dessas celebrações, sendo uma tradição medieval que chegou ao noroeste mineiro, acredita-se, em meados do século XVIII. Além dessa festa, outras festas de origem religiosa compõem o quadro cultural de formoso como a Festa de Nossa Senhora da Abadia , ou “Festa de Julho”, como os moradores de Formoso costumam dizer; as Festas de Santo Antônio e São Sebastião , além das Festas Juninas , além da Festa de Reis , uma das mais tradicionais de Formoso. Entre as danças e estilos musicais, os moradores do município se identificam com a catira, o lundu, a curraleira e o curioso tatu-sobe-pau. Este último caracteriza-se pela ausência de instrumentos musicais e pela simetria de movimento dos dançarinos. Sempre dispostos em duas duplas, os dançarinos da frente seguram um cabo na posição horizontal enquanto um dos integrantes da dupla atrás porta um outro pau segurado pela extremidade. Com o movimento da dança, as batidas de um pau sobre o outro marcam o ritmo e dão a cadência para os versos: <i>Ê... tatu sobe pau,</i> <i>Ê mentira moleque!!</i> <i>Ê... tatu sobe pau,</i> <i>Ê mentira moleque!!</i>

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	MG	01	01	06	F11	02
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

--

4. DESCRIÇÃO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA DO LEVANTAMENTO PRELIMINAR 2005.**

4.1. LOCALIZAÇÃO

POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO: 6.522

ÁREA DO MUNICÍPIO: 3.833,4. Km²

LOCALIZAÇÃO APROXIMADA: Noroeste de Minas integrado a microrregião de Unaí.

DISTÂNCIAS

Brasília – 360 km

Rio de Janeiro – 1400 km

São Paulo - 1550 km.

Belo horizonte – 855 km

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

O município de Formoso é cercado de serras e coberto pela vegetação do Cerrado do planalto central do Brasil. Pertencente à Bacia Hidrográfica do São Francisco, muitos rios banham o município. Dentre eles podemos citar o Rio Preto, Piratinga, São Domingos e Caririnha. A importância do município de Formoso para o meio ambiente é tanta que seu território abrange a maior parte da área do Parque Nacional Grande Sertão Veredas. O Parque, que trás o nome da mais famosa obra da nossa literatura, é uma porção protegida do cenário descrito por Guimarães Rosa. O Cerrado formosense abrange ampla quantidade de espécies da fauna brasileira como: lobo-guará, anta, jacaré, sucuri, tatu, tamanduá, capivara, caititu, queixada, suçuarana, lontra, teiú, paca, cutia, ariranha, tucano, quati, raposa, dentre muitas outras.

4.3. MARCOS EDIFICADOS

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Abadia

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA DO LEVANTAMENTO PRELIMINAR 2005.**

5.1. RESUMO

Formoso nasceu de um povoado que, de acordo com a tese de alguns historiadores, formou-se na região no final do Séc XVIII ou início do XIX com a chegada de famílias no local. Em 1870, uma lei provincial reconheceu o arraial de Formoso como distrito de Paracatu. As famílias e os principais fundadores do arraial vieram de varias regiões entre Bahia e Goiás. Historiadores da região, como Xiko Mendes, apontam a década de 1830 como o provável nascimento do arraial de Formoso. Para sustentar esta tese, Xiko Mendes adverte que o arraial não é citado nos documentos e

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE		MG	01	01	06	F11	02
------------------------------------	--	----	----	----	----	-----	----

arquivos públicos de datas anteriores, entre eles um minucioso levantamento demográfico da comarca de Paracatu de 1825.

A primeira referência histórica do arraial de formoso é impressionante. Trata-se do livro **Viagem ao interior do Brasil** do famoso cientista britânico-escocês Dr. George Gardner. No livro de Gardner encontram-se passagens que ilustram diálogos do botânico com moradores de comunidades ao longo de seu itinerário datado de 1837. Em alguns destes relatos, habitantes das comunidades apontam a direção do **arraial de Formoso** para que Gardner e sua comitiva se hospedassem. Porém, o naturalista não o encontrou e, conseqüentemente, não se hospedou no arraial. Em 1839, O arraial aparece em um censo demográfico realizado pela paróquia de Buritis. - O *Segundo Reinado* no Brasil foi marcado pelo grande progresso econômico, industrialização e urbanização. Grandes latifúndios começaram a se desenvolver no pequeno arraial de formoso apoiados pela Lei Imperial nº 601, de 18 de setembro de 1850. A lei proibia a aquisição de terras devolutas por outros meios que não fosse a compra. A Lei beneficiou apenas as elites que começaram a acumular terras e expandir seus domínios agro-pastoris.

Finalmente, a Lei nº 1.713, de 5 de outubro de 1870 cria o **Distrito de Formoso** que incorporou o arraial ao termos de Paracatu. Durante o período em que Formoso foi distrito de Paracatu, a população do antigo arraial viu-se mergulhada em uma ordem política que ficou conhecida na região do sertão goiano e do noroeste mineiro como o Carrancismo. O Carrancismo foi um período marcado pelo domínio das elites latifundiárias que, em Formoso, eram representadas, principalmente, por três famílias que constituíram suas raízes na região na década de 1830. A Ética Carrancista instituiu um regime patriarcal em que os chefes das famílias tradicionais eram as maiores autoridades políticas e ditavam os costumes morais do distrito. Os **Tavares, Ornelas e Carneiro** montaram uma tríplice aliança, a fim de concretizar o regime Carrancista e consumir a união das famílias através de casamentos. O Carrancismo durou até 1911 com a morte do líder patriarcal **Martinho Antônio Ornelas Junior** e com a **Diáspora Sigilosa** de membros das famílias tradicionais para o nordeste goiano por motivos até hoje não esclarecidos.

Na década de 1910, Formoso passa por uma transição oligárquica depois de um período sem lideranças locais representativas. Durante esse período, a população foi alvo de ataques de grupos de jagunços que oprimiram a comunidade. Enquanto isso, uma nova elite oligárquica se formava sobre os alicerces de novos matrimônios. Os novos pactos nupciais aproximaram as famílias tradicionais de Formoso com de outras localidades como Sítio d'Abadia e Arinos e deu origem às **Alas Valadarista e Gomista**. Estas alas detiveram a tutela política de Formoso e foram fundamentais para a reforma jurídico-administrativa do Distrito de Formoso.

Em 1923, por questões políticas e familiares, Formoso foi desanexado do município de Paracatu e passou a ser distrito de São Romão. Um município então bicentenário e com poucas perspectivas de progresso. Nesse período, o poder público do Distrito de Formoso passou para as mãos do **Grupo Político Belorenense** liderado pelo Major Saint Clair F. Valadares. - Dois anos passaram e o distrito de Formoso recebeu a histórica visita da Coluna Prestes que se deslocou em direção ao noroeste do município de Buritis na fronteira sul do Distrito de Formoso, após a batalha de Anápolis-GO. A tutela externa chegou ao fim em 1947 com a transferência de poder para o **Grupo Político Martiniano**, conseqüência da queda do Governo Vargas e da chegada do udenista Milton Campos ao governo de Minas Gerais. No início da década de 1950, o pólo do poder concentrado em São Romão passou para Formoso. Era o início da história municipal do distrito que foi concretizado em 1962 com Lei nº 2.764 que proclamava a emancipação política de 237 distritos mineiros.

5.2. CRONOLOGIA

DATA	EVENTO
1837	O arraial de formoso é citado no livro do naturalista George Gardner : Viagem ao interior do Brasil
1839	O arraial de Formoso aparece em um levantamento demográfico realizado pela paróquia de Buritis.
1870	É criado o distrito de Formoso subordinado à comarca de Paracatu. Início do período carrancista com o Patriarcado Martiniano.
1911	Surgimento de novos grupos políticos com a união de famílias tradicionais.
1923	Formoso é desanexado de Paracatu e passa a ser distrito de São Romão.
1947	Fim da tutela externa
1962	Formoso é emancipado e atinge o status de município.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	MG	01	01	06	F11	02
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

6. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS DO LEVANTAMENTO PRELIMINAR 2005**

Mapa de Localização de Formoso

LEGISLAÇÃO

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO E PLANEJAMENTO AMBIENTAL E PATRIMONIAL

- **Decreto nº 97.685, de 12/4 de 1989** – Cria, nos estados de Bahia e Minas Gerais, o Parque Nacional Grande sertão veredas, com limites que especifica e dá outras providências.
- **Lei Provincial nº 1.713 de outubro de 1870**
- **Lei estadual nº 2.764, de 30 de dezembro de 1962** – Contém a Divisão administrativa de Minas Gerais
- **Art 215 e 216 da constituição** – Sobre proteção de populações tradicionais.
- **Lei Orgânica Municipal de Formoso, promulgada em 1962** – Dispõe sobre a organização do município, administração pública, organização dos poderes, ordem econômica e social e outros.

7. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

7.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

Formoso não possui sistema de saneamento e estação de tratamento de esgoto. Em 1988 foram instaladas manilhas que foram abandonadas na cidade piorando as condições de higiene do município, uma vez que tais manilhas viraram esconderijo de ratos, baratas, mosquitos e outros insetos.

A cidade não possui aterro sanitário, ficando o lixo exposto a céu aberto e sendo queimado de três em três dias.

Além de problemas urbanos, Formoso enfrenta problemas ambientais causados por queimadas e desmatamentos criminosos, todos relacionados à produção latifundiária. O agro-negócio esmaga os pequenos produtores e as populações tradicionais que dependem do extrativismo. As queimadas que contribuem para a diminuição dos recursos naturais fundamentais para as comunidades que dependem da sub-existência.

Existe ainda o problema da falta de incentivo fiscal para os pequenos agricultores que, por falta de condições de trabalho, acabam mandando seus filhos para as grandes pólos econômicos em busca de melhor qualidade de vida e condições de trabalho. É evidente que o êxodo causa um enorme impacto cultural nas populações, pois interrompem a transmissão de valores culturais que passa de geração para geração.

As possibilidades estão relacionadas ao investimento do Estado em melhorias urbanas e incentivos para os pequenos produtores e ao uso transparente do icms ecológico que é repassado para o município por conta do Parque Nacional Grande Sertão Veredas. É possível também a criação de associações e cooperativas que possam ajudar a população na comercialização e confecção de seus produtos como artesanato, doces e tecelagem. A implantação de formas de renda alternativa como turismo e apicultura com o apoio do governo do estado, prefeitura municipal e demais entidades interessadas na qualidade de vida e preservação dos recursos naturais da região.

7.2. RECOMENDAÇÕES

Elaboração e execução do Plano Diretor do município, para sistematizar ações prioritárias de promoção da qualidade de vida dos moradores; sensibilização dos grandes produtores agrícolas para a importância da preservação da biodiversidade local; implementação de reservas legais para aumento das áreas protegidas.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	MG	01	01	06	F11	02
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: VER *ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA* DO LEVANTAMENTO PRELIMINAR 2005

ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	Celebração: Festa do Divino Ofícios e Modos de Fazer: Parteira
ANEXO 4: CONTATOS	Arcanjo Daniel Fonseca (FUNATURA); Otaciano Pereira das Neves; Balbina Teixeira dos Santos.
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	

9. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	KARINA CANÊDO E HELENA OLIVEIRA		
ASSISTENTE DE CAMPO	ALEXANDRE JORGE PÁDUA		
REGISTRO VISUAL	LANA GUIMARÃES		
SUPERVISOR	CÉSAR VICTOR DO ESPÍRITO SANTO – FUNATURA JOÃO BATISTA DE ALMEIDA COSTA		
REDATOR	HELENA OLIVEIRA E ALEXANDRE JORGE PÁDUA	DATA 05/09/05	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	TRÍADE PATRIMÔNIO E TURISMO		

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LOCALIDADE	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	03	06	F11	03
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO	Assentamento São Francisco
LOCALIDADE	Parque Nacional do Grande Sertão Veredas
MUNICÍPIO / UF	Formoso/MG – Chapada Gaúcha/MG - Cocos/BA

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS DO LEVANTAMENTO PRELIMINAR 2005.

LOCALID_MIRANTE_PARNA GSV_AF
LOCALID_PARNA GSV_MATO GRANDE_AF
LOCALID_VISTA TORRE_PARNA GSV_AF
LOCALID_PLACA_PARNA GSV_AF
LOCALID_RIO CARINHANHA_PARNA GSV_AF
LOCALID_RIO CLARO_PARNA GSV_AF

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS DO LEVANTAMENTO PRELIMINAR 2005.

SÍNTESE
O noroeste do Estado de Minas Gerais possui fortes tradições culturais, decorrentes da secular formação histórica da região e da herança religiosa dos colonizadores. As festas católicas regionais remontam uma tradição medieval que foi introduzida no sertão por missionários e por colonizadores locais. As principais festas populares como a Folia de Reis, a Festa de Santo Antônio e a Festa do Divino constam no Inventário do presente projeto. Nas festas religiosas, misturam-se as danças locais de origem afro-brasileira e o cancioneiro, que animam tais manifestações artísticas. A população das comunidades São Francisco e Gentio é oriunda da área do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, onde mantinham hábitos e formas de expressões peculiares à vida sertaneja. A comunidade vivia na região antes mesmo da área se tornar Parque, conforme é explicado com mais detalhes na ficha de levantamento do sítio, desse inventário. Na área do Parque, os moradores mantinham atividades cotidianas desenvolvidas através de séculos de convivência com o sertão das Gerais. O deslocamento dessa população para os assentamentos demarcados pelo INCRA é parte do manejo da Unidade de Conservação e proporcionou mudanças sobre as tradições da comunidade. Uma vez que a população em estudo vivia dentro da área do Parque, grande parte dos bens inventariados nas comunidades São Francisco e Gentio naturalmente já ocorriam naquela área.

4. DESCRIÇÃO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE		MG	01	05	06	F11	03
------------------------------------	--	----	----	----	----	-----	----

4.1. LOCALIZAÇÃO

ÁREA DO PARQUE: 231.000 ha

COORDENADAS GEOGRÁFICAS: confrontações: Norte - partindo do ponto 1 de coordenadas geográficas aproximadas 15°17'06,1"S e 46°03'33,8"WGr, localizados em um cruzamento de estradas próximo à cabeceira do Ribeirão Mato Grosso, segue por uma linha reta, com azimute e distância de 81°29'03" e 9.454.23 metros, até o ponto 2 de coordenadas geográficas aproximadas 15°16'22,0"S e 45°58'20,2"WGr, localizado na cabeceira de um ribeirão sem denominação; daí, segue por este a jusante, até a confluência com o Ribeirão Mato Grande; daí, segue por este a jusante, até o ponto 3, de coordenadas geográficas aproximadas 15°09'28,6"S e 45°52'16,4"WGr, localizado na confluência com Rio Carinhonha; daí, segue por este a jusante, até o ponto 4 de coordenadas geográficas aproximadas 15°06'54,1"S e 45°43'49,9"WGr, localizado na confluência do Córrego do Boi. Leste — do ponto antes descrito, segue pelo Córrego do Boi a montante, até a confluência com um córrego sem denominação, no ponto 5 de coordenadas geográficas aproximadas 15°10'31,1"S e 45°41'09,8"WGr, localizado na confluência de córregos sem denominação, daí, segue por uma linha reta, até o ponto 6 de coordenadas geográficas aproximadas 15°14'32,5"S e 45°37'37,7"WGr, localizado na cabeceira de um riacho sem denominação, afluente da margem esquerda do Riacho Santa Rita. Sul — do ponto antes descrito, segue por uma linha reta, até o ponto 7 de coordenadas geográficas aproximadas 15°18'08,3"S e 45°41'06,03"WGr, localizado na cabeceira de uma vereda sem denominação, afluente da margem direita da Vereda Três Irmãos; daí segue por uma linha reta, até o ponto 8 de coordenadas geográficas aproximadas 15°25'25,0"S e 45°53'49,2"WGr, localizado na cabeceira do Rio Preto. Oeste - do ponto antes descrito, segue por uma linha reta, até o ponto 9 de coordenadas geográficas aproximadas 15°20'56,2"S e 46°01'20,8"WGr, localizado na cabeceira de um ribeirão sem denominação, afluente da margem direita do Ribeirão Mato Grande; daí, segue por uma linha reta, até o ponto 1, início da descrição deste perímetro.

DISTÂNCIAS:

Arinos – 100 km

Brasília – 370 km

Belo Horizonte – 700 km

Assentamento São Francisco – localizado a aproximadamente 3 km de um dos limites do Parque a partir da comunidade Gentio. A distância do Assentamento até a Sede da FUNATURA no Parque é de aproximadamente 40 km.

Itinerários

Saindo de Brasília:

- pela saída sul: BR-251 até Unaí. Até Arinos, por 150 km de asfalto e a partir de Arinos 90 km de estrada de terra até o município de Chapada Gaúcha. Total: 420 km
- pela saída norte: BR-020, passando por Formosa/GO, mais 18 km, até a GO-346 para Cabeceiras/GO. A partir daí, seguir em direção a Buritis pela MG-202 até o entroncamento para Arinos, em trecho de 42 km de estrada de terra. Seguir para Arinos, passando por 67 km por via asfaltada. A partir de Arinos, mais 90 km em direção a Chapada Gaúcha, também em estrada de terra. Total: 370 km.
- pela saída norte: BR-020, passando por Formosa/GO, seguindo para Alvorada do Norte/GO (270 km) e depois para Formoso/MG (85 km de estrada de terra). De Formoso até Chapada Gaúcha, mais 120 km em estrada de terra. Total: 475 KM.

Saindo das regiões central e sul de Minas Gerais:

A partir de Belo Horizonte, o acesso é feito pela BR-040, a 90 km da capital. Pela BR-040, a 25km da entrada de Cordisburgo, segue-se pela BR-135, em direção a Montes Claros/MG. A partir daí, seguindo pela mesma estrada (BR-135) até Januária (160 km). De Januária, seguir para Serra das Araras por 115 km em estrada de terra, até Chapada Gaúcha (40 km). Total: 315 km. Pela BR-135, são 156 km até São Francisco. De São Francisco, atravessa-se o rio de balsa até Chapada Gaúcha, passando por Serra das Araras, por 130 km de estrada de terra. Total: 286 km.

Saindo da Bahia e da região nordeste:

Para quem vem da Bahia, pegar a BR-116 (Rio-Bahia), passando por Vitória da Conquista, entrar para a BR-251 em cerca de 20 km após a divisa entre os estados da BA e MG. Seguir pela BR-251 até Montes Claros/MG, quando se pode optar por um dos dois caminhos descritos acima. Passando por Feira de Santana/BA, seguir pela BR-242 até Ibotirama/BA, quando deve-se seguir em direção a Bom Jesus da Lapa/BA, por 130 km. Até a divisa dos estados, são 140 km de estrada asfaltada, quando se segue em direção a Manga/MG e, de lá, a Januária/MG, por 104 km (sendo 45 km de estrada de terra e o restante pavimentada). De Januária até Serra das Araras, são cerca de 115 km em estrada

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	MG	01	05	06	F11	03
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

de terra, continuando até Chapada Gaúcha (mais 40 km de estrada de terra).

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

Com veredas deslumbrantes, vegetação nativa preservada e uma biodiversidade notável a paisagem do Parque é um belo quadro da exuberância do Cerrado brasileiro. Não só as veredas proporcionam a visão paradisíaca que inspirou Guimarães Rosa em suas descrições do sertão das Gerais, pois lá encontram-se também outras categorias de vegetação que encheram os olhos do escritor com a beleza da região. As matas de Galeria, o cerradão, o cerrado denso e o carrasco são formadores do eco-sistema local. A região integra a unidade Geomorfologicamente denominada Planaltos do São Francisco e conta com cursos d'água margeados por aluviões. O Parque Nacional situa-se no alto curso do rio Carinhanha e engloba parte da bacia do ribeirão Mato Grande e a bacia do rio Preto. Com notável capacidade de acúmulo hídrico, a região do Parque tem predominância sedimentos da formação Urucuia, principalmente arenitos.

A área apresenta enorme potencial científico, cultural e ecoturístico. Já foram descobertas na região espécies novas de roedores, bambus e anfíbios. A fauna silvestre é abundante e apresenta espécies raras e ameaçadas de extinção, dentre as quais podemos destacar o veado-campeiro, o cervo-do-pantanal, a jaguatirica, a onça-pintada, a lontra, o bugio, o tatu-bola e o tatu-canastra.

Dentre os representantes da avifauna, ressalta-se a presença de diversos tipos de gaviões, como a águia cinzenta, o gavião-pato, o gavião-casaca-de-couro, psitacídeos raros como a arara-vermelha, o papagaio-curau, a ciganinha e a maritaca-de-cauda-fina, destacam-se ainda o pato-de-crista, o jacu, diferentes espécies de beija-flores e pássaros, além de constituir área de ocorrência do raríssimo pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus*), uma das aves mais ameaçadas de extinção do País, com uma população total estimada em apenas 250 indivíduos. Dentre os répteis e anfíbios destaca-se a presença de espécies novas e a grande participação de animais subterrâneos, adaptados a viverem enterrados sob a areia.

4.3. MARCOS EDIFICADOS

Instalações da fazenda Carinhanha; Sede da fazenda Rio Preto (atual base de trabalho da FUNATURA); Casa sede da fazenda Mato Grande (em mal estado de conservação); Torre Diamante e Mirante 3 Irmãos (utilizados para observação de focos de incêndio no Parque)

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA**.

5.1. RESUMO

Em 1977, os cientistas Ângelo Machado e Célio Vale, do Centro de Conservação da Natureza de Minas Gerais, apresentaram, informalmente, uma proposta de criação de um Parque Nacional na região dos Gerais à Maria Tereza Jorge Pádua, então diretora do Departamento de Unidades de Conservação do IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal), órgão equivalente ao IBAMA atual. A região de subunidade de cerrado das Gerais sofria com a ocupação agro-silvo-pastoril crescente, agravada pelo asfaltamento da BR-020 (Brasília-Fortaleza) e pelo baixo custo das terras. A criação do Parque era, portanto, um sonho de ambientalistas que se preocupavam com a falta de uma Unidade de Conservação na região das Gerais. Em 1986, foi criada a FUNATURA - Fundação Pró-Natureza. A ONG agrupou um corpo técnico de renomados cientistas na área de conservação com a finalidade de produzirem um documento técnico que desse respaldo à criação do Parque Nacional. Os estudos tiveram o apoio da, então, Secretaria Especial do Meio Ambiente – SEMA do IBDF e do Fundo Mundial para o Meio Ambiente – WWF. Com a conclusão dos estudos em 1989 e a elaboração de documentos pela FUNATURA, o Parque foi criado com uma área aproximada de 84.000 hectares. O primeiro Parque Nacional da região das Gerais levou o nome de “**Grande Sertão Veredas**” como homenagem ao escritor João Guimarães Rosa, que descreveu o sertão das Gerais e seus personagens de forma irretocável e projetou a Literatura Brasileira, bem como a nossa cultura, no âmbito internacional.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	MG	01	05	06	F11	03
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

5.2. CRONOLOGIA

DATA	EVENTO
1977	Os cientistas Ângelo Machado e Célio Vale apresentam à então diretora de Unidades de Conservação do IBDF, Maria Tereza Jorge Pádua, uma proposta de Criação de um Parque Nacional na região das Gerais.
1986	É criada a Fundação Pró-Natureza - FUNATURA, ONG que atualmente administra o Parque em parceria com o IBAMA e a segunda ONG mais antiga do País.
1989	Finalmente, com o apoio do Presidente José Sarney, o Parque Nacional Grande Sertão Veredas tem sua criação assegurada.
2004	Expansão da área do Parque (Completar com a área que foi acrescentada)

6. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS MAPAS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS DO LEVANTAMENTO PRELIMINAR 2005.

Mapa da Região do Parque Nacional Grande Sertão Veredas incluindo o sítio inventariado e as localidades referentes;
 Mapa do Parque Nacional Grande Sertão Veredas;
 Mapa do Parque Nacional Grande Sertão Veredas2.

LEGISLAÇÃO**INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO E PLANEJAMENTO AMBIENTAL E PATRIMONIAL**

- Leis Federais:**

Decreto Presidencial nº97.658, de 12/04/89 - Cria, nos estados de Bahia e Minas Gerais, o Parque Nacional Grande sertão veredas, com limites que especifica e dá outras providências.

Art 215 e 216 da constituição – Sobre proteção de populações tradicionais.

- Leis Municipais:**

Lei Orgânica Municipal de Formoso, promulgada em 1962 – Dispõe sobre a organização do município, administração pública, organização dos poderes, ordem econômica e social e outros.(Acredito que tais Leis incorporaram o ICMS ecológico, Perguntar ao Cezar)

Lei Orgânica Municipal da Chapada Gaúcha, promulgada em 1997 e atualizada em 2002 – Dispõe sobre a organização do município, administração pública, organização dos poderes, ordem econômica e social e outros.

7. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS**7.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES****Problemas:**

Situação fundiária irregular, incêndios, agricultura mecanizada em fazendas limítrofes ao parque, criação de gado em áreas não-desapropriadas, estrada intermunicipal que corta parte da unidade de conservação e extração de recursos vegetais.

Possibilidades:

No período da seca são treinados e contratados pelo IBAMA moradores das comunidades do entorno do Parque para a

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	MG	01	05	06	F11	03
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

formação de uma brigada de incêndio, contando com 28 pessoas.

7.2. RECOMENDAÇÕES

Promover a regularização fundiária das fazendas desapropriadas para a criação do Parque, junto aos órgãos competentes;

Promover a sensibilização das comunidades do entorno do Parque sobre a prevenção de camadas e extrativismo;

Implementação de trilhas, camping, receptivo, alojamentos e outros recursos necessários para o atendimento aos visitantes, segundo o estudos já realizados e citados Plano de Manejo do Parque, feito em 2004.

8. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: VER ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA

ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	Conferir <i>Anexo 3: Bens Culturais Inventariados</i> Obs: A população do sítio inventariado mantém grande parte das atividades e práticas culturais realizadas na época em que moravam na área do Parque.
ANEXO 4: CONTATOS	Arcanjo Daniel e Ernani Farias (FUNATURA)
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	

9. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	KARINA CANÊDO E HELENA OLIVEIRA		
ASSISTENTE DE CAMPO	ALEXANDRE JORGE PÁDUA		
REGISTRO VISUAL	LANA GUIMARÃES		
SUPERVISOR	CÉSAR VICTOR DO ESPÍRITO SANTO – FUNATURA JOÃO BATISTA DE ALMEIDA COSTA		
REDATOR	ALEXANDRE JORGE PÁDUA E HELENA OLIVEIRA		DATA 05/09/05
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	TRÍADE PATRIMÔNIO E TURISMO		

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LOCALIDADE	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	04	06	F11	04
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO	Assentamento São Francisco
LOCALIDADE	Chapada Gaúcha
MUNICÍPIO / UF	Chapada Gaúcha –MG

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS DO LEVANTAMENTO PRELIMINAR 2005.**

LOCALID_CHAPADAGAÚCHA1_LG
LOCALID_CHAPADAGAÚCHA_AF

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS DO LEVANTAMENTO PRELIMINAR 2005.**

SÍNTESE
Chapada Gaúcha é um caso peculiar de identidade cultural. Podemos considerar a cidade como um grande laboratório ao ar livre para análises culturais e antropológicas, a julgar pela recente formação social e os diferentes grupos que a compõem. Com um caso de ocupação incomum os habitantes são, em grande parte, oriundos da região sul do país. Além de gaúchos, os mineiros vindos de outras regiões do estado configuram outra vertente migratória componente da população do município. Como duas culturas distintas de costumes contrastantes se harmonizam em um espaço físico comum?! É o que podemos observar na Chapada Gaúcha. Um lugar onde o hábito do chimarrão se afina com o café do sertão: <i>“Sentar na calçada, no final da tarde, para conversar e ver passar a vida já não é um costume só dos mineiros. A bomba de chimarrão já passa e fica em mãos de mineiras casadas com gaúchos, como foi possível observar. Aprenderam a gostar. Não é estranheza ver negociantes no sertão tomando seu chimarrão. Nem sempre dá para um pesquisador de fora julgar, pela aparência física ou pela atitude e ação, quem é mineiro, quem é gaúcho: qual daqueles adultos jovens, morenos ou quase loiros, tomadores de café ou de chimarrão, catireiros ou tocadores de viola, são realmente de origem direta do Rio Grande do Sul ou de famílias do Vale do São Francisco, de Arinos, de Januária ou de São Francisco, como grande parte dos mineiros?”</i> Além dos moradores da cidade, Chapada Gaúcha tem como vizinhança povoados locais que interagem e trocam valores culturais com os habitantes do município. Buraquinho, Ribeirão D’Areia e Buracos, são algumas das comunidades de Chapada Gaúcha que preservam valores culturais tradicionais e participam de celebrações locais como a festa de Santo Antônio de Serra das Araras e o Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas, realizado pela Fundação Pró-Natureza - FUNATURA em parceria com prefeituras municipais da região, em Chapada Gaúcha. Tais comunidades estão em constante contato com seus habitantes estabelecendo, desta forma, uma relação de troca

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	MG	01	01	06	F11	04
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

simbólica indispensável para a manutenção dos bens culturais da população regional em geral.

4. DESCRIÇÃO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA DO LEVANTAMENTO PRELIMINAR 2005.

4.1. LOCALIZAÇÃO

POPULAÇÃO DO DISTRITO: 7.270(fonte: IBGE, censo demográfico 2000)

ÁREA DO MUNICÍPIO: de 2.477,2. Km².

LOCALIZAÇÃO : Região Norte do Estado de Minas Gerais.

DISTÂNCIAS:

Arinos – 100km

Brasília – 365 km

Belo Horizonte – 700 km

Januária- 165 km

Montes Claros – 290 km

São Francisco – 135 km

Itinerário

Saindo de Brasília pela saída norte (BR-020) entrar 18 km após formosa para Cabeceiras-GO (GO-3460).De cabeceiras, seguir pela MG-202 em direção a buritis ate o entroncamento para Arinos, 42 km por terra. Do entroncamento, seguir para Arinos por 67 km de asfalto.De Arinos seguir até Chapada Gaúcha por 90 km de terra.

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

A paisagem no entorno do município foi transformada pela produção agrária local. Além de lavouras, as pastagens, naturais ou artificiais, também fazem parte da descrição física do município. Os solos, inicialmente cobertos por vegetação nativa de Cerrado, sofreram modificações devido à ação antrópica e hoje são utilizados, principalmente, para o plantio de soja e gramíneas.

Em parte da área do município de Chapada Gaúcha está localizado o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, com extensão de 231.000 hectares, abrangendo também os municípios de Formoso, ainda em Minas Gerais e Cocos, na Bahia. Através de um projeto de estabelecimento de reservas particulares do patrimônio natural – RPPNs, realizado pela FUNATURA com apoio do Fundo Global para o Meio Ambiente – GEF e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, concluído em 2005. Através do projeto, alguns proprietários de terras da região se sensibilizaram com a importância da preservação da biodiversidade local e concordaram em criar reservas em suas propriedades, aumentando ainda mais a área protegida. Os proprietários Joaquim Antônio Alves (Joaquim Paraná) e Miguel Angelo Guela, com o auxílio dos técnicos da FUNATURA, criaram, respectivamente, as RPPNs Veredas do Pacari e Arara Vermelha.

4.3. MARCOS EDIFICADOS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	MG	01	01	06	F11	04
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA DO LEVANTAMENTO PRELIMINAR 2005.

5.1. RESUMO

O município de Chapada Gaúcha remonta uma História recente. Podemos considerar que o nascimento do município teve origem na década de 70 com as terras que foram colocadas à venda por uma cooperativa do sul apoiada pela RURALMINAS com incentivo do governo federal como parte da Política de Colonização e Desenvolvimento Agrário de Minas Gerais. O Projeto de Assentamento Dirigido de Serra das Araras tinha como objetivo o desenvolvimento econômico da região. As glebas que foram disponibilizadas para venda pela cooperativa acenavam para um futuro promissor para os gaúchos, com lotes que representavam uma área cinco vezes maior do que o mesmo investimento financeiro daria para comprar no Sul. Com a confirmação que as terras Mineiras poderiam tornar-se produtivas para a produção agrária, as famílias de Gaúchos começaram a chegar na região. No início, os gaúchos tiveram dificuldades para se adaptar às condições de clima, moradia e saneamento. Na época, as famílias viviam longe da água, o que as obrigava a percorrer uma distância de 18 km até o córrego de onde retiravam a água. Mesmo com todas as dificuldades, os gaúchos se uniram e transformaram o espaço em que viviam e a terra em que trabalhavam. A comunidade foi crescendo e se modernizando até que, em 1996, a Chapada Gaúcha foi promulgada município de Minas Gerais.

5.2. CRONOLOGIA

DATA	EVENTO
1977	Surgimento das primeiras famílias oriundas do Sul com a finalidade de se estabelecerem na região através do PADSA.
1996	Promulgado o município de Chapada Gaúcha.

6. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS MAPAS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.

Mapa de Localização da Chapada Gaúcha

LEGISLAÇÃO

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO E PLANEJAMENTO AMBIENTAL E PATRIMONIAL

- Leis Federais:**

Art 215 e 216 da constituição – Sobre proteção de populações tradicionais.

Decreto nº 97.685, de 12/4 de 1989 – Cria, nos estados de Bahia e Minas Gerais, o Parque Nacional Grande sertão veredas, com limites que especifica e dá outras providências

- Leis Municipais:**

Lei Orgânica Municipal da Chapada Gaúcha, promulgada em 1997 e atualizada em 2002 – Dispõe sobre a organização do município, administração pública, organização dos poderes, ordem econômica e social e outros.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	MG	01	01	06	F11	04
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

7. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

7.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

Chapada Gaúcha compartilha de problemática semelhante ao seu vizinho Formoso. São constantes as queimadas e desmatamentos ilegais, bem como carvoarias clandestinas, que esgotam os recursos naturais indispensáveis para a vida no sertão da região. Faltam incentivos para agricultura familiar, educação e saúde. A carência de condições básicas para o trabalho agrícola expõe os lavradores a doenças respiratórias causadas pela poeira que é levantada das máquinas que separam a semente do capim. A queima da palha é um agravante para o desenvolvimento das doenças. O município ainda sofre com a falta de aterro sanitário. Além de problemas com o lixo, falta estação de tratamento de esgoto.

O êxodo causado pela falta de condições no campo impede o crescimento e o progresso no município representa uma ameaça às manifestações culturais das populações tradicionais de Chapada Gaúcha. A criação de cooperativas e associações pode servir como alternativas econômicas para a população. Chapada Gaúcha também apresenta um forte potencial para o eco-turismo pela existência de áreas de preservação de Cerrado nos limites do município, como o Parque Nacional Grande Sertão Veredas e o Parque Estadual de Serra das Araras.

7.2. RECOMENDAÇÕES

Elaboração e execução do Plano Diretor do município, para sistematizar ações prioritárias de promoção da qualidade de vida dos moradores; sensibilização dos grandes produtores agrícolas para a importância da preservação da biodiversidade local; implementação de reservas legais para aumento das áreas protegidas.

8. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: VER ANEXO 1: *BIBLIOGRAFIA DO LEVANTAMENTO PRELIMINAR 2005*

ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	Celebração: Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas
ANEXO 4: CONTATOS	Arcanjo Daniel Fonseca (FUNATURA)
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	

9. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	KARINA CANÊDO E HELENA OLIVEIRA		
ASSISTENTE DE CAMPO	ALEXANDRE JORGE PÁDUA		
REGISTRO VISUAL	LANA GUIMARÃES		
SUPERVISOR	CÉSAR VICTOR DO ESPÍRITO SANTO – FUNATURA JOÃO BATISTA DE ALMEIDA COSTA		
REDATOR	ALEXANDRE JORGE PÁDUA E HELENA OLIVEIRA		DATA 05/09/05
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	TRÍADE PATRIMÔNIO E TURISMO		

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO CELEBRAÇÕES	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	01	06	F20	05
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Assentamento São Francisco
LOCALIDADE	PA São Francisco e Gentio
MUNICÍPIO / UF	Formoso-MG

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Folia
OUTRAS DENOMINAÇÕES	De Reis (ou Santo Reis), Do Divino, de Nossa Senhora Aparecida, de Santa Luzia. Celebrações associadas: Folia De São João, de São José, de São Sebastião.
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. FOTOS

Obs.: Para lista completa das fotos inventariadas, consultar o *Anexo 2: Registros audiovisuais*.

--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****F20****05****4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO**

*Deus vos salve a claridade
Deus vos salve a luz do dia
Deus vos salve a luz do sol
A luz que nos ilumina
O sol para sair pede licença ao senhor
Quando sai joga seus raios por cima do resplendor
Deus vos salve a luz do sol
Que é o mistério mais profundo
Quando sai joga seus raios
Nas quatro partes do mundo.
O sol tem seu relógio que nunca andou atrasado
Ele serve de sinal para um verbo encarnado
O clarão da lua cheia
É um sinal da primavera
O sol faz sua marcha
E por ninguém ele não espera*

(Cantório de agradecimento do pouso. Cantado por Seu Otaciano).

A mais forte e mais praticada celebração presente no Assentamento São Francisco é a folia, bem como em toda região do médio São Francisco e no Brasil rural ou camponês como um todo. As folias são ligadas a um conjunto de práticas e crenças católicas, no entanto, os grupos que a praticam mantiveram (e alguns ainda mantêm, como no caso do Assentamento) um certo grau de autonomia com relação à igreja. Por isso, pode-se considerar como um catolicismo independente, isto é, com práticas específicas e distintas das da igreja. O catolicismo popular, apesar de vinculado ao catolicismo dito 'oficial', tem características específicas e independentes, como mostra Carlos Rodrigues Brandão:

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****F20****05**

“Conhecemos todos uma divisão entre um catolicismo erudito ou oficial e um catolicismo popular, que alguns estudiosos preferem chamar: catolicismo de folk. Convivemos na atualidade com vários estilos culturais de “ser católico”. Mesmo no interior de um catolicismo mais canônico, praticado em linha direta de relação com o corpo sacerdotal, subsistem modalidades de tendências não raro de difícil integração no corpus de doutrina, gestos e ritos de uma mesma religião e de uma mesma igreja. Olhado de perto, isto a que damos o nome de catolicismo popular possui tantos matizes quantas são as culturas em que vivem as suas pessoas reais: no campo ou na cidade, na Amazônia ou em Minas Gerais, em áreas de uma marcada influência de tradições negras, como a Bahia, ou de migrantes italianos, como em São Paulo. Uma de suas características comuns, no entanto, está em que este catolicismo ancestralmente laico e rural, quase chega a constituir um pára-sistema religioso setorialmente autônomo frente a uma igreja de que ele sempre se reconhece parte.” (Brandão, 2004).

No Assentamento São Francisco, assim como em diversos grupos católicos rurais, encontramos um vasto calendário de celebrações: Folia de Reis (que gira de três até 15 dias antes do dia 06/01); Folia do Divino (que sai de 5 até 7 dias antes do dia de Pentecostes, marcado no calendário da igreja católica; Folia de São João (que sai de 5 a 6 dias antes do dia 24 de junho, dia do arremate); Folia de Nossa Senhora Aparecida (feita no dia 12 de outubro, só girou uma vez no assentamento); Folia de Santa Luzia (teve um giro no assentamento, em 13/12/2006); Folia de São José e Folia de São Sebastião (não giram no assentamento, mas são referências fortes na comunidade e eram celebradas na região do parque). Porém, como assinalado entre parênteses, as folias mais presentes na comunidade são a de Santo Reis e a do Divino. São fortes as referências às folias de São João (festa feita na comunidade Cajueiro, e que também gira no Assentamento), de Santa Luzia e de Nossa Senhora Aparecida.

As festas rurais ou camponesas estão intrinsecamente ligadas às esferas do parentesco, econômicas e políticas. Brandão (1993: 18) considera que *“... posta a nu, uma cerimônia duradoura e recorrente como uma Folia de Santo Reis revela múltiplos tipos de compromissos e estilos peculiares de alianças entre parentes, vizinhos e parceiros (...) ele não deixa de lado praticamente nenhum feixe social de relacionamentos que, de outras maneiras e entre outros e os mesmos símbolos e nomes, são vividos na experiência cotidiana do trabalho ou do parentesco.”*

São momentos em que se encontram parentes, renovam-se as alianças e reciprocidades, a fé é fortalecida, são feitos pedidos de bênçãos, fazem-se e refazem-se as alianças políticas, namora-se, relembra-se e brinca-se. Em suma, além dos elementos de ordem religiosa que estão ali presentes, encontramos também uma série de valores sociais ali intrincados. É isso que torna uma celebração como a folia, um fenômeno complexo, particular e dinâmico, em constante mudança e adaptação aos diversos elementos sociais que estão postos em jogo na sua realização:

“Ali estão tanto as crenças populares e alguns costumes patrimoniais, como sistemas sociais de trocas de atos, de símbolos e de significados que, no seu todo, recobrem quase tudo o que uma pessoa necessita para sentir-se de uma religião e servir-se de seus bens e serviços. Mas, à diferença do que acontece no campo evangélico, mesmo nos surtos messiânicos históricos do catolicismo camponês, sempre os seus agentes se reconhecerão subordinados às autoridades da igreja oficial e sempre se levará em conta que alguns rituais de importância essencial somente podem ser ofertados pelos sacerdotes eruditos.” (Brandão, 2004).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****F20****05**

Essa reverência à autoridade da igreja foi demonstrada no depoimento de vários foliões e na origem dos cantórios das folias, que, de acordo com os foliões, são provenientes de textos bíblicos sagrados. Estes textos, contudo, não são mais encontrados, servindo mais como uma referência mítica do que como uma prova factual de que realmente existem. É interessante que uma comunidade, que transmite seus valores e saberes por meio da tradição oral, busque uma legitimidade destes justamente nos textos escritos. Seu Tasso, Guia de folia, relata como aprendeu o ofício de guia e aponta para sua relação com o chamado “Livro do Oriente”, cercada de mistérios:

“Peguei pelo livro do oriente. Os mestres pegou e aí passou pra mim. O que eu sei, as tabelas que eu sei, vêm do livro do oriente. Justamente porque não tem outros livros sobre folia de reis, a não ser o livro do oriente. Quem dizer que tem, eu digo que é mentira, que não tem. Esse livro tá difícil, se é que ainda existe ele, mas é difícil. Quem me passou foi os mestres que eu aprendi, um foi meu avô Epifânio, que era o folião mais (...) que tinha nesse mundo lá na região de Januária era ele, e eu aprendi com ele. Os outros, aprendi com outros mestres. Só que eles aprenderam pelo livro e passaram pra mim a cópia. Tinha vez que eu lia só três vezes e colocava debaixo do travesseiro, já amanhecia sabendo, mas é a força. Porque eu nasci pra isso.”

As diversas folias em adoração aos diversos santos, que se espalham por grande parte do território brasileiro, têm suas peculiaridades. Mesmo fazendo referência a um universo em comum, é arriscado falar de folia de uma forma ‘geral’ ou ‘fixa’, pois como elementos culturais são sensíveis às particularidades regionais e processos históricos. Essa pluralidade de significados e significantes, que permeia as folias, pode ser vista no mito de origem da folia de reis, por exemplo. A Folia de Reis é uma das mais celebradas (quicá a mais celebrada) em todo o Brasil rural, e, por isso, sobre ela há uma profusão de representações. A ‘representação’ da visita dos três reis do oriente ao menino Jesus vai aparecer em cada comunidade que a celebra de forma variante, suas origens e símbolos raramente serão coincidentes, contudo, não há uma folia de reis mais autêntica ou legítima do que outra. Carlos Carvalho Cavaleiro discorre sobre a pluralidade de representações em torno da origem dos três reis magos:

“A antiga Pérsia parece ser a procedência desses personagens, pois que os sacerdotes persas eram chamados de magos. Porém, a palavra oriente, naquela época, poderia significar tanto a Arábia, como a Mesopotâmia, a Babilônia ou a Pérsia. A tradição oral posterior ainda levantou a hipótese de que viessem da Grécia (Europa), da Índia (Ásia) e do Egito (África), representando os três continentes conhecidos. Uma antiga tradição diz que os Magos são provenientes de Tarsis (Melchior), Arábia (Gaspar) e Etiópia (Baltazar) e descendentes diretos de Job. (...) Acredita-se que os Magos do Oriente eram três em número, devido ao número de presentes dados: ouro, incenso e mirra. Para os Padres da Igreja simbolizavam a realeza (o ouro), a divindade (o incenso) e a paixão (a mirra) de Cristo. Quanto aos nomes, chegou-nos como sendo Gaspar, Melchior (ou Belchior) e Baltazar (ou Baltasar). As histórias orais dizem que os magos foram depois batizados por Tomé. A devoção aos “Santos Reis Magos” parece existir desde o cristianismo primitivo. Foram eles, segundo a própria Bíblia, quem primeiro adoraram ao Cristo, quem reconheceram a sua divindade. (...) O certo é que a figura dos Reis Magos acompanha o Brasil desde sua colonização: o Forte dos Reis Magos, em Natal (RN), foi fundado em 06 de janeiro de 1598.” (Cavaleiro, s/d).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****F20****05**

A importância dos três Reis Magos nas comunidades rurais pode ser relacionada à reciprocidade que representam. Os três Reis Magos no nascimento de Jesus Cristo foram levar presentes: ouro, incenso e mirra, e partiram numa longa viagem, montados em animais para prestar sua solidariedade, para dar as boas vindas ao menino recém-nascido. A fé nos santos reis é relacionada à sua importância mitológica e esta, por sua vez, está ligada às relações sociais nestas comunidades, baseadas em relações fortes de parentesco, compadrio e reciprocidade. Os foliões, assim como os três Reis Magos, realizam o seu *giro* montados em animais e levando bênçãos divinas em cada casa que passam.

Numa folia tem-se o guia, que é quem puxa o cantório, isto é, quem canta primeiro. O guia é sempre acompanhado de outro folião que canta junto com ele. A resposta ao canto do *guia* é dada pelo *contra guia*, que responde juntamente com outro folião e ambos fazem a segunda voz. Como bem explicou Seu Eduardo:

“Canta mais o guia, responde. O guia canta e ele ajuda o guia a cantar. O guia canta mais um companheiro e o contra guia canta mais um companheiro. Um fala uma palavra e o outro responde a mesma palavra, os outros tem que falar tudo o que o guia falou até o fim.”

Não há um número exato de foliões que devem sair numa folia. Porém este número não pode ser menor que oito e raramente ultrapassa os quinze, contando com o alferes. O papel do alferes é também central num giro de folia, é ele quem carrega o mastro da bandeira, chamado na comunidade de *condão* ou *condãozinho*. O alferes deve ser uma pessoa de ‘responsabilidade’, pois é ele quem vai comandar ou dirigir a folia, auxiliando o imperador a traçar o giro da folia, marcando os locais dos pousos, controlando a hora em que a folia deve sair e chegar aos lugares. Outro papel básico da folia é o do caixeiro, ou tocador de caixa, que é o ‘coração’ da folia, segurando o ritmo e fazendo a marcação que dá a *toada* da folia. Os demais foliões, chamados de companheiros, também cantam e alguns tocam pandeiro.

Outra função fundamental numa folia é a do Imperador, que é o festeiro e quem *põe a folia no giro*. Uma folia é ‘posta no giro’ por motivo de promessa. Alguma pessoa da comunidade que fez um ‘voto’ a um determinado santo se tornará o ‘imperador’ ou ‘imperadeira’ (se for mulher). A promessa deve ser cumprida, porém não necessariamente no ano seguinte ao que foi feita, mas assim que a pessoa tiver condições financeiras e de saúde para cumpri-la. Assim que o imperador decide pagar sua promessa, ele aciona os foliões, principalmente o ‘guia’ (ou ‘capitão’) e o ‘alferes’ (ou encarregado). Que deverão ‘convocar’ os demais foliões. O pagamento da promessa envolve o giro da folia, providenciando eventuais coisas que os foliões necessitarem, e a festa do arremate da folia. É o ‘imperador’ quem deve arcar com os custos da folia, que vão desde comprar cachaça, fumo e encordoamento para as violas dos foliões, até os gastos com comidas e bebidas da festa. No entanto, quase sempre contam com ajuda das pessoas da comunidade que, por solidariedade e devoção, podem doar galinhas, arroz, farinha e até um bezerro ou um porco. Além da doação dos alimentos, os vizinhos e parentes mais próximos ajudarão no preparo dos alimentos para o dia do arremate da folia, que será na casa do ‘imperador’.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****F20****05**

O número de dias que uma folia gira também pode variar. Os foliões relatam que a folia saia há uns 9, 7, 6, ou cinco dias do arremate, cuja a data é certa para cada folia, geralmente o dia do santo. Atualmente, por dificuldades ligadas ao trabalho, como data de plantação ou colheita, trabalhadores assalariados que não podem deixar seus serviços e outros motivos variados, as folias têm ‘encurtado’ seus giros. Por isso, uma folia pode girar só três dias, como já aconteceu em folia de reis e cada dia de giro era para cada santo específico, ou até mesmo pode ser feito um giro de um dia, que acabaria com uma reza, como o que aconteceu na reza de Santa Luzia, em treze de dezembro de 2006.

Todas as folias podem girar de dia e de noite, porém apenas a do Divino só pode girar de dia. No passado, ou ‘de primeiro’, como eles dizem, a folia de Reis só girava à noite, porém agora ela pode girar de dia e de noite. Esta mudança nas folias sinalizam, também, para outras mudanças, como conta seu Otaciano, *guia* de folia:

“A folia de Reis só girava de noite, no cantório mesmo fala:

‘Os Três Reis andava no mundo

Correndo sua freguesia

De dia tava parado

De noite eles dirigia’

Agora não, agora é comum de dia. De primeiro, se chegasse numa casa cedo, eles pousava e naquela casa eles ficava o dia todinho ali. Quando chegava de noite, ia sair a noite toda. Mas hoje os trem mudou demais, Moça! Igual eu tô te falando que as brincadeira era outra, não era essas brincadeira de forró.”

A bandeira é objeto ritual de maior importância numa folia ela “*vai na frente porque é a guia dos folião é a estauta do santo*”, como afirmou seu Máximo. A bandeira é confeccionada com as cores e os motivos do santo de cada folia, feita por alguém do Assentamento:

“Essa bandeira deles foi pintada aqui no Assentamento, mas se você ver o tipo dela, ocê não diz que foi pintada aqui, mas é uma Luzia bonita que eu fiquei... Quem pintou foi Deti, mas como é que pinta bonito daquele tanto, muito bem arrumado. Ela que fez a do Divino também, que gira maio e junho.” (Seu Máximo)

A bandeira deve ser benzida pelo padre, o que vai marcar o seu caráter sagrado. Apesar de feita na comunidade, no mundo profano, ela deve ser elevada ao ‘mundo divino’ através do benzimento do padre:

“Tem que mandar o padre benzer, todo padre que é padre mesmo formado aí ele tem aquelas profecias do mundo, então aí ele benze com aquelas palavras santas que Deus deixou, aí a pessoa tem que acreditar, pra quem não acredita não vale nada. Mas pra gente que é católico e é de Deus, porque Deus é um só e Jesus.” (Seu Otaciano)

“Tem delas que eles manda benzê. De premeiro diz que eles levava pro padre pra benzê, agora eu não sei se é ele só quem sabe fazer ou se qualquer um sabe fazer, mas era assim, levava pro padre pra benzê, pra ficar benta como eles dizem.” (Seu Máximo)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Além do benzimento, há uma série de cuidados e prescrições com relação à bandeira. No início do giro o imperador a entrega ao alferes, que é quem deve carregá-la à frente da folia durante todo o giro. Durante o giro e no dia do arremate é comum que os devotos se ajoelhem em frente à bandeira e a beijem, pedindo e agradecendo, pois é como uma ‘ponte’ material para uma comunicação com o santo, como se ele estivesse ali presente. No dia do arremate, ela é devolvida ao imperador, que a coloca na lapinha durante o cantório e depois deve guardá-la de forma e lugar específicos:

“Quando acaba a folia dobra a bandeira no mastro bem enroladinha, se é do mesmo imperador ele embrulha ela bem embrulhadinha, enrola bem enroladinha e guarda ela. Geralmente a bandeira fica na casa do imperador, se é dele. Acontece que tem muito imperador que é imperador, mas não tem o mastro do santo, acontece que ele pede emprestado na mão de quem tem, às vezes tem uma pessoa que tem e não é imperador naquela época e aí ele vai e toma o mastro dele. Essa é de Santa Luzia é do Seu Tercílio, que todo ano ele reza Santa Luzia. A de Reis acho que deva ficar na casa do imperador, porque ele reza três anos e os três anos fica na casa dele, depois dos três anos ele entrega pra outro. Se ele completou os três anos, que são três Reis Magos, nem que ele falhe dez anos de rezá, mas ele tem que fazer três vezes. Então ali quando ele arrematar a última, então ele pode arranjar o mastro pra outro.” (Seu Máximo).

O aprendizado do ofício de folião é informal. Os foliões geralmente aprendem pelo esforço próprio, ao observarem alguém próximo que sabe determinado ofício, algum tio, primo, ou o pai, e buscam aprender:

“Eu não aprendi com ninguém não, Tasso é quem cantava e eu cantava mais ele. Já foi saindo, não tinha folião e nois fomos sair num giro de uma folia primeira, nois fizemos um terno lá e saímos. Nessa época eu já tinha uns trinta anos, já era casado. Mas eu só girei três anos e fui foi fazer festa, virei imperador de reis, festejei de reis sete vezes.” (Seu Eduardo).

O ofício de folião, muitas vezes, é visto como algo que extrapola a escolha pessoal, sendo fruto do designo divino. Seu Otaciano (ou Tasso, como é chamado na comunidade), folião de guia referência na região, afirma que nasceu pra isso, como se estivesse predestinado ao ofício de guia. Na visão de seu Eduardo, este processo se dá pela vocação, ou, como ele diz, ‘invocação’ de cada pessoa:

“Esse negócio de tocar, cantar é a invocação da pessoa. Que nois tudo só aprende as coisas com a invocação que nós tem, se ocê tem vocação pra uma coisa ocê não pode pegar outra não, ocê num segue. Tem que seguir a invocação do seu nascimento, que ocê já nasce com aquela invocação daquela coisa. Se ocê tem invocação com uma coisa ocê aprende fácil, agora se ocê não tiver invocação, ocê quebra a cabeça. Pode prestar atenção nisso, cada um nasce com uma invocação, um por umas coisas, outros por outras. Vê os outros fazendo e pela invocação sua, ocê vai aprendendo aos poucos.”

Vocação ou designo divino, o ofício de folião existe principalmente pela sobrevivência desta manifestação em determinado contexto cultural. A manutenção da ‘tradição’ (palavra evocada por muitos no Assentamento) no contexto cultural e familiar é o que faz com que uma pessoa (muitas vezes ainda criança), resolva aprender o ofício:

“Aprendi com os povo mais antigo, sempre ensinava os folião mais véi. Era parente e conhecido. Um pouco eu aprendi com aquele véi Tasso mesmo. Mas aprendi muito pouco, mas se quiser a gente canta mais. Comecei a tocar com dez anos e já girava.” (Zé Pela porco).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

As crianças que queriam aprender a tocar viola, e não tinham uma disponível, faziam uma violinha de buriti para treinarem. Muitos faziam com a ajuda de seus pais, como Idelino, que aprendeu com seu pai, Seu Eduardo:

“Eu aprendi não sei nem com quem foi. Primeiro eu fazia uma viola de braço de buriti, com essas cordas de anzol. Pai sabia uma afinação que chamava “meio-hectar”, aí ele afinava as três cordas. Aí eu afinava, aí eu comprei o violão eu não sabia afinar e afinava só três cordas ficava tocando só três cordas. Aí eu fui pegando, me ensinaram como é que afinava e eu fui pegando. Mas eu não estudei método nenhum. Meu pai nem tinha viola, era só essa viola de buriti que a gente fazia que ele ensinava a gente a tocar. E aí eu fui saindo no giro de folia mais Tasso, eu tinha 14 anos. E aí depois eu comprei o violão e fui girando. Eu já girei mais de 15 anos e depois eu larguei, acho que tem mais de 8 anos que não giro.”

Assim como o ofício de folião é inseparável do aprendizado musical, a folia é indissociável da música. Os instrumentos musicais básicos para a folia são a viola, a caixa e o pandeiro. Durante o giro da folia, os foliões levam as bênçãos aos moradores por meio dos cantorios. Os cantorios são como rezas cantadas e há um cantorio apropriado para cada circunstância na folia: para saudar o morador, para pedir pouso, para agradecer a mesa ofertada, para saudar a lapinha ou altar e assim por diante. Após o cantorio são feitas as brincadeiras de folia: o lundu e a curraleira. Apesar de serem considerados brincadeiras, o lundu e a curraleira são partes integrantes da folia. Ao contrário do cantorio, que conta com um repertório preestabelecido, os lundus e curraleiras são improvisados ou tirados pelos foliões. É interessante o fato de que curraleiras tiradas há muito tempo, mesmo que falando de situações remotas, ainda são lembradas, isso talvez se deva à sua força em expressar os fatos curiosos, dramáticos ou engraçados ocorridos. Conforme disse Idelino: *“Mesmo esses lundu e curraleira mais antigo foi alguém que tirou. Aconteceu alguma coisinha e eles tira, e se a história for boa, pega. Nem que acrescenta mais um pouquinho do que não foi acontecido, muda um pouquinho, mas tem o motivo.”*

“Companheiro me ajude, que eu também te ajudarei” – Quase todas as curraleiras e lundus iniciam com este verso, que é um convite para que se comece a cantar. Não se pode cantar uma curraleira sozinho e nem um lundu, então há esse convite, que alude à reciprocidade das festas rurais. Assim como não se pode cantar sozinho, não se pode dançar, girar a folia ou mesmo celebrar sozinho. Este verso inicial então, faz referência à necessidade da reciprocidade nas relações sociais para que se possa viver no mundo rural.

As danças de roda ou danças de terreiro eram praticadas por todos, homens e mulheres, crianças, jovens, adultos e velhos. O sentido de comunidade era fortalecido também por meio destas danças. Momento em que todos sentiam-se incluídos, desde os mais velhos até os mais novos e os jovens aproveitavam esse momento pra paquerar, *“apertando mais forte a mão da moça”*, como disse Seu Otaciano. Apesar de não serem mais praticadas, elas ainda são muito lembradas e existem pessoas que sabem cantá-las e dançá-las. Estas danças expressam, mais do que tudo, um sentido de partilha e de alianças. Nas mais variadas coreografias destas danças, as pessoas da comunidade dão-se as mãos num círculo fechado; cruzam-se entre si até retornarem todas a seu lugar; todos do círculo batem os ombros, colocando-se em contato corporal de forma lúdica. Ao buscarmos o sentido simbólico destas coreografias, vemos que todas elas colocam as pessoas para interagirem harmoniosamente, em todas elas quem se move, mais do que indivíduos isolados, é a comunidade. É o sentido de pertencimento de grupo e de complementaridade que está em jogo numa dança de roda, em que os casais se entrecruzam e misturam-se uns aos outros mostrando que são parte de uma coletividade maior. Além disso, estas danças manifestam uma forma de respeito, uma perfeita adequação às normas morais e sociais, o que é expresso no contraponto que algumas pessoas fazem com relação ao forró atual, que é adjetivado pejorativamente como grudado, colado.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

5. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA CELEBRAÇÃO

5.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

O traçado da folia é denominado de giro. É o alferes, juntamente com o imperador, quem vai traçar o giro, falando com os moradores sobre a possibilidade de darem pouso ou comida. Muitas vezes os próprios moradores se oferecem para darem o pouso, que é onde os foliões dormirão em cada noite ou dia da folia, e para oferecerem comida aos moradores. Como explica Antônio Ferro Velho:

“É você tem que avisar o povo. Aí você tem que correr lá na frente e ir em tantas casas. Aí pousa e vai marcando até a gente chegar. Nós passa em todas as casas, quem não quer que reze é só evangélico, aí a gente não passa lá. Costuma também, por que tem muitos moradores que costuma botar o almoço pros foliões, às vezes a gente ta pensando num ponto, mas aí tem um morador que oferece um almoço pro folião, aí desvia. Na hora que sai, tem uma pessoa sempre que manda avisar: ‘Olha, vai almoçar na casa de fulano’. Manda avisar, tem que ser cedo. Não pode ser na hora da festa não, pode ser até um dia antes. Pode ser até um dos foliões mesmo.”

O giro é então traçado de acordo com as casas nas quais a folia passará e os pousos onde dormirá. Como a saída e o arremate da folia são feitos na casa do imperador, o terno de folia deve passar nas casas próximas a casa deste. O terno deve passar por todas as casas que estão no circuito do giro, só ‘pulará’ as casas em que os moradores estiverem ausentes ou dos que forem evangélicos, religião que cresce significativamente no Assentamento.

5.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Os marcos naturais e edificados vão variar de acordo com o imperador, cuja casa vai definir o giro. Contudo alguns marcos edificados, como pontes e algumas casas, e naturais, como veredas e córregos, são referências para a comunidade e foliões. Esses marcos podem aparecer nas histórias dos giros de folia a cavalo e nas letras dos cantos, em que a espacialidade marca o imaginário da comunidade. Como podemos ver neste lundu que seu Otaciano tirou na época em que morava na região do parque:

“Tem um lundu que eu tirei. Que eu viajei, e eu tenho uma mula que é muito cismada, aí eu viajei mais companheiro Francis e o compadre Osvaldo. E eu morava num lugar por nome de Mandú, lá dentro do parque. E aí nós ia da Vereda Grande pra Mandú, eu ia muntado nessa mula. Aí a riata não era muito boa nesse tempo e aí eu fui dar um chega na espora nela e aí a cela desarrochou, e aí chegou na Tiririca eu fui dar outra esporada, quebrou a correia da espora e eu fui gravando. Chegou na passagem d’Anta, ela refugou de umas carrasca de buriti. E aí eu falei assim:

Companheiro ma ajuda

Que eu também te ajudarei

Segura Otaciano

Que o pé da rédea quebrou

Lá na beira do Mandú

A cela desarrochou

Chegando na Tiririca

A correia da espora quebrou

Chegou na passagem d’Anta

Sua mula refugou

Segura Otaciano

Que o pé da rédea quebrou”

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****F20****05****5.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A CELEBRAÇÃO**

Há uma lógica no giro da folia que deve ser respeitada pelo imperador e alferes. Ela sai da casa do imperador dirigindo-se à direita, passando nas casas de forma a fazer uma volta, e retornando à casa do imperado no sentido contrário ao que saiu, ou seja, à esquerda:

“a folia tem que sair à direita. Sai à direita e faz a volta. Aí o Alferes que sai avisando o pessoal, onde vai passando, aí marca o almoço, onde vai almoçar, pra jantar. E tem os pontos do pouso. É por que tem muita gente que às vezes não está em casa né? Às vezes no ano que vem tá em casa, por que sempre nessa época o pessoal fica prevenido.”
(Antônio Ferro Velho).

Há ainda a prescrição de que o terno de folia deve evitar passar duas vezes no mesmo local, sob pena de acontecerem coisas ruins ou até mesmo a morte. Pela fala de Antônio Ferro velho, tal evitação parece não estar tão vigente no Assentamento:

“É, o povo fala isso, que a folia não pode cruzar duas vezes o mesmo caminho, mas eu acho que se cruzar não morre não. Lá no morro do buraco (...), lá são poucas passagens. É o seguinte, você tem que passar, ela gira lá dentro, gira mais de mil vezes, roda pra ali, roda pra aqui, entende?”

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES					MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

6. TEMPO

DATA	☒ DATA FIXA: Folia de Reis: de 25 de dezembro a 06 de janeiro ou três dias. Em outros tempos, a folia de Reis girava até 15 dias. Quem reza Reis não pode rezar sem girar a folia, tem que girar pelo menos três casas, três dias ou seis dias. Folia do Divino: sai de 5 até 7 dias antes do dia de pentecostes, marcado no calendário da igreja católica. Geralmente a data cai no mês de abril ou maio. Folia de São João: sai de 5 a 6 dias antes do dia 24 de junho, dia do arremate. Gira no assentamento, mas o arremate é no Cajueiro. Folia de Nossa Senhora Aparecida 12 de outubro Folia de Santa Luzia (Teve um giro no assentamento, em 13/12/2006): 13 de dezembro. O certo é rezar meio dia, se for o caso de girar a folia, tem que sair seis horas da manhã, gira umas três casa e tudo bem. Folia de São José e Folia de São Sebastião: não giram no assentamento, mas são referências fortes na comunidade e eram celebradas na região do parque. As folias mais celebradas no Assentamento são as folias de Reis e a do Divino. As folias de Nossa Senhora Aparecida e de Santa Luzia só giraram uma vez depois da mudança para o Assentamento. A folia de São João já gira há três anos, mas a festa de arremate é na Comunidade Cajueiro, mas seu giro passa pelo Assentamento também. ☐ DATA MÓVEL: Não foi relatada a presença de folias com data móvel na região.
DURAÇÃO	A duração de um giro de folia é variável, pode girar 9, 7, 6, 3 ou até apenas um dia. Vai depender da promessa, da disponibilidade de tempo e de recursos dos foliões, do imperador e dos demais membros da comunidade.
PERIODICIDADE	☒ ANUAL ☐ OUTRA ESPECIFICAR: As folias são feitas nos dias de cada santo ao qual fazem referência, celebrados anualmente no calendário da igreja católica. Porém, como dependem de outros fatores, como das promessas feitas pelos imperadores, da disponibilidade dos mesmos em alocar recursos, e ainda da disponibilidade dos foliões e da comunidade em geral, muitas vezes não são realizadas todos os anos consecutivos, ou até mesmo são encurtadas. como explica Zé Pela Porco: <i>Depois que veio pra cá foi só três anos, aí foi mexer com esse negócio de lote e aí a gente não mexeu com isso, ficou mais apertado, né. Lá a gente tinha mais vaga, quando chegava naquele tempo. Lá tinha mais dias, tinha vez que a gente saia 25 de dezembro pra chegar dia 6. E aqui o prazo da gente aqui é pouco, aqui é três dias e muito apertado, mais sem tempo, é a preocupação da gente. Lá é porque a gente trabalhava por conta da gente, a gente cuidava das coisas assim mais primeiro e aí tinha mais prazo. Agora aqui as coisas fica mais difícil um pouco. É difícil e fácil, porque a gente mexe no que é da gente. Esse pessoal que tá aqui nesse Assentamento, não é como os outros Assentamentos, que tem gente diferente. Nesse assentamento aqui é tudo conhecido, os que veio lá do parque. Tudo é uma irmandade só, os que não é tio, é primo, ou é amigo demais. Se um fala assim, “vamo cantá ali?”, já conhece, a gente conhece todo mundo, dá um tempinho e chega todo mundo. Na época da folia de Reis tem muita gente que tá preocupado por causa de limpa de arroz. Esse ano mesmo eu tô achando que nem posso sair porque tenho que cuidar. Nesse ano eu não saí, eles me chamou, mas eu não... Quando tem um giro de folia eles me chama e eu gosto de girar mais eles. Mas eu não dei conta de ir por que minha mãe tava doente.</i>

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES							MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

7. HISTÓRIA

7.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

O principal método utilizado na pesquisa de campo foi o de entrevistas. Por isso, ao se falar de narrativas históricas, a fonte principal é a da história oral. Ouvir as vozes das pessoas da comunidade revela o imaginário, pleno de eventos reais e fantásticos. Não se objetivou a elaboração de uma história cronológica, as histórias de comunidades rurais são, em geral, construídas oralmente. Aqui, ao invés de referência a datas, temos frases como “de primeiro”, ou “no princípio do mundo”, numa comunidade rural o calendário muitas vezes se perde no tempo.

A mudança de D.Maria Júlia e Seu Aneandro para a região do parque:

Nasci na Vargem Bonita (Januária-MG). Quando eu casei eu mudei aí pro parque. Eu casei com 19 anos, aí quando foi no outro ano já tive fi. Naquela época não tinha aqueles remédio, todo ano era fi. Quando mudei pro parque eu achei bom, só que não era da gente mesmo, agora eu tô achando bom é nessa aqui nossa. Lá tudo o que agente fazia era dos outros, a gente não tinha uma terrinha nossa ainda, era só na terra dos outros que nois morava. Por isso que eu achei bom, o que planta é pra nois, lá o que nós plantava era na meia. Colhia, se fosse um bando nois vendia, se fosse pouco era tudo partido. E agora aí não, na terrinha nossa é bom demais. E quando os menino era tudo pequeno nois trabaia na roça naquele gerais lá que nois morava, ia aqueles maiorzin ajudando, os pequeno ficava tudo na casa. Ia pra roça mais Aneandro, só na enxada, só roçá mata assim que eu nunca rocei, mas pra limpá mantimento, plantá, limpá o mantimento quando tava cheio de mato era tudo nois dois e os minino pequeno e brigando pra eles, ensinando eles pra eles num cortá, né? Aí quando os minino cresceu tudo uns espinicou praqui, outros pracolá. Eu lembro até hoje quando eles eram pequenos, mandava um vai fazer isso, dá trabalho mas é mió do que depois de grande. Quando eles era tudo pequeno a gente só imagina assim a dificuldade fazê tudo, pra ter tudo pra eles assim. Mas a gente não maquinava igual hoje que sai um praqui, outro pracolá, agente fica assim pensando né.

A presença da folia na família de Seu Eduardo:

Eu desde que me entendi por gente. Minha procedência é Imperador, a minha bisavó festejou quarenta anos, morreu com 110 anos. Só de Reis ela festejou 40 anos. Agora nois já nascemos dentro da tradição, aqui e acolá um da família tem aquela tradição, já alembra e faz. Agora aqueles da família festeja, muitos é só três anos, faz três anos e aí já cumpriu o voto, aí já passa pra outra família com a mesma tradição. Minha bisavó, quando eu nasci ela já tinha morrido, mas ela festejou 40 anos de Reis, até ficar veinha. Mas aqui e acolá um da família reza, aqueles procedências daqui e dacolá reza também.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****F20****05****Seu Alberto fala sobre a folia de Nossa Senhora Aparecida na região do parque:**

Lá na região do parque tinha a reza de Nossa Senhora da Aparecida. O imperador era aquele velho Eduardo lá mesmo, rezava. Ele rezou da Nossa Senhora da Aparecida, rezou de Santo Reis, ele rezava mesmo. Mas não era todo ano, não lembro direito quando teve a última vez, há mais ou menos, dez anos. Depois parou, aí foi quando o parque chegou né? Aí pediu pra gente vir pra cá né? Aí a gente veio e todo mundo desligou, aí chegando aqui, cada qual lembrou das devoções que era antes lá né? Pra retornar aquela coisa que era lá no parque antes.

Não sabendo precisar quando começaram as folias na região, os foliões já nasceram vendo seus parentes celebrarem as folias. Muitos relacionam as folias aos lugares em que eram feitas e nos quais grande número de pessoas da comunidade nasceu e viveu até mudarem para a região do parque:

Antônio Ferro Velho fala das folias na região do parque e proximidades

Lá na região do parque tinha de santo Reis, de São Bom Jesus, do Divino, além dessas daqui, eu mesmo trouxe o meu costume de Nossa Senhora da Aparecida de lá. Aqui a primeira festa foi de Santo Reis, no ano retrasado. Foi em dois mil e quatro. Aí depois de Santo reis, vem a de São Batista, que é ali no Cajueiro, aí de lá, veio dia doze de Outubro, dia de Nossa Senhora da Aparecida, veio dia quatro de Maio, e daí por diante. A de São João todo ano eles giravam, mas eles giravam só lá, depois que a gente chegou e criou o assentamento aqui, aí a gente rendeu a turma daqui, por que os foliões são daqui né? Aí puxou a folia pra cá. Já está com três anos que eu giro aqui desde dois mil e três. Quando eu morava lá eu girava em Arinos, mas esse ano eu vou girar aqui.

Seu Otaciano e Vargem Bonita (município de Januária-MG)

Lá em Vargem Bonita é o lugar que mais festeja o de Reis, todo ano, num faia um. É o lugar que mais festeja!

Seu Tercílio e Januária

Tem tempo demais que eu saio, eu comecei a girar eu era rapaz. Só que quando eu era rapaz não era assim todo ano, a gente faiava um ano e no outro ano de serviço a gente saia. Era lá mesmo no município de Januária, nasci e criei lá.

As Festas no Assentamento

Quando a gente mudou de lá pra cá, isso a gente vem continuando de lá. Até o ponto que chegou aqui continuou do mesmo jeito. A primeira aqui foi em 2003. (Seu Tercílio)

Aqui no assentamento mesmo tem muito pouco tempo de festa, porque aqui as festas que a gente tem aqui é só as festas de Santo Reis mesmo, na época de janeiro. Só que lá no parque tinha mais festas, tinha de São Sebastião, que era dia 20 de janeiro e Nossa Senhora Aparecida, que era dia 12 de outubro. Aqui no assentamento por enquanto teve só festas de Santo Reis e uma do Divino, que teve esse ano. (Idelino)

Histórias das brincadeiras de roda:

Era bonito, era coisa importante. Juntava as parentaia, ia juntando aquelas mocinha nova. Que de primeiro era outra coisa, a criação era outra coisa, cê sabe que hoje cabou tudo. Hoje deferencou tudo. Foi cabando, foi cabando. Que as pessoas de idade foi afastando, ficou essa mocidade e essa mocidade num liga. Porque cê sabe, essa mocidade... se você for cantar, fazer uma roda aqui, fazer uma brincadeira, eles fazem é caçar. Então vai acabando. Se reunir as pessoas que era mais ou menos, que gosta, inda tem. Mas só se reunir. Uma vez veio Manuele, Neli, veio Deja mais as minina, veio Veriano, e aí foi um bando de gente. E trouxeram uns pernis, trouxeram muito peixe, os minino foram e pegaram peixe e trouxeram um quarto de leitão. Fizeram um fogão lá debaixo daquele é de abacate. Mané e mais Deja é quem foram os assador lá. Deja é quem veio fazer o peixe pra todo mundo cozido e assado, eles assaram lá. E aí foram brincá lá no terreiro, brinca inté a hora que o dia amanheceu. Faz tempo." (D. Arcanja).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****F20****05**

“Marcava o dia e aí todo mundo vinha, vinha à noite. Tinha vez que tinha rezado, outra vez era só pra fazer a brincadeira. Tinha muita brincadeira lá na minha casa, avisava os vizinho tudo: “Fulano, tal dia você vai lá pra casa, avisa fulano pra nós comer um frango, tomar um café, fazer umas roda, lundu. Comia e aí ia brincar, às vezes até o dia amanhecer. Às vezes aquelas chefes começava primeiro e aí todo mundo ia acompanhando. Ali agora todo mundo tinha que prestar atenção, do jeito que um fizesse todo mundo tinha que fazer e os que queimava nós botava pra fora... Era gente! Era gente! E brinca a noite toda. Fui noitera umas seis vezes que eu fui noitera em São João. O noitero dá as velas, dá os fogos, panha a lenha e faz a fogueira de São João. Faz bolo, faz biscoito, café, vinho e leva. E aí chega lá, Quando cabá as reza, aí dá a mesada e depois vai dançá. De primeiro era bão, aí agora cabou é só mesmo as rezas. Ano passado mesmo me botaram de noitera, eu saí. Que a pessoa só, num tem quem faz as coisas. Esse ano tornaram a me botar e eu saí.” (D. Arcanja).

MOTIVOS:

A Principal motivação das folias é a devoção e a fé. Ao passarem por dificuldades, embaraços, ou conflitos, muitos *se pegam com o santo* e prometem *pôr uma folia no giro* caso o santo os livre daquele *embaraço*. O poder de agência (ação, ou interferência no mundo humano) conferido aos santos é tamanho que muitos atribuem sentimentos humanos, como alegria, contrariedade e vingança aos santos. Mas eles são valorizados principalmente por atenderem as graças dos fiéis, proporcionando o restabelecimento da saúde, boas colheitas e crescimento na criação:

Porque os santos, eles têm poder e o povo tem fé, faz o voto com eles, é valido aí tem que cumprir. Já deu muitos exemplos que faz o voto com eles e num cumpri, por isso tem que cumprir, se fazer tem que cumprir. É porque os santos têm poderes, todo mundo que lê a bíblia, pode caçá que tem, tá marcado, foi quem visitou o menino Jesus. O primeiro profeta foi os três reis do oriente que visitou o menino Jesus quando ele nasceu, cada um levou um presente. Baltazar, Gaspar e Brechó (Belchior). Baltazar levou ouro, Gaspar levou incenso e Brechó levou mirra. Eles é tão poderoso, que eu criei foi oito filhos, no poder de Deus, Jesus Cristo, Maria Santíssima e os braços, que até hoje tem buraco, que eu trabalhava de machado fazendo cerca de arame pra ganhar dinheiro pra poder criar os filhos. Aí eu tinha uns dois bezerrinhos, mas num aumentava pra nada aí eu peguei com os três reis, se eles ajudasse que eu adquirisse pelo menos umas dez cabeça de gado. Moça, mas de uma hora pra outra eu possui 16, pra você ver o tanto que eles é poderoso, aí eu peguei um bezerro e dei pra eles. A gente dá pra aquele imperador pra poder dar pro povo que vem, aqueles romeiro que vem assistir as rezas e a festa. Aí, mas os santos ficam tão alegres. Só faz a festa através dos votos que a gente faz, ninguém não faz essas festas a não ser através de voto, a gente sendo prejudicado e faz o voto com aqueles santos, aí eles valem. As pessoas que não cumprem, eles dão o exemplo, tem que cumprir, senão aquela criação vai acabando, o que tem vai acabando, a vida da pessoa vai ficando só petecada, por isso que se prometeu tem que dar mesmo. (Seu Otaciano)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

O motivo é assim: você faz um voto. Às vezes tem um problema na família, você faz um voto. Eu rezei uma do Divino, tava com meu filho passando mal em Brasília, ficou dois anos lá. Então o doutor falou que ia operar ele, mas era arriscado, porque ele era muito novo. Ai eu fiz um voto pros Santos Reis, o Divino e todos os santos. Hoje ele está trabalhando, não tem nada, graças a Deus, está normal. (Antônio Ferro Velho)

Eu prometi à Nossa Senhora Aparecida, porque eu tive um conflito. Eu capotei o carro uma vez, o carro deu três capotada e o carro parou com os quatro pneu pra cima e eu fiquei preso debaixo do carro da cintura pra cima. Fui pro hospital, fiquei lá vários tempos, minha mulher sofreu meus filhos ainda eram pequenos. Eu fui pra casa, minha mulher sofreu muito comigo, aí eu mesmo pedi para Nossa Senhora Aparecida. Que se Nossa Senhora ajudasse, que eu melhorasse, que desse conta de criar meus filhos, trabaia, voltá minha saúde legal, aí eu ia continuar rezando. A partir daquele dia que minha condição fosse o possível, eu ia rezá todo dia 12 de outubro. E aí eu pedi essa santa aqui e ela me acudiu. Tem pessoas que fala: "isso é só um pano!", mas não isso aqui na verdade é só a semelhança dela, ela mesma tá lá em cima, lá no céu. Aí eu pedi pra ela e Deus me abençoou, que eu fui recuperando, minha mulher cuidou muito de mim, me ajudou. Aí eu vim pra'qui, adquiri um lote aqui e aí comecei a pagar. E essa dívida eu tô com ela, é uma dívida assim, que eu vou pagando ela na medida em que for possível, que a dívida seria mesmo eu paguei há um ano atrás. Mas eu quero continuar rezando, que foi um santo que me ajudou. O santo vai me ajudar que todo ano eu rezo! Mas a promessa já tá paga. Agora daqui pra frente é mulher (sua esposa Chica) que quer rezar, que ela gostou, gostou da comunidade do pessoal, da vizinhança, a vizinha dela ali é muito amiga dela. (Seu Alberto)

Apesar da maioria dos imperadores assumirem esse ofício para pagamento de promessa, alguns, como Seu Eduardo, podem fazê-lo apenas por apreciarem aquela manifestação:

O motivo é esse, porque a festa de Reis eu achava muito bonita. Não era promessa não era nada. Eu achava a festa de Reis bonita, então eu tinha o desejo de fazer uma festa na minha casa. Aí, fiz o primeiro ano e achei bom e continuava. Era um ano sim e um ano não era todo ano não. O pessoal geralmente é imperador por promessa, eu não, foi por boa vontade, porque eu achava a festa bonita. Aí eu comecei um ano pra experimentar, pra ver se dava certo, aí achei bom e as coisas pra mim foi fácil, botei pra quebrar na festa. Mas tinha a reza, eu rezava, a reza era no último dia. Porque a festa de Reis quem cumpre a promessa é os folião, por que os folião é quem sacrificia no mundo, é moiando, é enfrentando o rio cheio. Lá tinha muito rio, muita água, Tinha vez que entrava num córrego, tinha todo mundo que desarrriá, pra caçá uma pinguela pra passar a cela. Lá é assim.

TRANSFORMAÇÕES:

As mudanças e transformações numa determinada comunidade não são necessariamente negativas, ao contrário, espera-se que uma cultura se transforme, pois uma de suas principais características é o caráter dinâmico. É importante observar como os membros da comunidade observam e sentem estas mudanças. No Assentamento São Francisco, os foliões reconhecem que houve transformações que influenciaram as folias. Muitas delas estão relacionadas à saída da região do parque, outras são relacionadas com transformações mais amplas:

DE PRIMEIRO SAIA A DIVINDADE, NÃO TINHA UMA QUE TINHA ESSA CACHAÇA SOLTA QUE TEM HOJE. QUE HOJE ELES TOCA A FOLIA A TROCO SÓ DO ÁLCOOL E ISSO NÃO É DE ACERTO. NO NOSSO TEMPO, NO TEMPO QUE EU APRENDI, ÀS VEZES O ALFERES CARREGAVA UMA GARRAFINHA DE PINGA COMO REMÉDIO PRÓPRIO PARA SE POR ACASO UM FOLIÃO ENVOCASSE ELE DAVA UMA DOSINHA PRA MELHORAR. HOJE ELES TÁ BEBENDO É... ELES NUM TÁ SOMANDO DE É DIVINDADE, OU SE É RITMO DE CACHAÇA, TÁ ASSIM, POR ISSO QUE EU TÔ ACHANDO QUE TÁ MUDADO É POR ISSO, PRA MIM TÁ É MUITO! E PRA QUEM ENTENDEU, CONHECEU, ALGUNS QUE TÁ DE MENOR IDADE QUE EU NÃO ENTENDE. HOJE NÃO É SÓ A MOCIDADE NÃO, ATÉ OS VELHOS PARECE QUE MUDOU, SÓ NÃO EU E OUTROS COMO EU. TEM UM GUIA NO BURITIS, QUE É O GERÔNIMO, TAMBÉM NÃO BEBE, É IGUAL EU. (SEU OTACIANO)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****F20****05**

DEPOIS DA MUDANÇA DO PARQUE PRA CÁ PRA MIM, NUMAS PARTES FICOU ATÉ MELHOR. PORQUE LÁ É UM DESERTO E AQUI É DENTRO DA POPULAÇÃO, MISTURADO. SE ALGUÉM PRECISAR IR EM QUALQUER LUGAR, CAÇAR UM RECURSO, QUALQUER COISA QUE NECESSITAR NA CIDADE, TÁ AQUI PERTO E LÁ QUEM TINHA CAVALO, ANDAVA A CAVALO, DUAS, TRÊS LÉGUAS. ANDAVA ATÉ DEZ LÉGUAS PRA CONSEGUIR UMA LATA DE ÓLEO, DESCENDO SERRA E SUBINDO SERRA, UMAS CINCO HORAS DE VIAGEM. HOJE FACILITOU, ATÉ PRA FOLIA GIRAR FACILITOU. (SEU OTACIANO)

JÁ PERDEU MUITA COISA QUE A GENTE VIA NO TEMPO PASSADO MESMO, AGORA NÃO VÊ MAIS NÃO. QUE FICA SÓ UMA PESSOA OU DUAS QUE SABE E JÁ FICA SOZINHO E VAI DEIXANDO TAMBÉM. VAI MUDANDO, O TEMPO VAI PASSANDO E A GENTE NEM VÊ. QUANDO DÁ FÉ VOCÊ JÁ TÁ EM OUTRO MUNDO, EM OUTRA SABEDORIA MAIS DIFERENTE, SEM PERCEBER. ANTES AS CASAS ERAM MAIS DE PALHA, AGORA TEM MAIS DE ALVENARIA. MAS DE PALHA NÃO É PORQUE O PESSOAL QUERIA, MAS ERA PORQUE A CONDIÇÃO É AQUELA. ERA O JEITO DE FAZER, DOS RECURSOS NATURAL QUE TINHA. ELA É BOA, MAS DE CINCO EM CINCO ANOS TEM QUE TROCAR O TELHADO. ATÉ PRA DESLOCAR DE UM LUGAR PRO OUTRO, MUDA TAMBÉM AS CONDUÇÃO, QUE ANTES ANDAVA A CAVALO. DE PRIMEIRO NOIS MORAVA NO PARQUE, O PESSOAL IA PRA JANUÁRIA A CAVALO, DE CARRO DE BOI, GASTAVA DOZE DIAS DE VIAGEM. NÓIS IA PRA ARINOS FAZER COMPRA E IA A CAVALO, NÃO TINHA CARRO. MAS PRA ARINOS ERA DOIS OU TRÊS DIAS. O PRIMEIRO CARRO QUE EU VI EU TINHA DEZ ANOS, FIQUEI ATÉ COM MEDO DELE. HOJE JÁ MUDOU, HOJE DE CAVALO NINGUÉM GUENTA MAIS ANDAR, O PESSOAL SÓ ANDA SÓ DE CARRO. QUEM TEM UM CAVALO ANDA AQUI PERTINHO, TRÊS QUILOMETROS, DOIS QUILOMETROS. DE PRIMEIRO O PESSOAL VINHA LÁ DO PARQUE QTÉ FORMOSO A CAVALO. SÓ NA FOLIA QUE AINDA GIRA A CAVALO, ONDE FOR LONGE, ONDE FOR PERTO TEM REGIÃO QUE AINDA GIRA A PÉ, MAS AQUI INDA USA CAVALO. (IDELINO)

É claro que em qualquer comunidade nem sempre há consenso. Gumerindo, como outros moradores do assentamento, percebe a influência de transformações estruturais (ocorridas devido à transferência para o assentamento) nas festas e danças da comunidade:

Aqui tinha esses negócios das mulher cantar. Mas agora parou, agora não canta mais, não canta roda, não canta batuque. Ficou sem graça demais, pra mim ficou sem graça. Eu gostava do tempo que lá no parque cantava roda demais. Antes de mudar pra cá não tinha parado. Lá não, lá nunca tinha parado não. Parou aqui, depois que mudou aqui, quatro anos mais ou menos. Acho que acabou o movimento, que lá era todo mundo unido. Parou a festa, ia fazer uma festa, aí dançava batuque, as muié dançava batuque e dançava roda também. Agora diminuiu, parece que diminuiu os vizinho. Uma metade é o povo que tava lá, a outra metade não. Tem mais gente de fora aqui. Uns é parente e outros não é não. Um bocado morava lá, outro bocado não. É do parque, mas de outro lugar, que morava lá. Juntou gente de lugares diferentes. Tem dia que eu digo: “Oh meu Deus do céu, hoje não é como de primeiro como eu morava no parque. Eu gostava de sair, cantava uma roda, cantava um tamanduá, e aqui hoje o povo já num canta, ninguém gosta disso, parece que não”.

Apesar de reconhecerem algumas mudanças devido à transferência da comunidade para o Assentamento, muitos reconhecem que as mudanças não ocorreram apenas por este motivo, e nem apenas na comunidade. D. Nica convida-nos a pensar: “*Tudo Mudou. O mundo não transformou? Depois que o mundo transformou, o povo transformou também. O povo só quer coisa moderna!*”. Outros, como Zé Pela Porco, não vêem uma ruptura entra a vida que levavam na região do parque e a vida no assentamento. Para ele, isso se deve a continuidade nos laços de parentesco e vizinhança:

Depois que mudou pro assentamento continuou a mesma coisa de lá, por que todo mundo aqui é amigo. Veio do parque, mas um chega ali na casa do outro e “vamo ali, fazer uma farra ali?”, vambora. Quando nos mudamos já teve folia de Reis no Zézin Preto, foi Eva irmã dele a imperadeira. E ela passou o mastro pra Zézin e no outro ano ele foi o imperador, aí eu girei pra ele e no outro ano tornei a girar. E nesse ano agora, eu quero rezar denovo. Foi um ano na Eva e dois anos no Zézin. Ela rezou dois anos lá no piratinga e terminou aqui, porque quem reza de Reis, se rezar um ano tem que rezar três anos, porque senão a prece não fica cumprida. Ela terminou e entregou pra ele, ele já rezou dois anos e agora tem que rezar mais um. O guia é o Tercílio Preto, desde o começo que ele é folião de guia antigo. E sempre eu canto assim, quando tem uns ponto que eu vejo que não dou conta, de curral essas coisas ele que canta, mas se eu souber ele fala: “Ó Zézin, ocê toma conta”. Quando é folia, eu não tenho medo de cantar folia não. Eu cantava numas casa por guia mais Aldelino, numas casa ele (Tercílio) cantava mais Zézin, filho dele. Mauri respondia mais Hélio, era contraguia. Em outras casas era eu por guia mais Aldelino, e aí repondia Onias (meu irmão) e o Lidilau. Às vezes ele era o guia, e às vezes era eu, por conta que ele tá meio véi, aí ele pedia pra eu fazer.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****F20****05**

Seu Otaciano aponta que a necessidade da folia de Reis girar pelo menos três dias ou três casas durante três anos muitas vezes não tem sido cumprida:

Tem gente assim, que faz dos Três Reis. De primeiro assim, tem que rezar três anos, que eles é três. Agora muitos só rezam as três ladainhas e arranja um guia que entende na entrega explica com as palavras que arremata num ano só. Mas eles não gosta, eles gosta de fazer cada ano pra um, porque ele é três. De primeiro só fazia os três, eu mesmo fiz um voto uma vez, tem muitos anos eu era novo, aí fui valido, rezei um ano, passou um bocado de anos, rezei o outro ano e depois rezei o outro ano. Tinha que rezar os três. Agora eles tão fazendo assim, porque Deus não é vingativo, os santos também não, então tem deles que às vezes se sente assim prejudicado, que às vezes num dá conta, só que se pegá com o santo ele é poderoso, ele dá tudim na mão da pessoa. Mas eles tão fazendo assim, porque mudou de primeiro a gente fazia uma festa não tinha balaio de gato no meio, hoje as coisa mudou demais, aí tem gente que já reza as três ladainhas, faz o giro, às vezes faz três dias ou seis dias, aí faz a entrega e explica, tem que ser o guia que sabe, não é tudo mundo não.

Até a folia tá girando menos, antes girava 7 dias. Agora tá girando 3 dias, mas tem vez que gira mais. Mas ficou mais difícil, porque o povo aqui é desunido. Parece que uns quer, outros não quer. (Gumerindo)

Outra transformação na comunidade refere-se às danças de terreiro ou danças de roda. Se há alguns anos atrás era comum sua realização, como brincadeiras das festas, hoje as danças de roda não são mais praticadas. Como fala Zé Pela Porco:

Batuque pras muié dançar no terreiro, depois cabou. As dança de terreiro, pras muié dançá roda. Esses menino não aprendeu não. Eles não gosta não, eles gosta só de relá bucho. Eles não conheceu isso não. O povo tá mexendo com esse negócio de baile e largou isso tudo, que as dança boa era as que tinha de primeiro. Hoje é só baile e forró, forró não presta.

Zé Pela Porco aponta outro fator que têm influenciado as transformações na prática ritual e musical: o forte ritmo de trabalho que impede que muitos jovens aprendam o ofício de folião:

HOJE NÃO É QUE NEM AQUELES TEMPOS QUE MUITA GENTE FICAVA NA CASA DOS PAIS, HOJE É DIFÍCIL. QUE NEM ELE AÍ MESMO (FILJHO DO SEU ANEANDRO), ELE É EMPREGADO. AÍ NÃO DÁ TEMPO, OS PATRÃO NÃO DÁ VAGA PRA ELES APRENDER AS MÚSICAS, AS DANÇAS.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****F20****05****7.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES**

O maior número de representações sobre folias, em quantidade e riquezas de detalhes, gira em torno da Folia de Reis. É relevante aqui considerarmos as representações sociais em torno da folia, reconstruída por meio de conhecimentos repassados oralmente pelos antepassados dos foliões. Não buscamos averiguar a veracidade de fatos históricos, ou mesmo buscar a comparação com outras representações de outras comunidade, o que está em jogo aqui é a construção mítica sobre as folias, repleta de verdades.

A história dos Três Rei, por Seu Eduardo:

Quando Jesus nasceu, o primeiro que visitou Jesus não foi os três reis? Cada um levou uma oferta, um levou incenso, outro levou mirra e o outro levou ouro. Agora aquelas ofertas, quando o folião chega e acabou de saudar o morador, na hora de embora aquele morador dá aquela oferta. Faça de conta que os folião é os três reis, quando foi visitar Jesus cada um levou um presente para Jesus. Agora chega de cá, nós num temo a mirra, incenso e ouro, nós damos o dinheiro e naquele lugar pra poder representar como foi no princípio do mundo. Porque antes do nascimento de Cristo não tinha folia, não tinha nada, depois que nasceu cristo, que os três reis andou. Mas os três reis não levou viola, não levou caixa, não levou nada. Mas aí pros folião chegá e fazê a mesma coisa, quando é no tempo aí os folião vai girar, fazendo a mesma caminhada que os três reis fez pra visitar Jesus. Cada um levou um presente, chegou lá onde Jesus tava, então o condo (mastro da bandeira) era pequeno, um levou um presente e ajoelhou, fez a venda e entregou. O outro fez a venda e entregou, e outro e aí entregou. Agora nós todos faz a mesma festa, fazendo como quem faça de conta que é no tempo de Cristo, que os três reis foi visitar. E aí daí pra cá foi que começou as festas de Reis. Não tem ouro incenso e mirra, mas tem viola pandeiro e caixa e é isso que os folião leva. E na hora de entregar a folia, entrega a folia e entrega a mesma coisa, entrega pandeiro caixa e viola. Primeiro canta a imperadera ou imperador e o alferes entrega o mastro, agora os folião canta entregando pandeiro, caixa e viola. E naquela hora entrega ao imperador tudo e aí agora tá desarvorado. (...) Porque o cantorio é uma oração, aquilo é um voto que sai cumprindo que o folião é quem cumpre a promessa. Porque o folião sai fazendo a caminhada, como os três Reis fez. Faz de conta que é os três Reis que tá caminhando pra visitar Cristo, quando cristo nasceu. Agora, os folião é quem sai fazendo a caminhada, com aquela caminhada que eles faz tem que ter muito respeito. Sai a folia cumprindo aquele voto, faça de conta que é como os Três Reis saiu oriente, que eles foram escondido, de Satanás, que Satanás tava perseguindo. E eles foram por uma estrada e voltaram por outra. Os folião sai fazendo a mesma caminhada dos Três Reis.

O uso dos instrumentos na folia por Zé Pela porco:

A folia, quando os Três Reis girou, não tinha nada, não tinha viola, só andava os três. Aí que o povo inventou o negócio de folia, de viola, mas não tinha não. Porque quando Jesus nasceu, os Três Reis que visitou Jesus no dia em que ele nasceu. Agora depois que o povo usou esses negócio de viola, tudo né. Quem começou a folia foi ele, os Três Reis, mas eles não tinha toque nenhum, o pessoal que inventou, eles só andava. Só andava os três, no dia que Jesus nasceu em Belém. Na bíblia tá marcado, aprendi um pouco assim. Os três reis: Gaspar, Brechó e Baltazar. Naquele tempo é a semelhança, a pessoa anda muntada a cavalo e pegou aquela toalha ali, tem que andar bem certinho. Eles andava, mas não cantava, mas pra cantar tem que ter o instrumento, a viola, o pandeiro e caixa, se não, não acompanha e os folião não acerta.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

O livro do Oriente como fonte de aprendizado dos guias de folia, por Seu Otaciano:

Peguei pelo livro do oriente. Os mestres pegou e aí passou pra mim. O que eu sei, as tabelas que eu sei, vêm do livro do oriente. Justamente porque não tem outros livros sobre folia de reis, a não ser o livro do oriente. Quem dizer que tem, eu digo que é mentira, que não tem. Esse livro tá difícil, se é que ainda existe ele, mas é difícil. Quem me passou foi os mestres que eu aprendi, um foi meu avô Epifânio, que era o folião mais (...) que tinha nesse mundo lá na região de Januária era ele, e eu aprendi com ele. Os outros, aprendi com outros mestres. Só que eles aprenderam pelo livro e passaram pra mim a cópia. Tinha vez que eu lia só três vezes e colocava debaixo do travesseiro, já amanhecia sabendo, mas é a força. Porque eu nasci pra isso. Eu não faço nada a não ser por força da obra divina, pela obra da natureza. Porque eu nasci no mato, embaixo de um pé de jatobá carreira, o Dom meu foi Deus quem me deu. Só mesmo assim o ofício de Nossa Senhora, Virgem Imaculada Conceição, eu aprendi no livro, sabe. A ladainha de Nossa Senhora eu aprendi no livro, os Reis, tudo pelo livro, da santa escritura, eu não canto nada fora da escritura é por isso que o povo gosta, e os outros cantam inventado e aí não vale.

A alegria e a harmonia social como constituintes das folias:

Nas nossas festas lá não acontecia nada, porque briga não tinha. Tinha só amizade, amor, que o povo vinha de longe. Aquele imperador sacrificava com aqueles pessoal que vinha pra festa, porque o imperador tava responsável por aquele pessoal todo, tinha que agradar todo mundo. E o povo saía tudo alegre com ele, mas tem imperador que não, que às vezes agrava as pessoa que vem de fora e quem dá a festa não pode agravar ninguém, tem que tratar todo mundo com educação, com amor. Quando tinha uma festa boa assim, todo mundo falava: "Que festa boa!" E quando a festa é ruim: "Ih, a festa não prestou pra nada"! (Seu Eduardo)

Não tem tristeza na folia, só tem alegria, é todo mundo brincando cantando, se sair alguma coisa errada a gente inventa uma musica, só alegria mesmo. (Antônio Ferro Velho)

Ao final da folia do Divino e da de São João, o mastro é quem vai direcionar para onde a folia do outro ano vai girar, Como fala Antônio Ferro Velho:

Assim, fica o madeiro ali e aí coloca aquele varinho, aquele pequeninho ali, tem que colocar ele bem retinho. Aí pra onde ela amanhecer virada ali, naquele local ali e aí a pessoa pede. Na hora que vai derrubar o mastro, no outro dia e aí a pessoa pede.

7.3. CRONOLOGIA

Data	Descrição
06 de janeiro	Folia de Reis
20 de janeiro	Folia de São Sebastião (não gira no assentamento, mas girava na região do parque)
19 de março	Folia de São José (não gira no assentamento, mas girava na região do parque)
Dia de pentecóstes, marcado no calendário da igreja católica. (abril ou maio)	Folia do Divino espírito Santo
24 de junho	Folia de São João Batista (Gira no assentamento, mas o arremate é no Cajueiro.)
12 de outubro	Folia de Nossa Senhora Aparecida
13 de dezembro	Folia de Santa Luzia

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

8. ATIVIDADE

8.1. PROGRAMAÇÃO

As etapas da folia foram aqui separadas e esquematizadas apenas com o objetivos metodológicos. As etapas de uma folia não são ritualizadas separadamente pelos foliões. Para o entendimento de uma folia, como um ritual, deve-se vê-la como um ciclo. Em que cada etapa está logicamente ligada à outra: saída, giro (desenvolvimento) e chegada, como um todo que compõem o ciclo ritual.

Etapa	Atividade
Promessa e Preparação Prévia	O 'motivo' que impulsiona a folia é, geralmente, a promessa. Assim que o pedido for atendido e o imperador se sentir em condições de realizar a folia ele começa os preparativos. Os preparativos envolvem o contato com os foliões, com as pessoas da comunidade, que podem oferecer ajuda em forma de trabalho ou de oferendas, e na alocação de recursos materiais por parte do imperador: <i>“Tem que começar a preparar bem antes, quando já tá assim faltando uns trinta dias a gente já começa a encomendar. Encomenda um fazendeiro o queijo, encomenda ovo, que mesmo tendo a galinha não dá pra gente juntar, que vai é muitas dúzias de ovo. Compra as coisas tudo com fatura, compra café com fatura pra dar o povo pra tomar.” (Seu Eduardo).</i>
Alvorada - Saída da folia	A saída da folia é feita na casa do <i>imperador</i> ou <i>imperadeira</i>, como eles dizem no caso deste papel ser ocupado por uma mulher. O <i>imperador</i> entrega as divisas aos foliões e a bandeira ao alferes. São feitas rezas e o primeiro cantório da folia. Antes da saída da folia serve-se comida aos foliões, pode ser um almoço ou jantar, ou ainda café com bolo: <i>“Todo mundo tem que reunir na casa do Imperador antes de começar. Tem que reunir tudo na casa do imperador, se a promessa é dele, reúne na casa dele e então sai. Já sai naquele dia e já vai girar. O primeiro pouso reúne na casa do imperador, que ele que chamou nós e então vamo lá tirar aquele negócio. Sair com a bandeira lá, aí agente gira. Ele que marca o dia e até a hora de chegar, e tem que chegar na hora.” (Zé Pela Porco).</i> <i>“Que eles arvora na hora que o folião chega na casa, que é pra reunir, pra sair a folia, todo mundo arvora pra poder pegar as toalhas. Aí que o sinal dos folião, acabou de arvora, tá arvorado, pode sair. E se arvora tem que sair. Pra arvorá o folião de guia canta, e o imperador e manda entregar as coisas tudo que são do giro da folia. Aí entrega as toalhas, entrega as coisas tudo, os instrumento. Depois que eles recebe e pôs a toalha no pescoço, aí tá arvorado. Arvorá é pra sair, pra começar o giro da folia. Festa de Reis é duas festas, a saída da folia é uma festinha mais pequena, o povo junta tudo pra ver os folião alvorá. Isso é uma festa, tem comida, tem bolo. Depois é seis dias, aí o imperador fica trabalhando ali, mata gado, arruma comida, uma carne. Agora quando chega é outra festa.” (Seu Eduardo).</i>

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		MG	01	01	06	F20	05
Moradores (moradeiras) e Pousos	A partir da saída do giro, a folia vai fazer o giro, percorrendo as casas e cantando para abençoar os moradores. Os moradores, por sua vez, podem oferecer café, biscoito e bolo aos foliões as refeições principais serão feitas em casas previamente selecionadas pelo alferes e /ou imperador. Receber uma folia em casa é considerado uma benção, muitos moradores também fizeram promessa. Durante o cantório ao morador, rezam, ajoelham-se e beijam a bandeira. Os pousos também são previamente estabelecidos, e muitas vezes são determinantes no giro, pois a folia vai passar nas casa que ficam entre os pousos. Geralmente o pouso da folia de reis é de dia, se ela girar a noite, enquanto o pouso das demais folias vai ser à noite. Nos pousos o cantório é feito na chegada e na saída, agradecendo a hospitalidade dos moradores: <i>“Você chega com a folia aqui, não vai viajar mais e vai posar aqui, aí pede o pouso. Pousa e no outro dia, eles almoça e vai agradecer. Aí põe as vasilhas tudo aí na mesa, arrudeia de folião, agora vai andando e agradecendo a mesa. Pouso de folia também quando eles sai tem que agradecer o dono da casa, pelo café que bebeu, pelo bolo.” (Seu Eduardo).</i> <i>“Se for chegar meia noite, que você vê que o dono da casa está dormindo, aí afina as violas e chega todo mundo caladinho e começa a cantar o Reis ali, aí a pessoa já se assusta com a cantoria sabe? Aí eles levantam, acendem a luz, aí você entra e começa a cantar o Reis lá. Aí termina de cantar o Reis e aí fica brincadeira lá. As brincadeiras são curraleira, lundu, catira nós num dança, por que a gente não sabe mexer. Eu até sei assim, mas aqui eles não sabem não. Aí ser for a folia do Divino chega de dia. Aí chega normal, a gente chega, afina a viola, aí canta o Reis né? Aí pede pouso né? Enquanto isso a gente pede o pouso.” (Antônio Ferro Velho).</i> <i>“Antes de chegar na casa do Imperador, tem o ultimo pouso, aí é o ponto de almoço, o ponto de lavar as toalhas, passar ferro, pra chegar limpinho lá no arremate. Às vezes pode passar em uma casa ou duas, pra chegar no ponto certo lá no final. É, aqui na folia do Divino, não roda de noite, só roda de dia. Agora a de Reis, é dia e noite.” (Antônio Ferro Velho)</i> <i>“Os pouso, quando não ranja quem vai, um dos folião ai e vai avisar aquele dono de casa se pode dar o pouso pros foliões lá. Os que pode fala “pode vir”. Os que não pode tem que caçar outro. É tudo preparado, tudo organizado.” (Seu Otaciano).</i>						
Encontro de folias durante o giro (ocasional)	Muitos relatam o possível encontro de folias durante o giro, que ocorre principalmente na época em que havia muitas folias em giro em comunidades próximas ou mesmo dentro de uma mesma comunidade: <i>“A gente sai com a bandeira e cada um tem um mastro. Quem carrega o mastro, a bandeira é o alferes. Na hora do encontro das folia tem que saudar a bandeira. No saudar da bandeira, o alferes que tá na casa vai pra fora, a folia que tá dentro sai fora, na hora que a outra vem. Aí recebe a outra lá, e aí tem que saudar o mastro. Aí eles fazem o cruzeiro, a venda, um faz de cá e o outro faz de lá. Agora vão saudar a bandeira. Se tiver o alferes que for o mais sabido, aí toma bandeira do outro e não tem direito de dar mais não. Eles vão saudar a bandeira, um faz a venda de lá, o outro faz a venda de cá. O que sabe mais mete a bandeira na outra e toma a bandeira da outra. É bonito o encontro. O mastro é tudo de um santo só. A folia não pode brigar não, a folia de Reis. Eles cantam desafio, mas não é verdade não, o folião não pode cantar desafio, o folião tem que saudar o outro. Os que tiver cá dentro saúda o outro que tá lá. Saúda como amigo, não pode maltratar não.” (Seu Eduardo).</i>						
Levantamento do Mastro (Só ocorre nas folias de São João e do Divino)	Nas folias de São João e do Divino há o levantamento do mastro na festa do encerramento da folia, antes do arremate. O levantamento do mastro marca o início da festa do arremate e a sua derrubada, o final: <i>“A festa de São João é igual à festa do Divino. Levanta o mastro de madeira, às seis horas da tarde, depois que a folia chega. A folia chega, canta o reis na lapinha e aí tem que fazer o cantório, porque levanta o mastro fazendo o cantório. Aí vai jantar, depois da janta reza na lapinha, aí vem a entrega da folia. Depois se quiser dançar um baile, dança. Tem lundu, curraleira e forró. No outro dia cedo derruba o mastro, e aí vai todo mundo embora pra casa.” (Antônio Ferro Velho).</i>						

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		MG	01	01	06	F20	05
Cruzeiro		O Cruzeiro é feito na chegada da folia na casa do imperador no dia do arremate. É uma cerimônia pomposa, em formam-se duas filas com os foliões montados nos seus cavalos. A bandeira vai à frente e as filas se movimentam de modo a formar um desenho de coração: <i>“Faz um coração. É, todo mundo a cavalo, faz uma fila, um pra um lado, e outro pra outro, aí faz com o retrato (bandeira) da direita né, o retrato pra um lado e a caixa pro outro. Isso é uma saudação. Aí termina vai pra dentro da casa. Vai pro altar, canta no altar, aí lá pras onze horas, reza, tem a entrega da folia. Aí depois que entrega a folia, quem quiser dançar forró, fazer outros tipos de dança pode.”</i> (Antônio Ferro Velho). <i>“Eles fazem com a venda da bandeira. Um faz o pé do cruzeiro e o outro faz o braço. Um faz um braço e o outro faz o outro lá. Pega a bandeira e faz a venda assim, girando a bandeira.”</i> (Seu Eduardo). A venda ou vênica (termo encontrado por Roberto Correa, em pesquisas em outras regiões) consiste em movimentos circulares com a bandeira em sinal de saudação: <i>“É com a bandeira e a bandeira é de pano e tem o cabinho dela de vara. O varãozinho dela chama condão.”</i> (Seu Eduardo).					
Festa do Arremate da Folia (Entrega da folia)		O arremate é a finalização da festa, depois do giro completo da folia. Depois do cruzeiro, os foliões <i>apeiam</i>, ou seja, descem dos cavalos e adentram na casa do imperador. Neste momento são feitas rezas e as ladainhas. Depois das rezas, há a entrega da folia, é feito o cantório de entrega, a bandeira é colocada na lapinha e os foliões entregam as toalhas ou divisas, simbolizando que o giro está terminado. No momento da entrega cada folião segura uma candeia de cera de abelha acesa. O imperador retira, uma a uma, as divisas dos foliões e as coloca no altar. Na festa do arremate toda a comunidade participa, depois da entrega da folia é servido o jantar a todos. Depois do jantar são feitas as brincadeiras: a curraleira e o lundu. <i>“É o mesmo cantório, só que as palavras às vezes muda um pouquinho, tem que entregar o mastro que é a bandeira. Tem que entregar as toalhas, já bota as toalhas de um lado, tira as toalhas do pescoço e já bota do lado esquerdo. Aí é o guia que sabe, tem guia que não sabe explicar. Aí vai cantando, tocando, a música é a mesma, só muda as palavras. E aí entrega né, o arremate da folia é a entrega da folia. Gira, gira, gira, chegá lá reza, lá no pé da lapinha, do altar, e aí vai entregar. Os folião tudo, e aí na hora da entrega ainda tem luz, de primeiro usava candeia de cera, pra cada um dos folião arranjava uma mulher pra segura, até hoje ainda usa. Mas tem uns que esquece, os folião mais novo, mas tem que ter, não tendo candeia pode ser vela. Se as mulher da gente tiver, quem tem mulher ali ela vai segurar pro marido, se não tiver arranja qualquer outra filha de Deus. Aí o folião mestre fala, folião que é o guia que sabe, que nem eu, tem as palavras que fala pra iluminar.”</i> (Seu Otaciano) <i>“Entrega a folia pra entregar o que ele recebeu. No dia do arremate, depois que acaba de rezar a ladainha, entregou o voto, agora a folia vai entregar. Entrega pro imperador, primeiro entrega a bandeira, e aí sai a imperadeira sai de folião em folião, correndo o giro, tira atoaalha de um, bota no braço, até que toma tudo. Aí tomou, coloca lá no altar, Aí agora o voto tá cumprido. Aí agora vai brincar, aí a noite é de festa. Só não pode dançar forró em festa de Reis. A festa de Reis é uma festa de brincadeira, que dança lundu, é guaiana, é curraleira. As dança de folião é essa, folião não pode dançar forró não.”</i> (Seu Eduardo).					

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8.2. PRINCIPAIS PARTICIPANTES	
STATUS	FUNÇÃO
Foliões	Os foliões são os integrantes do terno de folia. Geralmente são doze foliões que se revezam tocando, cantando e fazendo as brincadeiras. Numa folia as funções são: guia, contra guia, seus ajudantes que respondem junto com eles, caixeiro, violeiro, e os tocadores de pandeiros. <i>“Sempre é doze folião, se sair mais do isso é vagabundagem. Porque ali pra brincá, na hora que um cansa tem que ter os outros pra ajudar. Tem que saber tocar a curraleira, saber tocar viola. Porque uns faz uma coisa outros faz outra.”</i> (Seu Eduardo). <i>“O guia puxa a viola e a divindade, e o contra guia responde mais o outro. A mesma coisa que eu falar eles tem que responder. Os outros folião bate, os que toca viola é viola, violão é violão, pandeiro é pandeiro, rapa-pau é rapa pau.”</i> (Seu Otaciano). Foliões que giraram a folia do divino em 2002: Otaciano, Ferro velho, Alex, preto, Lico, Denir, Jôse, Alvair, Dê, Quinca de Tácio, Valdinei, Toni, Caximbina, Herculano, Zezinho, Osvaldo, Zé Raimundo, Eliezer e Dominginhos. Foliões que giraram a folia do divino em 2006, conforme Seu Otaciano: <i>“quem girou foi compadre Antônio Ferro Véi (contra guia), Eliezer (que canta por guia e é violeiro), Quinquinha (cantou comigo, e quem respondia uma hora era Ferro Véi, outra hora Eliézer), Herculano (viola), Aldelino (pandeiro), Tercílio Preto (caixa), Hélio (pandeiro)”</i>.
Imperador ou Imperadeira	Geralmente é uma função ocupada por alguém que fez uma promessa. O imperador tem a função de reunir os foliões, providenciar eventuais provisões de que eles necessitem. A principal função do imperador é a realização da festa do arremate. <i>“A principal função é fazer a festa do arremate. Ele se trata o império real, vai daqui, vai d’acolá, mas despeja lá. Os foliões e os arromeiros que gostam de assistir a missão. O imperador tá lá esperando, arrumando da casa, ele arruma a festa.”</i> (Seu Otaciano). <i>“Nóis saía a folia no dia 22 de dezembro. Agora os folião ia girar e eu ia ficar na casa fazendo as coisas, matando o gado e mexendo com a cria, pra hora que a folia chegasse. O preparador da folia, agente reúne as pessoas pra sair no giro. Pra sair no giro não pode ser pessoas dominadas pro cachaça, não. Porque se os folião for muito viciado em pinga, então a folia não sai em paz não. Porque tem que ser as pessoa tudo unido, por que a folia de Reis é de muito respeito.”</i> (Seu Eduardo).
Alferes	O alferes ou encarregado é quem deve traçar o itinerário do giro junto ao imperador. É uma função de grande responsabilidade, pois além de coordenar o trabalhos dos foliões, o alferes deve carregar a bandeira à frente da folia. É o alferes o responsável, também, por recolher as ofertas dos devotos durante o giro da folia. <i>“O alferes é o comandante que manda até no guia. O alferes, o que precisar fazer com o retrato ele é o responso. Ele que traça o giro. Comanda a hora de sair, a hora de chegar, mas só os que sabe. Ele quem leva a bandeira. Ele é uma pessoa que tenha responsabilidade, que ali ainda é mais firme, aqui mesmo é pessoas novas que não tem prática, o meu alferes mesmo é uma pessoa que tá com 94 anos, ele mora lá onde eu morava, nessa região aí do parque. Agora aqui no assentamento, esse não tem marcação não, a gente ranja uma pessoa, compadre Antônio, Ferro Véi mesmo já saiu. Esse ano no Divino que eu girei foi compadre Antônio, ele era imperador e o alferes.”</i> (Seu Otaciano). <i>“O alferes é pra carregar o mastro, receber as ofertas.”</i> (Seu Eduardo).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		MG	01	01	06	F20	05
Guia ou Capitão de Folia	O guia ou capitão é uma das tarefas de maior responsabilidade no terno. O guia detém o conhecimento dos cantórios, ele é quem puxa os cantórios, junto com seu ajudante, que serão respondidos pelo contra guia e seu respectivo ajudante. O guia, em geral, conta com um número de companheiros que pode acionar para girar uma folia com ele. São foliões que já tem costume de girar com aquele guia, que conhecem seus repertórios de cantórios, muitos são até 'ensinados' ou 'treinados' por ele. Os guias mais experientes do assentamento são: Seu Otaciano e Seu Tercílio Preto. <i>“Ele é o guia que comanda. Ele é o guia, as cantorias é ele quem puxa, as saudação é ele quem puxa. E eu rezo uma ladainha também, rezo a doutrina todinha. É porque aprende as tabelas e sai cantando por guia. Então eu vou cantando e os outros vai me ajudando. Capitão é quem puxa. Reúne os folião, os instrumentos e os outros companheiros. Eu sou o guia, o folião de guia e os outros são os companheiro. Tem que sair de oito, ou de dez ou de doze, tem vez que sai até de quinze, com o alferes (que é o que sai com o condãozinho). Faço o cantorio de qualquer tipo que a pessoa precisar. Se for pra fazer o do morador, eu faço o do morador. Se chegar um viajante e pedir: “Eu quero um cantorio de reis!”, eu faço. Quer dizer, fiz a do dono da casa e já faço a do viajante, pede eu pra fazer que às vezes ele não tá na casa. Se um fazer uma promessa pros três reis de mandar fazer um cantorio, ele de joelhos, isso aí já é um cantorio diferente, eu faço também. E aí Quando passar isso daí, aí nós vai fazer os lundu, as curraleira e as catira se precisar.” (Seu Otaciano).</i> <i>“Aquilo ali é um cargo que a gente pega ali, que é um cargo com respeito. Tem muitos folião que pega um cargo desse e... mas folião não pode ser assim não. Se ele pega aquela divindade ele tem que respeitar.” (Seu Tercílio).</i>						
Contra guia	O contra guia responde, em segunda voz, o cantorio puxado pelo guia. <i>“O contra guia responde. É assim, aí eu sou o guia e ele é o contra guia, aí eu começo a cantar e ele me acompanha, eu começo primeiro e ele me acompanha. Por exemplo, estamos eu e ele aqui, eu puxo primeiro e ele faz a segunda, vocês dois são os que estão respondendo, o contra guia né? Aí um de nós fala aqui e vocês respondem do mesmo jeito lá. Vamos supor, nós quatro.” (Antônio Ferro Velho).</i>						
Noiteiro	O noiteiro ajuda o imperador no dia do arremate oferecendo algum prato, ou material necessário: Se o imperador é responsável pelo último dia da festa o noiteiro é aquele que: <i>“dá um café, dá uma janta, um almoço, dá um lanche, uma merenda.” (Antônio Ferro Velho).</i>						
Morador	São os donos das casas nas quais a folia passa durante o giro. A folia canta para abençoá-los, muitos fazem promessa e se ajoelham perante a bandeira para pagá-las. Os moradores oferecem almoço e lanches para os foliões. <i>“Tem lugar que eles passa pra saudar o morador, aí serve um café com um biscoitinho e aí parte pra outra. Quem num tiver um biscoitinho dá uma cachacinha pros que gosta, dá um vinhozinho pros que gosta. Outros num dá nada mais dá um dinheirinho em louvor do santo.” (Seu Eduardo).</i> Os moradores podem oferecer a oferta para o santo: <i>“Que o povo trata é esmola, mas não é esmola não. Santo Reis não precisa de esmola não, nós é que precisa da esmola dele. É uma oferta que nós faz pra folia.” (Seu Eduardo).</i> <i>“Em folia se chega num lugar, canta e depois tem uma oferta. Que os três reis não pedem esmola, eles fala é oferta. Chega, dá aquele dinheiro pro santo, dá uns 5 reais, outro dá 2, outro dá 3, é assim.” (Gumerindo).</i>						
Promesseiros	Além do imperador, numa folia existem outras pessoas que estão pagando promessa. O pagamento da promessa pode incluir as rezas, contribuições menores para a festa do arremate por meio do dinheiro ou doação de alimentos. <i>“Os promesseiros fazem o voto com os santos: “É meu santo fulano, me ajuda assim, assim que chegá lá na festa de vós, no império real eu rezo uma ladainha pra vós, dou um tanto de dinheiro pra vós, eu dou tal coisa pra vós”. Tudo coisa boa, que o santo não gosta de coisa ruim não, se der ruim ele não quer não. Aí faz promessa de fazer cantorio pra eles, o cara ajoelha lá na frente do retrato e diz as palavras diferente, bonita.” (Seu Otaciano).</i>						

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Mulheres	Apesar de não participarem do giro da folia, as mulheres participam ativamente de várias etapas da festa: dançando lundu e curraleira, cozinhando, pagando promessas e recebendo a folia como moradeiras e dando contribuições para a folia, em forma de dinheiro ou alimentos. <i>“As mulheres que entendem e gostam entram na curraleira com os foliões, aqui tem é muitas que dança. As comidas são as mulheres que fazem, mas os homens podem fazer também.”</i> (Seu Otaciano).
----------	--

8.3. CAPITAL E INSTALAÇÕES	
Denominação	GASTOS FINANCEIROS
Quem Provê	IMPERADOR, MAS PODE CONTAR COM A JUDA DE PESSOAS DA COMUNIDADE <i>“Os recursos quer dizer, isso é coisa do imperador. que é o imperador que se vire, né. Mas eu mesmo eu já dei, o ano passado eu dei um bezerro.”</i> (Seu Otaciano) <i>“Isso é um trem que a gente gasta mas não vê não. Com a ajuda do santo a gente faz uma festa de Reis, mas não vê o que gasta não. Ali tem vez que a gente gasta muito, mas tem muito digitório (ajuda), às vezes um fazendeiro dá uma dúzia de queijo, ou meia dúzia.”</i> (Seu Eduardo)
Descrição/Função	É o imperador que arca com a maior parte dos gastos da festa. Ele deve arcar com eventuais necessidades dos foliões (com fumo, cachaça e encordamento para as violas) com todas as despesas da festa, excluindo o que foi doado pelas pessoas da comunidade. <i>“Gastei mais ou menos três mil reais. Comprei carne, frango, uma leitoa, por que ninguém sabia que eu ia rezar aí eu rezei assim. E eu me exibi a fazer... Aí pedir eu não vou, se as pessoas acharem que eu mereço, tem alguém que vai me ajudar, se não eu abro tudo na minha conta. Mas no ano passado fiz tudo sozinho. Às vezes tem que colocar uma gasolina pra buscar alguma coisa. Não tenho carro, tem que pagar pra alguém, tem meu primo ali, ele não me cobra frete, mas combustível tem que colocar, ele tem um carrinho ali. Se eu preciso, se for pra me levar ali em Formoso ele me leva rapidinho, mas o combustível tem que pagar.”</i> (Seu Alberto) <i>“Gastava muito dinheiro quando eu era imperador. Tem que comprar o café, tem que comprar o açúcar. Tem que comprar o porco gordo pra tirar a banha e botar o toicinho pra cozinhar dentro da carne pra ajudar e quando não tem o porco pra comprar tem que ser óleo. Aí tem que juntar ovo, galinha, o gado, juntá o queijo pra fazer os bolos. É tudo de fatura, é muita gente, não é coisa que come e os outros fica com fome não.”</i> (Seu Eduardo). <i>“Bom, conforme for a distribuição, não fica muito caro, agora se for só por conta da gente, fica difícil. Por exemplo, tem que fazer a festa de Arinos esse ano, tem que pagar passagem, tem que arrumar um carro pra trazer eles né? E as vezes não dá certo, no dia certo. Fica uns mil e poucos. É, fora as ajudas! As vezes você tem que comprar um gado né? Agora, um gado só, pra essa festa normal não dá né? Agora aqui, foram duas vacas e a perna de outra. É o Imperador é quem tem mais gasto. Você tem que comprar acordamento pra eles, pra não cair. Compra cigarro pra um, fumo pra outro. Tem muitos que não compra, mas a gente tem que manter a despesa. Compra cachaça também. É, tem muitos foliões que não bebem não, mas as vezes tem um que está quieto ali, aí toma uma já levanta, canta com a gente é alegria. Um bebe um vinho, outro bebe pinga, outro bebe uma catuaba.”</i> (Antônio Ferro Velho)

8.4. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
Denominação	
Quem provê	
Descrição / Significado	
Disponibilidade	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8.5. COMIDAS E BEBIDAS

Denominação	COMIDAS DA FOLIA
Quem provê	Geralmente são os próprios donos da casa quando se trata de um pouso, mas no arremate deve-se fazer maior quantidade de comida, então é necessária a ajuda de outras pessoas. O que é muito comum é a ajuda dos vizinhos: <i>“Mulher da casa não pode cozinhar não, tá cuidando das coisas, despacha uma coisa, despacha outra. Tem os cozinheiros, é os amigos, já tem aquelas pessoas própria pra cozinhar em festa. Tem vez que era muié e homem, outra hora é só homem só.”</i> (Seu Eduardo). <i>“Tem as cozinheiras aqui, tem a patrícia ali, aí nessa hora junta muita gente pra ser cozinheiro.”</i> (Antônio Ferro Velho).
Descrição / Significado	As comidas servidas na folia são geralmente: carne de gado, de porco, galinha, arroz, feijão e a farinha, que é a base da alimentação no sertão e da qual é retirado o polvilho que serve à elaboração de outros produtos, como o biscoito, o beiju, o pão de queijo, o quebrador: <i>“Enche um tachão de carne. Corta mais de um quarto de carne e bota pra cozinhar dentro de um tacho e senta a gordura. Cozinha até desmanchar. Folião chegou, cantou, aí vai despachar comida pro povo. Depois que passa a entrega da folia tem um café pra todo mundo com bolo.”</i> (Seu Eduardo). <i>“É, faz ali mesmo na casinha de cozinhar ali. Leva as coisas pra lá né? Fez um forno ali, pra assar o biscoito. Faz café. As panelas tomamos emprestado de um e outro, aí faz. É simples, se a pessoa tiver condições mesmo, é carne, macarrão, arroz, feijão, farofa de feijão, paçoca né? Uma carne assada. Faz biscoito, pão de queijo.”</i> (Antônio Ferro Velho). <i>“Comida a pessoa dá o que tem e o que pode. De primeiro tinha uma carne de caça, tinha e podia, hoje é regulado o negócio. Eles dava muito é frango e dá até hoje. Galinha já imagina que chegá o mês de janeiro, morre mesmo, que os folião come mesmo, folião é igual guará pra comer galinha.”</i> (Seu Otaciano). A bebida que não pode faltar nas folias é a cachaça, também chamada de remédio pelos foliões: <i>“Vixe! Desde antes de eu nascer que pinga era solta no mundo. Mas bebia mais regulado e respeitava a casa da gente e a gente não dava muita chance pra eles. As pessoas era tudo conhecido, tudo do lugar, tudo da família, e respeitava. A terra que eu nasci, que é Januária, é a terra que mais tem pinga, lugar da pinga boa é Januária.”</i> (Seu Eduardo)

8.6. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS

Denominação	LAPINHA OU ALTAR
Quem provê	Imperador ou Imperadeira e sua família
Descrição / Significado	Altar feito na casa do imperador, com a imagem do santo da folia e outros santos. É decorado com flores de papel crepom e com todas as imagens de santo que o imperador tiver em casa. <i>“Toda imagem que você tiver dentro da casa assim pode colocar junto lá. Mas normalmente mesmo a imagem certa é a que tá no retrato da bandeira.”</i> (seu Alberto).
Denominação	Candeia
Quem provê	As pessoas da comunidade em geral
Descrição / Significado	A candeia é uma espécie de vela, feita com algodão e cera de abelha. É usada pelos foliões durante a cerimônia do arremate. <i>“Tem aquelas candeia de cera de abelha. É tipo uma vela. É a gente mesmo que faz. Com cera de abelha. É. Faz assim, tipo uma coberta né? Aí põe lá, a cera pra derreter, coloca lá dentro e depois torce ela.”</i> (Antônio ferro Velho).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Denominação	Bandeira
Quem provê	Pessoas específicas que sabem fazer o ofício, geralmente da comunidade. Uma das pessoas que pintam a bandeira é Deti, esposa de Antônio Ferro Velho.
Descrição / Significado	A bandeira é o símbolo mais importante numa folia, pois representa a personificação do santo. Na visão dos fiéis, a bandeira representa a presença do santo. Por isso, ela é reverenciada, beijada, louvada e até incluída no cantório. Ela deve seguir à frente da folia durante todo o giro, simbolizando que os foliões estão servindo determinado santo. Ela deve ser benzida para ser sacralizada, tornada uma ponte com o mundo dos santos. Cada santo tem sua bandeira. A do divino é vermelha, a de São João é azul, de Santos Reis também é azul: <i>“Cada santo tem uma bandeira de um jeito. Do divino é vermelha e tem uma pomba com as asas abertas. De Reis é azul e tem que ter os Três Reis. Brechó é roxo, Gaspar é mais claro e Baltazar é mais moreno um pouco. De Nossa Senhora Aparecida é bem clara, azul clarinho, com a imagem da santa. Santa Luzia é bem clarinha.” (Zé Pela Porco).</i> <i>“A importância da bandeira é por conta de que no livro tá marcando assim, tem que ter o retrato, tudo foi deixado por Deus. Eu não sei se tô certo, mas sempre foi marcado por Deus.” (Zé Pela Porco).</i>

Denominação	Condão
Quem provê	O imperador ou a pessoa designada para confeccionar a bandeira
Descrição / Significado	O condão é o pau que segura a bandeira: <i>“Condão é aquele varãozinho que o povo segura. O condão é a varinha que segura a bandeira. É feita de pau.” (Seu Otaciano).</i>

8.7. TRAJES E ADEREÇOS	
Denominação	Divisa ou toalha
Quem provê	O imperador ou os próprios foliões
Descrição / Significado	A divisa é um pano ou toalha que os foliões usam em torno do pescoço, sinalizando que estão em giro. Ela divide e define, por meio da toalha usada no pescoço, quem é e quem não é folião. <i>“Na divisa do guia tem uma cruz e o alferes usa um top na toalha, que é uma fita, faz um lacinho bonito assim de uma fita da cor do céu, pode ser da cor do retrato, mas se não tiver pode ser de qualquer cor. Se for do divino é vermelha, se for dos três rei é cor do céu. A divisa do folião pode ter o nome dele bordado se quiser.” (Seu Otaciano).</i> <i>“O folião tem que ter aquela toalha porque foi marcado por Deus. Naquela bíblia sagrada, fala que tem diferença. Tem 50 ou 100 pessoas ali, mas ali pode dividir, quem pé folião e quem não é. Pra ser folião tem que ter aquela toalha, porque aí divide. Com a toalha você vê aquela divisa, que foi marcada por Deus. É o que fala naquela bíblia antiga, de 1500 foia. Que essas que tá vindo hoje, elas não é mais daquelas.” (Zé Pela Porco)</i>
Denominação	ROUPAS E ADEREÇOS
Quem provê	Os Foliões Roupas usadas em ocasiões festivas Saias rodadas, blusas de manga até os cotovelos com mangas fofas, ou vestidos rodados de cinto atrás, de sianinha, podia ter rendas, estilo saia baiana e cintura baixa. A saia baiana era composta por dez saias numa mesma chave, costuradas juntas. Blusas de cintura de violão.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES					MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Descrição / Significado	Apesar de não ser estabelecido o tipo de roupa que o folião deve usar, ele prepara uma ou duas mudas de roupas para usar durante o giro. Deve providenciar ainda um par de calçados, geralmente botas ou botinas, para suportar o giro, e chapéu ou boné para proteger-se do sol: <i>“É preciso fazer muita coisa. Tem que preparar antes de chegar o dia, a gente vai preparando aquelas coisas, pra quando chegar o dia a gente sair né. Preparo de roupa, isso e aquilo, sapato, um animal, quem não tiver, pra não sair de a pé. Tem que ser bem antes, pra quando chegar no dia já tá tudo pronto.”</i> (Seu Tercílio)
Denominação	Roupas femininas
Quem provê	A própria mulher ao alguma costureira da comunidade.
Descrição / Significado	Eram usadas em ocasiões festivas, ainda são usadas por algumas mulheres mais velhas, porém mulheres de gerações mais novas as substituíram por roupas compradas nas cidades. As saias rodadas ajudavam a executar os movimentos das danças de roda: <i>“Saías rodadas, blusas de manga até os cotovelos com mangas fofas, ou vestidos rodados de cinto atrás, de sianinha, podia ter rendas, estilo saia baiana e cintura baixa. A saia baiana era composta por dez saias numa mesma chave, costuradas juntas. Blusas de cintura de violão.”</i> (D. Arcanja).

8.8. DANÇAS

I	BRINCADEIRAS DE FOLIA As brincadeiras de folia feitas no assentamento são a curraleira e o lundu. Em cada casa que passam e no dia do arremate, os foliões fazem as brincadeiras de folia, após fazerem os cantorios: <i>“Aí depois que guardou o mastro é brincadeira até amanhecer o dia. Primeiro é o lundu e depois as curraleiras, curraleiras pode ser até umas dez.”</i> (Zé Pela Porco). As brincadeiras são partes fundamentais das folias, juntamente com o cantorio. Elas são feitas imediatamente após o cantorio, ainda dentro da casa do morador. O cantorio e as brincadeiras são complementares, apesar de tratarem de temas diferentes (o cantorio fala de temas sagrados e as brincadeiras de temas profanos): <i>“É meio complicado porque na mesma hora que tá rezando, que o cantorio é como se fosse uma reza, já tá falando de outra coisa, de cachaça, de mulher. Mas mulher também é bom né. Um faz parte do outro, usa a curraleira e o lundu para acompanhar. Por isso é que não pode fazer o forró, porque o cantorio é como se fosse uma oração, então a curraleira também eles usa. É uma música mais disfarçada um pouquinho, mas vai acompanhando mais ou menos no giro. Curraleira não é uma oração, é uma brincadeira, mas faz parte da oração.”</i> (Idelino).
	Denominação Curraleira
	Quem executa Foliões e outros homens e mulheres que saibam.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		MG	01	01	06	F20	05
Descrição / Significado	A dança da curraleira geralmente é feita com oito pessoas, mas também pode ser com seis, dez ou doze pessoas. Dança comum em outras regiões rurais em que se fazem folias, é também chamada de quatro: <i>“Curraleira é uma dança. Não sei assim a origem da curraleira, mas na região de Januária eles chamam de quatro, tanto dança de quatro pessoas, quanto de seis se for o caso. A curraleira é do número certo, não pode errar, que é oitavado, faz o trocado. Aqui dança com oito, mas dança com dez e com doze também, mas se o cara não for treinado ele perde, mais fácil é com oito, o certo é oito.” (Idelino)</i> Os foliões se posicionam em duas filas, quatro de um lado e quatro de outro. Assim que começam a tocar e cantar, a dança inicia-se. Os foliões formam uma roda, retornam a seus lugares e depois trocam. Na ‘troca’ ou ‘trança’, forma-se um emaranhado pelos foliões que parece não ter ordem alguma, mas assim que acaba o trançado todos retornam a seus lugares originais: <i>“Curraleira é feita de par, são seis, ou oito ou doze. Forma os par e quem é viola é viola, quem é pandeiro é pandeiro. A dança é trocado, roda e depois troca, um dentro do outro, sai acolá e depois bate certinho lá. Quem não sabe não adianta não, se tiver dez que souber e um que não souber aí acabou. Bota os outros tudo de fora, igual se você for rezar o pai nosso, falta um ramo e não é o pai nosso, se for rezar uma ladainha, falta um ramo, não é. A curraleira tem o lugar certinho pra dançar, é difícil ela.” (Seu Otaciano).</i> <i>“A Curraleira, você coloca oito companheiros aqui. Aí fica oito, quatro de um lado e quatro do outro. É. Pode ser até doze, aí se for a turma treinada, coloca eles pra dançar. E nós dança de dois tipos, uma é trançada e a outra é a dança do quatro. Essa é sapateado. Na trançada, você troca aqui, faz o oito certinho na hora de trocar e o quatro é por que é mais lenta né? Agora a trançada é meio complicada, não é qualquer um que dança não. Vai trocando, trançando. Mas no final, tem que estar todo mundo no seu lugarzinho ali.” (Antônio Ferro Velho)</i> <i>“Curraleira é uma dança, eles faz aquele círculo de lá e de cá. Sempre o terno é oito e agora faz um círculo ao redor, lá por fora com os instrumentos. Aí quando começa a curraleira eles vão cantando e andando e aí depois que eles canta aí vai trocar. Uns passa pra lá, outros passa pra cá. Quando chegar lá no lugar que eles começaram, eles torna a fazer.” (Seu Eduardo)</i>						
	As músicas das curraleiras são compostas pelos próprios foliões, ou ‘tiradas’, como eles mesmos dizem. A curraleira pode abordar vários temas, santos, amor, brigas, qualquer acontecimento pode virar tema de curraleira. Há curraleiras antigas, que foram tiradas pelos foliões mais velhos, e curraleiras novas que são tiradas pelos foliões quando acontece alguma história curiosa ou engraçada: <i>“Tem tanta curraleira, tanta coisa, ali ele joga um verso. Tem os versos da curraleira e tem os versos que ele joga. Tem uns mais antigo, só que aquelas curraleiras velhas eles vão deixando, e vai ficando só com as novas.” (Seu Eduardo).</i>						

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Letra da música	Antônio Ferro Velho e a curraleira sobre as eleições em Formoso: <i>Eu que tirei, mas pode ser qualquer coisa que acontece numa hora, alguém cai ou alguma coisa engraçada e aí tira a curraleira. As músicas, tem umas que a gente mesmo faz, a gente inventa e canta. O Reis é uma coisa, agora Curraleira é outra, a Curraleira, a pessoa erra na folia, você tira a Curraleira dele, faz uma música né? E canta. A gente mesmo que faz, tem aquelas mais velhas né? Enrola, eu mesmo faço também. Inventar aí. Às vezes acontece uma coisa, o folião cai do cavalo, vai almoçar com o chapéu na cabeça, aí tem que lavar vasilha. É, inventa lá. Eu vou cantar uma aqui, que eu fiz na folia, em Formoso (Antônio ferro Velho):</i> <i>“Olha que eu moro longe, Alguma coisa eu falei/ A eleição do Formoso foi surpresa pra muita gente/ Luisinho ficou feliz/ E a Nena ficou doente/ Com meu peito cerrado/ Da poeira do caminho/ Eleição lá do Formoso/ Foi surpresa pra muita gente/ Luisinho ficou feliz/ E a Nena ficou doente/ E a bandeira do quinze/ Até hoje está valendo/ Não pode é falar nada/ Que ele já quer bater na gente/ Eleição no Formoso/ Foi surpresa pra muita gente/ Luisinho ficou feliz/ E a Nena ficou doente”</i> Seu Otaciano e a curraleira sobre a transferência da comunidade para o assentamento: <i>O canto da curraleira pode ser tirado. Sabe aquela curraleira de César mais Ernani, aquela lá foi eu que tirei, é porque nós morava lá no parque e aí o povo tinha que sair mesmo, porque é um parque nacional não tem jeito das pessoas ficar morando. E aí que criou esse assentamento foi eles, César mais Ernani foi quem correu atrás disso aqui. Aí nós assentamos todos, aí eu tirei:</i> <i>“César Vitor mais Ernani foi quem mais nos ajudou/ Quem criou esse assentamento que nós todos se assentou/ Eles falam aqui na terra/ Cantam os anjos nas alturas/ São dois homens de direito/ Que comanda a FUNATURA.”</i> <i>“Tem umas antigas também, tem a da Nossa Senhora Aparecida que é do dia de hoje. Essa é velha, antiga daqui:</i> O Brasil é terra boa/ É nossa terra querida/ É da nossa padroeira/ Nossa Senhora Aparecida/ É uma santa milagrosa/ Que conserva nossa vida/ Apareceu lá no Brasil/ Ô Senhora Aparecida!/ Apareceu em São Paulo/ Lá no rio Paranaíba/ É uma santa padroeira/ Que conserva nossa vida” (cantada por Seu Otaciano) Curraleiras gravadas por Roberto Corrêa: <i>“Me ajuda companheiro / Que eu também lhe ajudarei / Adeus Mato Grande / Adeus meu Gerais Agora que eu despedi / Por aqui não volto mais / Embora que eu moro longe / Alguma coisa eu falei / Adeus Mato Grande / Adeus Minas Gerais / No dia que eu despedi / Por aqui não volto mais Esse parque do governo / Ninguém sabe o que que faz / O povo do IBAMA / Ta tentando nós demais / Adeus Mato Grande / Adeus Minas Gerais / No dia que eu for embora / Nunca mais não volto mais / Vamos dar mais uma volta / Que a viola mandou dar / Adeus Mato Grande / Adeus meu Gerais / Agora que eu despedi / Por aqui não volto mais / Depois de a volta dada / Viola mandou parar” (Faixa 5 do CD I, gravada por Roberto Correa).</i> <i>“Companheiro amigo meu / Me ajuda eu cantar / Quem tem mulher ciumenta / O homem não pode adular/ Me dói o céu da boca / E os dentinho do queixá / Quem tem mulher ciumenta / O homem não pode adular/ Rodei, rodei, rodei / Rodei, tornei rodar / Quem tem mulher ciumenta / O homem não pode adular/ Eu dei ela a minha camisa / Ela não soube engomar / Eu dei ela a minha camisa / Ela não soube engomar/ Dei ela a minha gravata / Ela não soube amarrar / Quem tem mulher ciumenta / O homem não pode adular/ Vou jogar mais um verso / Que esse povo me pediu / Quem tem mulher / O homem não pode adular/ Pra eles não dizer / Que os folião não lhe serviu / Quem tem mulher ciumenta / O homem não pode adular”</i> (Faixa 5 do CD II, gravada por Roberto Correa). <i>“Companheiro amigo meu, me ajuda eu cantar / Eu fui convidado / Pra uma festa de Janeiro Me dói o céu da boca / E o dentinho do queixá / Eu fui convidado / Pra uma festa de Janeiro Reuni meus instrumentos / Viola, caixa e pandeiro / Reuni meus instrumentos / Viola, caixa e pandeiro/ Pra girar uma folia / Somos doze companheiro / E eu fui convidado / Pra uma festa de Janeiro/ Vou jogar mais um verso / Que esse povo me pediu / Eu fui convidado / Pra uma festa de Janeiro/ Pra eles não dizer / Que os folião não serviu / Eu fui convidado / Pra uma festa de Janeiro”.</i> (Faixa 8 do CD II, gravada por Roberto Correa). Para crédito das músicas consultar relatório Roberto Correa, neste mesmo volume.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES					MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Denominação	Lundu
Quem executa	Foliões e outros homens e mulheres que saibam
Descrição / Significado	O lundu é uma dança semelhante ao samba. Os passos são sapateados, o que requer alguma destreza de seus participantes. Além da presença dos foliões, pode contar com a participação de qualquer pessoa da comunidade, inclusive das mulheres. Tem dois tipos de lundu, um que pode ser feito por quantas pessoas quiserem entrar na roda e o que é em forma de desafio: <i>“É sapateado, mas não tem Quantidade, são quantas pessoas quiserem. Mas pra cantar é só quatro. A viola não tem quantidade não. E aí faz uma roda. Aí toca, vai tocando, cantando, aí para de cantar. Na hora que você para e falar aquele verso, na hora de sapatear, você para de cantar e eles sapateia, aí você para de sapatear, começa a cantar de novo. E pra sapatear tem que ter um jeito, tem que ter controle na botina.”</i> (Seu Otaciano). <i>“Também tem vários tipos de lundu. Tem o lundu sapateado que dois canta e dois responde e naquele intervalo eles sapateiam de um ou de dois. E tem aquele que toca e enche de gente dançando, esse pode ser quantos quiserem. Mas o sapateado tem número, é de dois em dois. Um dança e aí faz o sinal pro outro e ele vai, faz uma roda e ele dança no meio da roda. Aí ele faz o sinal pro outro e ele vai, que é pra ver quem dança melhor”</i> (Idelino)
Letra da música	As músicas do lundu também são ‘tiradas’, como as da curraleira. Os instrumentos usado no lundu são viola, violão, caixa, pandeiro e triângulo. As temáticas abordadas são semelhantes, algum acontecimento engraçado ou curioso que aconteceu pode virar tema de um lundu: <i>“Mesmo esses lundu e curraleira mais antigo foi alguém que tirou. Aconteceu alguma coisinha e eles tira, e se a história for boa, pega. Nem que acrescenta mais um pouquinho do que não foi acontecido, muda um pouquinho, mas tem o motivo.”</i> (Idelino). <i>“Tem um lundu que o cara quebrou um vidro de óleo de coco da mulher e ela mandou dar uma surra nele:</i> <i>Segura a caixa, caixeiro</i> <i>Viola desafinou</i> <i>Quem foi que disse, que falou</i> <i>Que João de Eusébio apanhou</i> <i>A viola não tem culpa</i> <i>E nem também o tocador</i> <i>Quem foi que disse, que falou</i> <i>Que João de Eusébio apanhou</i> <i>Quem bateu foi Arondino</i> <i>Que dona Amélia mandou</i> <i>Mas o litro de óleo de côco</i> <i>No batente da porta quebrou</i> <i>Na carreira que ele ia</i> <i>São Pedro atravessou</i> <i>Quem foi que disse, que falou</i> <i>Que João de Eusébio apanhou.”</i>
Denominação	Guaiano ou Catira
Quem executa	Foliões e outros homens e mulheres que saibam. Porém não é mais dançada no assentamento: <i>“Que a gente faz aqui é só o Lundu e a curraleira, Catira aqui, o povo não faz não, agora, lá na turma de Arinos, o pessoal faz.”</i> (Idelino).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				MG	01	01	06	F20	05
Descrição / Significado	O Guaiano ou guaiana, chamado de catira em outras regiões, é uma dança que envolve sapateado e a batida de palmas. O único instrumento usado é a viola. O canto é semelhante a uma moda de viola, mas há a alternância do canto com as palmas e o sapateado: <i>“Tem outra dança que tratava de guaiania e tratava de catira, essa é mais bonita que a curraleira. Ela hoje quem sabe dançar aqui é Tasso e esse pessoal mais velho. É mais bonita que a curraleira. Sapateia, bate palma e torna a sapatear, aí roda e troca. Quem sabe a guaiana aqui é Tasso, Naziano, Vêi Maximo, Tercílio. Do tempo que eu girava folia pra cá eles nunca mais dançaram guaiana, e o pessoal tudo falava que dançava. Acho que por causa da curraleira perdeu a guaiana. A região nossa aqui é mais a curraleira, lundu já é menos.”</i> (Idelino). O passo final do Guaiano é o recorte, como aponta Zé Pela Porco: <i>“Aquilo cabou, aquelas músicas véia. Naquele tempo era, aquilo cabou, aquelas música véia, só que tão recordando de novo. Vamos trazer uma homem lá de Formoso pra nós fazer a recordação de novo, aquelas guaiania véia, aquelas catira, nós tão recordando de novo. Quando cantava uma catira, depois que acabava de cantar tinha o recorte. Todas as catiras aqui tinha recorte. Tinha que cantá a guaiania e depois tinha o recorte dela, com o pisado tudo diferente. É que a música é diferente, o batido assim. Tinha muitos tipos, eles cantava demais, mas hoje não. Os povo já deixou, né.”</i>								
Letra da música	<i>“A letra da guaiana é qualquer moda, uma cantiga comprida. É igual moda de viola, só que lá na vargem bonita eles dançam de um tipo e pra cá eles dançam de outro. Agora, o que nós dançava aqui primeiro chamava Urucuiana.”</i> (Idelino). Guaiano cantado por Aldelino, Valdivino, Hélio e Leonício. Não é composição de alguém da comunidade, este guaiano também é conhecido em outras regiões: <i>“Morena tu é bonita Nunca vi bonita assim Eu dei um olhado nela Ela não olhou em mim Eu fiquei apaixonado com a sua ingratidão Que machucou meu coração Menina eu tô pedindo Pisei na barra do seu vestido Junto comigo não tem perigo Menina bonita vamos comigo Te peço por caridade Não faça isso meu amorzinho Tenha compaixão de mim Aqui tem duas moças que comigo quer casar Uma branca, outra é roxinha Danada pra namorar A branca me namora E a roxinha me quer bem Eu quero casar com a branca E caso com a roxa também Comprei a tinta Comprei o papel Escrevi uma carta e mandei pra ela Ai, ai de namoração O amor que ama a outra ai, ai Que dá suspiro, que a terra treme Que dá tremor, que balança o chão.”</i>								

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES					MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

II	DANÇAS DE TERREIRO OU DANÇAS DE RODA As Danças de Terreiro são também chamadas de Danças de Roda. São várias as danças de terreiro que animavam as festas da região. Porém atualmente não são mais dançadas na comunidade e apenas as pessoas mais velhas sabem dançar. Algumas pessoas usam, também, o termo batuque para se referir a essas danças, como afirma D. Nica: <i>“Quando era um batuque, vamos dançar um batuque do terreiro. O batuque e o carneiro, a diferença é só as cantiga, mais as dança de batuque é uma só, tanto faz de braço, como de ombro. O carneiro é de ombro, e o Ariri é de braço.”</i> O uso de termo batuque pode resultar em confusão, pois na Chapada gaúcha (município próximo ao Assentamento) batuque refere-se a um tipo de dança específico, que no assentamento é chamada de Carneiro. Apesar de haver um repertório pré-estabelecido das danças de terreiro, elas permitem e até prevêm uma improvisação. Assim, à medida que cantam os refrões, vão jogando versos, como dizem, improvisando a música na hora. <i>“Cada um tem uma música. Mas eu só dancei quando era pequeno mesmo. Aí depois acabou, porque o povo não está fazendo isso. Eles fazem mais as apresentações, pra satisfação da funatura, o pessoal trabalha e vai lembrando.”</i> (Antônio Ferro velho). <i>“O pessoal mais do norte de Minas é que preserva essa cultura, das festas religiosas, de cantar essas rodas. Aí dessa região da chapada Gaúcha pra cá já perderam, não faz mais, já faz é forró. De uns 20 anos pra cá já perdeu, aí não sei como a gente faz pra poder levantar isso de novo. Eu tenho vontade de botar esse pessoal mais jovem pra aprender, não sei se ainda... Pelo menos pra gravar, pra deixar gravado. Pra falar a verdade faz muito tempo que eu não vejo. Eu vi no ano passado, lá no Ribeirão de Areia. Lá é todo mundo dançando, com menino e tudo, aqui você não vê isso, mas tinha que ter alguém pra começar.”</i> (Idelino). Apesar de não ser mais praticada na comunidade, ainda está viva na memória e é muito apreciada pelas pessoas mais velhas: <i>“Com as pessoas de mais idade, nós aprendia e aí ia todo mundo brincá. Ia vendo os outros, os outros ia brincá botava nós. Minino com véi, com tudo, era uma roda sozinha. Era bonita mesmo. Juntava Antônia, Manelina, Derfonsa, minha tia Antônia, Elvira, cumade Lú, cumade Gemira (Argemira), muié do finado Gersino preto. Esse povo todo e era um festão aí tava animado, um jogava verso, outro jogava verso ali. Tinha sanfona, pandeiro, tinha caixa ia batendo ali e ficava bonito. Mas a gente hoje vai esquecendo tudo, vai acabando tudo e vai ficado por esquecido. Oh minina já farreei nestes dias de minha vida!”</i> (D. Arcanja). Várias eram as danças, mas todas incluíam a formação de roda. Quem errasse o passo era tirado da roda e todos riam, debochando de seu erro: <i>“É um círculo de gente, ali todo mundo vai cantando, jogando o verso e rodando. Quem errar, sai fora. Na hora que erra diz: ‘Queimou! Pode sair fulano, você não serve não, pode sair!’”</i> (D. Arcanja)
	Denominação Caninha Verde
	Quem executa A comunidade, tanto homens quanto mulheres, tanto crianças, como jovens, adultos e idosos.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		MG	01	01	06	F20	05
Descrição / Significado	A dança é composta por duas fileiras, uma de homens, outra de mulheres. O primeiro casal troca de lugar cruzando os braços e vão trocando de lugar com os componentes que estão atrás. Dá-se o braço direito para o primeiro e o esquerdo para o segundo e assim por diante até retornar ao par inicial: <i>“Caninha verde põe uma fila de homem aqui e outra de mulher. Aí vai trocando o par. A Caninha verde e o Tamanduá são irmãos, são parecidos. A Caninha verde pega na cintura e o Tamanduá, pega no braço. Tatu sobe pau. Pega um cacetinho assim, bate no outro. Aqui só quem dança é Juliano, que dança ali. A velinha ali, pega o cacete com força.”</i> (D. Nica) <i>“Na festa aí, o pessoal pelejou pra fazer uma Caninha Verde, mas o povo não acerta. Por que tem aquela quantia certa. Quando começa a dançar, vem gente de fora aí bagunça tudo. Eles querem tentar fazer, mas não da conta, não capricha pra não errar.”</i> (Antônio Ferro velho).						
Letra da música	As letras das brincadeiras de roda são construídas sobre uma base ou refrão e variam de acordo com os versos jogados, com as improvisações feitas na hora. Cantada por D. Nica: <i>“Oh caninha verde, ô lêle verde caninha. Eu não vou na sua casa pra você não vir na minha, Eu sei que na (...) Nasceu foi mulher bonita. Caninha, cana verde, ô lêle verde caninha, Eu não vou na sua casa, pra você não vir na minha. Você fuma o seu cigarro nem uma fumaça me deu. Eu tenho palha, eu tenho fumo. Também vou fazer o meu. Caninha, cana verde, ô lêle verde caninha, Eu não vou na sua casa, pra você não vir na minha. Vou plantar meu pé de cana, Na roça da moreninha, Bezerra chora o chiqueiro, Chiqueiro chora boiada, Eu chorei minha sorte ruim, Que está toda atrapalhada.”</i> Cantada por D. Arcanja: <i>“Minha caninha verde, oh minha verde caninha, eu não vou em tua casa, pra você não vir na minha. Eu plantei a minha cana na fronha do cabeceiro, minha mãe me casa logo pra eu largar dessa canseira.”</i>						
Denominação	Mergulhão ou Margulhão						
Quem executa	A comunidade, tanto homens quanto mulheres, tanto crianças, como jovens, adultos e idosos.						
Descrição / Significado	A dança do margulhão ou mergulhão inicia-se com duas fileiras de pessoas, uma de homens e outra de mulheres, dispostas uma de frente para a outra. Cada par segura uma toalha ou pano esticado no alto e o primeiro par da fila mergulhe, passando por baixo de todas as toalhas dos outros pares e assim por diante: <i>“Usava uma toalha, se fosse doze, era seis de um lado e seis de outra, cada par segurava uma toalha. Aí ia passando por baixo das toalhas. Pega as toalhas, eles fala que é as toalhas, mas pode ser qualquer pano. Vai segurando as toalha e os outros dançando. Um segurava a toalha de um lado e o outro do outro e outros dois mergulhava. Por isso que chama margulhão, é um pássaro que tem na lagoa e mergulha.”</i> (D. Nica)						
Letra da Música	<i>“Pega o passo margulhão, oi zão, zão, zão Pega o passo devagar, oi zão, zão, zão Pega o passo margulhão, oi zão, zão, zão Pra mim passar, oi zão, zão, zão”.</i> (cantado por D. Nica)						
Denominação	Mulatão						
Quem executa	A comunidade, tanto homens quanto mulheres, tanto crianças, como jovens, adultos e idosos.						

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES						MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Descrição / Significado	Começa com duas fileiras, os pares iniciais dão se os braços e vão trocando de lugar com os de trás e vai formando-se uma roda. Dá-se o braço direito para o primeiro e o esquerdo para o segundo e assim por diante. Vai cantando e trocando os braços na roda indefinidamente. <i>“Essa é de braço, cê me dava um braço eu te dava outro. Cê me dava esse braço e aí eu dava esse, cê me dava aquele e aí eu dava o outro. Mas era lindo, é parecendo o tamanduá. Um canta e os outros responde, era bom demais.”</i> (D. Nica).
Letra da música	<i>“Oi mulatão, oi mulato. Oi mulatão, oi mulato. Oi mulatão, oi mulato. Oi mulatão, oi mulato. Oi mulatão, oi mulatão. Oi mulato...”</i>
Denominação	Frango
Quem executa	A comunidade, tanto homens Quanto mulheres, tanto crianças, como jovens, adultos e idosos.
Descrição / Significado	Igual à dança do Mulatão.
Letra da música	<i>“Cadê o Frango, Oh cadê o frango. Oh de muita cana perdeu um quilo e quinhentas gramas. Cadê o frango...”</i> (Cantado por D. Arcanja).
Denominação	Ariri
Quem executa	A comunidade, tanto homens Quanto mulheres, tanto crianças, como jovens, adultos e idosos.
Descrição / Significado	Igual à dança do Mulatão.
Letra da música	Você joga o verso e canta: <i>“Se eu disser que eu vou me embora/ Ôriri, Ôirai/ Que eu não vou me embora não/ Ôriri, Ôirai/ Se eu tivesse de ir me embora/ Ôriri, Ôirai/ Eu não tava aqui mais não/ Ôriri, Ôirai/ Pra lhe dar o amor de dois/ Ôriri, Ôirai/ Quando saio todo dia/ Ôriri, Ôirai/ Sapatinho que eu já calcei/ Ôriri, Ôirai/ Não me importo de quem goza/ Ôriri, Ôirai/ Das coisas que eu já gozei/ Ôriri, Ôirai.”</i> (Cantado por D. Arcanja).
Denominação	Carneiro
Quem executa	A comunidade, tanto homens quanto mulheres, tanto crianças, como jovens, adultos e idosos.
Descrição / Significado	Dança-se em roda, com os componentes soltos, ou avulsos (sem par). Eles vão batendo os ombros, bate o um ombro com o ombro de outro componente e vira-se batendo ou outro ombro com o outro ombro do mesmo componente e troca de componente, fazendo o mesmo processo. Esta dança é chamada de batuque na região da Chapada Gaúcha.
Letra da música	<i>“Meu carneiro mé, que ele évem berrando, mé ói ele, ói ele, ói ele, mé ele évem berrando, mé.”</i> (Cantado por D. Nica) Ou: <i>“Oh iaiá carneiro deu, Oh iaiá carneiro dá. Oh iaiá carneiro deu, eu num dei mas vou dar.”</i> (Cantado por D. Arcanja)
Denominação	Tamanduá
Quem executa	A comunidade, tanto homens quanto mulheres, tanto crianças, como jovens, adultos e idosos.
Descrição / Significado	Foram-se uma roda e um dos componentes entra com um grande trouxa de roupa e joga na frente de um dos componentes, este, por sua vez, joga na frente de outro e assim por diante.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES					MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Letra da música	<i>“É doce doce de lelê é tamanduá / É doce doce de lelá é tamanduá / Segura caixa caixeiro / A viola desafinou é tamanduá / A viola não tem culpa é tamanduá / E nem também o tocador é tamanduá / Oi doce doce de lelê é tamanduá / É doce doce de lelá é tamanduá/ Vamo vamo minha gente é tamanduá / Não me deixa eu cantar só é tamanduá / Eu sozinho canto bom é tamanduá / E mais vocês canto melhor é tamanduá.”</i> (faixa 4, cd II, gravado por Roberto Correa)
Denominação	Barata
Quem executa	A comunidade, tanto homens quanto mulheres, tanto crianças, como jovens, adultos e idosos.
Descrição / Significado	Descrita apenas por Gumercindo: <i>“Muita gente canta aqui. É um desafio, uma mulher joga verso pra outra. Mas essa eu não sei não.”</i>
Letra da música	<i>“Pisei na barata pisei no baratão você toma amor dos outros o meu não toma não Eu tomo, eu tomo, eu tomo Tenho costume é de tomar Cê toma o pé na bunda E a ponta do meu punhar”</i> (cantado por Gumercindo)
III	FORRÓ
Denominação	Forró
Quem executa	As pessoas da comunidade.
Descrição / Significado	O forró é uma dança presente na comunidade há muito tempo. Tocado com sanfona, viola, caixa e pandeiro o forró anima as festas de casamento e outras festas: <i>“Eu dançava, mas dançava mais era o forró. Era igual a esse que é de hoje mesmo. Os tocador também... Porque o forró é dançado de acordo com o toque, do jeito que o toque é tocado lá, você tem que dançar daquele jeito no toque. Não pode o toque estar num assunto e danças em outro não. Toque de forró é com sanfona, né, é mais animado do que tocar disco. O forró era só toque, quase não tinha cantiga não. Era só sanfona mesmo.”</i> (Seu Eduardo) Porém, até certo tempo não era costume dançar o forró nas festas de folias. As danças que eram feitas depois das folias eram as brincadeiras de folia e as danças de terreiro: <i>“DE PRIMEIRO A GENTE FAZIA FESTA QUE DEPENDIA DE DIVINDADE, QUANDO ERA BAILE, ERA BAILE, QUANDO ERA REZA, ERA REZA. NÃO SE USAVA O FORRÓ E HOJE NÃO ELES TÃO MISTURANDO AS BOLA, TÁ MISTURANDO UMA COISA COM OUTRA. SÓ QUE EU NÃO GOSTO, AINDA TÔ NO SISTEMA VELHO, FESTA QUE EU SOU FOLIÃO DE GUIA DE PRIMEIRO EU NÃO ACEITAVA DANÇAR NEM... HOJE É O SEGUINTE, NINGUÉM TÁ DANDO JEITO NO POVO, NA HORA QUE EU SAIO ELES FAZ, DEPOIS QUE EU ENTREGO MEU ENCARGO. QUE EU CHEGO, REZO E ENTREGO AMINHA OBRIGAÇÃO SECRETA AÍ ELES FAZ O QUE QUISER.”</i> (SEU OTACIANO) <i>“Dança aqui tirando a curraleira, o lundu, é forró. Aquelas dança antiga quase não dança mais, Caninha Verde, Ariri, dança, só depende de a gente achar quem queira dançar. Não aqui não dançou, por que não tinha quem dançasse, tinha mais jovem aqui e o jovem gosta mais de dançar forró.”</i> (Seu Alberto)
Letra da música	NÃO FOI REGISTRADO.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

8.9. MÚSICAS E ORAÇÕES	
I	REZAS Existe um repertório de rezas na comunidade para ocasiões específicas. São ladainhas, ofícios, benditos e inselenças usados como forma de comunicação com o sobrenatural, cada uma é usada em certas ocasiões específicas. As comunidades rurais, geralmente afastadas ou desassistidas pela igreja, desenvolveram um catolicismo próprio em que as rezas são fundamentais para proteger as plantações, curar doenças, e até conduzir ou encomendar as almas dos mortos. Cântico da Paixão, DE ACORDO COM SEU TASSO, ERA ENTOADO NA SEMANA SANTA POR OCASIÃO DO “BEIJAMENTO” DOS PÉS DE CRISTO: “Lá no céu tem uma rosa / Dentro dela resplendor / É feliz e é ditoso / Quem beijar os pés do Senhor Lá no céu tem duas rosas / Dentro dela resplendor / É feliz e é ditoso / Quem beijar os pés do Senhor Lá no céu já tem três rosas / Dentro dela resplendor / É feliz e é ditoso / Quem beijar os pés do Senhor Lá no céu tem quatro rosas / Dentro dela resplendor / É feliz e é ditoso / Quem beijar os pés do Senhor Lá no céu tem cinco rosas / Dentro dela resplendor / É feliz e é ditoso / Quem beijar os pés do Senhor Lá no céu já tem seis rosas / Dentro dela resplendor / É feliz e é ditoso / Quem beijar os pés do Senhor Lá no céu tem sete rosas / Dentro dela o resplendor / É feliz e é ditoso/ Já beijaram e arrematou” (Faixa 14 do CD I, gravado por Roberto Corrêa)
Denominação	Ladainhas
Quem executa	Algumas pessoas da comunidade que sabem, geralmente pessoas mais velhas. No assentamento: D. Nica, Seu Otaciano, Gumercindo, D. Arcanja, Seu Máximo, Seu Eduardo.
Descrição / Significado	As ladainhas são as rezas cantadas, muitas são cantadas em latim, transmitidas oralmente geração após geração: <i>“Inselença, ofício, ladainha. A gente rezava ladainha também, tinha a ladainha dos mortos que gente rezava pra eles:</i> <i>‘Óorais por ele, kyrie eleisone/ Óorais por ele, cristhe eleisone dinovi/ Óorais por ele’.</i> <i>Porque fala orais pro nobi, né, pra rezar pra gente vivo é orai pro nobi, e pra rezar pra gente defunto é orais por ele. Tem ofício também, é cantado.”</i> (D. Nica) <i>“Na festa de Reis tem as ladainhas, as rezas cantadas.”</i> (Idelino) Uma pessoa que é referência nas ladainhas é D. Luciana. Ela mora em cajueiro e sempre reza no arremate da folia de São João, no Cajueiro (sua filha Anita do Baiano mora em Formoso): <i>“Ela reza e na hora de pular a fogueira ela fala uns palavreados lá.”</i> (Zé Pela Porco)
Denominação	Benditos
Quem executa	Algumas pessoas da comunidade que sabem, geralmente pessoas mais velhas.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES					MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Descrição / Significado	<i>“É mais ou menos do mesmo jeito da ladainha, igual esses cantos de igreja que eles cantam.”</i> (Gumercindo) Bendito de São Domingos, cantado por Gumercindo: <i>“Meu senhor São Domingos</i> <i>Por ele devemos amar</i> <i>Por ele nós assinou</i> <i>No seu livro de rezar</i> <i>No seu livro de rezar</i> <i>Quem me dera</i> <i>Eu lá estar</i> <i>Se minhas culpas foram grandes</i> <i>Vós queira me perdoar</i> <i>O senhori São Domingos</i> <i>Vós é um santo do céu claro</i> <i>Me leva onde tá o Divino</i> <i>Lá eu acharei o amparo</i> <i>O amparo do Divino</i> <i>Nunca pude alcançar</i> <i>Vamos oferecer esse bendito</i> <i>Pra o senhor que está na cruz</i> <i>Nos dê graça e nos dê luz</i> <i>Para sempre</i> <i>Amém, Jesus.”</i>
Denominação	Ofício
Quem executa	Algumas pessoas da comunidade que sabem, geralmente pessoas mais velhas.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		MG	01	01	06	F20	05
Descrição / Significado	O ofício é uma oração que pode ser rezada em ocasiões especiais ou apenas para pedir proteção. Pode ser rezada para os vivos e para os mortos, como relatou Seu Otaciano: <i>“O ofício é uma oração muito linda, que é da Virgem Imaculada Conceição, pra fugir das tentação. É a melhor reza que tem, porque o tihoso, o inimigo que é o demônio, das outras rezas ele tem medo mas diz que não importa muito não, mas o ofício se começou ele casca fora. O ofício é sempre da Virgem Imaculada Conceição. A incelença é de defunto, é pra quem morre, e o ofício é pros vivos, mas pode rezar pra quem morreu naquela toada. A ladainha é pra gente vivo, se rezar pra gente morto é naquela toada que Nica rezou lá. Tem diversas toadas pra gente vivo.”</i> Trecho de ofício pra gente vivo: <i>“Deus e santa virgem/ senhora do mundo/ rainha do céu/ que vem das virgem virgem.”</i> Trecho de ofício pra gente morta: <i>“Deus vos salve virgem/ senhora do mundo/ rainha do céu/ que herdas virgem virgem.”</i> <i>“Adeus minha lapinha / Enfeitada de flor / Adeus minha lapinha / Enfeitada de flor Até pra o ano / Se vivo nós for / Até pra o ano / Se vivo nós for Adeus minha lapinha / Senhor São José / Adeus minha lapinha / Senhor São José Até pra o ano / Se Deus quiser / Até pra o ano / Se Deus quiser”</i> (Faixa 16 do CD I, gravado por Roberto Corrêa) Oração de São Francisco, falada por Gumercindo: <i>“Levantei um dia cedo Sexta-feira de paixão Sexta-feira de paixão Encontrei Nossa Senhora Com seu livrinho nas mãos Com seu livrinho nas mãos Procurando pelos meninos Os meninos de condão Os meninos de condão Que sabe uma oração Oração dos peregrinos Quando deus era menino.”</i>						
Denominação	Inselenças						
Quem executa	Pessoas presentes no velório. Dizem que quem é dono do morto, ou seja, da família do morto não deve cantar, pois <i>‘o povo fala que faz mal, a gente fica meio apaixonado’</i>, explicou Gumercindo. Quem canta são os amigos, vizinhos e parentes mais distantes presentes no velório. <i>“Depois que eu mudei aqui pro assentamento nem fui em velório mais. Só fui no velório de meu sobrinho, e Raimunda rezou, ela rezou umas rezas lá. Eu não gosto mais não, e não é só eu, a metade do povo já não tá mais usando isso, de premeiro rezava e era muito., na hora que morria a pessoa colocava lá, era pra rezara noite inteira até amanhecer o dia, até a hora do enterro. Eles falam assim que nós tem cuidar de nós é vivo. Eu aprendi era novo, com meu povo, minha mãe, as outras pessoas velhas, tinha uma mulher velha que morava na vargem bonita e chamava Argelina, nois aprendeu com ela essas rezas, esses benditos. Eu via essas velhas cantar e aí como sou curiosa eu aprendi. Eu ensinei também, cantava com os mais novos. Quem cantava era mais o povo de lá. Do Rio Preto, de vargem Bonita.”</i> (D. Nica)						

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Descrição / Significado	Cantos feitos nos velórios, com o objetivo de encaminhar ou encomendar as almas dos mortos. Acredita-se que ao rezar as inselenças eles estariam recomendando as almas dos mortos para a salvação. Muitos, porém não gostam de cantá-las fora da ocasião a que são destinadas, pois podem trazer tristeza e até mau agouro: <i>“Mas eu não gosto de rezar isso não, me dá um frio no corpo. Só faz pra quem morre, aí vai falando, a inselença antigamente o povo falava assim, a pessoa morreu tem que rezar por ele, mas de premeiro, mas hoje eu acho que ocê tem que cuidar d'ocê se ocê quiser a salvação e ocê é vivo, como nós tamo aqui, que depois que morre o que ficou, cabou, cabou. A inselença é pra isso, pra encomendar a alma, pra salvação a inselença que eu conheço é disso. Tem aquele inselença que fala assim: ‘uma inselença, inselença de São Grigório/ Pra que Deus deixou ele/ pra morrer sem a confissão’. O que eu entendo é isso, eu cantava, já cantei, quando tinha um enfermo morto aí, um corpo aí a gente juntava pra rezar. Era nos velórios, nas casas das pessoas que morreram. Isso era quando eu morava no Rio Preto, já faz muitos anos que eu fiz isso, era na Vargem Bonita quando eu morava lá, quando eu tinha uns 18, 20 anos, eu hoje tô com 70 anos. Eles chamava todo mundo e a gente era obrigado a ir, era uns povo chorando, outros rezando era assim. Rezava com outras companheira, tinha muita gente, um mesmo é Gugu, outra era Maria Preta, que já morreu.” (D. Nica)</i> Roupas: <i>“Não era só chegar e cantar. A pessoa que morre tinha usar uma roupa clara, ou azul claro ou branco, fazia aquela roupona comprida e vestia, lavava. A pessoa que tá viva de premeiro vestia luto, tingia as roupas na lama, tirava casca de pau e votava naquela roupa, agora pegava a roupa e ia por lá na lama, dentro dos brejos pra empretecer, porque naquele tempo quase não tinha roupa preta, a gente não podia compra e não sabia como é que era e ia tingir, botava na lama pra escurecera roupa. Botava luto pra quem morria.” (D. Nica)</i> Comidas (tabus, evitações e interdições) : <i>“tinha, era feijão, às vezes uma carne. Diz que comer galinha, a pessoa que é dona daquele defunto que morre, não pode comer galinha, acho que é seis meses sem comer galinha parece, ou um ano, porque se não a alma da pessoa que morreu pena, não vai pro céu, por causa das penas da galinha. Não come peixe quando tinha uma pessoa que morre, hoje não tem cisma, mas de premeiro não comia peixe.” (D. Nica)</i> <i>“É inselença, mas tem umas onde tem aqueles benditos que fala assim, começa assim, só que eu não gosto de rezar lá não, mas eu vou falar só o jeito” (D. Nica):</i> <i>“Imperador irmãozinho, Pois a Deus oh irmão Até dia de juízo”</i> <i>“Cadê os carregador / Que a alma já vai se embora / Chegou duas mil vigia / Senhor da boa hora Cadê os carregador / Que a alma já vai se embora / Chegou três mil vigia / Senhor da boa hora”</i> (Faixa 13 do CD I, gravado por Roberto Corrêa) <i>“Seis Inselença, de Senhor São Gregório/ Despede desse mundo/ que a alma vai se embora/ A alma vai se embora / Com bem dor no coração / Adeus o povo todo / E pois adeus seus irmão Sete Inselença / De Senhor São Gregório / Despede desse mundo / Que a alma vai se embora A alma vai se embora / Com bem dor no coração / Adeus o povo todo / E pois adeus seus irmão”</i> (Faixa 15 do CD II, gravado por Roberto Corrêa)
	CANTORIOS DE FOLIA São diversos os cantorios de folia. Feitos sobre uma mesma base harmônica e melódica, os cantorios geralmente sofrem apenas variações de letras, de acordo com a ocasião em que são cantados.
	Denominação Cantorio de Folia
	Quem executa O Guia, o contra guia e demais foliões

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Descrição / Significado	O cantório para determinado santo serve de base para os outros cantórios da mesma folia. A parte instrumental tem poucas variações de uma folia para a outra, a divisão de vozes também se mantém basicamente a mesma. O que varia com mais frequência são as letras, que vão explorar a temática de cada santo: <i>“Primeiro alvora a folia na casa do imperador, aí é um cantório, o canto que anuncia a saída da folia para o giro na casa do imperador. O cantório é a harmonia da divindade, o santo fica alegre. O santo que é dono daquela divindade fica tão alegre, mas a pessoa tem que fazer direto. Porque tem uns que enterram o pé na pinga, ou então não sabe e aí fica feio. É por isso que tem as pessoas de escolha pra isso. No cantório a pessoa chega e faz o cabeçalho da tabela, o guia. E aí diz os versos, e aí saúda os morador pelo nome. Tem gente que não sabe, mas eu saúdo pelo nome, se tiver filho eu falo, chego com um verso só. Chega com um verso só, que reduz num só, nem que for dez filhos ou vinte, mas num verso só se encerra. Pra quem sabe. Aí pega uma oferta, agradece, manda beijar o retrato e aí chama pra ir pra festa do imperador e aí despede e vai se embora. Tudo isso dentro do cantório, falado dentro do cantório.” (Seu Otaciano)</i> <i>“O folião de guia tem que saber muita coisa. Muitos falam que já sabem há muitos anos, mas às vezes o cara tem que inventar. Tem que falar o nome de um por um na casa, tem região que se não cantar o nome de um por um na casa, o cara fala que não recebeu, aí tem que cantar de novo. O pessoal aqui não tem essas exigências não.” (Idelino)</i> <i>“tem que cantar pra poder chegar na casa. Se não como é que vai entrar pra dentro? É a mesma coisa, você vai chegar na casa e tem que dar um bom dia ou uma boa tarde, então é a mesma coisa, tem que ter o cantório. Se vai trabaia lá, então não pode chegar numa porta dessa aí sem pedir licença.” (Seu Otaciano)</i> <i>“Cada folia tem uma toada. Tem os Cantório de Reis, do Divino, de Nossa Senhora Aparecida. Cada santo tem uma toada, mas tem uns que muda.” (Seu Otaciano)</i> Cantório de Reis: <i>“Seja o Pai e seja o Filho / Seja o Espírito Santo / Seja os Três Reis do Oriente / Deus criou pra o nosso encanto/ Boa noite já foi dada / Na lapinha de Belém / Vamos adorar o filho da Virgem / Que Nossa Senhora tem/ No vinte e cinco de dezembro / O campo abriu de flor / E às doze horas da noite / Nasceu nosso salvador/ E os passarinhos do deserto / Correram todos pra ver / A grandeza da Santa lapinha / Onde Jesus veio nascer/ Desde o dia que Jesus nasceu / O mundo deu um sinal / O menino Jesus foi nascido / Entre noite de natal/ Nós todos deseja saber / Como a Virgem deu luz / Ela teve um filho primogênito / Pôs o nome de Jesus/ Foi da parte do Oriente / Que os Três Reis foi visitar / Aguiado pela estrela / Para vós encaminhar/ Pai , o Filho e o Espírito Santo / Por aqui nós encerremos / Com o nome das três palavras / O nosso corpo benzemos”</i> (Faixa 2 do CD II, gravado por Roberto Corrêa) Cantório do Divino: Cantado por Aldelino, Valdivino, Hélio e Leonício: <i>“Meu Divino Espírito Santo/ Meu Divino Espírito Santo/ Divino Consolador/ Consolai as nossas almas/ Consolai as nossas almas/ Quando nesse mundo andou/ A pombinha do Divino/ E a pombinha do Divino/ Tem pé e bico vermelho/ Meu Divino Espírito Santo/ Meu Divino Espírito Santo É quem vai contar seus passos/ Ele vai contar seus passos/ Ele vai contar seus passos/ Te livrar dos embaraços/ Eu já fiz meu persinal/ Eu já fiz meu persinal/ Do esquerdo pra o direito/ Do esquerdo pra o direito/ Do esquerdo pra o direito/ Já fiz minha cruz perfeita/ O rosário de Maria O rosário de Maria/ Em Jerusalém foi feito/ Ela reza e oferece/ Ela reza e oferece/ E os anjo que diz amém.” (Faixa 2 do CD I, gravado por Roberto Corrêa)</i> Cantório do Divino, cantado por Gumercindo: <i>“A pombinha do Divino (2x) Ela tem força nas asas Ela anda o mundo inteiro (2x) Cantando casa por casa.”</i>
---------------------------------------	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Denominação	Cantorio de Alvorar a Mesa, Saudação de Mesa ou Bendito da mesa
Quem executa	O Guia, o contra guia e demais foliões
Descrição / Significado	Sempre que fazem uma refeição na casa de um morador, é dever dos foliões agradecer o alimento cantando o bendito: <i>“Tem que saudar a mesa, onde almoça e janta. Todos os dias onde a folia come, tem que saudar a mesa, é um canto só.”</i> (Seu Otaciano) <i>“Bem dito louvado seja É o santíssimo sacramento É o santíssimo sacramento Em louvor da bela mesa</i> <i>Em louvor da bela mesa Vamos rezar o bendito Vamos rezar o bendito Bendito louvado seja</i> <i>Bendito louvado seja É o santíssimo sacramento É o santíssimo sacramento Em louvor da bela mesa</i> <i>É o divino espírito santo Que nos dá o alimento Que nos dá o alimento O alimento que vós dá</i> <i>O alimento que vós dá Nasceu do reino da Glória Nasceu do reino da Glória”</i> (cantado por Seu Otaciano)
Denominação	Cantorio do Morador
Quem executa	O Guia, o contra guia e demais foliões

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		MG	01	01	06	F20	05
Descrição / Significado	Em cada casa ou pouso que chegam, os foliões devem saudar o morador, cantando e agradecendo a dádiva recebida, seja em forma de oferta ou comida. O folião de guia deve incluir o nome de todos os moradores da casa no cantório. Seu Eduardo explica como funciona: <i>Agradece o morador, canta o morador, joga um verso pro morador ou pra moradeira. Fala no nome da pessoa, agradando. Um verso é uma coisa de amor, com o imperador. Agora ele caba de jogá aqueles versos e agora vai cantar. O cantório é uma oração. Pra abençoar o morador, agradecer a oferta. Eles canta o morador, depois pede a oferta, depois que recebe a oferta aí vai agradecer a oferta. Pode pedir pra aumentar a criação, a fazenda. Eles joga o verso assim:</i> <i>“Deus lhe pague sua oferta</i> <i>Deus lhe dê muita renda</i> <i>Dê vida e saúde</i> <i>E aumento em sua fazenda”</i> Vários foliões ressaltam que os versos dos cantórios são tirados do tão falado livro do Oriente: “Os cantos de Reis, são da tabela tirada do livro. Não é coisa inventada de cabeça não.” <i>“Aí sai cantando nos morador, saudando os morador, né. Saudando, agradecendo, chamando pra ir pra festa e pedindo as oferta, agradecendo, chamando pra ir pra festa. As pessoa gosta porque tem devoção. E o folião de guia fala aquelas palavras pra mode Deus, os Três Reis ou qualquer um santo agradecer aquele dono da casa. Dar vida, saúde, felicidade, abençoar.” (Seu Otaciano)</i> Cantório do morador: <i>“O senhore me dê licença/ eu fazer este cantório / Porta aberta e luz acesa/ Clareou este salão/ Lumiano nossos três reis magos/ Com o alferes e os folião /E o meu nobre cidadão/ Muda os passo e venha cá/ Vem chegando nossos três reis magos/ Que veio lhe visitar/ Ele veio lhe visitar/ Aqui hoje neste dia/ Deus cuide da sua saúde / Ao senhor com sua família/ Ele veio lhe visitar/ E também pedir uma oferta/ Ele pede esta oferta/ Mas não é por precisão/ Ele pede é pra saber/ Que tenho bom coração/ Se tiver oferta pra dar (...)/ Quando for lá no outro mundo/ Sua alma Deus conserva/ Este é o nosso três reis magos/ É quem vai contar seus passos)/ Livra nois dos inimigos / E também dos embaraços/ O meu nobre cidadão/ Lhe peço com alegria/ O senhore me dê licença /Pra eu saudar sua família/ E também a senhora dona/ Que nome você queria/ Era o nome de Santa Isabeli/ Ou o de Santa luzia/ (...) Os três reis que lhe abençoe/ E o divino São José.”</i>						
Denominação	Cantório do Pouso						
Quem executa	O Guia, o contra guia e demais foliões						
Descrição / Significado	Assim que chega no pouso os foliões fazem um cantório pedindo ao morador que dê pouso ao terno de folia: <i>“Aí quando chega numa casa que vai pousar, aí o cantório já é diferente. Já tem que cantar pedindo pouso, por isso que não é todo mundo que serve pra ser guia, não é todo mundo que sabe.” (seu Otaciano)</i> <i>“No mesmo cantório que chega cantando, já pede o pouso.” (Idelino)</i>						
Denominação	Agradecimento do pouso						
Quem executa	O Guia, o contra guia e demais foliões						

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES					MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Descrição / Significado	Depois de pousarem e antes de seguirem no giro, os foliões fazem o cantorio agradecendo o morador pelo pouso ofertado: <i>“De manhã cedo você já canta o cantorio agradecendo o pouso.”</i> (Idelino) <i>“Aí pousa ali né. E no outro dia cedo, toma um cafezinho ali, faz outra brincadeirinha ali, se quiser. E aí tem a saudação, o agradecimento do pouso. Aí que é bonito, eu agradeço o pouso pelo sol, a criação do mundo é bonito demais:</i> <i>Deus vos salve a claridade</i> <i>Deus vos salve a luz do dia</i> <i>Deus vos salve a luz do sol</i> <i>A luz que nos ilumia</i> <i>O sol para sair pede licença ao senhor</i> <i>Quando sai joga seus raios por cima do resplendor</i> <i>Deus vos salve a luz do sol</i> <i>Que é o mistério mais profundo</i> <i>Quando sai joga seus raios</i> <i>Nas quatro partes do mundo.</i> <i>O sol tem seu relógio que nunca andou atrasado</i> <i>Ele serve de sinal para um verbo encarnado</i> <i>O clarão da lua cheia</i> <i>É um sinal da primavera</i> <i>O sol faz sua marcha</i> <i>E por ninguém ele não espera”</i> (Seu Otaciano)	
	Denominação	Cantorio de Saudação da Lapinha
	Quem executa	O Guia, o contra guia e demais foliões
	Descrição / Significado	Há ainda um outro cantorio, que é para saudar a lapinha: <i>“Para saudar o altar nas casas em que a folia passa.”</i> (Idelino)
	Denominação	Canto de chegada no dia do arremate
	Quem executa	O Guia, o contra guia e demais foliões
	Descrição / Significado	O Guia deve saber ainda o cantorio de chegada na casa do imperador no dia do arremate: <i>“Quando chegar no dia do arremate, chega no imperador, canta a chegada, tudo por tabelas. Pelo menos o que eu sei é tudo saído do livro do oriente e da escritura sagrada.”</i> (Seu Otaciano)
	Denominação	Cantorio de entrega da folia
	Quem executa	O Guia, o contra guia e demais foliões
	Descrição / Significado	É o último cantorio feito pelos foliões, anunciando a entrega da folia para o imperador: <i>“E aí fica quieto lá, sem cantar reis, só brincando. Aí depois reza o terço, reza a ladainha e entrega (canta o cantorio de entrega). Cada qual é uma parte. Aí arrematou, pronto.”</i> (Idelino)

III	Cantos de Trabalho
-----	--------------------

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Denominação	Cantos de farinha
Quem executa	Feita por quatro homens que giram a roda de farinha. O barulho da roda de farinha dá o ritmo à música, dois homens puxam o canto de um lado e dois respondem do outro.
Descrição / Significado	Eram músicas entoadas pelos pequenos produtores de farinha durante o trabalho manual de girar a roda para ralar a mandioca. Os cantos eram uma forma de distração durante o trabalho e ajudavam a dar ritmo ao trabalho de ralar a mandioca. As letras das cantigas eram improvisadas, a partir de temas antigos e cantadas principalmente pelos homens, quando giravam a roda de ralar a mandioca. <i>“Faz, da mandioca mansa você pode cozinhar ela, fazer bolo. Tem quem faz a puba da mandioca. A mandioca chama ‘mãe’, serve pra tudo. A gente tendo farinha em casa é bom demais. Se tiver farinha não precisa arroz não. Come farinha com café, faz até uma sopa.”</i> (Seu Aneandro) <i>“Que o pessoal agora não usa mais, faz farinha com o motor.”</i> (Idelino) <i>“Mulher não cantava não, mas homem cantava. Na roda eles cantavam, meu pai... Dois ficavam do lado de cima da roda e dois do lado de baixo. Ai um ia com a mão assim e o outro vinha por baixo assim... usava força, a bicha era pesada... Eles cantavam músicas, mas eu não lembro mais, que eu era pequena né? Mas cantava, cantava demais.”</i> (Ivanilde) Canto de Farinha, cantado por D. Nica e Seu Aneandro: <i>“Companheiro me ajuda, eihei/ Não me deixa cantar só/ Ei roda, oiei/ Eu sozinho canto bom, eihei/ Com você canto melhor/ Ei roda, oiei/ Mulandeira dessa roda, eihei/ Foi feita de piquizeiro/ Ei roda, oiei/ Foi feita por mão de homi, eihei/ E custou mile cruzeiro/ Ei roda, oiei/ Eu tô vendo a boniteza, eihei/ Nessa linda tarimbina/ Ei roda, oiei/ A mandioca virou massa, eihei/ A massa virou farinha/ Ei roda, oiei/ Companheiro me ajuda, eihei/ Que eu também te ajudarei/ Ei roda, oiei/ Embora que eu moro longe, eihei/ Alguma coisa eu falei Eieihei”</i>

IV	OUTROS CANTOS São cantos que nem sempre estão presentes nas celebrações, mas que integram a musicalidade da comunidade. Estes cantos iam sendo mostrados aos poucos durante os trabalhos de gravação, coordenados por Roberto Corrêa e que contou com a participação da equipe do projeto.
Denominação	Enumeração
Quem executa	Gumercindo e Otaciano

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Descrição / Significado	<i>“Eu tenho uma galinha / Que botava treze ovo / Tiú deu lá no ninho / Comeu um e ficou doze Os doze que ficou / Vou mandar cobrir de bronze / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou onze Os onze que ficou / Vou trocar pelo um mi`reis / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou dez / Os dez que ficou / Vou trocar num automóvel / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou nove Os nove que ficou / Vou mandar fazer um biscoito / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou oito Os oito que ficou / Vou trocar em um chevette / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou sete Os sete que ficou / Vou vender p'rum japonês / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou seis Os seis que ficou / Vou trocar num par de brinco / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou cinco Os cinco que ficou / Vou trocar por um sapato / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou quatro Os quatro que ficou / Vou vender outra vez / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou três Os três que ficou / Vou trocar por um arroz / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou dois Os dois que ficou / Vou trocar em um buzum / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou um O um que ficou / É pura bobagem minha / Tiú deu lá no ninho / Comeu o ovo e a galinha”</i> (Faixa 7 do CD I, gravado por Roberto Corrêa) <i>“Primeiro é homem que é um bicho comportado / Pela mulher vive preso, encorrentado Joguei no dado pra sair enumerado / Eu sai número um é uma avestruz mais declarado Dois é águia com o bico revirado / Três é burro que do homem foi mansado Quatro é borboleta tem o pêlo cetinado / E cinco é o cachorro pelo homem é dominado Seis é a cabra que com leite apreciado / Sete é carneiro com tua lã alvejada Oito é o camelo tem o lombo encalombado / E nove é a cobra que é um bicho maldiçoado Dez é o coelho que é um bichinho escovado / Onze é cavalo que é do homem andar montado Doze é o elefante tem sua presa virada / Treze é o galo de terreiro é corado Quatorze é gato que do rato é respeitado / Quinze é o jacaré que no lago foi criado Dezesseis é o leão que é o chefe do reinado / Dezessete é macaco que é um bicho encapetado Dezoito é porco engorda se for tratado / Dezenove é o pavão com sua cor demudado Vinte é o peru que é um bicho sufocado / E vinte e um é touro que não gosta de encarnado Vinte e dois é o tigre tem o lombo patacado / Vinte e três é o urso que do mato é respeitado Vinte e quatro é o veado que do mato é o mais calado / E vinte e cinco é vaca tá o jogo determinado”</i> (Faixa 11 do CD I, gravado por Roberto Corrêa)
---------------------------------------	---

Denominação	Desafio de embolador
Quem executa	José Pereira da Silva (caixa); Glinercino Pereira Saraiva e Ivalino Paulo Ferreira da Silva (viola)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Descrição / Significado	“Ô me leve embolador / No Sertão do Ceará / Outra vez embolador / No Sertão do Ceará Pedro Paulino / E Zuru Floriano/ Nessa lei republicana / Ninguém ... dar/ Ô você mesmo/ Quem quebrou minha gamela/ E eu quero o dinheiro dela/ não mandei você quebrar/ Ô meu amigo/ pra você eu vou falar/ eu nunca te agravei pra você me agravar/ Ô você vigia se é assim / Escuta que eu vou lhe falar / Meia dúzia de você / Eu carrego no calcanhar Se nasceu mas não criou / Se criou não teve fim / Tirando as falta que tem / Jogando em cima de mim Em cima daquela serra / Tem um pezinho de jatobá / No buraco do seu dente / Tem morada de um gambá Ô meu amigo / Pra você eu vou falar / Eu montei na sua cacunda / Você morreu de apanhar Ô nego preto / Da cabeça de escapole / Foi pra rua puxa fole/ Pro ferreiro trabalhar Ô meu amigo / Mas se eu falo eu não tô vendo / Que aqui tem uma catinga / E é você que tá fedendo Ô você mesmo / Escuta o que eu vou falar / Você canta é revoltando / E eu canto sem revoltar A moça envem / Você tá de olho nela / Engoliu uma mula crua / E num viu passar na goela Ô Gumercino / Escuta que eu vou falar / Já cantemo até agora / E agora nós vai parar” (Faixa 11 do CD II, gravado por Roberto Corrêa)
----------------------------	---

Denominação	Coco Travado
Quem executa	Otaciano Francisco das Neves

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES					MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Descrição / Significado	<i>“O Coco é uma dança típica do nordeste brasileiro, geralmente acompanhada com palmas ou instrumento de percussão. O cantador tira o verso e os participantes respondem cantando o refrão. Na gravação realizada na casa de Dona Arcanja foram apresentados Cocos guardados na memória dos cantadores ali presentes, acompanhados com viola ou com viola e caixa. O Seu Tasso referiu-se a este tipo de Coco como Coco Travado.” (Roberto Corrêa)</i> <i>“Ô mais é mesmo / E agora que eu tô contando / Sobrenome graduado / E eu me chamo Otaciano / Num tem lelê num tem nada / Sobrenome graduado / E agora que eu tô contando / Eu me chamo Otaciano / Mato no mês de janeiro / Vou comer no fim do ano É verdade vou comer no fim do ano / Bonito eu vou lhe dizer / Bonito eu vou lhe contar / Daqui pra lá eu não vou / Pode vir de lá pra cá / Carro não anda sem boi / Me diga como é que foi / Nem eu canto sem tomar Ô mais é mesmo / Nem eu canto sem tomar / Eu hoje pisando a roda / Como roda de fiar / Pra você largar da moda / Eu vou desandar essa roda / Você vai me desculpar / É a roda de fiar / Eu sou como a dor de dente / Quando dá pra latejar É verdade bonito eu vou lhe contar / Daqui pra lá eu não vou / Pode vir de lá pra cá / Vamos cantar esse coco / E é de indo está que é Zé coco / E agora vamos parar Mas é mesmo agora vamos parar / Só vou dizer mais um verso / Pra você me desculpar / Se quer ver quem eu sou / Pode vir de lá pra cá / Nem doutor é cirurgião / Nem cirurgião é doutor / Pode vir de lá pra cá / Se quiser ver quem eu sou / Quero tirar na lambada / `Cê diz que me dava e eu dou”</i> (Faixa 6 do CD I gravado por Roberto Corrêa) <i>“Ô mais é mesmo / E agora que eu tô dizendo / Até hoje eu me alembro / Do tempo em que eu fui pequeno / Cantei mais Zé Cabeceira / Fui discípulo de Roseno / Quem dá saúde ni homem / É cachaça, sol e sereno / Nunca escapou um doente / Dos que eu tratei com veneno Ô mais é mesmo / É agora que eu vou dizer / Turro de onça não faz / Cachorro mestre correr / Jesus Cristo dá esmola / Quem atenta é o Satanás / Cachorro mestre correr / Turro de onça não faz / Carinho de moça donzela / É a morte de todo rapaz”</i> (Faixa 6 do CD II, gravado por Roberto Corrêa)

Denominação	Romance
Quem executa	Otaciano Francisco das Neves (viola) e Glinercino Pereira Saraiva

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		MG	01	01	06	F20	05
Descrição / Significado	<i>“É um poema cantado, de origem medieval, que chegou ao nosso país já no início da colonização e que, pela oralidade, foi sendo repassado e recriado pelo nosso povo. São épicos de guerreiros e mesmo de animais. O Seu Tasso nos canta as peripécias de uma onça. Os versos são fragmentados, mesmo assim, nos contam uma interessante história.” (Roberto Corrêa)</i> <i>“Eu vim contar um causo / Que aconteceu na Bahia / A onça da terra nova / Agora mudou pra ilha A onça da terra nova / Que agora mudou pra ilha / `Cabando com a fazenda / Do gado do seu Elias Elias pegou na pena / Fez uma grande escrivania / Escreveu pro Xavier / E que agora essa onça morria / Essa onça respondeu / É isso mesmo é que eu queria / Que eu só pegava de noite / E agora eu pego de dia Sexta feira da paixão / Me deu uma fome de morte / Eu fui lá pra Carnicinha / Fui arroer os meus ossos / Eu fora de mal engano / Roendo meus osso assentada / Chegou um amigo cachorro / Da sobrelha demudada Amigo cachorro da sobrelha demudada / Quando vejo você por aqui / Já me cuido que é novidade / O cachorro respondeu / Amiga onça / Não é novidade nenhuma / É a bezerra do meu senhor / Que você rasgou com sua unha Amigo cachorro você pode prestar atenção / Se foi peste ou se foi cobra / De que morreu não sei não Amiga onça / Eu mesmo sou testemunha / Que ela tinha o couro fino / E tá todo rasgado de unha Do chão eu pulei no pau / E o cachorro me acuou / Eu enxerguei tanta gente / Todos eram caçador / Pegamos o rastro da onça / Fomos alcançar na campina / Toda arma negou fogo / Só pegou uma carabina Fui saindo atirada / Pro rumo do pé do morro / Eu tando dentro de minha lapa / Não escapa nem um cachorro / O povo de João Teixeira / É o povo de Arenginha / Foi falar com Xavier / Que eu peguei uma bezerrinha No tempo de eu menina / Que eu não sabia pegar / Em quatrocentas fazendas / Eu deixei uma boa renda / Só ficou um marruá”</i> (Faixa 7 do CD II, gravado por Roberto Corrêa)						

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8.10. INSTRUMENTOS MUSICAIS

Os Instrumentos musicais usados para executar as diversas músicas que integram o repertório da folia são viola, caixa, pandeiro, cavaquinho, rapa-pau e balainho. Os foliões fizeram referência à rabeca ou rebecca, que não é usada na comunidade, mas é usada na região do São Francisco. Houve referência também à sanfona, mas que é usada apenas no forró.

A viola, o pandeiro (adufe) e a caixa são os instrumentos sagrados dos foliões. Segundo Roberto Corrêa, o Violão, da forma como o conhecemos, surgiu final do século XXVIII na Espanha. A viola é bem anterior. A sanfona apareceu no Brasil no final do século XIX e foi ocupando lugares: da viola (no Sul) e da Rabeca (no Brasil Central). Alguns foliões a consideram como intrusa e não a aceitam em seus ternos.

Idelino conta que antigamente os instrumentos eram feitos pelas próprias pessoas da comunidade, *“Parou de fazer porque já achou feito, as pessoas que fazia já não mais interessa. João Cofocó, meu irmão, mesmo já fez pandeiro, já fez caixa.”*.

PANDEIRO: “ANTIGAMENTE ERA USADO, FEITO TUDO AQUI NA REGIÃO. O PANDEIRO ERA FEITO COM COURO DE VEADO CATINGUEIRO E COTIA. O PANDERIO ELES FAZIAM DE CASCA DE PAU D’ÓLEO, TIRAVA A CASCA (OU OUTRAS MADEIRA QUE DÊ PRA ENVERGAR), FAZIA O MOLDE DELA ASSIM, SECAVA, AMARRAVA. O MOLDE ERA DE LATÃO. PÕE O COURO NA ÁGUA PRA AMOLECER, AMARRA, ESTICA O COURO E AÍ CORTA AS ROSETAS DE LATÃO, PRA DAR AQUELE CHOCALHO. HOJE EM DIA JÁ COMPRA O PANDEIRO PRONTO, COMPRA EM ARINOS, UNAI OU BURITIS.”

CAIXA: “A CAIXA USAVA O MESMO COURO E A MADEIRA BOA ERA FOLHA LARGA.”

Viola: “o pessoal da região aqui não fazia não, mas lá pro lado de São Francisco fazia mais.”

Denominação	Viola
Quem provê	Comprada na região de Arinos-MG.
Descrição / Significado	<i>“A viola é pra tocar o cantorio, tocar a curraleira, a guaiana.”</i> (Seu Eduardo) <i>“No cantorio o mais importante é a viola”</i> (Idelino)

Denominação	Caixa
Quem provê	<i>“Caixa tem um monte aqui. Essa aqui quem fez foi um rapaz lá de Brasília, ele trabalha na serralheria. Tem um genro meu que faz. É um motorista de ônibus que trabalha aqui na Chapada.”</i> (Antônio ferro Velho)
Descrição / Significado	<i>“A curraleira mesmo, um instrumento que não pode fazer sem ele é a caixa e a viola. Que a caixa é quem faz a marcação certa de trocar. No lundu também é mais a caixa.”</i> (Idelino) <i>“A caixa é pra bater, que sem a caixa não faz a curraleira não.”</i> (Seu Eduardo)

Denominação	Pandeiro
Quem provê	Comprado na cidade, mas já foi feito na comunidade.
Descrição / Significado	<i>“É pra ajudar a bater. Que a curraleira tem que ser acompanhada da caixa, da viola e do pandeiro.”</i> (Seu Eduardo) <i>“O pandeiro acompanha”</i> (Idelino)

Denominação	Violão
Quem provê	Comprado na cidade.
Descrição / Significado	Acompanha a folia, fazendo a base harmônica.

Denominação	Cavaquinho
--------------------	------------

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Quem provê	Comprado na cidade.
Descrição / Significado	“Às vezes <i>tem cavaquinho, eu mesmo toco cavaquinho.</i> ” (Idelino)

Denominação	Sanfona
Quem provê	Comprado na cidade.
Descrição / Significado	Não é usada na folia, mas é instrumento fundamental apara a execução do forró.

Denominação	Triângulo
Quem provê	Comprado na cidade.
Descrição / Significado	Foi citado pelos foliões, mas não é usado na folia, apenas no forró.

Denominação	Rapa-pau
Quem provê	Comprado na cidade ou feito na comunidade.
Descrição / Significado	Instrumento semelhante ao reco-reco, é feito com um pedaço de madeira retalhado e tocado com a ajuda de uma vareta. “É pra ajudar, que tudo faz zoada.” (Seu Eduardo)

Denominação	Rabeca ou Rebeca
Quem provê	“Aqui não tem quem sabe tocar rabeca.” (Idelino)
Descrição / Significado	“Aqui não usa rebeca não, é lá pra Vargem bonita.” (Seu Eduardo)

Denominação	Balainho (espécie de chocalho)
Quem provê	Feito na comunidade
Descrição / Significado	“Tem um balainho também. Uma muié que veio aí, Tercília, acho que é Tercília que ela chama. Andou ai pra baixo e achou um balainho de bater folia. Um povo que vem aí, como vocês mesmo que vem no assentamento. Não sei onde foi a pra baixo ela arranhou um balainho. Usa ele na folia também pra fazer zoada, check- check, check- check, check- check. Trança um balainho assim, põe milho dentro, agora sacode, aquele milho zoa dentro pra ajudar a entoar a folia.” (Seu Eduardo)

Denominação	Berimbau
Quem provê	Feito antigamente na comunidade. Relatado apenas por D. Arcanja.
Descrição / Significado	Usado nas danças de terreiro. É uma vara de uns 50 cm, envergada em forma de meia lua. Com uma corda de buriti unindo as pontas do arco. Semelhante ao arco de bater algodão. Não é o mesmo berimbau da capoeira, pois não usa cabaça e é tocado com o dedo na horizontal. “Corta o pauzinho, enverga ele. Pega uma talinha de buriti, bem fininho, bem arrumadinho, ali marra e aí toca com o dedo. Tala de buriti novo, verde.” (D. Arcanja)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8.11.ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

Executante	Atividade
Imperador	Limpeza da casa do imperador, onde ocorreu o arremate: <i>“Depois que a festa acaba, aí todo mundo pra casa, curar essas ressacas lá. Limpar a casa, só sobra pro dono da casa mesmo. E tem o vizinho, que ajuda.”</i> (Antônio Ferro velho)

9. PÚBLICO

DESCRIÇÃO
O público da folia é composto basicamente pelos moradores do assentamento e por parentes que vivem em regiões próximas. Algumas pessoas podem acompanhar a folia a cavalo, até como pagamento de promessa. É comum, também, a presença de parentes e amigos que moram em cidades mais distantes como Brasília, por exemplo. <i>“É o pessoal do assentamento. Final de ano sempre vem um pessoal de Brasília, o pessoal da gente que mora aqui e vai pra lá trabalhar, eles vem nessa época pra aproveitar, no final do ano da muita gente.”</i> (Antônio Ferro Velho)

10. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO

11. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

--

12. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

12.1.DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

12.2.REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

12.3.REGISTROS FOTOGRÁFICOS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

13. OBSERVAÇÕES

13.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

13.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

13.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

14. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

Questionários analisados			
Pesquisador(es)	THAÍS TEIXEIRA DE SIQUEIRA E HELENA OLIVEIRA		
Supervisor			
Redator	Thaís Teixeira de Siqueira	DATA	
Responsável pelo inventário			

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	--	--	06	F1-	A1
	UF	SÍLIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

ANEXO

BIBLIOGRAFIA

1. LIVROS E OUTRAS PUBLICAÇÕES NÃO SERIADAS

Referência	Assunto	Onde encontrar	Nº
ARAÚJO, Alceu Maynard. - BRASIL, HISTÓRIAS, COSTUMES E LENDAS - Editora Três - SP - 1993.	1. Cultura popular 2. História do Brasil	Bibliotecas Públicas	1
AZEVEDO, Téo. - CULTURA POPULAR NO NORTE DE MINAS - S/editora - 1979.	1. Cultura popular 2. Festas Populares	Bibliotecas Públicas	2
BRANDÃO, Carlos Rodrigues. <i>A festa do santo preto</i> . Goiânia-GO: Editora da UFG, 1985.	1. Folia 2. Congado	Bibliotecas Públicas	3
BRANDÃO, Carlos Rodrigues. "O Desencanto do Outro". In: <i>Anuário Antropológico/91</i> . Rio de Janeiro-RJ: Edições Tempo Brasileiro, 1993.	1. Cultura Popular 2. Etnologia indígena e Campesinato 3. Festas Religiosas	Bibliotecas Públicas	4
BRANDÃO, Carlos Rodrigues. <i>Memória/sertão</i> – cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão. São Paulo: Editorial Cone Sul, Editora da Universidade de Uberaba, 1998.	4. Memória 5. Sertão 6. Cultura	Bibliotecas Públicas	5
BRANDÃO, Carlos Rodrigues. <i>Os nomes – escritos sobre o outro</i> . Campinas: Mercado das Letras, 1999.	1. Alteridade	Bibliotecas Públicas	6
BRANDÃO, Carlos Rodrigues. "como se diz o outro". In: AGUIAR, F. (Org.) <i>Antonio Candido: pensamento e militância</i> . São Paulo: Humanitas, Perseu Abramo, 1999.	1. Alteridade 2. Literatura	Bibliotecas Públicas	7
BRANDÃO, Carlos Rodrigues. <i>São Francisco meu destino</i> – lendas e contos de rio e de beira-rio seguidos de cantório, falatório e gestuário em uma cena e um ato. Campinas: Mercado das Letras, 2003.	1. Lendas Populares 2. Cantórios	Bibliotecas Públicas	8
BRANDÃO, Carlos Rodrigues - O QUE É FOLCLORE - Editora Brasiliense - SP - s/data.	1. Folclore 2. Cultura popular	Bibliotecas Públicas	9
BRANDÃO, Théo. - O REISADO ALAGOANO - Separata da Revista do Arquivo Municipal nº CLV - Departamento de Cultura - SP - 1953.	1. Reisado 2. Festas Populares	Bibliotecas Públicas	10
CALAFIORI, Luiz Ferreira. SOUZA, Jayme Antônio De. - MANUAL DE FOLIA DE REIS - Editora Resenha - SP - 1ª edição - 1993.	1. Folia de Reis 2. Festas religiosas	Bibliotecas Públicas	11
CÂMARA CASCUDO, Luís da. <i>Dicionário do Folclore Brasileiro</i> . 10ª edição Rio de Janeiro-RJ: Ediouro, s/d.	1. Folclore 2. Folias	Bibliotecas Públicas	12
CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. – FOLCLORE EM SOROCABA – PMS – 1999.	1. Folclore	Bibliotecas Públicas	13

ANEXO : BIBLIOGRAFIA		--	--	--	--	F1-	A1
----------------------	--	----	----	----	----	-----	----

CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. <i>Nos Passos da Folia de Reis</i> . Publicado no site da web: http://www.crearte.com.br/carlos_textos_t05.htm . s/d	1. Folia de Reis 2. Festas Religiosas	http://www.crearte.com.br/carlos_textos_t05.htm	14
CORRÊA, Roberto, Marchi, Lia e Saenger, Juliana. <i>Tocadores – Homem, Terra, Música Cordas</i> . Brasília: Olaria, 2002.	1. Viola e tocadores de viola 2. Tradição oral e cultura popular	Bibliotecas Públicas	15
GALVÃO, Gilberto N. - FOLIA DE REIS in ARTISTAS E FESTAS POPULARES - Editora Brasiliense - SP - 1977 - pág. 59-66.	3. Folias de reis 4. Festas populares	Bibliotecas Públicas	16
GÓES, Carlos. - HISTÓRIAS DA TERRA MINEIRA - Livraria Garnier - RJ/MG - 1994.	1. Cultura Popular 2. História regional	Bibliotecas Públicas	17
GUÉRIOS, Prof. Rosário Farâni Mansur. - NOMES E SOBRENOMES - Editora Ave Maria - SP - 4ª ed. - 1994.	1. Parentesco	Bibliotecas Públicas	18
MEARS, Henrietta C. - ESTUDO PANORÂMICO DA BÍBLIA - Editora Vida - SP - 9ª impressão - 1997.	1. Teologia 2. Religião	Bibliotecas Públicas	19
MELO, Oliveira. - MINHA TERRA: SUAS LENDAS E FOLCLORE - S/editora - 1970.	1. Folclore 2. Lendas	Bibliotecas Públicas	20
MORAES FILHO, Mello. - FESTAS E TRADIÇÕES POPULARES DO BRASIL - Livraria Itatiaia/EDUSP - 1979.	1. Festas populares 2. Cultura popular	Bibliotecas Públicas	21
PELLEGRINI FILHO, Américo. - FOLCLORE PAULISTA - Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo/Editora Cortez - SP - 1985.	1. Folclore 2. Cultura Popular	Bibliotecas Públicas	22
PORTO, Guilherme. - AS FOLIAS DE REIS NO SUL DE MINAS - Funarte/INF - RJ - 1982.	1. Folia de Reis	Bibliotecas Públicas	23
ROSA, J. G. <i>Grande sertão: veredas</i> . 7.ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1970.	1. Literatura popular 2. Lendas e causos	Bibliotecas Públicas	24
ROSA, J. G. Manuelzão e Miguilim. In: _____. <i>Obras completas</i> . Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.	1. Literatura popular 2. Lendas e causos	Bibliotecas Públicas	25
SANTOS, Gilmar Ribeiro dos. (Org.). <i>Trabalho, Cultura e Sociedade no Norte/Nordeste de Minas – Considerações a partir das Ciências Sociais</i> . Montes Claros: Best Comunicação e Marketing, 1997.	1. Cultura sertaneja 2. Trabalho rural	Bibliotecas Públicas	26
SOUZA, Maria Eremita De. - UMA FOLIA DE REIS NO VELHO SERRO - material publicado na página FOLCLORE ART da Internet..	3. Folia de reis 4. Festas populares	Bibliotecas Públicas	27
CHAVES, Wagner e FONSECA, Edilberto – SONS DE COURO E CORDAS: INSTRUMENTOS MUSICAIS TRADICIONAIS DE SÃO FRANCISCO/MG – Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2005.	1. Instrumentos Tradicionais	Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular	28

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	--	--	--	--	F1-	A1
-----------------------------	----	----	----	----	------------	-----------

2. PUBLICAÇÕES SERIADAS

Referência	Assunto	Onde encontrar	Nº
Brandão, Carlos Rodrigues. Travessias do grande sertão . <i>Estud. av.</i> , 2006, vol.20, no.58, p.29-46	1. Grande sertão Veredas 2. Cultura Popular	www.scielo.br	29
Brandão, Carlos Rodrigues. A Memória no Outono . <i>Psicol. USP</i> , 1998, vol.9, no.2, p.297-310.	1. Memória e identidade	www.scielo.br	30
Brandão, Carlos Rodrigues. Fronteira da fé: alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje . <i>Estud. av.</i> , Dez 2004, vol.18, no.52, p.261-288.	1. Religião 2. Festas Religiosas	www.scielo.br	31

3. PEQUENOS IMPRESSOS (FOLDERS, CARTAZES, ETC.)

Referência	Assunto	Onde encontrar	Nº
			32
			33
			34

4. TEXTOS INÉDITOS, RELATÓRIOS TÉCNICOS E MANUSCRITOS

Referência	Assunto	Onde encontrar	Nº
INRC “Viola De Dez Cordas”. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Dezembro de 2005.	Inventário das Folias e Viola de Dez Cordas. Amplo levantamento bibliográfico sobre o tema.	CNFCP	35
“Programa Grande Sertão Veredas - levantamento Sócio-econômico das comunidades localizadas no Parque Nacional Grande Sertão Veredas”. FUNATURA: junho de 1998.	Levantamento Sócio-econômico das comunidades localizadas no Parque Nacional Grande Sertão Veredas	FUNATURA	36
Aplicação do INRC da População do Assentamento São Francisco Oriunda do PNGSV-MG FUNATURA/IPHAN: Brasília, novembro de 2005.	Levantamento preliminar dos bens culturais imateriais da População do Assentamento São Francisco Oriunda do PNGSV-MG.	FUNATURA	37

5. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

Pesquisador(es)	Thaís Teixeira de Siqueira e Helena Oliveira		
Supervisor	César Victor do Espírito Santo		
Preenchido por	Thaís Teixeira de Siqueira	Data 31/01/2007	
Responsável pelo inventário	FUNATURA		

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS ANEXO REGISTROS AUDIOVISUAIS	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	01	06	F1-	A2
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. FOTOGRAFIA E ARTES VISUAIS

1.1 INSTRUMENTOS – PASTA CHAMADA ‘INSTRUMENTOS’, COM SUBPASTAS ‘D.ARCANJA’ E ‘FAZ.GENTIO’ (PARA LOCALIZAÇÃO)

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INSTRU_caixa1_LG	DATA	13/10/2006	1
ASSUNTO	Instrumento			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Caixa do Pela-Porco – amarrações, cambitos e cravelha.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Arcanja – região do Carinhanha			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INSTRU_caixa3_LG	DATA	13/10/2006	2
ASSUNTO	Instrumento			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Caixa do Pela-Porco – detalhe pra ‘resposta’.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Arcanja – região do Carinhanha			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INSTRU_caixa_Pela-porco_LG	DATA	13/10/2006	3
ASSUNTO	Instrumento			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Caixa do Pela-Porco			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Arcanja – região do Carinhanha			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INSTRU_roda_violão e caixa_Idelino e Pela-porco_LG	DATA	13/10/2006	4
ASSUNTO	Instrumento			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Detalhe do Idelino com o violão e Pela-porco com a caixa ao fundo. Detalhe da roda.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Arcanja – região do Carinhanha			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INSTRU_roda_violão e caixa_LG	DATA	13/10/2006	5
ASSUNTO	Instrumento			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DESCRIÇÃO TÉCNICA	Violão e caixa encostados na roda.
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Arcanja – região do Carinhanha
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INSTRU_roda_violão e caixa_Nêga_LG	DATA	13/10/2006	6
ASSUNTO	Instrumento			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Violão e caixa encostados na roda com Nega ao fundo.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Arcanja – região do Carinhanha			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INSTRU_violão e caixa_Idelino e Pela-porco_LG	DATA	13/10/2006	7
ASSUNTO	Instrumento			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Detalhes do Idelino segurando o violão e Pela-porco com a caixa.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Arcanja – região do Carinhanha			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INSTRU_violão_mão Idelino_LG	DATA	13/10/2006	8
ASSUNTO	Instrumento			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Mão do Idelino apoiando no violão.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Arcanja. – região do Carinhanha			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INSTRU_violão_corpo_Idelino_LG	DATA	13/10/2006	9
ASSUNTO	Instrumento			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Corpo do violão apoiado no pé do Idelino.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Arcanja – região do Carinhanha			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INST-PES_Pela-porco e caixa1_LG	DATA	13/10/2006	10
ASSUNTO	Instrumento e músico			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Pela-porco e sua caixa.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Arcanja – região do Carinhanha			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INST-PES_Pela-porco e caixa 2_LG	DATA	13/10/2006	11
ASSUNTO	Instrumento e músico			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Pela-porco e sua caixa.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Arcanja – região do Carinhanha			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INSTRU_caixa1_Tecílio_LG	DATA	12/10/2006	12
ASSUNTO	Instrumento			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Caixa do S. Tecílio – amarrações, cravelha, resposta e cambito na mão dele. Dona Nica ao fundo.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INSTRU_caixa3_Tecílio_LG	DATA	12/10/2006	13
ASSUNTO	Instrumento			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Caixa do S. Tecílio. Detalhe da amarração e do cambito.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INSTRU_caixa4_Tecílio_LG	DATA	12/10/2006	14
ASSUNTO	Instrumento			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Caixa do S. Tecílio. Detalhe da 'resposta'.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INSTRU_caixa5_Tecílio_LG	DATA	12/10/2006	15
ASSUNTO	Instrumento			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Caixa do S. Tecílio. Detalhe da 'resposta' e da 'cravelha'.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INSTRU_caixa6_Tecílio_LG	DATA	12/10/2006	16
ASSUNTO	Instrumento			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Caixa do S. Tecílio. Detalhe da cravelha.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

AUTOR / FONTE	Lana Guimarães
----------------------	----------------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INSTRU_caixa e pandeiro_LG	DATA	12/10/2006	17
ASSUNTO	Instrumento			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Caixa e pandeiro sendo tocados.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INST-PES_ S. Tecílio Preto e Gumercindo_LG	DATA	14/09/2006	18
ASSUNTO	Instrumento e músico			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	S. Tecílio tocando a caixa e Gumercindo ao fundo.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INST-PES_Pela-porco_LG	DATA	14/09/2006	19
ASSUNTO	Instrumento e músico			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Pela-porco tocando violão na casa do Sr. Oneandro.			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Sr. Oneandro – Assentamento, Faz. São Francisco.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INST-PES_Pela-porco e S. Oneandro1_LG	DATA	14/09/2006	20
ASSUNTO	Instrumento e músico			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Pela-porco tocando violão. Parede de adobe ao fundo.			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Seu Oneandro. – Assentamento, Faz. São Francisco.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INST-PES_Pela-porco e S. Oneandro1_LG	DATA	14/09/2006	21
ASSUNTO	Instrumento e músico			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Pela-porco tocando violão e S.Oneandro no pandeiro.			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Seu Oneandro. – Assentamento, Faz. São Francisco.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INST-PES_Pela-porco e S. Oneandro2_LG	DATA	14/09/2006	22
ASSUNTO	Instrumento e músico			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DESCRIÇÃO TÉCNICA	Pela-porco tocando violão e S.Oneandro no pandeiro.
LOCALIZAÇÃO	Casa do Seu Oneandro. – Assentamento, Faz. São Francisco.
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INST-PES_Quinquinha e Ferro Véio_HO	DATA	09/12/2006	23
ASSUNTO	Instrumento e músico			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Joaquim (Quinquinha) tocando sanfona e Ferro Véio segurando pandeiro.			
LOCALIZAÇÃO	Rancho Comunitário na Sede do Assentamento São Francisco			
AUTOR / FONTE	Helena Oliveira			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INST-PES_Idelino e S.Tasso_HO	DATA	09/12/2006	24
ASSUNTO	Instrumento e músico			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Seu Tasso no violão, Idelino na sanfona e Quinquinha no triângulo.			
LOCALIZAÇÃO	Rancho Comunitário na Sede do Assentamento São Francisco			
AUTOR / FONTE	Helena Oliveira			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INST-PES_ S.Tasso e Ferro Véio_HO	DATA	09/12/2006	25
ASSUNTO	Instrumento e músico			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Seu Tasso na viola e Ferro Véio no cavaquinho.			
LOCALIZAÇÃO	Rancho Comunitário na Sede do Assentamento São Francisco			
AUTOR / FONTE	Helena Oliveira			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	INST-PES_S.Tasso e violão_HO	DATA	09/12/2006	26
ASSUNTO	Instrumento e músico			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Seu Tasso afinando o violão.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Nica. – Assentamento, Faz. São Francisco.			
AUTOR / FONTE	Helena Oliveira			

1.2 GRAVAÇÃO DAS MÚSICAS – PASTA CHAMADA ‘GRAVAÇÕES’, COM SUBPASTAS ‘D.ARCANJA’ E ‘FAZ.GENTIO’ (PARA LOCALIZAÇÃO).

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_D.Arcanja e Gumercindo 1_LG	DATA	13/10/2006	27
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	D.Arcanja e Gumercindo cantando para gravação.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhonha.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

AUTOR / FONTE	Lana Guimarães
----------------------	----------------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_D.Arcanja e Gumerindo 2_LG	DATA	13/10/2006	28
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	D.Arcanja e Gumerindo cantando para gravação.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_D.Arcanja e Gumerindo 3_LG	DATA	13/10/2006	29
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	D.Arcanja e Gumerindo cantando para gravação.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_D.Arcanja e Gumerindo 4_LG	DATA	13/10/2006	30
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	D.Arcanja e Gumerindo cantando para gravação.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_D.Arcanja e Gumerindo 5_LG	DATA	13/10/2006	31
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	D.Arcanja e Gumerindo cantando para gravação.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_D.Arcanja e Gumerindo 9_LG	DATA	13/10/2006	32
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	D.Arcanja e Gumerindo cantando para gravação.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_D.Arcanja, Gugu,S.Tasso,Idelino 2_LG	DATA	13/10/2006	33
ASSUNTO	Gravação das músicas			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DESCRIÇÃO TÉCNICA	D.Arcanja, Gumerindo, S. Tasso e Idelino cantando para gravação.
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_D.Arcanja, Gugu,S.Tasso,Idelino 4_LG	DATA	13/10/2006	34
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	D.Arcanja, Gumerindo, S. Tasso e Idelino cantando para gravação.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_D.Arcanja, Gugu,S.Tasso,Idelino 5_LG	DATA	13/10/2006	35
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	D.Arcanja, Gumerindo, S. Tasso e Idelino cantando para gravação.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_D.Arcanja, Gugu,S.Tasso_LG	DATA	13/10/2006	36
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	D.Arcanja, Gumerindo e S. Tasso cantando para gravação.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_Gumerindo e S.Tasso 1_LG	DATA	13/10/2006	37
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Gumerindo e S. Tasso cantando para gravação.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_Gumerindo e S.Tasso 2_LG	DATA	13/10/2006	38
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Gumerindo e S. Tasso cantando para gravação.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_Gumerindo e S.Tasso 3_LG	DATA	13/10/2006	39
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Gumerindo e S. Tasso cantando para gravação.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_Gumerindo e S.Tasso 4_LG	DATA	13/10/2006	40
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Gumerindo e S. Tasso cantando para gravação.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_Gumerindo e S.Tasso 5_LG	DATA	13/10/2006	41
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Gumerindo e S. Tasso cantando para gravação.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_Gumerindo e S.Tasso 6_LG	DATA	13/10/2006	42
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Gumerindo e S. Tasso cantando para gravação.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_Gumerindo e S.Tasso_Júlia_LG	DATA	13/10/2006	43
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Gumerindo e S. Tasso cantando para gravação. A criança Júlia observando.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_Idelino e S.Tasso_LG	DATA	13/10/2006	44
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Idelino e S.Tasso cantando para gravação.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

AUTOR / FONTE	Lana Guimarães
----------------------	----------------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_Pela-porco e Idelino2_LG	DATA	13/10/2006	45
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Pela-porco e Idelino cantando para gravação.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_Pela-porco e Idelino3_LG	DATA	13/10/2006	46
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Pela-porco e Idelino cantando para gravação.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_casa de farinha 2_LG	DATA	13/10/2006	47
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	S.Tasso tocando na frente, Roberto Correa nos fundos. Mais Júlia(criança), Márcio e Gumerindo.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_casa de farinha 3_LG	DATA	13/10/2006	48
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Roberto Correa gravando, Idelino encostado na roda, Gumerindo e S.Tasso cantando no fundo.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_casa de farinha 4_LG	DATA	13/10/2006	49
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Roberto Correa gravando Gumerindo e S.Tasso.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_casa de farinha 5_LG	DATA	13/10/2006	50
------------------------------	--------------------------	-------------	------------	-----------

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

ASSUNTO	Gravação das músicas
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Todos conversando na casa de farinha num intervalo da gravação.
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_casa de farinha 6_LG	DATA	13/10/2006	51
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Roberto Correa gravando S.Tasso e Idelino.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_casa de farinha 7_LG	DATA	13/10/2006	52
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Nêga observando a gravação.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_detalhe pés 1_LG	DATA	13/10/2006	53
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Pés dos suportes de microfone.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_detalhe pés 2_LG	DATA	13/10/2006	54
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Pés dos suportes de microfone com os pés da D.Arcanja (no momento do canto e gravação).			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_detalhe pés 3_LG	DATA	13/10/2006	55
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Pés dos suportes de microfone com os pés da D.Arcanja (no momento do canto e gravação).			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_ lundu 1_LG	DATA	13/10/2006	56
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Idelino tocando, S.Tasso levantando o chapéu e demais cantando.Roberto Correa gravando.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_ lundu 2_LG	DATA	13/10/2006	57
ASSUNTO	Gravação das músicas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Idelino tocando, Gumercindo e Pela-porco cantando e Taís segurando microfone.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_galpão_escutando3_LG	DATA	12/10/2006	58
ASSUNTO	Gravação das músicas.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	No galpão da Faz. Gentio, as pessoas escutam as gravações feitas anteriormente (o aparelho está no centro da roda).			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_galpão_escutando4_LG	DATA	12/10/2006	59
ASSUNTO	Gravação das músicas.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	No galpão da Faz. Gentio, as pessoas escutam as gravações feitas anteriormente.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_galpão_escutando5_LG	DATA	12/10/2006	60
ASSUNTO	Gravação das músicas.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	No galpão da Faz. Gentio, as pessoas escutam as gravações feitas anteriormente.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_gravação1_LG	DATA	12/10/2006	61
ASSUNTO	Gravação das músicas.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DESCRIÇÃO TÉCNICA	Da esquerda pra direita: Gualdino (em pé), S. Tasso, Júlia e D. Nica (sentados) Aldelino, Tecílio e Roberto Correa.
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_gravação2_LG	DATA	12/10/2006	62
ASSUNTO	Gravação das músicas.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Roberto Correa, Gumerindo, Tecílio (com caixa) e Gualdino (de chapéu).			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_gravação3_LG	DATA	12/10/2006	63
ASSUNTO	Gravação das músicas.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Pausa para gravação.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_gravação4_LG	DATA	12/10/2006	64
ASSUNTO	Gravação das músicas.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Tecílio com caixa a direita. D. Nica e Júlia sentadas.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_gravação6_gerações1_LG	DATA	12/10/2006	65
ASSUNTO	Gravação das músicas.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	D. Nica e Júlia batendo no pandeiro.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	GRA_gravação6_gerações2_LG	DATA	12/10/2006	66
ASSUNTO	Gravação das músicas.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	D. Nica e Júlia escutando o pandeiro.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

1.3 BRINCADEIRA DE RODA – PASTA CHAMADA ‘RODAS’

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_lundu 1_LG	DATA	13/10/2006	67
ASSUNTO	Brincadeira de Roda			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Dança do ‘lundu’: componentes pares (há um momento na dança que se desenvolve um trançado em pares), alguns tocam (violão, pandeiro, caixa) e outros dançam. Tocam-se palmas e sapateiam.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_lundu 2_LG	DATA	13/10/2006	68
ASSUNTO	Brincadeira de Roda			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Dança do ‘lundu’: componentes pares (há um momento na dança que se desenvolve um trançado em pares), alguns tocam (violão, pandeiro, caixa) e outros dançam. Tocam-se palmas e sapateiam.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_lundu 3_LG	DATA	13/10/2006	69
ASSUNTO	Brincadeira de Roda			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Dança do ‘lundu’: componentes pares (há um momento na dança que se desenvolve um trançado em pares), alguns tocam (violão, pandeiro, caixa) e outros dançam. Tocam-se palmas e sapateiam.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_lundu 4_LG	DATA	13/10/2006	70
ASSUNTO	Brincadeira de Roda			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Dança do ‘lundu’: componentes pares (há um momento na dança que se desenvolve um trançado em pares), alguns tocam (violão, pandeiro, caixa) e outros dançam. Tocam-se palmas e sapateiam.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_lundu 5_LG	DATA	13/10/2006	71
ASSUNTO	Brincadeira de Roda			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DESCRIÇÃO TÉCNICA	Dança do 'lundu': componentes pares (há um momento na dança que se desenvolve um trançado em pares), alguns tocam (violão, pandeiro, caixa) e outros dançam. Tocam-se palmas e sapateiam.
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Arcanja – região do Carinhanha.
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_lundu 6_LG	DATA	13/10/2006	72
ASSUNTO	Brincadeira de Roda			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Dança do 'lundu': componentes pares (há um momento na dança que se desenvolve um trançado em pares), alguns tocam (violão, pandeiro, caixa) e outros dançam. Tocam-se palmas e sapateiam.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_lundu 7_LG	DATA	13/10/2006	73
ASSUNTO	Brincadeira de Roda			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Dança do 'lundu': componentes pares (há um momento na dança que se desenvolve um trançado em pares), alguns tocam (violão, pandeiro, caixa) e outros dançam. Tocam-se palmas e sapateiam.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_lundu 8_LG	DATA	13/10/2006	74
ASSUNTO	Brincadeira de Roda			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Dança do 'lundu': componentes pares (há um momento na dança que se desenvolve um trançado em pares), alguns tocam (violão, pandeiro, caixa) e outros dançam. Tocam-se palmas e sapateiam. Enxergar			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_dança ombros1_LG	DATA	12/10/2006	75
ASSUNTO	Brincadeira de Roda			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Dança conhecida como 'Carneiro', os dançarinos (principalmente mulheres) batem seus ombros: duas vezes com direito, depois esquerdo, depois trocam de par.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_dança ombros2_LG	DATA	12/10/2006	76
------------------------------	----------------------	-------------	------------	-----------

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

ASSUNTO	Brincadeira de Roda
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Dança conhecida como 'Carneiro', os dançarinos (principalmente mulheres) batem seus ombros: duas vezes com direito, depois esquerdo, depois trocam de par.
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio.
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_dança ombros3_LG	DATA	12/10/2006	77
ASSUNTO	Brincadeira de Roda			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Dança conhecida como 'Carneiro', os dançarinos (principalmente mulheres) batem seus ombros: duas vezes com direito, depois esquerdo, depois trocam de par.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_dança roda_círculo1_LG	DATA	12/10/2006	78
ASSUNTO	Brincadeira de Roda			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Dança de roda tradicional, de mãos dadas, nos dois sentidos da roda, ao som de várias músicas / ritmos.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_dança roda_círculo2_LG	DATA	12/10/2006	79
ASSUNTO	Brincadeira de Roda			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Dança de roda tradicional, de mãos dadas, nos dois sentidos da roda, ao som de várias músicas / ritmos.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_dança roda_círculo3_LG	DATA	12/10/2006	80
ASSUNTO	Brincadeira de Roda			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Dança de roda tradicional, de mãos dadas, nos dois sentidos da roda, ao som de várias músicas / ritmos.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_dança roda_círculo4_LG	DATA	12/10/2006	81
ASSUNTO	Brincadeira de Roda			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DESCRIÇÃO TÉCNICA	Dança de roda tradicional, de mãos dadas, nos dois sentidos da roda, ao som de várias músicas / ritmos.
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio.
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_dança roda_círculo5_LG	DATA	12/10/2006	82
ASSUNTO	Brincadeira de Roda			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Dança de roda tradicional, de mãos dadas, nos dois sentidos da roda, ao som de várias músicas / ritmos.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_dança roda_trançado 1_LG a ROD_dança roda_trançado 19_LG	DATA	12/10/2006	83
ASSUNTO	Brincadeira de Roda			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Para esta dança é necessário um número par de participantes, preferencialmente o mesmo número de mulheres e homens. Inicia-se com duas filas paralelas e o primeiro e primeira de cada fila puxam a dança, iniciando o trançado, e os demais seguem (fotos ROD_dança roda_trançado 1 e 2) . Assim, forma-se o círculo de trançado, naturalmente. A dança é possível ao som de alguns cantos tradicionais, como 'Tamanduá' e 'Caninha Verde'.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_dança_fila1_LG	DATA	12/10/2006	84
ASSUNTO	Brincadeira de Roda			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Organização da fila para iniciar a dança.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_dança_fila2_LG	DATA	12/10/2006	85
ASSUNTO	Brincadeira de Roda			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Organização da fila para iniciar a dança.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_dança_fila homens_LG	DATA	12/10/2006	86
ASSUNTO	Brincadeira de Roda			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DESCRIÇÃO TÉCNICA	Na organização da fila para iniciar a dança, a fila dos homens.
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio.
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_dança_fila mulheres_LG	DATA	12/10/2006	87
ASSUNTO	Brincadeira de Roda			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Na organização da fila para iniciar a dança, a fila dos homens.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_galpão 1_LG	DATA	12/10/2006	88
ASSUNTO	Brincadeira de Roda			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Local de realização da brincadeira, ao mesmo tempo em que as músicas estão sendo tocadas e gravadas.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_galpão 2_LG	DATA	12/10/2006	89
ASSUNTO	Brincadeira de Roda			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Local de realização da brincadeira, ao mesmo tempo em que as músicas estão sendo tocadas e gravadas.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_Forró 1_HO	DATA	09/12/2006	90
ASSUNTO	Brincadeira de Roda			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Músicos tocando pandeiro, sanfona e triângulo e pessoas dançando forró ao fundo, durante a confraternização de fim de ano da comunidade.			
LOCALIZAÇÃO	Rancho Comunitário na Sede do Assentamento São Francisco			
AUTOR / FONTE	Helena Oliveira			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	ROD_Forró 2_HO	DATA	09/12/2006	91
ASSUNTO	Brincadeira de Roda			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DESCRIÇÃO TÉCNICA	Músicos tocando pandeiro, sanfona, violão e triângulo e pessoas dançando forró ao fundo, durante a confraternização de fim de ano da comunidade.
LOCALIZAÇÃO	Rancho Comunitário na Sede do Assentamento São Francisco
AUTOR / FONTE	Helena Oliveira

1.4 PROCESSO DE BENFEITORIA DA MANDIOCA – PASTA ‘MANDIOCA’.

TÍTULO OU LOCALIZADOR	MAND_1 plantação_LG a MAND_3 plantação_LG	DATA	14/09/2006	92
ASSUNTO	Mandioca			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Terreno de plantação de mandioca, com garotos atrás.			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Sr. Oneandro e D. Júlia – Assentamento, Faz. São Francisco			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	MAND_4 plantação_folha_LG e MAND_5 plantação_folha_LG	DATA	14/09/2006	93
ASSUNTO	Mandioca			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Detalhe da folha do ‘pé’ de mandioca.			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Sr. Oneandro e D. Júlia – Assentamento, Faz. São Francisco			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	MAND_6 colhendo_LG a MAND_9 colhendo_LG	DATA	14/09/2006	94
ASSUNTO	Mandioca			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Garotos arrancando a mandioca.			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Sr. Oneandro e D. Júlia – Assentamento, Faz. São Francisco			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	MAND_10 separando_LG a MAND_15 separando_LG	DATA	14/09/2006	95
ASSUNTO	Mandioca			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Separação de cada mandioca do ‘pé’.			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Sr. Oneandro e D. Júlia – Assentamento, Faz. São Francisco			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	MAND_16_LG a MAND_18_LG	DATA	14/09/2006	96
ASSUNTO	Mandioca			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Detalhes da mandioca.			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Sr. Oneandro e D. Júlia – Assentamento, Faz. São Francisco			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	MAND_19 pontas secando_LG a MAND_21 pontas secando_LG	DATA	14/09/2006	97
ASSUNTO	Mandioca			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	As pontas da mandiocas são separadas e colocadas ao sol, para servir posteriormente de alimento pro gado.			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Sr. Oneandro e D. Júlia – Assentamento, Faz. São Francisco			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	MAND_22 descascando_HO a MAND_24 descascando_HO	DATA	28/08/2006	98
ASSUNTO	Mandioca			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Mulheres na casa de farinha, descascando as mandiocas.			
LOCALIZAÇÃO	Casa de Farinha Comunitária, no Assentamento São Francisco.			
AUTOR / FONTE	Helena Oliveira			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	MAND_25 descascadas_HO	DATA	28/08/2006	99
ASSUNTO	Mandioca			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Mandiocas na bacia descascadas.			
LOCALIZAÇÃO	Casa de Farinha Comunitária, no Assentamento São Francisco.			
AUTOR / FONTE	Helena Oliveira			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	MAND_26 para moer_HO e MAND_27 para moer_HO	DATA	28/08/2006	100
ASSUNTO	Mandioca			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Mandiocas sendo preparadas na cevadeira para moer .			
LOCALIZAÇÃO	Casa de Farinha Comunitária, no Assentamento São Francisco.			
AUTOR / FONTE	Helena Oliveira			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	MAND_28 prensando_HO	DATA	28/08/2006	101
------------------------------	----------------------	-------------	------------	------------

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

ASSUNTO	Mandioca
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Mandioca sendo prensada para retirar o caldo e fazer a massa.
LOCALIZAÇÃO	Casa de Farinha Comunitária, no Assentamento São Francisco.
AUTOR / FONTE	Helena Oliveira

TÍTULO OU LOCALIZADOR	MAND_29 caldo_HO	DATA	28/08/2006	102
ASSUNTO	Mandioca			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Caldo da mandioca que foi prensada.			
LOCALIZAÇÃO	Casa de Farinha Comunitária, no Assentamento São Francisco.			
AUTOR / FONTE	Helena Oliveira			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	MAND_30 massa_HO	DATA	28/08/2006	103
ASSUNTO	Mandioca.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Massa da mandioca.			
LOCALIZAÇÃO	Casa de Farinha Comunitária, no Assentamento São Francisco.			
AUTOR / FONTE	Helena Oliveira			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	MAND_31 produtos_HO	DATA	14/09/2006	104
ASSUNTO	Mandioca			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Produtos da mandioca: beiju, farinha e crueira.			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Sr. Aneandro, Assentamento São Francisco.			
AUTOR / FONTE	Helena Oliveira			

1.5 REZA E FOLIA – PASTA CHAMADA ‘REZA E FOLIA’, COM SUBPASTAS ‘REZA N.S.APARECIDA’ E ‘FOLIA SANTA LUZIA’.

TÍTULO OU LOCALIZADOR	NSA_altar 2_LG a NSA_altar 6_LG	DATA	12/10/2006	105
ASSUNTO	Reza dedicada a Nossa Senhora da Aparecida.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Altar elaborado para N.S.Aparecida: imagens, arranjos de flores, velas e ‘candeeiro’ (a base de cera). Detalhe do cachorro da casa no lado esquerdo do altar, nas fotos 4 e 5.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Rosário, no Grotão.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	NSA_altar e prof 1_LG e NSA_altar e prof 2_LG	DATA	12/10/2006	106
ASSUNTO	Reza dedicada a Nossa Senhora da Aparecida.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Convidado da comunidade rezando ao chegar na casa.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Rosário, no Grotão.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	NSA_reza 0_LG a NSA_reza 10_LG	DATA	12/10/2006	107
ASSUNTO	Reza dedicada a Nossa Senhora da Aparecida.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	A devoção por meio do canto e reza. As rezadoras principais são a D. Rosário (dona da casa, a esquerda das fotos), D. Maria (de blusa branca) e D. Lídia (sentada, atrás).			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Rosário, no Grotão.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	NSA_reza 11_LG a NSA_reza 16_LG	DATA	12/10/2006	108
ASSUNTO	Reza dedicada a Nossa Senhora da Aparecida.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens do espaço onde se realizou a reza, a sala da casa.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Rosário, no Grotão.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	NSA_reza 17_LG	DATA	12/10/2006	109
ASSUNTO	Reza dedicada a Nossa Senhora da Aparecida.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Detalhe das mãos de D. Rosário (no peito) e D. Maria (aberta), como símbolos do 'dar e receber'.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Rosário, no Grotão.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	NSA_imagens parede1_LG a NSA_imagens parede20_LG	DATA	12/10/2006	110
ASSUNTO	Reza dedicada a Nossa Senhora da Aparecida.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	'Decoração' da sala da casa com diversas imagens de santos, 'compondo' com chapéus, toalhas e outros objetos. Obs.: essas imagens ficam constantemente na sala, não foram colocadas por ocasião da reza.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Rosário, no Grotão.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	NSA_imagens parede19_LG	DATA	12/10/2006	111
ASSUNTO	Reza dedicada a Nossa Senhora da Aparecida.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	D. Rosário arrumando uma das imagens.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Rosário, no Grotão.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	StaLuz_Bandeira do Divino1_HO	DATA	25/08/2006	112
ASSUNTO	Folia de Santa Luzia.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Bandeira do Divino Espírito Santo, segurada pela Dona Argemira, com as escritas: "Divino Espírito Santo – A Folia da Fé 2006".			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Ferro Veio, na Fazenda Gentio.			
AUTOR / FONTE	Helena Oliveira			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	StaLuz_Bandeira do Divino2_HO	DATA	25/08/2006	113
ASSUNTO	Folia de Santa Luzia.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Bandeira do Divino Espírito Santo, segurada pelo Ferro Veio, com as escritas: "Folia do Divino Espírito Santo – A Folia da Fé. 2006".			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Ferro Veio, na Fazenda Gentio.			
AUTOR / FONTE	Helena Oliveira			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	StaLuz_Procissão1_HO a StaLuz_Procissão4_HO	DATA	13/12/2006	114
ASSUNTO	Folia de Santa Luzia.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Procissão dos foliões. Detalhe da bandeira de Santa Luzia, segurada pelo Alferes. Acampanham Seu Tasso com o violão, Aldenir no pandeiro, Seu Tecílio preto na caixa e outros.			
LOCALIZAÇÃO	Propriedade do Sr. Alberto, Vereda do Arroz, Assentamento São Francisco.			
AUTOR / FONTE	Helena Oliveira			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	StaLuz_Chegando1_HO e StaLuz_Chegando2_HO	DATA	13/12/2006	115
ASSUNTO	Folia de Santa Luzia.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Chegança da Folia na casa do Sr. Alberto.			
LOCALIZAÇÃO	Propriedade do Sr. Alberto, Vereda do Arroz, Assentamento São Francisco.			
AUTOR / FONTE	Helena Oliveira			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	StaLuz_Reza_HO	DATA	13/12/2006	116
ASSUNTO	Folia de Santa Luzia.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Foliões se preparando para os cantórios.			
LOCALIZAÇÃO	Propriedade do Sr. Alberto, Vereda do Arroz, Assentamento São Francisco.			
AUTOR / FONTE	Helena Oliveira			

1.6 PESSOAS – PASTA CHAMADA ‘PESSOAS’

TÍTULO OU LOCALIZADOR	PES_Aldelino_LG	DATA	12/10/2006	117
ASSUNTO	Pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco, que se fizeram presentes no decorrer do projeto.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Aldelino, um dos músicos que participou das gravações. Toca caixa e pandeiro.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	PES_crianças1_LG	DATA	12/10/2006	118
ASSUNTO	Pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco, que se fizeram presentes no decorrer do projeto.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Crianças que estavam na Reza para Nossa Sra. Aparecida.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Rosário, Grotão.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	PES_crianças2_LG	DATA	12/10/2006	119
ASSUNTO	Pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco, que se fizeram presentes no decorrer do projeto.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Crianças do Assentamento São Francisco, presentes no dia de gravação das músicas de Brincadeira de Roda.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	PES_crianças3_LG	DATA	14/09/2006	120
ASSUNTO	Pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco, que se fizeram presentes no decorrer do projeto.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Neto da D. Maria.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Maria, no Cajueiro.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	PES_D.Arcanja e Irmã1_LG e PES_D.Arcanja e Irmã2_LG	DATA	13/10/2006	121
ASSUNTO	Pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco, que se fizeram presentes no decorrer do projeto.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	D. Arcanja e sua irmã Marião.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D.Arcanja, na região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	PES_D.Arcanja 1_LG a PES_D.Arcanja 7_LG	DATA	13/10/2006	122
ASSUNTO	Pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco, que se fizeram presentes no decorrer do projeto.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Dona Arcanja.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D.Arcanja, na região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	PES_D.Arcanja e Helena_LG	DATA	13/10/2006	123
ASSUNTO	Pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco, que se fizeram presentes no decorrer do projeto.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	D.Arcanja e Helena na cozinha.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D.Arcanja, na região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	PES_D.Arcanja, Marião e S.Tasso_LG	DATA	13/10/2006	124
ASSUNTO	Pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco, que se fizeram presentes no decorrer do projeto.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	D.Arcanja, Marião e S.Tasso no quintal.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D.Arcanja, na região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	PES_D.Arcanja, Marião, S.Tasso e Gugu_LG	DATA	13/10/2006	125
ASSUNTO	Pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco, que se fizeram presentes no decorrer do projeto.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	D.Arcanja, Marião, S.Tasso e Gugu no quintal			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D.Arcanja, na região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	PES_D.Nica,Taís, Regina_LG	DATA	12/10/2006	126
ASSUNTO	Pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco, que se fizeram presentes no decorrer do projeto.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	D.Nica,Taís, Regina, no dia de gravação das cantigas de brincadeira de roda.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	PES_Gaúcho_LG	DATA	13/10/2006	127
ASSUNTO	Pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco, que se fizeram presentes no decorrer do projeto.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Ivan, conhecido como Gaúcho, na cozinha da D.Arcanja.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D.Arcanja, na região do Carinhonha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	PES_Gumerindo1_LG e PES_Gumerindo2_LG	DATA	12 e 13/10/2006	128
ASSUNTO	Pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco, que se fizeram presentes no decorrer do projeto.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Gumerindo, conhecido como Gugu.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Arcanja (foto1) e Fazenda Gentio (foto2).			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	PES_Joaquim - Quinquinha_LG	DATA	12/10/2006	129
ASSUNTO	Pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco, que se fizeram presentes no decorrer do projeto.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Joaquim, conhecido como Quinquinha, no dia de gravação das cantigas de brincadeira de roda.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	PES_moças_LG	DATA	12/10/2006	130
ASSUNTO	Pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco, que se fizeram presentes no decorrer do projeto.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Moças no dia de gravação das cantigas de brincadeira de roda.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	PES_muitas 1_LG e PES_muitas 2_LG	DATA	13/10/2006	131
ASSUNTO	Pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco, que se fizeram presentes no decorrer do projeto.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Músicos, pessoas da comunidade e equipe no quintal da D.Arcanja.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D.Arcanja, na região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	PES_Nêga 1_LG e PES_Nêga 2_LG	DATA	13/10/2006	132
ASSUNTO	Pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco, que se fizeram presentes no decorrer do projeto.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Nega, mulher do Odilon.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D.Arcanja, na região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	PES_Nêga, Pedro Prof, Regina_LG	DATA	13/10/2006	133
ASSUNTO	Pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco, que se fizeram presentes no decorrer do projeto.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Nêga, Pedro Prof, Regina.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D.Arcanja, na região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	PES_no quintal 1_LG e PES_no quintal 2_LG	DATA	13/10/2006	134
ASSUNTO	Pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco, que se fizeram presentes no decorrer do projeto.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Gugu, Taís, D.Arcanja, Marião, Regina, Helena e Lana			
LOCALIZAÇÃO	Quintal da casa da D.Arcanja, na região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	PES_Pedro Prof 1_LG a PES_Pedro Prof 3_LG	DATA	13/10/2006	135
ASSUNTO	Pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco, que se fizeram presentes no decorrer do projeto.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Pedro professor.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D.Arcanja, na região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	PES_S. Tecílio_LG	DATA	12/10/2006	136
ASSUNTO	Pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco, que se fizeram presentes no decorrer do projeto.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Seu Tecílio, conhecido como Tecílio Preto, tocador de caixa.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	PES_S.Eduardo e Galego 1_LG e PES_S.Eduardo e Galego 2_LG	DATA	13/10/2006	137
ASSUNTO	Pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco, que se fizeram presentes no decorrer do projeto.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	S.Eduardo, pai do Idelino e da Nega, e Márcio, conhecido como Galego.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D.Arcanja, na região do Carinhonha			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	PES_S.Tasso1_LG a PES_S.Tasso4_HO	DATA	13/10/2006	138
ASSUNTO	Pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco, que se fizeram presentes no decorrer do projeto.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Otassiano, conhecido como S.Tasso, tocador de viola e puxador de folia.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D.Arcanja, na região do Carinhonha (1 a 3) e Casa da D. Nica (4)			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães (1 a 3) e Helena Oliveira (4)			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	PES_senhora_LG	DATA	12/10/2006	139
ASSUNTO	Pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco, que se fizeram presentes no decorrer do projeto.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Senhora, no dia de gravação das músicas de Brincadeira de Roda.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	PES_marido de Maria e Pedro Prof_LG	DATA	14/09/2006	140
ASSUNTO	Pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco que se fizeram presentes no decorrer do projeto.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Marido da D. Maria e Pedro professor.			
LOCALIZAÇÃO	Casa de D. Maria, no Cajueiro.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

1.7 EQUIPE DE TRABALHO EM CAMPO – PASTA CHAMADA ‘EQUIPE’.

TÍTULO OU LOCALIZADOR	EQUI_HelenaOliveira 1_LG a EQUI_HelenaOliveira 3_LG	DATA	13/10/2006	141
ASSUNTO	Equipe de trabalho em campo			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Helena Oliveira, coordenadora executiva do projeto.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	EQUI_HelenaOliveira e comunidade_LG	DATA	12/10/2006	142
ASSUNTO	Equipe de trabalho em campo			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Helena Oliveira, coordenadora executiva do projeto, junto a comunidade do Assentamento.			
LOCALIZAÇÃO	Fazenda Gentio			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	EQUI_HelenaOliveira e irmãs_LG	DATA	13/10/2006	143
ASSUNTO	Equipe de trabalho em campo			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Helena Oliveira, coordenadora executiva do projeto, junto as irmãs D. Arcanja e Marião.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	EQUI_LanaGuimarães 1_LG e EQUI_LanaGuimarães 2_LG	DATA	12 e 13/10/2006	144
ASSUNTO	Equipe de trabalho em campo			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Perna e pé direito de Lana, fotógrafa. E imagem refletida em espelho na parede.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha (1) e Casa da D. Rosário, no Grotão (2).			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	EQUI_LanaGuimarães e irmãs_HO	DATA	13/10/2006	145
ASSUNTO	Equipe de trabalho em campo.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Lana Guimarães, fotógrafa, junto as irmãs D. Arcanja e Marião.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha			
AUTOR / FONTE	Helena Oliveira			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	EQUI_RobertoCorreia 1_LG a EQUI_RobertoCorreia 4_LG	DATA	12 e 13/10/2006	146
ASSUNTO	Equipe de trabalho em campo.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Roberto Correia gravando as músicas junto a comunidade.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha (1 a 3) e Fazenda Gentio (4).			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	EQUI_Taís e Pela-porco 1_LG e EQUI_Taís e Pela-porco 2_LG	DATA	10/08/2006	147
ASSUNTO	Equipe de trabalho em campo.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Taís Teixeira entrevistando o Pela-porco.			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Sr. Oneandro e D. Júlia, Assentamento São Francisco			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	EQUI_Taís e seu Tasso_HO	DATA	10/08/2006	148
ASSUNTO	Equipe de trabalho em campo.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Taís Teixeira entrevistando seu Tasso.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Nica, Assentamento São Francisco.			
AUTOR / FONTE	Helena Oliveira			

1.8 CENAS DE ELEMENTOS E MOMENTOS – PASTA CHAMADA ‘IMAGENS’.

TÍTULO OU LOCALIZADOR	IMG_bancos de couro 1_LG a IMG_bancos de couro 4_LG	DATA	13/10/2006	149
ASSUNTO	Imagens no sertão.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Antigos bancos com assento de couro com desenhos geométricos.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	IMG_Caipirinha Gualdino1_LG e IMG_Caipirinha Gualdino2_LG	DATA	13/10/2006	150
ASSUNTO	Imagens no sertão.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Gualdino fazendo caipirinha em vasilha de louça.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	IMG_círculo solar1_LG a IMG_círculo solar e árvore 2_LG	DATA	14/09/2006	151
ASSUNTO	Imagens no sertão.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Círculo de luz formado ao redor do sol, que indica chuva próxima.			
LOCALIZAÇÃO	No céu.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	IMG_Fogão 1_LG e IMG_Fogão 2_LG	DATA	13/10/2006	152
ASSUNTO	Imagens no sertão.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fogão antigo, pintado, de ferro e louça, servindo de armário.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja – região do Carinhanha			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	IMG_Quintais 1_LG a IMG_Quintais 3_LG	DATA	14/09/2006 e 13/10/2006	153
ASSUNTO	Imagens no sertão.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Quintais.			
LOCALIZAÇÃO	Casa da D. Maria, Assentamento São Francisco (1) e Casa da Dona Arcanja, região do Carinhanha (2 e 3).			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

2. VÍDEO

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Lundu	DATA	13/10/2006	154
ASSUNTO	Tocadores tocando e dançando o lundu.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Na sala da D. Arcanja, as seguintes pessoas tocavam e dançavam o lundu: Seu Tasso (caixa) Idelino e um parceiro (violão), Odilon (pandeiro), Nega, Gualdino, Pela-porco e Gumercindo (palmas).			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja, região do Carinhanha.			
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Sapateado Lundu	DATA	13/10/2006	155
ASSUNTO	Dança do lundu			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DESCRIÇÃO TÉCNICA	D.Arcanja e Nega sapateando, depois Pela-porco e Gumercindo.
LOCALIZAÇÃO	Casa da Dona Arcanja, região do Carinhonha.
AUTOR / FONTE	Lana Guimarães

3. GRAVAÇÃO SONORA

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Grande Sertão Veredas: Musicalidade das Comunidades Oriundas do Parque Nacional	DATA	26/01/2007	156
ASSUNTO	Gravação sonora de músicas executadas por pessoas da comunidade do Assentamento São Francisco e adjacências – complemento do produto final do projeto			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	CD duplo com 32 faixas contendo encarte informativo com nomes das músicas e breves informações sobre o projeto			
LOCALIZAÇÃO	Gravações feitas nas comunidades São Francisco, Gentio e Cajueiro			
AUTOR / FONTE	Direção musical: Roberto Correa – Autoria das músicas: comunidade São Francisco e domínio popular. Autores: Otaciano Francisco das Neves, Antônio Lopes Batista, Joaquim Barbosa das Neves, Ivalino Paulo Ferreira da Silva, Glinercino Pereira Saraiva, Odilon Pereira Góes, Tercílio Costa Barbosa, Minervina Francisca das Neves, Arcanja Barbosa dos Santos, Aneandro Pereira dos Santos, José Pereira da Silva, Galdino dos Santos, Antônio Geraldo Barbosa.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Entrevistas	DATA	De julho a dezembro/2006	157
ASSUNTO	Entrevistas com a comunidade sobre aspectos relacionados às celebrações e musicalidade			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fitas cassete com gravações de entrevistas			
LOCALIZAÇÃO	Assentamento São Francisco, Comunidade Cajueiro e Carinhonha			
AUTOR / FONTE	DIVERSOS			

4. CD-ROM E OUTROS REGISTROS DIGITAIS

TÍTULO OU LOCALIZADOR		DATA		158
ASSUNTO				
DESCRIÇÃO TÉCNICA				
LOCALIZAÇÃO				
AUTOR / FONTE				

TÍTULO OU LOCALIZADOR		DATA		159
ASSUNTO				
DESCRIÇÃO TÉCNICA				
LOCALIZAÇÃO				
AUTOR / FONTE				

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	MG	01	01	06	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

5. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	HELENA OLIVEIRA, THAÍS TEIXEIRA E LANA GUIMARÃES		
SUPERVISOR	César Victor do Espírito Santo		
PREENCHIDO POR	Lana Guimarães e Helena Oliveira		DATA 31/01/2007
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	FUNATURA		

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS ANEXO CONTATOS	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	01	06	F1-	A4
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Assentamento São Francisco
LOCALIDADE	PA São Francisco e Gentio
MUNICÍPIO / UF	Formoso-MG

2. CONTATOS

NOME	Adão Pereira dos Santos			☒ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	1			
COMO É CONHECIDO(A)	Seu Adão Xeque	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO		☒ MASCULINO ☐ FEMININO				
ENDEREÇO	Comunidade São Francisco e Gentio							
TELEFONE		FAX		E-MAIL				
OCUPAÇÃO	Artesão/Pequeno Produtor							
ONDE NASCEU		DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	3 anos					
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO							
Vassoura de palha de coco cabeçudo								

NOME	Alberto Teixeira dos Santos			☒ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	2								
COMO É CONHECIDO(A)	Seu Alberto	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO		☒ MASCULINO ☐ FEMININO									
ENDEREÇO	Assentamento São Francisco												
TELEFONE		FAX		E-MAIL									
OCUPAÇÃO	Artesão/Pequeno Produtor												
ONDE NASCEU		DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	3 anos										
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO												
Festa de São João do Cajueiro													
Pilão													
Paçoca													

ANEXO : CONTATOS	MG	01	01	06	F1-	A4
-------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

NOME	Andreline Rodrigues de Araújo				☒ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO		3
COMO É CONHECIDO(A)	Andréa	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	22/05/62	☐ MASCULINO ☒ FEMININO			
ENDEREÇO	Comunidade São Francisco e Gentio						
TELEFONE		FAX		E-MAIL			
OCUPAÇÃO	Remedeira/Artesã						
ONDE NASCEU	Arinos-MG		DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE			3 anos	
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO						
Pilão							
Fogão à Lenha							
Remédios naturais							
Temperos							

NOME	Aneandro Pereira dos Santos				☒ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO		4
COMO É CONHECIDO(A)	Seu Aneandro	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	02/07/30	☒ MASCULINO ☐ FEMININO			
ENDEREÇO	Comunidade São Francisco e Gentio						
TELEFONE		FAX		E-MAIL			
OCUPAÇÃO	Pequeno Produtor						
ONDE NASCEU	Januária -MG		DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE			Há 3 anos	
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO						
Canto de Trabalho							
Farinha de mandioca							
Artefatos em couro							
Agricultura de Vereda							

ANEXO : CONTATOS				MG	01	01	06	F1-	A4
-------------------------	--	--	--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

NOME	Ernani Faria				☒ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO		5
COMO É CONHECIDO(A)	Ernani	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	12/05/60	☒ MASCULINO ☐ FEMININO			
ENDEREÇO	Chapada Gaúcha						
TELEFONE		FAX		E-MAIL			
OCUPAÇÃO	Coordenação de campo dos projetos da FUNATURA na região do Parque.						
ONDE NASCEU	Unaí	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE					
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO						
Rio Quebraquinau							
Rio Piratinga							
Liso da Campina							

NOME	Francisca Pereira da Costa				☒ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO		6
COMO É CONHECIDO(A)	Xica	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO		☐ MASCULINO ☒ FEMININO			
ENDEREÇO	Comunidade São Francisco e Gentio						
TELEFONE		FAX		E-MAIL			
OCUPAÇÃO	Artesã						
ONDE NASCEU		DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE					
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO						
Rede de seda de buriti							
Fogão à lenha							

ANEXO : CONTATOS				MG	01	01	06	F1-	A4
-------------------------	--	--	--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

NOME	Ivalino Paulo Ferreira da Silva				☒ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO		7
COMO É CONHECIDO(A)	Idelino	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	21/08/61	☒ MASCULINO ☐ FEMININO			
ENDEREÇO	Comunidade São Francisco e Gentio						
TELEFONE		FAX		E-MAIL			
OCUPAÇÃO	Presidente da Associação Rural sertão veredas/Guarda Parque						
ONDE NASCEU	Formoso-MG	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	3 anos				
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO						
Casa Sede São Francisco							
Ranchos Comunitários							
Casa Sede do Gentio							
Casas Provisórias ou “Ranchos”							
Veredas							

NOME	João Eduardo Ferreira da Silva				☒ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO		8
COMO É CONHECIDO(A)	Seu Eduardo	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	13/10/30	☒ MASCULINO ☐ FEMININO			
ENDEREÇO	Comunidade São Francisco e Gentio						
TELEFONE		FAX		E-MAIL			
OCUPAÇÃO	Aposentado						
ONDE NASCEU	Januária –MG	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	Há 3 anos				
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO						
Festas de Casamento							
Veredas							
Rio Carinhanha							
Rio Quebraquinau							
Rio Piratinga							
Liso da Campina							
Barragem do São Francisco							
Mato Grande							
Sítio do Meio							
Artefatos em couro							
Agricultura de Vereda							

ANEXO : CONTATOS	MG	01	01	06	F1-	A4
-------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

NOME	Laurência Neves Barbosa				☒ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO		9
COMO É CONHECIDO(A)	Dete		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO 		☐ MASCULINO ☒ FEMININO		
ENDEREÇO	Comunidade São Francisco e Gentio						
TELEFONE		FAX		E-MAIL			
OCUPAÇÃO	Artesã						
ONDE NASCEU			DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE				
BEM CULTURAL		OBSERVAÇÃO					
Córrego Gentio							
Esteira de palha de buriti							
Tapete de retalho de pano							
Móveis de buriti							
Chapéu de seda de buriti							
Doce de buriti							
Temperos							

NOME	Márcio Chaves				☒ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO		10
COMO É CONHECIDO(A)	Galego		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO 		☒ MASCULINO ☐ FEMININO		
ENDEREÇO	Formoso-MG						
TELEFONE	(38)36471145	FAX		E-MAIL			
OCUPAÇÃO	Técnico Agrícola da FUNATURA						
ONDE NASCEU	Formoso-MG		DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE				
BEM CULTURAL		OBSERVAÇÃO					
Casa Sede São Francisco							
Ranchos Comunitários							
Casa Sede do Gentio							
Casas Provisórias ou “Ranchos”							
Veredas							

ANEXO : CONTATOS	MG	01	01	06	F1-	A4
-------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

NOME	Maria Barbosa Lisboa				☒ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO		11
COMO É CONHECIDO(A)	Marião	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	23/06/53	☐ MASCULINO ☒ FEMININO			
ENDEREÇO	Comunidade São Francisco e Gentio						
TELEFONE		FAX		E-MAIL			
OCUPAÇÃO	Artesã e Dona de Casa						
ONDE NASCEU	Formoso-MG		DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE			3 anos	
BEM CULTURAL		OBSERVAÇÃO					
Peneira de Taboca							
Móveis de buriti							

NOME	Maria do Carmo Ferreira de Araújo				☒ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO		12
COMO É CONHECIDO(A)	Maria do Louro	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	23/06/53	☐ MASCULINO ☒ FEMININO			
ENDEREÇO	Comunidade São Francisco e Gentio						
TELEFONE		FAX		E-MAIL			
OCUPAÇÃO	Artesã e Dona de Casa						
ONDE NASCEU	Formoso-MG		DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE			3 anos	
BEM CULTURAL		OBSERVAÇÃO					
Peneira de Taboca							
Artesanato em Barro							

ANEXO : CONTATOS				MG	01	01	06	F1-	A4
-------------------------	--	--	--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

NOME	Máximo Vitório de Alkimim				☒ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO		13
COMO É CONHECIDO(A)	Seu Máximo	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	29/05/31	☒ MASCULINO ☐ FEMININO			
ENDEREÇO	Córrego Rasgado						
TELEFONE		FAX		E-MAIL			
OCUPAÇÃO	Remedeiro						
ONDE NASCEU	Januária-mG	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE			3 anos		
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO						
Pilão							
Remédios naturais							

NOME	Minervina Francisca das Neves				☒ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO		14
COMO É CONHECIDO(A)	Dona Nica	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	11/08/33	☐ MASCULINO ☒ FEMININO			
ENDEREÇO	Comunidade São Francisco e Gentio						
TELEFONE		FAX		E-MAIL			
OCUPAÇÃO	Artesã e Dona de Casa						
ONDE NASCEU	Januária	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE			Há 3 anos		
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO						
Festas de Casamento							
Veredas							
Barragem do São Francisco							
Mato Grande							
Córrego taboca							
Sítio do Meio							
Esteira de palha de buriti							
Tapete de retalho de pano							
Móveis de buriti							
Farinha de mandioca							
Temperos							
Agricultura de Vereda							

ANEXO : CONTATOS				MG	01	01	06	F1-	A4
-------------------------	--	--	--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

NOME	Otaciano Pereira das Neves				☒ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO		15
COMO É CONHECIDO(A)	Seu Tácio	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO			☒ MASCULINO ☐ FEMININO		
ENDEREÇO	Comunidade São Francisco e Gentio						
TELEFONE		FAX		E-MAIL			
OCUPAÇÃO	Violeiro, Remedeiro e Folião						
ONDE NASCEU			DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE			3 anos	
BEM CULTURAL		OBSERVAÇÃO					
Festa de São João do Cajueiro							
Tocadores							
Lundu							
Catira							
Curraleira							
Tatu-sobe-pau							
Remédios naturais							

NOME	Petronilho Fonseca Barros				☒ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO		16
COMO É CONHECIDO(A)	Seu Petronilho	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO			☒ MASCULINO ☐ FEMININO		
ENDEREÇO	Sítio do Meio						
TELEFONE		FAX		E-MAIL			
OCUPAÇÃO	Administrador fazenda “Sítio do meio”						
ONDE NASCEU			DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE				
BEM CULTURAL		OBSERVAÇÃO					
Sítio do Meio							

ANEXO : CONTATOS				MG	01	01	06	F1-	A4
-------------------------	--	--	--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

NOME	Silvio Ferreira Neves				☒ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO		17
COMO É CONHECIDO(A)	Seu Silvio	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO			☒ MASCULINO ☐ FEMININO		
ENDEREÇO	Comunidade São Francisco e Gentio						
TELEFONE		FAX		E-MAIL			
OCUPAÇÃO	Pequeno Produtor/Artesão						
ONDE NASCEU			DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE			3 anos	
BEM CULTURAL		OBSERVAÇÃO					
Vassoura de palha de coco cabeçudo							
Casa Veredeira ou “Rancho”							
Cama de bater arroz							
Carro de boi							

NOME	Tercilho Costa Barbosa				☒ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO		18
COMO É CONHECIDO(A)	Seu Tercilho	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO			☒ MASCULINO ☐ FEMININO		
ENDEREÇO	Comunidade São Francisco e Gentio						
TELEFONE		FAX		E-MAIL			
OCUPAÇÃO	Tocador de caixa/Folião						
ONDE NASCEU			DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE				
BEM CULTURAL		OBSERVAÇÃO					
Folia de Reis							
Tocadores							
Casa Veredeira ou “Rancho”							
Móveis de buriti							
Pilão							
Farinha de mandioca							

ANEXO : CONTATOS	MG	01	01	06	F1-	A4
-------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

3. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	HELENA OLIVEIRA E KARINA SOARES CANÊDO		
ASSISTENTE DE CAMPO	ALEXANDRE JORGE PÁDUA		
REGISTRO VISUAL	LANA GUIMARÃES		
SUPERVISOR	CÉSAR VICTOR DO ESPÍRITO SANTO - FUNATURA		
PREENCHIDO POR	KARINA SOARES CANÊDO E HELENA OLIVEIRA	DATA	05/09/05
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	TRÍADE PATRIMÔNIO E TURISMO		

QUESTIONÁRIOS

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	01	06	Q40	001
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. IDENTIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

DATA	12/10/2004	INÍCIO	11:07	TÉRMINO	12:25
ENTREVISTADOR	Thaís Teixeira de Siqueira		SUPERVISOR	César Victor do Espírito Santo	

2. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Assentamento São Francisco
LOCALIDADE	PA São Francisco
MUNICÍPIO / UF	Formoso-MG

3. IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Brincadeiras de Folia, Cantorios, Danças de Roda
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Curraleira, Lundu.

4. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

NOME	Ivalino Paulo Ferreira da Silva			Nº	
COMO É CONHECIDO(A)	Idelino	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	21/08/1961	SEXO	☒ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	PA São Francisco				
TELEFONE		FAX		E-MAIL	
OCUPAÇÃO	Guarda Parque				
ONDE NASCEU	Vereda Três Irmãos Formoso-MG	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	2001		

5. RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	01	Q40	001
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

5.1. QUAL É A SUA RELAÇÃO COM A ATIVIDADE? O QUE FAZ?
“Toco viola e violão e canto”

5.2. COMO, QUANDO, ONDE E COM QUEM APRENDEU ESTA ATIVIDADE?
“Eu aprendi não sei nem com quem foi. Primeiro eu fazia uma viola de braço de buriti, com essas cordas de anzol. Pai sabia uma afinação que chamava “meio-hectar”, aí ele afinava as três cordas. Aí eu afinava, aí eu comprei o violão eu não sabia afinar e afinava só três cordas ficava tocando só três cordas. Aí eu fui pegando, me ensinaram como é que afinava e eu fui pegando. Mas eu não estudei método nenhum. Meu pai nem tinha viola, era só essa viola de buriti que a gente fazia que ele ensinava a gente a tocar. E aí eu fui saindo no giro de folia mais Tasso, eu tinha 14 anos. E aí depois eu comprei o violão e fui girando. Eu já girei mais de 15 anos e depois eu larguei, acho que tem mais de 8 anos que não giro.”

5.3. ENSINA OU ENSINOU A OUTROS?
“Essas coisas a gente não ensina. Isso é pela invocação da pessoa. Às vezes ensina e aprende, porque às vezes tem uma pessoa que sabe mais cantar ou tocar e a gente. Esse negócio de tocar e cantar é pela invocação da pessoa. A pessoa que tem aquela invocação, qualquer coisa que tiver invocação, aprende com pouca lição dos outros. Meus menino mesmo, o mais velho o Ivan já toca um pouquinho, agora o mais novo ele nem pega. O mais pequeno quer ir pro lado do teclado, ir pro lado do forró”

5.4. OUTROS DADOS BIOGRÁFICOS RELEVANTES
Não respondeu.

5.5. PARTICIPA OU PARTICIPOU DE ALGUMA COOPERATIVA OU ASSOCIAÇÃO? CONHECE ALGUMA QUE SEJA ATUANTE NESTA LOCALIDADE?
“Já fui eleito três vezes presidente da Associação dos moradores. Agora eu tô afastado por causa do trabalho como guarda parque, mas mesmo assim ainda ajudo um pouco.”

6. DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

6.1. PERIODICIDADE	Varia de acordo com as celebrações.
---------------------------	-------------------------------------

6.2. ANOS EM QUE PRATICOU EFETIVAMENTE A ATIVIDADE DESDE 1990											
1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☐	☐	☐	☐	☐	☐

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MG****01****01****01****Q40****001****6.3. QUAIS OS MOTIVOS DA ATIVIDADE?**☐ **MEIO DE VIDA** _____☐ **PRÁTICA RELIGIOSA** _____☒ **OUTRAS (SENTIDO LÚDICO, ETC.)** SÃO ASSOCIADAS ÀS FOLIAS E SÃO FEITAS DEPOIS DOS CANTORIOS, QUE ESTÃO NO DOMÍNIO SAGRADO. PORÉM AS BRINCADEIRAS COMPOEM A PARTE PROFANA DAS FOLIAS:

“É MEIO COMPLICADO PORQUE NA MESMA HORA QUE TÁ REZANDO, QUE O CANTORIO É COMO SE FOSSE UMA REZA, JÁ TÁ FALANDO DE OUTRA COISA, DE CACHAÇA, DE MULHER. MAS MULHER TAMBÉM É BOM NÉ. UM FAZ PARTE DO OUTRO, USA A CURRALEIRA E O LUNDU PARA ACOMPANHAR. POR ISSO É QUE NÃO PODE FAZER O FORRÓ, PORQUE O CANTORIO É COMO SE FOSSE UMA ORAÇÃO, ENTÃO A CURRALEIRA TAMBÉM ELES USA. É UMA MÚSICA MAIS DISFARÇADA UM POQUINHO, MAS VAI ACOMPANHANDO MAIS OU MENOS NO GIRO. CURRALEIRA NÃO É UMA ORAÇÃO, É UMA BRINCADEIRA, MAS FAZ PARTE DA ORAÇÃO. E AS FESTAS TAMBÉM É A CRENÇA, QUE O PESSOAL DE PRIMEIRO FAZIA PROMESSA PRA SANTO REIS PRA ALGUMA COISA, AÍ IA FAZENDO AS FESTAS. NÃO FAZ A FESTA SÓ PORQUE QUER FAZER A FESTA, TINHA PROMESSA. AGORA O PESSOAL MUDOU, MUITOS MUDOU DE RELIGIÃO, TEM MUITOS EVANGÉLICOS, AÍ VAI PERDENDO UM POQUINHO. ÀS VEZES O POUCO QUE FICA, FICA MEIO EXCLUÍDO NO MEIO DOS OUTROS, AÍ VAI PERDENDO. MESMO OS QUE NÃO SÃO EVANGÉLICOS, JÁ PERDEM A PONTA DA MEADA DE FAZER ALGUMA COISA, PORQUE PRECISA DE GENTE PRA AJUDAR, AÍ DESARTICULOU”.

6.4. QUAIS AS ORIGENS DA ATIVIDADE?

“Aqui no assentamento mesmo tem muito pouco tempo de festa, porque aqui as festas que a gente tem aqui é só as festas de Santo Reis mesmo, na época de janeiro. Só que lá no parque tinha mais festas, tinha de São Sebastião, que era dia 20 de janeiro e Nossa Senhora Aparecida, que era dia 12 de outubro. Aqui no assentamento por enquanto teve só festas de Santo Reis e uma do Divino, que teve esse ano.”

“A mudança do parque não alterou muita coisa não porque o pessoal que fazia as festas de São Sebastião lá no parque é porque morreu e não fez mais. Ele chamava Sebastião, era o imperador, e morreu e não fez mais. E Nossa Senhora Aparecida também sempre tinha um lá que fazia, que era o Waldemar e o Antônio de João Messias, e às vezes ainda faz até hoje também. Agora na região aqui mesmo é de Santo Reis, sempre tem, quando não é aqui no assentamento é próximo do parque aqui no entorno, todo ano tem, uma ou duas festas”.

“O que mudou é que agora ficou mais perto, as casas ficaram mais próximas, aí facilita, mas só que o pessoal tá fazendo menos festa. Lá era mais longe e o pessoal fazia mais festa. Isso só acontece com o correr do tempo mesmo. O pessoal mais velho parece que tinha mais tradição de fazer mais reza, festa, rezado, santo. Os pessoal mais jovens não liga muito com isso não. Às vezes vai na festa e nem participa direito, vai pra fazer baderna. A festa já mudou não só por causa de termos mudado aqui pro assentamento, qualquer lugar aqui da região mudou muito. Você vai numa festa aí, eu mesmo fui numa festa aqui na antes do assentamento, aqui próximo, na região de São Joaquim, não vi nenhum folião cantar nenhuma vez, só gente com som de carro, cabou, parecia uma festa da cidade. Então mudou, o povo mesmo, não sei o que foi que eles viu que mudou assim. Na região ali de Ribeirão de Areia, Vargem Bonita, o pessoal lá ainda tem aquela cultura antiga ainda. Eles fazem uma festa dessa de Santo Reis não tem forró, é dança, outro tipo de dança até manhecê o dia: curraleira, lundu, roda de terreiro. O pessoal nem pede pra ligar o som, porque lá nem usa. Aqui o pessoal faz uma festinha e uma já liga um som de um carro ali, o pessoal começa a dançar e aí cabou, já muda o rumo da festa. Às vezes o cara que ouvir uma curraleira, um lundu e não ouve, só ouve no giro da folia, mas quando chega no dia da festa já acaba tudo.”

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MG****01****01****01****Q40****001****6.5. EXISTEM HISTÓRIAS ASSOCIADAS À ATIVIDADE?**

“Festa que é religiosa, no caso de Santo Reis ou outro santo, aí não tinha forró. O pessoal usava forró só em festa de casamento e de aniversário, aí já não dançava curraleira, essas coisas.”

“Tinha um prefeito que chamava João Reis, aí ele mandou fazer um grupo escolar num lugar. Aí o grupo com poucos dias caiu a construção, e aí o povo tirou a curraleira:

Vem cá João Reis

Vem cá vem ver

O serviço mal feito que você mandou fazer

Mandou fazer um grupo lá na beira do Capão

A madeira arriou e o teiado foi no chão

Vem cá João Reis

Vem cá vem ver

O serviço mal feito que você mandou fazer”.

“Sempre tem uma história pra iniciar, que às vezes até uma coisa ruim que aconteceu, mas dá um jeito de rir da situação.”

7. PREPARAÇÃO

“As pessoas que gira folia já tem o terno responsável. O guia já é responsável de arrumar as pessoas que ele sabe que dá certo pra cantar e quem não sabe ele vai ensinar. E todo folião de guia tem os parceiros dele, às vezes uns muda pra outra região, aí ele vai tirar outras pessoas. Já tem os ternos de folias, já tem os companheiros.”

“Aqui no caso tem dois ternos, dois folião de guia. Tem o Tercílio e Tasso, mas Tasso não tem mais o terno dele, já ficou mais sozinho. Que ele já sai mais ali pra Formoso, já arrumou outros companheiros, e o pessoal que girava com ele, ficou pouquinho, não tem mais ninguém. Mas o guia melhor que tem aqui é ele, antigamente ele tinha, todo mundo tinha seu terno. Tem Naziano também mais Canore (Nicanor). Às vezes é uma festa só que tem aí junta todo mundo, já sai Tasso, Naziano, Tercílio, junta todo mundo, porque tem uma festa só e é convidado todo mundo e eles já são treinados também aí faz um terno com os três. O guia junta tudo e sai.”

“Sempre quando o pessoal sai eles tem que marcar o pouso. Se sai uma folia aqui hoje e vai cantar cinco casas, aí onde vai dormir o cara tem que estar avisado para arrumar.”

8. REALIZAÇÃO**8.1. QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS ETAPAS E PARTICIPANTES DA ATIVIDADE?**

DENOMINAÇÃO	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE E SUAS METAS	PARTICIPANTES/FUNÇÃO
Saída da folia	“Não precisa nem de ensaio, o ensaio é a saída da folia.”	

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	01	Q40	001
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

Foliões	“Por isso os folião é muita gente, tem que ser uma doze pessoas porque às vezes sai um tanto, mas às vezes dá um problemas, a goela já invoca e aí já arruma outro. Sempre tem que ter um estepe, um reserva.” “Só canta quatro, dois canta e dois responde. Os outros acompanham e às vezes cantam outra coisa. Às vezes não canta o cantorio dos Reis, mas já canta o lundu, canta a curraleira. Todos que tá ali sabe alguma coisa. Nas casas que vai passando também, tem mito gente que gosta, que acompanha e que ajuda também, todo mundo entra dentro. Ele não é folião, mas tá ajudando ali.”	Guia – é o sabe os versos e puxa. Sabe o cantorio todo e vai na frente. Contraguia – ajuda o Guia Tem mais dois foliões para responder. Alferes – é o que leva a bandeira ou mastros. Os demais foliões tocam pandeiro e uma caixa.
Casa do Morador	“A primeira coisa que faz quando chega na casa é o cantorio. Um cantorio ou dois, se tiver outros tipos. Depois do cantorio aí faz a curraleira e o lundu. A pessoa na casa já pede logo pra fazer. Faz uma, duas, se quiser faz mais, mas pelo menos uma curraleira tem que fazer e aí sai pra outra casa.”	

8.2. QUAIS SÃO OS RECURSOS FINANCEIROS, CAPITAL E INSTALAÇÕES UTILIZADOS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM
Animais	Cavalos ou jumentos para locomoção no giro da folia.	Foliões.
Objetos pessoais	Uma muda de roupas, escova de dentes. Objetos básicos para o giro.	Foliões.
Cachaça	“Geralmente é controlada pelo Alferes e em cada pouso eles já reservam pros folião.”	Imperador.

8.3. QUAIS SÃO AS MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO UTILIZADAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM
Não respondeu.		

8.4. HÁ COMIDAS E BEBIDAS PRÓPRIAS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? CONSOMEM-SE OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM
Não respondeu.		

8.5. HÁ INSTRUMENTOS E OBJETOS RITUAIS PRÓPRIOS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? USAM-SE OUTROS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM
Não respondeu.		

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	01	Q40	001
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

--	--	--

8.6. HÁ FIGURINOS E ADEREÇOS PRÓPRIOS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? USAM-SE OUTROS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Divisa (toalha branca usada em torno do pescoço pelos foliões)	“Os folião mesmo, que ‘alvora’ no dia primeiro ou no dia 30, aí tem a toalha branca. Pra dividir, que é folião. É a toalha que divide. A toalha do folião de guia tem sempre um cruzeiro, uma cruz.”	
Roupas	“Aqui nunca teve esta tradição de pôr roupas não. Algumas regiões lá do São Francisco, do Urucuia, às vezes eles usam um uniforme.”	

8.7. HÁ DANÇAS PRÓPRIAS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? OCORREM OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Curraleira	“Curraleira é uma dança. Não sei assim a origem da curraleira, mas na região de Januária eles chamam de quatro, tanto dança de quatro pessoas, quanto de seis se for o caso. A curraleira é do número certo, não pode errar, que é oitavado, faz o trocado. Aqui dança com oito, mas dança com dez e com doze também, mas se o cara não for treinado ele perde, mais fácil é com oito, o certo é oito.”	Foliões
Lundu	“O lundu também tem vários tipos de lundu. Tem o lundu sapateado que dois canta e dois responde e naquele intervalo eles sapateiam de um ou de dois. E tem aquele que toca e enche de gente dançando, esse pode ser quantos quiserem. Mas o sapateado tem número, é de dois em dois. Um dança e aí faz o sinal pro outro e ele vai, faz uma roda e ele dança no meio da roda. Aí ele faz o sinal pro outro e ele vai, que é pra ver quem dança melhor”.	Foliões e outras pessoas da comunidade que saibam dançar.
Guaiania (ou Catira)	“Tem outra dança que tratava de guaiania e tratava de catira, essa é mais bonita que a curraleira. Ela hoje quem sabe dançar aqui é Tasso e esse pessoal mais velho. É mais bonita que a curraleira. Sapateia, bate palma e torna a sapatear, aí roda e troca. Quem sabe a guaiana aqui é Tasso, Naziano, Vêi Maximo, Tercílio” “Do tempo que eu girava folia pra cá eles nunca mais dançaram guaiana, e o pessoal tudo falava que dançava. Acho que por causa da curraleira perdeu a guaiana. A região nossa aqui é mais a curraleira, lundu já é menos.”	Foliões
Cantos de trabalho	“Que o pessoal agora não usa mais, faz farinha com o motor.”	Pessoas da comunidade
Benditos	“É mais ou menos do mesmo jeito da ladainha, igual esses cantos de igreja que eles cantam.”	Pessoas da comunidade
Ladainhas	“Na festa de Reis tem as ladainhas, as rezas cantadas.”	Pessoas da comunidade

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MG****01****01****01****Q40****001****8.8. HÁ MÚSICAS E ORAÇÕES PRÓPRIAS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? OCORREM OUTRAS?**

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Curraleira	“Curraleira é assim ó, você vê uma coisa ali que aconteceu, pode botar na curraleira. Se ver uma coisa ali que aconteceu, agora eles tiram aquilo e cantam na curraleira.” “Curraleira eles improvisam na hora. E tem umas músicas de curraleira que é antiga, que a gente já conhece há muito tempo, e que usa até hoje. E tem outras que você faz na hora e canta e no outro ano você nem lembra mais daquela, já faz é outra. Mas tem umas que eu sei que é antigona, eu era minino. Nem folião era.” Instrumentos: viola, violão, caixa, pandeiro e triângulo. “Venha Perdiz Fala a verdade Quem geme sente dor E quem namora tem saudade.” “Essa aí eu era minino, eu via o pessoal cantar ela. A curraleira fala de muita coisa, de mulher, de cachaça, de passarinho, de gado.” “Tem músicas que você nem gosta, mas o pessoal pede e aí tem que cantar. Eu sei uma bem antiga que eu preendi com o véi Viana, essa é bem véia. Um véi que deve ter uns noventa anos, que mora no Batista, entorno do parque: Vou me embora, vou me embora Que eu não tô mentindo não Adeus morena, adeus, Adeus, até um dia Se eu tivesse de ir me embora Eu não tava aqui mais não Adeus morena, adeus, Adeus, até um dia No tempo que eu te amei O que você pediu, eu dei No tempo que eu te amava O que você pedia, eu dava Hoje nada eu tenho Pra você não sou ninguém Adeus morena, adeus Adeus, até um dia.”	Foliões

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO				MG	01	01	01	Q40	001
--	--	--	--	----	----	----	----	-----	-----

Guaiana	“A letra da guaiana é qualquer moda, uma cantiga comprida. É igual moda de viola, só que lá na vargem bonita eles dançam de um tipo e pra cá eles dançam de outro. Agora o que nois dançava aqui primeiro chamava Urucuiana.” Instrumentos: viola.	Foliões
Lundu	“Tem várias letras, é igual à curraleira mesmo.” Instrumentos: viola, violão, caixa, pandeiro e triângulo. “Tem um lundu que o cara quebrou um vidro de óleo de coco da mulher e ela mandou dar uma surra nele: Segura a caixa, caixeiro Viola desafinou Quem foi que disse, que falou Que João de Eusébio apanhou A viola não tem culpa E nem também o tocador Quem foi que disse, que falou Que João de Eusébio apanhou Quem bateu foi Arondino Que dona Amélia mandou Mas o litro de óleo de côco No batente da porta quebrou Na carreira que ele ia São Pedro atravessou Quem foi que disse, que falou Que João de Eusébio apanhou.” “Mesmo esses lundu e curraleira mais antigo foi alguém que tirou. Aconteceu alguma coisinha e eles tira, e se a história for boa, pega. Nem que acrescenta mais um pouquinho do que não foi acontecido, muda um pouquinho, mas tem o motivo.”	Foliões e outras pessoas que saibam dançar.
Cantório de Saudação de lapinha	Para saudar o altar nas casas em que a folia passa.	Foliões
Cantório de saudação do morador	Para saudar o morador e sua família.	Foliões
Cantório de pouso	“No mesmo cantório que chega cantando, já pede o pouso.”	Foliões
Cantório de agradecimento do pouso	“De manhã cedo você já canta o cantório agradecendo o pouso.”	Foliões

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	01	Q40	001
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

Cantorio de Saudação de mesa	“Para agradecer a mesa, com outros versos e outra melodia. O folião de guia tem que saber muita coisa. Muitos falam que já sabem há muitos anos, mas às vezes o cara tem que inventar. Tem que falar o nome de um por um na casa, tem região que se não cantar o nome de um por um na casa, o cara fala que não recebeu, aí tem que cantar denovo. O pessoal aqui não tem essas exigências não.”	Foliões
Cantigas de roda	“A roda eu já ajudei assim, mais pra tocar. Eu era rapazinho novo, tinha um véi que chamava Justiniano, o pessoal chama ele de Justo. Sempre ele fazia, juntava o pessoal e fazia. Nesse tempo o pessoal não fazia muito forró e aí fazia em qualquer festa que tivesse reza a noite, sempre fazia. Eu ajudo a cantar, mas puxar pra frente não sei não.” Faz com viola, caixa e pandeiro, mas se não tiver pode fazer sem nada. Só jogando verso e cantando, e os cantador pode entrar no meio da roda e cantar.” Caninha verde Tamanduá Ariri Mulatão Carneiro “Não sei explicar cada uma não. Mas se puxar eu ainda sei responder.” “O pessoal mais do norte de Minas é que preserva essa cultura, das festas religiosas, de cantar essas rodas. Aí dessa região da chapada Gaúcha pra cá já perderam, não faz mais, já faz é forró. De uns 20 anos pra cá já perdeu, aí não sei como a gente faz pra poder levantar isso denovo. Eu tenho vontade de botar esse pessoal mais jovem pra aprender, não sei se ainda... Pelo menos pra gravar, pra deixar gravado. Pra falar a verdade faz muito tempo que eu não vejo. Eu vi no ano passado, lá no Ribeirão de Areia. Lá é todo mundo dançando, com menino e tudo, aqui você não vê isso, mas tinha que ter alguém pra começar. ”	Pessoas da comunidade.

8.9. HÁ INSTRUMENTOS MÚSICAIS PRÓPRIOS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? USAM-SE OUTROS?		
DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Viola	“No cantorio o mais importante é a viola”	
Violão	Não respondeu.	
Caixa	“A curraleira mesmo, um instrumento que não pode fazer sem ele é a caixa e a viola. Que a caixa é quem faz a marcação certa de trocar. No lundu também é mais a caixa.”	
Pandeiro	“O pandeiro acompanha”	
Cavaquinho	“Às vezes tem cavaquinho, eu mesmo toco cavaquinho.”	

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	01	Q40	001
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

Rabeca	“Aqui não tem quem sabe tocar rabeca.”	
--------	--	--

8.10. APÓS A ATIVIDADE, QUAIS SÃO AS TAREFAS EXECUTADAS? QUEM AS EXECUTA?

QUEM EXECUTA	ATIVIDADE
Não respondeu.	

8.11. QUAIS SÃO OS PRODUTOS OU RESULTADOS DESTA ATIVIDADE? EM QUE QUANTIDADE?

Não respondeu.

8.12. QUAL É O PÚBLICO? QUAL O DESTINO DOS PRODUTOS DESTA ATIVIDADE?

Pessoas da comunidade e outras pessoas das cidades da redondeza.
--

8.13. ESTA ATIVIDADE É IMPORTANTE PARA A RENDA / O SUSTENTO DE SUA FAMÍLIA? É A PRINCIPAL FONTE DE RENDA? E PARA A COMUNIDADE, ESSE TIPO DE ATIVIDADE É IMPORTANTE? POR QUÊ?

Principal ☐	Complemento ☐	Não é fonte de renda ☒
Importância para a comunidade		

8.14. RECORDA-SE DE MUDANÇAS NOS MODOS DE FAZER E/OU RESULTADOS, MATÉRIAS PRIMAS, USOS DO BEM/SERVIÇO EXECUTADO? INFORMAR OS TIPOS, MOMENTOS (DATAS) E MOTIVOS DAS MUDANÇAS.

Época	Ocorrência
Sem data definida	“JÁ PERDEU MUITA COISA QUE A GENTE VIA NO TEMPO PASSADO MESMO, AGORA NÃO VÊ MAIS NÃO. QUE FICA SÓ UMA PESSOA OU DUAS QUE SABE E JÁ FICA SOZINHO E VAI DEIXANDO TAMBÉM. VAI MUDANDO, O TEMPO VAI PASSANDO E A GENTE NEM VÊ. QUANDO DÁ FÉ VOCÊ JÁ TÁ EM OUTRO MUNDO, EM OUTRA SABEDORIA MAIS DIFERENTE, SEM PERCEBER.”
Mudança do parque	“ANTES AS CASAS ERAM MAIS DE PALHA, AGORA TEM MAIS DE ALVENARIA. MAS DE PALHA NÃO É PORQUE O PESSOAL QUERIA, MAS ERA PORQUE A CONDIÇÃO É AQUELA. ERA O JEITO DE FAZER, DOS RECURSOS NATURAL QUE TINHA. ELA É BOA, MAS DE CINCO EM CINCO ANOS TEM QUE TROCAR O TELHADO. ATÉ PRA DESLOCAR DE UM LUGAR PRO OUTRO, MUDA TAMBÉM AS CONDUÇÃO, QUE ANTES ANDAVA A CAVALO. DE PRIMEIRO NOIS MORAVA NO PARQUE, O PESSOAL IA PRA JANUÁRIA À CAVALO, DE CARRO DE BOI, GASTAVA DOZE DIAS DE VIAGEM. NÓIS IA PRA ARINOS FAZER COMPRA E IA À CAVALO, NÃO TINHA CARRO. MAS PRA ARINOS ERA DOIS OU TRÊS DIAS. O PRIMEIRO CARRO QUE EU VI EU TINHA DEZ ANOS, FIQUEI ATÉ COM MEDO DELE. HOJE JÁ MUDOU, HOJE DE CAVALO NINGUÉM GUENTA MAIS ANDAR, O PESSOAL SÓ ANDA SÓ DE CARRO. QUEM TEM UM CAVALO ANDA AQUI PERTINHO, TRÊS QUILOMETROS, DOIS QUILOMETROS. DE PRIMEIRO O PESSOAL VINHA LÁ DO PARQUE QTÉ FORMOSO À CAVALO. SÓ NA FOLIA QUE AINDA GIRA À CAVALO, ONDE FOR LONGE, ONDE FOR PERTO TEM REGIÃO QUE AINDA GIRA À PÉ., MAS AQUI INDA USA CAVALO.”

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	01	Q40	001
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

Sem data definida	PANDEIRO: “ANTIGAMENTE ERA USADO, FEITO TUDO AQUI NA REGIÃO. O PANDEIRO ERA FEITO COM COURO DE VEADO CATINGUEIRO E COTIA. O PANDERIO ELES FAZIAM DE CASCA DE PAU D’ÓLEO, TIRAVA A CASCA (OU OUTRAS MADEIRA QUE DÊ PRA ENVERGAR), FAZIA O MOLDE DELA ASSIM, SECAVA, AMARRAVA. O MOLDE ERA DE LATÃO. PÕE O COURO NA ÁGUA PRA AMOLECER, AMARRA, ESTICA O COURO E AÍ CORTA AS ROSETAS DE LATÃO, PRA DAR AQUELE CHOCALHO. HOJE EM DIA JÁ COMPRA O PANDEIRO PRONTO, COMPRA EM ARINOS, UNAÍ OU BURITIS.. CAIXA: A CAIXA USAVA O MESMO COURO E A MADEIRA BOA ERA FOLHA LARGA. VIOLA: “O PESSOAL DA REGIÃO AQUI NÃO FAZIA NÃO, MAS LÁ PRO LADO DE SÃO FRANCISCO FAZIA MAIS.” “PAROU DE FAZER PORQUE JÁ ACHOU FEITO, AS PESSOAS QUE FAZIA JÁ NÃO MAIS INTERESSA. JOÃO COFOCÓ, MEU IRMÃO, MESMO JÁ FEZ PANDEIRO, JÁ FEZ CAIXA.”
-------------------	--

9. LUGAR DA ATIVIDADE

9.1. ONDE OCORRE? DESDE QUANDO NESSE LUGAR? POR QUÊ?
Não respondeu.

9.2. QUEM É RESPONSÁVEL OU PROPRIETÁRIO DO LUGAR EM QUE OCORRE A ATIVIDADE?
Não respondeu.

9.3. DESENHO DO LUGAR DA ATIVIDADE

10. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS E INFORMANTES

10.1. QUEM MAIS PODE INFORMAR SOBRE ESTA ATIVIDADE?
Gumercindo, Tasso, D. Arcanja.

10.2. HÁ OUTRAS FORMAS DE EXPRESSÃO CARACTERÍSTICAS DESTA LOCALIDADE?		
FORMA DE EXPRESSÃO	CARACTERÍSTICAS	CONTATO

11. REGISTROS FOTOGRÁFICOS E AUDIOVISUAIS LOCALIZADOS OU PRODUZIDOS DURANTE A ENTREVISTA

Referência	Assunto	Onde encontrar

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MG****01****01****01****Q40****001****12. MATERIAIS IMPRESSOS E OUTROS LOCALIZADOS DURANTE A ENTREVISTA**

Referência	Assunto	Onde encontrar

13. OBSERVAÇÕES DO ENTREVISTADOR**13.1. RECOMENDA APROFUNDAR ESTA ENTREVISTA? POR QUÊ?**

--

13.2. ATITUDES E OPINIÕES POR PARTE DO GRUPO IMEDIATO E MAIS AMPLO SOBRE O DESEMPENHO DO(A) ENTREVISTADO(A).

--

13.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Curraleira sobre a saída do parque:

“Essa ‘Adeus mato grande’ que eu ajudei a fazer, fizemos ela de um jeito e depois não tava boa e aí ajudei a a consertar. Nós fizemos porque o pessoal tava saindo do parque e nós num queria sair. O pessoal que morava na fazenda mato grande pra despedir do mato grande. Quando nós fizemos essa aí ainda não saia que vinha pro assentamento não, só sabia que ia sair.”

“Tem outra do véi Viana que eu cantava, vamos ver se eu lembro dela aqui:

“Eu vou me embora, que eu não tô mentindo não

Laranjeira amanhã por essas horas eu sou seu

Pela vontade me leva

Por meu gosto eu não vou não

Laranjeira amanhã por essas horas eu sou seu

Adeus lagoa formosa, onde os pombo vão beber

Travessei o rio a nado, só (...) para lhe ver

Laranjeira amanhã por essas horas eu sou seu”

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	01	06	Q40	002
	UF	SÍTIO-	Loc	ANO	FICHA	NO.

1. IDENTIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

DATA	12/10/2006	INÍCIO	10:30	TÉRMINO	11:45
ENTREVISTADOR	Thaís Teixeira de Siqueira		SUPERVISOR	César Victor do Espírito Santo	

2. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Assentamento São Francisco
LOCALIDADE	Bela Lorena
MUNICÍPIO / UF	Formoso-MG

3. IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Danças de Roda
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Mulatão, Ariri, Cana Verde, Frango, Batuque

4. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

NOME	Arcanja Barbosa Lisboa			Nº	
COMO É CONHECIDO(A)	D. Arcanja	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	1929 (ano provável)	SEXO	☐ MASCULINO ☒ FEMININO
ENDEREÇO	Fazenda Bela Lorena – Carinhonha				
TELEFONE		FAX		E-MAIL	
OCUPAÇÃO	Lavradora				
ONDE NASCEU	Santa Rita Jaruária-MG	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1966		

5. RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	06	Q40	002
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

5.1. QUAL É A SUA RELAÇÃO COM A ATIVIDADE? O QUE FAZ?

“Cantava, dançava, puxava rodeiro. De premeiro as dança era essas e hoje não tem essas danças, ninguém conhece, a mocidade não conhece essas danças mais.”

5.2. COMO, QUANDO, ONDE E COM QUEM APRENDEU ESTA ATIVIDADE?

“Com as pessoas de mais idade, nois aprendia e aí ia todo mundo brincá. Ia vendo os outros, os outros ia brincá botava nois. Minino com véi, com tudo, era uma roda sozinha. Era bonita mesmo.”

5.3. ENSINA OU ENSINOU A OUTROS?

“Onde eu brincava todo mundo brincava, todo mundo ‘prendia’.”

5.4. OUTROS DADOS BIOGRÁFICOS RELEVANTES

“Santa Rita é na região do parque. Fui criada lá e criei meus filhos tudo na região do parque. Minha mãe mudou mais meu pai, mudemo lá pra Sussuagrande, Barbatimão de lá nois fumo rodando viemo pra aí, pra onde eu morava lá nos Gerais, que é do parque e eu criei meus filho tudo lá. De premeiro não sabia dançá valsa, forró, não tinha essas danças não era só roda.”

“Juntava Antônia, Manelina, Derfonsa, minha tia Antônia., Elvira, cumade Lú, cumade Gemira (Algemira), muié do finado Gersino preto. Esse povo todo e era um festão aí tava animado, um jogava verso, outro jogava verso ali. Tinha sanfona, pandeiro, tinha caixa ia batendo ali e ficava bonito. Mas a gente hoje vai esquecendo tudo, vai acabando tudo e vai ficado por esquecido. Oh minina já farreei nestes dias de minha vida!”

5.5. PARTICIPA OU PARTICIPOU DE ALGUMA COOPERATIVA OU ASSOCIAÇÃO? CONHECE ALGUMA QUE SEJA ATUANTE NESTA LOCALIDADE?

6. DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

6.1. PERIODICIDADE

As danças de roda aconteciam nas festas religiosas e demais festejos.

6.2. ANOS EM QUE PRATICOU EFETIVAMENTE A ATIVIDADE DESDE 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MG****01****01****06****Q40****002****6.3. QUAIS OS MOTIVOS DA ATIVIDADE?**☐ **MEIO DE VIDA** _____☐ **PRÁTICA RELIGIOSA** _____☒ **OUTRAS (SENTIDO LÚDICO, ETC.)** “TINHA UM REZAZDO, AI ÍA FAZER UMA BATUCADA. OUTRA HORA UM DIA, IA PRAS CASA DOS AMIGOS, DOS VIZINHOS, FAZIA E AÍ IA BRINCAR À NOITE. ERA UMA BRINCADEIRA”**6.4. QUAIS AS ORIGENS DA ATIVIDADE?**

Associada às celebrações:

Folia de Reis

Folia do Divino

Folia de São João

Folia de Santa Luzia

Folia de São Bento

6.5. EXISTEM HISTÓRIAS ASSOCIADAS À ATIVIDADE?

“Era bonito, era coisa importante. Juntava as parentaia, ia juntando aquelas mocinha nova. Que de primeiro era outra coisa, a criação era outra coisa, cê sabe que hoje cabou tudo. Hoje deferençou tudo.”

“Foi cabando, foi cabando. Que as pessoas de idade foi afastando, ficou essa mocidade e essa mocidade num liga. Porque cê sabe, essa mocidade... se você for cantar, fazer uma roda aqui, fazer uma brincadeira, eles fazem é caçoar. Então vai acabando. Se reunir as pessoas que era mais ou menos, que gosta, inda tem. Mais só se reunir”

“Uma vez veio Manuele, Neli, veio Deja mais as minina, veio Veriano, e aí foi um bando de gente. E trouxeram uns pernís, trouxeram muito peixe, os minino foram e pegaram peixe e trouxeram um quarto de leitão. Fizeram um fogão lá debaixo daquele é de abacate. Mané e mais Deja é quem foram os assador lá. Deja é quem veio fazer o peixe pra todo mundo cozido e assado, eles assaram lá. E aí foram brincá la no terreiro, brinca inté a hora que o dia amanheceu. Faz tempo.”

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	06	Q40	002
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

7. PREPARAÇÃO

“Marcava o dia e aí todo mundo vinha, vinha à noite. Tinha vez que tinha rezado, outra vez era só pra fazer a brincadeira. Tinha muita brincadeira lá na minha casa, avisava os vizinho tudo: “Fulano, tal dia você vai lá pra casa, avisa fulano pra nós comer um frango, tomar um café, fazer umas roda, lundu. Comia e aí ia brincar, às vezes até o dia amanhecer. Às vezes aquelas chefes começava primeiro e aí todo mundo ia acompanhando. Ali agora todo mundo tinha que prestar atenção, do jeito que um fizesse todo mundo tinha que fazer e os que queimava nós botava pra fora...”

“É um círculo de gente, ali todo mundo vai cantando, jogando o verso e rodando. Quem errar, sai fora. Na hora que erra diz: “Queimou! Pode sair fulano, você não serve não, pode sair!” E aí todo mundo ficava bravo.”

“Era gente! Era gente! E brinca a noite toda. Fui noitera umas seis vezes que eu fui noitera em São João. O noiteiro dá as velas, dá os fogos, panha a lenha e faz a fogueira de São João. Faz bolo, faz biscoito, café, vinho e leva. E aí chega lá, Quando cabá as reza, aí dá a mesada e depois vai dançá. De primeiro era bão, aí agora cabou é só mesmo as rezas. Ano passado mesmo me botaram de noitera, eu saí. Que a pessoa só, num tem quem faz as coisas. Esse ano tornaram a me botar e eu saí.”

8. REALIZAÇÃO

8.1. QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS ETAPAS E PARTICIPANTES DA ATIVIDADE?

DENOMINAÇÃO	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE E SUAS METAS	PARTICIPANTES/FUNÇÃO
Não respondeu.		

8.2. QUAIS SÃO OS RECURSOS FINANCEIROS, CAPITAL E INSTALAÇÕES UTILIZADOS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM
Não respondeu.		

8.3. QUAIS SÃO AS MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO UTILIZADAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM
Não respondeu.		

8.4. HÁ COMIDAS E BEBIDAS PRÓPRIAS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? CONSOMEM-SE OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM
Comidas próprias das festas	“Comida era frango. Um trazia uma pernil de porco, outro trazia um frango, outro trazia um galinha, feijão arroz, macarrão, café. De premeiro não usava cachaça não, ninguém bebia cachaça, ali era um suco de caju, de limão, das frutas natural.”	Noiteiro ou imperador.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	06	Q40	002
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

Café	“Quando ele tá maduro, eu tiro ele, boto no sol. Eu piso ele no pilão maduro, mole. Boto ele no sol, ele seca, aí eu vou chumbá ele, torná a pisá. Aí descasca, tira aquela pele dele, aí eu torro e moo no moinho. Torro na panela e moo no moinho à mão E vou tomar o café. Aquele café de pacote não presta não, tem outro gosto. E esse aí ele não tem droga nenhuma, não tem veneno e aquele outro tem. Quando acaba o café do pé, eu compro o café em grão e torro aqui.”	Noiteiro ou imperador.
------	---	------------------------

8.5. HÁ INSTRUMENTOS E OBJETOS RITUAIS PRÓPRIOS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? USAM-SE OUTROS?		
DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM
Sanfona	Não respondeu.	
Viola	Não respondeu.	
Cavaquinho	Não respondeu.	
Violão	Não respondeu.	
Berimbau	“Corta o pauzinho, enverga ele. Pega uma talinha de buriti, bem fininho, bem arrumadinho, ali marra e aí toca com o dedo. Tala de buriti novo, verde.” Uma vara de uns 50 cm, envergada em forma de meia lua. Com uma corda de buriti unindo as pontas do arco. Semelhante ao arco de bater algodão. Não é o mesmo berimbau da capoeira, pois não usa cabaça e é tocado com o dedo na horizontal.	
Surdão	Não respondeu.	
Caixa	Não respondeu.	
Pandeiro	Não respondeu.	
Rapa-pau	Não respondeu.	

8.6. HÁ FIGURINOS E ADEREÇOS PRÓPRIOS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? USAM-SE OUTROS?		
DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Roupas usadas em ocasiões festivas	Saias rodadas, blusas de manga até os cotovelos com mangas fofas, ou vestidos rodados de cinto atrás, de cianinha, podia ter rendas, estilo saia baiana e cintura baixa. A saia baiana era composta por dez saias numa mesma chave, costuradas juntas. Blusas de cintura de violão.	As próprias mulheres.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	06	Q40	002
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

8.7. HÁ DANÇAS PRÓPRIAS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? OCORREM OUTRAS?		
DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Mulatão	Começa com duas fileiras, os pares iniciais dão se os braços e vão trocando de lugar com os de trás e vai formando-se uma roda. . Dá-se o braço direito para o primeiro e o esquerdo para o segundo e assim por diante. Vai cantando e trocando os braços na roda indefinidamente.	As pessoas da comunidade.
Caninha verde	A dança é composta por duas fileiras, uma de homens, outra de mulheres. O primeiro casal troca de lugar cruzando os braços e vão trocando de lugar com os componentes que estão atrás. Dá-se o braço direito para o primeiro e o esquerdo para o segundo e assim por diante até retornar ao par inicial.	As pessoas da comunidade.
Frango	Igual à dança do Mulatão.	As pessoas da comunidade.
Ariri	Igual à dança do Mulatão	As pessoas da comunidade.
Carneiro	Dança-se em roda, com os componentes soltos, ou avulsos (sem par).Eles vão batendo os ombros, bate o um ombro com o ombro de outro componente e vira-se batendo ou outro ombro com o outro ombro do mesmo componente e troca de componente, fazendo o mesmo processo.	As pessoas da comunidade.
Batuque	Igual ao carneiro.	As pessoas da comunidade.
Tatu sobe pau	As mulheres dançavam com longas saias rodadas, com pequenos pedaços de pau nas mão, cada uma batendo seu pau no pau de outra componente.	As pessoas da comunidade.
Tamanduá	Foram-se uma roda e um dos componentes entra com um grande trouxa de roupa e joga na frente de um dos componentes, este, por sua vez, joga na frente de outro e assim por diante.	As pessoas da comunidade.

8.8. HÁ MÚSICAS E ORAÇÕES PRÓPRIAS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? OCORREM OUTRAS?		
DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Mulatão	“Oi mulatão, oi mulato. Oi mulatão, oi mulato. Oi mulatão, oi mulato. Oi mulatão, oi mulato. Oi mulatão, oi mulato. Oi mulato...”	As pessoas da comunidade.
Caninha verde	“Minha caninha verde, oh minha verde caninha, eu não vou em tua casa, pra você não vir na minha. Eu plantei a minha cana na fronha do cabeceiro, minha mãe me casa logo pra eu largar dessa canseira.”	As pessoas da comunidade.
Frango (batuque)	“Cadê o Frango, Oh cadê o frango. Oh de muita cana perdeu um quilo e quinhentas gramas. Cadê o frango...”	As pessoas da comunidade.
Carneiro	“Oh iaiá carneiro deu, Oh iaiá carneiro dá. Oh iaiá carneiro deu, eu num dei mas vou dar.”	As pessoas da comunidade.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	06	Q40	002
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

Batuque	“Dança João Peleira, eu não danço não, Pisa no pé dele que ele dança já. Menino d’água clara é o ribeirão. Dança João Peleira, eu não danço não.”	As pessoas da comunidade.
Tatu sobe pau	“Oh tatu sobe pau, busca o muleque.” “É mentira do nego. É verdade sinhá”	As pessoas da comunidade.
Tamanduá	“Essa não lembro não, essa vai ficar por esquecida.”	As pessoas da comunidade.
Ariri	“Você joga o verso e canta: Se eu disser que eu vou me embora Ôriri, Ôrirai Que eu não vou me embora não Ôriri, Ôrirai Se eu tivesse de ir me embora Ôriri, Ôrirai Eu não tava aqui mais não Ôriri, Ôrirai Pra lhe dar o amor de dois Ôriri, Ôrirai Quando saio todo dia Ôriri, Ôrirai Sapatinho que eu já calcei Ôriri, Ôrirai Não me importo de quem goza Ôriri, Ôrirai Das coisas que eu já gozei Ôriri, Ôrirai.”	As pessoas da comunidade.

8.9. HÁ INSTRUMENTOS MUSICAIS PRÓPRIOS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? USAM-SE OUTROS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Não respondeu.		

8.10. APÓS A ATIVIDADE, QUAIS SÃO AS TAREFAS EXECUTADAS? QUEM AS EXECUTA?

QUEM EXECUTA	ATIVIDADE
As pessoas da comunidade.	“Depois que acabava as danças, aí ia tomar café, ia dormir. No outro dia nois ia arrumar a casa com sono, aí arrumou a casa arriava seus cavalo e ia embora.”

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	06	Q40	002
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

8.11. QUAIS SÃO OS PRODUTOS OU RESULTADOS DESTA ATIVIDADE? EM QUE QUANTIDADE?

8.12. QUAL É O PÚBLICO? QUAL O DESTINO DOS PRODUTOS DESTA ATIVIDADE?

8.13. ESTA ATIVIDADE É IMPORTANTE PARA A RENDA / O SUSTENTO DE SUA FAMÍLIA? É A PRINCIPAL FONTE DE RENDA? E PARA A COMUNIDADE, ESSE TIPO DE ATIVIDADE É IMPORTANTE? POR QUÊ?		
Principal ☐	Complemento ☐	Não é fonte de renda ☒
Importância para a comunidade		

8.14. RECORDA-SE DE MUDANÇAS NOS MODOS DE FAZER E/OU RESULTADOS, MATÉRIAS PRIMAS, USOS DO BEM/SERVIÇO EXECUTADO? INFORMAR OS TIPOS, MOMENTOS (DATAS) E MOTIVOS DAS MUDANÇAS.	
Época	Ocorrência
Há mais ou menos 30 anos	NÃO OCORRE MAIS NA COMUNIDADE, ESTÁ SÓ NA MEMÓRIA DE ALGUMAS PESSOAS.

9. LUGAR DA ATIVIDADE

9.1. ONDE OCORRE? DESDE QUANDO NESSE LUGAR? POR QUÊ?
“Às vezes juntava uma família de gente assim, e aí ia fazer aquelas brincadeiras nas casas. Aqui mesmo meus minino fazia brincadeira demais, amanhecia o dia. Juntava Baltazar, cunhado Valmir, brincava demais aqui. Era na casa de quem fosse. Ali reunia, fazia a festa de brincadeira:” vamos fazer uma festa hoje”, e aí fazia. Quando dava quatro horas ia matar os frangos, temperar, botar no fogo. Vinha parente, filho, neto, irmão, os vizinho, cunhado, todo mundo. Brincava demais aqui em casa, meus minino brincou demais aqui em casa.”

9.2. QUEM É RESPONSÁVEL OU PROPRIETÁRIO DO LUGAR EM QUE OCORRE A ATIVIDADE?

9.3. DESENHO DO LUGAR DA ATIVIDADE

10. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS E INFORMANTES

10.1. QUEM MAIS PODE INFORMAR SOBRE ESTA ATIVIDADE?

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	06	Q40	002
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

10.2. HÁ OUTRAS FORMAS DE EXPRESSÃO CARACTERÍSTICAS DESTA LOCALIDADE?

FORMA DE EXPRESSÃO	CARACTERÍSTICAS	CONTATO

11. REGISTROS FOTOGRÁFICOS E AUDIOVISUAIS LOCALIZADOS OU PRODUZIDOS DURANTE A ENTREVISTA

Referência	Assunto	Onde encontrar

12. MATERIAIS IMPRESSOS E OUTROS LOCALIZADOS DURANTE A ENTREVISTA

Referência	Assunto	Onde encontrar

13. OBSERVAÇÕES DO ENTREVISTADOR**13.1. RECOMENDA APROFUNDAR ESTA ENTREVISTA? POR QUÊ?**

--

13.2. ATITUDES E OPINIÕES POR PARTE DO GRUPO IMEDIATO E MAIS AMPLO SOBRE O DESEMPENHO DO(A) ENTREVISTADO(A).

--

13.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Quase todas as cantigas de rodas permitem a improvisação, chamada por eles de “jogar verso”:

“Pra jogar verso, você canta a cantiga e joga verso”

Letras de Músicas:

“Eu dancei com meu camelo,

joga as trança na cacunda

eu lhe espero lá em casa

de domingo pra Segunda

“Se essa casa fosse minha

eu mandava ladrilhar

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MG****01****01****06****Q40****002**

ou de prata ou de ouro
pra meu bem vir passear
“Essa casa, ela é minha
Terreiro de sentimento
Terreiro de sentimento
Janela de eu namorar
“Eu arreei meu cavalo
Com “pinta” de “naquilina”
No rumo de meu bem
Não tem chuva nem “lágrima”
“Évem um cavaleiro sem chapéu
Parecendo meu amor
Cara dos anjos do céu
“Eu subi num pé de lima
Pra tirar divertimento
Encontrei carta de nome
Meu bem, sem dissintimento
“Joguei minha carta pra cima
Aparei nas quatro ponta
Rapazinho de Formoso
Nenhum deles não faço conta
“Minina dente de ouro
Tira o ouro e joga fora
Quando eu vir lá da cidade
Trago outro pra senhora
“Fui passando pela estrada
ramo verde me puxou
não me puxa ramo verde
quem me puxa é meu amor
“Batateira do terreiro
não navega pelo chão
na gola de sua camisa
navega meu coração
“Alecrim verde cheira
ele seco cheira mais
como cheira meu amor
quando chega de viagem
“Meu benzinho me dá um beijo
pela porta da janela
se sua mãe for ciumenta

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	06	Q40	002
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

dá uma volta e engana ela

“Meu benzinho me dá um beijo

que eu te dou 5 mil réis

oh meu bem, redobra o beijo

que de 5 eu te dou 10.”

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	01	06	Q40	003
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. IDENTIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

DATA	15.09.2006	INÍCIO	18:15	TÉRMINO	19:35
ENTREVISTADOR	Thaís Teixeira de Siqueira		SUPERVISOR	César Victor do Espírito Santo	

2. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Assentamento São Francisco
LOCALIDADE	PA São Francisco
MUNICÍPIO / UF	Formoso-MG

3. IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Danças de Roda
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Cantos de Terreiro, Ariri, Mulatão, Batuque, Margulhão, Caninha verde

4. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

NOME	Glimercindo Pereira Saraiva			Nº	
COMO É CONHECIDO(A)	Gumercindo	DATA DE NASCIMENTO / FUNADAÇÃO	07/07/1949	SEXO	☒ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	Assentamento São Francisco, lote 51				
TELEFONE		FAX		E-MAIL	
OCUPAÇÃO	Lavrador				
ONDE NASCEU	Nasci na Vargem bonita, mas fui criado no Rio Preto no Parque.	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	2003		

5. RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MG****01****01****06****Q40****003****5.1. QUAL É A SUA RELAÇÃO COM A ATIVIDADE? O QUE FAZ?**

Canta, toca caixa e pandeiro.

5.2. COMO, QUANDO, ONDE E COM QUEM APRENDEU ESTA ATIVIDADE?

“Já com doze anos em diante eu já começava a cantar curraleira, essas coisas. Eu via os outros cantando lá e aprendia. Tinha uns tio meu que cantava, aí eles cantava e eu... Comecei a girar em folia foi de 14 anos em diante que eu comecei a girar. Girava folia de Reis, do Divino Espírito Santo, Senhora aparecida.”

5.3. ENSINA OU ENSINOU A OUTROS?

Não respondeu.

5.4. OUTROS DADOS BIOGRÁFICOS RELEVANTES

Não respondeu.

5.5. PARTICIPA OU PARTICIPOU DE ALGUMA COOPERATIVA OU ASSOCIAÇÃO? CONHECE ALGUMA QUE SEJA ATUANTE NESTA LOCALIDADE?

Não respondeu.

6. DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE**6.1. PERIODICIDADE**

De acordo com o calendário de festas, consultar ficha Celebrações.

6.2. ANOS EM QUE PRATICOU EFETIVAMENTE A ATIVIDADE DESDE 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

6.3. QUAIS OS MOTIVOS DA ATIVIDADE?

- ☐ MEIO DE VIDA _____
- ☐ PRÁTICA RELIGIOSA _____
- ☒ OUTRAS (SENTIDO LÚDICO, ETC.) _____

6.4. QUAIS AS ORIGENS DA ATIVIDADE?

“Antigamente cantava dança no terreiro, essas coisas, dançava o Ariri. Tudo dançava, agora hoje o povo largou essas cantigas de terreiro que os povo dançava. Os batuques, as danças de roça. Hoje aqui o povo não canta mais, cabou”

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	06	Q40	003
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

6.5. EXISTEM HISTÓRIAS ASSOCIADAS À ATIVIDADE?

--

7. PREPARAÇÃO

“Botava a toalha no pescoço e saia a folia, saia um bocado de gente uns com a caixa, outros com o violão. Chega, canta e saúda o morador. A gente gosta de girar, cantar os cantorio, cantar as curraleira”.

“Em folia se chega num lugar, canta e depois tem uma oferta. Que os três reis não pedem esmola, eles fala é oferta. Chega, dá aquele dinheiro pro santo, dá uns 5 reais, outro dá 2, outro dá 3, é assim.”

“Já fiz promessa uma vez e rezei duas veiz de reis. Pedi Santo Reis pra me ajudar eu que eu precisava de uma coisa. Ai ele me ajudou e eu paguei. Fui imperador dois anos. O imperador faz a promessa e põe os folião pra cantar.”

8. REALIZAÇÃO**8.1. QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS ETAPAS E PARTICIPANTES DA ATIVIDADE?**

DENOMINAÇÃO	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE E SUAS METAS	PARTICIPANTES/FUNÇÃO
Não respondeu.		

8.2. QUAIS SÃO OS RECURSOS FINANCEIROS, CAPITAL E INSTALAÇÕES UTILIZADOS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM
Não respondeu.		

8.3. QUAIS SÃO AS MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO UTILIZADAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM
Não respondeu.		

8.4. HÁ COMIDAS E BEBIDAS PRÓPRIAS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? CONSOMEM-SE OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM
Não respondeu.		

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	06	Q40	003
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

8.5. HÁ INSTRUMENTOS E OBJETOS RITUAIS PRÓPRIOS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? USAM-SE OUTROS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM
Não respondeu.		

8.6. HÁ FIGURINOS E ADEREÇOS PRÓPRIOS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? USAM-SE OUTROS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Não respondeu.		

8.7. HÁ DANÇAS PRÓPRIAS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? OCORREM OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Dança da Barata	“Muita gente canta aqui. É um desafio, uma mulher joga verso pra outra. Mas essa eu não sei não.”	
Curraleira	Não respondeu.	

8.8. HÁ MÚSICAS E ORAÇÕES PRÓPRIAS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? OCORREM OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Cantorio do Divino	“A pombinha do Divino (2x) Ela tem força nas asas Ela anda o mundo inteiro (2x) Cantando casa por casa.” “Aí tem aquele batidinho da caixa, você prestou atenção na caixa ontem?”	Guia de Folia e demais foliões.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO					MG	01	01	06	Q40	003
--	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	-----

Curraleira - “Curraleira a gente inventa umas coisas aí pra cantar. Igual eu, canto de uma, canto de outra. A gente inventa aquilo e canta.”	“Adeus Mato Grande Adeus meu gerais O dia que eu despedir Por aqui não volto mais Esse parque do Governo Ninguém sabe o que é que faz O povo do IBAMA são igual ao satanás” “Vendi minha fazenda Chapadinha é minha fama Pra livrá da atentação Desse povo do IBAMA Os de fora mata a caça Os do lugar que leva a fama É um povo atentado Igual fin fin na cama Vendi minha fazenda Chapadinha é minha fama Pra livrá da atentação Desse povo do IBAMA” “Me ajude companheiro que eu também lhe ajudarei pra lá da Goiás-Minas Bem perto do Formoso Na curva da estrada tem um ponto perigoso Embora que eu moro longe Alguma coisa eu falei pra lá da Goiás-Minas Bem perto do Formoso Na curva da estrada tem um ponto perigoso Ajuntou quatro polícia Pra prender José Cardoso (2X) A muié tava doente E o homem ficou nervoso pra lá da Goiás-Minas Bem perto do Formoso Na curva da estrada tem um ponto perigoso.”	Guia de Folia e demais foliões.
---	---	--

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	06	Q40	003
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

Roda	“Cai, cai bananeira cai Cai, cai bananeira é flor Cai, cai bananeira cai Nos braços do meu amor Meu amor tá mau comigo Não sei porque razão Se for falta de carinho Eu te dou meu coração.” “Esse é os versos, joga os versos. Essa é do terreiro, é roda. É roda, dada as mão as muié e andar ao redor cantando.”	Toda a comunidade.
Dança da Barata	“Pisei na barata pisei no baratão você toma amor dos outros o meu não toma não Eu tomo, eu tomo, eu tomo Tenho costume é de tomar Cê toma o pé na bunda E a ponta do meu punhar”” “Isso é batuque.”	Guia de Folia e demais foliões.

8.9. HÁ INSTRUMENTOS MÚSICAIS PRÓPRIOS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? USAM-SE OUTROS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Não respondeu.		

8.10. APÓS A ATIVIDADE, QUAIS SÃO AS TAREFAS EXECUTADAS? QUEM AS EXECUTA?

QUEM EXECUTA	ATIVIDADE
Não respondeu.	

8.11. QUAIS SÃO OS PRODUTOS OU RESULTADOS DESTA ATIVIDADE? EM QUE QUANTIDADE?

Não respondeu.

8.12. QUAL É O PÚBLICO? QUAL O DESTINO DOS PRODUTOS DESTA ATIVIDADE?

Não respondeu.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	06	Q40	003
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

8.13. ESTA ATIVIDADE É IMPORTANTE PARA A RENDA / O SUSTENTO DE SUA FAMÍLIA? É A PRINCIPAL FONTE DE RENDA? E PARA A COMUNIDADE, ESSE TIPO DE ATIVIDADE É IMPORTANTE? POR QUÊ?		
Principal ☐	Complemento ☐	Não é fonte de renda ☒
Importância para a comunidade		

8.14. RECORDA-SE DE MUDANÇAS NOS MODOS DE FAZER E/OU RESULTADOS, MATÉRIAS PRIMAS, USOS DO BEM/SERVIÇO EXECUTADO? INFORMAR OS TIPOS, MOMENTOS (DATAS) E MOTIVOS DAS MUDANÇAS.	
Época	Ocorrência
Há quatro anos mais ou menos. Depois da mudança do parque	“Aqui tinha esses negócios das mulher cantar. Mas agora parou, agora não canta mais, não canta roda, não canta batuque. Ficou sem graça demais, pra mim ficou sem graça. Eu gostava do tempo que lá no parque cantava roda demais. Antes de mudar pra cá não tinha parado. Lá não, lá nunca tinha parado não. Parou aqui, depois que mudou aqui, quatro anos mais ou menos. Acho que acabou o movimento, que lá era todo mundo unido. Parou a festa, ia fazer uma festa, aí dançava batuque, as muié dançava batuque e dançava roda também. Agora diminuiu, parece que diminuiu os vizinho.” “Até a folia tá girando menos, antes girava a, 7 dias. Agora tá girando 3 dias, mas tem vez que gira mais. Mas ficou mais difícil, porque o povo aqui é desunido. Parece que uns quer, outros não quer.” “Uma metade é o povo que tava lá, a outra metade não. Tem mais gente de fora aqui. Uns é parente e outros não é não. Um bocado morava lá, outro bocado não. É do parque mas de outro lugar, que morava lá. Juntou gente de lugares diferentes. Tem dia que eu digo: “Oh meu Deus do céu, hoje não é como de primeiro como eu morava no parque. Eu gostava de sair, cantava uma roda, cantava um tamanduá, e aqui hoje o povo já num canta, ninguém gosta disso, parece que não”.”

9. LUGAR DA ATIVIDADE

9.1. ONDE OCORRE? DESDE QUANDO NESSE LUGAR? POR QUÊ?
Não respondeu.

9.2. QUEM É RESPONSÁVEL OU PROPRIETÁRIO DO LUGAR EM QUE OCORRE A ATIVIDADE?
Não respondeu.

9.3. DESENHO DO LUGAR DA ATIVIDADE

10. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS E INFORMANTES

10.1. QUEM MAIS PODE INFORMAR SOBRE ESTA ATIVIDADE?
D. Nica e D. Arcanja.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	06	Q40	003
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

10.2. HÁ OUTRAS FORMAS DE EXPRESSÃO CARACTERÍSTICAS DESTA LOCALIDADE?

FORMA DE EXPRESSÃO	CARACTERÍSTICAS	CONTATO

11. REGISTROS FOTOGRÁFICOS E AUDIOVISUAIS LOCALIZADOS OU PRODUZIDOS DURANTE A ENTREVISTA

Referência	Assunto	Onde encontrar

12. MATERIAIS IMPRESSOS E OUTROS LOCALIZADOS DURANTE A ENTREVISTA

Referência	Assunto	Onde encontrar

13. OBSERVAÇÕES DO ENTREVISTADOR**13.1. RECOMENDA APROFUNDAR ESTA ENTREVISTA? POR QUÊ?**

--

13.2. ATITUDES E OPINIÕES POR PARTE DO GRUPO IMEDIATO E MAIS AMPLO SOBRE O DESEMPENHO DO(A) ENTREVISTADO(A).

--

13.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

--

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	01	06	Q40	004
	UF	SÍTIO..	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. IDENTIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

DATA	10/12/2006	INÍCIO	17:20	TÉRMINO	18:37
ENTREVISTADOR	Helena Oliveira		SUPERVISOR	César Victor do Espírito Santo	

2. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Assentamento São Francisco
LOCALIDADE	PA São Francisco
MUNICÍPIO / UF	Formoso – MG

3. IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL

Denominação	DANÇA DE RODA, INCELÊNCIAS
Outras denominações	Roda de Terreiro, Batuque do Terreiro, Cantar na roda (de farinha é diferente do terreiro: cantos de trabalho)

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	06	Q40	004
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

4. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

NOME	D. Minervina Francisca das Neves				Nº	
COMO É CONHECIDO(A)	D. Nica	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	10/08/33	SEXO	☐ MASCULINO ☒ FEMININO	
ENDEREÇO	PA São Francisco, lote 35					
TELEFONE		FAX		E-MAIL		
OCUPAÇÃO	Artesã e Dona de Casa					
ONDE NASCEU	Januária-MG	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	2002			

5. RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO

5.1. QUAL É A SUA RELAÇÃO COM A ATIVIDADE? O QUE FAZ?
“Os terreiro de primeiro era bom demais, hoje não tem nem graça. Mas era muito bom, eu dançava muito, sabia dança tudo. Hoje eu não vou mode o problema na minha perna, tô sem firmeza.”

5.2. COMO, QUANDO, ONDE E COM QUEM APRENDEU ESTA ATIVIDADE?
“Aprendi com todo mundo, que de primeiro era quase todo mundo. Dançava, brincava na festa. No tempo da infância, nossa, eita moço, era bom demais!”

5.3. ENSINA OU ENSINOU A OUTROS?
Não respondeu.

5.4. OUTROS DADOS BIOGRÁFICOS RELEVANTES
Não respondeu.

5.5. PARTICIPA OU PARTICIPOU DE ALGUMA COOPERATIVA OU ASSOCIAÇÃO? CONHECE ALGUMA QUE SEJA ATUANTE NESTA LOCALIDADE?
Não respondeu.

6. DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

6.1. PERIODICIDADE	
---------------------------	--

6.2. ANOS EM QUE PRATICOU EFETIVAMENTE A ATIVIDADE DESDE 1990												
<table border="1"> <tr> <td>1990</td> <td>1991</td> <td>1992</td> <td>1993</td> <td>1994</td> <td>1995</td> <td>1996</td> <td>1997</td> <td>1998</td> <td>1999</td> <td>2000</td> <td>2001</td> </tr> </table>	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	06	Q40	004
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

6.3. QUAIS OS MOTIVOS DA ATIVIDADE?

☐ MEIO DE VIDA _____

☒ PRÁTICA RELIGIOSA

“AS INCELÊNCIA TINHA O SENTIDO DE ENCOMENDAR E LIMPAR A ALMA DO MORTO”.

☒ OUTRAS (SENTIDO LÚDICO, ETC.)

“AS DANÇAS DE TERREIRO ERA SÓ BRINCADEIRA DE ALEGRIA”.

6.4. QUAIS AS ORIGENS DA ATIVIDADE?

“Quando era um batuque, vamos dançar um batuque do terreiro. O batuque e o carneiro, a diferença é só as cantiga, mais as dança de batuque é uma só, tanto faz de braço, como de ombro. O carneiro é de ombro, e o Ariri é de braço.”

6.5. EXISTEM HISTÓRIAS ASSOCIADAS À ATIVIDADE?

“Dançava em festa de janeiro, festa de Bom Jesus, festa de São João, nas festa daqueles santo que a gente rezava e até hoje faz, qualquer festa.”

“O acontecimento era na hora que o povo errava pra nois era uma graça, hora que o povo errava: ”errou, errou!”, “foi fulano!”, “foi cicrano!”, “não fui eu não!”. Aí virava só a farra mesmo, brincadeira. A história era essa.”

7. PREPARAÇÃO

“Tem que ter uma pessoa que vai fazer, e fala: “ô fulano fica aí, apruma aí, aponta aí, fulano”. E aí vai juntando aquelas pessoas, pra ver, botando jeito pra mode juntar as dança, pra mode ficar bunitinho pra num errar. Quem sabe mais a pessoas assim, às vezes se for Tasso, se for Antônio, se for eu. Vai botando, um fica aqui, o outro fica aqui, é assim.”

“já tava bonito mesmo, já tava tudo preparado pra dançar dentro da casa. Era a gente mesmo pra cantar e bater e dançar. Tocar era difícil, viola tocava mais e hoje inda toca. Aí era dançar, chegava a suar. Molhava a camisa, molhava a roupa, dançava era pulando, né. Era homem, mulher, criança, quem soubesse dançava. Tinha vez que minino entrava, errava aí, era graça. Quanto mais os mais véi de idade gostava de dançar, brincar assim, era todo mundo.”

8. REALIZAÇÃO

8.1. QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS ETAPAS E PARTICIPANTES DA ATIVIDADE?

DENOMINAÇÃO	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE E SUAS METAS	PARTICIPANTES/FUNÇÃO
Não respondeu.		

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	06	Q40	004
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

8.2. QUAIS SÃO OS RECURSOS FINANCEIROS, CAPITAL E INSTALAÇÕES UTILIZADOS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM
Não respondeu.		

8.3. QUAIS SÃO AS MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO UTILIZADAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM
Não respondeu.		

8.4. HÁ COMIDAS E BEBIDAS PRÓPRIAS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? CONSOMEM-SE OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM
Comidas de festa	“Tinha comida e bebida, as comidas das festas, biscoito, café.	
Pinga	“Bebia, mais era mais pouca, mais bebia.”	

8.5. HÁ INSTRUMENTOS E OBJETOS RITUAIS PRÓPRIOS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? USAM-SE OUTROS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM
Não respondeu.		

8.6. HÁ FIGURINOS E ADEREÇOS PRÓPRIOS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? USAM-SE OUTROS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Margulhão	Usava uma toalha, se fosse doze, era seis de um lado e seis de outra, cada par segurava uma toalha. Aí ia passando por baixo das toalhas.	As pessoas da comunidade.
Roupas femininas	“De primeiro as muié fazia uma saia rodada pra dançar, pra ela rodar. Comprava o pano pra fazer a saia baiana, que tem aqueles, rodado, aí quando rodava ficava aquelas rodona.”	As pessoas da comunidade.

8.7. HÁ DANÇAS PRÓPRIAS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? OCORREM OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Mulatão	“Essa é de braço, cê me dava um braço eu te dava outro. Cê me dava esse braço e aí eu dava esse, cê me dava aquele e aí eu dava o outro. Mas era lindo, é parecendo o tamanduá.”	As pessoas da comunidade.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	06	Q40	004
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

Margulhão	“Pega as toalhas, eles fala que é as toalhas, mas pode ser qualquer pano. Vai segurando as toalha e os outros dançando. Um segurava a toalha de um lado e o outro do outro e outros dois mergulhava. Por isso que chama margulhão, é um pássaro que tem na lagoa e mergulha.”	As pessoas da comunidade.
-----------	---	---------------------------

8.8. HÁ MÚSICAS E ORAÇÕES PRÓPRIAS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? OCORREM OUTRAS?		
DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Mulatão	“Ê mulatão, Ei mulato. Ei mulatão, Ei mulatão.” “Um canta e os outros responde, era bom demais.”	As pessoas da comunidade.
Carneiro	“Meu carneiro mé, que ele évem berrando, mé ói ele, ói ele, ói ele, mé ele évem berrando, mé.”	As pessoas da comunidade.
Margulhão	“Pega o passo margulhão, oi zão, zão, zão Pega o passo devagar, oi zão, zão, zão Pega o passo margulhão, oi zão, zão, zão Pra mim passar, oi zão, zão, zão”	As pessoas da comunidade.
Caninha verde	“Oh caninha verde, ô lêlê verde caninha. Eu não vou na sua casa pra você não vir na minha, Eu sei que na (...) Nasceu foi mulher bonita. Caninha, cana verde, ô lêlê verde caninha Eu não vou na sua casa, pra você não vir na minha Você o seu cigarro nem uma fumaça me deu Eu tenho palha, eu tenho fumo Também vou fazer o meu Caninha, cana verde, ô lêlê verde caninha Eu não vou na sua casa, pra você não vir na minha Vou plantar meu pé de cana Na roça da moreninha Bezerro chora o chiqueiro Chiqueiro chora boiada Eu chorei minha sorte ruim Que está toda atrapaiada”	As pessoas da comunidade.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	06	Q40	004
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

Incelências – São cantos entoados em velórios para pedir a salvação das almas, ou seja, para encomendá-las a Deus.	“Tinha era choro e tristeza. Todo mundo quetinho, mais quieto, mais calado, lá pros canto, assuntando. Muito triste. Ofício mesmo cantava na hora que enterrava, pra poder sepultar a pessoa. Antes também cantava. O ofício reza ele na hora que quiser, pode estar vivo também, não tem problema não. Limpa mais a alma da pessoa. Nois tem que cuidar de nois é vivo, depois que morre cabou. Depois que enterra cada um vai pra sua casa, tem uns que fica mais um pouco na casa da pessoa, às vezes era enterrado no cemitério, outras vezes enterrava mesmo em qualquer lugar que a pessoa interessasse. Podia fazer a sepultura em qualquer um canto. Quando era perto do cemitério era no cemitério, quando era longe, era no cerrado. Aqui no assentamento já morreu só que não sepultou aqui nenhum, morreu o finado Maro, o finado Zé Meli, o finado Du, que era o pai desse Lauro, eles tudo foi no cemitério de Formoso.”	“Eles num tão cantando não, só Raimunda que cantou, o ofício, a ladainha ela rezou lá no cemitério. Num tô vendo mais cantar não é difícil, que o povo fala assim, até o padre ou mesmo um pastor fala, cê tem que limpá ocê quando ocê tiver viva, sã, andando, depois que nois morrê a carne vai pra debaixo do chão e a alma vai pra onde Deus quer. Mais nois tem que cuidar pra nois é antes de morrer, por isso é que as coisas todas mudou, então mudou esse assunto que eu tô te falando, mas de primeiro não era assim. Tinha os rezador, qualquer um que soubesse, era nois mesmo, eu, Tasso, Gumercindo, finada Venância, já morreu muito dos que sabia.”
--	--	--

8.9. HÁ INSTRUMENTOS MÚSICAIS PRÓPRIOS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? USAM-SE OUTROS?		
DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Pandeiro	Não respondeu.	Não respondeu.
Caixa	“Batido de caixa, às vezes viola, não sei se tem violão também, agora o povo gosta, usa muito, mas próprio era só a caixa, batendo a caixa.”	Não respondeu.
Viola	Não respondeu.	Não respondeu.

8.10. APÓS A ATIVIDADE, QUAIS SÃO AS TAREFAS EXECUTADAS? QUEM AS EXECUTA?	
QUEM EXECUTA	ATIVIDADE
As pessoas da comunidade.	“Depois que brincava, ia namorar.”

8.11. QUAIS SÃO OS PRODUTOS OU RESULTADOS DESTA ATIVIDADE? EM QUE QUANTIDADE?
Não respondeu.

8.12. QUAL É O PÚBLICO? QUAL O DESTINO DOS PRODUTOS DESTA ATIVIDADE?
Não respondeu.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	06	Q40	004
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

8.13. ESTA ATIVIDADE É IMPORTANTE PARA A RENDA / O SUSTENTO DE SUA FAMÍLIA? É A PRINCIPAL FONTE DE RENDA? E PARA A COMUNIDADE, ESSE TIPO DE ATIVIDADE É IMPORTANTE? POR QUÊ?		
Principal ☐	Complemento ☐	Não é fonte de renda ☒
Importância para a comunidade		

8.14. RECORDA-SE DE MUDANÇAS NOS MODOS DE FAZER E/OU RESULTADOS, MATÉRIAS PRIMAS, USOS DO BEM/SERVIÇO EXECUTADO? INFORMAR OS TIPOS, MOMENTOS (DATAS) E MOTIVOS DAS MUDANÇAS.	
Época	Ocorrência
5 anos atrás	“AQUI NO ASSENTAMENTO NÃO FAZ MAIS NÃO, AQUELE DIA SÓ FEZ PORQUE VOCÊS PEDIRAM, SÓ PRA AMOSTRAR.”
Sem data definida	“TUDO MUDOU, O MUNDO NÃO TRANSFORMOU? DEPOIS QUE O MUNDO TRANSFORMOU, O POVO TRANSFORMOU TAMBÉM E MUDOU. O POVO SÓ QUER COISA MODERNA.”

9. LUGAR DA ATIVIDADE

9.1. ONDE OCORRE? DESDE QUANDO NESSE LUGAR? POR QUÊ?
“Era na casa dos festeiros, podia ser nas folias, mas às vezes só ia lá só rezar as ladainha, rezava o terço e depois tinha as brincadeiras.”

9.2. QUEM É RESPONSÁVEL OU PROPRIETÁRIO DO LUGAR EM QUE OCORRE A ATIVIDADE?
Não respondeu.

9.3. DESENHO DO LUGAR DA ATIVIDADE

10. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS E INFORMANTES

10.1. QUEM MAIS PODE INFORMAR SOBRE ESTA ATIVIDADE?
D. Arcanja e Gumencindo.

10.2. HÁ OUTRAS FORMAS DE EXPRESSÃO CARACTERÍSTICAS DESTA LOCALIDADE?		
FORMA DE EXPRESSÃO	CARACTERÍSTICAS	CONTATO

11. REGISTROS FOTOGRÁFICOS E AUDIOVISUAIS LOCALIZADOS OU PRODUZIDOS DURANTE A ENTREVISTA

Referência	Assunto	Onde encontrar

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	06	Q40	004
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

12. MATERIAIS IMPRESSOS E OUTROS LOCALIZADOS DURANTE A ENTREVISTA

Referência	Assunto	Onde encontrar

13. OBSERVAÇÕES DO ENTREVISTADOR

13.1. RECOMENDA APROFUNDAR ESTA ENTREVISTA? POR QUÊ?

13.2. ATITUDES E OPINIÕES POR PARTE DO GRUPO IMEDIATO E MAIS AMPLO SOBRE O DESEMPENHO DO(A) ENTREVISTADO(A).

13.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	01	06	Q40	005
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. IDENTIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

DATA	11/12/2006	INÍCIO	9:30	TÉRMINO	10:45
ENTREVISTADOR	Helena Oliveira	SUPERVISOR	César Victor do Espírito Santo		

2. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Assentamento São Francisco
LOCALIDADE	PA São Francisco
MUNICÍPIO / UF	Formoso-MG

3. IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Rezas
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Incenças, Benditos

4. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

NOME	Glimercindo Pereira Saraiva	Nº			
COMO É CONHECIDO(A)	Gumercindo, Gugu	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	07/07/1949	SEXO	☒ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	Assentamento São Francisco, lote 51				
TELEFONE		FAX		E-MAIL	
OCUPAÇÃO	Lavrador				
ONDE NASCEU	Vargem Bonita-Januária-MG	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	2003		

5. RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO

5.1. QUAL É A SUA RELAÇÃO COM A ATIVIDADE? O QUE FAZ?

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MG****01****01****06****Q40****005**

“A gente rezava quando morria um, era eu, era compadre Tasso, Nica véia. Eu ajudava nos benditos e nas ladainhas”.
“Inselenças se reza para os mortos. Bendito é para rezar nas festas, na semana santa, nos agradecimentos”.

5.2. COMO, QUANDO, ONDE E COM QUEM APRENDEU ESTA ATIVIDADE?

“Eu chegava num lugar, minha memória é muito boa. Eu ouvia um rezando e eu decorava tudo. Eu tinha mais ou menos uns 15 anos e aprendi com o povo mais velho que sabia”.

5.3. ENSINA OU ENSINOU A OUTROS?

“Tem umas coisas que a gente ensinava”.

5.4. OUTROS DADOS BIOGRÁFICOS RELEVANTES

Não respondeu.

5.5. PARTICIPA OU PARTICIPOU DE ALGUMA COOPERATIVA OU ASSOCIAÇÃO? CONHECE ALGUMA QUE SEJA ATUANTE NESTA LOCALIDADE?

Não respondeu.

6. DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE**6.1. PERIODICIDADE**

Sempre que alguém morre.

6.2. ANOS EM QUE PRATICOU EFETIVAMENTE A ATIVIDADE DESDE 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

6.3. QUAIS OS MOTIVOS DA ATIVIDADE?

☐ MEIO DE VIDA _____

☒ PRÁTICA RELIGIOSA _____

☐ OUTRAS (SENTIDO LÚDICO, ETC.) _____

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	06	Q40	005
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

6.4. QUAIS AS ORIGENS DA ATIVIDADE?

Não respondeu.

6.5. EXISTEM HISTÓRIAS ASSOCIADAS À ATIVIDADE?

“Às vezes fulano morreu de acidente, a gente vai lá e reza. Meu avô era vivo e a vó minha morreu, foi rancar um pé de mandioca, topou com um calango e caiu desmaiada, morta. Morreu de susto.”

“Minha mãe deitou e chamou os netos pra ficar mais ela, de manhã ela já estava morta. Eu não rezei porque o povo fala que faz mal, a gente fica meio apaixonado.”

7. PREPARAÇÃO

“A pessoa morria e chamavam pra rezar no velório e no enterro também. Colocava o morto no caixão, com 4 pessoas segurando e cantando as inselengas e os benditos.”

8. REALIZAÇÃO

8.1. QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS ETAPAS E PARTICIPANTES DA ATIVIDADE?

DENOMINAÇÃO	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE E SUAS METAS	PARTICIPANTES/FUNÇÃO
Não respondeu.		

8.2. QUAIS SÃO OS RECURSOS FINANCEIROS, CAPITAL E INSTALAÇÕES UTILIZADOS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM
Não respondeu.		

8.3. QUAIS SÃO AS MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO UTILIZADAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM
Não respondeu.		

8.4. HÁ COMIDAS E BEBIDAS PRÓPRIAS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? CONSOMEM-SE OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM
“Galinha ou carne, arroz e feijão”.	Comidas servidas às pessoas presentes no velório para que consigam passar a noite toda ou dia todo no velório.	

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	06	Q40	005
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

--	--	--

8.5. HÁ INSTRUMENTOS E OBJETOS RITUAIS PRÓPRIOS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? USAM-SE OUTROS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM
Imagens de Santos	“Colocava uma imagem no peito do defunto no caixão.”	

8.6. HÁ FIGURINOS E ADEREÇOS PRÓPRIOS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? USAM-SE OUTROS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Roupa das pessoas presentes no velório	Qualquer roupa.	
Roupa do defunto	Vestia azul ou branco.	

8.7. HÁ DANÇAS PRÓPRIAS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? OCORREM OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Não há danças.		

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MG****01****01****06****Q40****005****8.8. HÁ MÚSICAS E ORAÇÕES PRÓPRIAS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? OCORREM OUTRAS?**

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Bendito de São Domingos	“Meu senhor São Domingos Por ele devemos amar Por ele nós assinou No seu livro de rezar No seu livro de rezar Quem me dera Eu lá estar Se minhas culpas foram grandes Vós queira me perdoar O senhori São Domingos Vós é um santo do céu claro Me leva onde tá o Divino Lá eu acharei o amparo O amparo do Divino Nunca pude alcançar Vamos oferecer esse bendito Pra o senhor que está na cruz Nos dê graça e nos dê luz Para sempre Amém, Jesus.”	
Oração à São Francisco	“Levantei um dia cedo Sexta-feira de paixão Sexta-feira de paixão Encontrei Nossa Senhora Com seu livrinho nas mãos Com seu livrinho nas mãos Procurando pelos meninos Os meninos de condão Os meninos de condão Que sabe uma oração Oração dos peregrinos Quando deus era menino.”	

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MG****01****01****06****Q40****005****8.9. HÁ INSTRUMENTOS MÚSICAIS PRÓPRIOS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? USAM-SE OUTROS?**

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Não há instrumentos musicais nestas rezas.		

8.10. APÓS A ATIVIDADE, QUAIS SÃO AS TAREFAS EXECUTADAS? QUEM AS EXECUTA?

QUEM EXECUTA	ATIVIDADE
Não respondeu.	

8.11. QUAIS SÃO OS PRODUTOS OU RESULTADOS DESTA ATIVIDADE? EM QUE QUANTIDADE?

Não respondeu.

8.12. QUAL É O PÚBLICO? QUAL O DESTINO DOS PRODUTOS DESTA ATIVIDADE?

A comunidade.

8.13. ESTA ATIVIDADE É IMPORTANTE PARA A RENDA / O SUSTENTO DE SUA FAMÍLIA? É A PRINCIPAL FONTE DE RENDA? E PARA A COMUNIDADE, ESSE TIPO DE ATIVIDADE É IMPORTANTE? POR QUÊ?

PRINCIPAL ☐	COMPLEMENTO ☐	NÃO É FONTE DE RENDA ☒
IMPORTÂNCIA PARA A COMUNIDADE		

8.14. RECORDE-SE DE MUDANÇAS NOS MODOS DE FAZER E/OU RESULTADOS, MATÉRIAS PRIMAS, USOS DO BEM/SERVIÇO EXECUTADO? INFORMAR OS TIPOS, MOMENTOS (DATAS) E MOTIVOS DAS MUDANÇAS.

ÉPOCA	OCCORRÊNCIA
Não respondeu.	

9. LUGAR DA ATIVIDADE**9.1. ONDE OCORRE? DESDE QUANDO NESSE LUGAR? POR QUÊ?**

Na casa do morto.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	06	Q40	005
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

9.2. QUEM É RESPONSÁVEL OU PROPRIETÁRIO DO LUGAR EM QUE OCORRE A ATIVIDADE?

Os parentes do morto.

9.3. DESENHO DO LUGAR DA ATIVIDADE**10. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS E INFORMANTES****10.1. QUEM MAIS PODE INFORMAR SOBRE ESTA ATIVIDADE?**

D. Nica.

10.2. HÁ OUTRAS FORMAS DE EXPRESSÃO CARACTERÍSTICAS DESTA LOCALIDADE?

FORMA DE EXPRESSÃO	CARACTERÍSTICAS	CONTATO

11. REGISTROS FOTOGRÁFICOS E AUDIOVISUAIS LOCALIZADOS OU PRODUZIDOS DURANTE A ENTREVISTA

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR

12. MATERIAIS IMPRESSOS E OUTROS LOCALIZADOS DURANTE A ENTREVISTA

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR

13. OBSERVAÇÕES DO ENTREVISTADOR**13.1. RECOMENDA APROFUNDAR ESTA ENTREVISTA? POR QUÊ?****13.2. ATITUDES E OPINIÕES POR PARTE DO GRUPO IMEDIATO E MAIS AMPLO SOBRE O DESEMPENHO DO(A) ENTREVISTADO(A).**

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MG	01	01	06	Q40	005
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

13.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO CELEBRAÇÕES	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	01	06	Q20	001
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. IDENTIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

DATA	25/08/2006	INÍCIO	9:35	TÉRMINO	10:21
ENTREVISTADOR	Thaís Teixeira de Siqueira / Helena oliveira			SUPERVISOR	César Victor do Espírito Santo

2. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Assentamento São Francisco
LOCALIDADE	PA São Francisco
MUNICÍPIO / UF	Formoso-MG

3. IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Folia de Reis, Folia do Divino e Folia de São João
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Folia dos Três Reis do Oriente

4. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

NOME	Otaciano Francisco das Neves				Nº			
COMO É CONHECIDO(A)	Seu Tasso	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	06/04/1936	SEXO	☒ MASCULINO ☐ FEMININO			
ENDEREÇO	Assentamento São Francisco, lote 35							
TELEFONE		FAX		E-MAIL				
OCUPAÇÃO	“A não ser de machado, enxada e foice e enxadão, é viola, sanfona, violão, caixa, pandeiro surdão, zabumba. Tudo eu sei mexer!” Violeiro, cantador e pagodeiro							
ONDE NASCEU	Vargem Bonita Januária-MG	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	2002					

5. RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO

5.1. COMO PARTICIPA DA CELEBRAÇÃO? O QUE FAZ E DESDE QUANDO?

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****001****Guia ou Capitão da Folia**

“Ele é o guia que comanda. Ele é o guia, as cantorias é ele quem puxa, as saudação é ele quem puxa. E eu rezo uma ladainha também, rezo a doutrina todinha.”

“É porque aprende as tabelas e sai cantando por guia. Então eu vou cantando e os outros vai me ajudando. Capitão é quem puxa. Reúne os folião, os instrumentos e os outros companheiros. Eu sou o guia, o folião de guia e os outros são os companheiro. Tem que sair de oito, ou de dez ou de doze, tem vez que sai até de quinze, com o alferes (que é o que sai com o condãozinho). Ele é uma pessoa que tenha responsabilidade, que ali ainda é mais firme, aqui mesmo é pessoas novas que não tem prática, o meu alferes mesmo é uma pessoa que tá com 94 anos, ele mora lá onde eu morava, nessa região aí do parque. Agora aqui no assentamento, esse não tem marcação não, a gente ranja uma pessoa, compadre Antônio Ferro Vêi mesmo já saiu. Esse ano no Divino que eu girei foi compadre Antônio, ele era imperador e o alferes.”

“Faço o cantório de qualquer tipo que a pessoa precisar. Se for pra fazer o do morador, eu faço o do morador. Se chegar um viajante e pedir: “Eu quero um cantório de reis!”, eu faço. Quer dizer, fiz a do dono da casa e já faço a do viajante, pede eu pra fazer que às vezes ele não tá na casa. Se um fazer uma promessa pros três reis de mandar fazer um cantório, ele de joelhos, isso aí já é um cantório diferente, eu faço também. E aí quando passar isso daí, aí nois vai fazer os lundu, as curraleira e as catira se precisar.”

“Tem vez que a gente dá um agrado. Esse caboco aí, o Messias, vai rezar esse ano e eu que sou o guia dele, da Folia de Reis. Aquela muiézinha dele, ela tá em lugar de sobrinha minha, a Adelina. Então, desde o ano passado que ela falou comigo e eu vou dar uma vaca pra eles. É assim, eu dei um garrotin pros três reis, pra um cara cumprir uma promessa, que era compadre Adolfo. Eu que seja o guia, ele adoeceu, não pode fazer, no outro ano, ele inda tava meio adoentado, aí o garrotin já tava crescido, aí ele morreu e não pagou a promessa, aí eu vou pegar e dar pra Messias.”

5.2. OUTROS DADOS BIOGRÁFICOS RELEVANTES

“Tem quarenta e tantos anos que eu giro como guia. Eu giro como guia pelos poderes de Deus primeiramente, a Mãe Santíssima, Jesus Cristo e os Três Reis do Oriente, o Divino Espírito Santo e qualquer santo que tiver folia. É comigo mesmo, eu nasci pra isso.”

“Peguei pelo livro do oriente. Os mestres pegou e aí passou pra mim. O que eu sei, as tabelas que eu sei, vêm do livro do oriente. Justamente porque não tem outros livros sobre folia de reis, a não ser o livro do oriente. Quem dizer que tem, eu digo que é mentira, que não tem. Esse livro tá difícil, se é que ainda existe ele, mas é difícil. Quem me passou foi os mestres que eu aprendi, um foi meu avô Epifânio, que era o folião mais (...) que tinha nesse mundo lá na região de Januária era ele, e eu aprendi com ele. Os outros, aprendi com outros mestres. Só que eles aprenderam pelo livro e passaram pra mim a cópia. Tinha vez que eu lia só três vezes e colocava debaixo do travesseiro, já amanhecia sabendo, mas é a força. Porque eu nasci pra isso.”

“Eu comecei... Porque eu casei em 59 e eu já era folião de guia e eu casei parece que com 24 anos ou 22 anos. Só que eu ainda tava começando a sair mais os guias, mas eu ainda não sabia direito. Foi mais ou menos em 1950 por diante já começava a cantar assim pra ajudar os guias, e depois eu fui decorando, decorando, e hoje eu sou mestre de qualquer um fí de Deus daqui da região.”

“Eu não faço nada a não ser por força da obra divina, pela obra da natureza. Porque eu nasci no mato, embaixo de um pé de jatobá carreira, o Dom meu foi Deus quem me deu. Só mesmo assim o ofício de Nossa Senhora, Virgem Imaculada Conceição, eu aprendi no livro, sabe. A ladainha de Nossa Senhora eu aprendi no livro, os Reis, tudo pelo livro, da santa escritura, eu não canto nada fora da escritura é por isso que o povo gosta, e os outros cantam inventado e aí não vale né.”

“Eu sou novinho de viola, eu tocava era violão, sanfona. Viola faz pouco tempo, se eu fosse pegar de novinho, nem Tião Carreiro dava conta de eu. Tem uns dois anos que eu comecei a pegar viola. Eu ainda tenho a idéia de quem tem 20, 30 anos. É a idéia, a pessoa é para o que nasce, sabe?”

“Quando eu era pequeno eu tocava uma guitarrinha, viola de buriti.”

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	Q20	001
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

5.3. EXISTEM GRUPOS OU ASSOCIAÇÕES LIGADOS A ESTA CELEBRAÇÃO?

“Associação? Pra ajudar na festa? Tem. Aparece muito, eu mesmo nessa do Divino, eu dei um bezerro, aí do bezerro transformou por uma banda de uma vaca, porque o bezerro era novo e não podia matar, aí eu dei o bezerro numa banda de vaca e dei pra eles. Aí outros deu uma banda, outros deu um quarto, aí só sei que foram duas vacas lá nessa festa.”

“Associação de moradores ajuda, uns dá queijo, outros dá ovo, outros dá leite, outros dá polvilho, outros dá feijão, outros dá arroz, o negócio é isso mesmo.”

6. DESCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO

6.1. ÉPOCA

DATA	☒ DATA FIXA: DIA <u>01</u> MÊS <u>01</u> ☐ DATA MÓVEL
DURAÇÃO	DE <u>01/01</u> A <u>06/01</u>
PERIODICIDADE	☒ ANUAL ☐ OUTRA. QUAL?
CELEBRAÇÕES ASSOCIADAS	Folia do Divino: sai de 5 até 7 dias antes do dia de Pentecóstes, marcado no calendário da igreja católica. Folia de São João: sai de 5 a 6 dias antes do dia 24 de junho, dia do arremate. Folia de Nossa Senhora Aparecida Folia de São José (não gira no Assentamento) Folia de São Sebastião (não gira no Assentamento) Folia de Santa Luzia (Teve um giro no Assentamento, em 13/12/2006) No parque só tinham as folias de Reis e de Nossa Senhora Aparecida, a do Divino só teve no ano de 2006 e a de São João já tem 3 anos, a festa é no Cajueiro mas gira no Assentamento também.

6.2. ANOS DE OCORRÊNCIA DA CELEBRAÇÃO DESDE 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	Q20	001
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

6.3. QUAIS OS MOTIVOS DA CELEBRAÇÃO? ASSINALAR E DESCREVER TODOS OS MOTIVOS QUE A JUSTIFICAM.

☒ **Invocação religiosa. Qual(is)?**

“Porque os santos, eles têm poder e o povo tem fé, faz o voto com eles, é valido aí tem que cumprir. Já deu muitos exemplos que faz o voto com eles e num cumpri, por isso tem que cumprir, se fazer tem que cumprir. é porque os santos têm poderes, todo mundo que lê a bíblia, pode caçá que tem, tá marcado, foi quem visitou o menino Jesus. O primeiro profeta foi os três reis do oriente que visitou o menino Jesus quando ele nasceu, cada um levou um presente. Baltazar, Gaspar e Brechó (Belchior), Baltazar levou ouro, Gaspar levou incenso e Brechó levou mirra. Eles é tão poderoso, que eu criei foi oito filhos, no poder de Deus, Jesus Cristo, Maria Santíssima e os braços, que até hoje tem buraco, que eu trabalhava de machado fazendo cerca de arame pra ganhar dinheiro pra poder criar os filhos. Aí eu tinha uns dois bezzerrinhos, mas num aumentava pra nada aí eu peguei com os três reis, se eles ajudasse que eu adquirisse pelo menos umas dez cabeça de gado, moça mas de uma hora pra outra eu possui 16, pra você ver o tanto que eles é poderoso, aí eu peguei o bezerro e dei pra eles. A gente dá pra aquele imperador pra poder dar pro povo que vem, aqueles romeiro que vem assistir as rezas e a festa. Aí, mas os santos ficam tão alegres. Só faz a festa através dos votos que a gente faz, ninguém não faz essas festas a não ser através de voto, a gente sendo prejudicado e faz o voto com aqueles santos, aí eles valem. As pessoas que não cumprem, eles dão o exemplo, tem que cumprir, senão aquela criação vai acabando, o que tem vai acabando, a vida da pessoa vai ficando só petecada, por isso que se prometeu tem que dar mesmo.”

“A de São João deve ter sido um voto que o pai desse povo fez, eles é todo ano. É a família de Raimundo, o pai dele chamava Estevão. Toda vida eles rezava, ficou velho, morreu, e os filho ficou, enquanto eles viver vai rezar. Na hora que eles morrer os filhos deles, se tiver o sentimento, aí deve cumprir do mesmo jeito.

☐ **OUTROS (COMÉRCIO, LAZER, CALENDÁRIO, TRABALHO, ETC.)** _____

6.4. QUAIS AS ORIGENS DA CELEBRAÇÃO?

“A do Divino começou agora em 2006, agora vai ser todo ano. Você quer ver, escuta. Foi um vereador que pegou no mastro na hora em que eu derrubei, ele saiu foi levar um povo num sei a onde, pegou no quadro. Porque tem o retrato e tem o quadro que pega. Ele fica rodando né, o mistério é tão fino que pro lado que a figura da pombinha do Divino amanhece é que é a festa. São João também é assim.”

6.5. EXISTEM HISTÓRIAS ASSOCIADAS À CELEBRAÇÃO?

“Tem gente assim, que faz dos três reis. De primeiro assim, tem que rezar três anos, que eles é três. Agora muitos só rezam as três ladainhas e arranja um guia que entende na entrega explica com as palavras que arremata num ano só. Mas eles não gosta, eles gosta de fazer cada ano pra um, porque ele é três. De primeiro só fazia os três, eu mesmo fiz um voto uma vez, tem muitos anos eu era novo, aí fui valido, rezei um ano, passou um bocado de anos, rezei o outro ano e depois rezei o outro ano. Tinha que rezar os três. Agora eles tão fazendo assim, porque Deus não é vingativo, os santos também não, então tem deles que as vezes se sente assim prejudicado, que as vezes num dá conta, só quie se pegá com o santo ele é poderoso, ele dá tudim na mão da pessoa. Mas eles tão fazendo assim, porque mudou de primeiro a gente fazia uma festa não tinha balaio de gato no meio, hoje as coisa mudou demais, aí tem gente que já reza as três ladainhas, faz o giro, às vezes faz três dias ou seis dias, aí faz a entrega e explica, tem que ser o guia que sabe, não é tudo mundo não.”

“Foi em 1955 que eu mudei pra região onde é o parque hoje, vim lá da região de Januária. Lá era desse mesmo jeito, saia no dia primeiro, sempre nois girava seis dias, chegava dia seis, rezava, entregava. Quando aquele não rezava, os outros já rezava e lá todo ano tem, lá no Rio Preto, Fazenda Mato Grande.”

“Lá do Divino, nós fazia lá no município de Arinos. Só servia eu, lá em Arinos tem tanto folião, mas só eu porque compreendo a divindade. Tem uns que compreende a de reis, mas a do Divino não compreende. É eu e Jeromim, lá do Buritis.”

“São João pra lá sempre eles reza, mas pra soltar o giro mesmo, ainda não vi não.”

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	Q20	001
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

7. PREPARAÇÃO

“Quando dá de dois meses assim antes da festa eles já começam a preparar. Já vai tirando goma, polvilho. Quando chega de um mês em diante já vai fazendo queijo, ovos, aquelas coisas que precisa.”

“E aí chega na casa caba de fazer a saudação, agradece tudo de acordo a intimidade, conforme a que a pessoa tem na casa. Se for uma pessoa que gostar mesmo a gente faz um bocado de brincadeira a mais, tem uns que gosta mais pouco, pede mais pouco e a gente faz mais pouco. O prazer da divindade que gira, o prazer é nascido em primeiro lugar dos donos da casa. Você chega na casa, a casa que quiser a saudação a porta tá aberta, os que não quer tá fechada, você passa por fora com o retrato. Assim é na cidade, eu giro lá em Formoso, e assim é no mato, eles dizem: “Fulano falou que passasse lá, que ele tá esperando. Quer um pouso na casa dele, tem almoço também, quer que vocês vão almoçar lá, ou uma janta, ou um café.” Qualquer coisa, o interesse nasce dos donos da casa.”

Folia do Divino “Sábado chega, levanta o mastro. Faz o cantório, levanta o mastro, debaixo faz o cantório também, é bonito demais. Quando é doze horas aí já é Domingo, aí que é dia do santo. Aí eu rezo e entrego a folia.”

“Esse ano eu saí lá em Formoso. Aqui eu sai no Divino, quem girou foi compadre Antônio Ferro Vêi (contraguia), Eliezer (que canta por guia e é violeiro), Quinquinha (cantou comigo, e quem respondia uma hora era Ferro Vêi, outra hora Eliézer), Herculano (viola), Aldelino (pandeiro), Tercílio Preto (caixa), Hélio (pandeiro).”

“Esse ano eu não fui guia na folia de São João, só no ano passado, esse ano foi Tercílio e Herculano. Só que eles não sabe o que eu sei, é diferente.”

8. REALIZAÇÃO

8.1. QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS ETAPAS E PARTICIPANTES DA ATIVIDADE?		
DENOMINAÇÃO	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE E SUAS METAS	PARTICIPANTES/FUNÇÃO
Imperador	“A principal função é fazer a festa do arremate. Ele se trata o império real, vai daqui, vai d’acolá, mas despeja lá. Os foliões e os arromeiros que gostam de assistir a missão. O imperador tá lá esperando, arrumando da casa, ele arruma a festa.” Geralmente é por promessa	
Alferes	“O alferes é o comandante que manda até no guia. O alferes, o que precisar fazer com o retrato ele é o responso. Ele que traça o giro. Comanda a hora de sair, a hora de chegar, mas só os que sabe. Ele quem leva a bandeira.”	
Guia	“O alferes mais o guia é um só, só que o guia é pras saudações, as saudações que precisar o guia responsabiliza. Puxa as músicas, e o contraguia responde.” “O guia puxa a viola e a divindade, e o contraguia responde mais o outro. A mesma coisa que eu falar eles tem que responder. Os outros folião bate, os que toca viola é viola, violão é violão, pandeiro é pandeiro, rapapau é rapa pau.”	
Foliões	Os foliões trata o dia, o dia certo que é de sair, posa lá, o outro dia cedo arvora e racha fora. Tocam e cantam.	
Mulheres	As mulheres que entendem e gostam entram na curraleira com os foliões, aqui tem é muitas que dança. As comidas são as mulheres que fazem, mas os homens podem fazer também.	

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	Q20	001
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

Promesseiros	“Os promesseiros fazem o voto com os santos: “É meu santo fulano, me ajuda assim, assim que chegá lá na festa de vós, no império real eu rezo uma ladainha pra vós, dou um tanto de dinheiro pra vós, eu dou tal coisa pra vós”. Tudo coisa boa, que o santo não gosta de coisa ruim não, se der ruim ele não quer não. Aí faz promessa de fazer cantorio pra eles, o cara ajoelha lá na frente do retrato e diz as palavras diferente, bonita.”	
Morador	“Tem lugar que eles passa pra saudar o morador, aí serve um café com um biscoitinho e aí parte pra outra. Quem num tiver um biscoitinho dá uma cachacinha pros que gosta, dá um vinhozinho pros que gosta. Outros num dá nada mais dá um dinheirinho em louvor do santo.”	
Arremate (entrega da folia)	“É o mesmo cantorio, só que as palavras às vezes muda um pouquinho, tem que entregar o mastro que é a bandeira. Tem que entregar as toalhas, já bota as toalhas de um lado, tira as toalhas do pescoço e já bota do lado esquerdo. Aí é o guia que sabe, tem guia que não sabe explicar. Aí vai cantando, tocando, a música é a mesma, só muda as palavras. E aí entrega né, o arremate da folia é a entrega da folia. Gira, gira, gira, chegá lá reza, lá no pé da lapinha, do altar, e aí vai entregar. Os folião tudo, e aí na hora da entrega ainda tem luz, de primeiro usava candeia de cera, pra cada um dos folião arranjava uma mulher pra segura, até hoje ainda usa. Mas tem uns que esquece, os folião mais novo, mas tem que ter, não tendo candeia pode ser vela. Se as mulher da gente tiver, quem tem mulher ali ela vai segurar pro marido, se não tiver arranja qualquer outra filha de Deus. Aí o folião mestre fala, folião que é o guia que sabe, que nem eu, tem as palavras que fala pra iluminar.”	
Dono de Pouso	“Os pouso, quando não ranja quem vai, um dos folião aí e vai avisar aquele dono de casa se pode dar o pouso pros foliões lá. Os que pode fala “pode vir”. Os que não pode tem que caçar outro. É tudo preparado, tudo organizado.”	

8.2. QUAIS SÃO OS RECURSOS FINANCEIROS, CAPITAL E INSTALAÇÕES UTILIZADOS?		
DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM
	“Os recursos quer dizer, isso é coisa do imperador. que é o imperador que se vire, né. Mas eu mesmo eu já dei, o ano passado eu dei um bezerro.”	
	“O guia só gasta se alguém pedir a ele uma ajuda ele pode dar, eu mesmo sou acostumado a dar. Aqui cada qual sai por conta própria.	

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****001****8.3. QUAIS SÃO AS MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO UTILIZADAS?**

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM
	“Comida a pessoa dá o que tem e o que pode. De primeiro tinha uma carne de caça, tinha e podia, hoje é regulado o negócio. Eles dava muito é frango e dá até hoje. Galinha já imagina que chegá o mês de janeiro, morre mesmo, que os folião come mesmo, folião é igual guará pra comer galinha.”	

8.4. HÁ COMIDAS E BEBIDAS PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO ? QUAIS? CONSOMEM-SE OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM

8.5. HÁ INSTRUMENTOS E OBJETOS RITUAIS PRÓPRIOS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM
Condão	“Condão é aquele varãozinho que o povo segura. O condão é a varinha que segura a bandeira. É feita de pau.”	
Mastro ou Bandeira	“Tem que mandar o padre benzer, todo padre que é padre mesmo formado aí ele tem aquelas profecias do mundo, então aí ele benze com aquelas palavras santas que Deus deixou, aí pessoa tem que acreditar, quem não acredita não vale nada. Mas pra gente que é católico e é de Deus, porque Deus é um só e Jesus.”	

8.6. HÁ TRAJES E ADEREÇOS PRÓPRIOS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? USAM-SE OUTROS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Divisa (pano que os foliões usam em torno do pescoço, sinalizando que estão em giro)	“Na divisa do guia tem uma cruz e o alferes usa um top na toalha, que é uma fita, faz um lacinho bonito assim de uma fita da cor do céu, pode ser da cor do retrato, mas se não tiver pode ser de qualquer cor. Se for do divino é vermelha, se for dos três rei é cor do céu. A divisa do folião pode ter o nome dele bordado se quiser.”	

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	Q20	001
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

8.7. HÁ DANÇAS PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? OCORREM OUTRAS?		
DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****001**

Curraleira

“Curraleira é feita de par, são seis, ou oito ou doze. Forma os par e quem é viola é viola, quem é pandeiro é pandeiro. A dança é trocado, roda e depois troca, um dentro do outro, sai acolá e depois bate certinho lá. Quem não sabe não adianta não, se tiver dez que souber e um que não souber aí acabou. Bota os outros tudo de fora, igual se você for rezar o pai nosso, falta um ramo e não é o pai nosso, se for rezar uma ladainha, falta um ramo, não é. A curraleira tem o lugar certinho pra dançar, é difícil ela.”

“Na letra joga verso, é brincadeira. O verso é só quem sabe. A gente joga aqueles verso, tudo rimado e se jogar o verso e não for rimado, aí fica desapariado, aí não dá, fica desenchavido.”

“O canto da curraleira pode ser tirado. Sabe aquela curraleira de César mais Ernani, aquela lá foi eu que tirei, é porque nós morava lá no parque e aí o povo tinha que sair mesmo, porque é um parque nacional não tem jeito das pessoas ficar morando. E aí quem criou esse Assentamento foi eles, César mais Ernani foi quem correu atrás disso aqui. Aí nós assentamos todos, aí eu tirei:

César Vitor mais Ernani foi quem mais nos ajudou

Quem criou esse Assentamento que nois todos se assentou

Eles falam aqui na terra,

Cantam os anjos nas alturas

São dois homens de direito

Que comanda a FUNATURA.”

“Eu que tirei, mas pode ser qualquer coisa que acontece numa hora, alguém cai ou alguma coisa engraçada e aí tira a curraleira. Tem umas antigas também, tem a da Nossa Senhora Aparecida que é do dia de hoje. Essa é velha, antiga daqui:

O Brasil é terra boa

É nossa terra querida

É da nossa padroeira

Nossa Senhora Aparecida

É uma santa milagrosa

Que conserva nossa vida

Apareceu lá no Brasil

Ô Senhora Aparecida!

Apareceu em São Paulo

Lá no rio Paranaíba

É uma santa padroeira

Que conserva nossa vida”

A curraleira pode abordar vários temas, santos, amor, brigas, qualquer acontecimento pode virar curraleira.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES					MG	01	01	06	Q20	001
--	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	-----

Guaiana (catira)	“Aqui é poucos que sabe ela. A guaiana é quase o tipo da curraleira, mas é diferente. Já não tem caixa no meio, é só viola, viola e palma. A gente faz a música, canta e aí bate a viola, bate os pés no chão, bates as mãos e troca os pares. A guaiana dança até de doze, mas tem que ser de oito acima, curraleira ainda faz de seis, até de quatro faz, fica feio mais faz.” “Guaiana é tirada também, é letra, tudo letra. Pode lembrar das antigas ou tirar as novas. De primeiro a gente chamava de guaiana, hoje eles mudou pra catira” “Tem uma que é de um fazendeirão que chamava Antonio Sote e aí tiraram uma pra ele: Fazenda de Antonio Sote Tá de grande oposição Curral é de aroeira Porteira de trimourão De noite a casa clareia Luz é de lampeão.” Parece moda de viola	
Lundu	“O lundu não precisa dançar de par não, aí pode misturar. Mistura um com o outro assim e para onde der certo.” “O lundu pode tirar também. Tem um lundu que eu tirei. Que eu viajei, e eu tenho uma mula que é muito cismada, aí eu viajei mais companheiro Francis, compadre Osvaldo. E eu morava num lugar por nome de Mandú, lá dentro do parque. E aí nós ia da Vereda Grande pra Mandú, eu ia muntado nessa mula. Aí a riata não era muito boa nesse tempo e aí eu fui dar um chega na espora nela e aí a cela desarrochou, e aí chegou na Tiririca eu fui dar outra esporada, quebrou a correia da esporae eu fui gravando. Chegou na passagem d’Anta, ela refugou de umas carrasca de buriti. E aí eu falei assim: Companheiro ma ajuda Que eu também te ajudarei Segura Otaciano Que o pé da rédea quebrou Lá na beira do Mandú A cela desarrochou Chegando na Tiririca A correia da espora quebrou Chegou na passagem d’Anta Sua mula refugou Segura Otaciano Que o pé da rédea quebrou”	

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****001**

Danças de roda	“No tempo que eu era minino, tinha muito. A roda era no terreiro, se a pessoa fosse solteira pegava na mão, rapaz com a moça, e aí dava uma rodada e daqui a pouco ó (apertava a mão da moça), dá uns apertinho. Mas isso, essas roda acabou, nós vai fazer uma apresentação lá, se tiver alguém que entender lá nois vamo fazer. Tamanduá, mulatão, ariri, esses é dado os braços, homem e mulher.” Mulatão, Ariri e Tamanduá (a dança é a mesma, só muda os versos): “É dado o braço também, dou o braço pra você e aí já vem a outra e dá o braço também, e aí vai passando e cruza o braço direito com um e o esquerdo com outro. E vai passando assim na fila, os homens pra cá e as mulheres pra lá. Ficam duas carreiras, duas filas, uma de frente pra outra e cruza uma com a outra dando os braços.” Caninha verde: “Aquele tem que pegar o toque e dar uma mexida. Faz o toque com a viola, joga o verso: “Minha caninha, verde, oh minha verde caninha, eu não vou na tua casa, pra você não ir na minha.” Aí ele roda, os par né, aí eu rodo com você e passo pra lá e rodo com outra e aí o que tava lá já roda com você.” Peru da bananeira e Flor da ingazeira: “Esses é solto, não é o par não. Lá nos buraco, onde eu morava, dançava de minino deste tamanho assim, que não tem entendimento, até velha de 80 anos, tudo misturado, jovens, de meia idade.” “Essas músicas é tudo tirado, só que essas velhas era o povo antigo que tirava e aí ensinava pros novos. Nica é boa nessas”	
----------------	--	--

8.8. HÁ MÚSICAS E ORAÇÕES PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? OCORREM OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Alvorada (cantorio)	“Primeiro alvorada a folia na casa do imperador, aí é um cantorio.” Canto que anuncia a saída da folia para o giro na casa do imperador.” “O cantorio é a harmonia da divindade, o santo fica alegre. O santo que é dono daquela divindade fica tão alegre, mas a pessoa tem que fazer direi. Porque tem uns que enterram o pé na pinga, ou então não sabe e aí fica feio. É por isso que tem as pessoas de escolha pra isso.” “No cantorio a pessoa chega e faz o cabeçalho da tabela, o guia. E aí diz os versos, e aí saúda os morador pelo nome. Tem gente que não sabe, mas eu saúdo pelo nome, se tiver filho eu falo, chego com um verso só. Chega com um verso só, que reduz num só, nem que for dez filhos ou vinte, mas num verso só se encerra. Pra quem sabe. Aí pega uma oferta, agradece, manda beijar o retrato e aí chama pra ir pra festa do imperador e aí despede e vai se embora. Tudo isso dentro do cantorio, falado dentro do cantorio.”	

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		MG	01	01	06	Q20	001
--	--	----	----	----	----	-----	-----

Cantório do morador	“Aí sai cantando nos morador, saudando os morador, né. Saudando, agradecendo, chamando pra ir pra festa e pedindo as oferta, agradecendo, chamando pra ir pra festa.” “As pessoa gosta porque tem devoção. E o folião de guia fala aquelas palavras pra mode Deus, os Três Reis ou qualquer um santo agradecer aquele dono da casa. Dar vida, saúde, felicidade, abençoar.”	
Saudação da mesa	“Tem que saudar a mesa, onde almoça e janta. Todos os dias onde a folia come, tem que saudar a mesa, é um canto só.”	
Cantório do Pousa	“Aí quando chega numa casa que vai pousar, aí o cantório já é diferente. Já tem que cantar pedindo pousa, por isso que não é todo mundo que serve pra ser guia, não é todo mundo que sabe.”	
Agradecimento do pousa	“Aí pousa ali né. E no outro dia cedo, toma um cafezinho ali, faz outra brincadeirinha ali, se quiser. E aí tem a saudação, o agradecimento do pousa. Aí que é bonito, eu agradeço o pousa pelo sol, a criação do mundo é bonito demais: Deus vos salve a claridade Deus vos salve a luz do dia Deus vos salve a luz do sol A luz que nos ilumina O sol para sair pede licença ao senhor Quando sai joga seus raios por cima do resplendor Deus vos salve a luz do sol Que é o mistério mais profundo Quando sai joga seus raios Nas quatro partes do mundo. O sol tem seu relógio que nunca andou atrasado Ele serve de sinal para um verbo encarnado O clarão da lua cheia É um sinal da primavera O sol faz sua marcha E por ninguém ele não espera”	
Canto de chegada	“Quando chegar no dia do arremate, chega no imperador, canta a chegada, tudo por tabelas. Pelo menos o que eu sei é tudo saído do livro do oriente e da escritura sagrada.	
Canto de entrega	“E aí fica quieto lá, sem cantar reis, só brincando. Aí depois reza o terço, reza a ladainha e entrega. Cada qual é uma parte. Aí arrematou, pronto	

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****001****8.9. HÁ INSTRUMENTOS MÚSICAIS PRÓPRIOS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? USAM-SE OUTROS?**

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Rapa pau	“Ele é de pau, faz uns dentinho assim e bota umas rosetinha na ponta do talinho e rapa. Ele dá uma zoadá que nem cascavel, com o chocalho.”	
Viola	“Afinação rio abaixo”	
Violão	“O violão é selecionado na afinação de sol maior”	
Pandeiro	“Se o pandeiro tiver frouxo leva a chave nas tarraxas dele, acocha pra pegar o som.”	
Sanfona		
Caixa	“A caixa é que entoa o Reis, ela é que segura. É a viola do guia e a caixa.”	
Cavaquinho		

8.10. APÓS A CELEBRAÇÃO, QUAIS SÃO AS TAREFAS EXECUTADAS? QUEM AS EXECUTA?

QUEM EXECUTA	ATIVIDADE
	“Depois que acaba a festa o imperador vai arrumar as coisas dele e o folião vai ficar uma semana deitado descansando. Que cansa a gente, sabe.”

8.11. QUAL É O PÚBLICO DESTA CELEBRAÇÃO?

--

8.12. RECORDA-SE DE MUDANÇAS NA ORGANIZAÇÃO E NO PROGRAMA DESTA CELEBRAÇÃO? DESCREVER, INFORMAR SOBRE A ÉPOCA E OS MOTIVOS DAS MUDANÇAS.

ÉPOCA	OCORRÊNCIA
	“de primeiro a gente fazia festa que dependia de divindade, quando era baile, era baile, quando era reza, era reza. não se usava o forró e hoje não eles tão misturando as bola, tá misturando uma coisa com outra. só que eu não gosto, ainda tô no sistema velho, festa que eu sou folião de guia de primeiro eu não aceitava dançar nem... hoje é o seguinte, ninguém tá dando jeito no povo, na hora que eu saio eles faz, depois que eu entrego meu encargo. Que eu chego, rezo e entrego a minha obrigação secreta aí eles faz o que quiser.”

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	Q20	001
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

	“De primeiro saia a divindade, não tinha uma que tinha essa cachaça solta que tem hoje. Que hoje eles toca a folia a troco só do álcool e isso não é de acerto. No nosso tempo, no tempo que eu aprendi, às vezes o alferes carregava uma garrafinha de pinga como remédio próprio para se por acaso um folião invocasse ele dava uma dosinha pra melhorar. Hoje eles tá bebendo é... eles num tá somando de é divindade, ou se é ritmo de cachaça, tá assim, por isso que eu tô achando que tá mudado é por isso, pra mim tá é muito! E pra quem entendeu, conheceu, alguns que tá de menor idade que eu não entende. Hoje não é só a mocidade não, até os velhos parece que mudou, só não eu e outros como eu. Tem um guia no Buritis, que é o Jerônimo, também não bebe, é igual eu.” “Depois da mudança do parque pra cá pra mim, numas partes ficou até melhor. Porque lá é um deserto e aqui é dentro da população, misturado. Se alguém precisar ir em qualquer lugar, caçar um recurso, qualquer coisa que necessitar na cidade, tá aqui perto e lá quem tinha cavalo, andava a cavalo, duas, três léguas. Andava até dez léguas pra conseguir uma lata de óleo, descendo serra e subindo serra, umas cinco horas de viagem. Hoje facilitou, até pra folia girar facilitou” “A Folia de Reis só girava de noite, e não se fazia ela de dia. No cantorio mesmo fala: “Os três reis andava no mundo Correndo sua freguesia De dia tava parado De noite eles dirigia.” Agora não, agora é comum de dia. De primeiro se chegasse numa casa cedo eles pousava e naquela casa eles ficava o dia todinho ali. Quando chegava de noite ía sair, a noite toda. Mas hoje os trem mudou demais, moça! Igual eu tô te falando que as brincadeira era outra, não era essas brincadeira de forró.”
--	--

9. LUGAR DA CELEBRAÇÃO

9.1. ONDE OCORRE? DESDE QUANDO NESSE LUGAR? POR QUÊ?
Sempre é na casa do imperador.

9.2. QUEM É RESPONSÁVEL OU PROPRIETÁRIO DO LUGAR EM QUE OCORRE A CELEBRAÇÃO?
Tercílio Preto, Eduardo (pai de Idelino), Maximim (mora no assentamento com os filhos)

9.3. DESENHO DO LUGAR DA CELEBRAÇÃO

10. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS E INFORMANTES

10.1. QUEM MAIS PODE INFORMAR SOBRE ESTA CELEBRAÇÃO?

10.2.HÁ OUTRAS CELEBRAÇÕES NESTA LOCALIDADE?		
CELEBRAÇÃO	ONDE / QUANDO	CONTATO

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****001****11. REGISTROS FOTOGRÁFICOS E AUDIOVISUAIS LOCALIZADOS OU PRODUZIDOS DURANTE A ENTREVISTA**

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR

12. MATERIAIS IMPRESSOS E OUTROS LOCALIZADOS DURANTE A ENTREVISTA

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR

13. OBSERVAÇÕES DO ENTREVISTADOR**13.1. RECOMENDA APROFUNDAR ESTA ENTREVISTA? POR QUÊ?****13.2. OUTRAS OBSERVAÇÕES**

“A folia do Messias (imperador) ficou pro outro ano. Aqui só vai ter a do Zé Preto em 2007. Eu vou sair lá em Formoso, todo ano eu giro lá, eles me descobriram lá e não soltam. E tem outra transferida pra mim lá em formoso.”

Curraleira

“Maria, Maria

Sou eu, meu bem

Sou eu, Mariazinha

Que eu te chamo e ocê não vem

Maria foi passear, nem comigo ela falou

Agora estou ciente que você tem outro amor

Sou eu, Maria

Sou eu, meu bem

Sou eu, Mariazinha

Que eu te chamo e ocê não vem.

13.3. FICHAS ANEXADAS

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO CELEBRAÇÕES	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	01	06	Q20	002
	UF	SÍTIO-	Loc	ANO	FICHA	NO.

1. IDENTIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

DATA	13/10/2006	INÍCIO	08:50	TÉRMINO	09:42
ENTREVISTADOR	Thaís Teixeira de Siqueira	SUPERVISOR	César Victor do Espírito Santo		

2. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Assentamento São Francisco
LOCALIDADE	PA São Francisco
MUNICÍPIO / UF	Formoso-MG

3. IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Folia de Reis
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Folia de Santo Reis

4. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

NOME	João Eduardo Ferreira da Silva				Nº			
COMO É CONHECIDO(A)	Seu Eduardo	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	13/10/1928	SEXO	☒ MASCULINO ☐ FEMININO			
ENDEREÇO	Assentamento São Francisco, Lote 27,							
TELEFONE		FAX		E-MAIL				
OCUPAÇÃO	Lavrador							
ONDE NASCEU	Vargem Bonita Januária-MG	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	01/12/2001 O primeiro a mudar-se para o Assentamento					

5. RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO

5.1. COMO PARTICIPA DA CELEBRAÇÃO? O QUE FAZ E DESDE QUANDO?

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	Q20	002
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

Girou na folia três anos como contraguia e foi imperador de folia de Reis 7 vezes.

“Eu era contraguia, cantava mais Tasso. Tocava viola e respondia, mas agora não canto mais não. Girava com a viola, outra hora com aquele negócio que eles chamam rapa-pau. Porque pra cantar sem nada fica sem graça, tem que Ter um trezinho pra tá mexendo com as mãos pra aperfeiçoar.”

5.2. OUTROS DADOS BIOGRÁFICOS RELEVANTES

“Eu não aprendi com ninguém não, Tasso é quem cantava e eu cantava mais ele. Já foi saindo, não tinha folião e nois fomos sair num giro de uma folia primeira, nois fizemos um terno lá e saímos. Nessa época eu já tinha uns trinta anos, já era casado. Mas eu só girei três anos e fui fazer festa, virei imperador de reis, festejei de reis sete vezes.”

“Esse negócio de tocar, cantar é a invocação da pessoa. Que nois tudo só aprende as coisas com a invocação que nós tem, se ocê tem vocação pra uma coisa ocê não pode pegar outra não, ocê num segue. Tem que seguir a invocação do seu nascimento, que ocê já nasce com aquela invocação daquela coisa. Se ocê tem invocação com uma coisa ocê aprende fácil, agora se ocê não tiver invocação, ocê quebra a cabeça. Pode prestar atenção nisso, cada um nasce com uma invocação, um por umas coisas, outros por outras. Vê os outros fazendo e pela invocação sua, ocê vai aprendendo, aos poucos.”

“De uns 10 anos pra cá eu parei de ser imperador. É que eu fui ficando véi, os minino foi saindo tudo, as minina casou, que era quem ajudava na festa. A patroa ficou véia. Cansa, é festa de muito labor. Porque a festa de reis é festa do dia que começa a folia até o dia que arremata. Uns faz umas coisa, outros faz outras e é festa direto. A fila sai girando e a gente fica ciudando cá pra esperar a chegada dela.”

5.3. EXISTEM GRUPOS OU ASSOCIAÇÕES LIGADOS A ESTA CELEBRAÇÃO?

6. DESCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO

6.1. ÉPOCA

DATA	☐ DATA FIXA: DIA ____ MÊS _____ ☐ DATA MÓVEL
DURAÇÃO	DE _____ A _____
PERIODICIDADE	☐ ANUAL ☐ OUTRA. QUAL?
CELEBRAÇÕES ASSOCIADAS	

6.2. ANOS DE OCORRÊNCIA DA CELEBRAÇÃO DESDE 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****002****6.3. QUAIS OS MOTIVOS DA CELEBRAÇÃO? ASSINALAR E DESCREVER TODOS OS MOTIVOS QUE A JUSTIFICAM.**☒ **INVOCAÇÃO RELIGIOSA. QUAL(IS)?**

“O motivo é esse, porque a festa de Reis eu achava muito bonita. Não era promessa não era nada. Eu achava a festa de Reis bonita, então eu tinha o desejo de fazer uma festa na minha casa. Aí, fiz o primeiro ano e achei bom e continuava. Era um anos sim e um ano não era todo ano não. O pessoal geralmente é imperador por promessa, eu não, foi por boa vontade, porque eu achava a festa bonita. Aí eu comecei um ano pra experimentar, pra ver se dava certo, aí achei bom e as coisas pra mim foi fácil, botei pra quebrar na festa. Mas tinha a reza, eu rezava, a reza era no último dia. Porque a festa de Reis quem cumpre a promessa é os folião, por que os folião é quem sacrificava no mundo, é moiando, é enfrentando o rio cheio. Lá tinha muito rio, muita água, Tinha vez que entrava num córrego, tinha todo mundo que desarmava, pra caçar uma pinguela pra passar a cela. Lá é assim.”

☐ **OUTROS (COMÉRCIO, LAZER, CALENDÁRIO, TRABALHO, ETC.)** _____

6.4. QUAIS AS ORIGENS DA CELEBRAÇÃO?

“Quando Jesus nasceu, o primeiro que visitou Jesus não foi os três reis? Cada um levou uma oferta, um levou incenso, outro levou mirra e o outro levou ouro. Agora aquelas ofertas, quando o folião chega e acabou de saudar o morador, na hora de embora aquele morador dá aquela oferta. Faça de conta que os folião é os três reis, quando foi visitar Jesus cada um levou um presente para Jesus. Agora chega de cá, nós num temo a mirra, incenso e ouro, nós damos o dinheiro e naquele lugar pra poder representar como foi no princípio do mundo. Porque antes do nascimento de Cristo não tinha folia, não tinha nada, depois que nasceu Cristo, que os três reis andou. Mas os três reis não levou viola, não levou caixa, não levou nada. Mas aí pros folião chegá e fazê a mesma coisa, quando é no tempo aí os folião vai girar, fazendo a mesma caminhada que os três reis fez pra visitar Jesus. Cada um levou um presente, chegou lá onde Jesus tava, então o condo (mastro da bandeira) era pequeno, um levou um presente e ajoelhou, fez a venda e entregou. O outro fez a venda e entregou, e outro e aí entregou. Agora nós todos faz a mesma festa, fazendo como quem faça de conta que é no tempo de Cristo, que os três reis foi visitar. E aí daí pra cá foi que começou as festas de Reis. Não tem ouro incenso e mirra, mas tem viola pandeiro e caixa e é isso que os folião leva. E na hora de entregar a folia, entrega a folia e entrega a mesma coisa, entrega pandeiro caixa e viola. Primeiro canta a imperadora ou imperador e o alferes entrega o mastro, agora os folião canta entregando pandeiro, caixa e viola. E naquela hora entrega ao imperador tudo e aí agora tá desarmado.”

“Porque o cantório é uma oração, aquilo é um voto que sai cumprindo que o folião é quem cumpre a promessa. Porque o folião sai fazendo a caminhada, como os três Reis fez. Faz de conta que é os três Reis que tá caminhando pra visitar Cristo, quando Cristo nasceu. Agora, os folião é quem sai fazendo a caminhada, com aquela caminhada que eles faz tem que ter muito respeito. Sai a folia cumprindo aquele voto, faça de conta que é como os Três Reis saiu oriente, que eles foram escondido, de Satanás, que Satanás tava perseguindo. E eles foram por uma estrada e voltaram por outra. Os folião sai fazendo a mesma caminhada dos Três Reis.”

6.5. EXISTEM HISTÓRIAS ASSOCIADAS À CELEBRAÇÃO?

“Eu desde que me entendi por gente. Minha procedência é Imperador, a minha bisavó festejou quarenta anos, morreu com 110 anos. Só de Reis ela festejou 40 anos. Agora nós já nascemos dentro da tradição, aqui e acolá um da família tem aquela tradição, já alembra e faz. Agora aqueles da família festeja, muitos é só três anos, faz três anos e aí já cumpriu o voto, aí já passa pra outra família com a mesma tradição.”

“Minha bisavó, quando eu nasci ela já tinha morrido, mas ela festejou 40 anos de Reis, até ficar véinha. Mas aqui e acolá um da família reza, aqueles procedências daqui e dacolá reza também.”

“Lá em Vargem Bonita é o lugar que mais festeja o de Reis, todo ano, num faia um. É o lugar que mais festeja.”

“Nas nossas festas lá não acontecia nada, porque briga não tinha. Tinha só amizade, amor, que o povo vinha de longe. Aquele imperador sacrificava com aqueles pessoal que vinha pra festa, porque o imperador tava responsável por aquele pessoal todo, tinha que agrada todo mundo. E o povo saía tudo alegre com ele, mas tem imperador que não, que às vezes agrava as pessoa que vem de fora e quem dá a festa não pode agravar ninguém, tem que tratar todo mundo com educação, com amor. Quando tinha uma festa boa assim, todo mundo falava: “Que festa boa!” E quando a festa é ruim: “Ih, a festa não prestou pra nada!”

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****002****7. PREPARAÇÃO**

“Tem que começar a preparar bem antes, quando já tá assim faltando uns trinta dias a gente já começa a encomendar. Encomenda um fazendeiro o queijo, encomenda ovo, que mesmo tendo a galinha não dá pra gente juntar, que vai é muitas dúzias de ovo. Compra as coisas tudo com fartura, compra café com fartura pra dar o povo pra tomar.”

“Festa de Reis é duas festas, a saída da folia é uma festinha mais pequena, o povo junta tudo pra ver os folião alvorá. Isso é uma festa, tem comida, tem bolo. Depois é seis dias, aí o imperador fica trabalhando ali, mata gado, arruma comida, uma carne. Agora quando chega é outra festa.”

8. REALIZAÇÃO**8.1. QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS ETAPAS E PARTICIPANTES DA ATIVIDADE?**

DENOMINAÇÃO	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE E SUAS METAS	PARTICIPANTES/FUNÇÃO
Alvorada - Saída da folia	“Que eles arvora na hora que o folião chega na casa, que é pra reunir, pra sair a folia, todo mundo arvora pra poder pegar as toalhas. Aí que o sinal dos folião, acabou de arvora, tá arvorado, pode sair. E se arvora tem que sair. Pra arvorá o folião de guia canta, e o imperador e manda entregar as coisas tudo que são do giro da folia. Aí entrega as toalhas, entrega as coisas tudo, os instrumento. Depois que eles recebe e pôs a toalha no pescoço, aí tá arvorado. Arvorá é pra sair, pra começar o giro da folia.”	
Imperador	“Nois saia a folia no dia 22 de dezembro. Agora os folião ia girar e eu ia ficar na casa fazendo as coisas, matando o gado e mexendo com a cria, pra hora que a folia chegasse. O preparador da folia, agente reúne as pessoas pra sair no giro. Pra sair no giro não pode ser pessoas dominadas pro cachaça, não. Porque se os folião for muito viciado em pinga, então a folia não sai em paz não. Porque tem que ser as pessoa tudo unido, por que a folia de Reis é de muito respeito.”	
Alferes	“O alferes é pra carregar o mastro, receber as ofertas.”	
Folião	“Sempre é doze folião, se sair mais do isso é vagabundagem. Porque ali pra brincá, na hora que um cansa tem que ter os outros pra ajudar. Tem que saber tocar a curraleira, saber tocar viola. Porque uns faz uma coisa outros faz outra.”	
Guia	“Guia é pra cantar na frente dos outros. Porque o guia é quem sabe e os outros vão respondendo, o que ele fala. O que ele fala os outros vão respondendo também.” “Tasso é o chefe de tudo, pra rezar, pra cantorio, pra tocar, Tasso é o chefe.”	
Contraguia	“Canta mais o guia, responde. O guia canta e ele ajuda o guia a cantar. O guia canta mais um companheiro e o contraguia canta mais um companheiro. Um fala uma palavra e o outro responde a mesma palavra, os outros tem que falar tudo o que o guia falou até o fim.”	

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		MG	01	01	06	Q20	002
--	--	----	----	----	----	-----	-----

Pouso	“Você chega com a folia aqui, não vai viajar mais e vai posar aqui, aí pede o pouso. Pousa e no outro dia, eles almoça e vai agradecer. Aí põe as vasilhas tudo aí na mesa, arrudeia de folião, agora vai andando e agradecendo a mesa. Pouso de folia também quando eles sai tem que agradecer o dono da casa, pelo café que bebeu, pelo bolo.”	
Cruzeiro	“Eles fazem com a venda da bandeira. Um faz o pé do cruzeiro e o outro faz o braço. Um faz um braço e o outro faz o outro lá. Pega a bandeira e faz a venda assim, girando a bandeira.”	
Venda	“É com a bandeira e a bandeira é de pano e tem o cabinho dela de vara. O varãozinho dela chama condão.” Movimentos circulares com a bandeira em sinal de saudação.	
Encontro de folias (ocasional)	“A gente sai com a bandeira e cada um tem um mastro. Quem carrega o mastro, a bandeira é o alferes. Na hora do encontro das folia tem que saudar a bandeira. No saudar da bandeira, o alferes que tá na casa vai pra fora, a folia que tá dentro sai fora, na hora que a outra vem. Aí recebe a outra lá, e aí tem que saudar o mastro. Aí eles fazem o cruzeiro, a venda, um faz de cá e o outro faz de lá. Agora vão saudar a bandeira. Se tiver o alferes que for o mais sabido, aí toma bandeira do outro e não tem direito de dar mais não. Eles vão saudar a bandeira, um faz a venda de lá, o outro faz a venda de cá. O que sabe mais mete a bandeira na outra e toma a bandeira da outra. É bonito o encontro. O mastro é tudo de um santo só. A folia não pode brigar não, a folia de Reis. Eles cantam desafio, mas não é verdade não, o folião não pode cantar desafio, o folião tem que saudar o outro. Os que tiver cá dentro sauda o outro que tá lá. Sauda como amigo, não pode maltratar não.”	
Entrega da Folia	“A folia chegava no dia 6, tinha reza de noite, aí o povo fazia a festa a noite toda até amanhecer o dia. No dia 7 nois ia despachar todo mundo. Nas minhas festas nunca deu briga, nunca deu nada. Festejei 7 vezes e nunca teve uma briga, nunca teve nada. Naquela época todo mundo respeitava e passava em paz.” “Entrega a folia pra entregar o que ele recebeu. No dia do arremate, depois que acaba de rezar a ladainha, entregou o voto, agora a folia vai entregar. Entrega pro imperador, primeiro entrega a bandeira, e aí sai a imperadeira sai de folião em folião, correndo o giro, tira atalha de um, bota no braço, até que toma tudo. Aí tomou, coloca lá no altar, Aí agora o voto tá cumprido. Aí agora vai brincar, aí a noite é de festa. Só não pode dançar forró em festa de Reis. A festa de Reis é uma festa de brincadeira, que dança lundu, é guaiana, é curraleira. As dança de folião é essa, folião não pode dançar forró não.”	

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	Q20	002
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

8.2. QUAIS SÃO OS RECURSOS FINANCEIROS, CAPITAL E INSTALAÇÕES UTILIZADOS?		
DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM
Ofertas	“Que o povo trata é esmola, mas não é esmola não. Santo Reis não precisa de esmola não, nois é que precisa da esmola dele. É uma oferta que nois faz pra folia.”	
Gastos do Imperador	“Gastava muito dinheiro quando eu era imperador. Tem que comprar o café, tem que comprar o açúcar. Tem que comprar o porco gordo pra tirar a banha e botar o toicinho pra cozinhar dentro da carne pra ajudar e quando não tem o porco pra comprar tem que ser óleo. Aí tem que juntar ovo, galinha, o gado, juntá o queijo pra fazer os bolos. É tudo de fartura, é muita gente, não é coisa que come e os outros fica com fome não.”	
	“Isso é um trem que a gente gasta mas não vê não. Com a ajuda do santo a gente faz uma festa de Reis, mas não vê o que gasta não. Ali tem vez que a gente gasta muito, mas tem muito digitório (ajuda), às vezes um fazendeiro dá uma dúzia de queijo, ou meia dúzia.”	

8.3. QUAIS SÃO AS MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO UTILIZADAS?		
DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM

8.4. HÁ COMIDAS E BEBIDAS PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO ? QUAIS? CONSOMEM-SE OUTRAS?		
DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM
Arroz		
Carne cozida	“Enche um tachão de carne. Corta mais de um quarto de carne e bota pra cozinhar dentro de um tacho e senta a gordura. Cozinha até desmanchar. Folião chegou, cantou, aí vai despachar comida pro povo. Depois que passa a entrega da folia tem um café pra todo mundo com bolo.”	“Mulher da casa não pode cozinhar não, tá cuidando das coisas, despacha uma coisa, despacha outra. Tem os cozinheiros, é os amigos, já tem aquelas pessoas própria pra cozinhar em festa. Tem vez que era muié e homem, outra hora é só homem só.”
Café		
Cachaça	“Vixe! desde antes de eu nascer que pinga era solta no mundo. Mas bebia mais regulado e respeitava a casa da gente e a gente não dava muita chance pra eles. As pessoas era tudo conhecido, tudo do lugar, tudo da família, e respeitava. A terra que eu nasci, que é Januária, é a terra que mais tem pinga, lugar da pinga boa é Januária.”	

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	Q20	002
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

8.5. HÁ INSTRUMENTOS E OBJETOS RITUAIS PRÓPRIOS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM

8.6. HÁ TRAJES E ADEREÇOS PRÓPRIOS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? USAM-SE OUTROS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Divisa	Divide e define, por meio da toalha usada no pescoço, quem é e quem não é folião.	

8.7. HÁ DANÇAS PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? OCORREM OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Curraleira	“Curraleira é uma dança, eles faz aquele círculo de lá e de cá. Sempre o terno é oito e agora faz um círculo ao redor, lá por fora com os instrumentos. Aí quando começa a curraleira eles vão cantando e andando e aí depois que eles canta aí vai trocar. Uns passa pra lá, outros passa pra cá. Quando chegar lá no lugar que eles começaram, eles torna a fazer.”	
Lundu	“O lundu é sapateado e a curraleira não, sapateia e troca. Quem quiser pode entrar, pode encher ali tudinho”	
Forró	“Eu dançava, mas dançava mais era o forró. Era igual a esse que é de hoje mesmo. Os tocador também... Porque o forró é dançado de acordo com o toque, do jeito que o toque é tocado lá, você tem que dançar daquele jeito no toque. Não pode o toque estar num assunto e danças em outro não. Toque de forró é com sanfona, né, é mais animado do que tocar disco. O forró era só toque, quase não tinha cantiga não. Era só sanfona mesmo.”	
Mulatão		
Ariri		
Margulhão	“O margulhão é bonito, é com a toalha. Aí uns sai mergulhando uns aos outros. É o par, um segura numa ponta da toalha, o outro na outra. Faz um telhado com a toalha, e agora vai passando, vai largando cá. E bonito.”	
Marujo	“Marujo era um trem dançado lá na... não entendo daquilo não. Dançado no terreiro, era um bocado de minino, mulher	

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****002**

Cana verde	“Cana verde é um tipo de forró. Mas faz um círculo de mulher por fora e os homens por dentro, agora, na hora que toca lá, que joga o verso, cada cavalheiro pega sua figura, roda e deixa ela no lugar. Depois passa pra outra. É que nem forró porque dança abraçado, agora as figura assim por fora e o cavalheiros vinham por dentro, na hora de trocar, pega a figura lá, roda e muda o lugar. Já vem outro e já troca com aquela. As mulheres dançam com todos os homens e os homens dançam com todas as mulheres.”	
Carneiro	“Carneiro é dar murrada”	

8.8. HÁ MÚSICAS E ORAÇÕES PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? OCORREM OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Cantorio	“Agradece o morador, canta o morador, joga um verso pro morador ou pra moradeira. Fala no nome da pessoa, agradando. Um verso é uma coisa de amor, com o imperador. Agora ele caba de jogá aqueles versos e agora vai cantar. O cantorio é uma oração. Pra abençoar o morador, agradecer a oferta. Eles canta o morador, depois pede a oferta, depois que recebe a oferta aí vai agradecer a oferta. Pode pedir pra aumentar a criação, a fazenda. Eles joga o verso assim: Deus lhe pague sua oferta Deus lhe dê muita renda Dê vida e saúde E aumento em sua fazenda” “Os cantos de Reis, são da tabela tirada do livro. Não é coisa inventada de cabeça não.”	
Lundu	“A gente canta tudo quanto é tipo de lundu. Aquela coisa é jogada o verso, joga o verso e canta.”	
Curraleira	“É cantiga mesmo. Gumercindo é bom pra cantar. Eu cantava algumas, mas nunca tirei não. Sempre quando eu era folião, eu gostava só do cantorio. No tempo que eu cantava, que hoje não canto mais não, que o peito enfraqueceu.” “Tem tanta curraleira, tanta coisa, ali ele joga um verso. Tem os versos da curraleira e tem os versos que ele joga. Tem uns mais antigo, só que aquelas curraleiras velhas eles vão deixando, e vai ficando só com as novas.” “Tenho esperança Eu tenho lembrança Até hoje eu tenho saudade De nosso gaio de flor.” “Essa é daquelas mais antigas.”	

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****002****8.9. HÁ INSTRUMENTOS MÚSICAIS PRÓPRIOS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? USAM-SE OUTROS?**

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Pandeiro	“É pra ajudar a bater. Que a curraleira tem que ser acompanhada da caixa, da viola e do pandeiro.”	
Caixa	“A caixa é pra bater, que sem a caixa não faz a curraleira não.”	
Viola	“A viola é pra tocar o cantório, tocar a curraleira, a guaiana.”	
Rabeca ou Rebeca	“Aqui não usa rebeca não, é lá pra Vargem bonita.”	
Balainho	“Tem um balainho também. Uma muié que veio aí, Tercília, acho que é Tercília que ela chama. Andou ai pra baixo e achou um balainho de bater folia. Um povo que vem aí, como vocês mesmo que vem no assentamento. Não sei onde foi a pra baixo ela arranhou um balainho. Usa ele na folia também pra fazer zoadá, check- check, check- check, check- check. Trança um balainho assim, põe milho dentro, agora sacode, aquele milho zoa dentro pra ajudar a entoar a folia.”	
Rapa-pau	“É pra ajudar, que tudo faz zoadá.”	

8.10. APÓS A CELEBRAÇÃO, QUAIS SÃO AS TAREFAS EXECUTADAS? QUEM AS EXECUTA?

QUEM EXECUTA	ATIVIDADE
	“Cabô a festa aí é só alguma vasilha, entregar alguma coisa, porque as da casa não dava. Ia ariá, arrumá as coisas. E os folião ia descansá. Se sobrasse de comer, o que sobrava dava pro povo e o povo carregava.”

8.11. QUAL É O PÚBLICO DESTA CELEBRAÇÃO?

--

8.12. RECORDA-SE DE MUDANÇAS NA ORGANIZAÇÃO E NO PROGRAMA DESTA CELEBRAÇÃO? DESCREVER, INFORMAR SOBRE A ÉPOCA E OS MOTIVOS DAS MUDANÇAS.

ÉPOCA	OCCORRÊNCIA
	“Não mudou não, mudou o sistema, o lugar. Porque num lugar eles trabalhava de um jeito, em outro lugar é de outro. O sistema da folia de Reis na minha terra, onde eu nasci é mais diferente, os que vem de lá é a mesma coisa, e os de outro lugar já é diferente. Lá no formoso é bem deferente, eu já assisti duas vezes a folia de São Sebastião lá. Lá a folia sai numa casa, agora a folia em todas as casas. A folia saída casa do imperador, o imperador solta a folia. Mas em cada pouso da folia, o dono da casa arruma tudo como se fosse o imperador. Junta aquele povo todo, aí tem café, tem bolo. Lá em Formoso é assim, chega primeiro com a folia, reza a ladainha, e depois vem a comida, aí eles agradece a mesa e vai cantar as cozinheiras lá dentro. E depois que acabar é que vai dançar curraleira.”
	“Porque o sistema de primeiro não é essa de hoje não. As coisas mudou muito. Esses que nasceu de meia idade que eu tinha pra cá, já não vê o que eu vi primeiro. Já é outro sistema já.” “Diferença tem porque os tempos de outros tempos era de um jeito e hoje já mudou muito as coisas. Mudou muitos tipos de coisas, desse tempo pra ainda mudou mais. Naquele tempo o sacrifício era mais do que hoje, hoje tudo é fácil.”

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****002****9. LUGAR DA CELEBRAÇÃO****9.1. ONDE OCORRE? DESDE QUANDO NESSE LUGAR? POR QUÊ?****9.2. QUEM É RESPONSÁVEL OU PROPRIETÁRIO DO LUGAR EM QUE OCORRE A CELEBRAÇÃO?****9.3. DESENHO DO LUGAR DA CELEBRAÇÃO****10. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS E INFORMANTES****10.1. QUEM MAIS PODE INFORMAR SOBRE ESTA CELEBRAÇÃO?****10.2. HÁ OUTRAS CELEBRAÇÕES NESTA LOCALIDADE?**

CELEBRAÇÃO	ONDE / QUANDO	CONTATO

11. REGISTROS FOTOGRÁFICOS E AUDIOVISUAIS LOCALIZADOS OU PRODUZIDOS DURANTE A ENTREVISTA

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR

12. MATERIAIS IMPRESSOS E OUTROS LOCALIZADOS DURANTE A ENTREVISTA

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR

13. OBSERVAÇÕES DO ENTREVISTADOR**13.1. RECOMENDA APROFUNDAR ESTA ENTREVISTA? POR QUÊ?**

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	Q20	002
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

13.2. OUTRAS OBSERVAÇÕES

13.3. FICHAS ANEXADAS

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO CELEBRAÇÕES	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	01	06	Q20	003
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. IDENTIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

DATA	26/08/2006	INÍCIO	15:17	TÉRMINO	16:25
ENTREVISTADOR	Thaís Teixeira de Siqueira / Helena oliveira	SUPERVISOR	César Victor do Espírito Santo		

2. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Assentamento São Francisco
LOCALIDADE	PA São Francisco
MUNICÍPIO / UF	Formoso-MG

3. IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Folia de Nossa Senhora Aparecida
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Reza de Nossa Senhora Aparecida

4. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

NOME	Alberto Teixeira dos Santos				Nº			
COMO É CONHECIDO(A)	Seu Alberto	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	15/11/1962	SEXO	☒ MASCULINO ☐ FEMININO			
ENDEREÇO	PA São Francisco, lote 44							
TELEFONE		FAX		E-MAIL				
OCUPAÇÃO	Agricultor							
ONDE NASCEU	Mato Grande Formoso-MG	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	2002					

5. RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO

5.1. COMO PARTICIPA DA CELEBRAÇÃO? O QUE FAZ E DESDE QUANDO?

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	Q20	003
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

É o Imperador, quem organiza e prepara a festa:

“Eu preparo aqui, primeiro eu reuno pra mandar meus folião embora trabaiá. Eu mando minha minha mulher, meus filhos, aí nós vamos reunir, fazer uma janta pra dar aos folião, preparar a casa aqui pra que os folião chega e fica tudo bonitinho. Porque essa imagem aqui ela sai bonitinha, isso nós trata, é a mesma coisa de nós tá vendo a santa.”

“Eu recebi os folião aqui e aí quando os folião entregou a folia, depois de tudo nós fizemo um forrozinho aqui na frente da casa. Mas lá na frente do santo eu não quero forró, mas aqui é uma mania nossa. O padroeiro mesmo é o santo, mas nós somos imperador, nós temos aquele respeito. Aí depois que os folião acabou o compromisso deles, eu fui lá busquei uma sanfona, fizemo o forró, o pessoal brincou aqui, baile.”

“O primeiro ano que eu rezei foi o ano passado, 2005. Aí agora em 2006 eu vou continuar rezando denovo. Mas aí eu vou mandar dia 08 de outubro os meus folião vão começar a trabaiá, eles vão com essa bandeira aqui, com esse retrato. Daqui pra frente eu quero prolongar pra ver se não faia, porque o pessoal daqui gosta. Ano passado minha casa aqui encheu, eu matei vaca aqui, o pessoal ficou aqui à vontade.”

“Essa Nossa Senhora Aparecida que é padroeira aqui. É do Brasil também, até ela tem uma igreja no Rio de Janeiro, eu até num fui lá, mas eu conheço ela há muito tempo. Porque tem pessoas que vem e faz aquele conhecimento, aquela semelhança dela. Pessoalmente eu não conheço, nunca vi a Nossa Senhora Aparecida, mas a gente vê assim, com certeza é ela.”

5.2. OUTROS DADOS BIOGRÁFICOS RELEVANTES

“Eu prometi à Nossa Senhora Aparecida, porque eu tive um conflito. Eu capotei o carro uma vez, o carro deu três capotada e o carro parou com os quatro pneu pra cima e eu fiquei preso debaixo do carro da cintura pra cima. Fui pro hospital, fiquei lá vários tempos, minha mulher sofreu meus filhos ainda eram pequenos. Eu fui pra casa, minha mulher sofreu muito comigo, aí eu mesmo pedi para Nossa Senhora Aparecida. Que se Nossa Senhora ajudasse, que eu melhorasse, que desse conta de criar meus filhos, trabaiá, voltá minha saúde legal, aí eu ia continuar rezando. A partir daquele dia que minha condição fosse o possível, eu ia rezá todo dia 12 de outubro. E aí eu pedi essa santa aqui e ela me acudiu. Tem pessoas que fala: “isso é só um pano!”, mas não isso aqui na verdade é só a semelhança dela, ela mesma tá lá em cima, lá no céu. Aí eu pedi pra ela e Deus me abençoou, que eu fui recuperando, minha mulher cuidou muito de mim, me ajudou. Aí eu vim pra'qui, adquiri um lote aqui e aí comecei a pagar. E essa dívida eu tô com ela, é uma dívida assim, que eu vou pagando ela na medida em que for possível, que a dívida seria mesmo eu paguei há um ano atrás. Mas eu quero continuar rezando, que foi um santo que me ajudou. O santo vai me ajudar que todo ano eu rezo! Mas a promessa já tá paga. Agora daqui pra frente é a mulher (sua esposa Chica) que quer rezar, que ela gostou, gostou da comunidade do pessoal, da vizinhança, a vizinha dela ali é muito amiga dela.”

“Tem muita gente igual o eu vizinho, lá no ferro Velho né? Ele reza do Divino, lá em Formoso tem um irmão da minha tia por parte de mãe né? Por que ela é minha tia só por parte de pai, ele reza pro Divino também. Aí foi na hora que me socorreram lá, que eu lembrei da Nossa Senhora da Aparecida, eu tava quase morrendo lá debaixo do carro, eu me lembrei da Nossa Senhora da Aparecida, pedi a ela e ela me acudiu, aí por isso que eu tenho aquele respeito por ela.”

5.3. EXISTEM GRUPOS OU ASSOCIAÇÕES LIGADOS A ESTA CELEBRAÇÃO?

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****003****6. DESCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO****6.1. ÉPOCA**

DATA	☒ DATA FIXA: DIA 12 MÊS 10 ☐ DATA MÓVEL
DURAÇÃO	DE 08/10 A 12/10
PERIODICIDADE	☐ ANUAL ☒ OUTRA. QUAL? DE ACORDO COM AS POSSIBILIDADES DO IMPERADOR. “A gente visa também, como está a situação dos foliões, se eles estiverem muito atarefados em casa, a gente adia mais um pouquinho, que aí da tempo né? Aí o Imperador tem que ver se eles estão muito atarefados em casa ou alguma coisa assim.”
CELEBRAÇÕES ASSOCIADAS	Todas as outras folias da comunidade.

6.2. ANOS DE OCORRÊNCIA DA CELEBRAÇÃO DESDE 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

6.3. QUAIS OS MOTIVOS DA CELEBRAÇÃO? ASSINALAR E DESCREVER TODOS OS MOTIVOS QUE A JUSTIFICAM.
☒ **INVOCACÃO RELIGIOSA. QUAL(IS)? PROMESSA:**

“A GENTE QUER INCENTIVAR AQUELAS PESSOAS, ÀS VEZES ELA TÁ COM ALGUM PROBLEMA DE SAÚDE, TÁ PREOCUPADA E AÍ A GENTE SENTA PRA REZAR, PRO MODE AJUDAR AS PESSOAS. PORQUE DEUS É UM BOM PAI, DEUS E O SANTO É UM BOM PAI. AÍ É DESSA MANEIRA QUE NÓIS TRABALHA AQUI, SABE. MODE QUE O SANTO É UM PAI MUITO VERDADEIRO, MUITO PODEROSO.”

☐ **OUTROS (COMÉRCIO, LAZER, CALENDÁRIO, TRABALHO, ETC.)** _____
6.4. QUAIS AS ORIGENS DA CELEBRAÇÃO?

No assentamento a reza de Nossa Senhora Aparecida começou devido a uma promessa feita pelo imperador:

“Lá na região do parque tinha a reza de Nossa Senhora da Aparecida. O imperador era aquele velho Eduardo lá mesmo, rezava. Ele rezou da Nossa Senhora da Aparecida, rezou de Santo Reis, ele rezava mesmo. Mas não era todo ano, não lembro direito quando teve a última vez, há mais ou menos, dez anos. Depois parou, aí foi quando o parque chegou né? Aí pediu pra gente vir pra cá né? Aí a gente veio e todo mundo desligou, aí chegando aqui, cada qual lembrou das devoções que era antes lá né? Pra retornar aquela coisa que era lá no parque antes.”

6.5. EXISTEM HISTÓRIAS ASSOCIADAS À CELEBRAÇÃO?

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	Q20	003
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

7. PREPARAÇÃO

“Na festa o que é que eu faço: eu reuno frango, porco, leitoa assada, a mulher prepara polvilho pra fazer biscoito, eu mato duas vacas pra fazer carne assada, cozida, fazer da maneira que as pessoas fique grata e satisfeita. Aqui mesmo eu fiz uma fogueira bem onde tá aquele poste lá, foi carne assada, foi cerveja, foi cachaça. Que a cerveja não tinha energia, mas veio o pessoal com a caixa de isopor e trouxe muita cerveja, ele estacionou o carro lá e trouxe a cerveja pro pessoal, esse eles trouxe pra vender e eu deu uma oportunidade pra eles. Agora, eu banquei tudo por minha conta, eu gastei 3 mil reais. Mas pra mim não fez diferença de forma alguma, eu queria era ter mais dinheiro pra gastar mais.”

“Aí vem as vizinhas, prepara a casa e ajuda a limpar. Enfeita, faz a lapinha e coloca as imagens que tem ali, as imagens de Santa Luzia, Nossa Senhora Aparecida tá lá. Nós fizemos a lapinha, eu fiz bem feitinha com quadrozinho, enfeitamos com aqueles arcos lá da vereda. Uma coisa mais linda do mundo.”

“Alferes, faz parte da comunidade, aí por exemplo, eu to te vendo aqui, a gente se vê, a gente se gosta, a gente se entende, você me visita, eu vou na sua casa, você vem na minha casa, é uma união. Nós somos todo mundo daquela comunidade unida ali, aí eu digo: Maria merece, eu dou um presente pra ela, as vezes ela vem fazer uma reza pra mim um, eu pego e vou lá: Maria eu trouxe um frango pra você, trouxe uma caixa de foguete, por exemplo, trouxe também um litro de bebida, alguma coisa assim né? Tudo faz parte da união. Aí por isso que ela está contando, ele fez a lista e todo mundo contribuiu com alguma coisa né? Aí não aperta muito. Eu colocava assim, eu preciso de foguete, porvilho, óleo, aí você dá o que você pode. Eu levei lá nos conhecidos, aí eu vou lá e a pessoa fala assim: Eu dou isso aqui. Não tem quantia não, a pessoa dá o que quer.”

8. REALIZAÇÃO

8.1. QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS ETAPAS E PARTICIPANTES DA ATIVIDADE?

DENOMINAÇÃO	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE E SUAS METAS	PARTICIPANTES/FUNÇÃO
Foliões	Os foliões só levam seus objetos pessoais, um pequena muda de roupas, sabonete, escova de dentes para sair para o giro. “Primeiro eu convidei o Ferro Véi, Antônio Lopes Batista, lembrei ele “tal dia eu preciso de você”. Aí ele já tá lembrando, porque ele faz um compromisso. Todos os compromisso que a gente faz pra trazer os foliões até a minha casa aqui. Eles vai reunir aqui dia sete, porque dia oito eles vai todo mundo viajar. Dia sete eles ensaiam aqui, faz aquele ensaiamento, brinca aqui, e aí quando é dia oito todo mundo arreia seu animal. Aí eu dou a eles janta, dou café, seu tiver uma bebida, eu dou a eles uma bebida. No outro dia eu dou a eles lanche de manhã cedo, aí eles arreia a tropa e vai embora trabaiá. Se eu quiser ver eles eu tenho que ir atrás onde eles for pousar. São quatro pousos porque são quatro dias e de dia eles passam numas sessenta casas, mais ou menos”	“São 12 foliões. Tem que ser 10, 14, 12 ou 16 (porquê não pode dar ímpar). Os nomes dos foliões são: Idelino, José pereira dos Santos, Antônio Lopes Batista, Quincas Ferreira das Neves. E Antônio Preto. Por que eu trabalho com todos os foliões.”

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		MG	01	01	06	Q20	003
--	--	----	----	----	----	-----	-----

Giro da folia	“Por exemplo, os folião vai chegar daqui, eu mando eles trabalhas daqui (lado esquerdo), aí eles vão e trabalham por lá assim, vem de lá (do lado direito). Eles saem daqui e cantam naquele vizinho ali e a última casa vai cantar naquele rapaz de óculos que tava lá aquela hora e meu primo ali que é um folião bom que eu não dispenso de jeito nenhum, José Pereira das Santos. Aí eles pousam lá no meu primo lá, vai pra Waldomiro, aí de lá eles vem. Vem aqui, torna ali, volta a ir lá, aí lá eles abrem, abrem aquele quarteirão, torna a voltar denovo. É um coração.” “O primeiro pouso eles costuma vir aqui me oferecer: “Alberto, eu vou dar um almoço pra seus folião”. Então já sai combinado onde vai ser o almoço, e no outro dia também. Muita gente ofereceu, eu num passei muito apertado não eu gastei mesmo só com a despesa daqui de casa. Em todos os pousos eles alvoram a mesa em agradecimento rezando e cantando, com a bandeira.”	Feito por todos os foliões
Coração ou Arco	“Eu ranquei a cerca eles vieram e fizeram o coração lá. Porque trata de coração, eles vão lá reúne o par, volta aqui assim, torna a vim aqui e vai lá e fecha. A folia faz o coração, como todos os foliões montados à cavalo.” “O significado é porque é uma chegada do santo na casa do imperador. É bonito fazer um coração e aquele coração faz parte do amor, da união da pessoas.”	Feito por todos os foliões
Morador	“Aí a gente prepara o queijo, prepara o café, porque me mandou um terno pra eu poder trabalhar, chega na minha casa lá. Já estão um pouquinho meio atrasado, os foliões só querem fazer aquela obrigação, aí eu compro um café, dou um litro de bebida pra eles ali, aí eles tomam ali, fazem uma curraleira ali, por que o tempo deles está meio curto, aí eles vão embora. É desse jeito. Aí eu quero que os seus foliões vão almoçar lá em casa, aí eles podem fazer uma farofa, matar um frango né? Eu chego na casa dele ali, vamos supor, o folião é meu, aí: “Alberto eu quero dar um almoço pros foliões, aí na casa seguinte”. Os foliões já tem que sair sabendo que eles vão pra casa dele, que vai ter o almoço na casa dele, aí já vão chegar, vão fazer uma curraleira, um Lundu ali, por que é obrigação, aí vai esperar a esposa dele fazer um almoço, fazer um café, trazer um biscoito.”	Alguém da comunidade
Cruzeiro com a bandeira	“Os foliões entram aqui dentro da casa fazendo a venda com a bandeira, quem faz é o alferes. O alferes faz o cruzeiro com a bandeira aqui. É a mesma coisa de você fazer o sinal da cruz quando você deitar. Faz o sinal da cruz com a bandeira três vezes.”	Alferes

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****003**

Arremate	“No coração eles fazem o cruzeiro lá, eles vão fazendo o coração junto com o cruzeiro, aí eles entram aqui. Aí, eles entram aqui e vão colocar a imagem lá na lapinha, por que eles fazem uma lapinha né? Aí eles fazem a cantoria, aí fica lá, aí essa imagem fica lá, aí o folião vai pegar e se ajeitar, vai tomar banho, vai escovar a boca... Cinco, seis horas, ano passado eles chegaram aqui cinco horas, esse ano eu quero que eles tornem a chegar cinco horas. Por que dá tempo. Deixa a bandeira na Lapinha, aí eles fazem a cantoria, faz a obrigação deles, aí vão tomar banho, se ajeitar, escovar né? Trocar de roupa, aí a partir daquela hora, eles tem um compromisso comigo, e com o Santo. Eles foram lá e tomaram banho, aí eu vou levá-los lá dentro, dar janta pra eles, os acompanhantes deles, você, você, Maria, José, e João, todo mundo que estiver, eu dou janta a eles. O pessoal já veio tudo pra festa. Aí todo mundo janta. Aí eles jantam, vem de lá pra cá, aí nós vamos agora na mesa lá e volta. Depois do jantar, agradece a mesa. Aí eles vêm e nós vamos rezar a Ladainha, pagar minha promessa, aí eles vão pegar. O alferes vai ficar com esse retrato lá, todos os foliões, eu e minha esposa, meu filho, aquele belezinha ali do lado ali. Na frente da Lapinha, lá dentro né? Aí eles fazem a entrega, entregou, eu vou guardar essa imagem aqui, eu pego e vou guardar ela lá em cima da Lapinha, desse jeito, aí se o pessoal quiser brincar, e eu concordar, porque eu sou o dono daqui.” “Pode fazer uma curraleira, um Lundu, alguma coisa assim, se quiser também faz um forró, liga a sanfona, um som ali né? Mas aí a Curraleira e o Lundu são lá dentro. E o forró é aqui fora. Se for pra dançar bate coxa, é aqui fora. Lá eu não aceito. A curraleira e o Lundu lá é obrigação dos Foliões, agora bate coxa é aqui fora, na frente do Santo não pode.” “O Arremate no dia doze. Pra entregar esse Santo aqui, é meia noite, quem entrega é o Alferes.” “Mas mesmo assim, pode continuar festando depois. Pode continuar, se quiserem dançar, se eu aceitar dançar um baile aqui, um forró aqui, dança, se eu não aceitar, eu vou ter que assar uma carne ali, fazer uma churrasqueira ali, uma cozinheira ali, aí dar a janta pro pessoal. Porque às vezes eu não quero baile na minha casa, por causa do santo. É aquele respeito, aquela consideração. Aí eu não quero, aí vai chegar em mim: “Estou com vontade de dançar um forró!”, mas na minha casa eu não posso fazer baile.”	Feito por todos os foliões
----------	---	----------------------------

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES					MG	01	01	06	Q20	003
--	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	-----

	“O folião tá doido, doido querendo dançar, ele já entregou a folia aqui, que teve nesse mato aqui, tirou a toalha do pescoço, por que eles estão doidos pra ir brincar, encontrar as esposas deles, por que tem outra coisa, folião junto com as esposas não pode dormir junto, se dormir, relacionamento, durante o giro não. É obrigação de quem fizer, segundo a gente lê na bíblia, por exemplo: Eu sou folião, eu chego aqui, vou dormir com minha esposa, eu vou ter relacionamento com ela, não pode. Já é tradição. Aí, eu que sou o imperador, vou escolher se eu quero ou não uma festa em casa, mas como não há problema, todo mundo é amigo, todo mundo é conhecido, claro, na frente do Santo tem que ter respeito, mas todo mundo quer brincar, vamos brincar, faz uma barraca ali, limpa a área assim, da uma niveladinha aqui. Quando sai daqui, quando sai daqui já não pode, por exemplo, você é minha esposa, se eu tiver que voltar aqui durante a festa, eu posso dormir com você, mas não posso fazer nada. Nem o Imperador pode. Por exemplo, eu sou seu marido, eu vou ter aquele relacionamento com você, eu acho que eu já estou desrespeitando o Santo por que tem tanto tempo pra eu ficar com você né?” “Não é só pra nossa Senhora da Aparecida. A única coisa que qualquer terno de folia exige é o respeito com o relacionamento com marido e mulher, pode ser marido e mulher, pode ser namorado e namorada.”	
Recepção dos foliões	“Eu sou o imperador, então eu e minha esposa ficamos aqui de frente à lapinha para receber os foliões. E eles vão entrar com a bandeira aqui e torna a fazer o cruzeiro lá dentro da casa. Aí eles vão para e vão cantar o cantório, dizer o que eles fez na viagem, agradecer a viagem e pagar minha promessa. Ele diz aquela coisa todinha que eu me interesse, eles vão falar tudinho. Se aquele seu carro lá for um gol, ele conta aquele nome do seu carro lá sem você falar pra ele que carro é ele nem sabe que carro é aquele. Ele canta com os instrumentos tudo, caixa, viola, pandeiro. Eles vai falar isso é no cantório, que ele vai fazer minha chegada ali e o cantório é a coisa mais séria que tem.”	Imperador e sua família

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	Q20	003
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

8.2. QUAIS SÃO OS RECURSOS FINANCEIROS, CAPITAL E INSTALAÇÕES UTILIZADOS?		
DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM
Oferta ou Esmola	“No giro que eles tá andando com esta imagem aqui, esta semelhança aqui, aí eles pedem a esmola. Tem vez que arruma até mil reais, tem vez que junta só cem reais. Quem interessar dá, que ele pede mas não obriga a dar não. Aí ele traz e entrega aqui pro imperador, como uma ajuda pra festa. Eu consegui pouco porquê a viagem pouca, eu mandei os folião trabaia já foi dia oito, eu consegui uns duzentos reais só. Mas quando tem tempo, quando a festa é comentada consegue até mil reais.” No dia do arremate: “Aí todo mundo reza um Bendito, todo mundo vai lá e beija o Santo, faz aquele sinal da cruz né? Se alguém tiver, se trata de esmola, se alguém tiver dê centavos, vinte centavos, um real, vai depender de sua vontade. Na hora que acabou tudo, eu vou chamar eles, vamos assar uma carne lá, dar a eles uma bebida, um café, uma coisa assim, tratei todo mundo bem? Tratei, todo mundo.”	Os donos de pouso ou moradores da comunidade em que a folia gira.
Gastos gerais do imperador	“Gastei mais ou menos três mil reais. Comprei carne, frango, uma leitoa, por que ninguém sabia que eu ia rezar aí eu rezei assim né? E eu me exibi a fazer... Aí pedir eu não vou, se as pessoas acharem que eu mereço, tem alguém que vai me ajudar, se não eu abro tudo na minha conta. Mas no ano passado fiz tudo sozinho.” “Às vezes tem que colocar uma gasolina pra buscar alguma coisa. Não tenho carro, tem que pagar pra alguém, tem meu primo ali, ele não me cobra frete, mas combustível tem que colocar, ele tem um carrinho ali. Se eu preciso, se for pra me levar ali em Formoso ele me leva rapidinho, mas o combustível tem que pagar.” “As panelas de fazer comida, a gente tem. Vasilha nenhuma a gente incomoda, por que a gente tem.” “Tive que construir, só naquela cozinha, eu vou mostrar pra vocês que eu gastei ali. Eu coloquei uma mesona aqui, a gente reuniu todos os foliões aqui, os visitantes, foi aquela coisa mais linda. Eu tratei dos meus foliões todos aqui, aí eles andaram aqui em volta da mesa, nós agradecemos a mesa, daqui a gente foi lá pra frente da lapinha, depois do entrega mento. Se você não for fazer o forró, você tem que me pagar um carro pra me levar lá em casa. Eu falei: Mas é covardia, tem que agradar esse pessoal. Entrei num carro do vizinho aqui, fui lá dentro e busquei a sanfona, nós somos o Guia. Eu terminei aqui, dois dias antes de eu mandar meus foliões começarem a trabalhar, está até sem acabar, agora eu vou acabar ela.” “A minha própria casa eu construí aqui, a minha mulher fez uma fomalha aqui, a gente colocou os tachos de comida.”	Imperador e outras pessoas da comunidade que quiserem colaborar.

8.3. QUAIS SÃO AS MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO UTILIZADAS?		
DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****003**

--	--	--

8.4. HÁ COMIDAS E BEBIDAS PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO ? QUAIS? CONSOMEM-SE OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM
Comidas da festa	“Cozinhamos a comida aqui, na fôrnalha, biscoito que nós fizemos, minha vizinha Maria de Lourdes ali tem um fogão caseiro, que a mulher levou lá pra fazer biscoito. Lá que assou os biscoitos. Ela ajudou minha esposa aqui né? Nós fizemos mil cento e oito pães de queijo. É feito aqui o polvilho, que é das casas de farinha. Nós usamos o polvilho, a farinha, a gente passa a farinha na peneira e sobra aquela mais grossa, a gente trata de caroço, a gente usa pra tratar do cão ali. Faz beiju também, minha esposa faz, você precisa ver que lindo que ela faz, faz com queijo, rapadura.”	Família, amigos e vizinhos do imperador.
Bebidas	“Aqui a gente compra de tudo, porque as pessoas femininas aqui, não usam a cachaça, é muito raro ter alguma que bebe bebida alcoólica né? Sempre são os homens que bebem, sou eu, é o fulano, é o Zé, é o João que bebem, aí um compra um vinho, um refrigerante né? Essa cachaça é Alambicada.”	Imperador.

8.5. HÁ INSTRUMENTOS E OBJETOS RITUAIS PRÓPRIOS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM
Bandeira – retangular, de cor azul com a imagem de Nossa Senhora Aparecida Pintada à mão. (A do Divino é vermelha, São João Batista é amarela, de Nossa Senhora azul claro e dos Reis branca.)	Representar o santo em questão, serve como a presença física do santo em todo o ritual: ” Porque essa imagem aqui ela sai bonitinha, isso nós trata, é a mesma coisa de nós tá vendo a santa.” “Às vezes te alguém que tem promessa pra pagar naquela hora que tá agradecendo a mesa ou de acordo com que faz a promessa, qualquer hora que tiver fazendo o cantório. Se a pessoa fizer uma promessa e vai cumprir um voto, se o folião de guia vai dizer assim, eu chego na sua casa, vou pagar uma promessa assim e aí eles vai fazer o cantório, eu vou bater os dois joelhos no chão e rezar. Você pode assuntar que se eu tiver com os dois joelhos lá eles falam, se eu preciso de pagar uma promessa assim eu vou falar com o folião de guia e aí ele fala aquelas palavras na hora. Ele pede assim: ‘Meu nobre promesseiro...’ Ele fala as palavras certinho e no cantório eles mandam a gente levantar, na hora de levantar.” “Não tem não. Só a bandeira mesmo. Nossa Senhora da Aparecida e Santo Reis não tem mastro.”	Quem pinta a bandeira é Deti, esposa do Ferro Velho
Lapinha	“É uma sala que fica os retratos, que fica as semelhanças dos santos. Aí faz uma lapinha, né? Mas não são todos que fazem, costuma fazer só quem é o Imperador.”	O imperador.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****003****8.6. HÁ TRAJES E ADEREÇOS PRÓPRIOS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? USAM-SE OUTROS?**

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Chapéu e calçado	Apesar de não serem obrigatórios, é muito comum os foliões andarem com chapéus e botinas.	Os próprios foliões
Divisa	“É uma toalha branca. Cada folião tem a sua. Aquilo é um respeito, uma consideração, provando que ele é folião né? Por que se eu não tiver aquela toalha, eu não provo que eu sou um folião. O Imperador tem que dar conta da toalha pra eles. Ela é bordada com a imagem do Santo e com o nome do folião. Só usa ela quando está no ofício. Às vezes ele tira pra não sujar sabe. Tá no ofício. Aí ele me pega aqui, eu vou os mandar trabalharem dia oito, eles vão me pegar ela. Aí quando é dia dose, eles vão e me entregam ela aqui, aí eles vão embora. Um metro por quarenta, se você a dobra bem dobradinha, ela fica com dêz de largura. Ela é bordada com aquela imagem santo da folia.”	O imperador ou do foliões.

8.7. HÁ DANÇAS PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? OCORREM OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Curraleira	Não respondeu.	Não respondeu.
Lundu	Não respondeu.	Não respondeu.
Forró	“Dança aqui tirando a curraleira, o lundu, é forró. Aquelas dança antiga quase não dança mais, Caninha Verde, Ariri, dança, só depende de a gente achar quem queira dançar. Não aqui não dançou, por que não tinha quem dançasse, tinha mais jovem aqui e o jovem gosta mais de dançar forró.”	Não respondeu.

8.8. HÁ MÚSICAS E ORAÇÕES PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? OCORREM OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Rezas	“Aqui a gente sabe rezar um pouco, eu queria que vocês tivessem um tempo pra gente. É a Ladainha. Eu ia reunir os meninos e rezar pra vocês verem. Mas nós vamos ter tempo.”	Pessoas da comunidade

8.9. HÁ INSTRUMENTOS MÚSICAIS PRÓPRIOS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? USAM-SE OUTROS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Não respondeu.		

8.10. APÓS A CELEBRAÇÃO, QUAIS SÃO AS TAREFAS EXECUTADAS? QUEM AS EXECUTA?

QUEM EXECUTA	ATIVIDADE
Limpeza do local da festa	“Aí ficam só as bagunças pra mim. Mas quem quis fui eu, eu que sou obrigado. Às vezes vêm, as vizinhas aqui é muito gente boa, vem ajudar a mulher aqui.”

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	Q20	003
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

Retirada dos enfeites	“Os enfeites a gente deixa lá quinze dias. É obrigação né? Aquela consideração, costume daquele alongamento né? Desde nossos avós, nossos bisavós né? Aí deixa lá quinze dias, depois de quinze dias, aí a gente pega, põe numa bacia e põe lá aonde o gado se movimenta, onde o gado está pastando, se o gado comer, bom, se não comer, serve pra um adubo pra terra, uma benção que deus e o Santo estão mostrando pra nós.”
-----------------------	--

8.11. QUAL É O PÚBLICO DESTA CELEBRAÇÃO?
Não respondeu.

8.12. RECORDA-SE DE MUDANÇAS NA ORGANIZAÇÃO E NO PROGRAMA DESTA CELEBRAÇÃO? DESCREVER, INFORMAR SOBRE A ÉPOCA E OS MOTIVOS DAS MUDANÇAS.	
ÉPOCA	OCORRÊNCIA
Depois da mudança da área do parque	“Não tem diferença nenhuma, a diferença é só aquela saudade que, por exemplo: Eu to indo lá na sua casa, você morava no parque, eu tenho aquela saudade, eu ia na casa de Thaís, Thaís me tratava tão bem, eu tinha uma vaca lá, tinha um café, Thaís chegava lá, fazia um bolo, fazia um pão de queijo, me recebia tão bem, lá no parque, aí acabou aquilo, então a gente está tentando renovar aquilo que era lá, tentando fazer aqui, tentando unir as pessoas né? O padre vem aqui, celebra a missa com a gente, ensina muito, une muito a gente. Lá naquela sede do Gentio, porque igreja mesmo não tem.”

9. LUGAR DA CELEBRAÇÃO

9.1. ONDE OCORRE? DESDE QUANDO NESSE LUGAR? POR QUÊ?
Não respondeu.

9.2. QUEM É RESPONSÁVEL OU PROPRIETÁRIO DO LUGAR EM QUE OCORRE A CELEBRAÇÃO?
Não respondeu.

9.3. DESENHO DO LUGAR DA CELEBRAÇÃO

10. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS E INFORMANTES

10.1. QUEM MAIS PODE INFORMAR SOBRE ESTA CELEBRAÇÃO?

10.2. HÁ OUTRAS CELEBRAÇÕES NESTA LOCALIDADE?		
CELEBRAÇÃO	ONDE / QUANDO	CONTATO

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****003****11. REGISTROS FOTOGRÁFICOS E AUDIOVISUAIS LOCALIZADOS OU PRODUZIDOS DURANTE A ENTREVISTA**

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR

12. MATERIAIS IMPRESSOS E OUTROS LOCALIZADOS DURANTE A ENTREVISTA

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR

13. OBSERVAÇÕES DO ENTREVISTADOR**13.1. RECOMENDA APROFUNDAR ESTA ENTREVISTA? POR QUÊ?**

--

13.2. OUTRAS OBSERVAÇÕES

--

13.3. FICHAS ANEXADAS

--

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO CELEBRAÇÕES	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	01	06	Q20	004
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. IDENTIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

DATA	26/08/2006	INÍCIO	9:20	TÉRMINO	10:35
ENTREVISTADOR	Thaís Teixeira de Siqueira / Helena oliveira	SUPERVISOR	César Victor do Espírito Santo		

2. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Assentamento São Francisco
LOCALIDADE	PA São Francisco
MUNICÍPIO / UF	Formoso-MG

3. IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Folia de Reis, Folia do Divino e Folia de São João
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Folia de Santo Reis, Folia do Divino Espírito Santo

4. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

NOME	Antônio Lopes Batista				Nº			
COMO É CONHECIDO(A)	Ferro Véi	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	13/06/1955	SEXO	☒ MASCULINO ☐ FEMININO			
ENDEREÇO	Lote 77, Gentio							
TELEFONE		FAX		E-MAIL				
OCUPAÇÃO	Lavrador							
ONDE NASCEU	Cabeceira do Pacari Arinos-MG	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	2002					

5. RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO

5.1. COMO PARTICIPA DA CELEBRAÇÃO? O QUE FAZ E DESDE QUANDO?
--

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****004**

“Uma vez eu sou Alferes, outras vezes eu canto mais meu sogro. Na folia de Reis eu giro em Arinos. Na folia de São João sou o contraguia.”

“O contraguia responde. É assim, aí eu sou o guia e ele é o contra-guia, aí eu começo a cantar e ele me acompanha, eu começo primeiro e ele me acompanha. Por exemplo, estamos eu e ele aqui, eu puxo primeiro e ele faz a segunda, vocês dois são os que estão respondendo, o contra-guia né? Aí um de nós fala aqui e vocês respondem do mesmo jeito lá. Vamos supor, nós quatro né?”

“Não, não girei na folia de Reis aqui não, nem como folião. Mas na última folia do Divino eu fui o imperador, nos outros anos eu fui alferes e cantei.”

5.2. OUTROS DADOS BIOGRÁFICOS RELEVANTES

“Faz trinta e oito anos que eu saio na folia. Todo ano. Assim, se contar direito dá mais né?”

Só esse ano eu girei dois ternos, por que ele girou um pra ele e outro pra um rapaz ali. Meu pai era folião, eu aprendi este ofício com ele.”

“Na folia do Divino eu fui o imperador, mais neste ano eu vou passar pra frente, esse ano já tem outro.”

“Nem todo ano são os mesmos foliões, esse ano nós começamos com uma parte daqui e outra de Arinos.”

5.3. EXISTEM GRUPOS OU ASSOCIAÇÕES LIGADOS A ESTA CELEBRAÇÃO?**6. DESCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO****6.1. ÉPOCA**

DATA	☒ DATA FIXA: Santos Reis é seis de Janeiro. A do Divino, tem uma época que cai em Maio e outra em junho, dia de Pentecostes. E a de São João que é vinte e quatro de junho. Nossa senhora de Aparecida que é doze de Outubro, Bom Jesus é seis de Agosto. ☐ DATA MÓVEL
DURAÇÃO	DE ____ 09 ____ A ____ 01 DIA ____
PERIODICIDADE	☒ ANUAL ☐ OUTRA. QUAL?
CELEBRAÇÕES ASSOCIADAS	Folia de Nossa Senhora Aparecida Folia de Bom Jesus Folia de Santa Luzia

6.2. ANOS DE OCORRÊNCIA DA CELEBRAÇÃO DESDE 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****004****6.3. QUAIS OS MOTIVOS DA CELEBRAÇÃO? ASSINALAR E DESCREVER TODOS OS MOTIVOS QUE A JUSTIFICAM.**☒ **INVOCÇÃO RELIGIOSA. QUAL(IS)?**

“O motivo é assim... voce faz um voto. As vezes tem um problema na família, você faz um voto... eu rezei uma do Divino, tava com meu filho passando mal em Brasília, ficou dois anos lá... Então o doutor falou que ia operar ele, mas era arriscado, porque ele era muito novo... Ai eu fiz um voto pros Santos Reis, o Divino e todos os santos. Hoje ele está trabalhando, não tem nada, graças a Deus, está normal.”

☐ **OUTROS (COMÉRCIO, LAZER, CALENDÁRIO, TRABALHO, ETC.)** _____

6.4. QUAIS AS ORIGENS DA CELEBRAÇÃO?

“Lá na região do parque tinha de santo Reis, de São Bom Jesus, do Divino, além dessas daqui, eu mesmo trouxe o meu costume de Nossa Senhora da Aparecida de lá. Aqui a primeira festa foi de Santo Reis, no ano retrasado. Foi em dois mil e quatro. Aí depois de Santo reis, vem a de São Batista, que é ali no Cajueiro, ai de lá, veio dia doze de Outubro, dia de Nossa Senhora da Aparecida, veio dia quatro de Maio, e daí por diante.”

“Quando eu morava lá eu girava em Arinos, mas esse ano eu vou girar aqui.”

“A de São João todo ano eles giravam, mas eles giravam só lá, depois que a gente chegou e criou o assentamento aqui, aí a gente rendeu a turma daqui, por que os foliões são daqui né? Aí puxou a folia pra cá. Já está com três anos que eu giro aqui desde dois mil e três.”

6.5. EXISTEM HISTÓRIAS ASSOCIADAS À CELEBRAÇÃO?

“Não tem tristeza na folia, só tem alegria, é todo mundo brincando cantando, se sair alguma coisa errada a gente inventa uma musica, só alegria mesmo.”

No final da folia do Divino e da de São João, o mastro é quem vai direcionar pra onde a folia do outro ano vai girar

“Assim, fica o madeiro ali e aí coloca aquele varinho, aquele pequeninho ali, tem que colocar ele bem retinho. Aí pra onde ela amanhecer virada ali, naquele local ali e aí a pessoa pede. Na hora que vai derrubar o mastro, no outro dia e aí a pessoa pede.”

7. PREPARAÇÃO

“A festa de São João é igual à festa do Divino. Levanta o mastro de madeira, às seis horas da tarde, depois que a folia chega. A folia chega, canta o reis na lapinha e aí tem que fazer o cantorio, porque levanta o mastro fazendo o cantorio. Aí vai jantar, depois da janta reza na lapinha, aí vem a entrega da folia. Depois se quiser dançar um baile, dança. Tem lundu, curraleira e forró. No outro dia cedo derruba o mastro, e aí vai todo mundo embora pra casa.”

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****004****8. REALIZAÇÃO****8.1. QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS ETAPAS E PARTICIPANTES DA ATIVIDADE?**

DENOMINAÇÃO	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE E SUAS METAS	PARTICIPANTES/FUNÇÃO
Giro da folia	“É você tem que avisar o povo né? Aí você tem que correr lá na frente e ir em tantas casas né? Aí pausa e vai marcando até a gente chegar. Nós passa em todas as casas, quem não quer que reze é só evangélico, aí a gente não passa lá.” “É, o povo fala isso, que a folia não pode cruzar duas vezes o mesmo caminho, mas eu acho que se cruzar não morre não, lá no morro do buraco, lá tem um filho, lá são poucas passagens, é seguinte, você tem que passar, ele gira lá dentro, gira mais de mil vezes, roda pra ali, roda pra aqui, entende?.” “a folia tem que sair à direita. Sai a direita e faz a volta. Aí o Alferes que sai avisando o pessoal, onde vai passando, aí marca o almoço, onde vai almoçar, pra jantar. E tem os pontos do pouso. É por que tem muita gente que as vezes não está em casa né? As vezes no ano que vem não tem casa, por que sempre nessa época o pessoal fica prevenido.” “Costuma também, por que tem muitos moradores que costuma botar o almoço pros foliões, as vezes a gente ta pensando num ponto, mas aí tem um morador que oferece um almoço pro folião, ai desvia né? Na hora que sai, tem uma pessoa sempre que manda avisar né? Olha, vai almoçar na casa de fulano. Manda avisar, tem que ser cedo né? Não pode ser na hora da festa não, pode ser até um dia antes. Pode ser até um dos foliões mesmo.” “Antes de chegar na casa do Imperador, tem o ultimo pouso, aí é o ponto de almoço, o ponto de lavar as toalhas, passar ferro, pra chegar limpinho lá no arremate. As vezes pode passar em uma casa ou duas, pra chegar no ponto certo lá no final. É, aqui na folia do Divino, não roda de noite, só roda de dia. Agora a de Reis, é dia e noite.”	
Chegada no pouso	“Se for chegar meia noite, que você vê que o dono da casa está dormindo, aí afina as violas e chega todo mundo caladinho e começa a cantar o Reis ali, aí a pessoa já se assusta com a cantoria sabe? Aí eles levantam, acendem a luz, aí você entra e começa a cantar o Reis lá. Aí termina de cantar o Reis e aí fica brincadeira lá. As brincadeiras são curraleira, lundu, catira nós num dança, por que a gente não sabe mexer. Eu até sei assim, mas aqui eles não sabem não. Aí ser for a folia do Divino chega de dia. Aí chega normal, a gente chega, afina a viola, aí canta o Reis né? Aí pede pouso né? Enquanto isso a gente pede o pouso.”	

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	Q20	004
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

Foliões	Foliões que giraram a folia do divino em 2002: Otaciano, Ferro velho, Alex, preto, Lico, Denir, Jôse, Alvair, Dê, Quinca de Tácio, Valdinei, Toni, Caximbinha, Eculano, Zezinho, Osvaldo, Zé Raimundo, Eliezer e Dominginhos.	
Arremate	“Faz um coração. É, todo mundo a cavalo, faz uma fila, um pra um lado, e outro pra outro, aí faz com o retrato da Direita né, o retrato pra um lado e a caixa pro outro. Isso é uma saudação. Aí termina vai pra dentro da casa. Vai pro altar, canta no altar, aí lá pras onze horas, reza, tem a entrega da folia. Aí depois que entrega a folia, quem quiser dançar forró, fazer outros tipos de dança pode.”	
Noiteiros	“Se o imperador é responsável pelo último dia da festa o noiteiro é aquele que “dá um café, dá uma janta, um almoço, dá um lanche, uma merenda.”	

8.2. QUAIS SÃO OS RECURSOS FINANCEIROS, CAPITAL E INSTALAÇÕES UTILIZADOS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM
Recursos gastos pelo imperador numa folia	“Bom, conforme for a distribuição, não fica muito caro, agora se for só por conta da gente, fica difícil. Por exemplo, tem que fazer a festa de Arinos esse ano, tem que pagar passagem, tem que arrumar um carro pra trazer eles né? E as vezes não dá certo, no dia certo né?” “Fica uns mil e poucos. É, fora as ajudas! As vezes você tem que comprar um gado né? Agora, um gado só, pra essa festa normal não dá né? Agora aqui, foram duas vacas e a perna de outra. É o Imperador é quem tem mais gasto. Você tem que comprar acordoamento pra eles, pra não cair. Compra cigarro pra um, fumo pra outro. Tem muitos que não compra, mas a gente tem que manter a despesa. Compra cachaça também. É, tem muitos foliões que não bebem não, mas as vezes tem um que está quieto ali, aí toma uma já levanta, canta com a gente é alegria. Um bebe um vinho, outro bebe pinga, outro bebe uma catuaba.”	
Rancho	“Faz um barraco, coloca uma lona pra cobrir. Coloca uma mesa aqui, pra distribuir comida pro pessoal. E aí tem uns ranchos também, que é feito de palha de Buriti, com madeira da região, esse é pro forró.”	

8.3. QUAIS SÃO AS MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO UTILIZADAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****004****8.4. HÁ COMIDAS E BEBIDAS PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO ? QUAIS? CONSOMEM-SE OUTRAS?**

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM
Comidas do dia do arremate	“É, faz ali mesmo na casinha de cozinhar ali. Leva as coisas pra lá né? Fez um forno ali, pra assar o biscoito. Faz café. As panelas tomamos emprestado de um e outro, ai faz.” “É simples, se a pessoa tiver condições mesmo, é carne, macarrão, arroz, feijão, farofa de feijão, paçoca né? Uma carne assada. Faz biscoito, pão de queijo.”	“Tem as cozinheiras aqui, tem a patrícia ali, aí nessa hora junta muita gente pra ser cozinheiro.”

8.5. HÁ INSTRUMENTOS E OBJETOS RITUAIS PRÓPRIOS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM
Lapinha	Altar feito na casa do imperador, com a imagem do santo da folia e outros santos. É decorado com flores de papel crepom. “Toda imagem que você tiver dentro da casa assim pode colocar junto lá. Mas normalmente mesmo a imagem certa é a que tá no retrato da bandeira.”	O imperador e sua família.
Candeia	“Tem aquelas candeia de cera de abelha. É tipo um vela. É a gente mesmo que faz. Com cera de abelha. É. Faz assim, tipo uma coberta né? Aí põe lá, a cera pra derreter, coloca lá dentro e depois torce ela.”	
Bandeira	Cada santo tem sua bandeira. A do divino é vermelha, a de São João é azul, de Santos Reis também é azul.	

8.6. HÁ TRAJES E ADEREÇOS PRÓPRIOS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? USAM-SE OUTROS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****004****8.7. HÁ DANÇAS PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? OCORREM OUTRAS?**

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Curraleira	“Que a gente faz aqui é só o Lundu e a curraleira, Catira aqui, o povo não faz não, agora, lá na turma de Arinos, o pessoal faz.” “A Curraleira, você coloca oito companheiros aqui. Aí fica oito, quatro de um lado e quatro do outro. É. Pode ser até doze, aí se for a turma treinada, coloca eles pra dançar. E nós dança de dois tipos, uma é trançada e a outra é a dança do quatro. Essa é sapateado. Na trançada, você troca aqui, faz o oito certinho na hora de trocar e o quatro é por que é mais lenta né? Agora a trançada é meio complicada, não é qualquer um que dança não. Vai trocando, trançando. Mas no final, tem que estar todo mundo no seu lugarzinho ali.”	
Lundu	“É sapateado, mas não tem quantidade, são quantas pessoas quiserem. Mas pra cantar é só quatro. A viola não tem quantidade não. E aí faz uma roda. Aí toca, vai tocando, cantando, aí para de cantar. Na hora que você para e falar aquele verso, na hora de sapatear, você para de cantar e eles sapateia, aí você para de sapatear, começa a cantar de novo. E pra sapatear tem que ter um jeito, tem que ter controle na botina.”	
Danças de terreiro	“Tinha aqueles batuques, aquelas rodas, Caninha verde, Tamanduá. Tudo é da festa da folia. Aqui não dança mais não, mas, o pessoal de Ribeirão de Areia dança muito. Tem São Gonçalo. Tudo isso tinha lá. O pessoal velho que sabe esse tipo de coisa, vão morrendo e os novo não quer aprender. A turma de hoje não quer mais saber disso. Hoje é forró.” “Caninha verde põe uma fila de homem aqui e outra de mulher. Aí vai trocando o par. A Caninha verde e o Tamanduá são irmãos, são parecidos. A Caninha verde pega na cintura e o Tamanduá, pega no braço. Tatu sobe pau. Pega um cacetinho assim, bate no outro. Aqui só quem dança é Juliano, que dança ali. A velinha ali, pega o cacete com força.” “O Batuque é de homem. Tinha um velho na festa lá no João mais a Maria ali, e ela não gostava dele, quando ela viu que era ele, saiu fora e ele caiu no chão!” “Cada um tem uma música. Mas eu só dancei quando era pequeno mesmo. Aí depois acabou, porque o povo não está fazendo isso. Eles fazem mais as apresentações, pra satisfação da funatura, o pessoal trabalha e vai lembrando.” “Na festa aí, o pessoal pelejou pra fazer uma Caninha Verde, mas o povo não acerta. Por que tem aquela quantia certa. Quando começa a dançar, vem gente de fora aí bagunça tudo. Eles querem tentar fazer, mas não da conta, não capricha pra não errar.”	

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****004****8.8. HÁ MÚSICAS E ORAÇÕES PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? OCORREM OUTRAS?**

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Rezas e ladainhas (São João do Cajueiro)	“Ela reza e na hora de pular a fogueira ela fala uns palavreados lá.”	D. Luciana (sua filha Anita do Bahiano mora no Formoso)
Curraleira	“Quem toca na curraleira são os mesmos músicos da folia. Pra dançar a curraleira, eles fazem de seis, de oito, de dez e de doze. Pode dançar mulher, qualquer pessoa.” As musicas, tem umas que a gente mesmo faz, a gente inventa e canta. O Reis é uma coisa, agora Curraleira é outra, a Curraleira, a pessoa erra na folia, você tira a Curraleira dele, faz uma música né? E canta. A gente mesmo que faz. “Tem aquelas mais velhas né? Enrola, eu mesmo faço também. Inventa aí. As vezes acontece uma coisa, o folião cai do cavalo, vai almoçar com o chapéu na cabeça, aí tem que lavar vasilha. É, inventa lá. Eu vou cantar uma aqui, que eu fiz na folia. Em Formoso: “Olha que eu moro longe, Alguma coisa eu falei A eleição do Formoso Foi surpresa pra muita gente Luisinho ficou feliz E a Nena ficou doente Com meu peito cerrado Da poeira do caminho Eleição lá do Formoso Foi surpresa pra muita gente Luisinho ficou feliz E a Nena ficou doente E a bandeira do quinze Até hoje está valendo Não pode é falar nada Que ele já quer bater na gente Eleição no Formoso Foi surpresa pra muita gente Luisinho ficou feliz E a Nena ficou doente”	
Lundu	“Ui ai, que eu não vou embora não Apanhei, quase morro Também dei, quase mato Eu tava na beira do rio Fazendo a manobra do gado Mas se correr eu atiro Se eu atirar, sei que mato Apanhei, quase morro...”	

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				MG	01	01	06	Q20	004
--	--	--	--	----	----	----	----	-----	-----

Cantório de alvarar da mesa ou Bendito da mesa	As vezes assim, quando a gente vai almoçar, aí costuma rezar o Pai nosso sabe? Aí depois que a gente almoça a gente canta o Bendito. Os cantórios de Reis é da bíblia né? eu nunca dei conta de cantar Reis. É mais complicada.	
	Bem dito louvado seja É o santíssimo sacramento É o santíssimo sacramento Em louvor da bela mesa	
	Em louvor da bela mesa Vamos rezar o bendito Vamos rezar o bendito Bendito louvado seja	
	Bendito louvado seja É o santíssimo sacramento É o santíssimo sacramento Em louvor da bela mesa	
	É o divino espírito santo Que nos dá o alimento Que nos dá o alimento O alimento que vós dá	
	O alimento que vós dá Nasceu do reino da Glória Nasceu do reino da Glória	

8.9. HÁ INSTRUMENTOS MUSICAIS PRÓPRIOS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? USAM-SE OUTROS?		
DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Caixa		“Caixa tem um monte aqui. Essa aqui quem fez foi um rapaz lá de Brasília, ele trabalha na serralheria. Tem um genro meu que faz. É um motorista de ônibus que trabalha aqui na Chapada.”
Viola		
Pandeiro		
triângulo		
Violão		
sanfona		

8.10. APÓS A CELEBRAÇÃO, QUAIS SÃO AS TAREFAS EXECUTADAS? QUEM AS EXECUTA?	
QUEM EXECUTA	ATIVIDADE
	“Depois que a festa acaba, aí todo mundo vai pra casa, curar essas ressacas lá. Limpar a casa, só sobra pro dono da casa mesmo. E tem o vizinho, que ajuda.”

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	Q20	004
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

--	--

8.11. QUAL É O PÚBLICO DESTA CELEBRAÇÃO?

“É o pessoal do assentamento. Final de ano sempre vem um pessoal de Brasília, o pessoal da gente que mora aqui e vai pra lá trabalhar, eles vem nessa época pra aproveitar, no final do ano da muita gente.”

8.12. RECORDA-SE DE MUDANÇAS NA ORGANIZAÇÃO E NO PROGRAMA DESTA CELEBRAÇÃO? DESCREVER, INFORMAR SOBRE A ÉPOCA E OS MOTIVOS DAS MUDANÇAS.

ÉPOCA	OCORRÊNCIA

9. LUGAR DA CELEBRAÇÃO**9.1. ONDE OCORRE? DESDE QUANDO NESSE LUGAR? POR QUÊ?**

--

9.2. QUEM É RESPONSÁVEL OU PROPRIETÁRIO DO LUGAR EM QUE OCORRE A CELEBRAÇÃO?

--

9.3. DESENHO DO LUGAR DA CELEBRAÇÃO

--

10. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS E INFORMANTES**10.1. QUEM MAIS PODE INFORMAR SOBRE ESTA CELEBRAÇÃO?**

--

10.2. HÁ OUTRAS CELEBRAÇÕES NESTA LOCALIDADE?

CELEBRAÇÃO	ONDE / QUANDO	CONTATO

11. REGISTROS FOTOGRÁFICOS E AUDIOVISUAIS LOCALIZADOS OU PRODUZIDOS DURANTE A ENTREVISTA

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	Q20	004
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

12. MATERIAIS IMPRESSOS E OUTROS LOCALIZADOS DURANTE A ENTREVISTA

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR

13. OBSERVAÇÕES DO ENTREVISTADOR

13.1. RECOMENDA APROFUNDAR ESTA ENTREVISTA? POR QUÊ?

13.2. OUTRAS OBSERVAÇÕES

13.3. FICHAS ANEXADAS

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO CELEBRAÇÕES	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	01	06	Q20	005
	UF	SÍTIO..	Loc	ANO	FICHA	NO.

1. IDENTIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

DATA	15/09/2006	INÍCIO	10:30	TÉRMINO	11:45
ENTREVISTADOR	Thaís Teixeira de Siqueira	SUPERVISOR	César Victor do Espírito Santo		

2. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Assentamento São Francisco
LOCALIDADE	PA São Francisco
MUNICÍPIO / UF	Formoso-MG

3. IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Folias
OUTRAS DENOMINAÇÕES	

4. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

NOME	José Pereira da Silva	Nº			
COMO É CONHECIDO(A)	Zé Pela Porco	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	05/11/1952	SEXO	☒ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	Lote 16, São Francisco				
TELEFONE		FAX		E-MAIL	
OCUPAÇÃO	Lavrador				
ONDE NASCEU	Estiva	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	2002		

5. RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO

5.1. COMO PARTICIPA DA CELEBRAÇÃO? O QUE FAZ E DESDE QUANDO?
Tocador: viola, pandeiro e sanfona de oito baixos.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	Q20	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

5.2. OUTROS DADOS BIOGRÁFICOS RELEVANTES

“Aprendi com os povo mais antigo, sempre ensinava os folião mais véi. Era parente e conhecido. Um pouco eu aprendi com aquele véi Tasso mesmo. Mas aprendi muito pouco, mas se quiser a gente canta mais. Comecei a tocar com dez anos e já girava. Mas, direto assim, sem faíá foi treze anos.”

“Treze anos girando a folia de Reis, de Reis e do Divino. Todo santo, né. De Santa Luzia e do Divino também. Aqui sempre a gente consegue.”

“Depois que veio pra cá foi só três anos, aí foi mexer com esse negócio de lote e aí a gente não mexeu com isso, ficou mais apertado, né. Lá a gente tinha mais vaga, quando chegava naquele tempo. Lá tinha mais dias, tinha vez que a gente saia 25 de dezembro pra chegar dia 6. E aqui o prazo da gente aqui é pouco, aqui é três dias e muito apertado, mais sem tempo, é a preocupação da gente. Lá é porque a gente trabalhava por conta da gente, a gente cuidava das coisas assim mais primeiro e aí tinha mais prazo. Agora aqui as coisas fica mais difícil um pouco. É difícil e fácil, porque a gente mexe no que é da gente. Esse pessoal que tá aqui nesse assentamento, não é como os outros assentamentos, que tem gente diferente. Nesse assentamento aqui é tudo conhecido, os que veio lá do parque. Tudo é uma irmandade só, os que não é tio, é primo, ou é amigo demais. Se um fala assim, “vamo cantá ali?”, já conhece, a gente conhece todo mundo, dá um tempinho e chega todo mundo.”

“Na época da folia de Reis tem muita gente que tá preocupado por causa de limpa de arroz. Esse ano mesmo eu tô achando que nem posso sair porque tenho que cuidar. Nesse ano eu não saí, eles me chamou, mas eu não... Quando tem um giro de folia eles me chama e eu gosto de girar mais eles. Mas eu não dei conta de ir por que minha mãe tava doente.”

5.3. EXISTEM GRUPOS OU ASSOCIAÇÕES LIGADOS A ESTA CELEBRAÇÃO?

6. DESCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO

6.1. ÉPOCA

DATA	☒ DATA FIXA: DIA 06__ MÊS _01_____ ☐ DATA MÓVEL
DURAÇÃO	DE ____ 01/01____ A ____ 06/01____
PERIODICIDADE	☐ ANUAL ☐ OUTRA. QUAL?
CELEBRAÇÕES ASSOCIADAS	Folia de Reis (25/12 a 06/01 ou três dias. Quem reza Reis não pode reza sem girar a folia, tem que girar pelo menos três casas. Tem que ser três casa, três dias ou seis dias. Folia do Divino. Não tem marcação, pode qualquer tanto de dias, mas tem o dia certo de chegar. Folia de Santa Luzia: 13 de dezembro. O certo é reza meio dia, se for o caso de girar a folia, tem que sair seis horas da manhã, gira umas três casa e tudo bem. Folia de Nossa Senhora Aparecida: Também não tem prazo marcado pode ser 10 dias, 5 dias, 2 dias. Mas a reza é no dia 12/10. Folia de São João Batista: gira no assentamento, mas o arremate é no Cajueiro. Todas as folias podem girar de dia e de noite, só a do Divino que só gira de dia.

6.2. ANOS DE OCORRÊNCIA DA CELEBRAÇÃO DESDE 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	Q20	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

6.3. QUAIS OS MOTIVOS DA CELEBRAÇÃO? ASSINALAR E DESCREVER TODOS OS MOTIVOS QUE A JUSTIFICAM.

☒ **INVOCÇÃO RELIGIOSA. QUAL(IS)?**

“SE NÃO TIVER OS FOLIÃO, NÃO TEM REZADOR. PORQUE UM DOS FOLIÃO TEM QUE SER REZADOR TAMBÉM, QUE NEM TASSO. OU ELE OU OUTRA PESSOA. SE UMA PESSOA TEM UMA PROMESSA, SENTE UM PROBLEMA E FEZ UMA PROMESSA, TEM QUE CUMPRIR. ENTÃO A PESSOA TEM QUE CHAMAR OS FOLIÃO, E FOLIÃO NÃO PODE SER MENOS DE DES OU DOZE. A PESSOA TEM QUE TER FÉ, FEZ A PROMESSA E TEM QUE CUMPRIR, SE ELE TIVER FÉ, SE NÃO TIVER FÉ TAMBÉM NÃO ADIANTA.”

☐ **OUTROS (COMÉRCIO, LAZER, CALENDÁRIO, TRABALHO, ETC.)** _____

6.4. QUAIS AS ORIGENS DA CELEBRAÇÃO?

“A folia, quando os Três Reis girou, não tinha nada, não tinha viola, só andava os três. Aí que o povo inventou o negócio de folia, de viola, mas não tinha não. Porque quando Jesus nasceu, os Três Reis que visitou Jesus no dia em que ele nasceu. Agora depois que o povo usou esses negócio de viola, tudo né. Quem começou a folia foi ele, os Três Reis, mas eles não tinha toque nenhum, o pessoal que inventou, eles só andava. Só andava os três, no dia que Jesus nasceu em Belém. Na bíblia tá marcado, aprendi um pouco assim. Os três reis: Gaspar, Brechó e Baltazar. Naquele tempo é a semelhança, a pessoa anda muntada à cavalo e pegou aquela toalha ali, tem que andar bem certinho. Eles andava, mas não cantava, mas pra cantar tem que ter o instrumento, a viola, o pandeiro e caixa, se não, não acompanha e os folião não acerta.”

6.5. EXISTEM HISTÓRIAS ASSOCIADAS À CELEBRAÇÃO?

“Depois que mudou pro assentamento continuou a mesma coisa de lá, por que todo mundo aqui é amigo. Veio do parque, mas um chega ali na casa do outro e “vamo ali, fazer uma farra ali?”, vambora. Quando nos mudamos já teve folia de Reis no Zézin Preto, foi Eva irmã dele a imperadeira. E ela passou o mastro pra Zézin e no outro ano ele foi o imperador, aí eu girei pra ele e no outro ano tornei a girar. E nesse ano agora, eu quero rezar denovo. Foi um ano na Eva e dois anos no Zézin. Ela rezou dois anos lá no piratinga e terminou aqui, porque quem reza de Reis, se reza um ano tem que reza três anos, porque senão a prece não fica cumprida. Ela terminou e entregou pra ele, ele já rezou dois anos e agora tem que reza mais um. O guia é o Tercílio Preto, desde o começo que ele é folião de guia antigo. E sempre eu canto assim, quando tem uns ponto que eu vejo que não dou conta, de curral essas coisas ele que canta, mas se eu souber ele fala: “Ó Zézin, ocê toma conta”. Quando é folia, eu não tenho medo de cantar folia não.”

“Eu cantava numas casa por guia mais Aldelino, numas casa ele (Tercílio) cantava mais Zézin, filho dele. Mauri respondia mais Hélio, era contraguia. Em outras casas era eu por guia mais Aldelino, e aí repondia Onias (meu irmão) e o Lidilau. Às vezes ele era o guia, e às vezes era eu, por conta que ele tá meio véi, aí ele pedia pra eu fazer.”

7. PREPARAÇÃO

“Todo mundo tem que reunir na casa do Imperador antes de começar. Tem que reunir tudo na casa do imperador, se a promessa é dele, reúne na casa dele e então sai. Já sai naquele dia e já vai girar. O primeiro pouso reúne na casa do imperador, que ele que chamou nós e então vamo lá tirar aquele negócio. Sair com a bandeira lá, aí agente gira. Ele que marca o dia e até a hora de chegar, e tem que chegar na hora.”

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****05****8. REALIZAÇÃO****8.1. QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS ETAPAS E PARTICIPANTES DA ATIVIDADE?**

DENOMINAÇÃO	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE E SUAS METAS	PARTICIPANTES/FUNÇÃO
Folião de Guia	“É por conta dos mandatos, foi Deus quem deixou. É por conta daquela bíblia sagrada, que tem uma bíblia sagrada e aí eles não aceita. Foi mandado por Deus, porque todo folião de guia, se vai ser um folião de guia tem que ter aquela bíblia antiga, a bíblia sagrada. E tem que saber rezar ladainha também, e o ofício, o ofício quem deixou foi Nossa Senhora, Folião de guia tem que saber rezar o ofício também. Pra ser um folião de guia tem saber cantar a divindade todinha, tem que saber rezar a ladainha também.”	
Imperador ou Imperadeira	“O imperador que prepara. Ele que chama a gente, que ele tem uma promessa e pra mode cumprir aquela promessa. Nós não tem nada a ver com as promessas dos outros, mas vamos pra ajudar o imperador, se ele tem aquela promessa, ele chama pra mode agente ajudar ele. Então junta os folião, agente canta. Sai o giro e cada um se tiver um animale aí vai e não precisa de animale dele. Ele ajunta os animale, ele é que tem que ver os animale pros folião que não tem, porque a distância é longe e não pode andar de pé. Aí ele marca o dia e agente vai.”	

8.2. QUAIS SÃO OS RECURSOS FINANCEIROS, CAPITAL E INSTALAÇÕES UTILIZADOS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM

8.3. QUAIS SÃO AS MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO UTILIZADAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM

8.4. HÁ COMIDAS E BEBIDAS PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO ? QUAIS? CONSOMEM-SE OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****05****8.5. HÁ INSTRUMENTOS E OBJETOS RITUAIS PRÓPRIOS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS?**

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM
Bandeira ou Mastro	“A importância da bandeira é por conta de que no livro tá marcando assim, tem que ter o retrato, tudo foi deixado por Deus. Eu não sei se tô certo, mas sempre foi marcado por Deus.” “Cada santo tem uma bandeira de um jeito. Do divino é vermelha e tem uma pomba com as asas abertas. De Reis é azul e tem que ter os Três Reis. Brechó é roxo, Gaspar é mais claro e Baltazar é mais moreno um pouco. De Nossa Senhora Aparecida é bem clara, azul clarinho, com a imagem da santa. Santa Luzia é bem clarinha.”	

8.6. HÁ TRAJES E ADEREÇOS PRÓPRIOS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? USAM-SE OUTROS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Divisa ou toalha	“Usa a toaia, todo folião quando ocê vê assim na estrada tem. Teve um povo que veio aqui de São Paulo, quando passaram na estrada, eles disse que acharam bonito quando viram aquele povo, todo mundo de toalha, eles num sabia. Mas quando passou todo mundo à cavalo assim, ele perguntaram: ‘quem é aqueles’ e aí falaram, aqueles lá é os folião de reis.” “Em toda toalha tem a marca de cada folião, mas não precisa ter. Usa a mesma toalha para todas as folias.” “O folião tem que ter aquela toalha porque foi marcado por Deus. Naquela bíblia sagrada, fala que tem diferença. Tem 50 ou 100 pessoas ali, mas ali pode dividir, quem pé folião e quem não é. Pra ser folião tem que ter aquela toalha, porque aí divide. Com a toalha você vê aquela divisa, que foi marcada por Deus. É o que fala naquela bíblia antiga, de 1500 foia. Que essas que tá vindo hoje, elas não é mais daquelas.”	

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****05****8.7. HÁ DANÇAS PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? OCORREM OUTRAS?**

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Curraleira	“Aí depois que guardou o mastro é brincadeira até amanhecer o dia. Primeiro é o lundu e depois as curraleiras, curraleiras pode ser até umas dez.” “Companheiro amigo meu me ajuda eu cantar Oi folia, eu vou girar Oi meu bem, passe pro lado de cá Me dói o céu da boca E o dentinho do queixá Ei folia eu vou girar Eu meu bem, passe pro lado de cá O rio estava cheio e eu não sei nadar O rio estava cheio e eu não sei nadar Pra panhar meu amor que tava do lado de lá Oi folia, eu vou girar Oi meu bem, passe pro lado de cá.” “Companheiro amigo meu me ajuda eu cantar Nóis foi convidado pra uma festa de janeiro Pra uma festa de janeiro Me dói o céu da boca E o dentinho do queixá Nóis foi convidado pra uma festa de janeiro Pra uma festa de janeiro Reunimo os instrumento Viola, caixa e pandeiro Reunimo os instrumento Viola, caixa e pandeiro Pra girar uma folia semos doze companheiro Nóis foi convidado pra uma festa de janeiro Pra uma festa de janeiro.” Companheiro amigo meu me ajuda eu cantar Subi a serra acima para ver águas vertentes Para ver águas vertentes Avistei meus companheiros E o olho de certa gente Me dói o céu da boca E o dentinho do queixá Subi a serra acima para ver águas vertentes Avistei meus companheiros E o olho de certa gente Primeiro eu vi o alferes Com a bandeira na frente Primeiro eu vi o alferes Com a bandeira na frente Estava retratada com a estrela do Oriente Subi a serra acima para ver águas vertentes Avistei meus companheiros E o olho de certa gente.”	
Lundu	“Na hora de dançar tem gente demais, é todo mundo, pode encostar até uns 50. Quem quiser, gostou, pode dançar. Só que no cantório não pode é só 10 ou 12.”	

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	Q20	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Catira ou Guaiana		
Recorte	“Aquilo cabou, aquelas músicas véia. Naquele tempo era, aquilo cabou, aquelas música véia, só que tão recordando denovo. Vamos trazer uma homem lá de Formoso pra nós fazer a recordação denovo, aquelas guaiana véia, aquelas catira, nós tamo recordando de novo. Quando cantava uma catira, depois que acabava de cantar tinha o recorte. Todas as catiras aqui tinha recorte. Tinha que cantá a guaiana e depois tinha o recorte dela, com o pisado tudo diferente. É que a música é diferente, o batido assim. Tinha muitos tipos, eles cantava demais, mas hoje não. Os povo já deixou, né.”	
Batuque	“Batuque pras muié dançar no terreiro, depois cabou. As dança de terreiro, pras muié dançá roda. Esses menino não aprendeu não. Eles não gosta não, eles gosta só de relá bucho. Eles não conheceu isso não. O povo tá mexendo com esse negócio de baile e largou isso tudo, que as dança boa era as que tinha de primeiro. Hoje é só baile e forró, forró não presta.”	
Caninha verde		
Carneiro		
Tamanduá		
Margulhão	“Dá o braço, é tudo de braço assim e com a toalha: “Dá o passo margulhão, é zão, zão, zão,zão. Pega o passo margulhão ô zão, zão, zão,zão. Óia o passo margulhão, ô zão, zão, zão,zão ”	
Ariri	“O ariri é no braço aqui, é dando o braço e cantando: “eu vou me embrora, ô riri ô rirai”.”	

8.8. HÁ MÚSICAS E ORAÇÕES PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? OCORREM OUTRAS?		
DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Cantório pra pedir pouso	“Chega na casa e tem que pedir o pouso, tem que saber aquele cantório de pedir o pouso. Pede o pouso, pode ser dentro da casa mesmo.” Em qualquer folia é o mesmo canto pra pedir o pouso.	
Agradecimento do pouso	“Pousou ali e amanhã tem que chegar e agradecer aquele pouso.”	
Saudação de mesa	“Teve a ceia, a janta e o café de manhã cedo, e na hora de saída tem que agradecer aquelas coisas, é obrigado, tá lai na bíblia sagrada, tem que agradecer por este aí. Se jantou ali tem que agradecer, que o cara trabalhou pra poder arrumar aquilo ali, então tem que agradecer aquilo ali.”	

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	Q20	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Cantorio	“tem que cantar pra poder chegar na casa. Se não como é que vai entrar pra dentro. É a mesma coisa, você vai chegar na casa e tem que dar um bom dia ou uma boa tarde, então é a mesma coisa, tem que ter o cantorio. Se vai trabaíá lá, então não pode chegar numa porta dessa aí sem pedir licença.” ”Cada folia tem uma toada. Tem os Cantorio de Reis, do Divino, de Nossa Senhora Aparecida. Cada santo tem uma toada, mas tem uns que muda.” “Faz o canto do santo e o dono da casa e pega o mastro e guarda lá, e agora o pau quebra.” “Nome do pai, seja o filho E nome do Espírito Santo (2x) Dê licença cidadão Eu quero saudar ao santo (2x)”	
Ofício	“tem uma tia minha, ô mais reza bonito. Ela mora lá no Cajueiro, é a D. Lídia. “	
Bendito	“Vai lá no pé do altar e saudar o santo.”	
Ladainha		

8.9. HÁ INSTRUMENTOS MÚSICAIS PRÓPRIOS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? USAM-SE OUTROS?		
DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Viola		
Caixa		
Pandeiro		
Sanfona		
Rabeca ou rebeca	“Aqui não tem não, só em Arinos. Tem uns folião lá em Arinos, eles tinham e é bonito.”	

8.10. APÓS A CELEBRAÇÃO, QUAIS SÃO AS TAREFAS EXECUTADAS? QUEM AS EXECUTA?	
QUEM EXECUTA	ATIVIDADE

8.11. QUAL É O PÚBLICO DESTA CELEBRAÇÃO?

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	Q20	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8.12. RECORDA-SE DE MUDANÇAS NA ORGANIZAÇÃO E NO PROGRAMA DESTA CELEBRAÇÃO? DESCREVER, INFORMAR SOBRE A ÉPOCA E OS MOTIVOS DAS MUDANÇAS.

ÉPOCA	OCORRÊNCIA
Mais ou menos 30 anos	“Hoje não é que nem aqueles tempos que muita gente ficava na casa dos pais, hoje é difícil. Que nem ele aí mesmo (filho do seu Aneandro), ele é empregado. Aí não dá tempo, os patrão não dá vaga pra eles aprender as músicas, as danças.”
	“Se for a mesma pessoa não desmuda, não. Tem quize anos que eu canto junto assim. Os amigo meu veio tudo de lá do Parque e aí mudou praqui e então ninguém desmudou. É porque hoje até os negócio de música desmudou, até música antiga cabou. Que nós sabe tudo esses negócio de música antiga, mas eles tão mais nesse negócio de música mais nova. Vai demudando, né, mas só que a gente vai sabe fazer catira essas coisa.”

9. LUGAR DA CELEBRAÇÃO

9.1. ONDE OCORRE? DESDE QUANDO NESSE LUGAR? POR QUÊ?

9.2. QUEM É RESPONSÁVEL OU PROPRIETÁRIO DO LUGAR EM QUE OCORRE A CELEBRAÇÃO?

9.3. DESENHO DO LUGAR DA CELEBRAÇÃO

10. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS E INFORMANTES

10.1. QUEM MAIS PODE INFORMAR SOBRE ESTA CELEBRAÇÃO?

10.2. HÁ OUTRAS CELEBRAÇÕES NESTA LOCALIDADE?		
CELEBRAÇÃO	ONDE / QUANDO	CONTATO

11. REGISTROS FOTOGRÁFICOS E AUDIOVISUAIS LOCALIZADOS OU PRODUZIDOS DURANTE A ENTREVISTA

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****05****12. MATERIAIS IMPRESSOS E OUTROS LOCALIZADOS DURANTE A ENTREVISTA**

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR

13. OBSERVAÇÕES DO ENTREVISTADOR**13.1. RECOMENDA APROFUNDAR ESTA ENTREVISTA? POR QUÊ?**

--

13.2. OUTRAS OBSERVAÇÕES

“Quem passou pra ler crente, aí num gira mais folia não. Tem muitos crente aqui, só que é desviado demais. Um sobrinha minha, Cléia, me falou: “Tio Zé, passa pra lê crente, pro senhor largá de fumar”. Falei que não passo, porque eu gosto do meu cigarro e nunca consegui largá, o dia que eu sentir mal dele eu pego e largo. Teve um bispo falando lá em Formoso que quem bem pensasse num passava pra lê crente. Nós que faz nós, não é lei que transforma nós, nós que faz nós, nós homem. O homem tem que ser uma pessoa assim, no dia que ele cismar e sentir mal com alguma coisa, e dizer assim, de hoje em diante ele não faz.”

13.3. FICHAS ANEXADAS

--

“O senhore me dê licença

eu fazer este cantorio (2x)

Porta aberta e luz acesa

Clareou este salão (2x)

Lumiando nossos três reis magos

Com o alferes e os folião (2x)

E o meu nobre cidadão

Muda os passo e venha cá (2x)

Vem chegando nossos três reis magos

Que veio lhe visitar (2x)

Ele veio lhe visitar

Aqui hoje neste dia (2x)

Deus cuide da sua saúde

Ao senhor com sua família (2x)

Ele veio lhe visitar

E também pedir uma oferta (2x)

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****05**

Ele pede esta oferta

Mas não é por precisão (2x)

Ele pede é pra saber

Que tenho bom coração (2x)

Se tiver oferta pra dar

(...)

Quando for lá no outro mundo

Sua alma Deus conserva (2x)

Este é o nosso três reis magos

É quem vai contar seus passos (2x)

Livra nois dos inimigos

E também dos embaraços (2x)

O meu nobre cidadão

Lhe peço com alegria (2x)

O senhore me dê licença

Pra eu saudar sua família (2x)

E também a senhora dona

Que nome você queria (2x)

Era o nome de Santa Isabeli

Ou o de Santa luzia (2x)

(...)

Os três reis que lhe abençoe

E o divino São José (2x).”

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO CELEBRAÇÕES	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	01	06	Q20	006
	UF	SÍTIO..	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. IDENTIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

DATA	26/08/2006	INÍCIO	14:15	TÉRMINO	14:45
ENTREVISTADOR	Thaís Teixeira de Siqueira /Helena oliveira	SUPERVISOR	César Victor do Espírito Santo		

2. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Assentamento São Francisco
LOCALIDADE	PA Gentio
MUNICÍPIO / UF	Formoso-MG

3. IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Folia de Reis, Folia do Divino e Folia de São João
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Folia de Santo Reis, Folia do Divino Espírito Santo

4. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

NOME	Tercílio Costa Barbosa				Nº			
COMO É CONHECIDO(A)	Seu Tercílio Preto	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	22/04/1916	SEXO	☒ MASCULINO ☐ FEMININO			
ENDEREÇO	Gentio, lote 58							
TELEFONE		FAX		E-MAIL				
OCUPAÇÃO	Lavrador							
ONDE NASCEU	Januária-MG	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	2002					

5. RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO

5.1. COMO PARTICIPA DA CELEBRAÇÃO? O QUE FAZ E DESDE QUANDO?

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****006****Guia de Folia**

“O que eu faço é cantar como guia na folia. E respondo pelo segundo também, tendo um guia pra cantar na frente eu respondo por segundo, é a mesma coisa da folia, eu entendo”.

“A Folia que eu saio mais é a de reis. Na de São João eu giro como guia também, cantando e tocando caixa. Na do Divino eu sai também, a do Divino aqui tá difícil, só saiu agora esse ano. Saí como guia e como contra-guia também”.

“Aquilo ali é um cargo que a gente pega ali, que é um cargo com respeito. Tem muitos folião que pega um cargo desse e... mas folião noa pode ser assim não. Se ele pega aquela divindade ele tem que respeitar.”

5.2. OUTROS DADOS BIOGRÁFICOS RELEVANTES

“Tem tempo demais que eu saio, eu comecei a girar eu era rapaz. Só que quando eu era rapaz não era assim todo ano, a gente faiava um ano e no outro ano de serviço a gente saía. Era lá mesmo no município de Januária, nasci e criei lá.”

Ele ensinou o ofício de folião aos seus filhos, que atualmente giram folia.

5.3. EXISTEM GRUPOS OU ASSOCIAÇÕES LIGADOS A ESTA CELEBRAÇÃO?

Não respondeu.

6. DESCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO**6.1. ÉPOCA**

DATA	☒ DATA FIXA: DIA ____ MÊS _____ NÃO RESPONDEU. ☐ DATA MÓVEL
DURAÇÃO	DE _____ A _____
PERIODICIDADE	☒ ANUAL ☐ OUTRA. QUAL? Não respondeu.
CELEBRAÇÕES ASSOCIADAS	Não respondeu.

6.2. ANOS DE OCORRÊNCIA DA CELEBRAÇÃO DESDE 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

6.3. QUAIS OS MOTIVOS DA CELEBRAÇÃO? ASSINALAR E DESCREVER TODOS OS MOTIVOS QUE A JUSTIFICAM.

☒ INVOCÇÃO RELIGIOSA. QUAL(IS)?

“TEM PESSOAS QUE GOSTA DE FOLIA, OS QUE É IMPERADOR MESMO, TODO ANOS ELES CAPRICHA PRA NO DIA REZAR. PORQUE TEM A FÉ NOS SANTOS E EM DEUS.”

☐ OUTROS (COMÉRCIO, LAZER, CALENDÁRIO, TRABALHO, ETC.)

6.4. QUAIS AS ORIGENS DA CELEBRAÇÃO?

“Quando a gente mudou de lá pra cá, isso a gente vem continuando de lá. Até o ponto que chegou aqui continuou do mesmo jeito. A primeira aqui foi em 2003”.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****006****6.5. EXISTEM HISTÓRIAS ASSOCIADAS À CELEBRAÇÃO?**

“Eu já fiz voto e já fui feliz. Por acaso a gente tá num certos embaraços aí e pega com ele, tem aquela fé e a gente é válido. Eu fiz voto por santos Reis, que é um santo que eu saio com ele”.

7. PREPARAÇÃO

“É preciso fazer muita coisa. Tem que preparar antes de chegar o dia, a gente vai preparando aquelas coisas, pra quando chegar o dia a gente sair né. Preparo de roupa, isso e aquilo, sapato, um animal, quem não tiver, pra não sair de a pé. Tem que ser bem antes, pra quando chegar no dia já tá tudo pronto.”

8. REALIZAÇÃO**8.1. QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS ETAPAS E PARTICIPANTES DA ATIVIDADE?**

DENOMINAÇÃO	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE E SUAS METAS	PARTICIPANTES/FUNÇÃO
Não respondeu.		

8.2. QUAIS SÃO OS RECURSOS FINANCEIROS, CAPITAL E INSTALAÇÕES UTILIZADOS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM
Não respondeu.		

8.3. QUAIS SÃO AS MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO UTILIZADAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM
Não respondeu.		

8.4. HÁ COMIDAS E BEBIDAS PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO ? QUAIS? CONSOMEM-SE OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM
Não respondeu.		

8.5. HÁ INSTRUMENTOS E OBJETOS RITUAIS PRÓPRIOS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM
Não respondeu.		

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****006****8.6. HÁ TRAJES E ADEREÇOS PRÓPRIOS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? USAM-SE OUTROS?**

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Não respondeu.		

8.7. HÁ DANÇAS PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? OCORREM OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Não respondeu.		

8.8. HÁ MÚSICAS E ORAÇÕES PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? OCORREM OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Não respondeu.		

8.9. HÁ INSTRUMENTOS MÚSICAIS PRÓPRIOS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? USAM-SE OUTROS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Não respondeu.		

8.10. APÓS A CELEBRAÇÃO, QUAIS SÃO AS TAREFAS EXECUTADAS? QUEM AS EXECUTA?

QUEM EXECUTA	ATIVIDADE
Não respondeu.	

8.11. QUAL É O PÚBLICO DESTA CELEBRAÇÃO?

Não respondeu.

8.12. RECORDA-SE DE MUDANÇAS NA ORGANIZAÇÃO E NO PROGRAMA DESTA CELEBRAÇÃO? DESCREVER, INFORMAR SOBRE A ÉPOCA E OS MOTIVOS DAS MUDANÇAS.

ÉPOCA	OCORRÊNCIA
Não respondeu.	

9. LUGAR DA CELEBRAÇÃO**9.1. ONDE OCORRE? DESDE QUANDO NESSE LUGAR? POR QUÊ?**

Não respondeu.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****006****9.2. QUEM É RESPONSÁVEL OU PROPRIETÁRIO DO LUGAR EM QUE OCORRE A CELEBRAÇÃO?**

Não respondeu.

9.3. DESENHO DO LUGAR DA CELEBRAÇÃO**10. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS E INFORMANTES****10.1. QUEM MAIS PODE INFORMAR SOBRE ESTA CELEBRAÇÃO?**

Seu Otaciano. Seu Eduardo, Idelino.

10.2. HÁ OUTRAS CELEBRAÇÕES NESTA LOCALIDADE?

CELEBRAÇÃO	ONDE / QUANDO	CONTATO
Não respondeu.		

11. REGISTROS FOTOGRÁFICOS E AUDIOVISUAIS LOCALIZADOS OU PRODUZIDOS DURANTE A ENTREVISTA

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR

12. MATERIAIS IMPRESSOS E OUTROS LOCALIZADOS DURANTE A ENTREVISTA

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR

13. OBSERVAÇÕES DO ENTREVISTADOR**13.1. RECOMENDA APROFUNDAR ESTA ENTREVISTA? POR QUÊ?**

Entrevista já devidamente aprofundada, pois o entrevistado não respondeu a todos os campos.

13.2. OUTRAS OBSERVAÇÕES

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	Q20	006
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

13.3.FICHAS ANEXADAS

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO CELEBRAÇÕES	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	01	06	Q20	007
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. IDENTIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

DATA	26/08/2006	INÍCIO	11:30	TÉRMINO	12:16
ENTREVISTADOR	Thaís Teixeira de Siqueira/Helena Oliveira	SUPERVISOR	César Victor do Espírito Santo		

2. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Assentamento São Francisco
LOCALIDADE	PA Gentio
MUNICÍPIO / UF	Formoso- MG

3. IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Folia de Reis, Folia do Divino e Folia de São João
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Folia de Santo Reis, Folia do Divino Espírito Santo

4. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

NOME	Aldelino Pereira dos Santos				Nº			
COMO É CONHECIDO(A)	Aldelino	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	16/09/1969	SEXO	☒ MASCULINO ☐ FEMININO			
ENDEREÇO	PA Gentio, Lote 65							
TELEFONE		FAX		E-MAIL				
OCUPAÇÃO	Lavrador							
ONDE NASCEU	Mato Grande Formoso-MG	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	2002					

5. RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO

5.1. COMO PARTICIPA DA CELEBRAÇÃO? O QUE FAZ E DESDE QUANDO?

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****007****CONTRA-GUIA**

“TEM O GUIA, TEM OS CONTRA-GUIA. SEMPRE EU RESPONDO SÓ, EU NÃO SOU POR ACASO UM GUIA QUE PUXA UMA FOLIA NA FRENTE, SEMPRE ELES CANTAM E A GENTE RESPONDE. ELES CANTA, AGENTE REPONDE. UMA CURRALEIRA, QUE EU JÁ SEI AÍ PODE SER ELES E PODE SER EU TAMBÉM.”

“Eu participo da folia de Reis, do Divino, São João, Santa Luzia, tudo. Eu participo desde quando eu comecei a beberer pinga, não eu tô brincando. Tem uns seis ou oito anos”

“A que eu giro mais é na de reis. Toco um pandeiro e uma viola ali, não digo no cantório, mas na curraleira ali eu ajudo, tocando viola e cantando.”

5.2. OUTROS DADOS BIOGRÁFICOS RELEVANTES

Não respondeu.

5.3. EXISTEM GRUPOS OU ASSOCIAÇÕES LIGADOS A ESTA CELEBRAÇÃO?

Não respondeu.

6. DESCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO**6.1. ÉPOCA**

DATA	☐ DATA FIXA: DIA ____ MÊS _____ ☐ DATA MÓVEL
DURAÇÃO	DE _____ A _____
PERIODICIDADE	☐ ANUAL ☐ OUTRA. QUAL? _____
CELEBRAÇÕES ASSOCIADAS	

6.2. ANOS DE OCORRÊNCIA DA CELEBRAÇÃO DESDE 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

6.3. QUAIS OS MOTIVOS DA CELEBRAÇÃO? ASSINALAR E DESCREVER TODOS OS MOTIVOS QUE A JUSTIFICAM.

☐ **INVOCAÇÃO RELIGIOSA. QUAL(IS)?** _____

☐ **OUTROS (COMÉRCIO, LAZER, CALENDÁRIO, TRABALHO, ETC.)** _____

6.4. QUAIS AS ORIGENS DA CELEBRAÇÃO?

Não respondeu.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****007****6.5. EXISTEM HISTÓRIAS ASSOCIADAS À CELEBRAÇÃO?**

Não respondeu.

7. PREPARAÇÃO

Não respondeu.

8. REALIZAÇÃO**8.1. QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS ETAPAS E PARTICIPANTES DA ATIVIDADE?**

DENOMINAÇÃO	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE E SUAS METAS	PARTICIPANTES/FUNÇÃO
Não respondeu.		

8.2. QUAIS SÃO OS RECURSOS FINANCEIROS, CAPITAL E INSTALAÇÕES UTILIZADOS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM
Não respondeu.		

8.3. QUAIS SÃO AS MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO UTILIZADAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM
Não respondeu.		

8.4. HÁ COMIDAS E BEBIDAS PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO ? QUAIS? CONSOMEM-SE OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM
Não respondeu.		

8.5. HÁ INSTRUMENTOS E OBJETOS RITUAIS PRÓPRIOS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM
Não respondeu.		

8.6. HÁ TRAJES E ADEREÇOS PRÓPRIOS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? USAM-SE OUTROS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Não respondeu.		

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	Q20	007
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

--	--	--

8.7. HÁ DANÇAS PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? OCORREM OUTRAS?		
DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Não respondeu.		

8.8. HÁ MÚSICAS E ORAÇÕES PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? OCORREM OUTRAS?		
DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Não respondeu.		

8.9. HÁ INSTRUMENTOS MÚSICAIS PRÓPRIOS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? USAM-SE OUTROS?		
DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Não respondeu.		

8.10. APÓS A CELEBRAÇÃO, QUAIS SÃO AS TAREFAS EXECUTADAS? QUEM AS EXECUTA?	
QUEM EXECUTA	ATIVIDADE
Não respondeu.	

8.11. QUAL É O PÚBLICO DESTA CELEBRAÇÃO?
Não respondeu.

8.12. RECORDA-SE DE MUDANÇAS NA ORGANIZAÇÃO E NO PROGRAMA DESTA CELEBRAÇÃO? DESCREVER, INFORMAR SOBRE A ÉPOCA E OS MOTIVOS DAS MUDANÇAS.	
ÉPOCA	OCORRÊNCIA
Não respondeu.	

9. LUGAR DA CELEBRAÇÃO

9.1. ONDE OCORRE? DESDE QUANDO NESSE LUGAR? POR QUÊ?
Não respondeu.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****007****9.2. QUEM É RESPONSÁVEL OU PROPRIETÁRIO DO LUGAR EM QUE OCORRE A CELEBRAÇÃO?****9.3. DESENHO DO LUGAR DA CELEBRAÇÃO****10. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS E INFORMANTES****10.1. QUEM MAIS PODE INFORMAR SOBRE ESTA CELEBRAÇÃO?****10.2. HÁ OUTRAS CELEBRAÇÕES NESTA LOCALIDADE?**

CELEBRAÇÃO	ONDE / QUANDO	CONTATO

11. REGISTROS FOTOGRÁFICOS E AUDIOVISUAIS LOCALIZADOS OU PRODUZIDOS DURANTE A ENTREVISTA

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR

12. MATERIAIS IMPRESSOS E OUTROS LOCALIZADOS DURANTE A ENTREVISTA

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR

13. OBSERVAÇÕES DO ENTREVISTADOR**13.1. RECOMENDA APROFUNDAR ESTA ENTREVISTA? POR QUÊ?****13.2. OUTRAS OBSERVAÇÕES**

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****007****13.3.FICHAS ANEXADAS**

CANTADORES: ALDELINO, VALDIVINO, HÉLIO E LEONÍCIO

CURRALEIRAS “ISSO AQUI É UMA CURRALEIRA, PODE SER DE REIS PODE SER DE OUTROS DIAS. É MÚSICA ANTIGA, DA TRADIÇÃO AQUI DA REGIÃO.”

“NESSA CASA EU VIM CANTAR

OH FOLIA, EU VOU GIRAR

OH MEU, BEM PASSA PRO LADO DE CÁ

O RIO ESTAVA CHEIO E EU NÃO SEI NADAR

O RIO ESTAVA CHEIO E EU NÃO SEI NADAR

CHEGUEI NA BEIRA DO RIO

E NÃO PUDE ATRAVESSAR

OH FOLIA, EU VOU GIRAR

OH MEU, BEM PASSA PRO LADO DE CÁ.”

CANTORIO DO DIVINO:

“MEU DIVINO ESPÍRITO SANTO

MEU DIVINO ESPÍRITO SANTO

DIVINO CONSOLADOR

CONSOLAI AS NOSSAS ALMAS

CONSOLAI AS NOSSAS ALMAS

QUANDO NESSE MUNDO ANDOU

RESPOSTA:

CONSOLAI AS NOSSAS ALMAS

CONSOLAI AS NOSSAS ALMAS

QUANDO NESSE MUNDO ANDOU

A POMBINHA DO DIVINO

E A POMBINHA DO DIVINO

TEM PÉ E BICO VERMELHO

RESPOSTA:

A POMBINHA DO DIVINO

E A POMBINHA DO DIVINO

TEM PÉ E BICO VERMELHO

MEU DIVINO ESPÍRITO SANTO

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****007**

MEU DIVINO ESPÍRITO SANTO

È QUEM VAI CONTAR SEUS PASSOS

RESPOSTA:

MEU DIVINO ESPÍRITO SANTO

MEU DIVINO ESPÍRITO SANTO

CONSOLAI NOSSO SENHOR

ELE VAI CONTAR SEUS PASSOS

ELE VAI CONTAR SEUS PASSOS

TE LIVRAR DOS EMBARAÇOS

RESPOSTA:

ELE VAI CONTAR SEUS PASSOS

ELE VAI CONTAR SEUS PASSOS

TE LIVRAR DOS EMBARAÇOS

EU JÁ FIZ MEU PERSINAL

EU JÁ FIZ MEU PERSINAL

DO ESQUERDO PRA O DIREITO

RESPOSTA:

EU JÁ FIZ MEU PERSINAL

EU JÁ FIZ MEU PERSINAL

DO ESQUERDO PRA O DIREITO

DO ESQUERDO PRA O DIREITO

DO ESQUERDO PRA O DIREITO

JÁ FIZ MINHA CRUZ PERFEITA

RESPOSTA:

DO ESQUERDO PRA O DIREITO

DO ESQUERDO PRA O DIREITO

JÁ FIZ MINHA CRUZ PERFEITA

O ROSÁRIO DE MARIA

O ROSÁRIO DE MARIA

EM JERUSALÉM FOI FEITO

RESPOSTA:

O ROSÁRIO DE MARIA

O ROSÁRIO DE MARIA

EM JERUSALÉM FOI FEITO

ELA REZA E OFERECE

ELA REZA E OFERECE

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****007**

E OS ANJO QUE DIZ AMÉM

RESPOSTA:

ELA REZA E OFERECE

ELA REZA E OFERECE

E OS ANJO QUE DIZ AMÉM.”

GUAIANA OU GUIANA (CATIRA):

“MORENA TU É BONITA

NUNCA VI BONITA ASSIM

EU DEI UM OLHADO NELA

ELA NÃO OLHOU EM MIM

EU FIQUEI APAIXONADO COM A SUA INGRATIDÃO

QUE MACHUCOU MEU CORAÇÃO

MENINA EU TÔ PEDINDO

PISEI NA BARRA DO SEU VESTIDO

JUNTO COMIGO NÃO TEM PERIGO

MENINA BONITA VAMOS COMIGO

TE PEÇO POR CARIDADE

NÃO FAÇA ISSO MEU AMORZINHO

TENHA COMPAIXÃO DE MIM

AQUI TEM DUAS MOÇAS QUE COMIGO QUER CASAR

UMA BRANCA, OUTRA É ROXINHA

DANADA PRA NAMORAR

A BRANCA ME NAMORA

E A ROXINHA ME QUER BEM

EU QUERO CASAR COM A BRANCA

E CASO COM A ROXA TAMBÉM

COMPRI A TINTA

COMPRI O PAPEL

ESCREVI UMA CARTA E MANDEI PRA ELA

AI, AI DE NAMORAÇÃO

O AMOR QUE AMA A OUTRA AI, AI

QUE DÁ SUSPIRO, QUE A TERRA TREME

QUE DÁ TREMOR, QUE BALANÇA O CHÃO.”

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****Q20****007**

LUNDU:

“ AMANHÃ EU VOU ME EMBORA, OH BOIADEIRO

EU NÃO VOU EMBORA NÃO, OH BOIADEIRO

SE EU TIVESSE DE IR ME EMBORA

EU NÃO TAVA AQUI MAIS NÃO

BOIADEIRO BÓIA O GADO

SUBI PRA CIMA,

COMPRI BOI

DESCI PRA BAIXO,

COMPRI GADO

COM DINHEIRO ADIANTADO

PRA COMPRAR SEU BOI BARATO

BOIADEIRO BÓIA O GADO

MEU IRMÃO, MEU IRMÃO

MEU IRMÃO, MEU IRMÃO

ESPINGARDA FURADA

NÃO MATA BALEIA

MULHER CIUMENTA

TEM A CARA FEIA

OH RAPAZIADA

SEGURA QUE LÁ VAI EU

OH IAIA, OH AIAI

SAMBA MAIS EU, MORENAAA

MORENA VAMOS JOGAR

NO JOGO DA DOURADINHA

SEU PERDER VOCÊ ME GANHA

E SE EU GANHAR VOCÊ É MINHA

OH IAI, OH IAI

OH IAIA, MORENA OH IAI

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	01	06	Q50	001
	UF	SÍTIO..	Loc	ANO	FICHA	NO.

1. IDENTIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

DATA	09/12/2006	INÍCIO	10:25	TÉRMINO	11:45
ENTREVISTADOR	Helena Oliveira	SUPERVISOR	César Victor do Espírito Santo		

2. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Assentamento São Francisco
LOCALIDADE	PA São Francisco
MUNICÍPIO / UF	Formoso-MG

3. IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Rio Preto
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Lugares de referência no Parque Grande Sertão Veredas

4. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

NOME	Minervina Francisca das Neves	Nº			
COMO É CONHECIDO(A)	D. Nica	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	10/08/33	SEXO	☐ MASCULINO ☒ FEMININO
ENDEREÇO	PA São Francisco, lote 35				
TELEFONE		FAX		E-MAIL	
OCUPAÇÃO	Artesã e Dona de Casa				
ONDE NASCEU	Januária-MG	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	2002		

5. RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO

QUAL SUA RELAÇÃO COM O LUGAR QUE É TEMA DESTA ENTREVISTA?
“É onde eu morava. É o mesmo nome do rio que passava lá, só que é na cabeceira. O lugar ainda existe, só que fica dentro do parque.”

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES**MG****01****01****06****Q50****001****6. DESCRIÇÃO DO LUGAR****6.1. DESENHO DO LUGAR****6.2. OBSERVAÇÕES E ESCLARECIMENTOS SOBRE O DESENHO****6.3. QUAIS OS PRINCIPAIS MARCOS NATURAIS E EDIFICADOS DO LUGAR?**

“Lá era muito bom. A gente vem, passa o rio Preto, sai da sede lá da FUNATURA, passa o rio Preto pro lado de lá. De lá a gente ia pra o Aterro, ia pra Areias, ia lá pra Barco Melado. Era um lugar de chegada, entrava mesmo pelo rio Preto, da sede da FUNATURA pra dentro. A primeira casa, a primeira morada era a minha casa, depois ia andando nas casas dos morador, dos vizinho. Aí tinha os galhos, que era do rio Preto, aí tinha os galho, Areia. Tem muitas veredas, tem a vereda de Areia, tem a vereda do Zé de Mato, tem a vereda do Aterro, muito bonito, Buritizal.”

6.4. QUAIS OS PRINCIPAIS MARCOS CENOGRÁFICOS E RITUAIS DO LUGAR?

Não respondeu.

6.5. COMO SE FORMOU ESTE LUGAR?

“O povo chegou e foi ficando. Veio de Vargem Bonita, a metade do povo veio de lá, fica pra lá de Serra das Araras, no rumo de Januária. O povo veio sobre conforto, pra trabalhar, que lá o conforto era mais pouco, as concorrência era mais fraca, o lugar era fraco, e aí o povo deu pra sair pra fora. O primeiro mora dor do rio Preto foi Bastião de Mariquinha, meu primo, era esse que tinha terra, que me deu a terra que eu deixei lá. O primeiro morador acho que era o finado Chiquin Gáia, e depois Bastião chegou. Eu num lembro quando eu cheguei lá não, minha primeira filha era pequena, agora ela tem uns 50 anos. Tem mais de 40 anos, eu fui uma das primeiras pessoas que chegou lá. Quando nois morava lá ainda não chamava parque, chamava rio Preto, era muito bom, saímos de lá em 2002. Lá ainda tem duas pessoas morando, ficou o Zé de Daia e o Toin, que era meu genro, esses ainda ta lá, o resto já saiu tudo.

“A água dele é comum, igual à água da taboca, água linda, muito maravilhosa. Esse nome é por conta do nome dos lugar. Porque quando eu cheguei por aí, já conheci como rio Preto. É um lugar muito preservado, tem vereda, tem Buritizal, tem muita coisa assim da natureza, do cerrado, tem muito, tem as planta, muita planta do cerrado. Tem muita planta canfor, tem um pauzin no mato, que se chama capim reis, que primeiramente tratava das pessoas com capim reis. Tratava pra gripe, febre, ele purga né, fazia aqueles purgante pra dar as pessoas, quem tá ruim do intestino também. Lá tem muitos coqueiros, tem andaiá, a parmeira e o andaiá. Tem também aquele parmeirão, babaçu é o mesmo coco de andaiá. Cabeçudo tem também, lá tem toda natureza que ocê precisá e perguntá lá tem. A nascente é na cabeceira. Ficava bem pra cima da FUNATURA. Ficava uns três quilômetros da minha casa. Tinha lagoinha, que era uma lagoona, pra baixo da cabeceira do rio Preto, nos tratava era lagoinha. Lá tinha pato, tinha onça, tinha lobo guará. Agora é que tem, que o povo saiu de lá, no meio do povo os bicho num fica, hoje eles é que os dono de lá.”

“Começava lá de casa, descia pra baixo, aí tinha Ladu, Laudelino, Toinho, tinha Manéu, meu genro, tinha Manelão, Mandu, Justo, o povo do Gumerindo, Antônio. Tinha mais de 20 casa, era longe, distanciado. Lá o povo usava pra morar e trabalhar, cada um na sua área, criava gado, prantava roça, mandioca, milho, arroz, muito porco. A água era usada das veredas, do rio Preto tinha as veredas, aí nascia aquela vereda. Tinha O rio e tinha os gáio da vereda, aí o povo usava a água desses gaio. Tinha muito peixe dentro daquelas águas e o povo pegava demais. A água era panhada, não era encanada, mas de um tempo pra cá o povo começou a encanar, lá em casa mesmo era encanada, mas era através da FUNATURA.”

“Lá num usava comunitário não, tinha os campo, a gente caminhava, era longe. “

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	MG	01	01	06	Q50	001
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

“Eu nasci na Vargem Bonita, no município de Januária. Era um povoado, era mais junto mais era longe também. Eu nasci lá, meus pais morava lá. A família da metade do povo daqui, de Formoso, da Chapada gaúcha, é quase tudo da Vargem Bonita. Lá ainda tem muita gente, lá passava o rio São Pedro e o Pandeiro. Lá era longe de Januária. Lá também tem natureza, tinha planta. Lá é mais antigo que aqui, tem comércio, tem escola. Lá num tinha muito trabalho, o lugar era fraco”.

“Lá era como Formoso, que o povo mora dentro e mora fora também. Então quer dizer que foi saindo, de São Pedro que era perto, povoado mesmo só tinha Vargem Bonita, tinha outro lugar que chamava Pindaibal. Lá num tinha cartório, mas tinha igreja.”

6.6. CONHECE ALGUMA HISTÓRIA SOBRE ESTE LUGAR OU ALGUM FATO NELE OCORRIDO?

“Lá fazia reunião, fazia culto nas igrejas, depois passou os cultos de crente. A gente escolhia a casa de uma pessoa pra fazer culto, reunião. Tinha os lugares escolhidos.”

6.7. QUAIS FORAM AS PRINCIPAIS MUDANÇAS QUE OCORRERAM NESTE LUGAR? QUANDO E PORQUE OCORRERAM?

A maior transformação que teve foi a criação do parque, no ano de 1986:

“Foi, primeiro chegou falando que ia pegá terra pra fazer um trabalho. Chegou aquelas pessoas com aqueles carros, lá pra casa, que toda vida eu sou perseguida, ia lá pra casa, conversava comigo, pegava terra, pegava as coisas de lá de dentro. Com pouco apareceu outros e foi ficando os piquetes, lá do boqueirão pra lá da cabeceira, da macaxeira do rio Preto. Com pouco já apareceu outros fazendo as picadas, roçando. Chegava um aí sumia, quando pensa que não, chegava outro, eles falava que era pra fazer um trabalho. Mas nós num sabíamos que trabalho era, e naquele tempo nós num tínhamos instrução, num sabíamos, num pensávamos, ninguém num pensava nisso não. Aí foi vindo, foi vindo essas pessoas. Quando eu soube eu fiquei preocupada, pensando como é que eu ia largá, quando é que nós vamos, ficava naquela preocupação, num era pra trabalhar, num era pra isso, num era pra aquilo. Nós ficavam pensando, perdiam noites de sono, pra onde vai. Eles falavam que a gente ia ter que sair mas não falavam pra onde. Aí saiu e foi chegando gente. Tem gente que até morreu, essa vóia aí perdeu a ideia depois que ela saiu de lá pra vim praqui. E outro veio aí, parente de vó Eduardo, morreu aqui. Foi tristeza, ele chegava a correr no meio do mato, o povo pegava ele, só saía no rumo de ir embora, foi um sufoco.”

“Os mais primeiros moravam lá uns 80 anos. Depois a gente foi vindo, pra lá e foi ficando e tomou amor e o lugarzinho era bom, saudável, tinha muita coisa boa, muita vereda, muita plantação, cerrado mesmo que lá tem muito. Era bom mesmo.”

“”Nuns pontos foi melhor sair, que lá era mais difícil, era longe dos lugares, das estradas. Num tinha aquelas concorrências que tem aqui perto. Mas pra nós que tinha acostumado era bom, que a gente acostuma com que é ruim também. Mas aqui pra mim, eu tô achando as coisas aqui muito melhor.”

6.8. O QUE TORNA ESTE LUGAR IMPORTANTE NA LOCALIDADE?

Uso	QUEM	QUANDO	ONDE
Não respondeu.			

6.9. QUEM É RESPONSÁVEL OU PROPRIETÁRIO DESTES LUGARES?

Atualmente é um parque nacional.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	MG	01	01	06	Q50	001
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	------------

7. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS E INFORMANTES

7.1. QUEM MAIS PODE INFORMAR SOBRE ESTE LUGAR?
Seu Otaciano, Seu Carmosino, Seu Eduardo.

7.2. HÁ OUTROS LUGARES CARACTERÍSTICOS DESTA LOCALIDADE?		
LUGARES	CARACTERÍSTICAS	CONTATO
Não respondeu.		

8. REGISTROS FOTOGRÁFICOS E AUDIOVISUAIS LOCALIZADOS OU PRODUZIDOS DURANTE A ENTREVISTA

Referência	Assunto	Onde encontrar

9. MATERIAIS IMPRESSOS E OUTROS LOCALIZADOS DURANTE A ENTREVISTA

Referência	Assunto	Onde encontrar

10. OBSERVAÇÕES DO ENTREVISTADOR

10.1. RECOMENDA APROFUNDAR ESTA ENTREVISTA? POR QUÊ?
10.2. OUTRAS OBSERVAÇÕES

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	01	06	Q50	002
	UF	SÍTIO..	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. IDENTIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

DATA	10/12/2006	INÍCIO	14:00	TÉRMINO	14:45
ENTREVISTADOR	Helena Oliveira		SUPERVISOR	César Victor do Espírito Santo	

2. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Assentamento São Francisco
LOCALIDADE	PA São Francisco
MUNICÍPIO / UF	Formoso-MG

3. IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Mato Grande
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Lugares de referência no Parque Grande Sertão Veredas

4. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

NOME	Carmosino Teixeira dos Santos			Nº	
COMO É CONHECIDO(A)	Seu Carmosino	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	12/07/53	SEXO	☒ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	PA São Francisco				
TELEFONE		FAX		E-MAIL	
OCUPAÇÃO					
ONDE NASCEU		DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE			

5. RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO

QUAL SUA RELAÇÃO COM O LUGAR QUE É TEMA DESTA ENTREVISTA?

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES**MG****01****01****06****Q50****002**

“Era paisagem mesmo natural, cerrado, veredas. Lá não é muita não, é pouca vereda, mas sempre tem. Lá era grande, que nois morava pertinho da barra dele, mas a cabeceira dele tá lá na campina, lá perto de onde vai pra Chapada. Mato Grande pé o nome do rio que passava no lugar. É um rio estreitinho, pouca água. As vereda mais forte tem Lodo, Marimbondo, Mutuca, pelo lado de cá, agora pelo lado de lá tem vereda Barra, Terra Vermelha, Capim Pubo, Légua e Meia. Ele deságua no Carinhanha, eu morava perto da barra, uma três quilômetros. A cabeceira era na campina, perto da estrada que vai pra Chapada Gaúcha, é dentro do parque. Lá era preservado, nunca foi desmatado nada, somente onde a gente trabalhava, que a gente trabalhava nos brejo. Mas com o tempo recupera, lá mesmo onde nois morava, quem vê assim, pode dizer que nunca foi trabalhado, recuperou tudo.”

“Trabalhava de roça nos brejo, plantava arroz, feijão, cana. Meu pai tinha umas duas vaquinha lá.”

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR**6.1. DESENHO DO LUGAR****6.2. OBSERVAÇÕES E ESCLARECIMENTOS SOBRE O DESENHO****6.3. QUAIS OS PRINCIPAIS MARCOS NATURAIS E EDIFICADOS DO LUGAR?**

“Era diversas vegetação do cerrado. Coqueiro, pequi.”

6.4. QUAIS OS PRINCIPAIS MARCOS CENOGRÁFICOS E RITUAIS DO LUGAR?

Não respondeu.

6.5. COMO SE FORMOU ESTE LUGAR?

“Quando a gente foi pra lá tinha bastante família, depois foi mudando tudo e só ficou lá mesmo meu pai. Eu nasci lá, meus pais já moravam lá. Fui nascido e criado lá, meu pai veio da Vargem Bonita, agora minha mãe é da beira da Carinhanha, aí pra esses... Eu morei lá foi muito tempo, agora que vim conseguir sair de lá agora que tô trabalhando no parque, sempre às vezes a gente saía pra trabalhar fora nas fazendas, mas sempre voltava, o ponto certo era lá. Tem quinze anos que eu tô trabalhando no parque. Foi mais ou menos em 91. Tenho 53 anos”.

“Meu pai saiu pequenin de Vargem Bonita, ele morou em diversos lugares e depois que arrumou família que ele ficou mesmo no Mato Grande. Quando eles chegaram pra lá já existia esse nome Mato Grande, então tem mais de 100 anos.”

“Foi vindo, meu pai veio da Vargem Bonita, meu avô veio da Vargem Bonita também, criou família aí. Quando eu entendi por gente já tava tudo nesse lugar. O povo ia caçando a mióira, caçando jeito de vida. Lá tinha muita gente, tanto de um lado, quanto de outro.”

“Lá inda mora gente. Meu pai já num guenta mexer com nada e ele fica sempre no Formoso, mas sempre vai lá. Tem uma irmã minha que fica lá também. E tem outro cara que mora lá na fazenda que fica lá também.”

6.6. CONHECE ALGUMA HISTÓRIA SOBRE ESTE LUGAR OU ALGUM FATO NELE OCORRIDO?

Não respondeu.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES**MG****01****01****06****Q50****002****6.7. QUAIS FORAM AS PRINCIPAIS MUDANÇAS QUE OCORRERAM NESTE LUGAR? QUANDO E PORQUE OCORRERAM?**

“O pessoal de lá que morava lá mesmo e que veio aqui pro assentamento são os irmãos meu. Tenho dois irmãos que moram aqui no assentamento e uma irmã que morava lá que veio pra cá.”

“Quem primeiro a gente conheceu lá foi o pessoal da FUNATURA, no tempo da Lourdes, que andava fazendo as pesquisas, fazendo os trabalhos. Até aí ninguém sabia se ia ser parque, o quê que era né? Só ficamos sabendo depois que estabeleceu mesmo, que foi criado o parque. Ninguém sabia de nada como é que ia ser isso, uns conformava e outros não conformava. Eu senti bem, porque às vezes a gente ficava lá, mexia com uma rocinha, mas ficava era no mundo trabalhando, igual eu mesmo, eu vivia era no mundo trabalhando. Quando eu fui chamado pra trabalhar mesmo, eu encontrei com o pessoal no mato que eu quis sair pra trabalhar.”

6.8. O QUE TORNA ESTE LUGAR IMPORTANTE NA LOCALIDADE?

Uso	QUEM	QUANDO	ONDE
Não respondeu.			

6.9. QUEM É RESPONSÁVEL OU PROPRIETÁRIO DESTE LUGAR?

Não respondeu.

7. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS E INFORMANTES**7.1. QUEM MAIS PODE INFORMAR SOBRE ESTE LUGAR?**

--

7.2. HÁ OUTROS LUGARES CARACTERÍSTICOS DESTA LOCALIDADE?

LUGARES	CARACTERÍSTICAS	CONTATO

8. REGISTROS FOTOGRÁFICOS E AUDIOVISUAIS LOCALIZADOS OU PRODUZIDOS DURANTE A ENTREVISTA

Referência	Assunto	Onde encontrar

9. MATERIAIS IMPRESSOS E OUTROS LOCALIZADOS DURANTE A ENTREVISTA

Referência	Assunto	Onde encontrar
------------	---------	----------------

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	MG	01	01	06	Q50	002
--	----	----	----	----	-----	-----

10. OBSERVAÇÕES DO ENTREVISTADOR

10.1.RECOMENDA APROFUNDAR ESTA ENTREVISTA? POR QUÊ?

10.2.OUTRAS OBSERVAÇÕES